

CINTHIA FREIRE

MINHA

SÉRIE - SEGREDO S

rendição



"QUANDO A CULPA DESTRÓI UM
CORAÇÃO, SOMENTE UM AMOR
VERDADEIRO PODE CURÁ-LO"



Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)
[Capítulo 95](#)
[Capítulo 96](#)
[Capítulo 97](#)
[Capítulo 98](#)
[Capítulo 99](#)
[Capítulo 100](#)
[Epílogo](#)
[Nota da autora](#)
[Meu Refúgio](#)
[Meu Refúgio: Prólogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Biografia](#)
[Obras](#)



CINTHIA FREIRE

MINHA

S É R I E ~ S E G R E D O S

rendição

Copyright © 2017 Cinthia Freire

Capa: Thais Alves
Revisão e Copidesque: Carla Santos
Diagramação digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



[Folha de Rosto](#)

[Ficha técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Meu Refúgio](#)

[Meu Refúgio: Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

*A minha amada vó Otilia,
O amor está na simplicidade, no olhar e no toque.
Eu tive o amor mais lindo que uma garota pode desejar.
Obrigada.*

*“Estava escuro e eu estava acabada
Até que você beijou meus lábios e me salvou.”
(Set fire to the rain – Adele)*



Nesse romance, Cinthia Freire prova mais uma vez que ela é mestra em construir dramas fortes e reais com uma linda rendição no final.

Doutor Vinícius é um médico renomado e atraente. Ele usa a sua armadura branca que poderia ser confundida com um jaleco e empunha a espada da verdade que alguns diriam que é um estetoscópio. Ele é um príncipe moderno e apaixonado, dono de um coração gigante e que carrega, como qualquer herói, a sua taxa de culpa, seus próprios monstros e medos que precisam ser superados.

Poliana é uma mocinha em perigo; pobre, ferida e órfã. Ela é frágil e representa o papel da Cinderela moderna, certo?! Errado. Cinthia construiu uma mulher complexa, vulnerável e obstinada.

Marcada por feridas profundas e verdadeiras, uma jovem que vai percorrer o seu caminho de cura com uma boa dose de otimismo, força e sujeita aos altos e baixos encontrados apenas naqueles personagens que nos convencem, com o passar das páginas, que o drama deles é real.

Cinthia Freire traz em *Minha rendição* uma história sensível, com cenas que emocionam e cativam. Um drama forte, vivido por personagens reais, mas com a dose certa de fantasia e um amor tão lindo, que em alguns momentos da leitura me perguntei se não estava lendo uma releitura de algum conto de fadas famoso, daqueles que fazem o coração transbordar de amor.

BABI A. SETTE

Prólogo



VINÍCIUS

Um ano antes...

Meu coração bate acelerado, pesado, errado.

Sinto-me mal porque o arrependimento se espalha por mim como um vírus mortal. Não há mais volta. O que foi feito, foi feito. Agora é passado.

Olho para o tapete abaixo dos meus pés, concentro-me no som da ligação que não chega, ouço o barulho dos ponteiros do relógio, como avisos de que algo muito ruim está para acontecer.

Vergonha. É o que sinto neste momento. Estou envergonhado por ter agido por impulso. Como médico aprendi que a razão vem sempre em primeiro lugar, sou frio, realista e comedido. Mas hoje não sou o Dr. Becker, nem mesmo o irmão ou o amigo, hoje sou a escória e estou aguardado a minha sentença.

O telefone não toca, desisto de esperar e faço o que não estava combinado. Ligo para ele.

— O serviço já foi feito — o homem diz com uma voz que faz meu estômago embrulhar. Ouço vozes ao fundo, risadas, eles estão se divertindo. E então eu ouço... um choro, uma voz que faz meu coração parar de bater.

— Tem mais alguém aí?

Ele demora a responder e sinto meus pelos se eriçarem. Merda! Claro que tem, eu a ouço gritar que parem e consigo me sentir pior do que estava.

— Eu falei para pegá-lo sozinho...

O homem a quem vendi minha dignidade se afasta tentando explicar que eles tentaram pegá-lo sozinho, mas que ela apareceu e não tiveram outra opção a não ser levá-la junto.

Droga, uma mulher... Fecho os olhos e a imagem de Verônica e Carol surgem na minha mente, não era isso o combinado. A ideia do que esses homens podem fazer a pobre moça me faz sentir doente e, antes que eu consiga pensar, já estou calçando os sapatos e colocando uma camiseta.

Estou nervoso pra cacete, tão nervoso que meu cérebro me prega uma peça, tenho a sensação de ter ouvido a voz de Carol, embora não haja um motivo para que ela esteja ali, ela não conhece Gabriel e jamais estaria nesse tipo de lugar. Mesmo assim interrompo o falatório cheio de gírias do homem e pergunto:

— Qual o nome dela?

Sem compreender meu súbito interesse no seu brinquedinho, ele demora a responder e eu pergunto novamente:

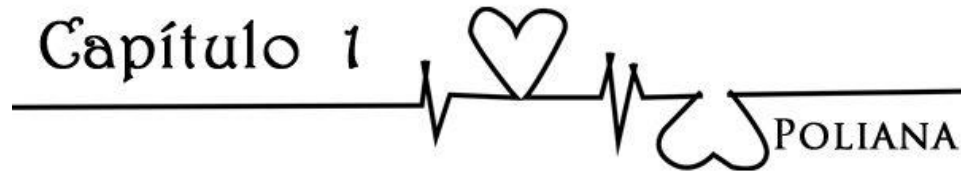
— Qual o nome da moça?

Ele volta a se aproximar e a voz dela se torna mais clara, um zumbido em meus ouvidos me faz cambalear e me apoio na parede para me manter em pé. Ouço um grito, e então o mundo muda a sua rota natural quando ela choraminga seu nome para ele:

— Caroline.

Assim que a ouço, meu mundo se desfaz. E o que foi feito, foi feito. Mas agora o passado se torna o meu presente, e o que definirá o meu futuro para sempre.

Capítulo 1



POLIANA

O quanto uma pessoa precisa chegar do perto do fim antes do recomeço?

Eu sei o quanto, porque cheguei lá.

Eu só não tenho certeza se minha vida recomeçou. Eu sinto que ainda não. Às vezes, acho que nunca recomeçará.

Passo a mão no espelho limpando o vapor do banho e olho para a garota que me olha de volta, conheço cada traço do rosto dela, cada sarda que enfeita seu nariz, cada uma das marcas que a vida lhe trouxe, mas não reconheço mais a pessoa que vive ali dentro.

Ainda não me sinto confortável ao olhar no espelho, durante muito tempo minha beleza foi meu algoz. Sei que tudo teria sido diferente se eu não fosse a bela e ingênua garota ruiva, a assustada e frágil menina novata. Talvez eu não tivesse notado os indícios, talvez eu não tivesse acreditado em suas palavras, talvez... talvez...

Dia após dia sofri por ser quem sou, dia após dia vi a garota que eu me orgulhava ser consumida pela humilhação e pela dor, dia após dia eu me perdi do que eu acreditava e do que eu amava, fui anulada, calada, aprisionada. Aprendi a odiar minha aparência, descobri que ela era na verdade uma maldição... até que me tornei quem eu sou hoje.

Tem dias que me lembro da garota que fui e acredito que jamais a encontrarei novamente, tem dias que eu sinto como se estivesse quase lá, mas na maioria das vezes eu apenas espero... e esperar se tornou a minha grande especialidade.

Termino de me vestir e bebo o café que esquentei no fogão, ciente de que será o último copo que bebo em casa até o fim do mês, o dinheiro acabou e não tenho certeza se conseguirei mais. Pego minha bolsa e abro a porta. São seis e vinte e três, horário que saio pontualmente todos os dias nos últimos seis meses.

Fecho a porta e saio de casa rumo à vida que me deram, a vida que recebi sem opção de escolha, a vida que fiz por merecer, mesmo sem saber.

Vou andando até meu destino, busco na paisagem a minha volta algo que me faça acreditar que algo bom me aguarda nesse dia que se inicia, mas tudo o que vejo é a fome e a miséria de um povo que, assim como eu, já nasceu com a sua sentença marcada. Nem mesmo as flores parecem nascer por aqui, um lugar onde o lixo se juntou com a falta de fé, onde esperança é uma palavra desconhecida e o sentimento mais nobre é a sobrevivência.

Olho para um garotinho descalço que brinca à beira de um córrego imundo, não há ninguém olhando por ele, ninguém que se preocupe com sua segurança, ele corre atrás de algo que caiu na água e sorri ao pegar uma bola pequena, molhada e suja. Talvez seu único brinquedo, seu refúgio de uma vida marcada pela falta de oportunidade.

Um carro buzina chamando minha atenção, grande, imponente, negro e poderoso, ele se destaca em meio à pobreza onde vivo, passa por mim e não consigo ver seu interior, protegido da miséria que o cerca com seus vidros escuros. Um contraste entre a riqueza e a pobreza,

entre o poder e a impotência, entre o sonho e a realidade. Ele se vai, alheio a tudo à sua volta, à realidade triste e silenciosa da minoria sem voz. O menininho continua brincando com sua bola sem saber o futuro que o aguarda e eu sigo para a minha vida, a vida que preciso aprender a gostar.

Capítulo 2



Eu nunca soube ao certo o sentido da palavra exaustão, não até hoje.

Eu nunca me senti cansado de verdade, nem mesmo nas noites que passei em cima de livros, ou em uma mesa de cirurgia; nem mesmo nas horas a fio em um Congresso do outro lado do mundo, sofrendo contra o cansaço físico enquanto meu corpo implora por algumas horas de sono. Nada disso.

Hoje eu posso dizer que sei o que é exaustão.

Meus braços e minhas coxas doem, minhas costas parecem prestes a ruir, minha mente não para um segundo sequer e eu estou atrasado!

Merda!

Perco-me justo no dia em que eu precisava chegar mais cedo no projeto. Denis me manda mais uma mensagem, nossa mais importante reunião com o mais promissor dos doadores, até agora, está prestes a começar, e eu estou atrasado.

Digito uma mensagem rápida indicando que estou a poucos metros, sem saber se realmente estou. Entro em uma rua estreita que não conheço, assim como a grande maioria das ruas deste lado da cidade, mesmo com os vidros fechados posso sentir o cheiro podre do córrego do outro lado da rua e meus olhos treinados avistam uma criança em perigo eminente.

Aprendi no último ano em que passei aqui, que nada posso fazer por ela, a miséria e o abandono são grandes demais para um jovem médico sonhador que almeja se redimir de seus pecados. Preciso me limitar àquilo que escolhi e neste momento estou trinta minutos atrasado.

O GPS me manda virar à esquerda e na pressa quase atropelo uma jovem que caminha tranquilamente pela rua, sua atenção parece ter sido atraída pelo garotinho que agora brinca sem se dar conta dos perigos que o cerca. Ela coloca um pé na rua, meu reflexo é mais rápido e buzino chamando sua atenção, ela se vira para mim, seus cabelos vermelhos iluminados pelo sol que nasce cobrem parte de seu rosto, ela se encolhe colocando uma mão no coração, e meus olhos são imediatamente atraídos para ela. Tudo acontece em frações de segundos, tão rápido que ao descrever não sou capaz de fazer jus ao que acabo de presenciar, mas não tão rápido que me impeça de ficar hipnotizado com a imagem à minha frente. Observo a figura pequena enquanto dirijo para longe e antes de virar à esquerda, como manda o GPS, olho pelo retrovisor e a vejo uma última vez, seu rosto delicado emoldurado por seus cabelos exóticos chamam a minha atenção, me vejo desejando saber quem é essa garota que se destaca em meio a essa paisagem triste e miserável, que mesmo com seu olhar perdido carrega consigo uma luz que me faz querer voltar e falar com ela, conhecê-la, saber seu nome, para onde vai e o que faz aqui.

— *Em duzentos metros, seu destino estará à direita.*

A voz computadorizada me traz de volta a minha realidade e me despeço da garota misteriosa. Olho para o relógio no painel do carro, ele marca seis e meia, estava exatamente há trinta minutos atrasado para a minha nova vida.

Capítulo 3



POLIANA

Nos últimos seis meses minha vida se tornou uma controvérsia: sinto-me livre, mas aprisionada em um novo mundo; triste embora tenha motivos para ser feliz; sinto-me perseguida mesmo sabendo que estou protegida, me sinto observada mesmo quando estou sozinha, me sinto uma estranha mesmo quando o rosto que vejo no espelho me garante que continuo sendo a mesma, ao menos é o que digo para mim todos os dias.

Preciso reaprender a viver e é o que venho fazendo. Readaptando-me. Libertando-me. Absolvendo-me. Redimindo-me.

É engraçado como a sensação de liberdade pode ser facilmente anulada por um ambiente ruim, ou talvez não seja o local que é assim tão terrível, às vezes tenho a sensação de que o problema sou eu. O fato é que, mesmo depois de seis meses, as lembranças não me deixam esquecer, ainda não me sinto livre, ainda não me sinto *EU*, ainda não me sinto feliz.

Seis meses é um tempo curto demais para esquecer, é o que me dizem, porém também é um tempo longo demais para que marcas deixadas sejam esquecidas para sempre. Seis meses... uma controvérsia.

Livre, embora prisioneira das minhas lembranças. Adulta, embora nunca tenha me sentido tão pequena, tão imatura. Forte, embora, às vezes, a fragilidade me sufoca ao ponto de me fazer chorar. Sinto-me como uma recém-nascida, tudo parece novo para mim e esse é o meu consolo, saber que para um bebê de apenas seis meses eu estou bem, tenho meu pequeno lar, meu trabalho e, mesmo ele sendo odioso na grande maioria do tempo, é o que paga meu aluguel e me alimenta. Também tenho meus colegas de trabalho, as únicas pessoas com quem eu consigo manter uma relação próxima do que esperam de mim, pessoas gentis que aguentam a tortura diária junto comigo.

E tenho Joana. A única coisa que me ajuda nos momentos ruins.

Ainda me lembro da primeira vez que a vi, eu estava voltando para casa depois de mais um dia terrível de trabalho. Enquanto tentava encontrar minhas chaves dentro da bolsa, eu ouvi um chorinho baixo e me virei em direção ao som com medo de ser mais uma pobre criança jogada fora pela mãe.

Quando cheguei até ela, me apaixonei na hora, ela era linda, seus pelos eram tão branquinhos que pareciam brilhar no escuro, não resisti, ela estava sozinha provavelmente perdida ou foi largada pela mãe e eu sabia muito bem o quanto podia ser ruim estar sozinha.

Levei-a para casa prometendo a mim mesma que seria só aquela noite e que na manhã seguinte eu encontraria um novo lar para ela e daquele dia em diante Joana se tornou a coisa mais importante da minha vida. O motivo que me faz querer voltar para casa todos os dias.

E todos os dias exatamente às sete horas da noite ela se coloca na frente da janela e fica ali com suas orelhinhas em pé aguardando a minha volta. Eu também sou tudo o que ela tem, e nos completamos com nossa maneira silenciosa de amar.

Às sete horas em ponto chego ao restaurante, retiro a chave reserva, que passou a ficar oficialmente comigo desde que meu gerente descobriu em mim uma boa escrava para fazer seu trabalho enquanto ele passa as manhãs na casa de sua amante, e abro a porta. Estou completamente sozinha e já me acostumei, pelo menos duas vezes por semana é a mesma coisa.

Eu já tenho dificuldades em compreender como um homem como Milton conseguiu se casar, o que dirá ter outra mulher. Mas ele tem, e a visita toda semana, sempre nos primeiros horários do dia, para não levantar nenhuma suspeita, e o pior, com a minha ajuda, mesmo que a contragosto. E esse é o motivo número dois para eu odiar o Milton: traição. O número um é me fazer participar da sua sujeira.

Às vezes me sinto como cúmplice da infidelidade dele, tudo bem que todos sabem do seu caso amoroso, mas apenas eu o ajudo a dar suas escapadelas e isso me faz muito mal, detesto saber que há uma pobre coitada sendo enganada por um traste como ele e não poder fazer nada, porque não posso perder esse emprego.

Não existe nada no mundo pior do que ser enganada, a traição é uma ferida invisível que corrói nossa alma, destrói e queima por dentro como ácido, não deixa nada a não ser cicatriz e não tem cura. O tempo apenas ajuda a amenizar o dano que foi causado. Uma pessoa traída nunca mais restaura sua confiança, e eu sou uma pessoa sem confiança, portanto, para mim, esse é o principal motivo para eu odiar o Milton.

Ele faz com que eu lembre diariamente o sabor amargo da traição, faz com que eu seja cúmplice do seu joguinho sujo e me faz sentir pior do que eu achei que seria capaz de me sentir. E o que deveria ser a minha liberdade, acaba sendo mais uma forma de me fazer sentir aprisionada, condenada e culpada.

Fecho a porta e vou direto para a sala dele verificar as notas de mercadorias para separar as que chegarão em breve, tudo está uma desordem como sempre e passo mais tempo do que eu desejava organizando sua bagunça. Abro o caixa e começo a preparar as máquinas de café da manhã quando José e Carlos, meus colegas de trabalho, chegam.

— Bom dia, escrava Isaura! — José provoca já na porta do restaurante. Carlos sorri, entrando logo atrás.

— Bom dia, engraçadinhos, estou adiantando o serviço de vocês dois — respondo sem olhar para eles e já em um nível de irritação grande para um início de manhã.

— Cadê o Milton? — Um deles grita de dentro do provador.

— O que vocês acham? — grito de volta.

Os dois riem e fazem gracinhas da situação.

— Então essa semana promete, hein? — José fala colocando o boné. — Em plena segunda, o chefinho já tá dando o cano no serviço.

Olho para eles com uma expressão séria, não posso alimentar esse tipo de comentário, já me sinto mal demais em saber das suas puladas de cerca, não preciso me sentir assim também com os comentários dos meninos. Carlos faz alguns comentários sobre a amante de Milton que me deixa enjoada e vai para a cozinha, José permanece ao meu lado me provocando e se divertindo com a situação.

— Vamos trabalhar. — Bato palmas afastando-o de perto de mim. — Vocês dois hoje estão parecendo duas velhas fofoqueiras.

José ri e sai sem dar muita atenção ao que acabei de falar.

— Calma, bravinha! — ele me provoca mais uma vez e arremesso um paliteiro em sua direção para espantá-lo.

— Saia daqui ou a próxima coisa a voar na sua cabeça será o peso de papel — ameaço segurando a miniatura de uma pirâmide do Egito.

Duas horas depois as entregas finalmente chegam, os meninos guardam tudo e mesmo depois de eu ter conferido todas as mercadorias cinco vezes, tenho certeza de que faltam dez quilos de arroz e três sacos de laranja que tenho certeza de que teriam passado despercebido pelo meu chefinho, caso ele não estivesse se divertindo com sua amante. E isso é só o começo do meu dia.

É, as vezes fica difícil não reclamar.

Capítulo 4



Olho em volta e mal consigo acreditar no que vejo. Cada canto está ocupado, coisas não param de chegar, e essa rotina vem se seguindo há semanas. Um caminhão está estacionado na frente do edifício e Denis me chama para ver o que acaba de chegar.

— Puta que pariu! — Meu amigo e companheiro de jornada coloca as duas mãos sujas de tinta na frente da boca como se não acreditasse no que está vendo.

— O que foi? — pergunto ao me juntar a ele na porta. E ele não precisa me responder, pois avisto o logotipo de uma das mais importantes fabricantes de equipamentos hospitalares na lateral do caminhão. — Jesus Cristo! Ele realmente cumpriu o que prometeu — falo para mim mesmo.

Denis me olha sem saber do que estou falando, e a verdade é que ele realmente não sabe. Não contei a ninguém que Christopher Smith, pai do homem que eu quase matei, prometeu ajudar a ONG doando uma máquina que não teríamos como comprar nunca. Eu ainda tenho dificuldades de compreender o que faz com que ele me ajude dessa maneira, sei que ele não me suporta e que seu verdadeiro objetivo era me ver apodrecer atrás das grades, e que graças a Gabriel, ele não pode fazer isso acontecer. Mas minha grande surpresa foi vê-lo aparecer em meu consultório meses depois com um cheque considerável e a promessa de que nos daria o equipamento que precisássemos. E agora ele está aqui, sendo descarregado por seis homens e levado para dentro do prédio. Sinto um nó se formar em minha garganta e dou graças a Deus quando Denis vai até os entregadores, pois tenho certeza de que estou começando a ficar vermelho.

Em pouco tempo a máquina está sendo colocada na sala que secretamente reservei para ela. Assim que os entregadores se vão, eu me junto a Denis e Melissa e permanecemos parados na frente dela como três crianças em volta de um brinquedo novo. A ansiedade é tamanha que não me dou conta de que devo ligar para agradecer.

Ficamos um tempo ali, olhando para ela, e idealizando tudo o que conseguiremos realizar graças à boa ação de um homem que me odeia e mesmo assim misteriosamente resolveu me ajudar.

Retiro o celular do bolso e busco na memória o telefone do homem que mudou a minha vida. Aguardo enquanto a chamada é completada, tentando ignorar meu estômago revirar com a ideia de falar com ele, mas quem atende é seu filho.

— Alô? — Ele atende rapidamente.

— Oi, aqui é o Vinícius, eu estou ligando para avisar que o equipamento chegou e agradecer... — Não posso dizer que me sinto muito confortável conversando com ele, tão pouco ele se sente bem comigo, mas eu devo tanto a ele que engulo todo o meu orgulho.

— *Ah sim, meu pai havia me dito antes de viajar que estava prestes a chegar, está tudo bem? Está funcionando como deve?* — ele pergunta, interessado.

— Ainda não ligamos, estamos esperando a chegada do técnico e de um cardiologista do hospital que está mais familiarizado com esse equipamento, mas mesmo assim eu... — Passo a mão nos cabelos retirando uma mecha que insiste em cair em meu rosto. — Eu nem sei como agradecer — admito. — Este é o último modelo fabricado. — Olho mais uma vez para a grande máquina branca que ocupa quase toda a sala do outro lado do corredor sem conseguir imaginar o quanto ela deve ter custado. — É muito mais do que sonhamos, Gabriel.

Ele permanece um tempo em silêncio porque não é um homem de muitas palavras. Embora tenhamos tido pouco tempo de convivência, acredito que Gabriel seja assim com todos — fechado, misterioso e frio —, menos com Caroline, minha irmã de coração e sua amada namorada.

— *Faça um bom uso dela* — ele diz finalmente. — *Ajude outras pessoas. Salve vidas.*

— Sim, eu farei. Obrigado — digo do fundo do meu coração e, em seguida, nos despedimos. Desligo a chamada e permaneço um momento olhando para a tela do celular.

Sinto-me doente por um instante, pois um sentimento ruim me assola e inclino-me contra a parede fechando os olhos e dizendo a mim mesmo que já passou, mas a verdade é que não passou, ao menos não para mim, não passou e nunca vai passar. Estou doente e o mal que me corrói é a culpa: uma doença da alma que destrói um homem como eu.

— Vinícius! — Ouço Melissa me chamar. — O técnico chegou.

Ela surge na porta e sorri para mim, excitada com a perspectiva de poder tratar seus pacientes com a dignidade que eles merecem.

— Vem! — Ela estende a mão para mim e volto a me juntar aos meus amigos. No caminho, olho em volta surpreso com o que conquistei em tão pouco tempo, seis meses desde que cumpri minha pena, seis meses desde que a minha vida mudou de uma forma que eu jamais imaginei que poderia mudar. Seis meses desde que saí do conforto do hospital onde sempre trabalhei para conhecer a dura realidade de quem não tem nada.

Quando me formei há três anos, eu fiz um juramento, e nesse juramento prometi cuidar daqueles que necessitam, mas, na verdade, a ambição em conquistar meu lugar dentro daquele hospital nunca me permitiu realizar o que é meu dever de verdade.

Eu precisei colocar quase tudo o que conquistei em jogo, precisei ser julgado e condenado para descobrir minha verdadeira finalidade como médico. E graças à bondade de um homem que devia querer me ver morto, hoje poderei realizar a minha missão. E ela nada tem a ver com o conforto de uma sala elegante, nem com a tecnologia presente em um hospital de grande porte, mas sim onde minha presença é mais necessária. Aqui, onde a ausência de quase tudo faz com que o pouco se torne muito.

A vida é realmente surpreendente.

Capítulo 5



Meus dias são sempre mais do mesmo, as únicas distrações são os novos alunos da faculdade, que sempre caem nas garras de Marina, e um ou outro cliente desagradável que acaba estragando o nosso já tão desgastante dia de trabalho.

Marina é a parte engraçada da minha vida, a responsável por colocar um sorriso no rosto de todos aqui, inclusive Milton, que não esconde o quanto a acha atraente. Ela realmente é muito bonita e sabe disso, tanto que nunca a vi sozinha por mais de dois dias seguidos. O seu principal objetivo de vida é arrumar um namorado lindo e rico, na verdade dois, um para ela e um para mim. Sempre que posso dispenso os pretendentes que me arruma, mas ela é insistente.

O último foi um rapaz que fez supletivo na mesma escola que ela. Até tentei, juro que tentei, no fim de semana seguinte combinamos de ir tomar sorvete na praça. Marina levou seu namorado do dia, um garoto do curso de Direito que ela conheceu no restaurante, e eu fui com um cara legal, simples e trabalhador, que assim como eu teve muitas dificuldades na vida. Mas não é essa a questão, eu simplesmente não consigo me envolver, meu coração foi machucado demais, fui destruída demais e tenho a sensação de que nunca conseguirei me entregar novamente a alguém.

Ele insistiu por algum tempo, mas bastou tentar me beijar que eu o afastei da pior forma possível. Ser tocada é algo que me machuca, me assusta e me faz sentir vulnerável. Naquele dia fui dormir chorando, não por ele, mas sim por medo: medo de nunca conseguir arrumar um bom namorado, medo de estar deixando as boas oportunidades passarem por mim e não as agarrar. Medo de ficar sozinha para sempre. Medo de nunca conseguir me libertar.

Eu nunca acreditei em amor à primeira vista, essas coisas de romances avassaladores, que te fazem perder a cabeça, não passam de coisa de novela; na vida real, não acontece com ninguém, pelo menos não com as pessoas que eu conheço. Eu acredito na convivência, na admiração e na descoberta do amor, e por essa razão naquele dia tive medo de ter perdido um amor em potencial. Mas o pior de tudo foi que eu não consegui fazer nada para mudar isso. Ele se foi e eu o deixei ir, assim como eu sei que farei com todos, pois essa sou eu, a nova Poliana. A garota que tem medo de tentar, de se permitir, de viver.



Nós somos seis no restaurante: eu e a Marina somos as garçonetes. Servimos as mesas, anotamos pedidos, ouvimos gracinhas e ganhamos algumas gorjetas. Milton, o desgraçado, é o

gerente e cuida do caixa quando não está na cama da sua amante. Carlos e José ficam na cozinha e são os responsáveis por encherem a barriga dos clientes detestáveis do restaurante de comida boa e barata. E, por último, a Maria, que faz as sobremesas mais gostosas do mundo. Somos uma boa equipe, gosto de todos, com exceção do Milton, é claro!

O restaurante é pequeno, a comida simples do tipo caseira, mas temos um público fiel e enchemos nossas mesas todos os dias no horário de almoço. Conhecemos a maioria dos clientes, desde os estudantes, os trabalhadores da construção civil até os caminhoneiros que eu sempre odeio atender, mas que são os que mais deixam gorjeta, talvez uma maneira de nos compensar pelos insultos e gracejos que nos obrigam a ouvir sempre que aparecem.

Geralmente a parte da manhã é bem tranquila, temos o pior café da manhã de toda a cidade, eu ainda posso apostar que é o pior do país. A velha máquina de café deixa a bebida morna e com gosto de ferrugem, isso quando ela não resolve quebrar ou fazer um ruído que mais parece o motor de um carro velho e alguém é obrigado a ficar fazendo café durante toda a manhã, o que acaba atrasando o almoço.

Aliás, o almoço é nosso melhor horário, não temos tempo para nada, eu e Marina corremos de um lado para o outro tentando dar conta dos clientes. Carlos e José não desgrudam da chapa e da cuba de óleo quente, fazendo pratos com uma velocidade de espantar. Podíamos muito bem estar no Guinness. Os mais rápidos cozinheiros do pior restaurante de beira de estrada do país. Mas mesmo assim não permitimos que nenhum dos nossos clientes, bons ou maus, saiam sem estar cem por cento satisfeitos. É isso que nos faz feliz.

E para ser bem honesta, mesmo nesse caos, mesmo trabalhando em um lugar que odeio, várias vezes vamos embora cansados e fedendo a fritura, mas felizes e com sorrisos enormes nos rostos. Vai entender, às vezes a vida é mesmo surpreendente!

Capítulo 6



Procuro um lugar na mesa em que eu possa colocar a nova pilha de notas fiscais que chegaram, esfrego meus olhos pensando que preciso ir ao oftalmologista, tenho tido dores de cabeça diariamente e sei que são por causa do trabalho. Estou ficando velho, e na maioria das vezes me sinto muito mais velho do que os meus trinta anos. Jogo-me na cadeira esfregando os olhos e fazendo uma anotação mental para que eu me lembre de contratar uma pessoa boa para cuidar da parte contábil da ONG, preciso que tudo esteja sempre muito correto, não quero correr o risco de ser pego fazendo algo errado.

Ouçõ uma batida na porta e mando entrar.

— Trouxe uma coisinha para o meu irmãozinho preferido. — Verônica entra com uma sacola que cheira tão bem que meu estômago ronca como um animal pré-histórico.

— Deus! Você salvou minha vida. — Pego a sacola que ela me entrega antes de me beijar e se sentar em cima dos papéis.

— Me deixa adivinhar... — Ela bate um dedo exageradamente na frente dos lábios enquanto morde um pedaço do *croissant* que ela me trouxe. — Você veio direto do hospital.

Continuo olhando para a planilha que Mônica criou para nos ajudar, tentando fugir das suas próximas perguntas. Às vezes, ela se parece tanto com a nossa mãe que chega a me assustar.

— Como você é inteligente, maninha — digo ironicamente e recebendo em resposta um arquear de sobrancelhas de quem não veio aqui só para me alimentar.

— Você está planejando se matar, Vinícius? — ela pergunta de braços cruzados e uma expressão séria e preocupada.

— Você quer mesmo que eu responda essa pergunta? — falo de boca cheia tentando tirar o peso da sua pergunta.

— Denis me contou que você está passando o dia todo aqui.

— Temos prazo para inaugurar a ONG, nosso tempo está curto — justifico antes de dar mais uma mordida no *croissant*.

— E quando é que você dorme? Sim, porque você precisa dormir em algum momento da sua vida. — Ela se inclina para frente encarando-me com seus grandes olhos azuis e sou obrigado a me esforçar para não rir, ela sempre será minha garotinha, mas tenho que admitir que adoro quando ela tenta cuidar de mim. — Ou você realmente acha que é o Thor?

Ergo meu olhar da pilha de papéis e observo o rosto jovem e belo de minha irmã, me orgulho de ver o quanto ela mudou no último ano e agradeço silenciosamente a Deus e aquele seu namorado, mesmo que eu nunca vá falar isso para ele, sei no fundo que ele é o responsável pelo amadurecimento de minha irmã.

— Sêrio isso, Verônica? Você vai mesmo agir como se fosse a minha mãe? — tento não parecer irritado, mas falho quando ela cruza os braços e faço o mesmo encarando-a e mordendo o interior da boca para não cair na gargalhada.

— Vini, você nem ao menos tirou o jaleco. — Ela aponta para mim e só então noto que realmente estou usando o jaleco do hospital. Suspiro derrotado e retiro o outro salgado de dentro do pacote, mordendo-o.

— Eu já ia tirar — minto de boca cheia e removo o jaleco, jogando-o na cadeira.

— Eu me preocupo com você, não quero que fique doente.

— Não vou ficar doente, Verônica, não seja exagerada. — Termino de comer o salgado e lamento por ela não ter trazido mais, meu estômago não está nem perto de estar satisfeito, mas tenho muito trabalho a fazer e isso vai ter que ser suficiente para o restante do dia.

— Se precisa de ajuda eu vou arrumar para você, mas quero que me prometa que vai terminar o que está fazendo agora, vai para casa tomar um banho e dormir um pouco.

— Não posso, preciso ficar para receber uma remessa de medicamentos que está para chegar e à tarde tem uma entrevista com duas mulheres para trabalhar na limpeza...

— Vinícius, para! — ela me interrompe colocando a mão no meu ombro. — Eu sei o que você está fazendo, eu te conheço. Sou sua irmã.

— Não sei do que você está falando. — Termino de beber o chocolate quente que começa a ficar frio sentindo o meu corpo se acender com o alimento com o açúcar entrando em minha corrente sanguínea.

— Vini... Você precisa superar tudo isso — ela começa a falar e sinto minha nuca formigar com a percepção de que ela não vai parar. Ela nunca para, quando começa a falar continua até que tenha dito tudo o que acha que deve ser dito, geralmente é muita coisa e nesse momento não estou com muita paciência.

— Não sei do que você está falando, eu só estou muito ocupado essa semana, mas vai passar, assim que a ONG for inaugurada voltarei a minha rotina de antes — justifico para ela, que permanece olhando para mim como se não acreditasse em nenhuma das minhas palavras.

— Vini... — ela me alerta e me irrita, bufando, e me jogando na cadeira. — Você não para de trabalhar e não é só por causa da ONG.

— Eu gosto de trabalhar, qual o problema nisso? — pergunto, me sentindo irritado com sua insistência.

— Faz um ano — ela fala e desvio o olhar sentindo meu estômago embrulhar e os *croissants* se rebelarem. — Todos nós já superamos, até mesmo Gabriel e Carol, eles estão felizes. Ontem ele estava contando que a máquina que seu pai comprou chegou e...

— Não importa, Verônica, não importa. Não para mim. — Levanto-me esfregando minha nuca e caminhando até a janela recém-pintada. — Não importa o que você diga, eu nunca vou me perdoar, isso é algo que está aqui dentro. — Fecho o punho em meu peito batendo no local exato onde está meu coração.

— Mas você precisa, meu irmão... — Ela se aproxima e aperta meu pulso, acariciando-o.

Dou um sorriso sem graça para ela e desvio o olhar. Tenho certeza de que é o cansaço, pois sinto um nó se formando na minha garganta como se eu fosse um garoto.

— Você precisa se perdoar. Já passou.

Balanço a cabeça negando. Não passou, os gritos de Caroline ainda me causam pesadelos, eu ainda consigo ouvir os gemidos de Gabriel, ainda acordo de madrugada e vomito

ao lembrar o cheiro pútrido do sangue que sujou minhas mãos. Não passou e eu sei que nunca vai passar.

Acompanhei de longe todo o tratamento do garoto que ajudei a machucar, decorei cada osso que ajudei a quebrar, sem que ele note, eu o observo sempre que nos vemos, busco nele alguma sequela, e embora todos sempre digam para mim que está tudo bem, eu não consigo superar aquela noite.

— Um dia, um homem sábio foi designado a decidir quanto tempo um prisioneiro condenado à prisão perpétua deveria ficar preso, sua pena tinha sido reduzida pela metade. — Olho para minha irmã sabendo que ela não está compreendendo onde quero chegar e continuo: — Após verificar as condições em que o homem vivia, Beremiz, o calculista¹, não cogitou em dar a sentença. E sabe qual foi? — pergunto.

— Não, e nem ao menos sei aonde você quer chegar com essa história — ela responde nitidamente irritada, me fazendo rir.

— Ele mandou que soltassem o homem, porque mesmo livre um homem digno que comete um crime sempre será prisioneiro de suas terríveis lembranças. Ele nunca se perdoará.

— Eu ainda não entendi o que isso tem a ver com você — ela insiste.

— Verônica, por mais que eu não tenha passado um dia sequer preso, por mais que Gabriel tenha retirado a queixa, e Carol tenha me perdoado, mesmo que eu tenha cumprido a pena que me foi imposta e que esteja tudo certo, existe algo que nunca sairá daqui. — Coloco dois dedos em minha cabeça. — Foram os dias que se seguiram sem que eu soubesse a extensão dos ferimentos que causei a eles, aqueles dias em que eu fiquei na escuridão rezando para que um homem não morresse por minha causa.

Verônica enrijece e cruza os braços, sei que meus atos a atingiram também, e por mais que ela sorria para mim e diga que está tudo bem sinto que esse assunto a incomoda.

— Eu jamais me esquecerei do corpo desfigurado dele estendido no chão e da garota desmaiada e seminua que encontrei naquela viela aquela noite, aquilo me modificou de uma forma que prisão nenhuma jamais poderia fazer.

Verônica finalmente compreende minha explicação, ela inala profundamente e desvia o olhar tentando evitar as lágrimas, mas elas escapam, escorrendo rapidamente por seu rosto e fazendo-a soluçar, eu a puxo para mim e a abraço para evitar que ela note as minhas próprias lágrimas, que ameaçam cair com a lembrança daquela noite.

— Eu sinto tanto... — ela sussurra em meus braços apertando os seus em volta de mim, puxando-me pela camisa. — Eu sinto tanto que isso tenha acontecido, eu te odeio por se torturar dessa maneira, eu te odeio por não me deixar cuidar de você como você sempre cuidou de mim, eu te odeio por você não se perdoar.

— Eu também, Vê — admito, exausto, mas não o tipo de exaustão que ela imagina que eu esteja, não é meu corpo que está cansado, é minha alma, minha mente, minha consciência. Estou cansado de tantas formas diferentes que mal consigo dormir, embora isso seja tudo o que eu mais deseje na vida.

— Essa é a minha função na vida. — Beijo o topo da sua cabeça loira sentindo um amor enorme em meu coração por essa garota. — Cuidar de você.

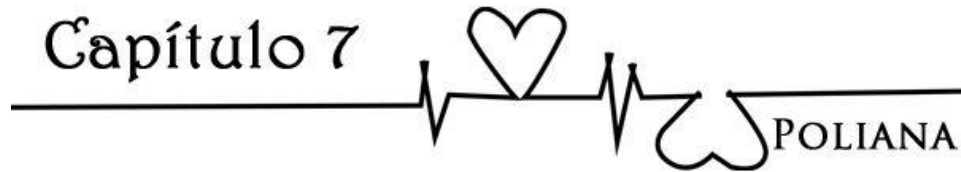
— Você também precisa ser cuidado, Vini. — Ela seca as lágrimas e acaricia meu rosto colocando uma mecha de cabelo para trás e fazendo uma careta. — Acho que está na hora do doutor se tornar paciente e permitir que alguém cuide de seu coração machucado.

— Sem chance. Não tenho tempo para isso, e estou ocupado demais para me amarrar em um relacionamento agora.

Verônica revira os olhos exageradamente e se afasta sabendo que esse assunto acabou, eu não tenho a menor intenção de me envolver com alguém agora, a última vez que tentei foi tão desastroso que passamos de amantes para colegas de quarto em menos de um ano. Não tenho energia nem tempo para isso, tenho um relacionamento sério com o trabalho e pretendo me dedicar a ele o máximo que puder.

— E então... O que eu posso fazer para te ajudar? — Ela olha em volta como se buscasse por algo e se senta em minha cadeira olhando para a pilha de notas em cima da mesa. — Meu irmão, está na hora de você arrumar alguém para dar um jeito nisso aqui. — Ela faz uma cara feia quando encontra um pacote antigo de lanche debaixo de uma pilha de notas e eu começo a rir dando graças a Deus que o momento tenha passado. Mas em uma coisa ela tem razão: eu preciso de alguém para arrumar a minha bagunça com urgência, ao menos aquela que eu permita que arrumem.

Capítulo 7



Na sexta-feira, enquanto nosso minúsculo restaurante pega fogo, Marina rebola de um lado para o outro provocando os novos clientes da mesa que ela está servindo, enquanto me mantenho firme na decisão de parecer invisível.

Já passa do meio-dia e Milton ainda não voltou. O que significa que estou responsável pelo caixa e Marina está completamente sozinha servindo todo o restaurante.

Meu Deus, quanta falta de responsabilidade!

Eu já estou novamente perdida em meus devaneios sobre assassinatos quando Marina se aproxima jogando uma comanda no balcão.

— Poliana, hoje à tarde estou pedindo minha demissão. — Ela gira e volta para o salão ainda gritando. — Dessa vez, ele passou todos os limites! — Marina joga as mãos para cima balançando as comandas no ar e chamando a atenção de todos a sua volta e mesmo estando tão irritada quanto ela, eu não consigo evitar e começo a rir enquanto a fila à minha frente aumenta.

— Marina! — a chamo e ela se vira, irada. — Você não vai fazer isso — alerta tentando permanecer séria com sua atuação dramática. — Ou eu juro que se você sair por aquela porta eu me mato.

Marina revira os olhos para mim, e volta a atender os novos clientes que acabam de entrar. Sorrio voltando-me aos que aguardam apressadamente para pagar a comanda. Cinco minutos depois outra Marina volta se abanando com a comanda e revirando os olhos exageradamente. Eu conheço bem essa cara, é a caçadora de homens. Marina é um furacão quando o assunto são homens, consegue arrastar tudo que usa calças para perto dela, e adora fazer deles seus brinquedinhos, este olhar que ela possui ao voltar para o balcão diz que vítimas novas estão chegando: a caça aos homens começou. Para meu desespero.

— Deus ouviu minhas preces... — Ela se debruça no balcão, me entrega uma comanda falando alto e exageradamente, sorrio de seu exagero enquanto fala.

— E o que você pediu para Deus, Marina? Um homem rico que se apaixone por você imediatamente e te leve em um cavalo branco? Ou um assassino frio e calculista que faça o favor de matar o Milton para a gente? — pergunto rindo da facilidade que Marina tem de mudar de humor, ela consegue passar de alegre para uma suicida em questão de segundos! — Confesso que prefiro a segunda opção, caso queira a minha opinião — acrescento.

— Colírios... — ela responde. — Deus me enviou algo que me dê ânimo para aguentar esse dia infernal e ele foi muito generoso, olha só para aqueles dois que estão sentados na mesa. — Ela aponta para a mesa perto da porta sem nenhuma intenção de ser discreta, aliás, essa palavra veio faltando no dicionário interno de Marina. — Nunca vi homens como aqueles por aqui antes.

O exagero de Marina chama a atenção de um cliente que está no caixa, ele olha para ela e, em seguida, para a mesa em questão e faz um movimento com a cabeça indicando sua desaprovação, como se ele acabasse de ver dois sacos de lixo sentados à mesa ao invés de pessoas, Marina continua a falar sem se importar com quem ouve.

— Eles são tão bonitos que fazem os universitários parecerem crianças bobas, acho que nem são da cidade, talvez quem sabe nem sejam desse planeta.

Ela está exagerando, realmente o nosso público alvo são os trabalhadores mais humildes, e os caminhoneiros, mas de vez em quando aparece um ou outro universitário bem bonitinho, como da vez em que apareceu o que a Marina intitulou como “o deus das estradas”, ele se chamava Lúcio, e era muito bonito, nas palavras dela era “sexy como o diabo”, embora eu não consiga imaginar como o diabo pode ser sexy...

— E o Felipe? — pergunto sem acreditar na vulnerabilidade dela.

Felipe é o novo namorado de Marina, na verdade eu estou sendo boazinha em chamá-lo de namorado, eles têm um casinho. De vez em quando eles saem juntos, mas não tem nenhum compromisso um com o outro, ele não a leva a sério, na verdade nem mesmo a Marina se leva a sério, ela apenas curte a vida sem ligar para nada, ela sabe que não tem futuro com ele e está muito bem com isso.

— Acredite em mim, Poli, esses são diferentes — ela afirma com uma convicção que me assusta. — Eu transaria com eles aqui mesmo, sem questionar.

— Marina! — repreendo-a, sentindo meu rosto esquentar, impressionada com o fato de ela nem ligar para a cara do homem que a olha.

— Você pode receber aqui, mocinha? — ele diz irritado enquanto balança a cabeça, inconformado com as insanidades de Marina.

Dez minutos depois, Marina volta saltitante para o balcão levando o pedido da mesa dos novos clientes extraterrestres.

— Além de lindos e cheirosos, estão *famintos*! — Marina enfatiza o *famintos* de uma maneira que me faz pensar se é mesmo de comida que ela está falando.

Passo o pedido dos clientes para a cozinha e volto a me dedicar à fila que cresce a cada segundo. Já passa de uma da tarde e Milton ainda não voltou, começo a ficar preocupada, ele nunca tinha demorado tanto e o medo de que alguma coisa ruim possa ter acontecido me faz sentir calafrios. Quem sabe o marido esqueceu a carteira em casa e então encontrou o Milton na cama dele? Começo a imaginar o cara matando o Milton e não posso esconder uma pontada de satisfação. É horrível e me sinto mal imediatamente, mas não posso evitar, ele faz por merecer toda a minha fúria.

O tempo passa rápido e mal tenho tempo de olhar em torno do salão, estou tão entretida com o caixa que não noto quando os próximos clientes se aproximam.

— Por favor, alguém pode nos atender? — Uma voz masculina, imperativa e exigente me chama a atenção enquanto estou pegando um pedido na cozinha.

— Desculpe, estamos sem um funcionário hoje e temos que nos desdobrar para cobri-lo — me apresso a explicar enquanto coloco a bandeja no balcão e volto para o caixa, porém, quando levanto os olhos para o trio que está parado à minha frente, compreendo o motivo que fez Marina ficar do jeito que ficou. E, dessa vez, não há exageros no que ela disse. Nem mesmo sobre o seu desejo de transar aqui mesmo... eu tenho plena convicção de que ela faria se pudesse.

O homem que fala comigo tem exatamente todas as qualidades exigidas para estar na capa de uma revista de moda, ou nas passarelas usando um terno muito caro, mas eu acho que ele se encaixa melhor em um daqueles filmes onde deuses gregos exalam músculos perfeitos enquanto disputam força em trajes curtos.

Ele me encara por alguns segundos com seus olhos tão azuis que tenho a impressão de que eles brilham como néon, reluzentes, vibrantes, intensos. Ele me observa por um instante e tenho a sensação de que está prestes a falar algo, como se tentasse lembrar-se de onde me conhece. Com certeza de lugar nenhum, eu me lembraria se tivesse cruzado com um homem desses alguma vez na vida.

— Tudo bem, eu posso entender — ele fala e sorri, um sorriso doce demais para um homem desse tamanho. — Mas é que já estamos atrasados, então se você puder...

— Claro, por favor, me desculpe. — Estico minha mão para receber a comanda e baixo o olhar sentindo meu rosto corar. Observo suas mãos e me impressiono com o tamanho delas, são tão grandes e fortes que as minhas mais se parecem com mãos de uma criança junto da sua.

— São quarenta e cinco reais — falo sem olhar para ninguém em especial. O homem me entrega o dinheiro rapidamente, e da mesma forma eu devolvo o troco, evitando olhar para ele, pois sei que estou parecendo uma completa idiota.

— Mais uma vez me desculpe pela demora. — Sorrio para ele que acena levemente com a cabeça enquanto se afasta acompanhado de seus amigos.

Tento não me deixar impressionar com sua imponente presença, mas é impossível, porque ele caminha para fora do restaurante e tenho a sensação de que o lugar se torna ainda menor com a sua presença. Porém, antes de sair, o outro homem que está ao seu lado fala algo, ele se vira para ouvir o amigo, sua mão enorme joga algumas mechas de seu cabelo loiro para trás enquanto ele sorri e sem que eu perceba me pego sorrindo também.

— Poliana, você viu? — Marina se materializa na minha frente me trazendo de volta à vida. — E agora me diz: eu estava ou não estava falando a verdade?

Recomponho-me o mais rápido que consigo, afinal de contas são apenas homens bonitos e nada mais.

— Nem reparei, Marina, estou muito ocupada — minto descaradamente.

Marina sai e volto para o meu trabalho fingindo que realmente não tinha prestado atenção, como se fosse possível. A passagem de um homem desses na vida de garotas como nós é como um cometa, às vezes acontece apenas uma vez em toda a vida.

Tenho certeza de que foi esse o caso.

Capítulo 8



POLIANA

Trabalhar em uma lanchonete tem uma peculiaridade: observar pessoas. Já vi muita coisa, casais apaixonados, paqueras, pedidos de namoros, terminos de namoro, brigas, lágrimas, risos, gargalhadas, alegrias e tristezas. Mas o que eu mais gosto de observar são os que estão sozinhos, talvez porque eu me identifique com eles. No geral, quando uma pessoa está sozinha, ela é diferente dos que estão acompanhados, mais introspectiva, seu olhar perde o foco e ela começa a fazer as coisas sem perceber muito bem, e é esse o momento em que eu mais gosto de observar, eu sinto que estou conhecendo a pessoa como ela realmente é, sem fingimentos.

Já havia se passado uma semana desde que os lindos e misteriosos clientes vieram aqui, nos primeiros dias Marina tentou de todas as maneiras possíveis descobrir de onde eles eram, mas sem sucesso. Ninguém parecia ter visto eles além de mim e dela e a certeza de que eles não são daqui se confirmou.

— Vai ver que são de outro planeta — Marina disse em uma tarde tranquila sentada no balcão enquanto balançava as pernas e comia um pedaço de pudim. — Justifica o fato de que dois homens lindos tenham almoçado aqui nessa espelunca. Ou talvez eles tenham morrido depois de comer a comida do José.

José a olhou como se desejasse vê-la engasgar com o doce, rimos sem nos importar enquanto ele voltava para a cozinha, resmungando.



Na manhã seguinte enquanto estou indo para o trabalho avisto uma faixa que está sendo colocada na entrada da viela, nela há escrito em letras vermelhas grandes um convite a quem queira ajudar nos últimos detalhes para a inauguração de uma ONG. Aproximo-me para ver onde fica o lugar e ouço duas mulheres conversando.

— Eu ouvi dizer que lá vai ter atendimento médico para nós. De graça! — diz uma mulher, na casa dos 40 anos, animada.

Sorrindo, a outra mulher responde:

— E vai ter muita coisa para as crianças, já viu como o lugar é bonito?

Ela está grávida e tenho quase certeza de que nunca foi a uma consulta desde que engravidou, assim como todas por aqui.

Sem aguentar mais a minha curiosidade me aproximo delas e pergunto:

— Onde fica essa ONG?

Elas me respondem indicando o exato lugar onde a ONG se localiza, além de dar mais detalhes sobre tudo o que ficaram sabendo sobre o lugar, o que me deixa animada e feliz. Um lugar como esse em uma comunidade carente é como um oásis em meio ao deserto, um alento a uma população que nunca tem nada.

Saio agora atrasada pela primeira vez em pouco mais de seis meses e com um sorriso nos lábios enquanto planejo o que farei no dia seguinte.

Cresci minha vida inteira usando roupas vindas de doação, comendo comida e dormindo em camas fruto da caridade de alguém e fui ensinada a agradecer e retribuir sempre que tivesse a oportunidade. E enquanto gravo mentalmente o endereço da ONG sinto que chegou o momento de devolver de alguma forma tudo o que me foi dado.

O dia passa rapidamente. de semana, meu bom humor e a isso sem contar a euforia que sinto limpando as últimas mesas bobagens ditas por Marina quando



Apesar do movimento baixo do fim ausência de Milton me deixam leve, ao pensar no dia seguinte. Estou enquanto sorrio me lembrando das ela se aproxima com uma

sobrancelha arqueada e as mãos no quadril.

— Do que você está rindo, Poli? — Marina pergunta se aproximando de mim.

— Eu estava rindo de você — falo ainda sorrindo e colocando as cadeiras de volta no lugar. — Exagerada como sempre, me lembrei daqueles caras que vieram aqui outro dia. Aqueles que você falou que eram de outro planeta — completo.

Marina ergue uma sobrancelha e cruza os braços em uma expressão de arrogância.

— Você acha que eu estava exagerando? Então dá uma olhada porque acho que a nave espacial acabou de aterrissar na porta do restaurante.

O riso some de meus lábios quando vejo os dois homens entrarem no restaurante agora vazio. Sinto meu estômago revirar quando os olhos mais azuis que já vi na vida se cruzam com os meus e se mantêm pelo que me pareceu ser horas. Ou talvez tenham sido dias... séculos.

Ambos se aproximam de uma mesa e sentam-se, o homem loiro de costas para mim, com seus cabelos escandalosamente claros e seus ombros que parecem encher o salão inteiro.

— Marina, vai atender a mesa — falo bruscamente sem entender por que a presença deles me afeta dessa forma. Ela me encara percebendo meu embaraço e dá um sorriso malvado para mim.

— Acabei de ouvir o José me chamando na cozinha acho que meu almoço está pronto, você vai ter que ir atender eles, querida. — Marina dá um tapinha em meu ombro e sai saltitando de alegria, e me deixa completamente sozinha no restaurante com eles.

Sem alternativa a não ser atendê-los e sem compreender o motivo pelo qual me sinto tão desconfortável na sua presença, respiro fundo e vou até a mesa onde eles estão conversando.

— Boa tarde. Em que posso ajudá-los? — Minha voz soa estranha e seguro o bloco de comandas na mão como se fosse um cajado que me mantém firme na presença deles.

Sinto-me ridícula por estar nervosa, afinal de contas são apenas homens, tudo bem que são homens lindíssimos, mas mesmo que eu tente, é impossível agir naturalmente na presença dele, sinto como se estivesse atendendo astros do rock, ou atores de Hollywood, talvez sejam mesmo extraterrestres.

O primeiro a pedir foi o rapaz moreno, ele é bem bonito, com cabelos negros, um olhar gentil e um sorriso largo e amigável, tem a postura de um homem muito educado, mas é nitidamente um homem rico, posso ver pelas roupas que ele usa e a maneira como fala. Ele escolhe um almoço executivo.

— Eu quero o prato do dia, por favor — diz o homem loiro e sua voz reverbera através da minha coluna arrepiando minha pele e quase me desligando do mundo... quase. — E um refrigerante com bastante gelo e limão — ele completa ainda olhando para o cardápio.

Quando não respondo, ele ergue os olhos e sorri para mim e, mais uma vez, tenho a sensação de que ele está tentando me reconhecer de algum lugar.

Volto para o balcão levando os pedidos e rezando para que Marina volte logo, mas ela demora muito mais do que o normal e sei que é de propósito. Quando os pedidos ficam prontos ainda estou sozinha no salão e levo a bandeja equilibrando suas refeições, até eles. O homem loiro está com as mãos cruzadas na frente da boca fazendo com que sua camisa clara se estique em seus ombros largos. Sem conseguir evitar, noto que seus braços são fortes e a camisa parece prestes a se rasgar, mas de uma maneira sensual e bonita.

— Seus pratos — falo ao colocar os pedidos diante deles, que agradecem educadamente antes de voltarem a conversar.

Quando ele estende as mãos para pegar o prato, nossos dedos se tocam por um breve instante. É tão rápido que ele provavelmente não percebe, mas eu sim, e sinto um formigamento na região que nossos dedos se tocaram, que faz com que meu rosto aqueça.

Seus olhos me analisam mais uma vez e então ele sorri para mim, um sorriso discreto, contido, de agradecimento, mas é o sorriso mais lindo do mundo, ele tem dentes perfeitos, lábios cheios e rosados e duas covinhas que emolduram seu rosto de deus grego fazendo com que todo o ar do ambiente desapareça... E eu sei neste momento que elas nunca mais sairão da minha cabeça.

A falta de clientes me impede de fazer algo que não seja observá-los, mesmo que de longe. Eu analiso cada um de seus movimentos. Percebo que ele é canhoto e que não tem nenhuma aliança em nenhum dedo, não sei por que presto atenção a esse detalhe. Percebo também que ele é bem mais alto e mais forte que seu amigo, aliás, acho que ele é o homem mais alto que já vi, tem bons modos, não fala de boca cheia, sempre limpa a boca no guardanapo e não bebe nem um gole do refrigerante enquanto come.

Noto que, apesar de enorme, ele respeita o espaço de cada um e mantém seus braços junto ao corpo. Ele está com fome, come tudo e quando termina pousa os talheres ordenadamente no prato e se acomoda na cadeira de forma muito sexy. De tempos em tempos ele passa a mão em seus cabelos colocando-os no lugar, pois os fios loiros são rebeldes e parecem necessitar de um corte, já que não permanecem muito tempo no mesmo lugar e eu acho isso lindo.

O almoço termina e observo, admirada com tanta beleza, enquanto eles se dirigem ao caixa, o desgraçado é bonito até caminhando. Provavelmente são modelos que estão fazendo alguma espécie de campanha esquisita aqui nesse fim de mundo. Deduzo.

Antes de ir embora, ele me olha pela terceira vez e acena levemente com a cabeça se despedindo com um meio sorriso que deixa apenas uma covinha de fora. Não consigo responder, pois fico igual uma idiota o vendo sair pela porta levando consigo meu coração embrulhado em um marmitex.

Capítulo 9



VINÍCIUS

Verônica teve a brilhante ideia de mobilizar a população local para um grande mutirão neste fim de semana e quando minha irmã decide fazer alguma coisa ela faz. Às oito da manhã, Denis me liga dizendo que já não tem mais onde colocar tanta gente. Passo grande parte do dia no hospital, é meu plantão e não saio antes das quatro, mas meus pensamentos acabam seguindo até a ONG e o que minha irmã está aprontando durante todo o dia.

No caminho para a ONG, convenço Denis a parar no restaurante que comemos no outro dia, embora a comida não seja ruim, não é o lugar onde estamos habituados a frequentar e Denis estranha minhas intenções, mas não discorda. Ele também está com fome e sei que comeria até pedra com sal se dessem a ele. Na verdade, eu também.

Quando chegamos no restaurante tento ser o mais discreto possível, mas não consigo evitar de sorrir ao avistá-la. Mesmo antes de entrar no restaurante noto seus cabelos vermelhos iluminando seu rosto, ela sorri para a amiga enquanto limpa uma mesa e não nos vê entrar. Rezo para que ela nos atenda e minhas preces são atendidas, ela parece nervosa o tempo todo e me sinto estranhamente tenso na sua presença.

Desde a primeira vez que a vi naquela rua, sua imagem permeia meus pensamentos, me pego pensando nela em momentos aleatórios do meu dia e na primeira vez que a vi aqui no restaurante sorri com a coincidência da situação e me senti tentado a puxar um assunto. Mas o que eu falaria? Sobre o tempo ou a comida? Não fiz nada além de pagar pela comida e sair frustrado. Tenho a sensação de que estou trabalhando demais, ou então estou perdendo o jeito com as mulheres, talvez seja apenas com ela. O fato é que sempre fico sem palavras ao vê-la.

Uma garota espalhafatosa grita por ela, que se vira para responder. Poliana... repito mentalmente mordendo o interior da bochecha para não sorrir. Poliana... um nome doce e delicado assim como ela é.

Denis me conta como foi o dia na ONG, as coisas que foram feitas e que não posso deixá-lo mais sozinho com Verônica no mesmo lugar ou ele será capaz de cometer suicídio, perco boa parte da conversa e coloco a culpa no cansaço, mas a verdade é que estou observando-a, seu jeito tímido e discreto, a maneira como ela coloca o cabelo atrás da orelha e como ela sempre acaba olhando para nossa direção, mesmo que ache que não estou olhando. Vou embora com a imagem de seu sorriso em minha mente e com a certeza de que a partir de agora almoçarei neste restaurante todos os dias que estiver na ONG. Eu preciso arrumar uma maneira de falar com ela, só não sei ainda como. Acho que vai ter que ser sobre o tempo...

O domingo amanhece
Preciso de toda a ajuda possível
para a abertura da ONG. Ao chegar,
de pessoas que se dispuseram a



ensolarado e isso é perfeito.
para terminar os últimos detalhes
me surpreendo com a quantidade
ajudar, tem bem mais do que

ontem e Verônica recepciona a todos com uma prancheta e caneta nas mãos, ela faz anotações e entrega um crachá com um sorriso nos lábios. Fábio os acompanha guiando-os para dentro, onde se espalham pelas diversas áreas que precisam de reparos e finalizações. Não estou surpreso, Verônica é a garota mais determinada que já vi na vida, prova disso é que ela é a única pessoa capaz de conseguir dobrar nossa mãe e fazê-la realizar todos os seus caprichos. Quando Verônica decidiu viver a vida de uma universitária comum, minha mãe quase morreu, para ela era quase tão ruim quanto prostituição, pegar ônibus, limpar sua própria casa e pior... dividir um espaço menor que o seu próprio quarto com uma desconhecida era demais para a dona Marilda Becker aceitar, mas Verônica conseguiu.

— Vai me dar um crachá também? — pergunto a ela antes de lhe dar um beijo no rosto.

— Se você me irritar muito, eu faço um em cores vibrantes para você. — Ela sorri animada com a agitação, me sinto um pouco claustrofóbico com tanta gente passando de um lado para o outro e entro, indo direto para a sala dos equipamentos, para me assegurar de que eles ainda estejam inteiros.

Surpreendo-me ao passar por uma sala e encontrar Gabriel debruçado em uma planta ao lado de Denis e Alan, ele desliza o dedo apontando para o emaranhado de linhas que cortam a planta de um lado para o outro enquanto explica qual cabo deve ser usado para a instalação dos equipamentos. Denis concorda com a cabeça e faz uma cara de quem não está entendendo nada. Ele, assim como eu, sabe o local exato em que uma traqueostomia deve ser feita, sabe o procedimento certo para salvar a vida de uma pessoa em uma situação de emergência, mas não consegue compreender a mágica relação existente entre o interruptor e a lâmpada. Por isso demos graças a Deus quando Gabriel se dispôs a trazer uma equipe da empresa de engenharia do seu pai para poder cuidar de toda a parte estrutural da obra. Entro na sala desviando de rolos de fio e escadas e todos erguem as mãos em um cumprimento ao me verem e voltam a falar sobre o que está sendo feito, me junto a eles por um tempo e depois me afasto deixando-os sozinhos para desespero de Denis. Caminho por todo o complexo de salas imaginando-as cheias de pessoas sendo examinadas, medicadas e curadas. Sinto meu peito inflar de alegria e orgulho por saber que estamos conseguindo, contra todas as probabilidades.

Em uma sala avisto Carol e Clara organizando livros em uma minibrinquedoteca que elas fizeram questão de criar.

— Onde colocaremos esses aqui? — a irmã de Gabriel pergunta, apontando para uma caixa cheia de livros que chegaram essa semana.

— Arrumaremos um lugar para eles, não se preocupe. — Carol se vira ao notar minha presença e abre um sorriso enorme, que parte meu coração ao meio. Eu não mereço esse sorriso, não mais. E mesmo assim ela está aqui, junto com seu namorado, doando um pouco do seu tempo e da sua alegria para me ajudar a tornar meu sonho real.

— Olá, doutor Vinícius! — Ela passa os braços por meu pescoço e eu a abraço, beijando seu rosto.

— Como você está? — pergunto mais por força do hábito, sei perfeitamente que ela está ótima, acompanhei sua última consulta no psiquiatra, eu mesmo colhi seus exames e abri seus resultados. Mas Caroline vive uma vida instável ao lado de Gabriel e isso me preocupa, ele vem lutando diariamente contra seu vício, participando de grupos de apoio e fazendo terapia junto com seu pai, mas ele é um homem que sempre terá um lado sombrio que pode sucumbir a qualquer momento. Gabriel é como uma bomba-relógio, não sabemos quando irá explodir, nem

ao certo se isso um dia irá acontecer, mas estamos sempre a postos, prontos para recolher o que sobrar se for necessário, e isso acaba comigo.

— Eu estou ótima, e você? Parece cansado... — Ela passa a mão em meu rosto. — Verônica me disse que você não anda se alimentando direito.

— Eu estou feliz em ver a ONG cheia de gente disposta a ajudar, isso para mim é tudo o que importa no momento — respondo evitando o assunto “você precisa se alimentar”.

Ela sorri e permaneço um tempo ao seu lado ajudando-a a colocar alguns livros no lugar, instalando prateleiras e sorrindo ao som empolgante da alegria delas duas. Assim que termino de instalar a última prateleira saio para atender uma ligação, me apoio na parede do corredor ouvindo Mônica contar que conseguiu mais uma máquina de ultrassonografia para nossa ONG e não consigo esconder a alegria. É bom demais para ser verdade. Nesse momento sinto como se minha vida estivesse finalmente entrando nos eixos.

Saio correndo atrás de Denis e Melissa para contar a novidade, e é quando a avisto, sentada no chão de uma sala vazia, completamente sozinha. Seus cabelos ruivos estão presos em um curto rabo de cavalo que deixa algumas mechas caírem, seu corpo pequeno está inclinado para frente enquanto ela se concentra em algo que está fazendo. E antes que eu consiga me impedir caminho em sua direção, assustando-a ao me ver ali parado.

— Deus do céu, que susto! — Ela coloca a mão suja de tinta no peito e, ao perceber quem sou, sorri inclinando a cabeça para o lado. — Você por aqui?

— Olá! — Ergo a mão acenando para ela, que acena de volta com o pincel. — Pois é.

— Vejo que todo mundo decidiu ajudar esse fim de semana. — Ela me dá um sorriso largo e noto seu rosto ficar levemente rosado. Ela é realmente encantadora, principalmente quando cora.

— Acho que está todo mundo meio entediado nesse domingo ensolarado. — Dou mais um passo me aproximando um pouco. — O que você está fazendo? — Aponto para o desenho infantil que ela pinta na parede. Não é nada elaborado, nem mesmo muito criativo, são flores, árvores, borboletas... elementos lúdicos que deixam a sala com um aspecto acolhedor e alegre.

— Eu estou fazendo alguns desenhos, essa sala está muito sem graça — ela diz enquanto pinta uma flor. — A doutora Melissa disse que eu poderia fazer isso nas três salas desse lado do corredor, são as salas destinadas as crianças e eu achei que elas se sentiriam melhor se estivessem em um ambiente que não as lembrasse o tempo todo que estão em um hospital.

— Isso aqui não é um hospital — a corrijo.

— Mas para eles é, e todo lugar onde há pessoas vestindo jaleco, munidos de uma seringa, é um lugar assustador para uma criança. Na verdade, não só para crianças.

Eu conheço os efeitos de um ambiente lúdico no tratamento e evolução do quadro clínico de uma criança, mas não esperava isso dela, a garçonezinha tímida que cora todas as vezes que a olho. Confesso que me sinto ainda mais atraído pela bela ruiva enquanto fala com tanto carinho do espaço que sonhei para as crianças.

— Você tem medo de médicos? — pergunto sentindo uma pontada de divertimento com a coincidência.

— Pavor! — ela admite e me encanta com a sua timidez. — Embora eu seja uma pessoa saudável, sempre que posso fujo de homens usando jaleco.

Baixo o rosto tentando não rir, mordo o lábio, mas não consigo e caio na gargalhada trazendo-a comigo.

— Não ria, é sério.

— Tudo bem, eu não vou rir, mas preciso te contar que nem todos os médicos são maus. — Sinto uma vontade louca de dizer a ela que sou um médico, mas me contenho, quero ver até onde ela vai com essa história sobre homens de jaleco. Ela revira os olhos antes de olhar para mim, agora com um sorriso tímido.

— Quando encontrar um me apresente.

— Pode deixar — respondo perdendo a coragem de dizer a ela quem realmente sou. Tenho minhas dúvidas se ela acreditaria, olho para minhas roupas, sujas e velhas e tenho certeza de que nesse momento eu pareço qualquer coisa, menos um médico.

— O que acha? — ela pergunta mudando de assunto e apontando para a série de flores que acaba de desenhar.

— São lindas — digo ao me abaixar ao seu lado. — Onde aprendeu isso tudo?

— Nos cursos de arte que fiz quando estive em Paris — ela responde enquanto começa o esboço de um cata-vento.

Olho para ela tentando conter a surpresa quando ela me olha de volta e sorri.

— Eu não estive em nenhum curso de arte, você sabe, não é?

Ergo os ombros e ela se inclina um pouco mais para perto de mim para desenhar uma linha que fica um pouco torta.

— Se não foi em Paris, então onde foi? — pergunto sem querer que o nosso assunto morra aqui. É a primeira vez que tenho a oportunidade de falar com ela algo que não esteja relacionado a um cardápio e dou graças a Deus por não ser sobre o tempo.

— No orfanato — ela diz ainda inclinada, está tão próxima que eu quase posso sentir o calor da sua pele em minha coxa.

— Então você é uma garota caridosa? — pergunto quando ela se vira para mim.

— Não, na verdade essa é minha primeira vez aqui. Do lado de cá.

Faço uma careta sem compreender o que ela quer dizer, ela parece entender a minha confusão e continua:

— Eu cresci em um orfanato, sempre estive do lado de lá, e com o passar do tempo eu pude notar que as crianças se sentiam melhor, mais felizes e à vontade quando estavam em um lugar colorido, então eu passei a pintar todas as paredes do orfanato para deixar as crianças felizes e confortáveis.

— Você cresceu em um orfanato? — Me odeio no momento em que termino de perguntar, porque soa como se ela houvesse me falado algo ruim quando na verdade isso faz com que seu sorriso se torne ainda mais sincero e bonito.

— De tudo o que falei isso foi a única coisa que ouviu? — ela pergunta e não parece ofendida, apenas curiosa.

— Não... Na verdade eu... Me desculpe, eu... — Passo a mão nos cabelos me sentindo envergonhado.

— Não se preocupe. — Ela sorri ainda mais e me surpreendo com o quanto ela é bonita assim de perto, as sardas em seu rosto se espalham ao longo de seu nariz e descem por suas bochechas, seus olhos da cor de uísque parecem brilhar com o sol iluminando-os, e sua boca... Eu tenho para mim que é a mais bela que já vi na vida e tudo o que desejo nesse momento é vê-la sorrir. — Sim — ela responde e eu já não compreendo o que está dizendo, mesmo assim ela continua: — Eu cresci em um orfanato. E como pode ver, servir mesas não é meu único dom. — Ela estende os braços apontando para todos os desenhos que já fez.

— Disso eu não tenho dúvidas — digo e ela volta a olhar para mim, seu sorriso se desfaz enquanto permanecemos em silêncio, sentados tão próximos, e observando a maneira com que a presença de um afeta o outro, até que ela quebra o contato esticando o pincel para mim.

— Quer tentar? — ela pergunta e seus olhos estão cheios de expectativa. Penso em dizer não, mas a verdade é que estou tendo nesse momento a oportunidade que busquei desde a primeira vez que a vi, então eu retiro o pincel de suas mãos e enquanto ela me dá instruções de como pintar a copa da árvore eu deixo de ser o Doutor Becker, o homem marcado por sua culpa, e me permito ser apenas Vinícius, o homem livre e deslumbrado, sentado ao lado da mais linda das garotas que já vi na vida.

Capítulo 10



POLIANA

Uma nova rotina se estabelece em minha vida desde aquele domingo mágico. Depois de passar algum tempo ao seu lado percebo que, embora ele seja ainda mais bonito do que eu imaginava, ele também é um homem engraçado. Suas habilidades com um pincel se limitam a desenhar um círculo que mais parece uma bola de futebol americano e me divirto mais no pouco tempo que passo ao seu lado do que nos últimos seis meses da minha vida.

E isso é ruim... Na verdade isso é péssimo!

Na semana seguinte ele volta a aparecer, sempre acompanhado dos seus amigos: o rapaz moreno e a jovem de cabelos curtos. Ao me ver ele sorri expondo a covinha em seu rosto e pisca para mim.

Eles ainda se destacam entre os clientes do restaurante, mas com o passar do tempo o que era novidade passa a se tornar algo comum, normal e já não tem mais o efeito devastador que teve na primeira semana.

Mentira. Claro... Na verdade era isso o que eu queria que tivesse acontecido.

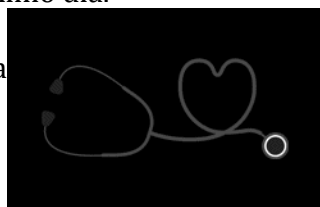
Queria que meu coração não acelerasse a cada sorriso de despedida que ele me encaminha, queria que as borboletas encontrassem outro estômago para atormentar, queria que a sua voz grave não tivesse o poder de amolecer cada osso de meu corpo e queria que a Marina não tivesse percebido o efeito que aquele deus grego tinha sobre mim.

Mas, infelizmente, as coisas nem sempre são fáceis. Ao contrário do que eu desejava, me sinto cada dia mais boba na sua presença, minha voz sempre falha nas horas mais inoportunas, minha bochecha está sempre rosada pela timidez, e eu já decorei cada movimento do seu enorme corpo. O jeito que ele passa a mão pelos cabelos enquanto fala algo engraçado é a coisa mais sexy que já vi na vida, e a maneira com que ele enruga a testa toda vez que algo importante é dito o deixa com um charme todo especial.

Embora tenhamos passado uma tarde pintando paredes junto, e trocamos meia dúzia de palavras no decorrer da semana, eu ainda não sei seu nome, onde trabalha ou por que almoça neste restaurante tão simples somente dois dias por semana, não sei se vive aqui ou quando essa magia acabará, quando a nave espacial o levará de volta para o planeta perfeição, na verdade eu não sei de quase nada, mas uma coisa eu tenho certeza: eu estou completamente dependente da sua presença em minha vida.

Desde que o vi pela primeira vez, tenho estado mais feliz, mais otimista, como se pressentisse que algo bom fosse acontecer a qualquer momento. Levanto todos os dias com a expectativa de vê-lo novamente só para vê-lo sorrir e olhar para mim com aqueles olhos que mais parecem o céu em um dia de verão. E à noite, enquanto assisto TV ao lado de Joana, me pego sorrindo e ansiando pelo próximo dia.

E mais uma sexta-feira



chega. Ainda são duas e meia da

tarde, mas nesse momento enquanto o trio se dirige para o meu caixa, sorrindo e conversando coisas aleatórias, eu me preparo para me despedir dele. Antes de sair, ele me dá seu já habitual sorriso com direito a covinhas e pisca com seus olhos sobrenaturais antes de cobri-los com os óculos escuros e ir embora levando consigo meu coração.

— Que merda é essa que está acontecendo aqui? — Marina me pergunta de um jeito divertido, mesmo que no fundo já saiba a resposta.

— Nada, Marina — respondo sem olhar para ela, há horas em que ela se parece com um detector de mentiras ambulante, e a qualquer sinal ela vai descobrir tudo.

— Nada? E essa cara de pamonha significa o quê? — Ela se inclina no balcão e começo a contar o dinheiro pela segunda vez.

— Significa que eu estou cansada e com fome, vou almoçar, assume tudo aí. — Fecho o caixa e vou para a cozinha, reviro a comida em meu prato de um lado para o outro sem fome, embora eu saiba que preciso comer, estou cada dia mais magra e as poucas roupas que tenho começaram a ficar folgadas. Quando volto para o salão já não há mais ninguém e começamos a arrumar as mesas para o fim do dia.

— Você está interessada nesse cara? — Marina pergunta parada na minha frente como se fosse a minha mãe.

— Claro que não — respondo sem olhar para ela.

— Ah, não? Então me explica por que você sempre fica vermelha na presença dele, e prende a respiração toda vez que ele se aproxima?

— Não sei do que você está falando, Marina — respondo ainda evitando seus olhos.

— Ah, não sabe? — Ela cruza os braços no peito. — Justo você, a garota que diz que gosto de brincar com fogo? Poliana, esse cara é um incêndio florestal, de proporções épicas, você não vai se queimar, vai se destruir. Eu te conheço e sei o que estou falando.

Finalmente paro o que estou fazendo e olho para ela.

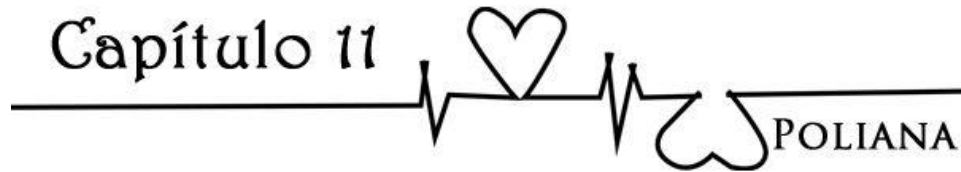
— Fica tranquila, Marina, eu não me envolveria com ele, mesmo que quisesse. Somos diferentes demais para isso — assim que admito isso em voz alta sinto uma tristeza sem sentido me invadir. Eu sou uma mulher muito realista e, ao contrário de Marina, não estou em busca de aventuras de uma noite só, nem mesmo de um relacionamento, mas a ideia de não poder me envolver com ele me deixa deprimida de uma forma que não compreendo.

— Ai, meu Deus! — Ela põe as mãos no rosto dramaticamente e reviro os olhos irritada com esse assunto. — Um conto de fadas... bem na minha frente.

— Cale a boca! — digo ignorando sua brincadeirinha, assim como ignoro meu coração que aumentou a frequência cardíaca desde que ele entrou em minha vida, e meu estômago que virou morada permanente de uma população de borboletas.

— A gata borralheira e o príncipe encantado — ela continua e suspiro tristemente, pois sei que, ao contrário dos contos de fadas, a minha vida não conhece o felizes para sempre.

Capítulo 11



— Só repete para mim por que eu estou aqui no meu único dia de folga mesmo? — Marina resmunga enquanto se arrasta como se tivesse uma bola de ferro acorrentada a seu tornozelo.

— Porque você é uma garota de coração bom, que se preocupa com o próximo e que veio ajudar a terminar o que falta para a inauguração da ONG.

Ela para de andar e me olha como se eu tivesse acabado de apontar seus defeitos.

— E porque tem um cara muito gato aí dentro que você está louca para ver de novo — completo referindo-me ao outro homem que está sempre ao lado dele, no restaurante.

Marina finalmente abre um sorriso imenso e volta a andar.

— Ah, só para constar, eu sou sim uma pessoa muito caridosa — ela diz finalmente apertando o passo.

— Disso eu não tenho dúvidas, Marina. — Sorrio da falta de vergonha na cara da minha amiga. Beijar aquele cara se tornou seu objetivo de vida e ela seria capaz de limpar a escadaria da Penha para conquistá-lo.

O dia passa rápido, a ONG do domingo passado, porém não o me deixa um pouco decepcionada, apenas para vê-lo, mas confesso esse momento na expectativa de tempo ao seu lado. Marina passa a maior parte do dia circulando pelos corredores à “caça” e eu consigo terminar as três salas que me comprometi a pintar.



está ainda mais cheia que no encontro em nenhum lugar e isso não que eu tenha vindo aqui que esperei a semana inteira por poder ficar mais um pouco de

— Ficou tão lindo! — Uma garota chamada Clara diz ao ver minha tentativa de desenhar os personagens de Mauricio de Sousa.

— Obrigada! — respondo mesmo sabendo que ficaram horríveis. — Quer me ajudar? — pergunto a Clara, que se senta ao meu lado e começa a pintar o vestido vermelho da Mônica. Com a ajuda dela consigo terminar a última sala meia hora depois. Ela se mostra uma excelente desenhista e me sinto envergonhada quando ela retoca os outros bonecos, deixando-os com uma aparência um pouco melhor.

Encontro Marina algum tempo depois do lado de fora da ONG, junto com todos os outros que ajudaram a concluir os trabalhos. Ela olha para o palco improvisado que foi montado na frente do prédio, onde dois homens ajudam a colocar uma placa grande bem acima da porta principal com o nome dado ao lugar:

“GRUPO DE APOIO A MULHER E A CRIANÇA LAURA VIEIRA SMITH”

Assim que a placa é fixada no lugar, o moreno bonito por quem Marina suspirou o dia todo pega um microfone e faz um breve discurso agradecendo a cada um que tenha ajudado a equipe a tornar esse sonho possível.

— E como dizia Raul Seixas: “um sonho que se sonha só, é apenas um sonho, mas um sonho que se sonha junto é realidade”. Graças a vocês, o projeto social Laura Smith hoje é uma realidade e contamos com todos para que possamos torná-lo um lugar cada vez melhor.

As pessoas o aplaudem, o deixando nitidamente emocionado. Ele fala bem, e mesmo usando uma calça suja de tinta e com uma atadura em uma das mãos, parece um homem de classe, elegante e inteligente.

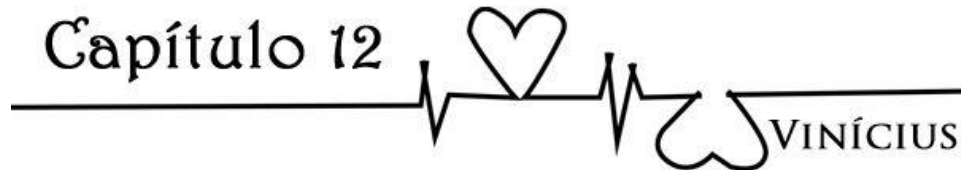
— Hoje, eu falo em meu nome e em nome do doutor Vinícius, que infelizmente não pôde comparecer por causa de uma cirurgia de emergência, embora eu ache que fugiu do trabalho.

— Ele mostra a mão machucada e todos riem. — E em nome de toda a equipe que fez esse sonho acontecer, um muito obrigado especial a Christopher, Gabriel e Clara Smith. — Ele aponta para a garota que estava comigo na sala e para dois homens que estão ao seu lado. — Vocês nos deram a honra de batizar o nosso projeto e foram os primeiros a acreditarem nele.

Houve mais uma salva de palmas e então Christopher Smith, um homem loiro, de olhos verdes intensos e trajando um terno elegante, recebe uma tesoura e todos aplaudem mais uma vez, e então ele entrega a tesoura na mão de quem imagino ser Gabriel Smith, que parece não esperar por aquilo, pois o rapaz nega com a cabeça algumas vezes antes de aceitar a tesoura e finalmente cortar o laço que está na porta principal com as mãos trêmulas. Enquanto ele corta o laço tento imaginar quem tenha sido Laura Vieira Smith. Com certeza, uma mulher importante na vida dessas pessoas nitidamente emocionadas e desejo que seja lá onde ela estiver, que se sinta orgulhosa por estar dando nome a um lugar tão bonito.

Eles se abraçam e se cumprimentam, todos aplaudem felizes por saberem que em meio a toda miséria de um lugar esquecido, uma pequena luz se acende. Uma chama de esperança para um povo que não acredita em mais nada.

Capítulo 12



Bipe... bipe... bipe... bipe...

O barulho constante da máquina já se tornou parte de mim, do que eu sou.

Olho para o meu paciente sentindo um alívio por ter conseguido chegar a tempo de estabilizá-lo. Ele parece frágil e pequeno, diferente do homem robusto e trabalhador que conheci ainda na minha adolescência. Eu não deveria estar aqui, não deveria estar cuidando dele, mas não conseguiria deixá-lo nas mãos de ninguém, preciso saber que foi feito tudo o que a medicina é capaz de fazer por ele e isso só é possível estando ao seu lado como seu médico.

— Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance, Becker. — Dr. Chagas, meu mestre e chefe da equipe de cirurgia do hospital, diz enquanto começa a retirar o avental e luvas sujos de sangue. — O resto não depende de nós — ele diz de forma profissional e balanço a cabeça, concordando com ele, enquanto estendo meus braços para a enfermeira me auxiliar a retirar meu avental e luvas.

Essa é a parte que odeio em ser médico, esperar. Não sei esperar e, embora seja uma ironia para alguém que sabe que o tempo é seu companheiro diário, eu odeio a parte que não me diz respeito. Odeio estar nas mãos do destino, ou de algo ainda mais poderoso que me recuso a crer.



Olho para o relógio, já passa das sete da noite, abro o armário e pego meu celular, há dezenas de mensagens e a grande maioria de pessoas me parabenizando pela inauguração da ONG. O telefone toca antes mesmo que eu consiga pensar e atendo sentado no banco do vestiário enquanto ouço a agitação do lado de fora do hospital.

— *Olá, herói, como você está?* — minha irmã grita ao telefone com uma voz animada.

— Cansado pra cacete — admito, porque só de ouvir a agitação do outro lado da linha já fico com dor de cabeça.

— *Como ele está?* — ela pergunta e conto tudo o que posso deixando de fora a parte técnica, ela suspira aliviada, ele também foi importante para ela, ainda é, já que continua morando na casa dos nossos pais depois que se aposentou depois de uma vida inteira dedicada à nossa família. Porém, antes que ela possa me dizer mais alguma coisa, o telefone é retirado de sua mão.

— *Já pode se juntar aos mortais?* — Denis pergunta com a voz um pouco arrastada pelo álcool.

Tento negar, digo que estou cansado e preciso dormir, mas ouço a voz de meus outros amigos me chamando para comemorarmos em um bar e não posso dizer não.

Assim que chego encontro uma mesa grande cheia com todos que me ajudaram a fazer esse sonho se tornar real, amigos que acreditaram em mim e que hoje estão orgulhosos do que conquistamos. Todos se levantam ao me ver e segurando um copo na mão gritam meu nome em uníssono.

— Ah, por favor! — Sorrio constrangido ao me aproximar e ser recebido por um abraço e um tapa nas costas de Denis.

— Conseguimos, irmão — ele diz um pouco embriagado e emocionado. — Nós somos os fodões.

— Obrigado por embarcar nessa comigo — digo ao meu parceiro desde o colégio e ele volta a me abraçar.

— Estamos juntos sempre, Becker!

Cumprimento um por um antes de me sentar e ser servido de bebida pelas próximas três horas. Falamos alto, rimos muito e contamos histórias de médicos, algo tão tradicional em uma roda de amigos da área de medicina quanto as histórias de pescadores, há quem diga que a grande maioria são mentiras, mas com a quantidade de álcool que corre em nossas veias nesse momento, quem liga?

— Estou muito orgulhosa de você. — Mônica estende sua mão até a minha e sorri, meus olhos se encontram com os seus, lindos, sedutores e tão familiares e sorrio de volta.

— Obrigado — respondo e sinto que as palavras começam a sair com dificuldade. O cansaço não ajuda muito e tenho a sensação de que estou ficando bêbado.



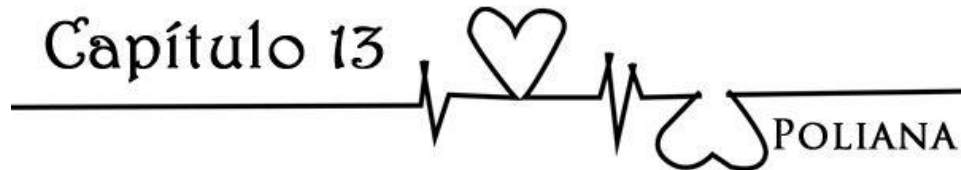
Já passa da meia-noite quando estaciono o carro na garagem do prédio, as luzes se acendem enquanto Mônica me puxa pela mão para o elevador, estou um pouco embriagado, mas totalmente consciente do que estou prestes a fazer e mesmo sabendo que amanhã me arrependerei, essa noite tudo o que quero é comemorar a vida, o recomeço, a esperança. E não há maneira melhor do que nos braços de uma bela mulher.

Mônica e eu nos conhecemos há muito tempo, fizemos faculdade de medicina juntos, namoramos por anos, dividimos o mesmo teto por oito meses e por um tempo acreditei que havia encontrado a mulher com quem eu dividiria minha vida, afinal somos iguais: ambiciosos, esforçados, confiantes, arrogantes... E esse foi o ponto. Somos parecidos demais e com o passar do tempo percebi que ao olhar para ela eu estava me vendo, não havia a surpresa de ver nela algo que não tenho, o confronto da diferença, o aprender a admirar e respeitar aquilo que não sou.

Como médicos, nossas vidas estavam sempre à disposição do primeiro bipe, nosso assunto era sempre acerca do novo artigo médico que saiu, ou sobre uma artéria, ou o colo do útero... éramos dois colegas de trabalho dividindo a mesma cama. E foi quando percebi que o que vivíamos não era um relacionamento e sim uma maneira prática de manter a cama aquecida. No final do ano passado terminamos nosso relacionamento de quase seis anos. Como uma mulher orgulhosa, Mônica concordou quando eu disse que não nos amávamos mais, porém, apesar de não estarmos mais juntos como um casal, o hábito acaba por nos jogar na cama um do outro em momentos como esse.

Ela abre a porta enquanto abre minha camisa, sabemos exatamente o que o outro quer, onde tocar e estimular, anos de prática nos tornaram um pouco mecânicos demais, não há nem mesmo a tentativa de disfarçar que o que estamos fazendo não passa de necessidade fisiológica, sexo entre amigos. Algo que estamos acostumados a fazer, a única diferença é que, dessa vez, enquanto usamos o corpo um do outro para atingirmos o prazer, um par de olhos doces e tímidos invade minha mente, enquanto puxo seus cabelos negros, são cabelos vermelhos como o fogo que aquecem ainda mais meu corpo, enquanto seus lábios percorrem minha pele, são lábios pequenos e sensuais que pinicam meu imaginário... E quando desabo saciado ao lado de Mônica fecho meus olhos envergonhado, pois o nome que grito mentalmente no momento do prazer não é o dela.

Capítulo 13



Que vergonha!

Marina está sentada na minha cama aguardando eu contar a ela quem é o cara por quem estou interessada. Ela já citou pelo menos uns quinze nomes e não passou nem perto do que estou prestes a dizer. Sinto-me como uma garotinha de treze anos que nutre uma paixão platônica por um astro de filme e não como a mulher de vinte e dois anos que eu deveria ser.

— Marina, por favor, não ri da minha cara — digo vendo minha coragem desaparecer a cada segundo.

Já faz cerca de dois meses desde que o vi pela primeira vez, nossa rotina havia se estabelecido de uma forma única, às vezes, enquanto pego seu pedido, conversamos um pouco sobre nenhum assunto em especial, ele sempre me faz rir, corar e também faz a minha população de borboletas aumentar a cada dia e o meu coração... Esse já tenho certeza, nunca mais baterá de maneira correta. Não na sua presença.

Sinto-me boba, leve, livre e, acima de tudo, sinto-me feliz.

Uma felicidade crua, simples e verdadeira. Ele passou a ser o sorriso dos meus dias mais difíceis e mesmo sem saber, é meu motivo para levantar todos os dias.

— Rir da sua cara? E por que eu iria rir? — Sua expressão me deixa nervosa. — Ah, meu Deus! — Ela coloca as mãos na boca. — Não vai me dizer que é o Milton?

— Credo, Marina, que nojo! Claro que não!

Ela dá uma gargalhada e se joga em minha cama.

— Tô brincando, sua boba, eu sei que não é o Milton. — Marina olha para Joana, que está encolhida no canto do quarto. Ela tem medo de Marina, o que comprova que bichos tem um dispositivo interno que os avisam de quem devem se manter longe. — Eu te internaria se fosse, agora fala, fala logo que tô perdendo a paciência.

E eu a coragem! É tudo tão insano, demais até mesmo para Marina. Até ela sabe que ele é um pouco demais para nós. Tanto que até agora ela nem sequer cogitou a possibilidade de ser ele.

— Na verdade, eu não sei nem como te falar isso. — Coço o pescoço me sentindo sem jeito.

— É uma garota? Você está interessada por uma garota... — Ela se levanta assustando Joana, que corre para o banheiro.

— Não, eu não gosto de garotas. Na verdade... Não é nada de mais, eu só... — Coloco o cabelo atrás da orelha.

— Fala logo que você está apaixonada pelo loiro tesudo que frequenta o restaurante — ela termina a minha tortura da pior forma possível e tudo o que eu consigo fazer é ficar ainda mais vermelha.

— Na verdade não é nada de mais — repito. — É só uma paixonite...

Começo a me arrepender no momento em que vejo a expressão na cara de Marina. Depois de respirar fundo ela olha para mim e diz:

— Okay então, se é o gato alienígena que você quer, então vamos trabalhar para isso acontecer.

— O... O quê? — Me surpreendo com sua resposta, eu esperava que ela me chamasse de maluca, que desse risada da minha cara ou que não me desse ouvidos, mas jamais imaginei que ela fosse comprar minha história e bolar um plano. O que é totalmente errado da minha parte. Essa é a Marina, a garota imprevisível.

— Marina, você tá louca? — É a mais retórica de todas as perguntas já feitas, é claro que ela é louca, e eu ainda mais por começar essa conversa com ela. — Eu não tenho a menor chance, sem contar que pareço uma idiota na frente dele. Por favor, nem tente me envergonhar mais do que já estou — imploro me arrependendo amargamente por ter confessado, embora eu não tenha precisado, ela já sabia.

Marina parece não me dar ouvidos. Claro que não. Jogar-me nos braços dele se tornou seu novo objetivo particular na vida, acima até de beijar o seu amigo.

— Se você quer aquele cara, querida, você vai ter que trabalhar duro pra conquistar, além de lindo, ele tem jeito de cara rico e eu não tô falando do tipo de rico que eu tô acostumada a sair, quando eu digo rico eu me refiro a algo próximo do Bill Gates, ou seja lá quem for esses caras ricos que existem por aí.

— Não exagera, Marina. Se ele fosse tão rico, o que ele estaria fazendo no restaurante? — digo tentando não pensar no que ele é de verdade.

— Isso é um mistério, mas que ele é rico, ah, isso ele é. Ele cheira a homem rico. — Marina fica um tempo em silêncio, imersa em seus pensamentos. — Vamos ter que bolar um plano bem legal. Algo que o deixe sem ar e não resista a sua beleza.

Marina se levanta e começa a andar no meio do apartamento de um lado para o outro falando sozinha, e tenho certeza de que isso não vai prestar.

Capítulo 14



POLIANA

Que droga! Eu não consigo acreditar que deixei Marina me manipular dessa maneira.

— Você é linda, Poliana, tem uma beleza exótica, com todo esse cabelo ruivo e essas sardas, mas você precisa ser mais sensual, usar seu charme, principalmente quando for atender eles, coloca a caneta entre os dentes, faz uma cara sexy...

Ela passa o resto da noite tentando me ensinar como seduzir um milionário. Sim, para Marina ele é algum tipo de milionário que está em uma missão humanitária: encontrar a Cinderela talvez...

No fim das contas estou aqui no meio do salão pelo quinto dia consecutivo, me sentindo uma palhaça com a cara toda maquiada e sem saber quando ele voltará. Isso, se ele voltará.

— Nossa, Poli, que produção, tem algum encontro hoje à noite? — José pergunta, me olhando desconfiado.

— Não enche, José. — Marina vem em minha defesa empurrando-o para longe de mim. — Ela não tem que te dar satisfação da vida dela.

Marina e José vivem brigando, na verdade Marina briga, porque o José quase nunca revida suas provocações, e nesse momento ele faz o que sabe fazer de melhor: a deixa falando sozinha.

Ao meio-dia eu posso jurar que todos que estão no restaurante conseguem ouvir meu coração batendo, nunca me senti assim, já não sou mais uma garotinha inocente que nunca beijou alguém. Na verdade, sou uma mulher experiente, experiente demais para saber que isso é uma loucura.

Uma hora da tarde, Marina está observando todos os meus passos como se eu fosse uma experiência científica, o que torna tudo ainda pior.

— Pare com isso, Marina, você está me deixando nervosa — repreendo-a, mas ela ignora.

— Mais! Você está prestes a explodir a qualquer momento. — Marina tenta conter o riso e se afasta com as mãos para cima. Olho para ela e juro para mim mesma que se eu sobreviver a esse dia, nunca mais contarei nada para a Marina, isso é uma promessa.

Faltam vinte minutos para as duas da tarde quando eles finalmente aparecem. Assim que o avisto, o viveiro de borboletas começa seu espetáculo particular em meu estômago e eu me sinto ridícula por saber que Marina está me observando. Como se a minha situação já não fosse constrangedora.

Depois de quase uma semana sem vê-lo tenho a sensação de que sua beleza é ainda mais absurda. Ele usa uma camisa azul-clara que faz com que seus olhos pareçam néon. Seus cabelos claros estão perfeitamente penteados e em seu rosto há uma barba clara e bem curta que parece ter surgido enquanto esteve fora. Assim que ele entra, nossos olhos se encontram e tenho que me esforçar para não baixar a cabeça, meu coração está disparado no peito e minhas

mãos começam a suar quando ele sorri para mim, permitindo que, mesmo por baixo dos pelos que cobrem seu rosto, as covinhas apareçam.

Como estamos sozinhas, Marina serve a mesa deles e fico impressionada com a facilidade com que ela puxa um assunto com o moreno que sempre está com ele, percebo a maneira com que ele a olha quando ela se afasta e tenho certeza de que ele será um alvo fácil para ela, mesmo que seja apenas para uma noite.

Quando eles se aproximam na hora de pagar tento parecer tão natural quanto Marina, mas minhas mãos continuam suadas e um pouco trêmulas.

— Tudo bem? — ele pergunta ao me entregar a comanda.

— Tudo sim. E você?

— Trabalhando um pouco demais para o meu gosto. Mas estou bem.

Tento pensar em algo a mais para falar, mas não consigo e logo a moça ao seu lado chama a sua atenção.

— Você não estava atendendo minha mesa hoje, menina? — O Sr. Álvaro, um dos meus mais antigos e gentis clientes, se aproxima, apoiando-se no balcão, e me entregando a comanda.

— Não, Sr. Álvaro, hoje estou sozinha. — Entrego o troco e ele se afasta guardando o dinheiro, enquanto me observa.

— Tchau, Poliana, até amanhã — o Sr. Álvaro se despede, mas antes de sair ele diz: — Você está muito bonita hoje, menina, gosto de te ver assim, sorrindo.

— Obrigada — respondo sentindo-me corar.

— Sorria mais, você consegue ficar ainda mais bonita quando sorri.

Provavelmente todo o pó que passei em meu rosto não é suficiente para esconder a cor que minhas bochechas adquirem depois disso. Termino de atender seus amigos e eles se despedem enquanto fala no telefone com alguém. Como de costume, ao chegar à porta ele se vira para mim, ainda com o aparelho no ouvido e acena, aceno de volta e observo-o se afastar. Pronto... lá se foi minha doce ilusão. Nunca conseguirei falar com ele novamente, nunca conseguirei que ele me veja como algo além da garçonete do restaurante onde ele almoça casualmente.

Passo o resto da tarde agradecida ao mesmo tempo. Por sei no fundo do meu coração que vontade, além do que eu quero, e para que eu tenha certeza de que



limpando mesas, meio deprimida e mais que eu deseje algo com ele, não posso, está além da minha esse pensamento é o suficiente será melhor assim.

Já estamos fechando o restaurante, quando ouço alguém entrar.

— Marina, você esqueceu-se de fechar a porta?! — grito para ela, que não me responde.

— Marina, você está ficando surda? — repito ainda mais alto saindo da cozinha quando o vejo parado na porta.

— Me desculpe, eu não sabia que já estavam fechando. — Sua voz masculina, grave e sensual faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. — Mas eu precisava te devolver algo, fiquei preocupado, não quis esperar até amanhã, achei que poderia ser prejudicada.

Abro a boca e não sei o que dizer, estou mortificada, descabelada, fedendo a fritura e ele continua gloriosamente lindo como se tivesse acabado de sair do banho.

— O que é isso? — pergunto quando ele me estende um envelope pequeno.

— Hoje de tarde, quando você me deu o troco, me entregou a mais. — Ele passa a mão na barba como se estivesse sem graça. — Eu achei melhor devolver logo.

— Nossa, eu nem percebi! Muito obrigada, eu realmente não sei como isso foi acontecer. — Fico encabulada por ter cometido um erro tão absurdo, eu nunca dei troco errado para ninguém, sempre me preocupo em conferir repetidas vezes e me surpreendo com o tamanho da minha distração.

— Acho que você deve ter ficado encabulada e errou o troco. — Ele coloca as duas mãos nos bolsos da calça em uma postura casual enquanto fala.

— Provavelmente, mais uma vez obrigada!

— Não foi nada, eu estava passando e... enfim, não precisa agradecer.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas olhando um para o outro: eu tentando manter as borboletas dentro do estômago; ele sorrindo como se fosse algo natural ter um homem desse na minha frente todos os dias.

— Vocês estão fechados e eu estou atrapalhando — ele diz olhando em volta.

— Ah, imagina... não está não — tento apagar a lembrança do grito que dei minutos antes.

— Eu preciso ir. — Ele retira uma das mãos do bolso segurando as chaves do carro e se vira em direção à porta. — Sabe de uma coisa? — Ele volta a olhar para mim enquanto ergue uma sobrancelha divertido. — Ele tem razão... Você fica ainda mais bonita quando sorri.

E então ele se vai, antes mesmo que eu possa falar alguma coisa, e tudo o que consigo pensar é que eu devo um agradecimento ao Sr. Álvaro.

Capítulo 15



Estamos sentadas na minha cama, olhando para o envelope como se fosse uma bomba e nós tivéssemos a missão de desarmá-la.

— Se você não ligar, eu ligo. — Ela morde a unha do dedo mindinho, ansiosa para fazer a ligação.

— Eu não vou ligar, claro que não, o que eu vou dizer? — pergunto sem querer ouvir a resposta. Não sei por que ainda faço perguntas para Marina.

— Poliana, às vezes, você me assusta, sabia?

— Por quê? — pergunto sem compreender o que ela quer dizer com isso. Tudo bem, não sou tão liberal quanto ela, e na verdade nunca fui, nem mesmo antes de tudo acontecer, sempre fui tranquila com relação a garotos e, agora, é como se fosse um tabu em minha vida.

— Você é linda, sempre chama a atenção dos caras, mas nunca te vi com ninguém, você se comporta como a minha bisavó centenária — ela me analisa como se tentasse ler minhas feições. — É como se você tivesse medo de homem.

Penso em contar, sinto, às vezes, que se eu contasse a ela, se compartilhasse meus segredos com alguém eles se tornariam mais fáceis de carregar. Mas não quero ser julgada, não quero que ela me olhe de maneira diferente da qual ela me olha agora, não quero que ela pense que provoquei, que facilitei as coisas, não tenho intenção de responder perguntas que não podem ser explicadas, porque há coisas na vida que não tem explicação. Minha vida é uma delas, e se existe uma coisa que eu aprendi é que, por mais que se diga o contrário, no fim das contas a verdade que vai perdurar é: a culpa é sempre da mulher.

Levanto-me da cama sentindo-me mais nervosa do que quando ele apareceu hoje cedo no restaurante, me entregando o envelope. Volto a olhar para o pequeno pedaço de papel que estava junto do dinheiro. Observo sua letra confusa, porém forte e bem marcada e sinto meu estômago embrulhar ao reler pela milionésima vez o que está escrito nele.

Desculpe o atrevimento. Eu adoraria que você me ligasse. Um abraço, Vinícius.

— Eu não tenho crédito, nem mesmo assunto para falar com ele. — Olho para a garota ruiva no espelho, passo a mão em meus cabelos, esfrego-as no rosto, deixando-o vermelho e evidenciando as sardas. Passo as mãos em meu pescoço e descanso-as em meu colo. Mesmo vestida consigo ver exatamente o lugar onde estão as marcas da minha vergonha, fecho os olhos imaginando o que um homem como aquele poderia querer com uma mulher como eu, e antes mesmo que eu consiga concluir um pensamento lógico estremeço de medo. Eu não posso fazer isso. Eu não consigo, nem mesmo com ele, principalmente com ele.

— Eu não vou fazer isso. Chega, a brincadeira acabou. — Viro-me e encontro Marina me olhando com uma cara muito feia. — Deus do céu! Eu nem ao menos tenho uma roupa decente para sair com um homem desses, Marina — justifico.

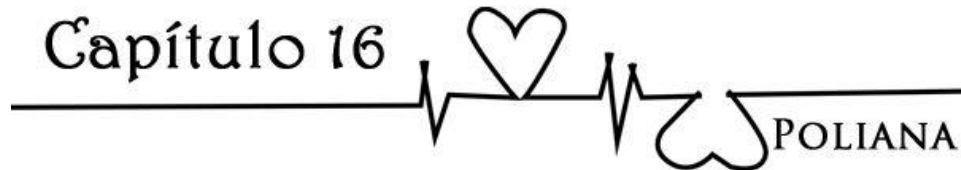
— Tolinha, e quem precisa de roupas para sair com um homem desses. — Ela suspira e eu reviro os olhos.

— Isso não é brincadeira. Eu não vou ligar. — Recolho o envelope com o bilhete de cima da cama, amasso tudo e jogo no lixo, depois volto e recolho rasgando-o em vários pedaços e jogando na privada dando descarga depois. — Pronto! Problema resolvido.

— Muito maduro da sua parte, Poliana Nascimento — Marina diz, balançando a cabeça em reprovação.

Tento não me importar com sua opinião e mesmo depois que ela vai embora eu não consigo me acalmar, a noite está quente demais, minha cama parece estar coberta de espinhos e eu simplesmente não consigo relaxar, sento no chão com Joana em meus braços, observo minha imagem no espelho, o rosto pálido, os cabelos vermelhos espalhados para todos os lados como labaredas ardendo na noite. Tento evitar, mas as lembranças me levam de volta para um lugar de onde eu gostaria de nunca mais lembrar.

Capítulo 16



Um ano atrás...

Quando é que as coisas começaram a perder o controle? Quando foi que me anulei dessa forma para ser o que ele queria que eu fosse?

Tento me lembrar do momento exato, mas não consigo. É algo que acontece sutilmente, pouco a pouco, tão devagar que não notamos onde começa a ficar irreversível.

Quando foi que as festas deixaram de ser apenas festas inofensivas? Quando foi que ele começou a beber acima do normal? Quando foi o primeiro porre? A primeira briga? A primeira vez em que não senti prazer em estar em seus braços? Quando foi que o nosso amor começou a se tornar medo?

Por mais que eu tente, eu não consigo encontrar a ponta desse emaranhado que se tornou minha vida nos últimos meses. Meus olhos estão carregados de lágrimas, que insistem em querer cair. Mas eu não vou chorar, eu havia prometido a mim mesma que não choraria. Eu não vou. Não agora. Não por ele.

Coloco as roupas apressadamente na sacola, não há muitas e logo termino fechando-a com certa dificuldade. As lembranças do dia em que essa se tornou a nossa casa, o nosso lugar especial, faz com que as lágrimas se acumulem ainda mais, fazendo com que se torne difícil enxergar algo à minha frente. A porta é aberta com violência no momento em que pego minha bolsa, ele grita meu nome enquanto ouço seus passos, ele entra no quarto e de onde estou já posso sentir o cheiro de bebida.

— O que é isso? — ele pergunta na porta do quarto apontando para a minha mala.

— Eu estou indo embora. — Seguro a bolsa junto a mim e não olho para ele tentando não me deixar afetar.

— O quê? — Ele se aproxima, balançando a cabeça, como se deixá-lo fosse algo absurdo. — Você não está falando sério, não é?

Odeio sua voz, odeio o fato de não ter forças para dizer a ele tudo o que quero, e me odeio por não conseguir olhar em seus olhos.

— Eu te avisei que não aceitaria isso novamente, eu não quero participar das suas coisas, estou indo embora e você não pode me impedir.

Ele caminha até mim, seus olhos negros parecem desfocados e ele cambaleia um pouco, tenho certeza de que não é apenas o álcool que corre em suas veias e não consigo evitar tremer. Ele passa um dedo em meu braço causando um arrepio assustador em minha pele.

— Você não vai a lugar nenhum. — Ele encosta seus lábios em meus cabelos e sussurra em meu ouvido: — Você não vai à porra de lugar nenhum, ruiva.

— Você não pode me impedir — digo de olhos fechados e envergonhada quando sinto a umidade das lágrimas molharem meu rosto.

— *Aí é que você se engana. — Ele se afasta olhando para mim e odeio por permiti-lo ver minhas lágrimas. — Eu sou o único que decide aonde você vai e quando. — Ele arranca a sacola de minha mão e joga- a com força na parede, observo quando minhas roupas se espalham pelo chão e tento não aparentar sentir medo. Mas estou apavorada. — E eu decido que você não vai à merda de lugar nenhum. — Ele segura meu braço com força enquanto continua me olhando. — Nem agora e nem nunca.*

— *Me solta, Márcio — falo baixo e me surpreendo com a tranquilidade com que as palavras saem dos meus lábios. — Você está me machucando.*

— *Não... Eu ainda não te machuquei — ele diz com o tom de voz que odeio, aquele que diz que algo ruim vai acontecer. — Mas estou bem tentado a fazer isso.*

— *Me. Solta — repito pausadamente, puxando meu braço de volta.*

— *Você é minha! — ele grita fazendo com que eu perca o equilíbrio. — Minha! Você está me ouvindo?*

— *Nunca mais me toque — digo ao conseguir me afastar e sinto o calor da sua mão em meu rosto assim que termino de falar. O impacto me faz perder o equilíbrio e caio no chão, ele se abaixa puxando-me novamente com força e fazendo com que eu comece a chorar de verdade.*

— *Você é minha e eu não vou deixar você ir a lugar nenhum. — Ele segura meu rosto em suas mãos. — Eu preciso de você aqui. Ao meu lado. E isso está fora de discussão.*

Coloco a mão no meu rosto, sentindo a familiar sensação de queimação causada por suas mãos em mim, é nesse momento em que ele me toca que sinto que não tenho salvação, sei que não há maneira de sair desse lugar, ao menos não com vida e, enquanto olho para o rosto do homem que passou de meu namorado para meu agressor, tento mais uma vez descobrir quando foi que tudo começou. Será que foi realmente no primeiro tapa? Ou foi antes? Na primeira vez em que ele me pediu gentilmente que trocasse a roupa que estava usando? Ou quando me obrigou a fazer sexo mesmo sem querer, porque eu não deveria me negar a isso ou ele procuraria outra? Talvez tenha sido no momento em que o permiti me beijar pela primeira vez, deve ter havido ali algum sinal que demonstrasse o monstro que habitava sua alma e que se escondia. Eu fui a única que não enxerguei.

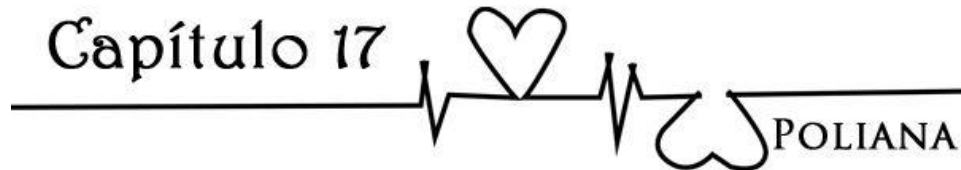
Ele sempre esteve ali... sempre.

— *E arruma essa bagunça, eu odeio bagunça e você sabe. — Ele se levanta passa a mão por seus cabelos e tenta se recompor, respira fundo e sai do quarto como se já estivesse tudo resolvido, como se eu realmente fosse a sua propriedade e não tivesse direito de decidir sobre a minha vida.*

Encolho-me no chão sentindo meus braços arderem pelo aperto, meu rosto pulsar com a força com que ele me bateu e a vergonha me machucar de uma forma que nenhuma agressão física pode ser capaz de alcançar. Sinto que estou prestes a vomitar, deito abraçando-me e olhando para as roupas espalhadas no chão. E então eu choro, um choro que vem da alma. E nesse momento, enquanto tenho certeza de que nunca serei capaz de me livrar dele eu faço uma promessa a mim mesma.

Nenhum homem jamais me tocará novamente.

Capítulo 17



Estou agitada, nervosa e irritada comigo mesma. Depois de um fim de semana horrível, cheio de más recordações e recriminações sobre o rumo em que estou levando minha vida, dou graças a Deus por poder estar de volta ao trabalho. E trabalho muito. Doze horas por dia, mas, ainda assim, no fim do dia, as lembranças ruins insistem em me atormentar.

São semanas como essa que me fazem ter certeza de que ainda não estou preparada para um relacionamento, caso de uma noite, ou seja lá o que ele deseja de mim. Não tenho nada para oferecer a ele, absolutamente nada.

Na sexta-feira estou no limite da exaustão, tão cansada que não tenho mais forças para discutir com Marina que parece ter acordado ligada no 220 e está falando a mais de meia hora sem parar sobre os motivos para que eu dê em cima de Vinícius. Ela precisaria falar por mais umas três vidas para me convencer de algo.

— Você é muito teimosa, Poliana, desse jeito ele não vai te convidar nunca para sair — Marina fala enquanto abre mais um botão do meu uniforme.

— Desse jeito, a única coisa que vou conseguir é ser convidada para participar de um concurso de drag queen — respondo asperamente enquanto fecho o botão que ela abriu e começo a limpar meu rosto. — Já chega, Marina!

Marina sai batendo a porta e eu esfrego o algodão com força em meu rosto deixando-o vermelho. Termino de me arrumar e vou até a porta incapaz de abri-la. Maldita a hora em que resolvi permitir que Marina me desse dicas de sedução, agora estou aqui dentro do vestiário nervosa, irritada, e sem conseguir me mover pensando na “lei da atração inconsciente”.

— Você nunca ouviu falar na lei da atração inconsciente? — ela pergunta enquanto vasculhava minha gaveta de calcinhas esta manhã.

— Lei do quê? — Tiro meu conjunto de renda cinza de suas mãos e guardei de volta no lugar.

— Lei da atração inconsciente — Marina repete como se fosse algo que qualquer aluno do colégio aprende na aula. — Quando você usa uma lingerie sexy atrai os olhares masculinos, mesmo que eles não saibam que você está usando aquilo. — Ela volta a pegar meu sutiã nas mãos colocando-os na frente dos seus seios.

— Não, ainda bem que eu nunca ouvi esse tipo de bobagem antes, e mesmo que fosse verdade, eu jamais iria trabalhar dessa maneira, não quero atrair os olhares errados para mim, já basta o que a gente tem que ouvir diariamente com esse uniforme ridículo e fedorento.

— Veja pelo lado bom — ela insiste. — Ele vai enlouquecer quando te vir.

— Ele é o careca barrigudo que se senta à mesa cinco também — diz guardando minha lingerie mais uma vez e fechando a gaveta. — Chega de besteiras Marina! Pra começar, ele não tem visão de raios-X; e, em segundo lugar, você nem sabe se ele virá.

— Eu tenho certeza de que o glorioso extraterrestre vem e se você não colocar uma lingerie bonita vai se arrepender depois.

— Você é maluca.

— Não, senhora, sou bem informada, é diferente!

Sim, ela é maluca! E eu mais ainda porque deixei que ela me fizesse usar a lingerie, só para ela parar de falar.

Finalmente consigo criar coragem e sair do vestiário, prometo a mim mesma que assim que chegar em casa jogarei essa lingerie fora e nunca mais entrarei nas ideias de Marina, e digo a mim mesma que nada de mais vai acontecer, essa coisa de lei da atração não existe, é coisa da cabecinha maluca de Marina. No caminho até o salão percebo que estou sendo observada em silêncio.

— O que foi? — pergunto envergonhada como se todos soubessem o que estou fazendo. Ou melhor, o que estou usando.

— O que você fez com a Poliana? — José pergunta em tom de brincadeira enquanto me encara de perto.

— Não enche o saco, José, ainda tá muito cedo pra isso.

— Adorei o cabelo, Poli! — grita Carlos da cozinha e me sinto cada vez pior.

— Obrigada, Carlos! — grito de volta com um sorriso bobo nos lábios e impressionada com o que um secador de cabelos e um conjunto de lingerie podem fazer com uma garota. Talvez Marina não seja tão maluca como eu penso.

Ela se aproxima de mim segurando minhas mãos suadas de nervosismo e vergonha.

— Você é a garota mais linda que conheço, Poliana, olha para essa boca. — Marina toca meus lábios. — Olha esses olhos dourados. Essa pele branquinha cheia de sardas... Ele vai ajoelhar aos seus pés até o fim do dia, escuta o que eu tô falando.

Penso em explicar a ela que não é esse o problema, que não preciso de alguém ajudando a levantar a minha autoestima, que ser bonita para mim não é algo do qual eu me orgulho e que me sentir sexy é quase tão ruim quanto estar doente. Talvez seja pior. Abro a boca para argumentar, mas desisto antes de começar.

— Obrigada, Marina. — Sorrio para ela que pisca para mim antes de ir atender aos primeiros clientes do dia.

Meio-dia.

O horário do almoço finalmente começa. Como imaginei, aquela lingerie desperta a atenção de quem eu não queria. Ouço duas gracinhas, que prefiro fingir que não foram para mim, e recebo três gorjetas bem generosas.

Sei que não estou fazendo nada errado, sei que receber gorjetas não é o mesmo que suborno, mas no momento em que o dinheiro deles chega até mim me sinto suja, como uma mercadoria, como se eles estivessem pagando pelo direito de me olharem, de soltarem gracinhas e, quem sabe, me tocarem.

Esse pensamento me causa repulsa e preciso me controlar para não explodir e agredir um cliente, que na verdade só está querendo ser gentil. Mas acontece que sou uma mulher ferida, meu corpo, minha aparência são como armas que, durante a minha vida, foram usadas apenas para me machucar.

Uma hora.

Tento não ficar muito ansiosa, tento controlar o impulso de ir até o vestiário e tirar essa lingerie que está me incomodando de todas as maneiras que é possível uma roupa íntima incomodar uma pessoa como eu.

Duas da tarde.

O horário de almoço chega ao fim quando finalmente eles chegam.

Ele é o último a entrar, nossos olhos se encontram no mesmo instante e ele abre um lindo sorriso para mim, as borboletas se lançam em meu estômago e tenho a impressão de que elas também gostariam de sorrir para ele tamanha é a agitação dentro de mim, consigo sorrir de volta, tentando me manter calma sem parecer patética. Vou até a mesa deles mantendo a cabeça erguida e o sorriso no lugar, tento não pensar que há uma calcinha minúscula querendo entrar em mim e que meus seios parecem que vão pular a qualquer momento em meu sutiã meia taça.

— Boa tarde, posso ajudá-los? — Aperto a caneta no bloquinho de anotações para que ele não note que estou tremendo.

Ele me olha de uma maneira especial, como se esse tipo de formalidade fosse necessário. Talvez não seja, afinal de contas ele me deu seu telefone, aquele para o qual eu não liguei, mas que está gravado na minha memória para sempre.

— Oi, voltou para o salão?

— Pois é, voltei — tento parecer casual, embora eu sinto que começo a pegar fogo quando sua perna toca a minha sem querer.

Pego os pedidos de todos e vou em direção à cozinha, evito olhar para Marina, mas posso sentir o seu sorriso perverso durante todo o caminho.

Quando estou voltando para o salão, um homem entra no restaurante, seus olhos agitados olham em todas as direções como se buscasse por alguém. Vou ao seu encontro para oferecer ajuda, e assim que me aproximo ele segura meu braço, aproximando-me de seu corpo.

— Onde está ele? — ele pergunta, seu aperto em meu braço é forte e começa a me machucar no local onde seus dedos me pressionam. Meus instintos se acendem e começo a tremer, sua mão aperta meu braço e ele volta a falar: — Onde está o filho da puta?

— O senhor está me machucando. — Tento me desvencilhar, mas tudo o que consigo é fazer com que ele me aperte mais. — Quer fazer o favor de me soltar? — Minha voz sai um pouco mais baixa por conta da dor que sinto no braço e tento manter a calma, mas tudo o que consigo fazer é não chorar.

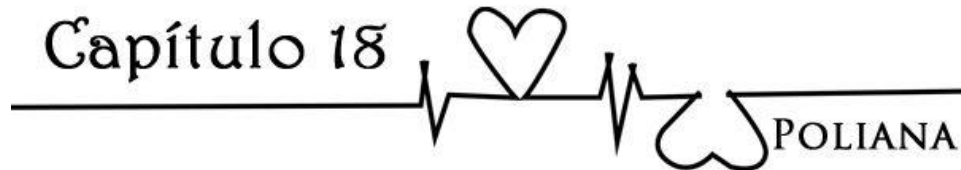
Ele não me solta, claro que não. Ao contrário, me leva em direção ao balcão ainda repetindo a mesma pergunta. Olho ao redor do salão, mas ninguém percebe o que está acontecendo, procuro os olhos azuis dele, como se ele pudesse me ajudar de alguma forma, mas ele está de cabeça baixa entretido em alguma coisa no celular e não faz ideia do que está acontecendo nesse momento. Embora, na verdade, nem eu mesma saiba.

— Não me irrite, garota. — Ele chacoalha meu braço me fazendo gemer de dor e as lembranças explodem em minha mente. É como reviver um pesadelo, mesmo que nas mãos de outro carrasco. — Meu assunto é com aquele desgraçado, diga logo onde ele está, não quero descontar em você, só me diga onde ele está.

O homem parece bastante nervoso e repete mais uma vez que não quer me machucar. E eu sei que essa é a frase mais usada quando alguém quer machucar. É a frase preferida dos covardes.

— Acontece que o senhor já está me machucando — digo a ele no momento em que o sinto encostar algo duro e gelado em meu corpo, não preciso me virar para saber que se trata de uma arma. Eu a conheço melhor do que gostaria, e tento não sufocar quando as lágrimas disparam em meus olhos, escorrendo por meu rosto e estragando a minha maquiagem.

Capítulo 18



— Milton! — tento gritar, mas minha voz não sai.

José, que está na porta da cozinha, percebe que algo está acontecendo, o homem mantém-se próximo do meu rosto e seu hálito denuncia que, além de armado, ele está bêbado. E então a percepção dos fatos se faz clara em minha mente e compreendo o que está acontecendo.

É ele. O marido traído.

Ele finalmente veio atrás do Milton, agora consigo sentir com clareza a sua fúria, consigo entender o desespero e a ansiedade. Ele não é um ladrão, ele é apenas um homem com seu orgulho ferido que deseja lavar a sua honra com o sangue do desgraçado do meu gerente.

E eu sou a azarada que está no meio do seu caminho.

— O que diabos está acontecendo aqui, Poliana? — Milton surge ao lado de José, irritado com a confusão na porta da cozinha; e, quando ele me vê na companhia do marido de sua amante, a cor desaparece de seu rosto.

— Que porra é essa?! — ele grita fazendo exatamente o contrário do que deveria. — O que você está fazendo com minha funcionária?

Milton dá um passo à frente me surpreendendo, já que eu tinha certeza de que ele fugiria pela porta dos fundos no momento em que visse o homem. Ele segura meu braço direito, puxando-me para si e encarando o homem nos olhos.

— Solte a garota! — Milton ordena recebendo finalmente minha admiração. Por fim, ele não é tão covarde como imaginei. — Ela não tem nada a ver com isso, seu assunto é comigo.

O homem atrás de mim transpira tanto que seu suor impregna em minha pele se misturando com o hidratante de morangos silvestres que Marina exigiu que eu passasse de manhã antes de sair de casa. Sua risada me dá calafrios, e tudo o que consigo pensar é naquela arma em meu corpo e em sua mão que está a ponto de decepar meu braço. Estamos tão próximos que eu posso sentir seu nervosismo, e um mau pressentimento me deixa apavorada. Isso não vai acabar bem.

— Sim, meu assunto é com você, seu desgraçado, maldito! — ele cospe as palavras cheias de ódio e a cada uma delas meu coração perde o ritmo. — E será rápido e definitivo — ele diz, puxando-me mais uma vez. Começo a temer por Milton, nunca morri de amores por ele, mas também não desejo a sua morte, pelo menos não na minha frente e, principalmente, comigo participando dela. Tá, tudo bem, eu desejei algumas vezes... mas era brincadeira. É castigo, só pode ser, estou sendo castigada e na melhor das hipóteses morrerei junto.

— Solte a garota e a gente conversa lá fora. — Milton puxa meu outro braço como se eu fosse um cabo de guerra.

Ele se aproxima cada vez mais de nós dois e eu imagino que todos no restaurante já tenham percebido que está acontecendo alguma coisa. Agradeço a Deus por não conseguir me

virar, eu não conseguiria olhar para o salão e a última coisa que eu quero ver são seus olhos azuis.

Eu estou prestes a morrer... e não liguei para ele.

Eu deveria ter ligado. Eu deveria ter passado por cima dos meus medos e traumas, deveria ter me dado a chance de beijar aquele homem, ao menos morreria feliz, pois tenho certeza de que ele será meu último pensamento. Mas agora estou aqui, no meio de uma briga que não é minha, sendo usada como escudo humano por um homem nojento que fede a bebida e ainda por cima usando meu conjunto de lingerie nova. Começo a choramingar sem me importar se estou sendo medrosa. Eu estou mesmo sendo muito medrosa. Tem uma arma apontada para minhas costas, dois homens alterados disputando quem fica comigo e eu estou apavorada.

Os gritos se misturam, a agitação aumenta, meu corpo é puxado de um lado para o outro. Sinto a tensão aumentar, vozes acaloradas se xingarem, sinto o cano da arma machucar meu corpo a cada vez que sou arremessada e então tudo para. O silêncio assustador inunda o local, vejo claramente o momento que antecede o fim. O momento em que minha vida acaba. O momento em que não sou capaz de pausar.

Carlos se aproxima pela lateral direita, ele olha para o homem de relance e acena levemente com a cabeça, seu movimento é tão sutil que o homem traído não percebe, então Carlos avança para cima dele nos empurrando com toda a força. Com o impacto, o cara, que já estava nervoso, se sente acuado e então se dá início ao meu fim.

Ele dispara.

— Nããããoooooooo! — É o grito que rasga o silêncio como um soco em meus ouvidos.

No momento em que somos jogados para o chão, o barulho do tiro assusta as pessoas, que se desesperam e começam a gritar. Carlos e Milton se jogam em cima de nós e não consigo ver mais nada, apenas sinto um calor intenso no lado esquerdo do meu corpo. Tento me mover, mas meu corpo se recusa a sair do lugar, José entra em meu campo de visão, segurando meu rosto em suas mãos, seu olhar é desesperado e ele tenta me acalmar, acariciando minhas bochechas.

— Poliana! — Sua voz está carregada de tensão. — Ela foi atingida! — José grita para a confusão. — Jesus Cristo! Por favor, alguém chame um médico. — O desespero é percebido em sua voz.

— Poli! — Marina grita ao se abaixar ao meu lado segurando minha mão. — Puta merda! Mas que diabos aconteceu aqui? Não era isso que eu queria dizer quando mandei você chamar a atenção, Poli — ela tenta brincar, mas seus lábios estão sem cor e seus olhos fixos nos meus estão assustados.

José se afasta deixando-me com Marina. Tudo está rápido e alto demais, e eu me sinto cada vez mais longe, como se meu corpo estivesse sendo sugado para dentro de um buraco negro.

Então é assim? Isso é morrer? Sem dor, sem medo, sem nada... Apenas uma confusão a minha volta enquanto minha alma se despede dessa vida que nunca foi lá grande coisa. Exceto por certo par de olhos azuis que a essa altura já deve estar lá fora, protegendo-se.

Se eu ao menos tivesse ligado para ele...

Capítulo 19



Olho para meu mais novo objeto de adoração pela milionésima vez no dia.

Ela não vai te ligar, Vinícius.

É o que estou repetindo para mim durante todo o dia. Sim, eu sei, ela não vai ligar para mim. Mesmo assim continuo olhando para o aparelho como se ele pudesse ouvir o meu pedido silencioso. Quando voltei naquele restaurante com a desculpa de que ela havia errado o troco só para dar a ela o meu número de telefone achei que seria uma boa ideia, mas agora, enquanto estou aqui olhando para o celular como se uma mágica pudesse acontecer, sinto que eu deveria ter sido mais direto e tê-la convidado para sair. Mas eu não tive coragem. E se ela dissesse não?

— O que você está fazendo aqui? — Mônica entra na brinquedoteca e cruza os braços enquanto me olha sentado no chão.

— Nada, eu só vim aqui pegar uma coisa.

Ela olha em volta tentando imaginar o que um homem poderia estar procurando dentro de uma sala que parece ter sido pintada por uma criança de cinco anos de idade.

— Estamos te esperando para começar a reunião — ela diz ignorando o fato de eu estar mentindo.

— Já estou indo.

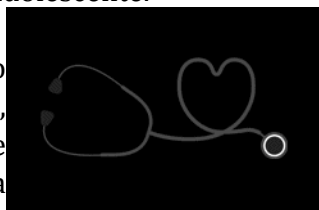
Ela se vai e fecho os olhos sem compreender o motivo de me sentir frustrado só porque uma garota não me ligou. Ela pode ter perdido o número, pode ser casada ou ter alguém, ela pode me achar um babaca, afinal de contas que espécie de homem manda um bilhete com seu número de telefone para uma garota?

Olho em volta, me prendendo por algum tempo na árvore de copa esquisita que tem uma coloração ainda mais estranha, relembro o momento em que passamos juntos, as coisas que falamos e o que não foi dito, o seu sorriso bonito, a maneira como seu pescoço me parecia tão sexy, o quanto me senti bem ao seu lado e penso. Eu me tornei um de homem que está completamente obcecado por uma mulher que desenha árvores esquisitas.

Saio da sala colorida e tento desligar minha mente dela.

Passo os próximos dias entre reuniões, planilhas de gastos e um livro sobre doenças cardiovasculares. No fim do dia estou tão cansado que tomar banho já se torna uma tarefa difícil, e ao me deitar na cama tenho apenas uma coisa em mente. Amanhã eu vou falar com ela. Chega de me comportar como um adolescente.

Quando entro no restaurante sua primeira coisa que vejo sempre, fazendo, ela é como meu ponto de encontro assim que entro. Dessa vez não foi diferente, a não ser pelo fato de que sinto uma sensação



restaurante seu sorriso é a não importa o que eu esteja luz em meio à noite, eu sempre a vez não foi diferente, a não ser pelo estranha ao vê-la. Uma expectativa

nova, uma ansiedade diferente de tudo o que já vivi. Hoje falarei com ela, a convidarei para sair, se ela for casada ou não estiver interessada eu acabo com isso hoje, mas não ficarei mais um dia vivendo com essa agonia. Está tudo planejado na minha cabeça, menos o momento em que eu conseguirei falar com ela a sós. Isso é quase impossível já que estamos sempre cercados de pessoas. Ela nos atende e não consigo não olhar para ela, seus cabelos ruivos emolduram seu rosto de porcelana e ela parece mais iluminada hoje, noto que outros homens a olham quando ela passa, inclusive um deles fala algo grosseiro, tento conter minha vontade de defendê-la, mas ela olha feio para o homem, que se encolhe e sorrio satisfeito. Denis e Melissa falam sobre nossa planilha de horários enquanto estou perdido em pensamentos, estarei fora na próxima semana e isso significa sete dias sem vê-la. Preciso criar coragem e falar com ela hoje.

E é quando ouço um som abafado. Um tiro.

Olho em volta e tudo o que consigo ver é a agitação no salão, pessoas gritando e correndo em direção à porta. Por um segundo nenhum de nós três se mexe, faz parte da nossa essência, onde há o perigo há vidas em risco. Onde há vidas em risco, nosso instinto grita para correr até lá. Os médicos, assim como os bombeiros, correm de encontro ao perigo assim que se depara com ele. E é isso que fazemos.

Sinto meu coração disparar, a adrenalina correndo em minhas veias, e vejo a mesma reação nos rostos dos meus amigos. Melissa se levanta e vai até a porta, Denis pede que se acalmem e saiam tranquilamente, mas ninguém nos ouve. Levanto e busco por ela em toda a parte, mas não a encontro. Ela é esperta, sei que logo estará fugindo junto com os outros. É o que eu espero. Os gritos se misturam com cadeiras derrubadas e o caos está instalado.

Ouçó um pedido de socorro e, como se um botão fosse acionado em meu corpo, corro no sentido oposto a saída. Um rapaz pede ajuda apontando para o chão, do outro lado do balcão. Sem pensar em nada pulo o balcão, a adrenalina me impulsiona mais alto e quando aterrisso do outro lado sinto minhas forças escaparem de mim. Sinto finalmente o medo me encontrar, sinto o momento em que o médico frio e treinado dá lugar ao homem apavorado.

É quando a vejo, deitada no chão, o olhar assustado buscando por socorro, as mãos pressionando o lugar onde ela foi atingida, os lábios sem cor abertos em um pedido silencioso de ajuda.

E então percebo que nenhum livro, treinamento ou até mesmo anos de experiência me prepararam para isso.

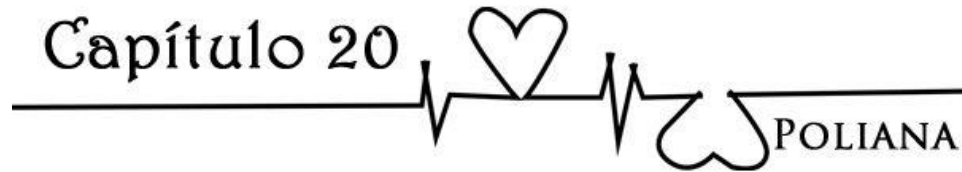
É ela deitada.

É ela ferida.

É ela que precisa de socorro.

E sou eu quem vai socorrê-la.

Capítulo 20



POLIANA

Não sei quanto tempo se passa, um minuto, uma hora... não faço ideia. A única coisa que consigo fazer é respirar e não chorar, me concentro na queimação e na sensação de estar ficando molhada. Será meu sangue? Não tenho coragem de me mexer, tenho medo do que vou ver e estou começando a ficando zozona.

Marina pede para que eu fale com ela, mas não consigo, estou ficando sonolenta e o medo parece me sufocar. Ela acaricia meus cabelos dizendo que a ajuda está chegando, mas ela não chega e a calma que sinto me assusta. Eu estou morrendo.

— Pode me dar licença? — Uma voz imperativa chama a minha atenção e logo Marina se afasta. E então eu o vejo. Tão lindo que eu poderia jurar que se trata de um anjo, o anjo da morte que está aqui para me levar. E eu adoraria ir com ele. Nesse momento é tudo o que eu mais quero.

— Você pode me ouvir? — ele fala baixinho enquanto se aproxima. — Mova a cabeça se você está me ouvindo, por favor, Poliana.

Ele fala meu nome como se fôssemos amigos, me esforço para balançar a cabeça e ele sorri para mim. Suas mãos fortes percorrem meu corpo, e estremeço com a ideia de tê-las sobre mim. Nunca, em todas as noites em que passei acordada sonhando com suas mãos, jamais imaginei que elas viriam me tocar, muito menos dessa maneira. Tenho vontade de chorar, não quero que ele me veja, não quero que ele me toque. Abro a boca prestes a pedir para que ele pare, mas ele não me olha, porque sua atenção está em meu corpo e fecho meus olhos desejando que a morte seja mais rápida.

Quando ele encontra o local onde fui ferida, sinto o calor de sua mão na região.

— Poliana? — ele me chama e abro os olhos. — Vou virar você bem devagar agora, preciso te ver, ok? — Sua voz é baixa e calma, como se não houvesse mais nada no mundo além de mim e dele. Concorro com a cabeça mais uma vez e ele sorri novamente. Uma de suas mãos circula minha cintura e a outra envolve meu pescoço com delicadeza, ele conta até três e me vira lentamente, tentando me levantar do chão. Grito de dor no momento em que ele me move, sinto como se estivesse sendo rasgada, a minha respiração começa a falhar e me seguro em seu braço, como se assim pudesse evitar o que está prestes a acontecer. Ele me coloca de volta no lugar apoiando minha cabeça em seu peito.

— Shhhhh, tudo bem, tudo bem. — Ele me acalma acariciando meus cabelos enquanto eu tento absorver a dor. — Vai ficar tudo bem, eu sei que está doendo, mas vai ficar tudo bem. — Seus olhos azuis se encontram com os meus e eles são tão suaves, tão confiantes, que por um momento eu acredito nele.

— Como ela está? — seu amigo pergunta, ajoelhando-se ao seu lado.

— Acho que atingiu um órgão.

— Verificou a ferida? — ele pergunta tranquilamente enquanto me analisa da mesma forma que Vinícius.

— Estou tentando, ela está perdendo muito sangue. — Vinícius volta a olhar para mim com um olhar tranquilizador, como se estivesse tentando me enganar. — Já ligaram para a emergência? — ele pergunta ainda com seus olhos presos em mim.

O rapaz me olha com o mesmo olhar tranquilo de Vinícius, é como se eles não conseguissem compreender a gravidade de ter alguém baleado em suas mãos. Como se já estivessem habituados a isso.

— Já, cerca de dez minutos — ele diz e se levanta. — Eu já volto. Vou ver se tem mais alguém machucado. — Ele se afasta e novamente ficamos apenas eu e Vinícius. Tento manter meus olhos nele, mas minha visão começa a ficar turva, como uma névoa que me confunde, fazendo com que tudo se pareça com um sonho.

— Eu vou morrer — sussurro para ele com a certeza de minhas palavras. Já assisti filmes o suficiente para saber que a chance de alguém sobreviver a um tiro é baixa. Só não entendo porque ainda estou acordada, e o mais impressionante, porque estou tão tranquila.

— Ninguém vai morrer aqui — ele diz com convicção. — Agente só mais um pouco, eu estou com você, logo a ambulância vai chegar e você será levada para o hospital, vai ficar tudo bem.

Eu adoraria acreditar em suas palavras, mas sei que vou morrer em seus braços, com meu conjunto de lingerie novo manchado de sangue e seus olhos azuis aquecendo meu coração.

Seu amigo volta trazendo consigo uma tesoura e um pedaço de pano e, em seguida, ele se abaixa entregando a tesoura nas mãos de Vinícius.

— Tem mais alguém ferido? — ele pergunta enquanto me deita no chão.

— Não, Melissa está verificando, mas aparentemente só ela foi atingida.

Vinícius concorda com a cabeça e novamente se vira para mim.

— Eu preciso te ver, Poliana, vou rasgar sua roupa, tudo bem? — Ele aguarda com a tesoura na mão até que eu confirme. Eu não quero que ele me veja, mas sei que ele fará isso mesmo que eu não permita, então balanço a cabeça e fecho os olhos.

Sinto quando meu uniforme se desfaz e meu corpo é tocado pela lâmina fria da tesoura, ele é cuidadoso, muito delicado e preocupado, o tempo todo fala comigo, como se soubesse exatamente o que está fazendo, e em suas mãos me sinto calma e segura. Quando por fim ele consegue tirar todo o uniforme, seus olhos vão direto para o meu machucado, suas mãos suaves e grandes cobrem todo o meu corpo, me dando o calor de que tanto preciso. E nesse momento a vergonha me consome. Agora ele está me vendo, agora ele conhece minhas marcas, agora ele sabe.

Uma lágrima escorre em meu rosto, não é de dor, ou medo, é de vergonha, humilhação, tristeza.

Nesta manhã, quando coloquei meu conjunto de lingerie, eu jamais imaginei que ele seria visto, principalmente por ele, e neste momento, enquanto estou deitada em seus braços, vestindo apenas duas minúsculas peças, banhada em meu próprio sangue, elas são as últimas coisas que ele olha.

— Ela está perdendo muito sangue, porra! Denis, ligue para a emergência de novo. — Sua voz aumenta pela primeira vez, e sei que meu caso é grave quando suas mãos correm para seus cabelos, manchando-os com meu sangue, o conjunto de luzes e cores que formavam o dourado de seus cabelos estão agora tingidos com o escarlate de meu sangue. Seu lindo rosto

está rosado e sua camisa destruída com grandes círculos vermelhos na lateral onde nossos corpos se uniram.

— Vou ter que te mover de novo, por favor, aguenta mais um pouco, preciso ver se a bala saiu — ele me explica e já não me importo mais com a dor, apenas espero que eu fique um pouco mais aqui ao seu lado.

Mais uma vez ele conta:

— Um... Dois... Três.

Fecho os olhos para suportar melhor a dor e, quando ele me coloca de volta no lugar, seus lábios se aproximam de meus ouvidos:

— A bala saiu, vai ficar tudo bem, não se preocupe. — Noto um leve tremor em sua voz, ele não parece tão seguro do que diz e sei que não terei mais tempo. — Eles já estão chegando, Poliana. — Ele acaricia meus cabelos, retirando-os do meu rosto com tanto carinho que um sorriso surge em meus lábios. — Vai ficar tudo bem, eu prometo.

— Obrigada — sussurro sentindo o calor da sua respiração tão próxima de mim.

— Não me agradeça. — Ele parece nervoso e desejo poder acalmá-lo. — Eu ainda não fiz nada.

— Você está aqui. — Tento sorrir para ele, mas não consigo, estou ficando cada vez mais cansada e com sono, de repente tudo começou a ficar silencioso, uma calma diferente se instala em meu peito e uma vontade imensa de dormir me domina. Fecho meus olhos lentamente, lamentando não conseguir mais manter o foco. Concentro-me na pressão que sua mão faz em meu ferimento, dói, mas ao mesmo tempo me tranquiliza, me sinto segura por saber que ele está cuidando de mim.

— Poliana, olha pra mim, não feche os olhos. — Sua voz está distante, eu não consigo responder, apenas sinto suas mãos em meu rosto.

— Denis me arruma alguma coisa, preciso cobri-la.

Sinto espasmos sacudirem meu corpo e começo a tremer, no começo são pequenos tremores em meu peito e em meus lábios, mas rapidamente se tornam maiores até que estão por todo o meu corpo me impulsionando para cima e para baixo com violência, ele me segura tentando me manter firme no lugar, enquanto sinto um frio insuportável me inundar.

— Poliana, olha pra mim, fica aqui comigo. Vai ficar tudo bem. Eu prometo, vai ficar tudo bem.

Tento obedecê-lo, mas não consigo mais controlar os tremores.

— Poliana... — ele sussurra e abre os olhos uma última vez.

Concentro-me em seu rosto, tentando gravar cada detalhe, a cor absurdamente clara de seus olhos, a maneira quase mágica como raios de néon saem de sua pupila em todas as direções, o contorno de sua boca, seus dentes brancos e perfeitos, sua barba clara e sexy, seu nariz grande e bonito, suas maçãs do rosto fortes e as inúmeras pintinhas que cobrem a lateral de seu pescoço se perdendo no colarinho de sua camisa seguindo um caminho que eu nunca saberei aonde vão chegar...

Suas mãos massageiam meu corpo, tentando me esquentar, enquanto ele conversa com seu amigo, mas é inútil, o frio me domina com tanta força que chega a meus ossos. Eu estou indo embora, eu sei disso e não tenho medo, em pouco tempo eu estarei no céu e levarei sua lembrança comigo. Quero tocá-lo, mas não sinto mais o meu corpo, então me esforço para falar, ele se inclina, a expressão preocupada, seu rosto de deus grego carregado de rugas que não combinam com ele.

— Só mais um pouquinho... — ele me promete, mas já não me importa mais.

— S-seu... — A respiração dificulta minhas palavras de saírem. — S-seu s-sorriso... Eu... adoro... seu sorriso.

Minha voz não é mais que um sussurro e são minhas últimas palavras.

— Poliana, não... Poliana... — Seus cabelos estão uma desordem, e se eu achei algum dia que ele não poderia ser mais lindo é porque nunca tinha imaginado ele assim. — Droga, ela não está conseguindo, porra! — Ele toca o centro do meu peito e fecho meus olhos, dessa vez para sempre. — Cadê a porra dessa ambulância?

Encosto meu rosto em sua mão, agora já não sinto mais dor, nem frio, agora estou bem, agora está tudo bem.

— Porra! Poliana, olha pra mim, fica aqui... Fica comigo, Poliana, não feche os olhos, por favor...

Isso era tudo o que eu queria... Ficar com ele, pena que agora é tarde demais.

Capítulo 21



— Um... dois... três... quatro... cinco...

Ela parou.

Ela parou, em minhas mãos...

Repito pela segunda vez o processo, mantenho minhas palmas juntas no local exato, exerço a pressão necessária para mantê-la comigo, conheço essa manobra melhor do que qualquer coisa em minha vida e mesmo assim me sinto impotente.

— Um... dois... três... quatro... cinco...

Estou perdendo-a e o pavor que sinto não tem absolutamente nada a ver com o fato de ser um cardiologista perdendo um paciente. Neste momento sou um homem e estou tão apavorado que mal consigo contar.

— Um... dois... três... quatro... cinco... Mantenha suas mãos aí. Pressione mais — digo para o Denis, como se ele não fosse um médico treinado assim como eu e soubesse exatamente o que fazer.

— Eu estou aqui, Vinícius — ele me fala. — Eu estou com você — ele repete, mas não como médico e sim como o meu amigo.

Um zumbido em meu ouvido me impede de ouvir qualquer coisa a minha volta, me concentro em seu rosto pálido, sem vida, o movimento rítmico que seu corpo faz com o choque de minhas mãos, o balançar de sua cabeça, uma mancha vermelha que macula seu colo perfeito carregado de sardas. Seus lábios, pequenos e rosados, agora pálidos e entreabertos.

Meus pensamentos me levam de volta a sala colorida do projeto, na maneira simples e encantadora que ela sorriu para mim, com seus olhos castanhos. Não consigo parar de olhar para eles como se esperasse que eles fossem abrir a qualquer momento.

— Vamos lá, Poliana, abra seus olhos para mim... vamos lá, por favor. Um... dois... três... quatro... cinco...

A cada segundo que passa, ela parece mais pálida, mais entregue, mais distante. Rezo para que a equipe chegue logo. Não posso parar, mesmo que comece a sentir meus braços queimarem com a força, não posso parar e não vou parar. Nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida, eu ficarei aqui, eu a mantereirei aqui.

— Um... dois... três... quatro... cinco... Vamos... vamos, porra! Vamos lá, Poliana, fique comigo.

O desespero começa a me deixar ainda mais cansado, sei que preciso manter o foco, sei que preciso manter a calma, mas ela está morrendo em minhas mãos e eu não posso perdê-la.

Uma mão toca meu braço e eu o empurro sem me importar em quem seja, não quero falar com ninguém, eu só preciso continuar massageando-a.

— Vinícius — Denis me chama e eu o ignoro. Não quero ouvi-lo dizer que acabou. Não pode acabar. — Vinícius.

— Foda-se, vá embora! — grito quando ele volta a me chamar. Continuo olhando para seus olhos, fecho os meus com força desejando que ela seja mais forte do que aparenta. — Vamos lá, Poliana, você consegue, garota, vamos lá.

— Vinícius, eles chegaram — Denis fala sem se importar com o que digo e finalmente olho para o meu amigo. Suas mãos estão encharcadas de sangue e, enquanto ele ainda pressiona o ferimento, dois paramédicos se aproximam e começam a fazer perguntas que estou acostumado a fazer.

“Ferimento à bala.”

“Saída de projétil.”

“Hemorragia.”

“Choque.”

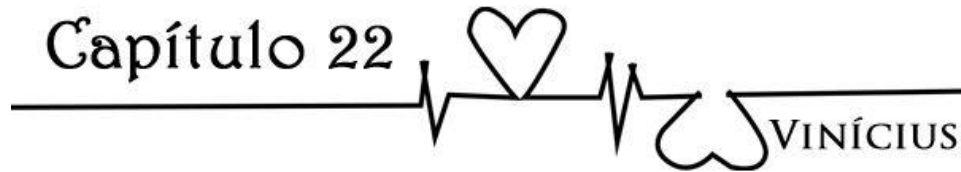
E só então percebo que nesse momento estou do outro lado, não dou a eles as informações que precisam, não sou o médico, não sou aquele que cura, mas aquele que implora pela vida.

Os paramédicos tentam me afastar, mas não permito, eu não me afastarei, não posso me afastar.

— Sou cardiologista — explico quando um deles insiste que eu me afaste. Então eles me olham por uma nova ótica e as perguntas recomeçam de uma maneira diferente. — Estou com ela desde o início, procedimento iniciado há pouco mais de três minutos. — Olho para eles pela primeira vez desde que chegaram, sem tirar minhas mãos dela. — Preparem 2 ml de adrenalina... — oriento a equipe e os procedimentos recomeçam. Estabilização, ventilação, drogas...

Pouco tempo depois estamos colocando-a na ambulância e, pela segunda vez em minha vida, o barulho da sirene me deixa apavorado.

Capítulo 22



Dentro do hospital as horas são contadas de maneira diferente, cada minuto equivale a uma porcentagem... cada minuto equivale às chances de um paciente sobreviver. Cada movimento do ponteiro girando é o espaço de tempo que diz se esse paciente irá viver ou morrer. O tempo no hospital corre de maneira mais lenta, os milésimos de segundos são apreciados, tudo o que pode ser usado a favor da vida é valioso. E eu usei tudo o que estava ao meu alcance.

Acompanho-a dentro da ambulância, dou ordens aos paramédicos e não dou a mínima se gostam ou não de ter outro médico dentro de sua ambulância. Falo com ela o tempo todo, acaricio seus cabelos odiando o fato de estarem sujos de sangue, tento acalmá-la mesmo sabendo que não está ouvindo porra nenhuma, mas preciso disso para me acalmar. Não posso perdê-la, porra! Não posso deixá-la ir. Passo minhas mãos repetidas vezes em seus cabelos enquanto faço perguntas que já foram respondidas pelos paramédicos.

Neste momento eu odeio o sangue, odeio o bombear inconstante do seu coração. Odeio ser cardiologista e saber exatamente o que está acontecendo, e o pior, saber que suas chances diminuem drasticamente a cada segundo que passa.

— Por favor, Poliana, fica aqui comigo, por favor... — sussurro em seu ouvido no momento em que a ambulância para na entrada de emergência do hospital e as portas são abertas.

Levo-a direto para a sala de cirurgia, hospital onde trabalho e assim foi feito. Informo ao chefe da equipe tudo o que foi feito desde o momento em que ela foi baleada, enquanto visto as roupas, ignoro o acompanhamento sua preparação, enquanto visto, ignoro o medo zunindo quanto meu corpo treme enquanto me visto, ignoro o meu coração acelerado no peito, começo a vestir as luvas, mas sou barrado antes mesmo de terminar.



cirurgia, exige que a levasse para o

feito. Informo ao chefe da equipe momento em que ela foi baleada, enquanto visto as roupas, ignoro o

me visto, ignoro o medo zunindo

quanto meu corpo treme enquanto me visto, ignoro o meu coração acelerado no peito, começo a vestir as luvas, mas sou barrado antes mesmo de terminar.

— Que porra é essa?! — grito para um dos médicos, amigos de trabalho que dividiram a sala comigo por mais vezes do que posso contar.

— Você não vai, Becker! — Um deles diz com a convicção de quem manda.

— O caralho que não vou, eu estive lá o tempo todo, eu vi como aconteceu — digo e assim que termino de falar sei que eles têm razão, estou descontrolado, nervoso, apavorado e não consigo pensar em algo profissionalmente justificável para que eles me permitam participar do procedimento além do fato de que não posso deixá-la sozinha.

— Desculpa, Becker. — É tudo o que ele diz antes de me deixar sozinho na sala de preparação.



— Dr. Becker, a cirurgia terminou. — Uma das enfermeiras aparece na sala de descanso duas horas depois, me informando.

— Muito obrigado — agradeço a ela, mas não consigo sorrir, nem ao menos pergunto como ela está, estou furioso demais para isso. Era para eu estar lá com ela, mas fui proibido de entrar por minha própria equipe.

Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro, cruzo minhas mãos na nuca e tento ficar calmo, uma tarefa que se torna a cada minuto mais difícil. A porta se abre e Denis se apoia no batente, de braços cruzados, enquanto me observa caminhar de um lado para o outro como um animal enjaulado.

— Como você está? — Denis pergunta preocupado com minha reação. Eu sei que exagerei, que não consegui separar as coisas, e sei também que ele não vai me obrigar a dizer nada até que eu queira, esse é o meu amigo.

— Puto pra caralho, cansado e com muita raiva — admito e ele ri. Olho para ele agora, irritado. — Qual a graça? — pergunto desejando descontar minha frustração nele.

— Você sabe das regras, Becker, sem envolvimento emocional, embora eu esteja profundamente ofendido por ter sido o último a saber sobre seus sentimentos pela garçonele.

— Vai se foder! — rosno como um animal causando uma onda de riso ainda maior.

— Que bom saber que você está calmo, tá na hora de conhecer a família dela. — Ele aponta para o corredor, ainda sorrindo, e eu continuo com a mesma cara. — Você quer falar com eles ou prefere esperar o Dr. Castro?

Passo uma água no rosto de Poliana da minha pele e vou até sempre está com ela no eles, ela tem os olhos inchados e ver.



limpando os resquícios do sangue a sala de espera. A garota que restaurante está na frente de todos uma expressão apavorada ao me

— Mas o que diabos você está fazendo aqui? — ela pergunta enquanto me analisa como se eu estivesse nu, e não vestido com o uniforme do centro cirúrgico.

— Boa noite a todos, sou o Dr. Vinícius Becker e preciso falar com alguém da família. — Olho em volta em busca de alguém quando uma pequena senhora de cabelos brancos, presos em um coque, e usando um vestido escuro surge da capela do hospital.

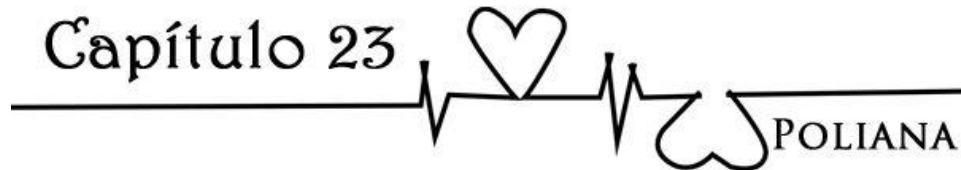
— Puta que pariu! — a garota exclama e volta a me olhar, dessa vez eu nem mesmo sei dizer como se parece o olhar que recebo, nu não chega perto para descrever.

— Como ela está? — a senhora pergunta ao se aproximar. Ela parece calma, embora sua voz esteja tensa. Suas mãos estão envoltas em um terço que ela segura com força como se esse objeto fosse o que a mantém em pé e seus olhos me imploram por boas notícias.

— A senhora é da família? — pergunto desejando saber quem ela é, já que Poliana foi criada em um orfanato.

— Sou tudo o que ela tem.

Capítulo 23



Quando consigo finalmente abrir meus olhos, o som de um bipe constante me faz perceber que estou em um quarto pequeno cheio de equipamentos que são os responsáveis por aqueles barulhos.

— Poliana, você consegue me ouvir? — Uma voz suave me chama, mexo a cabeça lentamente para confirmar. — Ótimo! Você sente minha mão? Consegue apertá-la? — Aperto sua mão, mas percebo que estou sem forças e o aperto sai fraco. — Isso mesmo, excelente!

Olho em volta me sentindo confusa, minha cabeça dói um pouco e minha boca está seca, tento falar, mas minha garganta arranha e está dolorida.

— Consegue me dizer como você está se sentindo? — ela volta a me perguntar com paciência e me esforço para pensar.

— Com sede... — sussurro decidindo que a sede é o que mais me incomoda no momento.

— Já irei providenciar água pra você, mas primeiro preciso saber como está. Sente alguma dor?

Concentro-me em meu corpo, mas não sei ao certo onde dói mais, aponto para a lateral e, em seguida, coloco a mão em minha garganta. Ela me faz mais algumas perguntas e me diz que acabo de acordar depois de quatro dias. Quatro dias deitada nessa cama e eu não me lembro de absolutamente nada.

— Mais tarde, o Dr. Becker vem te ver, ele é o seu cardiologista e está te acompanhando desde o começo. Qualquer dúvida pode esclarecer com ele, se precisar de algo é só apertar esse botão. — Ela aponta para um botão na lateral da cama e me dá um sorriso antes de sair. Tento me manter acordada, mas o sono me leva de volta para o desconhecido.

Acordo novamente confusa, desde que falei com a médica, mexendo na minha medicação e

— Olá, Poliana, como se

enquanto continua anotando.

— Eu dormi muito? — Dessa vez minha voz consegue sair um pouco melhor e me sinto um pouco menos desorientada, embora ainda esteja com sede.

— Algumas horas, mas é normal, ainda está sob efeito de alguns medicamentos que causam sonolência. — Ela sorri para mim e volta a sua rotina. — Estamos preparando um quarto para você, provavelmente esta noite você já dormirá lá.

— Obrigada. — Ela sorri mais uma vez enquanto arruma meus lençóis. — O Dr. Becker já está vindo falar com você.

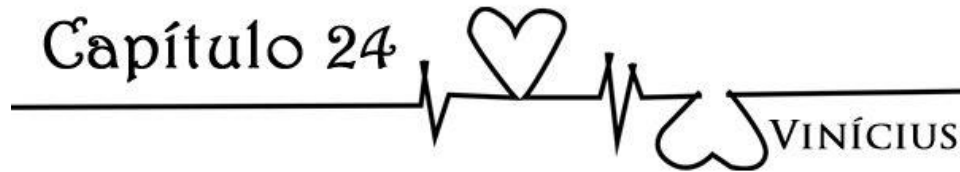


Não sei o que pensar, nem mesmo o que perguntar para o cardiologista, tenho medo de descobrir que algo grave aconteceu comigo enquanto estive aqui bancando a Bela Adormecida. A enfermeira se vai e ouço-a conversar com um homem, não compreendo o assunto, apenas percebo que estão rindo. Eles estão rindo, dentro de uma UTI. É algo estranho, já que para mim isso aqui representa o limbo, o lugar entre a vida e a morte.

Depois de alguns minutos ouço a porta se abrir e o vulto de um homem preencher todo o espaço, ele ainda está de costas conversando com a enfermeira que lhe entrega meu prontuário. De onde estou posso notar que ao contrário do que eu imaginava o Dr. Becker não é um homem velho, ao menos não a sua voz. Na verdade, ela me lembra a voz de outra pessoa, forte, grave, poderosa. Como um trovão retumbando em meus ouvidos. E então eu me lembro de tudo. Da sua voz me acalmando, de suas mãos me tocando, do seu olhar tranquilo me dizendo que tudo ia ficar bem, seu rosto bonito coberto de sangue... O meu sangue.

A porta se fecha, ele caminha em minha direção e eu descubro porque preciso de um cardiologista... Meu coração acaba de parar de funcionar, sinto o exato momento em que a última batida acontece e é quando vejo seu rosto e descubro quem é o Dr. Becker.

Capítulo 24



— Você vai trazer seu guarda-roupa para cá quando? — Mônica me olha da porta da sala de descanso onde tento tirar um cochilo, já que dobrei o meu plantão nos últimos dois dias.

— Por que você está perguntando isso? Pelo que sei você ocupa metade dos armários do vestiário — respondo mesmo estando cansado demais para esse tipo de conversa.

Ela entra e se senta na ponta da mesinha apoiando os braços na coxa e me olhando. Odeio quando ela faz isso, seu olhar me perfura e sinto como se estivesse fazendo algo errado, não que ela tenha algum direito sobre o que faço ou deixo de fazer, mas não gosto de ser analisado dessa forma.

— O que está acontecendo, Vinícius? Achei que a caridade era algo que você fazia na periferia. — Ergo-me do sofá e olho para ela sem entender aonde ela quer chegar com isso. — Mas agora você vai começar a trazer os seus pupilos para cá?

— Não começa, Mônica. Estou cansado demais para gracinhas — tento não entrar nesse assunto, o humor ácido e negro de Mônica nunca foi algo que me incomodou, ao contrário, sempre achei sua arrogância e inteligência algo extremamente sexy, mas nesse momento estou começando a contestar minha sanidade mental. Ela se levanta e caminha em volta do sofá, vai até a máquina e se serve de café, mal consigo sentir o cheiro, odeio café e nas últimas 24 horas foi o que me ajudou a ficar acordado.

Desde que Poliana entrou nesse hospital não consigo me afastar, tenho medo de não estar perto caso algo aconteça, mesmo sabendo que ela está cercada de bons médicos, o tempo que permaneço longe fico ligando a cada meia hora para saber mais sobre seu quadro, todos já notaram que há algo a mais com essa paciente, mas ninguém teve coragem de me questionar. Até agora.

— Ouvi dizer que essa paciente é garçonne de um restaurante de quinta onde vocês almoçam de vez em quando — ela continua falando e volto a me deitar, colocando o braço no rosto e fingindo não a ouvir, quem sabe se eu a ignorar ela se cansa e vai embora. — Está transando com ela? — Mônica é direta.

— Não acredito! — Balanço a cabeça incapaz de responder.

— Agora você se rebaixou demais, Dr. Vinícius.

Removo o braço e encontro-a debruçada no sofá, seu rosto a meros centímetros de distância, sua longa sobrancelha negra arqueada enquanto seus olhos acinzentados me olham sorrindo.

— Eu não devo satisfações da minha vida para você, Mônica. — Me levanto esticando as costas e pegando meu jaleco do armário.

— Foi por isso que você me dispensou na noite passada? Você está dormindo com essa garçonne?

Viro-me para ela, a fúria fazendo-me cerrar os punhos, estou prestes a fazê-la engolir suas palavras ácidas quando a porta se abre e a enfermeira da UTI entra.

— Dr. Becker, ainda bem que o encontrei aqui. — Sinto a ansiedade me atingir no momento em que ela começa a falar.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — pergunto ouvindo meus batimentos cardíacos aumentarem.

— Sim, ela acordou. — A enfermeira sorri sabendo que essa era a notícia que estava esperando. Saio da sala antes mesmo dela continuar a falar. Com meu coração disparado no peito, termino de me vestir no caminho enquanto a enfermeira me entrega o último relatório. E Mônica fica com suas perguntas e suposições sem respostas.



Assim que entro no quarto e sei que estamos sozinhos me sinto um pouco ridículo, sou médico, este é meu habitat natural, mas nesse momento me sinto um estranho. Ela está deitada no meio da cama, seu rosto tão pálido que chega a assustar, seus lábios sem cor e há olheiras profundas em seus olhos. Seus lindos e profundos olhos cor de âmbar me olham com surpresa e me arrependo de não ter contado a ela que sou médico.

— Como você está se sentindo? — pergunto ainda observando as anotações e checando as máquinas.

— Isso é uma brincadeira? — ela pergunta e sinto a mágoa em sua voz. Merda, eu deveria ter falado.

— O que exatamente você acha que é uma brincadeira? — Me aproximo um pouco mais, mas mantenho uma certa distância de sua cama.

— Você aqui com essa roupa... Só pode ser uma brincadeira. — Ela tenta se mexer, mas o movimento a faz gemer e passo a mão na barba, tentando me manter calmo.

— Infelizmente nada do que aconteceu com você foi uma brincadeira. Você foi gravemente ferida e por sorte eu estava lá no momento, e te socorri. — Olho para seus olhos tristes e cansados enquanto parece não acreditar no que digo. — Eu sou seu médico, seu cardiologista e estou aqui para cuidar de você.

— Meu? — Ela sorri e passa a mão livre em seus cabelos vermelhos afastando-os da testa. — Eu... Eu estou confusa. — Ela vira para o outro lado e fica em silêncio por um tempo antes de falar. — Eu não me lembro muito bem de nada.

Aproximo-me um pouco mais sentando na ponta da cama e chamando a sua atenção.

— É natural, a confusão faz parte do processo, aos poucos você vai se lembrar de tudo e estou aqui para ajudá-la no que precisar. — Toco sua mão e ela se vira olhando para nossas mãos juntas e, em seguida, para mim.

— Você é médico? — Sua pergunta parece tão ingênua que não consigo evitar um sorriso.

— Sim, eu sou. Mas, por favor, não fuja de mim.

Ela cora e desvia o olhar, sorrindo. Deus, ela é tão linda, mesmo agora depois de tudo o que passou, ela é a mulher mais bela que já vi em toda a minha vida.

— Acho que não tenho muitas alternativas, eu mal consigo me sentar nessa cama.

— Você precisa de ajuda? — pergunto e ela nega com a cabeça.

— Você devia ter me contado.

— Desculpe, eu não quis assustá-la. Se eu contasse você provavelmente fugiria de mim.

— Provavelmente sim — ela diz e adoro o fato dela estar de bom humor mesmo depois de tudo o que lhe aconteceu.

— Eu posso examiná-la? — Ergo o estetoscópio em minhas mãos e aguardo sua autorização.

— Acho que não é um bom momento, com certeza meu coração está acelerado, afinal de contas não é todo dia que eu descubro que meu cliente é um médico. — Agora é a minha vez de sorrir, ela sorri comigo e sinto que o momento mais tenso passou.

— Eu posso esperar ele se acalmar. — Afinal de contas o meu também está descompassado dentro do peito.

Ela abaixa o rosto e começa a torcer os dedos no lençol, sua expressão me deixa aflito e toco seu rosto erguendo-o para mim.

— O que foi? Está com alguma dor?

Ela nega com a cabeça e desvia o olhar.

— Eu não queria que fosse assim — ela diz ainda sem olhar para mim.

— Eu sei que está tudo confuso para você, mas o importante é que você está bem, sua recuperação está ótima e logo você vai poder ir para casa.

— Mais quantos dias?

— Ainda não sabemos, isso vai depender de você, da sua recuperação.

— O que houve com meu coração? — ela me pergunta e então eu começo a contar a ela tudo o que aconteceu desde o momento em que a encontrei. — Então todos vocês são médicos?

— ela questiona como se isso fosse absurdo, confirmo com a cabeça e ela volta a olhar para o outro lado. — Vocês têm alguma coisa a ver com o projeto?

— Eu sou o idealizador — admito cheio de orgulho, ela ergue uma sobrancelha surpresa e seu olhar se perde como se ela estivesse resgatando uma memória.

— Claro, o doutor que estava em cirurgia na inauguração era você — ela constata e eu confirmo com a cabeça. — Meus parabéns, seu projeto é a coisa mais incrível que já aconteceu para aquelas pessoas.

— Obrigado — digo sentindo que, de todos os parabéns que já recebi desde o dia em que decidi criar o projeto, esse é sem dúvida o que mais mexe comigo, não só por vir dela, mas por saber que ela é uma das pessoas beneficiadas com ele.

— Eu poderia ter morrido? — ela volta a perguntar do seu estado e por um momento me lembro de quando achei que a havia perdido.

— Sim, com certeza você poderia ter morrido se não tivesse sido socorrida a tempo.

— Então você me salvou?

— Eu te prestei atendimento no momento correto.

— Isso é uma maneira formal de dizer que salvou minha vida.

— De certa forma, podemos dizer que o fato de ter um cardiologista no local certo e na hora certa foi fundamental para seu atendimento emergencial.

— Você está falando que eu tive sorte? — Ela sorri novamente, dessa vez um sorriso largo, quase uma risada e se apoia nos travesseiros, se ajeitando e fazendo uma careta de dor.

— Acho que eu gostaria de ter tido outro tipo de sorte, confesso que isso aqui está doendo mais do que eu gostaria.

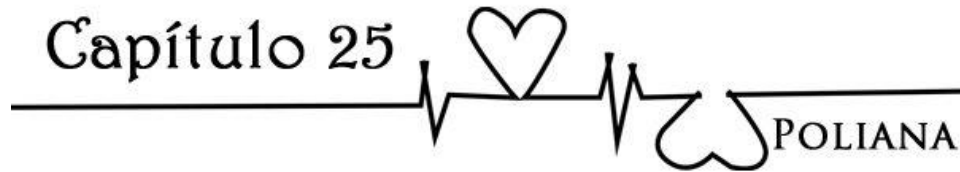
Olho para o local onde ela foi ferida, refazendo mentalmente todo o procedimento que foi feito em seu corpo para estancar a hemorragia. Sei exatamente o quanto ela está com dor e me surpreendo ao ver o quanto é forte.

— Posso? — Volto a erguer o estetoscópio e ela revira os olhos.

— Okay, pode me examinar agora.

Coloco o estetoscópio em meu ouvido e me aproximo um pouco mais, o silêncio permite que o toque de meus dedos em sua pele se intensifique. Ela mantém os olhos fixos em mim e tenho que desviar o olhar, pois tenho a sensação de que as batidas do meu próprio coração estão tão fortes que eu mal ouço o seu.

Capítulo 25



Não faz nem ao menos vinte e quatro horas que estou neste quarto e já sinto vontade de gritar. Finalmente consigo me levantar sozinha e vou para o banheiro tomar um banho, quando termino me sinto tão cansada que começo a achar que estão mentindo para mim, eu devo estar com alguma sequela, não é normal estar tão cansada sem fazer absolutamente nada o dia todo.

A dor já não me incomoda tanto, eu me acostumei com ela, o que me assusta mesmo é o estado em que meu corpo se encontra. Há hematomas em vários locais, um corte de uns dez centímetros na minha barriga e um mancha amarelada em formato de círculo em meu peito que dói quando eu aperto. Parece que fui surrada por uma gangue e eu ainda não acredito que passei por tudo isso. Me sento na cama e olho para a comida intocada na bandeja, ainda não recuperei meu apetite e tenho andado muito enjoada, culpa da quantidade absurda de medicamentos que venho tomando.

A porta se abre e eu nem ao menos ergo os olhos para ver quem é, estou irritada e cansada e nem um pouco animada para começar a rodada de copinhos descartáveis mais uma vez.

— Acho que você deveria se esforçar mais um pouquinho se quiser sair logo daqui. — Sua voz de trovão chama minha atenção e dou o primeiro sorriso do dia simplesmente por vê-lo.

Deus! Ele fica tão lindo com essa combinação de gravata e jaleco que eu poderia acreditar que anjos existem, tem um parado na minha frente sorrindo para mim nesse exato momento.

— Oi, doutor.

Ele cruza os braços no peito e apoia a cabeça no batente da porta.

— Me disseram que você não comeu nada ainda hoje — ele diz em um tom preocupado e meu coração ingênuo pula no peito alegre.

— Estou sem fome.

Ele se aproxima e levanta a tampa da bandeja, remexe na comida e faz uma cara feia para ela.

— Nem tente me fazer mudar de ideia.

— Na verdade eu estava prestes a dizer que compreendo seus motivos. — Ele pisca para mim e a covinha surge em seu rosto quando ele me dá um meio sorriso charmoso, deixando-o com uma aparência suave, jovem demais para alguém que carrega em seu jaleco o título de “cirurgião cardiologista”.

— Viu só? Eu tenho razão.

Ele baixa a tampa e volta a cruzar os braços, começo a acreditar que é uma forma de parecer mais ameaçador, já que seu rosto não passa tanta seriedade como se espera de um homem desses.

— Mesmo assim precisa se alimentar se quer ir logo pra casa.

Casa... isso me faz rir, não sei se estou assim tão ansiosa para ir para casa, a verdade é que lá eu estarei tão sozinha quanto estou neste quarto de hospital, nunca me importei muito em ser sozinha embora sempre tenha sentido falta de ter uma família, pessoas que realmente se preocupem caso algo aconteça comigo, laços de sangue. Semelhanças físicas, personalidades parecidas, mas nas condições em que estou, ter alguém que se preocupe comigo, que cuide de mim faz tanta falta que chega a sufocar.

Madre Otília é o mais próximo que tenho de uma família, é a mulher que dedicou a sua vida a mim, quem fez de mim o que sou hoje e quem sempre lutou por mim, mesmo quando eu a decepcionei. O problema é que para ela eu sou apenas mais uma garota do orfanato, não que ela não me ame, eu tenho certeza de que sim, ela ama a todos, tem o maior coração que já vi na vida, sei que ela esteve aqui enquanto eu estava na UTI, ainda não consegui vê-la e sei que neste exato momento se ela estiver fazendo uma oração, meu nome estará no topo das suas prioridades com o Divino. Mas ainda assim, ela não é minha mãe. Nunca será igual.

Marina me prometeu que virá me visitar amanhã. José, Carlos e Maria me ligaram, o Sr. Gonçalves mandou lembranças, mas não são minha família, nem ao menos grandes amigos, exceto Marina por quem tenho um imenso carinho e José com quem converso as vezes, os outros são apenas meus colegas de trabalho. A verdade é que se eu tivesse morrido nesse acidente, eu não faria falta para ninguém, não haveria ninguém que lembraria de mim. Daqui a algum tempo, eu seria esquecida, como se nunca tivesse existido e isso dói. Dói muito. Um nó se forma em minha garganta e tenho que me esforçar para não chorar, me sinto triste e carente. Deve ser efeito dos medicamentos. Com certeza.

— Você está com dor? — Vinícius se aproxima ao notar a minha tristeza e, graças a Deus, a confunde com dor.

— Só um pouquinho, não é nada de mais — digo e ele parece não acreditar, ele me olha como se estivesse enxergando meu interior e me encolho inconscientemente quando ele se senta ao meu lado na cama. Observo seu rosto e noto que ele parece um pouco mais cansado que o habitual. Há fortes olheiras embaixo dos seus olhos e sua barba está por fazer.

— Quem será o médico que teve um jaleco roubado? — Aponto para o jaleco com seu nome bordado mudando o foco da conversa. Não quero entrar no território familiar, esse é um tipo de assunto que sempre que posso fujo, não tenho o que falar e odeio o olhar de piedade que as pessoas geralmente tem ao saber que sou apenas eu no mundo.

Ele baixa o olhar para o bordado em seu peito e ao me olhar novamente ergue uma sobrancelha e suas covinhas surgem junto com seu sorriso debochado.

— E por que eu iria roubar um jaleco? — ele pergunta sabendo que estou fugindo do assunto dor.

— Sei lá, talvez por causa do nome que está escrito nele, é um nome muito bonito — brinco e ele dá uma gargalhada alta e forte.

— Acho que se eu fosse roubar algo, eu tentaria algo mais interessante que um jaleco, não acha? — Ele se apoia no encosto da cama no lado oposto, mas seu corpo enorme parece tomar todo o espaço só para ele e eu adoro isso.

— Quem sabe o que se passa na cabeça de um ladrão, não é mesmo? — Ergo os ombros e ele parece se divertir.

— Ah, então eu sou um ladrão?

— É uma boa justificativa para você estar usando isso aí. — Aponto para o jaleco e ele continua me olhando de uma maneira divertida.

— E o que eu deveria roubar além de um jaleco velho e precisando de uma lavagem?

— Uns rolos de esparadrapo, talvez um kit de primeiros socorros, um desfibrilador? — “Meu coração”, respondo para mim mesma.

Ele olha para seu jaleco e volta a olhar para mim, dessa vez seu olhar é tão intenso que sinto as borboletas que estavam em coma acordarem.

— Você gosta? — ele fala diminuindo o tom de voz para um sussurro grave que faz meu coração bater mais forte e pesado no peito.

— O quê? — pergunto aturdida com o som rouco da sua voz.

— Do nome. — Ele aponta para o nome bordado no bolso do jaleco e volta a sorrir.

— Gosto — admito sentindo minhas bochechas arderem. Para dizer a verdade, gosto mais do que deveria, gosto tanto que sinto que estou sufocando com a verdade da minha resposta. — É um lindo nome, combina com você.

Ele sorri brevemente, e tenho a impressão de que ele fica envergonhado com meu elogio, desvio o olhar porque não sou mais capaz de continuar olhando para ele assim tão perto de mim, tenho a sensação de que as minhas emoções estão escritas em meu rosto.

— Então acho que vou ficar com ele — ele diz definitivamente como se fosse uma opção a ser questionada.

— Concordo.

Vinícius se levanta e aproxima-se de mim, sinto o cheiro familiar da sua colônia misturada com o cheiro de hospital.

— Como está essa dor? — Ele retira o estetoscópio do pescoço e coloca em seu ouvido se aproximando um pouco mais de mim na sua fantasia de médico responsável.

— Não é nada que eu não possa aguentar — digo olhando para suas mãos, grandes e bonitas, segurando aquele equipamento junto a meu corpo.

— Você foi muito corajosa! — ele fala tão perto, que tenho que ser forte para desviar o olhar.

— Acho que isso não conta quando você não tem opção.

— Conta sim, porque mesmo diante da morte você se manteve firme. — Ele continua no seu processo de SOU-UM-MÉDICO-MUITO-SÉRIO e eu sinto meu coração falhar vergonhosamente na sua presença

— Porque você estava lá. — As palavras escapam de minha boca e me apresso a completar: — Digo... Você me ajudou a passar por tudo.

— Eu agradeço todos os dias por estar lá — ele fala como uma confissão e mantém o metal gelado em meu peito enquanto me olha.

— Eu também — falo com a voz fraca por todos os sentimentos que esse homem desperta em mim.

Voltamos a ficar em silêncio, apenas nos olhando como se não fôssemos fortes o suficiente para seguir adiante com esse assunto, mas também incapazes de se afastar e quebrar o clima que está rolando entre nós.

— Nunca perdi um paciente em minhas mãos — ele diz quebrando o silêncio. — Não estava preparado para perder, não naquele dia e muito menos você.

Ele estende a mão e a ponta de seus dedos tocam levemente o hematoma amarelado em meu peito. Não sei ao certo se é normal médicos acariciarem o colo de uma paciente ou se

Vinícius faz isso com todas, mas neste momento eu não estou nem um pouco interessada em saber, apenas desejo que seu toque delicado e carinhoso não acabe nunca.

— Mas eu não era sua paciente — digo baixinho sem deixar de olhar para ele.

— E eu não era seu médico.

Seus dedos permanecem em mim, trazendo calor e segurança, foram esses dedos que me permitiram ter mais uma chance nessa vida, foram esses dedos que me mantiveram viva quando eu mesma já não consegui mais.

A porta se abre bruscamente, é a garota da cozinha vindo buscar meu jantar intacto e trazendo o lanche da noite. Vinícius se afasta rapidamente, com suas mãos desmanchando seu penteado perfeito, e quando ele me olha novamente o Dr. Becker está de volta.

— É comum surgir um hematoma no local onde foi manuseado. Sua pele... — Ele limpa a garganta antes de continuar: — Ela é muito clara, por isso parece pior do que realmente é, mas vai passar.

A jovem retira a bandeja e sai sem falar nada, quando ela está prestes a fechar a porta Vinícius se aproxima segurando-a aberta.

— Eu já estou indo, vê se come, você precisa se alimentar direito.

— Eu vou comer.

— Amanhã eu volto para te ver. Durma bem.

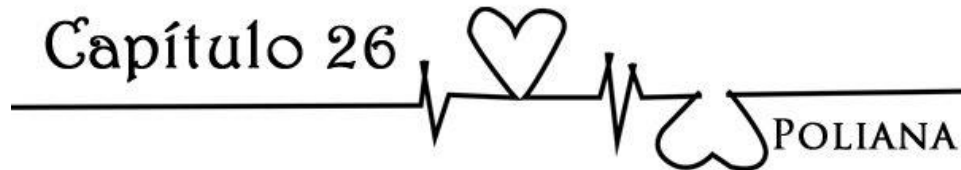
Ele se vai e quando a porta se fecha me deixo cair nos travesseiros, uma pontada em meu abdome me lembra o motivo que me trouxe até aqui e choramingo de dor. Fecho meus olhos e sorrio para mim mesma ao repassar tudo o que aconteceu, coloco minha mão em meu peito e ainda posso sentir o calor do seu toque em minha pele.

A porta se abre novamente e me ergo esperando ver ele.

— Olá, Poliana, trouxe seus medicamentos.

Me deito novamente, resmungando igual a uma velha enquanto começamos a rotina de copinhos descartáveis. E a noite promete ser longa.

Capítulo 26



— Bom dia, minha heroína! — Marina abre a porta gritando. — Mas que escuridão é essa aqui? — Ela vai até a janela e abre a persiana antes mesmo de me ver.

Cubro os olhos com as costas das mãos enquanto tento me levantar, como previ não dormi direito à noite e ainda estou um pouco sonolenta. José e Carlos entram em seguida e me beijam enquanto Marina reclama do cheiro do desinfetante e da escuridão.

— Trouxemos isso para você. — Carlos me entrega um buquê de flores e uma caixa de bombons. — É um presente de todos nós.

— Juntamos as gorjetas. — José me entrega um envelope e enterra as mãos nos bolsos.

— Não. — Estendo o envelope de volta para ele. — De jeito nenhum eu vou aceitar isso. — Olho para cada um deles, todos me olham de volta com a mesma expressão irredutível no rosto. Eu sei o que significa cada centavo que está dentro daquele envelope e não aceitarei o dinheiro dos meus amigos. — Vocês não podem me obrigar a ficar com o dinheiro de vocês.

— Larga a mão de frescura. — Marina retira o envelope da minha mão junto com as flores e os bombons. — Vai aceitar e ponto-final, agora se não quiser os bombons eu fico com eles. — José retira a caixa das mãos dela pouco antes dela abrir e coloca em cima da mesa.

— Fizemos porque quisemos, Poliana. Por favor, aceita — Carlos diz, sinto as lágrimas pinicarem meus olhos e sorrio.

— Eu não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada, sabemos que você faria o mesmo por cada um de nós se precisássemos. — Carlos passa a mão em meus cabelos. — Você nos deu um susto muito grande, menina, tivemos muito medo de te perder.

— Eu também — digo de verdade, enquanto olho para cada um dos meus amigos e percebo o quanto eles são importantes para mim. Mesmo sem perceber, a convivência do dia a dia criou um laço entre nós e eu começo a acreditar que os amo. Eles ficam quase uma hora comigo, me contam que o cara traído foi preso em flagrante, e que o Milton está arrasado, o que na minha opinião é muito pouco, por mim ele deveria estar preso junto com o infeliz que me colocou nessa cama. Foi o melhor momento do dia. Para minha surpresa, o Sr. Gonçalves está arcando com todas as despesas médicas e ele pessoalmente já tinha vindo ao hospital duas vezes. E só então eu me dou conta de que estou em um hospital particular. Como sempre, Marina me faz rir mais do que eu podia com seu senso de humor exagerado.

— Você está bem? — pergunta José, que está sentado de um lado da cama.

— Estou sim — respondo para meu amigo preocupado. — O pior já passou.

— Só vou ficar tranquilo quando você sair desse lugar — ele diz carrancudo. — Não gosto de hospital.

— O Dr. Becker disse que estou me recuperando muito bem. — Acaricio suas mãos tentando acalmá-lo. — Em breve estaremos todos juntos novamente, reclamando da vida e fedendo a fritura. — José acaricia meu rosto antes de deixar um beijo em meus cabelos.

— Fica boa logo, sardentinha, você está fazendo falta.

A porta se abre no momento em que José está se despedindo de mim. Vinícius olha para José e, em seguida, para nossas mãos unidas, mas desvia o olhar rapidamente cumprimentando a todos.

— Bom dia. — Ele acena com a cabeça para todos e se mantém na porta. — Bom dia, Poliana.

— Bom dia, Dr. Becker. — Tento não parecer uma idiota sorrindo para ele, mas tenho quase certeza de que falhei.

— Desculpe, eu não sabia que estava com visitas.

— Pode entrar, não se acanhe por nossa culpa — Marina diz fazendo José revirar os olhos e as bochechas de Vinícius ficarem levemente ruborizadas.

— Eu volto depois — ele se despede de todos e vai embora.

— Poliana... — Marina geme meu nome assim que a porta se fecha e José bufa já prevendo o que virá a seguir. — O que foi aquele homem te salvando? — Marina coloca uma mão no coração exagerando no drama. — Nunca vi coisa mais linda, se eu não estivesse tão nervosa, teria achado a cena mais romântica de toda minha vida, quem diria, hein, o extraterrestre na verdade é um médico. E que médico!

José a fulmina com os olhos, mas Marina não tem medo de cara feia, principalmente a cara feia do José e continua:

— Poli, ele ficou com você a cirurgia toda, você precisava ver ele com aquela roupa verde, de máscara. — Ela começa a se abanar enquanto descreve o quanto ele estava bonito. — Eu quase tive um ataque cardíaco só para ele me salvar também. — Ela suspira dramaticamente e José continua a encarando com uma cara muito feia.

— Marina, não seja ridícula! — José vocifera para ela.

Carlos apenas ri de suas bobagens, como ele sempre faz, e ela ignora.

— Mesmo assim, eu adoraria ser socorrida por ele. — Ela se senta ao meu lado e continua falando bobagens sem se importar que não estamos sozinhas.

— Cale essa boca, Marina! — José que já estava alterado estourou de vez. — Você está passando dos limites.

— Não me enche, José, já tô ficando de saco cheio do seu mau humor. — Ela se vira para ele, apontando o dedo na sua direção. — E nunca mais mande eu calar a boca.

— Vamos parar vocês dois, não quero ver ninguém brigando. — Olho para Marina em sinal de advertência, eu sei que ela está falando aquilo para provocá-lo.

Ela revira os olhos e José fecha a cara.

— Agora temos que ir, senão o Milton vai matar a gente. — Marina se inclina para me dar um beijo enquanto fala. — Se prepara, ele vem aqui hoje à noite com aquela cara de cachorro abandonado, não seja mole com ele, lembre-se de que ele não merece sua piedade, era para ser ele nessa cama e não você. — Sorrio para ela vendo os três se afastarem de mim. — Eu volto depois para a gente conversar a sós. E vê se agarra o bonitão da próxima vez que ele entrar aqui, inventa que tá passando mal, sei lá, qualquer coisa. — Ela pisca para mim e começo a rir.

— Vamos logo, Marina — José fala enquanto fecha a porta e mesmo depois de alguns minutos permaneço com um sorriso nos lábios.



À tarde, o Dr. Eduardo me visita para conversar sobre o acidente, ele me conta tudo o que Vinícius já havia me contado, mas deixo ele achar que eu não sabia.

Ele não veio me ver.

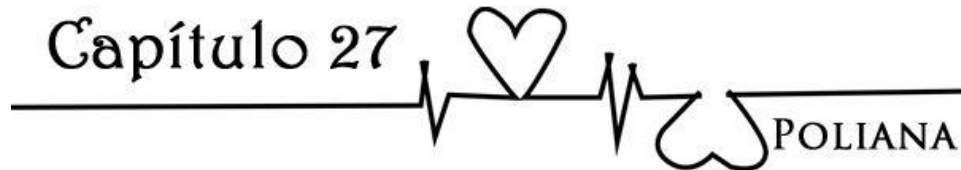
À noite, Milton aparece como Marina havia dito, ele passa o tempo todo lamentando e dizendo que sente muito. Eu finjo que acredito enquanto olho para a porta a cada dez minutos.

Ele não veio me ver.

À meia-noite, as enfermeiras do turno da noite chegam para as verificações de rotina, é a última rodada de copinhos descartáveis do dia. Mesmo sabendo que não é hora para visita médica, meu coração ainda espera por algum motivo que o faça entrar por essa porta.

O dia termina e ele não veio me ver.

Capítulo 27



Eu me perco com relação ao tempo, nunca sei que horas são ao certo, nem que dia da semana é, mas sei que passei quatro dias em coma, e hoje é o terceiro dia que estou no quarto, sei que odeio a sopa de mandioquinha, e que o café tem que ser tomado às seis da manhã ou ele esfria e fica pior que o café do restaurante. Sei o nome de cada uma das enfermeiras dos quatro turnos que cuidam de mim e também sei que eu tenho que pedir para a Marina trazer um xampu com urgência, meu cabelo está ficando uma droga.

Sei que a Dra. Melissa é gentil e que o Dr. Eduardo tem uma queda por ela, sei que o Dr. Denis não trabalha aqui, mas ele está sempre por perto, sei que o elevador está com defeito porque a porta sempre demora demais para fechar e também sei que a faxineira da noite não gosta de mim.

Uma semana é tempo suficiente para descobrir muitas coisas quando não se tem nada para fazer. A única coisa que ainda não descobri é como fazer meu coração parar de esperar por ele a cada maldita vez que essa porta é aberta.

E mais uma vez ela se abre. E meu coração para de bater no momento em que avisto seu sorriso bonito com covinhas.

— Oi. — Ele entra fechando a porta.

— Olá, Dr. Becker.

Ele se aproxima, ainda sorrindo, e se senta na ponta da minha cama, dou graças a Deus por ter tomado um banho e estar com os cabelos desembaraçados, posso não ser a pessoa mais bonita no momento, mas ao menos estou apresentável.

— Como passou o dia? — ele pergunta enquanto olha em volta analisando todo o quarto.

— Passei bem, fui a uma festa, fiz compras no shopping, depois fui ao salão de beleza...

Ele enruga o nariz e cruza os braços no peito.

— O que foi? Não acredita em mim?

— Você não parece o tipo de garota que perde tempo com essas coisas.

— Está me chamando de relaxada, Dr. Becker? — brinco, tentando não parecer tão nervosa quanto realmente estou.

— Não, ao contrário. Isso foi um elogio — ele diz ainda sorrindo e ergo a sobrancelha sem entender. — Eu quis dizer que você não precisa desses subterfúgios, é linda naturalmente.

Baixo os olhos temendo que ele seja capaz de ouvir meu coração bater, sinto ele tão forte em meu peito que parece que vai explodir.

Vinícius se aproxima ainda mais, seus dedos tocam o hematoma em meu peito e eu me seguro para não perguntar a ele se isso é um procedimento normal. Acho que prefiro acreditar que é apenas comigo.

— Está melhorando — ele diz baixinho como se falasse consigo mesmo.

— Sim está.

Sua mão fica por um instante pousada em meu colo antes de se retirar. E quando ele se afasta, a região tocada por ele parece estar em chamas.

— Você não veio ao hospital ontem? — pergunto e me arrependo imediatamente, não quero que ele pense que fiquei esperando por ele o dia todo, mesmo que isso seja exatamente o que fiz. Esperei por ele a cada segundo do dia.

— Eu estive ocupado com algumas coisas no projeto, aliás. — Ele aponta para suas roupas e noto que ele não está usando o jaleco. — Na verdade, eu ainda nem fui para casa, passei aqui só para te ver.

— Verdade?

— Sim, ontem você estava com visitas, não quis atrapalhar, você parecia feliz. — Ele se levanta e se afasta da minha cama e começo a me entristecer, prevendo o momento em que ele sairá por essa porta.

— Eu estava mesmo feliz.

Ele se aproxima das minhas rosas, seus dedos as tocam com a mesma delicadeza que ele me tocou há pouco e fico encantada ao ver seus longos dedos sendo tão gentis com as pétalas delicadas da flor.

— Lindas flores — ele fala, ainda olhando para o arranjo.

— Obrigada, também achei.

— Seu namorado tem muito bom gosto — ele diz segurando a caixa de bombons nas mãos e analisando o conteúdo.

Tenho que me conter para não sorrir, eu não acredito que ele está fazendo isso, mas está.

— Meus amigos são mesmo muito gentis, mas tenho quase certeza de que foi a vendedora quem escolheu as flores, porque eles não entendem nada disso, já os bombons... acredito que venha junto com o pacote.

— Amigos? — Ele ergue uma sobrancelha como se fosse absurdo eles serem meus amigos, principalmente José com certeza, já que ele nos viu próximos demais para sermos apenas amigos.

— Sim.

— Amanhã você está de alta — ele muda de assunto ainda observando os presentes que ganhei ontem. — Eu não estarei aqui, viajo amanhã cedo para um congresso em São Paulo, mas o Dr. Eduardo cuidará de você.

— Entendo... — Encaro o lençol em meu colo sentindo uma tristeza estranha, eu deveria estar feliz em ir para casa, no entanto o fato de ir embora me faz sufocar. — A gente se despede aqui então? — Sorrio tristemente.

— Não é para sempre, Poliana — ele diz tentando me consolar. — Eu ainda pretendo almoçar muitas vezes. — Ele pisca para mim, sorri e coloca a caixa de bombom no lugar. Seus cabelos caem no rosto. Tão natural. Tão simples, que sinto as borboletas acordarem em meu estômago. Eu sei que não deveria me comportar como uma adolescente boba na sua frente. Mas não consigo evitar, e não é apenas a sua beleza que me faz perder a razão, tem algo a ver com a sua gentileza, a maneira doce com que ele me olha, talvez seja seu sorriso. Esse par de covinhas que enfeitam seu rosto perfeito quando ele sorri assim para mim, ou sua voz forte e imperativa, capaz de fazer com que estações do ano mudem, pássaros nadem e pessoas mortas voltem a ter um coração batendo no peito.

— Obrigada por tudo — agradeço do fundo do meu coração. — Obrigada por salvar a minha vida.

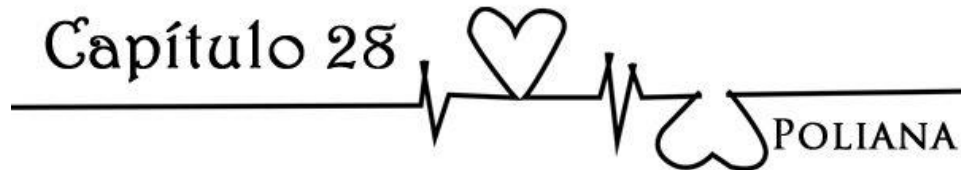
— Não precisa me agradecer, eu fiz o que precisava ser feito. — Ele passa a mão nos cabelos tirando-os do rosto antes de falar. — A gente se vê.

— Claro! A gente se vê.

Agarro-me aquela promessa para poder conseguir me despedir decentemente, sorrio e aceno com a mão trêmula enquanto assisto ele sair deixando-me sozinha com as lágrimas que insistem em cair.

Eu preciso sair logo daqui, porque este lugar está mexendo com a minha cabeça, e estou começando a acreditar em contos de fadas. Um perigo para uma garota que sempre viveu nas páginas das histórias de terror.

Capítulo 28



O dia amanhece triste, está chovendo lá fora e estou sentada à espera dos meus amigos há algum tempo. Olho para as flores que começam a morrer, a caixa de bombons pela metade e para as minhas poucas coisas que foram trazidas por Marina. Olho para a porta e, mesmo sabendo que ele não virá, eu continuo olhando para ela.

O telefone toca, assustando-me. Demoro um momento para atender.

— Alô. — Sua voz grave do outro lado da linha faz com que meu coração dispare no peito.

— Oi, Dr. Vinícius. — Minha voz sai um pouco mais alta do que deveria e me levanto indo até a janela.

— *Como você está?* — ele pergunta e a primeira coisa que surge em minha cabeça é uma vontade louca de dizer que estou com saudades, mas me limito a dizer que estou bem. — *O Dr. Eduardo já passou aí?*

— Sim, estou apenas esperando meus amigos chegarem.

— *Eu deixei uma caixa com a enfermeira, ela vai entregar para você. Não se esqueça de seguir todas as recomendações que lhe foi passada e bastante repouso.*

— Pode deixar, vou cancelar a festa de hoje à noite — brinco tentando aliviar a tensão que permeia a nossa conversa.

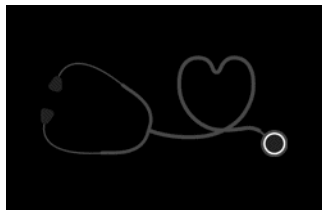
Ele ri. E eu me derreto por seu riso.

— *Se cuida...* — ele pede. — *Preciso ir.*

A ligação termina e fico parada olhando a rua e tentando imaginar quando foi que tudo isso aconteceu, como foi que esse homem rompeu a barreira que criei em meu coração, aquela que eu tinha certeza de que me protegeria de todo o mal, que não me deixaria sofrer. Quando foi que ele passou a ser o motivo dos meus sorrisos e a cor dos meus dias cinzentos.

A porta se abre e uma enfermeira entra com uma caixa nas mãos como se houvesse escutado nossa ligação.

— Bom dia, Poliana, o Dr. Becker deixou isso aqui para você. — Recebo a caixa e agradeço, mas antes mesmo que eu possa abri-la Marina e José chegam e junto com eles a alegria que faltava.



— Meu Deus, José, se você andar mais devagar eu juro que vou a pé — Marina resmunga. — Tenho certeza de que chego mais rápido que você.

— Marina, você é insuportável, sabia? — ele diz olhando para ela pelo retrovisor.

— Vocês dois podem parar de brigar, pelo menos por um minuto! — Tento não sorrir, mas é quase impossível com esses dois se alfinetando o tempo todo.

Marina revira os olhos exageradamente e cruza os braços, José tenta se concentrar no trânsito enquanto aperta o volante com tamanha força que imagino que ele esteja pensando no pobre pescoço da minha amiga.



Duas horas depois, algumas brigas hilárias e muitas recomendações, finalmente estou em minha cama, com minha cachorrinha aninhada no meu colo, enquanto tento não dormir. Olho para a caixa que Vinícius me deixou no hospital e sem conter a curiosidade eu a puxo para mim, abrindo-a esperando encontrar receitas, exames e remédios.

Mas não é só isso que tem lá dentro.

Junto com as coisas do hospital encontro um livro, uma caixa de bombons exatamente igual à que meus amigos me deram, cinco DVDs, um celular e uma carta. Observo incrédula cada um dos itens, tentando não acreditar que ele esteja fazendo isso apenas para mim, mas falhando miseravelmente.

Pego a carta e, com o coração cheio de expectativas, começo a ler:

Poliana,

Sei que não é fácil ficar sozinha em casa sem poder fazer nada, e sei também que você é uma pessoa bastante teimosa, ao menos foi o que me pareceu no tempo que esteve no hospital.

Então resolvi te ajudar com algumas coisas para passar o tempo.

Estou te mandando um livro (indicação da minha irmã, que disse que é a maior história de amor do universo – palavras dela), alguns filmes que gosto e espero que você goste também, seus bombons preferidos e um celular.

Neste celular estão marcados todos os horários dos seus remédios, o telefone do Dr. Eduardo caso necessite de algo e também o meu... caso queira saber quais foram os novos jalecos roubados ou queira conversar um pouco. Por favor, se cuide direito, se alimente bem, respeite os horários e o repouso e logo você estará bem.

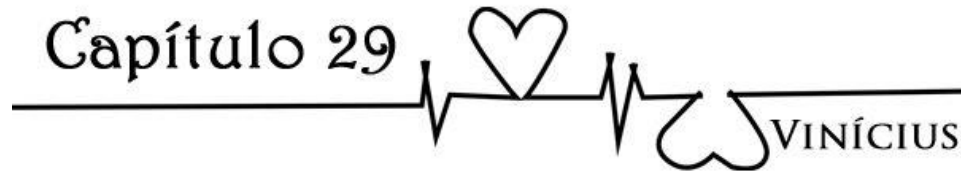
Um abraço.

Dr. Vinícius Becker.

P.S.: Desculpe a letra horrível, sabe como é letra de médico.

Tento não me iludir, começo a achar que ele se sente responsável por mim de alguma forma, ou então seja um procedimento comum em hospitais particulares os médicos enviarem presentes para suas pacientes... o fato é que não importa o que eu invente, meu coração já decidiu se iludir. E não há nada que eu possa fazer para mudar isso.

Capítulo 29



VINÍCIUS

“Petrônio Xavier? Sério, Vinícius?”

Ela envia a mensagem e quase posso ouvir sua voz.

“Mas em sua defesa, eu preciso dizer que ele é um dos maiores cientistas na área de neurocirurgia.”

Digito a mensagem e envio, imediatamente ela começa a responder e me sinto como um adolescente apaixonado aguardando sua resposta.

“Eu não duvido, com um nome desses lhe restou muito tempo para estudar, já que ele não deve ter tido muitas namoradas na vida.”

Estou rindo para a tela do celular, afastado da grande agitação que acontece a minha volta, dezenas de médicos se aglomeram em frente à mesa de café enquanto discutem o último artigo científico que saiu. E eu só quero trocar mensagens bobas com ela como se fosse a nova descoberta na área médica.

Faz três dias que ela saiu do hospital e desde então temos nos comunicado sempre, eu a lembro de tomar seus remédios, descansar e comer, e ela me pergunta como foi o meu dia. E eu conto a ela cada detalhe do mais bobo ao mais chato. Ela parece interessada, mesmo que não compreenda a grande maioria das coisas que escrevo, mas se faz parte do meu dia para ela é o que importa.

Poliana é uma mulher incrível, seu senso de humor sarcástico me diverte e ela sempre parece estar preocupada comigo, algo que além de Verônica e Carol, quase não tenho.

— Becker? — Uma voz familiar me chama. — Está se escondendo? — Um dos médicos brinca dando um tapinha amigável em minhas costas.

— Eu estava respondendo uma mensagem importante. — Balanço o celular no ar.

— Venha, você precisa ouvir isso.

Guardo o celular no bolso e sigo o médico até a roda de pessoas que contam piadas sem graça sobre médicos e enfermeiros. Finjo ouvir, mas a verdade é que toda a minha concentração está no pequeno objeto que vibra em meu bolso pedindo atenção.

Capítulo 30



No domingo recebo a visita de todos os meus amigos, eles trazem a comida e até mesmo uma sobremesa preparada por Maria. Passamos o dia conversando, eles me atualizam sobre as coisas do restaurante enquanto devoramos o que restou dos bombons que ganhei de Vinícius.

No fim do dia todos vão embora, estou exausta, mas feliz, vou até a cozinha tomar meus remédios quando noto que meu celular está no modo silencioso. Há dezenas de mensagens de Vinícius, algumas chamadas e dois avisos que não vi tocar.

Assim que começo a responder as mensagens, meu aparelho toca.

— Alô.

— *Graças a Deus! Eu estava preocupado.*

— Olá, Dr. Vinícius? Ou seja lá quem estiver do outro lado da linha — brinco, mas ele não parece entrar na brincadeira.

— *Por que você não me respondeu?*

— Meu celular estava no modo silencioso — respondo sem compreender porque ele está falando assim. — Eu tive visitas e acabei não percebendo que ele tinha tocado.

— *Eram os amigos do hospital?* — Seu tom inquisidor me incomoda um pouco.

— Sim, eram eles.

— *Aposto que você não está descansando como deveria.*

— Estou sim, claro que estou.

— *Você tomou seus remédios?*

Ergo as sobrancelhas me sentindo estranha com aquela conversa. Uma sensação ruim me incomoda e tento afastá-la de minha cabeça, mas não consigo.

— Tomei — respondo me sentindo irritada comigo mesma por estar respondendo.

— *Você está sozinha?*

— O que você tem a ver com isso?

— *Eu fiquei preocupado com você. Estava prestes a ir te ver quando você atendeu.*

— Me ver? Você sabe onde moro?

— *Seu celular...* — ele hesita antes de continuar. — *Ele tem rastreador e...*

— Você está me vigiando? — pergunto assustada sem deixar que ele termine de falar. Um sentimento conhecido e assustador ameaça me sufocar.

— *Não!* — ele diz rapidamente assustado com minha constatação. — *Por Deus, Poliana... Claro que não, eu só achei que seria bom, caso você precisasse de ajuda.*

— Você trata todos os seus pacientes assim?

— *Você não é minha paciente, Poliana* — ele responde irritado.

— Realmente eu não sou. — Minha voz se altera e começo a tremer. O pânico começa a me fazer perder a razão.

— *Não faz isso... por favor* — ele implora e não sou mais capaz de evitar.

— Eu acho realmente que você deveria arrumar o que fazer e me deixar em paz, você não tem obrigação nenhuma comigo e não estou gostando do seu tom de voz. — Olho em volta como se, de repente, estivesse sendo vigiada por alguém.

— *Não é obrigação, eu me importo com você.*

Embora eu esteja apavorada sinto a preocupação em sua voz.

— Por quê? — Sinto quando as primeiras lágrimas começam a escorrer do meu rosto e seco-as com força machucando minha pele. — Você poderia ter me pedido, eu daria para você meu endereço, eu daria meu telefone. Você poderia ter apenas me pedido... — Estou ofendida, magoada e assustada. Olho em volta e levanto apressadamente indo até a porta e verificando se está tudo trancado.

— *Por favor, Poliana, não me interprete mal, eu só quis cuidar de você.*

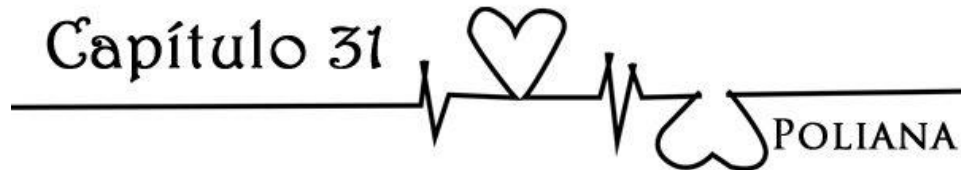
— Você mentiu... — Minha voz sai chorosa.

— *Me desculpe* — ele diz e mesmo com raiva me sinto tentada a aceitar.

— Eu preciso desligar. — Estou prestes a chorar, algo que não estou disposta a fazer na frente dele. Finalizo a ligação ignorando o que ele diz, desligo o celular para não correr o risco de cometer o erro de atendê-lo caso ligue novamente.

Deixo-me cair no chão, incapaz de impedir as lágrimas de escorrerem por meus olhos e meu coração de ser despedaçado.

Capítulo 31



Um ano atrás...

Ouç o barulho da porta se abrindo e estremeço.

— Poliana! — ele grita. — Poliana, cadê você?

— Estou aqui — respondo ainda sem olhar para ele. Não quero vê-lo, não quero vê-lo nunca mais. Estou magoada, assustada e com tanto nojo que sinto vontade de pegar a faca na gaveta e fazer uma loucura. Só não sei ainda se em mim ou nele.

— Graças a Deus! — Ele se aproxima e sinto seus braços rodearem minha cintura, sua proximidade me sufoca. Quero gritar para que ele fique longe de mim, mas não consigo, não encontro mais a minha voz. — Eu achei que você tinha ido embora. — Ele puxa uma mecha do meu cabelo para si e sussurra em meu ouvido: — Você sabe que não pode me deixar, não é? Você sabe que não sou nada sem você.

Eu não respondo, não sou capaz de falar isso, porque se eu disser, estarei confirmando minha sentença. O príncipe se tornou lobo, e hoje não sou mais princesa, sou presa e estou no meu cativeiro. Não tenho opção, não posso fugir, me sinto prisioneira dentro de minha própria casa e sei que estou sendo vigiada, me sinto vigiada.

Ele aperta seus braços em volta de mim, me sinto sufocar e tento me afastar.

— Me perdoa, Poliana, eu não queria ter feito aquilo na frente de todos. — Ele beija meu ombro e seus lábios que um dia me deixaram arrepiada de prazer, hoje me dão asco. — Mas você não pode falar comigo daquele jeito, não na frente deles. — Encaro a mesa à minha frente lembrando a maneira como ele me envergonhou na frente de todos os seus amigos, como a violência parecia algo natural para ele e seus amigos, fecho os olhos e posso ver o corpo estendido no chão. Posso sentir minha pele ardendo. Meu coração quebrando...

Ele não é mais o mesmo e nos últimos meses eu não o reconheço mais. Tudo o que ele faz é me diminuir, me assustar e me ameaçar.

Eu não posso deixá-lo.

Eu estarei em perigo sem a sua segurança.

Eu pertencço a ele, ao seu mundo.

São as palavras que ele usa para me manter sob seu domínio. Cada vez que ele diz algo que me acua, eu me sinto mais longe de um fim.

Viro-me e finalmente olho para ele, o homem que um dia acreditei que amava, por quem lutei e com quem eu sonhei em formar uma família e ter um futuro, seus olhos estão vidrados, seu hálito cheira a bebida. E isso se tornou tão comum que já não me lembro mais como ele é sem todas essas merdas.

— Eu não gostei do que vi hoje — digo ainda sem olhar para ele. — Não gostei de ter sido incluída nos seus negócios, não gostei de ter sido tratada como uma vagabunda e, principalmente, não gostei de ter presenciado aquela cena.

— Eu já prometi a você. — Ele toca meu rosto com suas mãos e me encolho. — Eu não vou mais fazer isso. — Ele promete e sei que é mentira no momento em que as palavras saem da sua boca. Ele não pode me prometer isso, pois já não é mais ele quem controla a sua própria vida, são as suas escolhas quem determina seus caminhos e por mais que eu não queira aceitar, são as suas escolhas que definiram o rumo que minha vida tomou.

— Eu não acredito em você. — Dou um passo para trás e sinto a lágrima cair em meu rosto. — Você mentiu para mim. Eu não posso mais ficar aqui.

Dou mais um passo e tento desviar dele, mas ele me segura puxando-me para si e seu olhar diz que eu não irei para lugar algum.

— Você é minha, Poliana, aceita isso que é melhor para você. — Ele segura meu rosto com uma força desnecessária, machucando-me novamente, quebrando a promessa que acabou de fazer. — Vai ser melhor para todo mundo.

E então ele me beija. Um beijo frio, sem sentimento, um beijo de desespero, de alguém que precisa provar a si mesmo que é capaz de controlar tudo à sua volta.

Ele declara seu amor por mim. Um amor vazio, apenas um amontoado de letras que formam uma palavra, ela não chega ao meu coração, ela não me toca. Ela está tão vazia quanto uma palavra dita por ele poderia estar. E então eu choro, porque sinto nesse momento, enquanto sou beijada, que estou desaparecendo um pouquinho por dia. Todos os dias.

O certo seria lutar, me impor, dizer não. Mas como fazer isso se tudo o que eu acreditei se desmanchou na minha frente? Como ser forte quando não se crê em mais nada?

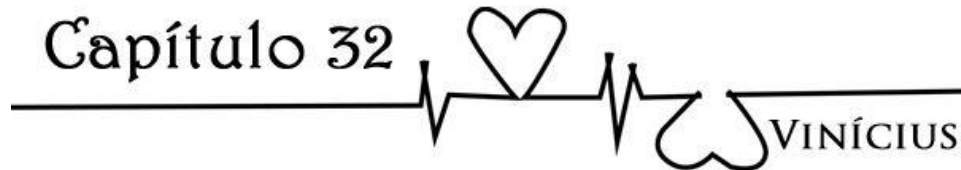
Mantenho-me calada enquanto ele me toca e mais uma vez me deixa ser levada por ele. Só que, desta vez, eu sei que nada disso é real.

Ele diz que me ama. E eu me odeio um pouco mais.

Ele me possui. E eu me perco um pouco mais.

Ele diz que sou dele. E eu já não sei mais quem eu sou.

Capítulo 32



— Tem certeza de que está tudo bem? Não estou gostando da sua cara — Melissa me pergunta pela terceira vez enquanto viro à esquerda seguindo as instruções do GPS.

— Tenho certeza, eu só preciso da presença de uma mulher ao meu lado e Verônica não é a melhor opção.

— Tem algo a ver com criança? Precisamos chamar a polícia? — Ela olha em volta percebendo que estamos em uma região carente e que a presença de uma pediatra a essa hora da noite por aqui geralmente está vinculada a viaturas de polícia e assistentes sociais.

— Fica tranquila, não tem absolutamente nada a ver com crianças.

Conto então para ela o que houve e o motivo para que ela esteja aqui, Melissa ouve tudo em silêncio, sem questionar ou julgar.

Ao chegarmos ao local indicado sinto-me melhor por ter trazido-a comigo. Entramos no edifício e perguntamos a algumas pessoas onde Poliana mora, um rapaz indica o último apartamento do corredor e seguimos até lá em silêncio. Arrependo-me no momento em que paro na frente de sua porta. O que diabos eu penso que estou fazendo? Melissa nota minha ansiedade e aperta minha mão tentando me tranquilizar. Ela bate levemente na porta e ouço o latido de um cachorro.

— Poliana? — ela chama e por um instante meu coração para de bater no peito. E se algo ruim tiver acontecido? E se ela saiu e foi para outro lugar? — Poliana? — Melissa repete e ouço passos se aproximarem.

— Quem é? — ela pergunta e meu coração volta a bater.

— É a doutora Melissa, eu vim aqui te ver.

Ficamos em silêncio por alguns instantes e noto que já não estamos mais sozinhos no corredor, vizinhos saem de suas casas e sem nenhuma cerimônia assiste a tudo.

— Ele está com você? — ela pergunta e noto em sua voz que ela chorou. Me sinto ainda pior.

— Sim, ele está. — Melissa me olha e sorri. — Ele está preocupado, pediu para que eu viesse aqui verificá-la. Posso entrar?

— É melhor não, está tarde e eu estou cansada. Vão embora.

— Por favor... — Aproximo-me da porta espalmando minha mão na madeira gasta. — Me desculpe, Poliana, eu só quis cuidar de você.

— Vinícius, vá embora — ela diz e sua voz está carregada de mágoa.

— Não faz assim, deixa a Melissa te ver e eu prometo que vou embora.

Ouçó o que parece ser um soluço e fecho os olhos me sentindo mal por ela, apoio meu rosto na porta sem me importar com as pessoas que presenciam nossa cena.

— Por favor, Poliana...

— Eu achei que você fosse diferente — ela diz baixinho, como uma confissão que não deveria ter sido feita. — Mas eu me enganei, você é igual a todos.

— Eu sinto muito — digo mesmo sem saber o que ela quer dizer com isso, porque a verdade é que eu sinto mesmo, sinto muito por tudo o que ela passou, por estar sozinha nesse lugar, ferida e assustada, sinto por não poder protegê-la e por ter magoado-a mesmo sem querer. — Você não precisa falar comigo, apenas deixe a Melissa entrar.

Poliana permanece em silêncio por mais alguns instantes e tudo o que ouço é o cachorro raspar a porta com suas patas. As trancas começam a ser abertas e quando finalmente vejo seu rosto fico aliviado. Embora esteja pálida e com os olhos vermelhos, ela parece bem.

Poliana me olha, seu olhar é triste e seu rosto ainda está úmido pelas lágrimas derramadas. Abro a boca para dizer algo, mas ela desvia o olhar rapidamente.

— Pode entrar, doutora Melissa.

Ela abre um pouco mais a porta e me afasto permitindo que Melissa entre com ela. Apoio-me na parede ao lado dos curiosos, que insistem em permanecer comigo. Tento ouvir algo, mas tudo permanece em silêncio pelos próximos quinze minutos, alguns curiosos vão embora, e eu continuo olhando fixamente para a porta até que ela se abre e Melissa finalmente sai acompanhada de Poliana.

— Obrigada, doutora. — Ela sorri para Melissa.

— Não precisa agradecer, eu fico feliz em ter vindo, faça como te disse e o vermelhidão logo passará.

Poliana mantém seus olhos em Melissa o tempo todo, como se eu não estivesse aqui, continuo no mesmo lugar, os braços cruzados enquanto sou ignorado pela mulher que vem tomando conta de cada pedaço do meu corpo, como um vírus mortal e mutante, que a cada tentativa de eliminá-lo se fortalece e se impõe enfraquecendo-me e dominando-me.

— Obrigada, Dr. Vinícius — ela diz de maneira fria antes de fechar a porta sem me dar a oportunidade de dizer mais nada.

Poliana se vai e permaneço olhando para a porta fechada por um tempo, incapaz de me afastar. Sinto-me a cada dia mais doente, e o pior, não sei se quero me curar.

Capítulo 33



POLIANA

Olho para o meu celular. Ele continua desligado desde a noite passada, não tenho intenção nenhuma de voltar a ligar, embora meu coração peça isso a cada minuto. Sinto sua falta, sinto tanto que me sufoca e me assusta.

— O que você acha de tomar um banho enquanto eu e o José preparamos o jantar? — Marina pergunta chamando minha atenção.

Não quero tomar banho, muito menos comer, embora saiba que me alimentar bem é algo importante. Mas não tem como argumentar com Marina, quando ela decide algo só me resta fazer.

Tomo um banho demorado, perdendo-me em lembranças sobre a noite anterior, fecho os olhos e posso ver ele parado na porta da minha casa, seu olhar preocupado, sua postura imponente e sua beleza.

Jantamos juntos na minha cama enquanto assistimos TV.

— E então — começa Marina com a boca cheia —, você não vai me perguntar do Dr. Hollywood?

José faz uma careta ao perceber o rumo da conversa e vai para a cozinha.

— Não, Marina, eu não vou perguntar e não quero saber.

— Tem certeza? — ela insiste. — Porque eu tirei até uma foto dele hoje pra te mostrar.

José se vira para nós segurando um pano de prato nas mãos.

— Você perdeu completamente o juízo, Marina, sair tirando foto de homem por aí?

— Cale a boca, José! Todo mundo tira foto de homens bonitos. — Ela revira os olhos e se joga no travesseiro, oferecendo sua comida para Joana, que se mantém distante. — Não é um homem qualquer, é o Dr. Vinícius. E não posso fazer nada se você não é atraente o suficiente para ter uma foto sua em meu celular.

Ele resmunga algo e volta a secar a louça guardando-a no lugar. Marina busca a imagem, ignorando o fato de que eu não quero vê-la, e me mostra. Ele está sentado de perfil, olhando para a comida, com uma camisa azul que eu conheço, ela o deixa com um ar angelical, destaca seus olhos e faz o que parece impossível: o deixa ainda mais bonito.

— Hoje, o gato estava muito pensativo, não falou com ninguém o tempo todo e nem mesmo um beijo me deu na hora de ir embora.

Olho para Marina, que ri.

— Estou brincando, sardentinha, só queria tirar você do transe, ele mal me cumprimenta, mas eu vou logo avisando que se esse monumento quiser me beijar eu lamento muito, mas terei que deixar.

— Jesus amado! — grita José. — Essa garota não tem um filtro no cérebro?

Marina pega um chinelo do chão e arremessa em direção a ele.

— Vai arrumar uma mulher, você tá precisando transar, anda muito estressadinho.

José segura o chinelo no ar e aponta para Marina.

— Se tentar me acertar mais uma vez vai pra casa a pé!



Eles continuam brigando pela próxima hora, me fazendo rir mais do que eu achei que seria capaz. Antes de ir embora, Marina passa a foto para o meu celular sob a recriminação de José e, assim que eles saem, me sinto sozinha e triste novamente.

Deito na cama na companhia de Joana, que se aninha no meu lado e dorme imediatamente, exausta com todo o estresse de estar no mesmo ambiente que Marina por tanto tempo. Permaneço um tempo olhando a foto dele, imaginando o que ele estaria pensando e por que está agindo dessa maneira comigo. Chego à conclusão de que deve ter algo a ver com o fato de ter me salvado e decido que precisamos conversar.



— José, você vai acabar se prejudicando por minha causa — digo ao meu amigo enquanto ele me leva para o hospital dois dias depois.

Ele me olha com sua nova expressão de homem sério.

— Você acredita mesmo que o Milton será capaz de reclamar alguma coisa pra mim?

— Eu não sei, só não quero que você se prejudique.

— Se ele abrir a boca pra reclamar alguma coisa, eu arrebento a cara dele, estou me segurando pra não fazer isso faz um tempo e vou adorar se ele me provocar.

— José! O que está acontecendo com você? — recrimino-o. — Você não era assim, eu quero que você pare com isso, não vale a pena. Você é um cara muito legal pra estragar sua vida com um cara como o Milton, ele não vale nenhum sentimento, lembra?

Ele sorri para mim quando nota que estou usando a sua frase preferida e segura minha mão, ajudando-me a entrar no hospital. Ficar tanto tempo em casa deitada me deixou fraca, e agradeço o fato de ter a sua companhia. Principalmente porque não sei como agirei no momento em que vir Vinícius de novo.

Ao contrário do que prometi a mim mesma aquela noite, não tive coragem de falar com ele, achei melhor deixar as coisas como estão e fazer com que o tempo se encarregue de nos afastar, mas no momento em que coloco o pé nesse lugar sinto como se essa fosse uma tarefa impossível.

Voltar ao hospital onde tudo começou me deixa nervosa, lembro-me de cada momento em que ele me visitou, do seu toque suave e delicado, do seu olhar caloroso, lembro-me da sua voz grave falando que queria cuidar de mim e sinto meu coração falhar uma batida.

Ao chegar na recepção sou informada de que o Dr. Becker não está, o que de certa forma é um alívio para mim. Pergunto pelo Dr. Eduardo e me encaminham até uma sala onde aguardo por ele ao lado de José.

Quem entra não é o homem gentil e sorridente que cuidou de mim nos últimos dias em que estive aqui e sim uma mulher, médica, levando em conta que ela usa um jaleco tão branco e maculado que mais parece as vestes de Jesus Cristo. Ela é bonita e tem olhos de gato, rasgados e de um tom acinzentado que nunca vi antes. Ela ergue a sobancelha de uma forma sedutora e sorri.

— Bom dia. — Ela olha para mim e para José. — Sou a Dra. Mônica e vou te atender, o Dr. Eduardo está em outra consulta. — Ela estende sua mão para mim e, em seguida, para José.

— Eu vou te esperar lá fora, Poli.

José se dirige até a porta quando a médica diz:

— Seu namorado pode ficar, caso deseje.

— Ele é apenas meu amigo — a corrijo imediatamente.

José sai da sala me deixando sozinha com a médica e me sinto estranhamente desconfortável em sua presença.

Ela me faz as perguntas de praxe, como venho me sentindo, se estou tomando os remédios e me alimentando, se sinto alguma dor e se estou ciente de tudo o que houve, respondo a todas as suas perguntas enquanto ela escreve sem parar no computador à sua frente.

— Pode tirar sua roupa? — ela pergunta ao se aproximar, meu desconforto aumenta à medida que ela chega mais perto de mim. Não gosto da maneira que ela me olha, nem da forma como fala comigo embora esteja tentando ser o mais gentil possível, tem algo em seu olhar que denuncia a camada de falsidade que ela usa.

Faço o que ela manda e não consigo me impedir de sentir-me exposta, ainda estou usando um conjunto de lingerie e ela logo coloca um lençol sobre mim, mas me sinto nua e constrangida. Desvio o olhar quando noto que ela está olhando para elas, as cicatrizes em meu abdômen e fecho os olhos tentando não me abalar.

Lembro-me de que faz muito pouco tempo, apenas seis meses para ser mais precisa, e isso faz com que eu consiga me manter quieta enquanto suas mãos delicadas e femininas tocam o meu corpo.

— Você e o Dr. Becker se conhecem de onde mesmo? — ela pergunta e não consigo compreender o motivo do seu interesse.

— Ele almoça no restaurante onde trabalho — respondo sem olhar para ela.

— Hum... lá na comunidade? — ela continua perguntando.

— Sim — limito-me a responder.

— E vocês têm se visto?

Viro-me para a médica, que está soltando os pontos em meu abdômen, e ela sorri friamente para mim.

— Desculpe-me perguntar, sei que é antiético e pessoal, mas todos estão curiosos. Desde quando vocês estão saindo?

— Nós não estamos... *saindo* — respondo enfatizando a palavra que ela usou para perguntar se estou transando com ele e estremeço quando ela puxa a linha em minha pele.

— Ah, não? — ela pergunta sem acreditar na minha resposta e decido que a detesto nesse momento. — É que ele parece tão dedicado a você.

— E não deveria? Afinal de contas ele salvou minha vida, sou sua paciente. Como médico espera-se que ele seja dedicado, ou não? — Sinto que minhas palavras saem mais ariscas do que deveriam.

— Sim, claro — ela finaliza a conversa e volta a se dedicar a meu corte. — O Dr. Vinícius é um dos melhores cardiologistas deste hospital, você teve sorte de ter sido socorrida por ele.

— Sim, eu sei disso — respondo desejando que ela pare logo de falar e termine o que tem que fazer, quero sair de perto dessa mulher o mais rápido possível.

— Na noite passada estávamos conversando sobre seu caso. — Ela sorri como se lembrasse de algo engraçado e balança a cabeça. — Sabe como é, acabamos levando trabalho para casa...

Ela continua falando, mas já não a ouço mais, me prendo na palavra casa e percebo o que ela está fazendo. Ela está deixando claro que ele tem dona, que estão juntos e seja lá o que for que aconteceu conosco não passou de mais um caso emergencial.

Ela termina e se levanta retirando as luvas e lavando as mãos, levanto-me e vou até minhas roupas, visto-me e continuo sem ouvir o que ela diz até que vejo uma folha de papel na minha frente.

— Caso precise de alguma coisa, aqui está o meu telefone e o do Dr. Eduardo, só nos ligar. — Ela pisca para mim e se aproxima me dando um abraço rápido antes de abrir a porta. — Parabéns, Poliana, sua recuperação está excelente, logo poderá voltar ao trabalho.

Não sei se respondi, não tenho certeza. Apenas forço-me a sair do consultório. Dou graças a Deus quando avisto José sentado em uma cadeira folheando uma revista, ele ergue o olhar quando me vê e levanta rapidamente vindo ao meu encontro.

— O que foi, Poliana? — Ele segura minha mão enquanto me olha em busca de algo errado.

— Não foi nada, eu só estou um pouco tonta, acho que me levantei rápido demais.

José passa a mão em minha cintura trazendo-me para junto de si.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Ele me olha mais uma vez.

— Tenho.

— Então vamos embora daqui, odeio hospitais.

Estamos prestes a sair quando ouço uma voz familiar que faz com que eu deseje que outra bala me acerte. Dessa vez no coração, quem sabe assim ele para de bater acelerado toda vez que o ouve.

— Poliana, está tudo bem? — Vinícius está parado na porta da sala com os braços cruzados e uma expressão muito preocupada evidenciando as linhas em volta dos olhos e na testa, ele olha para José e sua mão em minha cintura.

— Ela está com tontura — José diz entregando-me.

— Tontura? — Vinícius se aproxima e desvio o olhar quando ele analisa meu rosto antes de pousar sua mão em meu ombro.

— Não é nada — digo ainda sem olhar para ele. — Eu só me levantei rápido demais.

Vinícius não parece contente com minha resposta e diz para José:

— Acho que vou pedir um exame de sangue, só para verificar suas taxas.

— Não! — digo finalmente olhando para ele. — Não precisa, eu já estou melhorando.

— Acho que o médico tem razão, Poli, você está pálida e fria. — José parece preocupado e, antes que eu possa dizer mais alguma coisa, estou sendo sentada em uma cadeira de rodas.

— José, eu estou bem — digo para ele, que está ajoelhado à minha frente.

— É melhor, Poli, não custa nada fazer um exame.

— Mas eu vou te atrasar ainda mais.

— Não tem problema.

Vinícius volta com uma enfermeira e a Dra. Mônica ao seu lado, eles conversam algo enquanto sou levada pela mulher, tento não notar o quanto eles são lindos juntos. Ela é alta e seus saltos a deixam quase da altura dele, seus olhos de gato se estreitam de forma sensual enquanto ela fala com ele. Vinícius a ouve atentamente, enquanto mexe em alguns papéis que segura nas mãos.

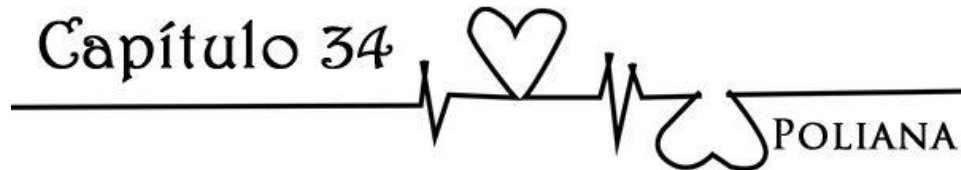
“Sabe como é, acabamos levando trabalho para casa...”

Tento impedir as imagens de se formarem em minha cabeça, mas elas são mais rápidas e logo estou vendo eles juntos, se beijando, se tocando, Vinícius falando juras de amor para essa mulher linda e atraente. E sinto-me finalmente doente.

Agora sim faz sentido.

Contos de fadas não foram feitos para gente grande.

Capítulo 34



Sou levada para uma pequena sala de observação, uma enfermeira entra e me faz uma série de perguntas, em seguida colhe meu exame e pede para que eu fique deitada por algum tempo. Faço o que ela pede e tento parar de pensar em Vinícius e na doutora Mônica, mas é impossível.

Ouçoo a porta se abrir e para meu desespero é ele.

— Como se sente? — Ele se aproxima retirando o estetoscópio do ombro e colocando-o no ouvido com toda a tranquilidade que se espera de um médico.

— Eu quero ir embora — falo como uma garotinha magoada e ele se aproxima colocando o material frio em meu peito e ignorando o meu papel ridículo, fecho meus olhos fingindo não me importar que ele esteja ouvindo meu coração acelerado e desejando que ele não seja arrogante ao ponto de ter a certeza de que é por ele que minhas batidas estão aceleradas.

— Poliana — ele me chama devagar, carregando em cada letra a tranquilidade que ele demonstra em seus olhos, abro os meus e o encontro a poucos centímetros de distância. — O que você está sentindo?

Medo. Desespero. Ciúmes, tanto ciúmes que sinto vontade de chorar. Mas o pior de tudo, sinto que estou perdendo o controle dos meus sentimentos e isso é ruim, isso é muito ruim.

— Nada — minto, olhando em seus olhos azuis pacíficos.

— Poliana! — ele me adverte como se soubesse que estou mentindo. E sabe, tanto fisicamente quanto emocionalmente sou transparente demais para ele.

— Eu não quero ser atendida por você. — Sou sincera porque estou prestes a chorar, me sinto magoada e ele não tem absolutamente culpa nenhuma se desenvolvi sentimentos por alguém que não posso ter.

Ele abaixa a cabeça e seus cabelos caem escondendo seu rosto de mim, ouço-o respirar fundo como se tentasse manter o controle e quando ele volta a olhar para mim, não é mais o médico que está na minha frente e sim o homem que esteve na porta da minha casa alguns dias atrás. Ele está irritado, assim como eu.

— Não torne as coisas mais difíceis do que elas já são, Poliana — Vinícius me pede.

— Então chame outro médico.

— Por quê? — ele pergunta magoado. — Foi por causa do maldito celular?

— Não quero falar sobre isso — tento ser firme, mas não consigo porque ainda estou tentando não chorar.

— Por que decidiu me afastar de você, o que eu te fiz?

— Eu não quero ter essa conversa aqui a poucos metros da sua namorada que, por sinal, não está gostando nem um pouco do nosso envolvimento — começo a falar sem pensar e

Vinícius me olha como se não compreendesse nada. — Aliás, ela sabe que você presenteia suas pacientes? Sabe que você troca mensagens com elas?

— Do que você está falando, Poliana? — ele pergunta parecendo não compreender o que estou dizendo.

— Da mulher que acabou de me deixar bem claro que estou incomodando: a sua namorada! — Levanto a voz e somos interrompidos por uma enfermeira que entra com uma bandeja de comida.

— Dr. Becker, eu trouxe o lanche que o senhor me pediu. — Ela olha para mim e para ele, provavelmente sem compreender o motivo para que um médico e uma paciente estejam tendo esse tipo de conversa.

— Obrigado, Daniela, pode deixar aí — ele agradece e a enfermeira deixa a bandeja em cima da mesa antes de sair.

Vinícius vai até a porta e a tranca, impedindo que sejamos interrompidos mais uma vez. Ele apoia as mãos na madeira branca e parece cansado, em seguida se vira, passando as mãos nos cabelos e caminha até a mesa. Ele retira seu jaleco colocando-o no encosto da cadeira e volta até mim.

— Poliana. — Ele puxa uma cadeira e se senta na minha frente. — Acho que precisamos conversar. Não como médico e paciente.

— Eu não quero, por favor — imploro, mas ele ignora.

— Eu não sou um sacana — ele diz olhando nos meus olhos, com calma e pausadamente. — Eu jamais mandei presentes para minhas pacientes, nem mesmo tenho contato fora do hospital com nenhum deles. Eu não sou casado e não tenho nenhum compromisso com ninguém além do meu trabalho. Eu sou um homem reto e costumo honrar a educação que recebi dos meus pais, portanto eu jamais estaria aqui tendo essa conversa com você se a Mônica representasse alguma coisa para mim. Fui claro?

Ele termina de falar e me observa tentando encontrar em mim algum indício de que não acreditei em suas palavras. Infelizmente não sou uma mulher muito fácil de acreditar nas pessoas, mesmo quando meu coração implora para que eu faça isso, mesmo que eu consiga sentir nas palavras dele que está sendo sincero. Há uma parte de mim maior do que tudo isso que me impede de acreditar.

— Mas ela disse que vocês... — começo a falar, a voz chorosa e exausta de quem está travando uma batalha interna entre a razão e o coração.

— Eu estou falando que não tenho nenhum caso, namorada, noiva, esposa, ou seja lá o que for. Não sou esse tipo de homem — ele completa. — Quando estou com alguém, eu realmente sou da pessoa com quem decido ficar, sou um homem comprometido.

— Mas...

— Você não acredita em mim?

— Ela disse que vocês estavam falando de mim ontem, em casa, como se vocês fossem um casal e... — Me sinto ridícula e insegura no momento em que começo a falar.

Por mais que eu não queira admitir, isso está bem longe de ser uma relação entre médico e paciente, mas também não é algo que possa se chamar de relacionamento, na verdade estou tão confusa que mal consigo organizar meus pensamentos.

Baixo meus olhos encarando meu colo, envergonhada por estar tão exposta na sua frente. Sinto ele se aproximar ainda mais, suas coxas tocarem as minhas, seu cheiro limpo e

fresco inundar meu olfato, sinto o calor da sua pele me aquecer e sinto o momento em que me entrego totalmente a ele.

— Poliana... — Ele ergue meu rosto e me perco no seu olhar. — Quem está aqui na sua frente não é o Dr. Becker, sou eu, o homem, o Vinícius, e não posso mais fingir que não estou interessado em você. Eu esperava que você notasse isso sozinha, mas parece que não estou sendo suficientemente claro, então agora eu vou esclarecer as coisas. — Ele se aproxima um pouco mais, suas mãos grandes seguram meu rosto. — Eu esperei por sua ligação durante dias e, quando você me ignorou, eu achei que fosse comprometida e então... — Ele baixa o olhar para onde fui baleada e volta a me olhar. — Você foi baleada, aconteceu tudo aquilo e eu juro que não estou tratando-a como uma paciente, eu estou tentando com todas as minhas forças fazer você perceber o que eu quero.

Abro minha boca para falar, mas nada sai, seguro suas mãos que se mantêm em meu rosto e me permito sentir seu toque quente e gentil sem reservas.

— Vinícius...

— Por favor, não me peça para parar, porque eu não vou, até que você entenda que eu sou apenas um homem, o cara que se encantou pela ruiva misteriosa de sorriso triste e olhar doce, que sonha em provar o sabor dos seus lábios desde o dia em que te viu pela primeira vez. Sou um homem e não um médico e estou disposto a tudo para fazer você acreditar que estou falando a verdade.

Ele se aproxima um pouco mais, nossos narizes quase se tocam e baixo meu olhar para seus lábios. Tento reprimir o medo que sinto de ser beijada novamente, mas há um conflito dentro de mim: a parte que o deseja, grita para ser beijada; enquanto a outra parte, a ferida e assustada, luta para que eu me afaste. Não sei qual das duas vence, porque, antes que eu possa pensar, seus lábios se unem aos meus, cálidos e macios, gentis e delicados. Ele me beija suavemente, um beijo rápido, apenas sinto o toque suave de nossas bocas e então ele se afasta, apoiando sua testa na minha, enquanto diz:

— Por favor, acredite em mim. — Ele acaricia meu rosto com seus polegares e sem saber o que estou fazendo acabo concordando.

— Eu acredito — falo, e quando ele sorri para mim eu sei que este é o momento da minha rendição.

Capítulo 35



POLIANA

— Ele te beijou! — Marina grita, pula e bate palmas como se eu tivesse ganhado um prêmio.

Sim, eu ganhei um prêmio; e, embora ainda esteja tendo dificuldades em acreditar, eu fui beijada pelo Vinícius. E gostei.

— Tudo bem. Você merece, né, amiga? Depois de tudo o que passou, mesmo estando meio acabada e pálida demais, mas uau! Ele finalmente te beijou.

Ela se joga em minha cama exageradamente e sorrio, aliás, isso é tudo o que venho fazendo desde o momento em que cheguei em casa. Estou sorrindo igual uma idiota apaixonada.

Marina me obriga a descrever nosso beijo mais umas duas vezes e, em seguida, começa a fazer planos mirabolantes que eu, é claro, não irei realizar. A última vez que caí em sua maluquice consegui uma bala que quase me tirou a vida. Tudo bem, ela não teve nada a ver com a bala, mas vai que essa história de lei da atração não sei do quê atrai coisas ruins também? Prefiro não arriscar. Mesmo assim balanço a cabeça para todas as bobagens que ela diz só para que ela pare de falar logo.

— Quando é que você vai contar para o José? — ela pergunta enquanto assusta Joana com o travesseiro.

— E por que eu deveria contar isso para o José? — Retiro o travesseiro da sua mão e pego a pobre Joana nos braços antes que ela tenha um infarto.

— Para que ele pare de achar que tem chances com você.

— Tá maluca, Marina? — É uma pergunta retórica porque é claro que eu sei que Marina é maluca, ela mesma sabe disso e põe a culpa na queda que teve aos dois anos de idade. Mas achar que o José tem algum interesse por mim é demais, até mesmo para Marina.

— Qual é? Vai me dizer que nunca percebeu o olhar de cachorro esfomeado que ele olha para você.

Deito-me ao seu lado preferindo ignorar sua pergunta. De repente tudo começa a se encaixar, seu mau humor, sua preocupação com o meu bem-estar, a maneira gentil como ele sempre está à minha disposição e a raiva sem motivos que ele tem de Vinícius.

— Ah não, Marina... — resmungo colocando as mãos no rosto. — Por que você tinha que me dizer uma coisa dessas? — pergunto constatando que realmente às vezes é melhor não saber de certas coisas.



Os últimos dias de repouso são regados a falta de sono e apetite provocados por certo médico de olhos azuis e voz grave que me liga a cada meia hora para dizer coisas doces e fazer a população de borboletas se agitarem em meu estômago.

— Ah não, aí já é demais — tento não rir, mas a sua risada me contagia.

— *Eu juro a você.* — Sua voz parece mais animada e fico feliz.

Às vezes, tenho pena dele. Se eu achava que trabalhava demais, depois de conhecer o Vinícius nunca mais reclamarei da minha carga horária.

— Ludovico Campanelo? — repito o nome mais ridículo que já vi na minha vida. — Que raio de nome é esse, Vinícius?

— *Era o meu professor mais detestável, ele é o culpado por grande parte das minhas rugas, minha insônia e por meus pesadelos* — ele lamenta e começo a rir novamente.

Sento-me na cama segurando o celular no ouvido, o assunto termina e posso ouvir o barulho do carro ao fundo, já passa da meia-noite e ele está na rua desde as seis da manhã. Se eu achava que vida de médico era fácil, hoje tenho outra visão, é uma espécie de escravidão de luxo.

— *Estou com saudades* — ele confessa baixinho como se fosse algo errado e mesmo estando sozinha em minha casa sinto meu rosto aquecer.

— Também — admito, mas a verdade é que saudade já não define mais o que sinto.

— *Eu sei que está tarde e que você já deveria estar dormindo, mas eu posso te ver? Pode ser apenas alguns minutos, mas eu queria muito te ver.*

Meu coração acelera no peito e me sinto uma garotinha imatura, mordo o lábio pensando em algo maduro para dizer, mas só consigo pensar em beijá-lo novamente.

— Pode. — A palavra sai afobada de meus lábios e antes mesmo de terminar de falar já estou correndo para o banheiro para me arrumar.

Dez minutos depois ele está na minha porta e não sei como me comportar na sua frente, ele parece mais cansado do que sua voz demonstrou e ainda mais bonito, a camisa amassada, os cabelos desarrumados e um ar de garoto que ele se força a esconder quando está trabalhando.

— Olá, onde está o Dr. Teobaldo? — brinco com ele, que enrugando o nariz antes de sorrir.

— Deixei o jaleco no carro, mas posso voltar para pegar caso deseje. — Ele dá um passo para trás apontando na direção da rua e seguro sua mão trazendo-o para dentro.

— Acho que por ora serve apenas o Vinícius.

Ele se deixa levar e fecha a porta com o pé ao entrar. É a primeira vez que ele entra em meu apartamento e, embora eu esteja acostumada com ele, sei que é simples. Simples demais para alguém como ele, mas Vinícius parece não se importar.

— Está com fome? — Vou até a cozinha e abro a geladeira agradecendo por ter sobrado comida e rezando para que ele goste de frango assado.

— Não precisa se preocupar, Poliana — ele diz aproximando-se de mim. — Eu só queria te ver.

— Eu posso alimentá-lo, não se preocupe, não vou me cansar em ligar o micro-ondas. — Ergo o pote de comida mostrando o conteúdo para ele. — Foi Marina quem fez e, embora ela não seja muito normal, cozinha muito bem.

Vinícius se encolhe ao ouvir o nome de Marina e sorrio.

— Ela me ameaçou outro dia lá no restaurante — ele diz sentando-se no banco de frente para mim. — Disse que se eu te magoar, ela vai mandar me matar. Devo me preocupar?

— Não, mas em todo caso se isso acontecer não ande por aí sozinho — brinco.

— Eu não vou te magoar, Poliana — ele diz e suas palavras saem sérias demais.

— Não me prometa algo que não pode controlar.

— Mas eu posso. — Ele vem até mim, segura minhas mãos acariciando-as e olhando dentro dos meus olhos. Eu adoro quando ele me olha dessa maneira, sinto como se pudesse me perder em seu olhar. — Eu não vou te magoar — ele promete mais uma vez e sinto um calafrio percorrer toda a minha espinha.

— Não há como controlar, Vinícius, amanhã seu encanto por mim pode acabar e então você vai acabar me magoando. Essas coisas acontecem. — Sinto meu peito doer com essa realidade que conheço tão bem, mas a verdade é que há coisas que são mais difíceis de aceitar quando a pessoa em questão é quase como um sonho. Ser magoada por Vinícius será uma dessas, com certeza.

— Então você também pode me magoar. — Ele solta uma das minhas mãos e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Estamos no mesmo barco, Poliana.

— Sim, estamos — concordo sentindo algo que não deveria se instalar em meu peito. Confiança.

— Então não vamos pensar sobre isso. — Ele se inclina e me beija castamente na testa. O micro-ondas apita avisando que a comida está pronta, entrego o prato para ele e observo-o comer, ele está faminto e logo termina. Joana permanece ao seu lado o tempo todo e recebe um afago na cabeça antes dele se levantar trazendo o prato para a pia e me puxando para si.

— Obrigado. — Ele se inclina, as mãos em meu rosto, os polegares acariciando minha pele enquanto ele analisa meu rosto. — Eu não vou magoar você, Poliana, eu prometo.

— Vinícius...

— Não, me escuta. — Ele ergue meu rosto para que eu possa olhar em seus olhos enquanto ele alimenta meu coração doente como se eu precisasse de mais ilusão. — Eu não vou te magoar, porque hoje você é a coisa mais importante no meu dia. É a primeira pessoa que penso quando acordo, a última antes de dormir, eu penso em você o dia inteiro e se você acha que estou bem com isso, saiba que não estou, eu estou apavorado. Então acredite em mim quando digo que não vou te magoar, porque se eu te magoar, Poliana, eu estarei magoando a mim mesmo.

— Não faz isso... — Sinto minha voz sumir dos meus lábios na medida em que começo a falar, porque as palavras dele ainda fazem um estrago incalculável em mim.

— Me perdoe, mas não posso evitar, você me enfeitiçou antes mesmo de me conhecer. Eu nem ao menos sabia quem era você e já sentia que estava perdido, portanto não se preocupe, eu não vou magoá-la. Porque isso significa ficar longe de você e não estou disposto a isso.

Tento argumentar, dizer a ele que pare de dizer essas coisas bonitas para mim, mas não consigo, ele se inclina para mim, seu rosto tocando o meu, seu hálito me aquecendo, seus lábios colando-se aos meus e então me beija. É o nosso segundo beijo apenas, e já sinto como se pertencesse a ele desde sempre. Tudo parece tão certo, ter ele no meu minúsculo apartamento, sentir seu cheiro de suor e perfume, seu sabor de homem, ouvir sua respiração pesada enquanto prova meus lábios. Sinto uma calma estranha, uma tranquilidade até então desconhecida para mim, e mesmo com meus lábios sendo provados por ele não consigo me impedir de sorrir.

Vinícius me beija com intensidade, enquanto enrosca uma mão em meus cabelos, mantendo-me no lugar; com a outra percorre meu corpo, descendo por minha coluna, chegando a minha cintura, fixando-se em meu quadril, puxando-me para si, desejando-me como uma mulher deve ser desejada. Seus lábios descem por meu pescoço, ele geme meu nome em meu ouvido, é lindo, forte e sensual. Estremeço, mas ele não parece notar, ele está excitado e posso sentir sua ereção tocando minha barriga quando começo a perder o ar. Espalmo minhas mãos em seu peito e o empurro. Ele percebe imediatamente que não estou correspondendo e se afasta.

— O que foi? Eu fiz algo errado? — ele pergunta ainda ofegante, os lábios rosados e os cabelos rebeldes caindo em seus olhos.

Desvio o olhar porque me dói olhar para seu rosto cheio de desejo. Dou um passo para trás e me apoio na pia sentindo minhas pernas amolecerem.

— Eu acho melhor você ir embora — digo sem olhar para ele.

— O que eu fiz, Poliana? — Ele parece preocupado e estende a mão, tocando meu rosto para me acalmar, mas seu toque tem efeito contrário e me contraio deixando-o ainda mais preocupado. — Você está com alguma dor?

— Não, eu só preciso que você vá embora. — Retiro sua mão e cruzo meus braços no peito tentando me proteger, ele permanece parado olhando para mim sem entender o que faz uma mulher adulta, que vive sozinha, agir dessa forma. Eu quero explicar a ele, sei que um dia terei que contar, mas não hoje. — Por favor... — imploro e seu olhar magoado se mantém em mim.

— Você quer que eu vá embora? — ele pergunta como se não acreditasse no que eu disse. — É isso mesmo que você está pedindo?

— Sim — respondo sem querer falar mais nada.

— Isso é... — Ele ri ironicamente e sinto meu corpo se arrepiar com a frieza da sua voz. — Isso é ridículo. Eu te beijo e você me manda embora como se fosse uma adolescente.

Dou um passo para trás, afastando-me dele. De nós. De mim.

— Você disse que seria apenas alguns minutos, eu preciso dormir e você também — justifico ainda sem olhar para ele. Ele percebe que não vou falar mais nada e ergue as mãos em rendição.

— Okay... me desculpe por tê-la beijado. — Ele está ofendido e não consigo fazer nada para mudar isso.

— Eu sinto muito — digo com a voz baixa e o olhar distante.

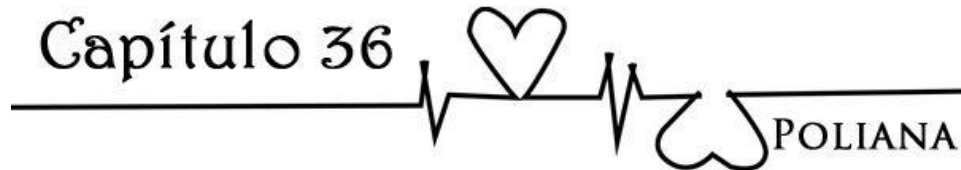
— Eu vou embora. — E ele se vai. Sem dizer mais nada, magoado e sem compreender.

Observo seu corpo grande se afastar, Joana o acompanha até a porta como se tentasse explicar a ele que vai ficar tudo bem. Eu também gostaria de acreditar nisso.

A porta se fecha e eu me odeio por isso; me odeio por não ser capaz de permitir que ele me toque, de não conseguir me entregar a esse sentimento que me preenche e me sufoca; me odeio porque sei que na verdade sou eu quem vou machucá-lo, mesmo sem querer. Mesmo sabendo que nunca vou me perdoar por isso, eu sei que vou magoá-lo e não há nada que ele possa fazer para evitar.

Sou uma mulher morta brincando de viver, uma hora meu coração vai parar de bater e ele não poderá me salvar. Não desta vez, está além da sua capacidade.

Capítulo 36



Um ano atrás...

Está escuro.

Tão escuro, que já não consigo ver nada. Tão escuro, que não tenho mais referência, pois não sei onde estou. A escuridão tomou conta de mim, à minha volta e no meu interior. Ela se enraizou em minha alma como uma erva daninha se apossando de tudo o que existe.

Estou com medo, mas é um tipo novo de medo. Já não temo mais o que vá me acontecer, apenas que o fim tarde a chegar. Tenho medo de não suportar muito tempo, de me perder em toda a escuridão que me envolve, de sucumbir ao ódio que me invade sempre que algo novo acontece.

Hoje sou medo, dor, ódio... Sou tormenta de sentimentos, todos ruins. Estou devastada e não consigo mais lutar. Tudo está em silêncio dentro de mim, não ouço nem mesmo a minha respiração. É como se eu estivesse morta. Talvez eu esteja e ainda não tenha percebido.

Ouç o barulho do metal reverberando pelas paredes até chegar a mim. Não me movo, embora o frio seja tão intenso que tenho espasmos involuntários. Estou molhada e tão dolorida que mal consigo me mexer. Aperto minhas pernas nuas ignorando os ferimentos em meu corpo.

Ouç passos, mas tento não me importar.

Ouç gritos e tudo o que desejo é parar de ouvir, sentir, pensar, respirar.

Os passos se aproximam, mas mantenho-me de olhos fechados, como se assim fosse capaz de desaparecer. Ah, se eu pudesse desaparecer...

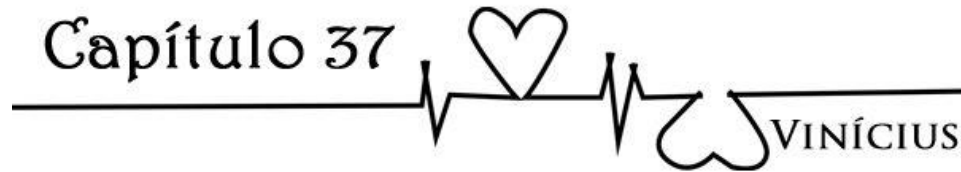
A porta se abre, pesada, suas dobradiças rangendo como um carrasco zombando de mim. Mantenho-me imóvel, já não tenho mais medo. Até mesmo ele se foi. Agora só me resta esperar.

Uma luz forte acerta-me fazendo com que eu cubra os olhos com as mãos. É tão intensa que sua força destrói toda a escuridão a minha volta como o sol que leva para longe as sombras da noite. Meus olhos doem e por um momento penso que finalmente meu martírio chegou ao fim.

Mas não é o sol que vem me resgatar e sim as chamas do inferno e quem está à minha frente é o próprio demônio.

E eu não me importo mais. Só quero que termine logo.

Capítulo 37



VINÍCIUS

Papéis, papéis e mais papéis.

Um médico não foi criado para lidar com tanta burocracia. Sinto-me perdido e irritado, estou tentando uma maneira de tornar isso mais fácil, mas é como tentar me mexer em areia movediça, quanto mais eu tento, mais me afundo em papéis. Não consigo me organizar e começo a achar que Verônica tem razão, eu preciso de uma secretária.

Em cima da pilha maior está meu celular. Tão silencioso que o ergo para me certificar de que está ligado. E está.

Faz dois dias desde que ela me mandou embora de sua casa como se eu tivesse feito algo errado. Tentei entender sua atitude, busquei em meu comportamento algo que a tenha magoado, mas não consegui pensar em nada. Prometi a mim mesmo que não ligaria, que ela viria a mim no momento em que se sentisse pronta para conversar. Mas os dias estão se passando e eu estou ficando nervoso.

E se ela não ligar?

Um bater suave na porta chama minha atenção, ergo a cabeça e encontro Carol parada na porta com seu sorriso gentil nos lábios.

— Então você finalmente conseguiu um lugar cheio de gente para mandar, não é? — ela me provoca e sinto uma pontada em meu peito a cada brincadeira nova que ela faz comigo.

Por um momento, há um ano, eu achei que a tinha perdido: primeiro para a morte, mas quando vi que ela havia sobrevivido e que ficaria bem, eu tive certeza de que eu a havia perdido da maneira mais dolorosa possível. Ela não me perdoaria, porque eu mesmo não conseguia me olhar no espelho, passava horas no banho em uma tentativa lúdica de me limpar da sujeira que estava impregnada em minhas mãos.

Várias noites em claro, a grande maioria para ser sincero, com medo de dormir e ver seus olhos assustados, seu rosto coberto de sangue, a minha condenação. Foram meses inteiros de martírio e culpa e quando a encontrei na porta da minha casa, com sua mão estendida em sinal de reconciliação, não tive vergonha de sentir.

Eu me ajoelhei aos seus pés, implorei por seu perdão mesmo sabendo que não era digno de recebê-lo, e chorei como um menino. Ela se ajoelhou à minha frente, envolveu meu pescoço com seus braços finos e me abraçou. Choramos juntos, até que não houvesse mais lágrimas.

Aquela noite eu abri meu coração, implorei meu perdão e me permiti sofrer.

E desde então todas as vezes que a encontro sinto um misto de alegria por ver que ela foi forte e se recuperou, mas também sinto vergonha. Ver Caroline é ver a minha parte feia, é ser lembrado de que sou um homem falho e todas as vezes que nos encontramos eu tenho que lutar contra toda a vontade que tenho de lhe pedir perdão mais uma vez.

— Você está com saudades das minhas broncas? — pergunto provocando-a de volta. — Eu posso começar a brigar com você agora mesmo, pois já estou sabendo que está com seus exames atrasados.

Caroline revira os olhos e entra na sala.

— Dr. Mandão Becker, eu fiz meus exames hoje de manhã.

Ela se aproxima e joga seus braços em meu pescoço, abraçando-me de modo fraternal. Eu a puxo para mim e beijo sua bochecha.

— Como você está? — Faço essa pergunta todas as vezes que nos encontramos. Mesmo tendo perdido a confiança de seus pais, ainda me sinto seu protetor, e sei que me sentirei assim até o fim da minha vida.

— Não é sobre mim que vim falar hoje. — Ela passa a mão por meus cabelos afastando-os do meu rosto e ajeita meu jaleco. — É sobre você e essa sua tentativa irritante de morte por exaustão.

Apoio-me na cadeira, cruzando a perna direita na esquerda e girando a caneta no ar. Eu sabia que Verônica não aceitaria minhas respostas assim tão rápido.

— Isso tem cheiro de Verônica — resmungo.

— Isso tem cheiro de preocupação e amor — ela defende a amiga.

Carol e Verônica são como almas gêmeas e, embora tenham temperamentos muito diferentes, ambas têm um coração bom e se preocupam de verdade com quem amam. São capazes de tudo pelo bem de todos e eu sei disso, pois estou constantemente sendo cuidado por elas. O que torna meu sentimento de culpa ainda maior.

Não há um dia sequer em que eu não pense nos motivos que me levaram a cometer aquele crime contra Gabriel e Carol. Sou um médico, jurei salvar vidas, dar a minha em troca de outros. O que fiz vai contra tudo o que sempre lutei e acreditei e por mais que todos me digam que já passou, eu sei que nunca passará.

— Eu estou bem, Carol, eu juro.

Ela sorri e sei que não acredita em minhas palavras.

— Você parece ter envelhecido dez anos nos últimos meses, Vini.

— Pegou pesado agora, hein? — tento parecer divertido, mas ela se mantém firme e séria.

— Quando foi a última vez que você tirou uma folga? — ela pergunta ainda segurando meu jaleco e olhando em meus olhos em busca de algo que indique que estou mentindo, mas nesse momento estou cansado demais para mentir.

— Ah não... por favor, não banque a minha mãe. Você é jovem demais para isso.

— Aposto que abandonou até os exercícios físicos que tanto amava — ela continua a falar e me surpreendo com a insistência dessas garotas quando decidem algo. Sou o novo objetivo de vida delas e sei que elas não vão parar de fazer visitas surpresas para me lembrar de que estou acabado até que eu ouça o que elas querem.

— Eu não posso tirar folga neste momento, Carol. — explico para ela. — Há muito para fazer aqui no projeto, ainda precisamos angariar fundos, reunir material, fechar parcerias, incluindo todo um trabalho burocrático que não posso deixar nas mãos dos outros enquanto fico de pernas para o ar — tento fazê-la entender, mas ela parece não compreender o que digo e se inclina, colocando sua mão em meu peito.

— Está vendo esse equipamento aqui? — Ela aponta para meu coração. — Se ele parar, Dr. Becker, não haverá como o senhor fazê-lo voltar a funcionar. — Ela me olha com tanto

carinho que acabo desistindo de tentar fazê-la entender, sei que não terei muito o que fazer, então me rendo.

— Acho que conheço bem esse “equipamento”, mocinha. — Pisco para ela, mas Carol se mantém séria e me lembro do quanto ela é teimosa quando quer uma coisa. Prova disso é o fato de estar namorando o cara mais difícil que já conheci na vida, mesmo contra todas as probabilidades, mesmo quando todos disseram para ela que isso era uma loucura, e mesmo assim ela ergueu o nariz da mesma maneira que está fazendo nesse exato momento comigo e seguiu ao lado dele, o que me faz pensar que não terei muita chance de escapar dela.

— Só morre afogado quem sabe nadar, Vinícius — ela rebate.

— Tudo bem. — Me rendo desistindo de tentar explicar algo para ela. — Só me diga o que fazer e eu faço.

Um sorriso brota no rosto jovem e tímido de Caroline e sinto-me feliz por ela não ter desistido de mim. Ela é um raio de sol em minha vida e me sinto sortudo por ter ela e Verônica.

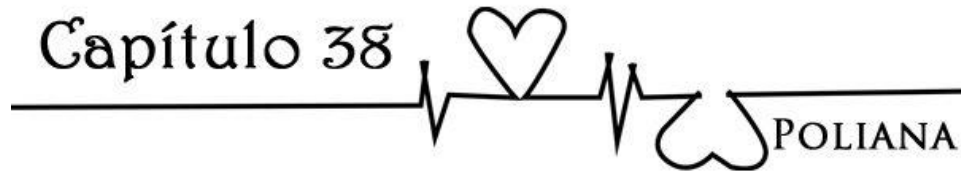
— Verônica está planejando um fim de semana no sítio dos seus pais. — Seu tom de voz volta a ter a leveza de sempre enquanto ela me explica os planos. — Apenas apareça lá com um short e camiseta. — Ela aponta para o meu pé e completa: — De preferência usando um chinelo.

Esfrego as mãos no rosto sabendo que se eu não for, elas não me darão paz, então concordo e prometo que irei, mesmo sabendo que vou me arrepender no momento em que colocar meus pés naquele lugar. Verônica sempre foi exagerada e extravagante, festa é seu nome do meio e dou graças por ela ter arrumado aquele namorado, ou eu já teria uma boa coleção de cabelos brancos e muito mais rugas do que já tenho, e isso significa que “fim de semana na piscina” não é exatamente o que se imagina.

Carol continua a falar sobre o fim de semana, ela parece satisfeita e sai prometendo que terei um bom tempo para descansar. O que eu acho muito pouco provável.

Assim que Carol vai embora me jogo novamente na cadeira, mais exausto do que meia hora atrás e olho novamente para meu celular. Talvez eu tenha finalmente um bom motivo para ligar para ela.

Capítulo 38



POLIANA

Arrependi-me no momento em que ele me deixou.

Dois dias se passaram e ainda estou tentando criar coragem de falar com ele. Tentei diversas vezes ligar para ele, mas não consigo. Sei que preciso vê-lo, olhar em seus olhos e ter a certeza de que ele me ouvirá, não é algo que eu deva fazer através de um aparelho telefônico. Mas ainda não sei como.

Ainda não sei o que vou dizer, mas tenho certeza de que não será a verdade.

Paro na porta do edifício e encaro o lugar, criando coragem para entrar. Sorrio orgulhosa por ele, sei o quanto vem lutando para fazer isso tudo acontecer e, ao ver os sorrisos felizes das pessoas que saem, sei que está valendo a pena cada esforço.

Ao entrar sou recebida por uma jovem sorridente, que pergunta em que pode me ajudar. O lugar está lindo, paredes brancas e limpas, quadros charmosos e um conjunto de cadeiras estão no canto direito da sala, há também uma mesa simples onde a jovem está sentada e um grande lustre deixando o ambiente com um ar acolhedor e bonito.

— Você já conhece o projeto Laura Smith? — ela me pergunta com a voz cheia de orgulho.

— Eu conheço. Ajudei a pintar algumas salas — respondo sentindo alegria por ter dado a minha contribuição. — O Dr. Becker está? — pergunto para a jovem.

— Sim, ele está, mas acho que está em consulta no momento. Posso verificar aqui, só um instante... — Ela digita algo no computador à sua frente e observo o lugar: vejo os corredores, que levam para as salas, cheios de pessoas, a grande maioria mães com crianças. Fico feliz por saber que essas pessoas poderão ter uma chance de ter um pouco de alívio aqui nesse lugar. — Senhorita... — A jovem chama minha atenção. — Ele disse que está terminando uma consulta e estará livre em vinte minutos, você pode aguardá-lo na recepção caso deseje.

Ela aponta para o conjunto de cadeiras, há uma vazia, mas não quero ficar aqui sentada dando a chance para que meus medos me levem embora.

— Eu posso dar uma volta? Gostaria de conhecer melhor o lugar.

— Claro, ali fica a área de recreação e temos um espaço destinado para as mulheres, pode ficar à vontade. — Ela aponta para o outro lado do corredor, me indicando algumas áreas novas.

Saio na direção oposta que ela me indicou, embora eu esteja muito interessada em conhecer todo o edifício, há um lugar em especial que eu desejo voltar a ver, ainda me recordo de onde fica e sigo até lá.

No caminho ouço vozes dentro das salas, todas ocupadas, tento não olhar, mas acabo vendo os nomes nas portas: clínico geral, ginecologista, pediatra, cardiologista.

Meu coração salta no peito e sorrio com a ironia daquilo. Paro um pouco na frente de seu consultório, ouço uma gargalhada e reconheço sua voz forte e suave.

Esse é o Vinícius, um homem especial, diferente de tudo o que já conheci; a mistura perfeita, o contraste exato. Ele é a força e a gentileza, o belo e o simples; ele é o barulho ensurdecedor e também o silêncio tranquilizante. Ele é o amor e é a dor.

Forço meus pés a seguirem adiante e encontro o conjunto de salas que estava procurando: a primeira ainda está vazia, apenas as paredes coloridas enchem o ambiente de alegria; na segunda há uma jovem usando o mesmo uniforme que a moça da recepção, ela está organizando alguns livros que estão sobre a mesa de volta nas prateleiras, e quando me vê sorri. Todos aqui parecem estar felizes e essa felicidade é tão intensa que contagia quem está em volta. Agora compreendo o sorriso nos lábios daquelas pessoas, a magia por trás da boa ação.

Passo por mais uma sala, a maior de todas elas e ouço uma música suave vindo dela e logo sei que não está vazia, mas ao me aproximar perco o ar. Há uma mulher na sala, que dança ao som da música que sai de um pequeno aparelho de som. Ela é magra e alta, mas tem tanta leveza que parece flutuar, seus movimentos são delicados e atraí a atenção das crianças que estão sentadas à sua frente admirando-a, como se ela não fosse real. Como se ela tivesse acabado de sair de dentro de uma caixa de música e ganhado vida. Permaneço ali, parada na porta, admirando-a, seu pescoço é longo e elegante e ela tem lindas pernas, embora seja muito magra. Seus cabelos loiros caem em cascatas por suas costas e parecem seda, brilham à luz do sol. Ela realmente parece uma miragem e por um instante me pego invejando a sua beleza.

Ela nota minha presença e para no meio de um rodopio para me convidar a entrar, fico um pouco envergonhada por ter atrapalhado-a, agradeço o convite e saio deixando-a com suas meninas.

A última sala é a que eu estava procurando, assim que a avisto sinto meu peito se encher com a lembrança dos momentos em que passei com Vinícius nela, ainda posso sentir o cheiro do seu perfume misturado com tinta e quando vejo estou rindo sozinha como uma adolescente apaixonada.

Entro na sala e a primeira coisa que vejo é a árvore grande e horrorosa que pinteí. Começo a rir porque na minha lembrança ela não era assim tão feia, os outros desenhos também parecem meio distorcidos e começo a ficar com vergonha. Nunca tive muitos dons, mas sempre gostei de pintar desenhos infantis porque era algo que me fazia bem e deixava as crianças felizes. Então sempre que eu podia estava com um lápis de cor e uma folha de papel na mão, eu gostava do resultado, mas agora, olhando para a parede, noto que talvez eu deva me limitar apenas ao papel.

Entro na sala e me surpreendo ao notar um garoto sozinho, ele está sentado no canto esquerdo, ao seu redor há uma grande variedade de bloquinhos de montar, estão todos virados para ele formando um grande círculo e no meio dele há um peão, o garoto não nota a minha presença, ele está envolvido demais com a magia do brinquedo e seu pequeno corpinho parece girar levemente junto com o objeto.

Aproximo-me dele e sento ao seu lado, ele continua a olhar para o peão diminuindo o movimento até que cambaleia e ameaça cair, mas o garoto é mais rápido e pega o brinquedo antes que caia com uma habilidade impressionante para alguém tão pequeno, ele envolve o brinquedo em uma corda, girando-a em volta do peão até o fim e, em seguida, devolve-o para o círculo.

— É impressionante olhar para ele, não é? — falo sem olhar para o garoto, já que seus olhinhos continuam fixos no peão. — E esses bloquinhos? São a casinha dele? — Aponto para

alguns bloquinhos e ele me ignora completamente. — Eu posso brincar com você? — pergunto, mesmo não recebendo nem uma resposta da sua parte.

— Eu não faria isso se fosse você. — Um garoto surge na porta, apoia-se nela com os braços cruzados no peito e completa: — Ele não gosta muito que mexam em suas coisas.

— Ah, me desculpe. — Fico sem graça e recolho a mão antes de tocar no carrinho que está ao lado do círculo.

— Acredite, tudo aí tem um motivo — o garoto que aparenta ter uns dezesseis anos continua a falar como se o garotinho não estivesse presente. — Ele dispõe cada brinquedo da maneira que acha que tem que ser, e se você mover qualquer um que seja, ele vai notar.

Volto a olhar para os brinquedos que estão em volta do garoto e me surpreendo ao perceber que o rapaz tem razão, todos os brinquedos estão voltados para o menino, como se cada um deles estivessem observando-o brincar.

O peão ameaça cair, e mais uma vez o garotinho o pega, ele repete o mesmo movimento de envolvê-lo na corda e só então me dou conta do processo repetitivo que se desenrola na minha frente.

— Quantos anos ele tem? — pergunto ao jovem de sorriso largo e bonito.

— Sete anos.

Volto a olhar para ele, parece ainda menor, eu daria quatro anos. Seu corpinho pequeno e sua postura o faz parecer frágil e solitário e sinto uma vontade enorme de abraçá-lo.

— Como ele se chama?

— Benjamin — ele diz sorrindo como se estivesse falando de algo muito importante, me comovo com o carinho com que ele olha para o garotinho.

Inclino-me um pouco na direção do menino e sussurro baixinho para ele:

— Que lindo nome você tem, Benjamin, e é um exímio jogador de peão. Estou encantada com você.

Ele para de se mover pela primeira vez desde que entrei na sala e seus olhinhos finalmente se encontram com os meus. Ele sorri, e me vejo sorrindo de volta, é um breve instante, milésimos de segundos talvez, e ele estende a mãozinha pegando o peão mais uma vez e voltando a ignorar o mundo a sua volta.

Fico ali sentada, imóvel, e me sinto devastada pela torrente de emoções que me envolvem neste momento. Ele me permitiu entrar em seu mundo e, por mais breve que tenha sido, sinto-me privilegiada por esse contato.

— Está na hora de ir, campeão — o rapaz diz ainda da porta, mas Benjamin parece não o ouvir. — Tem um carrinho de pipoca aí na frente, vamos comer?

O garotinho finalmente ergue a cabeça e olha para o rapaz. Ele aguarda pacientemente o peão terminar seu ciclo e dessa vez ele permite que o objeto caia. Observo ele guardar os brinquedos e, como se fosse capaz de ler meus pensamentos, o rapaz diz:

— Ele precisa guardar tudo sozinho, é importante para ele e o deixa calmo.

Não digo nada, apenas sorrio sentindo-me encantada com esse garotinho. Permaneço sentada observando-o, ele é rápido e preciso e em pouco tempo todos os seus brinquedos estão guardados, todos com a face virada para baixo em uma maleta vermelha, ele a fecha com destreza e se levanta, só então o rapaz se aproxima e pega a maleta.

— Grande garoto! — Ele bagunça o cabelo do menino que resmunga e passa a mão nos cabelos colocando-os de volta no lugar. — Obrigado por fazer companhia a ele — o rapaz diz para mim. — Ele gosta de companhia, mesmo quando não interage com ninguém.

— Todos nós gostamos, não é mesmo? — digo ao rapaz, que ergue os ombros.

— Nem todos — ele diz e noto uma sombra de tristeza passar por seus olhos. Ele se despede de mim e segura a mão do pequeno Benjamin. Ao passar pela porta, o garotinho para e aponta algo na parede.

— Vermelho — Benjamin diz com sua voz infantil e, em seguida, ele aponta para mim.
— Vermelho.

— Vamos, Benjamin, a pipoca vai acabar — o rapaz diz e atrai a atenção do menino novamente. Juntos, eles saem da sala e me levanto indo ver o que chamou atenção do garotinho.

Ao me aproximar da parede perco o ar e as lágrimas inundam meus olhos: no canto debaixo da árvore que pintei está um desenho ridículo, uma garota usando um avental xadrez com um grande sorriso nos lábios e cabelos vermelhos curtos; e ao seu lado, segurando o que deveria ser a sua mão, há um rapaz, ele é bem maior do que ela e tem um estetoscópio no pescoço, seus cabelos loiros estão uma bagunça e ele está sorrindo.

É um desenho ruim e os traços comprovam que a pessoa que desenhou não tem habilidade nenhuma com o pincel, mas é o simbolismo daquele desenho que faz com que eu me levante apressadamente, secando as lágrimas dos meus olhos, e saindo em direção ao consultório no outro lado do corredor.

O bonequinho tem um coração vermelho pintado em seu peito.

Capítulo 39



Nunca vi tanta alegria nos olhos de alguém tão jovem que está prestes a passar seis meses no inferno. A garota sentada à minha frente se parece muito comigo, a diferença é que eu demorei uma vida inteira para descobrir que o verdadeiro prazer está em ajudar quem realmente necessita. Ela nasceu sabendo disso.

— Espero nos ver em breve, Dr. Becker. — Ela estende a mão para mim e a aperto delicadamente recebendo de volta um aperto firme e confiante de alguém que sabe o que quer.

— Eu tenho certeza de que sim. — Levanto-me e contorno a mesa indo ao seu encontro, seus olhos grandes e expressivos não se intimidam com meu tamanho, ela continua me olhando da mesma forma, mesmo que agora com a proximidade precise erguer a cabeça.

— Obrigada pelo apoio, sua contribuição é muito importante para essas pessoas — ela diz. — Sem a sua ajuda, essa viagem não aconteceria.

— Sempre que precisar de algo pode contar comigo — digo do fundo do meu coração enquanto rezo a Deus para que, ao regressar para casa, ela continue com esse mesmo brilho no olhar. Acho difícil, pois a dor e a miséria sempre deixam marcas em quem as vive e em quem a presencia.

Acompanho-a até a porta com a sensação de dever cumprido. Meu pai diz que estou me transformando em uma versão contemporânea de São Francisco de Assis. Sei que é uma brincadeira, no fundo ele está feliz em me ver tomar outro rumo em minha carreira, mesmo assim no meu último aniversário ele me presenteou com uma placa de metal, disse que era para meu consultório aqui no projeto, nela havia uma oração que depois se tornou meu lema.

*“Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
Amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.”*

É irônico e contraditório o fato de um médico ateu acreditar em cada uma daquelas palavras, mas é exatamente nisso que eu acredito. Precisei ver o meu lado mais sombrio para perceber que todos nós temos a nossa escuridão. No fim das contas, não sou melhor pelo que conquistei, mas o que me tornará melhor é o que dou, e assim como o tal Francisco eu decidi que vou doar aquilo que conquistei para aqueles que não têm nada. E é aí que nossas semelhanças terminam, porque ao contrário do jovem Francisco, não almejo uma salvação em outra vida, não acredito em alguém tão poderoso assim. Minha salvação está aqui, neste

momento: está nas camas de hospitais, nos corredores cheios de pessoas aflitas; está no olhar suplicante da mulher que implora pela vida do seu marido; nas lágrimas da filha que não sabe o que dizer e, principalmente, no abraço apertado seguido do “muito obrigado, doutor”.

Essas palavras valem tudo para mim.

— Quando o doutor Félix disse que você estava disposto a ajudar quase não acreditei... Posso chamá-lo de você? — a garota diz enquanto seguimos até a porta. Sorrio, pois ao seu lado me sinto ainda mais velho do que os meus trinta anos.

— Claro, fique à vontade.

— Você é jovem demais para ser chamado de senhor — ela diz e sorri.

— Obrigado, é bom ouvir isso, às vezes me sinto como um centenário.

— Imagina! Acho que você é o médico mais jovem que já conheci. — Ela faz uma careta antes de continuar: — E acredite, eu conheço muitos médicos.

— Agora você me deixou um pouco convencido — brinco e ela sorri novamente colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, sua leveza e confiança me contagiam e me sinto feliz por ter aceitado ajudar na sua missão: é uma missão bonita e, infelizmente, muito cara, mas espero que com esse início ela consiga atrair outros investidores.

— Obrigada mesmo, doutor Becker, nem sei como agradecer. — Ela volta a apertar minha mão e, em seguida, me abraça de um jeito meio desajeitado.

— Faça o mesmo para quem precisa — respondo e ela assente ao colocar a mochila nos ombros e sair.

— Com toda a certeza farei! — Permaneço na porta observando a jovem destemida que carrega nas costas um sonho coletivo, desejo poder vê-la em breve e enquanto a observo se afastar começo a traçar planos para o futuro, anoto mentalmente nomes para os quais posso pedir doações. Estou quase fechando a porta, perdido em meus pensamentos, quando a vejo parada no outro lado do corredor. Os cabelos vermelhos iluminados pelo sol que entra pela janela, como se necessitasse tocá-la, caem em seu rosto escondendo-me seus olhos.

— Poliana! — eu a chamo como se precisasse garantir que ela é real, pois não me lembro de nada mais perfeito do que a imagem dela nesse momento. Ela ergue os olhos ao me ouvir chamá-la e, para minha surpresa, corre até mim abraçando-me como se não nos víssemos há uma vida inteira.

— Vinícius... — ela sussurra meu nome como em uma prece e se afasta antes mesmo que eu possa tocá-la.

— O que houve? — pergunto analisando-a à procura de algo errado, seguro seus braços e passo os olhos por seu corpo todo parando em seu rosto, e é quando noto que eles estão vermelhos. — Você estava chorando? — É uma pergunta desnecessária, já que seu rosto ainda está úmido pelas lágrimas.

— Não foi nada de mais. — Ela envolve o próprio corpo com os braços como se tentasse se proteger de algo.

Sinto uma agitação estranha dentro do meu peito, uma preocupação nova, nada a ver com o instinto médico e paciente, também não é nada comparado ao que sinto por Verônica ou Carol, é algo mais intenso, possessivo, cru. Abro a porta do consultório e espero até que ela entre, levo-a até minha cadeira, já que é o lugar mais confortável que tenho, e a ajudo a se sentar.

— Encoste-se aqui. — Inclino a cadeira para trás e agradeço mentalmente por Verônica ter escolhido esse modelo. “É importante que seja a melhor já que você passará boa parte da

sua vida sentado nela”, foi o que ela precisou para me convencer. Poliana faz o que peço e encosta-se à cadeira fechando os olhos. Ajoelho-me à sua frente e espero até que a cor volte ao seu rosto. Aos poucos ela parece melhorar, embora a respiração ainda esteja ofegante.

— Deus! Que vergonha... — Ela sorri timidamente ao abrir os olhos, mantenho-me parado observando-a, aguardando. — Eu precisava falar com você e...

— Você está se alimentando? — pergunto interrompendo o que ela estava prestes a falar.

— Sim — ela diz observando suas mãos ao invés de olhar para mim.

— Como está a cicatriz, está bem?

— Vinícius, eu não vim aqui para uma consulta — ela me repreende, olhando dentro dos meus olhos. — Não se preocupe.

— Não me peça para não me preocupar com você, Poliana, cuidar dos outros faz parte da minha essência, mas cuidar de quem é importante para mim vai além disso, é instintivo, é como respirar, ou bombear sangue em minhas veias, é algo natural e não posso impedir. — Quando termino de falar me surpreendo com a veracidade das minhas palavras, ela é importante para mim... merda! Ela realmente é alguém muito importante para mim.

Poliana sorri e a cor finalmente volta para seu rosto.

— De onde você veio? — Ela passa seus dedos por meus cabelos e tenho que conter a vontade de me inclinar como um cão para receber seu carinho. — Você não pode ser real.

Pego sua mão e coloco-a em cima do meu coração.

— Você é capaz de senti-lo? — pergunto aproximando-me e colocando-me entre suas pernas, ela confirma com a cabeça e me permito afundar na intensidade do seu olhar. — É real, Poliana, e é por você que ele bate.

— Eu acho que gosto disso — ela confessa e não posso impedir um sorriso de surgir em meus lábios.

— Eu acho que gosto também. — Tento controlar a excitação em minha voz, mas acho que falho porque ela sorri para mim, um sorriso nervoso.

— Eu não queria que tivesse acontecido aquilo, mas aconteceu e estou aqui porque preciso que saiba que naquele dia eu não tinha intenção de mandá-lo embora... — Ela desvia o olhar, como se falar aquilo fosse algo complicado. — Eu não queria afastá-lo de mim, eu só não conseguia lidar com você naquele momento.

— Por quê? — Aproximo-me mais e passo uma mecha do seu cabelo para trás de sua orelha desejando que ela possa me explicar.

— Porque estou apavorada — ela admite olhando nos meus olhos, as palavras saem pesadas de seus lábios, como se a mera ideia de explicar o que houve lhe fizesse mal.

— O que eu te fiz para te deixar assim? — Eu posso sentir o pânico em sua voz e não consigo compreender o que eu possa ter feito para assustá-la dessa maneira. — Me explique e não farei mais.

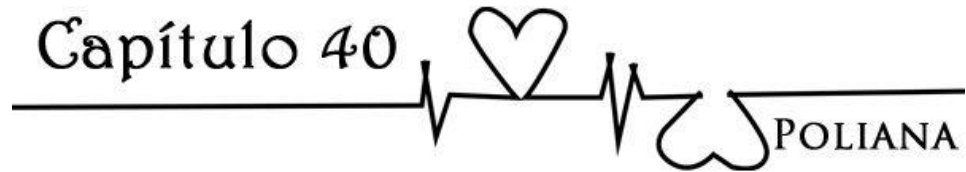
— Não foi você... — Ela parece exausta, como se carregasse um fardo maior do que é capaz de suportar e tudo o que mais quero nesse momento é poder carregar seu fardo comigo. — Por favor, nunca pense que foi você, porque não foi.

— Poliana... — Seguro seu rosto em minhas mãos e analiso-a, seus olhos estão repletos de medo, é como se estar comigo fosse algo ruim para ela e não consigo compreender o motivo, já que ela está aqui tentando me explicar.

— É complicado... — diz como se ouvisse as minhas dúvidas, ela baixa o olhar para os botões da minha camisa e começa a puxar uma linha solta. — Eu queria poder explicar, mas eu não posso, apenas preciso que você saiba que não é você, nunca foi, ao contrário. Você é a coisa mais linda que já aconteceu na minha vida, é tão belo e tão grandioso. — Sua voz soa triste, carregada de emoção e noto seus olhos marejarem. — Eu só não consigo lidar com tudo isso.

— Então me deixe te ajudar. — Puxo-a para mim, apoiando minha testa na sua, sentindo sua respiração se misturar com a minha, o calor da sua pele, o aroma dos seus cabelos, a textura dos fios vermelhos em meus dedos. — Só não me afaste de você, Poliana — digo, desejando do fundo do coração ser capaz de ajudá-la.

Capítulo 40



POLIANA

Vinícius não me beija.

Ele apenas me segura em suas mãos grandes e me sustenta como se soubesse que, às vezes, é tudo o que preciso. Talvez ele saiba, talvez ele consiga ler o que está dentro do meu coração, já que a cada dia que passa ele se torna cada vez mais e mais seu.

Meu coração se acalma lentamente, enquanto sinto seu cheiro fresco mesmo depois de um dia longo de trabalho, enquanto ouço sua voz forte me dizendo para não o afastar como se isso fosse uma opção.

Nunca foi.

No momento em que o vi pela primeira vez eu soube que ele era diferente, não só por sua beleza, mas pela maneira com que ele me olhou, como se eu fosse algo especial e Deus sabe que eu já não esperava mais ser olhada dessa maneira. Vinícius tem uma doçura no olhar, ele me transmite paz e mesmo que eu não saiba dizer o motivo, eu me sinto segura ao seu lado. Passo meus dedos por seus cabelos, sentindo sua textura, seu corpo grande está entre minhas pernas e, mesmo que não estejamos fazendo nada além de se tocar, eu nunca estive em uma cena tão íntima com uma pessoa.

Nem mesmo com ele...

Afasto as lembranças ruins da minha mente e Vinícius parece notar. Ele sempre nota quando algo me incomoda.

— Eu não como desde o café da manhã. Estava pensando em jantar, o que você acha? — ele pergunta tentando quebrar o clima ruim e sorri. Seu sorriso me acalma, mesmo o mais singelo. Mesmo sem a presença das suas covinhas, ele sempre me acalma.

— Eu adoraria.

Ele se levanta e estende a mão para me levar daqui e sinto meu estômago se revirar na expectativa de estar com ele em um encontro.

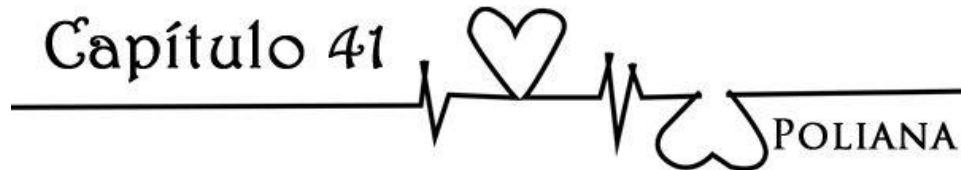
Deus do céu, eu estou perdida.

Logo eu, a garota que havia prometido que não deixaria mais ninguém se aproximar, estou aqui sentindo meus batimentos acelerados e uma estranha sensação de que as coisas estão finalmente corretas.

Logo eu.

Eu não estou entendendo mais nada. E estou cansada demais para tentar entender.

Capítulo 41



— Ele sorriu para mim — digo com uma alegria inexplicável. — E eu senti o quanto foi importante aquele contato.

Vinícius me observa atentamente enquanto eu conto a ele sobre Benjamin. Seus olhos azuis estão fixos, como se não houvesse mais nada no mundo além de mim. Sinto-me um pouco intimidada com a maneira como ele presta atenção no que digo, nunca fui tratada dessa forma, nunca fui o centro das atenções de ninguém, cresci sendo apenas mais uma garota abandonada, mais uma órfã, mais uma entre tantas. Depois fui mais um troféu, mais uma conquista, mais uma carinha bonitinha para mostrar, mais um corpo para usar e finalmente fui mais uma entre tantas, mais um número, mais uma estatística. Apenas mais uma. Sempre mais uma...

— Isso é fantástico, Poliana. — Há orgulho em sua voz e sinto minha garganta se fechar com o nó que se forma. — Benjamin tem uma dificuldade imensa de se socializar, se ele aceitou sua presença é porque gostou de você.

— É sim — digo com a voz embargada. — Ao menos foi para mim naquele momento.

— Então era por isso que você estava chorando? — ele pergunta antes de colocar mais um pedaço de carne na boca.

Estamos em um restaurante muito bonito, um desses lugares que eu jamais imaginei que um dia poderia frequentar, que deixa pessoas como eu constrangidas e inferiorizadas, mas que ao lado dele faz parecer algo simples, como se estivéssemos jantando em uma das mesinhas desgastadas do restaurante onde trabalho.

— Não. — Desvio o olhar e sinto minhas bochechas aquecerem.

— Então por que era? — Ele solta o talher pesado no prato de maneira elegante. Admiro-o por um momento e percebo o quanto ele se encaixa bem nesse lugar, aqui é o ambiente dele, o lugar onde pertence.

— Pelo que Benjamin me fez enxergar — admito enquanto mexo minha comida de um lado para o outro no prato, sentindo meu estômago revirar. Estou perto de contar, estou quase lá e por tudo que é mais sagrado eu quero tanto contar.

— Como assim? — Ele parece confuso e um vinco se forma entre seus olhos.

— Eu o compreendo porque, assim como ele, criei uma casca tão grossa para me proteger do mundo que tenho dificuldades de aceitar carinho. Eu quero receber carinho, quero que as pessoas gostem de mim, mas eu não consigo, eu simplesmente não consigo. E desde o acidente venho percebendo que mesmo que eu tenha feito de tudo para afastar as pessoas da minha vida, elas continuam vindo. Primeiro Marina e José, depois os clientes que, mesmo que não tenhamos nenhum tipo de amizade, acabam fazendo parte da minha vida, e agora você.

Vinícius estende uma de suas mãos sobre a mesa, mas não me toca e o agradeço por isso. É como se ele apenas desejasse afirmar que está ali para mim.

— Eu sou como o Benjamin, eu tenho problemas com emoções, elas me desestabilizam, me assustam...

— Por quê? — ele pergunta baixinho, como se estivesse com medo ou pensasse se realmente deseja ouvir a resposta.

Abro a boca e nada sai, minha voz falha e desvio o olhar quando uma lágrima cai solitária em meu rosto.

— Poliana — ele me chama, mas não consigo encara-lo.

— É complicado... — consigo dizer finalmente e sinto sua frustração quando ele se encosta à cadeira e bufa.

— Tudo bem, Poliana, não precisa ser hoje, conte-me quando estiver preparada, mas apenas saiba que eu estou aqui.

— Obrigada. — Sinto um aperto em meu peito tão forte que tenho dificuldades para respirar, tenho medo, medo de tudo isso ser uma farsa, de um dia tudo acabar e perceber que estou novamente sozinha, medo de contar e perdê-lo. Medo. Tanto medo que me sinto sufocar.

— Becker? — Um homem de meia-idade aparece ao nosso lado, sinto nossa bolha particular ser estourada e aproveito o momento para ir ao banheiro, preciso me recompor. Hoje com certeza não será o dia em que contarei tudo para ele.

— Com licença. — Levanto-me e Vinícius se levanta junto como um perfeito cavalheiro, ele vem até mim e apoia a mão em minhas costas, a preocupação estampada em seus olhos. — Preciso ir ao banheiro — explico para ele, que me indica a direção antes de me apresentar brevemente para o homem.

Sigo até o lugar onde ele me indicou e tudo o que consigo pensar no caminho é que não posso chorar aqui, não quero chorar porque eu estou bem, estou bem e estou feliz. Não posso chorar...

Assim que entro no banheiro desabo. As lágrimas escorrem por meu rosto e me apoio na grande bancada de mármore que está à minha frente. Há tempos não sinto essa sensação sufocante. É aterrorizante, me sinto acuada, como se estivesse me preparando para abrir uma ferida infeccionada, sei que precisa ser tratada, mas dói e não sei se aguento mais essa dor.

— Você está se sentindo bem? — Uma mulher se aproxima e toca meu ombro delicadamente.

— Eu vou ficar bem — digo para ela e para mim.

A mulher sorri e me entrega uma caixa de lenços.

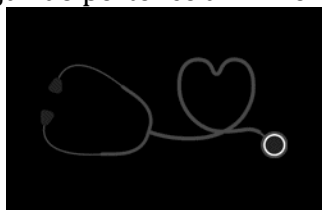
— Tudo bem, se precisar de algo estou aqui. — Ela se afasta e retiro alguns lenços da caixa limpando meu rosto e nariz, me olho no espelho e não gosto do que vejo.

Seis meses... e ainda vejo a mesma garota frágil e insegura.

Seis meses... e ainda sinto a dor da ferida aberta.

Seis meses... e falhei miseravelmente na promessa que fiz a mim mesma.

Seis meses... e meu coração já não pertence a mim e isso me apavora.



Ao voltar para a mesa, noto que Vinícius está olhando para mim, tento sorrir, mas sei que ele está vendo que chorei, porque meu nariz está avermelhado e meus olhos inchados. O homem continua falando algo, mas Vinícius não está mais prestando atenção, seu corpo todo está tenso e ele continua com aquela expressão no rosto como se eu fosse a única coisa que existe aqui.

— Oi — digo meio sem graça ao me aproximar, eles estão de pé e Vinícius ignora completamente o homem e vem até mim.

— Você está bem? — ele sussurra baixinho enquanto coloca sua mão em mim.

— Estou — minto e ele não acredita.

— Me perdoe, Dr. Munhoz, mas creio que não seja um bom momento. Preciso levar minha namorada para casa, ela está um pouco indisposta.

A palavra “namorada” sai de seus lábios de maneira lenta, como se ele quisesse prolongá-la o tempo que fosse possível. Meu coração dispara no peito como um sinal de alerta, ele ouviu a palavra, mas entendeu da maneira errada que os corações apaixonados costumam entender enquanto meu cérebro racional e frio grita desesperadamente: “Fuja! Fuja enquanto ainda há tempo!”.

Não consigo dar ouvidos a nenhum dos dois, apenas permaneço parada observando-o enquanto ele me olha como se fosse o Superman e estivesse fazendo uma análise médica interna com sua visão de raios-X.

O homem, médico claro, me olha como se me notasse pela primeira vez e pergunta de maneira fria, porém educada:

— Há algo que eu possa fazer?

Ele parece gentil e tem um sorriso profissional, assim que a pergunta sai de seus lábios noto que sua postura muda e posso ver o Dr. Munhoz surgir na minha frente como um super-herói. Exatamente como Vinícius, que mantém seus olhos sobre mim enquanto uma ruga profunda marca seu rosto com preocupação.

— Não, muito obrigada, é apenas uma indisposição. — Olho para Vinícius, que já tem um braço em volta da minha cintura e falo baixinho: — Eu posso pegar um táxi, não se preocupe comigo.

Vinícius aperta a mão do homem despedindo-se e ignorando o que disse, ele promete se encontrar em breve com o Dr. Munhoz e saímos do restaurante sem pagar.

— Vinícius, não pagamos a conta — o aviso para o caso dele ter esquecido, mas ele continua me levando para fora do restaurante como se eu não houvesse dito nada.

— Não se preocupe, querida, estamos em casa. — Ele sorri para mim e olho para ele sem entender. — Esse restaurante é da família Becker.

Abro a boca para falar, mas nada sai, olho em volta admirada com o lugar, imponente e caro são as palavras que me vêm à mente, não consigo imaginar o quanto sua família é rica e isso me faz sentir ainda mais doente.

— Parabéns, é lindo! — É tudo o que consigo dizer, e ele sorri como se não fosse nada.

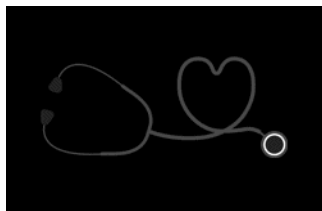
— Obrigado, mas não é meu. — Ele passa a mão nos cabelos enquanto caminhamos entre mesas enormes e desviamos de garçons educados, que nos cumprimentam.

— Achei que tinha dito que era da sua família.

— Sim, da parte humana da família, a que gosta de comer e falar muito. — Ele baixa o olhar e pisca para mim. — Eu não faço parte dessa ala dos Becker.

— E qual a sua ala?

— Eu conserto corações quebrados. — Ele se inclina para falar em meu ouvido como se fosse uma confissão. Ele sorri e sei que está me provocando. Penso em dizer a ele que, na verdade, ele não passa de um destruidor de corações, mas tenho certeza de que ele já sabe disso.



Vinícius me leva para casa em seu carro, ele é enorme, bonito e imponente assim como o dono. Um grande SUV que se destaca no estacionamento como se tivesse personalidade própria. Se eu tivesse que comparar Vinícius com um veículo, com certeza seria esse carro, embora eu nunca tenha visto um desses antes.

Estamos em silêncio, ele apoia uma mão nos lábios enquanto dirige concentrado no caminho, estamos longe um do outro, não só fisicamente, mas emocionalmente. Ele não vai me pressionar e eu o agradeço por isso, mas também sinto que ele não é um homem que insiste muito em algo. E tenho certeza de que será só uma questão de tempo até ele ir embora.

Talvez se eu contasse logo tudo de uma vez...

— Chegamos — ele diz ao parar o carro na frente do meu prédio. O silêncio é ainda maior quando ele desliga o motor e encara o volante e sinto que devo falar algo para quebrar o clima.

— Vinícius...

— Sabe, Poliana — ele me interrompe. — Eu não sei o que houve com você, não vou te pressionar a me contar, eu esperarei o seu tempo. Eu sei ser paciente quando necessário. Esperar faz parte da minha profissão. — Ele me olha e sorri, um sorriso triste sem covinhas. — Seja lá o que você tenha para me contar, eu não vou te julgar. Eu tenho meus próprios fantasmas e já aprendi que não posso julgar ninguém, mas eu quero que você saiba de uma coisa. — Ele se vira para mim, com seu corpo enorme preenchendo todos os espaços e, mesmo com toda a sua força e tamanho, não me sinto intimidada, ao contrário, me sinto protegida. — Nem todos machucam. — Arregalo os olhos quando ele fala. — Nem todos são iguais — ele completa como se soubesse de tudo, como se precisasse apenas ouvir dos meus lábios.

Sinto a ferida ser aberta, está doendo... Deus, isso dói tanto que preciso apertar os lábios para não gemer. É quase físico de tanto que dói.

— Por que você está falando isso? — Minha voz sai fraca e, embora eu tenha perguntado, não quero que ele responda. Não agora.

— Porque eu sei que você foi machucada, Poliana. Eu sinto seu medo e sua dor na sua resistência. Eu sinto isso a cada vez que te toco.

Baixo meus olhos para a bolsa que estou torcendo em meus dedos, eles estão arroxeados pela força com que aperto a alça e me concentro nisso para não desabar.

Eu quero contar, mas não quero que ele saiba. Depois de hoje, de conhecer um pouco mais da vida luxuosa que ele tem, de imaginar como é a família Becker, perfeita e imaculada, ficou mais difícil do que imaginei e sinto que quando ele vir a minha verdade ele vai embora. Eu sei que vai. Ele é precioso demais para mim. Limpo demais para suportar toda a sujeira que é a minha vida.

— Eu sinto muito — digo ainda olhando para minha mão.

Vinícius se aproxima, sinto o calor do seu corpo quando ele chega mais perto. Ele desenrosca as alças da minha mão e massageia meus dedos. Sempre tão cuidadoso, sempre tão carinhoso.

— Eu sei que não está pronta para falar ainda — ele sussurra para mim, tão próximo que posso sentir seu hálito quente em minha pele fria. — Não tem problema, eu estarei aqui, até o momento em que você se sentir forte para isso.

— Sabe por que chorei hoje cedo? — Crio coragem e continuo: — Antes de sair, aquele garotinho apontou para um desenho na parede, bem embaixo da árvore que pintamos aquele dia.

— Então ele contou o meu segredo a você — Vinícius brinca.

— Acho que ele sabia que eu precisava saber. — Ergo meus olhos e encaro os seus, azuis e tão profundos que me sinto sugada por eles. — Eu senti pela primeira vez na vida que talvez eu possa ser amada e isso me assustou porque não sei se conseguirei retribuir.

— Você é — ele diz com tanta convicção que me faz sorrir, com seu rosto meio encoberto pelas mechas douradas que começam a cair. — Você é mais amada do que pode imaginar, Poliana.

— Eu tenho medo... — admito. — Eu tenho medo disso tudo que está acontecendo.

Ele estende uma das mãos e acaricia meu rosto, tento controlar a vontade que sinto de me afastar do seu toque, é intenso demais, posso senti-lo antes mesmo de tocarem minha pele e estremeço ao calor que emana dele.

— Poliana... — ele diz meu nome lentamente como se precisasse me acalmar. E ele acalma. — Não tenha medo, você não está mais sozinha. Agora você tem a mim.

Capítulo 42



POLIANA

Às vezes precisamos ser fortes e arrancar logo o Band-aid. Eu sei disso, todos sabem, mas nesse momento estou vivendo aquele breve período, entre o medo e a coragem, em que respiramos fundo. Talvez meu Band-aid seja grande demais porque ele está exigindo uma coragem maior do que eu imaginava que seria possível.

A noite termina de forma estranha. Abrimo-nos um para o outro, dissemos coisas intensas e importantes, mas quando ele se foi a sensação que ficou foi amarga, como se as palavras trocadas entre nós não fossem fortes o suficiente para suportar tudo o que vem pela frente.

Tomo um banho e me deito, estou exausta e tudo o que eu quero nesse momento é estar no orfanato. Fecho os olhos e me transporto para lá, ouço a voz das crianças brincando, dos bebês chorando, sinto o cheiro de terra, de comida no fogo, de alvejante, sinto o cheiro da mãe: a única pessoa que se importou comigo durante toda a minha vida. A única que acreditou em mim e a única que decepcionei.

Choro de vergonha, um choro conhecido já que vem sendo meu companheiro nos últimos quatro anos. Choro de saudades, porque ela é como uma tatuagem marcada em minha pele: sinto tantas saudades que chega a doer. Saudades da inocência, da segurança; saudades da pureza, da esperança; saudades dela.

Joana se acomoda do meu lado, sinto as lambidas dela em minha pele como se soubesse que preciso de carinho e talvez ela saiba. Ela sempre sabe.

O sono vem lentamente, me leva em ondas para uma dimensão onde nada existe, uma prévia do que deve ser a morte, um silêncio pacífico, uma calmaria sem motivo, o relaxamento do corpo e da alma. Eu durmo exausta e triste e, embora tenha todos os motivos para não estar assim, é tudo o que consigo sentir, pois é ela que ainda preenche uma grande parte do que sou. E tenho a sensação de que sempre será assim.

Capítulo 43



— Você tem certeza de que está se sentindo bem para trabalhar, Poliana? — Milton me pergunta pela milionésima vez.

— Eu estou bem, juro. — Sorrio para deixar mais evidente e ele se rende permitindo que eu vá para o vestiário me trocar.

Tudo é estranho para mim. Caminho lentamente como se estivesse com alguma limitação física, tento não olhar para o local onde tudo aconteceu, mas é impossível, José está na minha frente, com os braços cruzados no peito e um olhar atencioso como se estivesse a postos no caso de eu precisar, mas não vou. Preciso ser forte, já passei por coisas piores, posso suportar isso.

Vou para o vestiário, coloco meu uniforme e prendo meu cabelo como sempre fiz durante os últimos seis meses, mas quando olho no espelho sei que não sou mais a garota, aquela Poliana morreu nos braços do homem misterioso de olhos azuis. A que me olha de volta é uma garota disposta a dar uma segunda chance a vida.

O restaurante está lotado, talvez o fato de ter passado tanto tempo em casa deitada tenha me deixado um pouco fora de forma, mas o fato é que não consigo atender todo mundo e me atrapalho um pouco. A grande maioria dos clientes me perguntam como estou e dizem que acompanharam e rezaram por mim durante minha recuperação. Agradeço a cada um deles com um sorriso amigável nos lábios. É estranho, não estou acostumada a receber tanta atenção assim, mas me sinto bem com o carinho deles.



No fim do dia estou exausta, é um tipo novo de exaustão. Cada músculo do meu corpo dói e tenho a sensação de que poderia dormir por dias seguidos.

— Poliana! — Milton grita do lado de fora do vestiário. — Eu preciso de você aqui no meu escritório um instante.

Olho para Marina, que está estranhamente calada e ela ergue os ombros como se não tivesse nada a dizer, o que é algo novo no mundo já que Marina sempre tem algo a dizer sobre tudo. Termino de me trocar e vou até o escritório contra a minha vontade.

— O que foi, Milton? — pergunto da porta sem coragem de entrar. Hoje não...

— Preciso que você cadastre uns produtos novos aqui nesse programa, só você consegue deixar tudo tão organizado, eu sou um fracasso nisso.

Repreendo a vontade de completar dizendo que ele é um fracasso em tudo que esteja na categoria acima do respirar, mas deixo para lá. Ele não vale a pena.

— Eu não posso, Milton, estou cansada, preciso ir. — Estou quase me virando quando ele me chama novamente.

— Eu não estou pedindo, Poliana, eu estou mandando, e nós sabemos que para você esse trabalho é importante demais. — Seu tom arrogante faz meu coração disparar no peito e sinto minhas bochechas aquecerem.

— Você está me ameaçando? — pergunto sem acreditar que esse cretino disse isso.

— Não. — Ele arrasta a palavra como se não fosse nada de mais ameaçar a filha da puta que tomou um tiro no lugar dele. — Estou apenas pedindo para que você faça uma gentileza ao seu chefe. — Ele sorri e eu tenho que respirar fundo para não vomitar.

Milton puxa a cadeira e fica esperando até que eu desisto e vou até lá. Infelizmente ele tem razão, esse trabalho é importante demais para mim.

— São apenas esses itens. — Ele joga a folha com uma extensa planilha para mim e aponta para o monitor do computador. — Depois eu pago um táxi para te levar para casa. Milton dá um tapinha em meu ombro e faço uma anotação mental para falar com o senhor Gonçalves amanhã. Chega de ser explorada. Hoje será o último dia.



Duas horas! Duas malditas horas perdidas da minha vida enquanto eu amaldiçoo o meu gerente e faço seu trabalho.

Algumas coisas não mudam nunca!

Saio do escritório sentindo uma pontada no local onde fui baleada, apalpo o ferimento em busca de algo errado, mas acredito que seja apenas meu corpo implorando por um banho longo e quente e minha cama. Passo pelo corredor estreito e ouço uma agitação vinda do salão, já passa das oito da noite e não há motivos para que o restaurante esteja aberto, a menos que...

Era só o que me faltava! O desgraçado do Milton usar o lugar de trabalho para suas festinhas particulares. Saio em direção ao salão disposta a acabar com a sua brincadeira, seja lá o que ele esteja fazendo ali. Mas quando chego o que vejo faz com que o ar desapareça dos meus pulmões.

— Surpresa! — Um grito em coro me faz dar um pulo para trás.

Olho em volta sem acreditar no que estou presenciando. Uma festa... para mim.

— Seja bem-vinda de volta. — Milton se aproxima e passa seus braços gordos em volta de mim, me obrigo a dar um tapinha leve em suas costas e sorrio quando ele se afasta. — Me desculpe, mas eu não consegui ver outro jeito de te segurar lá dentro.

— Não precisava ter abusado, né? — digo desejando que ele veja toda a raiva que está contida nas minhas palavras.

— Foi ideia dela. — Ele aponta para Marina, que me dá um sorriso orgulhoso ao se aproximar e me puxar para um abraço.

— Vem cá e deixa de ser chorona. — Ela aperta os braços em volta de mim e finalmente compreendo seu silêncio. Ela não sabe guardar segredos.

— Você deu a brilhante ideia do Milton me explorar? — pergunto ainda sem acreditar que ela tenha realmente feito isso.

— O que custa, você já está tão acostumada. — Marina balança as mãos no ar casualmente. — Um dia a mais não faria diferença. — Ela se inclina até mim e sussurra em meu ouvido: — E eu tenho certeza de que você amaldiçoou até a quinta geração de imprestáveis da árvore genealógica dele.

— Com toda a certeza — digo sentindo uma vontade de amaldiçoar a sua também. Ela se afasta, deixa um beijo estalado em minha bochecha e pisca para mim.

— Viu só como foi bom?

Os próximos a me cumprimentar são Carlos, José, Maria, Sr. Gonçalves, Denis, Melissa e, enquanto passo meus olhos ao redor, em busca da única pessoa que ainda não consegui avistar, eu a vejo. Parada no fundo do restaurante, os bracinhos curtos cruzados sobre o busto avantajado, os cabelos grisalhos presos embaixo do tecido negro que cobre sua cabeça, os mesmos óculos pesados escondendo seus olhos doces e misericordiosos, o mesmo ar de benevolência... é ela. Ela está aqui.

Corro pelo salão e me jogo em seus braços, não me importo com a plateia que vê quando me ajoelho na sua frente e a abraço, não me importo quando o pranto rasga a minha garganta e começo a chorar igual uma criança que acabou de se machucar. Ela está aqui e eu nunca senti tanto a sua falta.

— Madre! — choramingo quando ela me puxa para cima, limpando meus olhos com suas mãos grossas. — Eu sinto tanto... — essa é a frase que mais disse a ela nos últimos anos, mais do que “obrigada” e, infelizmente, muito mais do que “eu te amo”. — Eu sinto tanto...

— Shhhhh... tudo bem, garota! — Ela esfrega meus braços com força exatamente como ela sempre fez quando eu era pequena e não queria dormir ou quando começava a chorar de saudades de algo que eu nem mesmo sabia o que. — Está tudo bem agora.

Ouço aplausos e assobios que me trazem de volta à realidade, não estamos sozinhas embora eu não consiga ver nada à minha frente além da mulher que foi tudo para mim durante toda a minha vida.

— Agora limpa esse rosto, chega de chorar. — Ela me dá seu sorriso duro e sorrio de volta em meio as lágrimas.

— Como você veio até aqui? — pergunto incrédula. Madre Otília quase não sai do orfanato Nossa Senhora de Fátima, principalmente a essa hora da noite, o que me deixa ainda mais surpresa.

— Eu precisava te ver de olhos abertos, a última vez que nos encontramos, você não abriu os olhos para mim.

Marina me contou que a madre esteve no hospital durante todo o tempo em que estive em cirurgia e nos dias seguintes quando estava na UTI, mas infelizmente ainda não tinha tido a chance de vê-la depois que tudo aconteceu.

— Madre, obrigada por ter vindo. — Volto a abraçá-la e meu corpo se aquece com o seu cheiro de alfazema. É incrível o quanto o seu cheiro me traz a sensação de segurança, conforto e paz. Ela cheira a amor, proteção e casa.

— Não agradeça a mim, minha querida. — Ela olha por sobre meu ombro e sorri. — Agradeça ao seu querido doutor que fez questão de me trazer.

Olho para onde ela sinaliza e finalmente o encontro apoiado na parede oposta, com um sorriso amplo que faz com que as covinhas apareçam em seu rosto. Ele ergue a mão, acenando para mim, e sinto como se meu coração parasse de bater.

— Obrigada — gesticulo com os lábios e ele pisca para mim.

— Você já viu o que fiz para você? — Maria se aproxima circulando minha cintura e apontando para a mesa, tenho que me esforçar para desviar o olhar de Vinícius e fico de queixo caído quando vejo do que ela está falando.

— Maria, tudo isso é para mim?

— Só para você não — José diz em minhas costas. — Vai ter que dividir comigo, afinal de contas se tem alguém aqui que merece, esse alguém sou eu.

Olho para meu amigo, que parece estar bem melhor com seu habitual sorriso nos lábios.

— Achei que o merecedor deveria ser eu, afinal de contas fui eu quem fui baleada — brinco com ele, que passa um braço em meus ombros e deixa um beijo estalado em minha bochecha.

— Nada nesse mundo é pior do que aguentar Marina choramingando pelos cantos, Poli, eu mereço... — Avisto um objeto ser arremessado na direção de José e não consigo impedir a risada quando um copo plástico acerta em cheio sua testa. — Porra, Marina! — José resmunga e logo em seguida se dá conta da presença da mãe ao seu lado. — Me perdoa, senhora.

— Tudo bem, menino... tudo bem. — Ela puxa a mão que José está beijando exageradamente e todos riem.

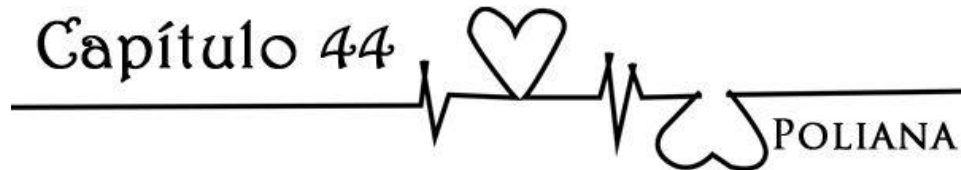
— Eu já falei para parar de falar de mim, José, a próxima será a faca de carnes do Carlos.

José não responde, apenas balança a cabeça indignado com o seu comportamento e se afasta. Todos riem, felizes, com seus copos e pratos nas mãos, conversando e se divertindo. Olho em volta e tento não chorar, algo que se tornou comum na minha vida ultimamente.

— Está tudo bem? — a mãe pergunta.

— Só estou feliz — admito secando as lágrimas fujonas que escapam. — Nunca tive uma festa só minha — respondo mesmo que ela já saiba disso. Mãe Otília é uma das pessoas mais caridosas que já conheci na vida, sei que fez tudo o que pode para dar as suas crianças o melhor, mas festas estavam no topo das coisas que não podíamos ter. Tudo era em conjunto, não existia singularidade e até esse momento eu nunca soube o quanto isso era especial.

Capítulo 44



A noite passa rapidamente, enquanto os ponteiros rodam sinto meu corpo exausto implorar por descanso. Não consigo me aproximar de Vinícius, ele passa a maior parte da noite ao lado de Denis e da madre, eles conversam muito e posso imaginar o teor da conversa. Duas almas tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas, pessoas engajadas em causas que o resto da humanidade ignora por julgar não ser da sua conta.

Vinícius está ouvindo algo que madre Otília conta, tenho certeza de que conheço essa história, ou por ter feito parte dela ou por tê-la ouvido contar enquanto vivi no orfanato, noto o quanto ele está cansado, sua camisa parece um pouco amarrotada, as mangas estão arregaçadas e até um pouco saindo da calça, nada usual para o homem que sempre parece impecável. Seus cabelos loiros estão começando a crescer e isso o torna mais difícil de domar, deixando-o com um ar de menino rebelde, há suaves olheiras embaixo de seus olhos e tenho vontade de abraçá-lo e cuidar dele no mesmo instante.

— Deus... chega a ser patético ver a forma como você olha para esse homem — Marina diz ao meu lado olhando para o trio que conversa à nossa frente. — Você parece um cachorro na frente de um monte de frango assado.

Sorrio sem me incomodar com suas provocações, essa é a Marina, a garota que muda de humor mais rápido do que troca de roupa e eu a amo assim mesmo.

— Eu não me importo de parecer um cachorrinho. — Balanço os ombros sem me importar realmente.

— Nem eu, se o doutor gostoso desse bola para mim eu também olharia para ele assim. — Ergo as sobrancelhas ao olhar para Marina. Logo ela, a garota que sempre consegue quem ela quer, está caidinha pelo doutor Denis.

Volto a olhar para ele, Denis é bonito, moreno, com cabelos negros e olhos gentis que se fecham quando ele sorri. Doce, educado e muito gentil, ele parece o oposto do temperamento explosivo de Marina.

— Tá a fim do Denis? — Mordo o lábio para não sorrir.

— Não é nada disso. — Ela enrola uma mecha de seus cachos no dedo e descansa o quadril de forma sensual no balcão. — É só que eu nunca fiquei com um médico e adoraria saber como é ser examinada por um... — Ela me olha com uma cara que me deixa vermelha na hora. — Se é que você me entende.

— Marina!

— O quê? Eu não vou mentir que adoraria vê-lo de jaleco. — Ela morde a pontinha do dedo mindinho e olha para ele com intensidade. — Apenas de jaleco.

Denis parece sentir o que ela está fazendo, pois ele ergue a cabeça e sorri, sinto meu rosto arder e não sei o porquê, já que Marina sempre tem um jeito peculiar de atacar suas presas.



Vou até a cozinha beber um pouco de água, me sinto um pouco tonta e não quero que Vinícius e madre Otília percebam, talvez seja apenas um cansaço natural depois de tantos dias deitada.

— Fugindo da festa? — Viro-me e encontro José apoiado na entrada da cozinha com as mãos enterradas nos bolsos de sua calça jeans desgastada.

— Estou um pouco cansada — admito para ele e me sinto aliviada.

— Eu percebi. — Ele entra na cozinha diminuindo a distância entre nós e me deixando um pouco desconfortável. — Você está diferente, Poli.

— Diferente? Como assim? — Olho para a porta e de volta para meu colega de trabalho sem entender muito bem por que me sinto tão desconfortável com sua proximidade.

— Eu sinto falta de você antes dele. — José aponta para trás e sei exatamente o que ele está falando.

— Eu sou a mesma, José, um pouco avariada agora. — Espalmo a mão em meu abdômen e sorrio. — Mas ainda sou a mesma, deixa só eu voltar ao ritmo e você vai ver.

— Eu espero que sim.

O assunto acaba e ficamos assim, sem saber para onde olhar ou como desfazer o clima pesado que se instalou entre nós. Tento sorrir, mas ele está sério demais, como se tentasse dizer algo que não consegue.

— José... — começo a falar, mesmo sem saber o que dizer.

— Sabe, Poli. — Ele esfrega o rosto com as mãos antes de continuar: — Eu esperava isso da Marina, tudo bem, ela é esse furacão sem filtro que só fala merda e abaixa as calças para qualquer um que tenha grana...

— José! — o repreendo, mas ele parece não me ouvir e continua como se precisasse terminar antes que a coragem fosse embora.

— Mas você? Você é diferente, eu sempre acreditei que você não se envolvia com ninguém por causa do seu passado. Mas aí aparece esse riquinho e você fica de quatro por ele.

— José, você não tem o direito de falar assim comigo — repreendo-o.

— Esse cara só vai te usar, Poliana, ele não é diferente dos filhos da puta riquinhos que saem com a Marina, ele apenas tem uma aparência melhor e usa um jaleco. No fim das contas, gente como ele só quer saber de usar garotas como você.

Suas palavras me machucam, tanto que espalmo minhas mãos na barriga como se tivesse sido baleada novamente.

— Ele não vai me machucar — digo com a voz cheia de mágoa.

— Como você sabe?

— Porque não tem como ele me machucar mais, estou anestesiada — minto, pois sei que no dia que Vinícius se for eu conhecerei a dor de que tanto fugi, a da esperança. — Eu e ele somos apenas amigos — defendo-me.

— O que a dona da festa faz na cozinha? — Maria diz ao passar por mim e sorri interrompendo nossa discussão, José vai até a geladeira em busca de um refrigerante e o

assunto termina. Ele diz algo para Maria provocando-a como sempre fez, mas eu já não o reconheço mais, é como se ele houvesse se transformado em um estranho.

Olho para a porta e para minha surpresa a madre está lá observando-nos e sei que ela captou muito mais do que precisava, ela tem esse dom, parece conseguir ler as pessoas e nesse momento estou apavorada ao imaginar o que ela está pensando.

E antes que eu possa dizer alguma coisa avisto Vinícius, ele está atrás dela, sua grande figura preenchendo todo o espaço a sua volta como um anjo apocalíptico. É belo e assustador vê-lo dessa maneira. Rezo para que ele não tenha ouvido nada, mas a maneira como ele olha para José quando ele sai da cozinha não me permite ter muitas esperanças.

— Está cansada? — pergunto para a madre evitando olhar para Vinícius, posso sentir o seu olhar em mim e não estou preparada para esse confronto.

— Estou sim, muito por sinal — ela diz abraçando-me.

— Já vamos embora, deixa só eu pegar minha bolsa.

Passo por eles em direção ao vestiário, meu coração bate forte, meu corpo inteiro treme e estou a um passo de desabar em lágrimas. Isso não pode ser verdade, mesmo parecendo irreal, não consigo acreditar que Vinícius esteja brincando com meus sentimentos. José não sabe o que está falando.



Quando volto ao salão, a maioria das pessoas já foram embora. Marina está finalmente conversando com Denis, a madre está ouvindo o Sr. Gonçalves e Vinícius está sentado em uma mesa afastada, observando o conteúdo do copo que ele mexe de um lado para o outro.

Quando me aproximo, ele ergue os olhos para mim.

— Acho que a festa acabou — tento sorrir, mas ele não corresponde.

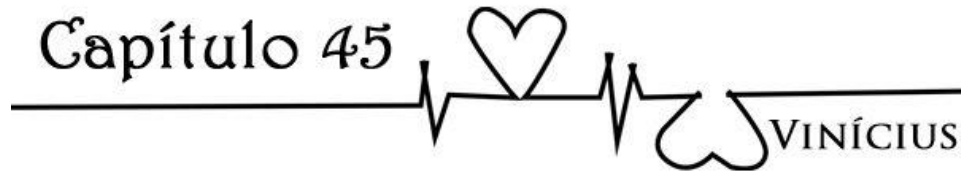
— Já está pronta para ir? — ele pergunta ao se levantar, confirmo com a cabeça e ele sai despedindo-se de todos com um breve aceno de mão e segurando a porta aberta para que eu possa passar.

Vinícius não diz nada, eu não tenho coragem de abrir a boca e a madre está cansada demais para intermediar um bate-papo, então seguimos em silêncio por todo o trajeto. Assim que chegamos à porta do meu edifício, a madre retira a chave da minha mão e diz:

— Agora eu gostaria muito que vocês dois agissem como adultos e conversassem com sinceridade, digam tudo o que estão pensando e não tenham medo de contar a verdade um para o outro. Todo relacionamento, seja ele qual for, precisa ser baseado na verdade. — Ela se aproxima de mim e segura meu rosto, encarando-me com seus olhos fortes e determinados. — A verdade, Poliana. Apenas a verdade.

Ela se vai e sinto que minha hora chegou...

Capítulo 45



VINÍCIUS

Nunca fui um cara descontrolado. Embora tenha uma aparência que intimida, nunca usei isso a meu favor.

Até o dia em que Gabriel mexeu com minha irmã.

Esse foi meu único ato impensado na vida, foi a única vez que agi sem pensar e o resultado não foi dos melhores.

Mas essa noite tive vontade de mandar tudo ao inferno e transformar a cara daquele filho da puta em carne moída. Não gostei nada da maneira como ele falou com ela, e sinto cada músculo do meu corpo pulsar em fúria.

— Vinícius, se você não se importa eu gostaria muito de subir, estou exausta — essa é a primeira coisa que ela me diz depois que saímos do restaurante.

— É assim então que vamos terminar essa noite? Com você fugindo igual um rato.

— Vinícius, por favor...

— Aquele idiota te pressiona e você diz a ele que não sou nada e devo achar isso legal? Porque na outra noite, quando estávamos juntos e tive a oportunidade de te apresentar a alguém, eu fiz questão de dizer que você era minha namorada.

— Vinícius, por favor... — Ela coloca as mãos nas têmporas e sinto a raiva começar a me dominar, aperto o volante e ela se encolhe no banco fazendo com que eu me sinta ainda pior.

— Eu não sou nada para você, Poliana? — Despejo sobre ela o que mais me incomodou. — Porque eu sempre fui bem sincero com você, então eu adoraria que você me respondesse isso.

Ela não diz nada, apenas permanece ali sentada no banco, tão pequena, que tenho a sensação de que se eu gritar serei capaz de quebrá-la ao meio. Aperto os lábios e desvio o olhar, me sinto magoado de uma forma que nunca me senti. Sou o cara que foi criado para dominar o mundo, para ter o que sempre quis, mas desde que conheci Poliana me sinto frustrado de uma forma como nunca me senti antes, tenho a sensação de que quanto mais me aproximo dela, mais ela escapa de mim, como em um pesadelo.

— Responde alguma coisa! — esbravejo.

— Eu não quero brigar com você...

— Não tente fugir, eu não vou embora com isso engasgado na minha garganta, precisamos ter essa conversa e vai ser hoje.

Poliana se mexe no banco ao meu lado enroscando as mãos na alça da bolsa. Eu não queria ser duro com ela, mas não consigo pensar direito, tudo o que vejo à minha frente é aquele cara dizendo que vou machucá-la. Esfrego o rosto nas mãos buscando um pouco de sensatez porque da maneira que estou agindo é exatamente isso que está parecendo. Que quero machucá-la.

— Tudo bem, eu acho melhor você entrar — digo sem olhar para ela, esfrego meu rosto desejando poder voltar atrás e não a forçar dessa maneira, me comportei como um idiota.

— Amanhã a gente se fala — ela sussurra e quero me bater por ter me alterado dessa forma. olho para ela e sinto uma sensação estranha em meu peito.

— Me perdoe, eu perdi o controle, não deveria ter falado assim com você.

— Tudo bem, já passou — ela mente, posso sentir o pânico em sua voz e ela segura a maçaneta com tanta força que seus dedos estão esbranquiçados.

— Poliana. — Me viro segurando sua mão livre. — Eu nunca a machucaria, nunca. — Olho dentro dos seus olhos enquanto falo. — Está me entendendo?

— Existem inúmeras formas de machucar alguém — ela diz olhando para nossas mãos juntas. — A grande maioria das pessoas não percebe a força das palavras até que elas sejam usadas contra elas. — Ela destranca o carro, abrindo a porta e finalizando a nossa conversa. — A gente se vê.

— Amanhã estou de plantão, não sei se consigo te ver — digo odiando o fato de nunca saber quando conseguirei ter a próxima folga.

— Te mando mensagens. — Ela sorri, mas não consigo sorrir de volta.

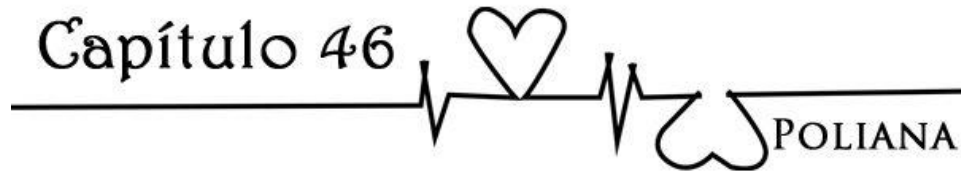
— Tudo bem, agora entra que está tarde.

Ela se inclina e beija meu rosto, inclino a cabeça em sua direção e ela permanece com seus lábios próximos, o calor da sua respiração faz com que minha pele pinique e ergo a mão, segurando-a junto a mim.

— Me desculpe — digo para ela com as mãos em seus cabelos. — Você precisa confiar em mim, Poliana, ou isso entre nós não vai dar certo.

— Eu sei... — ela diz e decido que é hora de parar de pressioná-la. Puxo-a para mim e inspiro seu cheiro, xampu e fritura. Odeio saber que ela precisa trabalhar naquele lugar, mas não posso fazer nada para mudar isso, ao menos não por enquanto. — A gente se vê — ela repete minhas palavras e sai do carro, sem me beijar.

Capítulo 46



POLIANA

Assim que entro no apartamento desabo em seus braços, ela não diz nada, apenas me segura como sempre fez e aguarda até que eu chore tudo o que preciso. Ela conhece minhas dores, ela sabe dos meus medos, ela viveu tudo comigo e por isso eu não preciso falar nada. Ela sabe o que estou sentindo.

— Ele é um bom homem, Poliana. — Ela acaricia meus cabelos enquanto derramo as últimas lágrimas em seu vestido. — Ele a ama, eu posso ver isso na maneira como ele cuida de você. Ele se preocupa com seu bem-estar e com sua felicidade e isso é o traço mais importante do amor.

— Ele não sabe quem eu sou, madre.

— Ele sabe sim, ele conhece a Poliana, aquela que você não consegue mais enxergar.

Ergo-me do seu colo e a olho nos olhos.

— Eu tenho medo — admito a ela. — Medo de me entregar a esse amor e depois sofrer. Medo de não estar a sua altura, de fazer algo errado e estragar tudo.

— Você está estragando quando não dá a chance desse amor acontecer. Pare com isso, já está na hora de você enterrar o seu passado e ser feliz.

Madre Otilia é a única pessoa no mundo que me conhece melhor do que eu mesma, não respondo nada, apenas balanço a cabeça concordando e ela continua:

— O doutor Vinícius é um dos homens mais nobres que pude conhecer, ele tem um coração de ouro, é muito inteligente, esforçado. Tão jovem e já é um cirurgião tão responsável. — Ela me encara exatamente igual quando eu tinha nove anos. — Ele será um grande desafio pra você, Poliana, ele é tudo o que você tem medo, sei bem a batalha que está sendo travada nesse coração e também sei que você terá que acreditar mais na sua capacidade de merecer algo assim em sua vida.

— Esse é o problema — admito. — Não sei se consigo.

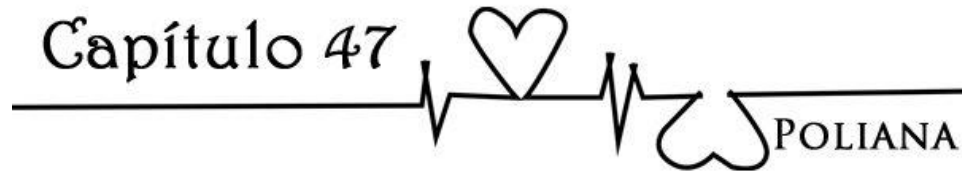
— Poliana, você se ilumina perto dele e sei que está sofrendo com isso, pare de se diminuir, pare de achar que só merece migalhas da vida, você é uma guerreira, eu sei porque fui eu quem te fez ser uma. — A madre mantém a voz firme e me olha com repreensão e amor, ela sempre soube a maneira e o momento certo de ser dura comigo, e hoje eu sei que é um desses momentos. — Aceite o que a vida tem para te dar. Aceite esse homem e o que ele sente por você.

— Eu vou tentar. — É a única promessa que consigo fazer a ela.

— Fé é acreditar naquilo que não se pode ver — ela diz com um sorriso nos lábios. — Não vemos o amor, nem o de Deus e nem o do homem, apenas o sentimos e acreditamos, sem perguntas e sem dúvidas. Acredite, apenas acredite.

— Obrigada, mãe, eu te amo! — Abraço-a, me sentindo mais forte e capaz, sei que ela acredita em mim e em cada uma das suas palavras e vou fazer o que deveria ter feito essa noite. Vou contar tudo a ele.

Capítulo 47



POLIANA

Olho para o chão limpo e lustroso abaixo de mim, o corredor silencioso e frio me deixa ainda mais nervosa. O dia ainda não amanheceu, mas a rotina no hospital já é intensa. Lembro-me dos dias em que fiquei aqui, parece que foi em outra vida.

Ouçoo vozes ao fundo e ergo a cabeça, apenas mais um grupo de pessoas passando. Volto a caminhar de um lado para o outro, o chão começa a ficar marcado pelos meus passos, mas não posso parar, se parar vou pensar e se pensar provavelmente irei embora. Correndo.

— Poliana? — Viro-me no momento em que ouço sua voz grave chamando meu nome e quebrando o silêncio do corredor. Sempre gostei do meu nome, mas quando ele sai de sua boca desmanchando-se de maneira preguiçosa, como mel escorrendo lentamente, doce e sexy, eu agradeço a Deus por ter sido batizada com esse nome.

Sorrio, porque sorrir é um movimento involuntário do meu rosto, sempre que o vejo. Mas, dessa vez, o sorriso sai nervoso e desajeitado e não é só pelo que estou prestes a fazer, mas principalmente por vê-lo em seu uniforme verde de médico.

— Oi. — Ergo a mão em um tchauzinho atrapalhado e Vinícius não sorri de volta, ele diminui a distância entre nós e passa a mão em meu braço com uma carranca muito séria no rosto.

— O que houve? — Ele passa os olhos por meu corpo como sempre faz. — Você está se sentindo bem?

— Desculpa aparecer assim aqui no hospital, mas eu precisava muito falar com você. — Sinto minha voz fraquejar, apenas uma prévia do quanto será difícil ter essa conversa com ele. — Como eu não sabia onde você mora, então achei que poderia falar com você aqui, mas se eu estiver atrapalhando, tudo bem, eu vou embora.

— O que houve, Poliana? Você está me deixando preocupado. — Ao notar minha ansiedade, ele diminui o tom de voz como se tentasse me acalmar mesmo sem saber o motivo.

Deus, eu amo tanto esse homem... sim eu o amo, muito mais do que imaginei ser capaz de amar alguém, amo sua bondade e paciência, amo sua inteligência e elegância, amo a maneira carinhosa como ele sempre cuida de mim, amo seu sorriso e seu olhar, amo sua voz e os sons que ele faz quando me beija. Amo seu coração puro, sua beleza, não apenas a que todos veem, mas aquela que apenas quem o conhece sabe. E ele é lindo.

— Podemos conversar em algum lugar? — Me esforço para parecer mais forte mesmo que por dentro esteja vivendo um dos momentos mais difíceis da minha vida.

— Claro, querida. — Ele passa as costas de sua mão por meu rosto antes de se inclinar e me beijar. — Vem comigo. — Ele me leva pela mão por corredores infinitos, passamos por salas de descanso, refeitórios e portas e mais portas fechadas, estamos na área destinada aos médicos e funcionários e por onde passamos as pessoas param de falar e nos observam como se fôssemos monstros de quatro cabeças. Vinícius ignora os olhares e continua me levando até

chegarmos ao nosso destino, ele abre a porta e espera até que eu entre, em seguida fecha-a e se apoia nela como se assim pudesse evitar a minha fuga.

Olho em volta e caminho circulando o sofá de três lugares, observando as revistas médicas em inglês, que se espalham na mesinha, olho a grande máquina de café e a desordem de copos usados em volta. Busco em algum lugar a coragem que não tenho.

— É aqui que você descansa quando não está trabalhando? — pergunto ao reconhecer uma de suas camisas em um cabide.

— Aqui é minha segunda casa. É onde estou na maior parte do tempo. — Ele parece se conter e decido não o torturar mais.

— Por favor, eu gostaria que você se sentasse. — Aponto para o sofá confortável, mas Vinícius não se move. — Por favor...

Ele passa as mãos nos cabelos e depois descansa-as na nuca.

— Eu não quero me sentar, Poliana, apenas quero que fale logo.

— Eu fico nervosa com você assim olhando para mim. — Tento sorrir, mas sai meio estranho.

— Então pare de me enrolar como se eu fosse um garoto e me diga logo o que aconteceu. — Ele parece assustado e respiro fundo parando de tentar encontrar coragem e começando pelo mais fácil.

— Eu te amo — digo porque se vou começar a contar tudo a ele, acho que preciso começar com a parte mais importante de toda a minha história, e com certeza o que sinto por ele é a parte mais importante de tudo isso. É a parte mais importante de todas. — Antes de mais nada, eu preciso que você saiba que eu te amo.

Ele me olha por baixo dos cabelos, os lábios entreabertos como se não soubesse como reagir a minha declaração, não espero sua reação, eu só quero que ele saiba. Dou a volta no sofá e me apoio no encosto apertando-o para me encorajar a continuar.

— Eu te amo desde o primeiro momento em que te vi, quando você sorriu para mim e me desejou um bom-dia, você me olhou de uma forma que acendeu algo aqui dentro. — Coloco minha mão no peito sentindo meu coração bater com força. Vinícius enterra suas mãos nos bolsos da calça verde de seu uniforme de médico e inclina a cabeça para o lado enquanto me ouve atentamente. — Me fez acreditar em algo que eu não pensei que poderia crer. Deu-me esperanças e mesmo sem saber, ressuscitou algo dentro de mim que estava morto há muito tempo.

— Você está me assustando, Poliana — ele diz do jeito calmo de sempre.

— Acho justo você se assustar, afinal de contas eu me sinto apavorada. Você iluminou a minha vida de uma forma que eu achava que só acontecia nos filmes românticos, me apaixonar por você foi como ser atropelada por um trem descarrilado, não tive tempo de me proteger, apenas recebi o impacto e vi a transformação acontecer na minha vida.

Ele morde o lábio inferior e o vinco entre seus olhos se torna tão fundo que parece prestes a partir o seu rosto em dois.

— Você entrou sem pedir licença, alcançou cada pedaço amortecido do meu corpo e deu vida a ele, você desfibrilou meu coração com seu sorriso e eu posso até mesmo dizer que eu acho que ele nunca havia batido, não antes de te conhecer. Embora eu sorrisse, não havia alegria, não havia sol em meus dias, nem paz nas minhas noites, embora eu passasse os dias agindo como uma pessoa comum, eu estava morta. E então você surgiu e me trouxe à vida.

Ele dá um passo em minha direção e estico a mão pedindo que ele continue onde está, ele faz o que peço e volta a se encostar na porta.

— Eu estou aqui para te contar a minha história, ela não é bonita, Vinícius, e eu preciso que você apenas me ouça.

— Eu estou aqui — ele diz e sinto tudo o que ele quer dizer, mesmo em apenas três palavrinhas consigo sentir tudo o que elas significam e isso me deixa mais segura.

— Como você sabe, eu cresci em um orfanato, não tenho família, passei por duas tentativas de adoção que não deram certo, não sei o motivo, enfim... — Ergo meus ombros tentando aliviar a tensão, falar da minha vida sempre me deixa nervosa. — Quando fiz dezoito anos, eu tinha a opção de sair do orfanato e foi o que fiz, arrumei um trabalho e com a ajuda da madre consegui alugar uma casa, era pequena e não tinha quase nada de móveis, mas era algo meu e eu me sentia a mulher mais rica do mundo. — Um sorriso sincero se espalha por meus lábios ao me lembrar do primeiro dia em que dormi na minha casa sozinha. — Mas eu era uma garota tola e inexperiente e achei que o mundo seria gentil comigo, afinal de contas eu estava apenas começando a vida.

Vinícius está imóvel, sua atenção inteira voltada para mim, como se soubesse que qualquer movimento seu pode me fazer desistir de contar. E ele está certo, estou a um triz de parar. E ainda nem comecei.

— Aos poucos conheci pessoas, que ao contrário de mim, cresceram com famílias e tiveram uma vida normal, e eu queria ter uma vida normal também, então comecei a frequentar os lugares que elas frequentavam, comecei a me comportar como elas e a me afastar de tudo o que eu era. E foi em uma dessas festas que conheci o meu primeiro namorado.

Olho para ele e para minha surpresa ele continua do mesmo jeito, um braço apoiado no peito, o outro erguido, um dedo tamborilando no lábio inferior como se ele estivesse tentando executar uma tarefa que exige toda a sua concentração. Sinto minha garganta secar e me forço a engolir antes de continuar:

— Eu era uma menina muito boba, nunca havia beijado ninguém, aos dezoito anos de idade eu nunca tinha sequer sido tocada por um garoto e então eu o conheci e ele me fez sentir a garota mais linda do mundo. — Desvio o olhar porque contar sobre tudo é mais difícil do que eu imaginava. — No primeiro dia ele me convidou para dançar, no segundo ele me beijou, no terceiro ele falou que eu era especial, que ele nunca havia sentido nada parecido antes e Deus... eu era apenas uma garota ingênua, eu acreditei em cada uma das palavras que ele me disse a partir daí.

Ouçõ o farfalhar de sua roupa e ergo os olhos, Vinícius caminha de um lado para o outro, com suas mãos descansando em sua nuca, enquanto ele olha para o chão. Sem falar.

Nem. Uma. Palavra.

— Dois meses depois que começamos a namorar, ele me convidou para morar com ele, não era o casamento que a madre sempre sonhou, mas eu estava tão envolvida em suas palavras que não me importei. Foi a primeira vez que não dei ouvidos a ela, no dia seguinte ele estava montando uma cama de casal no quarto da minha casa e era como se estivéssemos vivendo em um palácio. Mas meu conto de fadas durou pouco, nos meses seguintes ele se mostrou um cara ciumento e possessivo, ele implicava com minhas roupas e com a maneira que eu sorria para as pessoas, se eu prendesse meus cabelos ou se estavam soltos, tudo o que eu fazia era motivo para que ele achasse que eu o estava traindo, eu achava que era apenas sua forma intensa de me amar, ele me queria para ele e isso era lindo. Mas as demonstrações de

afeto foram se tornando cada vez mais agressivas. Por sua culpa perdi o emprego, perdi amigos e isso foi só o começo...

Vinícius se aproxima da máquina de café e começa a brincar com os copos, não sei se ele ainda está me ouvindo, mas decido que preciso continuar ou nunca mais conseguirei falar.

— Eu me sentia sufocada e confusa, o seu amor era algo assustador, às vezes ele me deixava com medo e isso foi se tornando uma coisa rotineira, eu confundia amor com medo e submissão. Minha casa vivia cheia de pessoas que eu não conhecia, às vezes eu passava um dia inteiro trancada no meu quarto sem poder sair por medo de um deles olhar para mim e então uma confusão começar. Eu era uma prisioneira dentro da minha própria casa. Já não podia mais ver a mãe, ele achava que ela colocava coisas na minha cabeça, que ela queria nos separar e ele não podia viver sem mim. Eu estava exausta daquilo e decidi terminar. E foi então que aconteceu.

Vinícius se vira para mim, seus olhos estão injetados de fúria, o azul ainda mais intenso, como se tivesse luz própria, seu peito sobe com força e sei que ele não está gostando do rumo que as coisas estão tomando, mas continuo:

— A primeira vez que um homem toca uma mulher algo se acende dentro dela, é nesse momento que deixamos de ser meninas e nos tornamos mulher, cada terminação nervosa se acende, cada ponto sensível se faz presente, é mágico... — Minha voz falha e ouço ele respirar fundo, fecho os olhos porque não consigo mais olhar para ele. — O contrário também acontece, quando um homem agride uma mulher. Ele desconecta o plug, desliga as emoções, apaga os sensores, abafa os sons até que tudo se torne sombra e dor.

Vinícius parece prender a respiração e a maneira como ele me olha é tudo o que eu não queria.

— Ele conseguiu me convencer da maneira mais cruel possível, de que eu não poderia deixá-lo. Ele me feriu com suas palavras, me fez acreditar que eu não servia para mais nada, além de cuidar dele. Com suas mãos, ele mostrou o quanto eu era frágil e pequena e com seu corpo ele me destruiu... O mesmo homem que me tornou mulher, foi o homem que me matou.

Ele desvia o olhar e continuo. Não posso parar. Não agora.

— Passei dias chorando, deitada na cama onde ele me destruiu, desejei morrer, desejei que ele tivesse realmente cumprido sua promessa e me matado. Compreendi naquele dia por que fui abandonada pelos meus pais. Eu não servia para nada. Eu era tudo o que tinha de pior no mundo.

Enquanto falo sinto cada dor surgir novamente e sem perceber começo a chorar, ouço Vinícius soltar um palavrão baixinho, a primeira palavra dita desde que comecei a falar.

— Então um sentimento novo nasceu naquele dia: o desespero. Eu estava desesperada para ser aceita, para ser amada, eu precisava conservar aquele sentimento bonito que nos uniu, eu não podia perdê-lo, porque se eu o perdesse quem mais iria se interessar por mim? E então eu me transformei em sua escrava. Estava sempre disposta a fazer o que ele quisesse, cozinhava para dezenas de pessoas porque isso o fazia feliz, limpava o chão todas as vezes que ele caía de bêbado e nunca, jamais o irritava. Mas então aconteceu a segunda vez, e a terceira, a quarta... nunca tinha um motivo específico, sempre era algo que eu fazia errado. A verdade é que eu era sua válvula de escape, tudo de errado que acontecia na sua vida, suas frustrações, seus medos, suas inseguranças... tudo era descontado em mim. Porque eu era tudo para ele, sem mim ele não era nada e eu... já não era ninguém.

Vejo seu rosto passar do rosado natural para um vermelho intenso, tenho a sensação de que ele está prestes a quebrar algo, mas ele apenas abre a janela e começa a olhar para a rua. Às vezes, é mais fácil jogar toda a merda no ventilador e ver o que dá do que se torturar tentando adivinhar algo que está fora da nossa capacidade, não tem como eu saber o que ele está pensando até que eu fale tudo. E é o que eu vou fazer.

— Eu vivi com ele por quatro anos.

— Quatro anos? — Ele se vira para mim e grita, sua primeira reação de verdade e me sinto aliviada. — Por Deus, Poliana... — Seus olhos se encontram com os meus e eles estão avermelhados.

— Eu achava que um dia ele perderia o controle e me mataria, um tiro, um estrangulamento, ou talvez ele me batesse de verdade até que conseguisse seu objetivo. Os meses se tornaram anos e eu fui me anulando gradativamente, eu não percebi o tempo passar, apenas esperava pelo fim a cada novo dia.

— Puta merda! — Ele esfrega as mãos no rosto e quando me olha vejo minha dor refletida em seus olhos. Ele está sofrendo. Por mim.

— Um dia descobri algo que não devia, algo que era grande demais para lutar contra, foi quando me dei conta de onde eu estava e de quem era o meu namorado. Eu tentei conversar, pedi para que ele parasse ou que me deixasse sair, tentei dizer que não queria mais, mas quando se permite um relacionamento abusivo como o meu, já não se tem forças para nada, minha voz foi silenciada, meu corpo exigido, minha alma aprisionada e eu voltei à estaca zero. Foi quando o inferno começou de verdade. Um dia minha casa foi arrombada, em um momento eu estava lavando a louça, no seguinte estava sendo interrogada por um grupo de homens que diziam estar procurando um dos maiores traficantes da cidade. Foi o pior dia da minha vida. Fui tratada como um lixo, eles não acreditavam no que eu dizia e mesmo assim continuavam perguntando, por horas, eu estava apavorada e disse a eles tudo o que sabia, o que não era muito. No meio da tarde encontraram ele e, para minha surpresa, fui incriminada por meu próprio namorado, minha casa foi revirada, encontraram drogas em lugares que eu jamais imaginei: dentro das paredes, debaixo do piso, no sofá, dentro das minhas gavetas... havia cães farejando tudo e quando eles terminaram me jogaram dentro de um carro, as mãos algemadas, e um destino incerto. Eu olhei para ele pedindo ajuda e tudo o que encontrei em seu olhar foi o desprezo. Eu estava sozinha, completamente sozinha.

“Fui indiciada por associação ao tráfico de drogas, passei seis meses em uma cadeia mista enquanto aguardava vaga em uma penitenciária feminina, tive meu cabelo cortado, meu corpo marcado, minhas digitais gravadas em um sistema onde deixei de ser um ser humano e passei a ser um número. Vi minha beleza se tornar meu flagelo, fui humilhada, aliciada, maltratada e quando eu resistia, era agredida.”

— Isso é crime... Poliana, você não podia...

— O crime só existe quando se é uma vítima, Vinícius. — Baixo o olhar porque de tudo o que me aconteceu durante todos esses anos, essa é a parte da minha vida que mais tenho vergonha. — Eu era uma traficante, estava do lado de lá, não havia lei para mim. Apenas a punição.

Vinícius se senta, finalmente cedendo ao cansaço, suas mãos se enroscam nos fios dourados do seu cabelo enquanto ele encara o chão.

— Seis meses depois, com muita luta, a madre conseguiu um bom advogado que me tirou de lá, foram reunidas provas suficientes para me inocentar e abrir um processo contra o

sistema. Mas tudo o que eu queria era um banho, um banho quente para limpar toda a imundície que se acumulou no decorrer dos últimos quatro anos. E foi o que fiz, assim que fui solta eu tomei um banho, me encontraram uma hora depois, desmaiada, com a pele em carne viva dentro do banheiro. Fiquei dias sem comer e o menor contato com outras pessoas me causava dor. Eu precisava de um psicólogo de acordo com o advogado que cuidou de meu caso e dos médicos que me examinaram, mas eu não conseguia falar, na verdade, hoje é a primeira vez que falo sobre isso e eu juro por Deus que será a última.

— Poliana... eu...

— É por isso que antes de te contar a minha história eu gostaria que você soubesse que você é um milagre em minha vida. Você trouxe a vida para alguém que estava morta. E mesmo que você não me queira, porque eu sei, eu vou entender se não quiser, mesmo assim eu nunca esquecerei o que você fez por mim. Você havia me salvado muito antes daquele dia em que me socorreu.

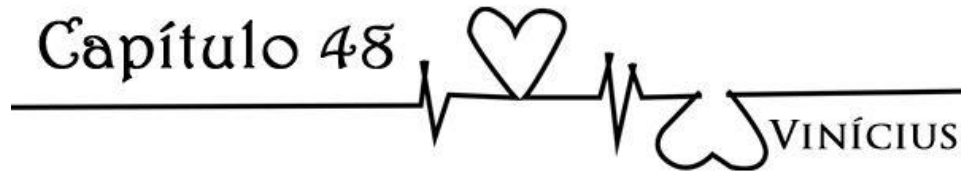
Vinícius abaixa a cabeça e permanece com ela abaixada, vejo o movimento dos seus ombros subindo e descendo e não posso acreditar, mas logo ouço os primeiros sons e me surpreendo com seu choro. Deixo as minhas próprias lágrimas caírem enquanto vejo o homem que amo chorar. É triste. Dói.

— Eu sinto muito, Vinícius, sinto muito por não ser alguém melhor, por não ter uma história bonita para te contar. Mas, infelizmente, essa sou eu. Agora você já me conhece.

Ele balança a cabeça e sinto a distância entre nós se tornar maior, ainda estamos no mesmo lugar, na mesma sala, ainda posso sentir o seu cheiro de menta, ainda consigo ouvir a sua respiração pesada, mas é como se eu não conseguisse alcançá-lo mais. Eu o perdi. E sem pensar abro a porta da sala e saio, deixando para trás uma história de tristeza e dor e no meio dela o homem que eu amo. Não sei como lidar com tudo isso, é sufocante e aterrorizante, então faço a única coisa que consigo fazer.

Eu corro.

Capítulo 48



VINÍCIUS

Certa vez ouvi algo a respeito da dor psicológica, até hoje nunca acreditei nessa merda de sentir a dor que outra pessoa está sentindo. Até hoje nunca acreditei que essa coisa era real.

Até hoje.

Enquanto Poliana se desnuda na minha frente, expondo tudo o que ela sempre quis esconder, eu sinto. A porra da dor existe e, enquanto vejo minha pequena guerreira ir embora, eu não consigo fazer absolutamente nada. Apenas sentir.

O dia finalmente amanhece, ouço meu nome ser chamado no alto-falante, minutos depois a porta se abre e uma enfermeira pede para que eu vá até o consultório... qual era mesmo o consultório? Eu não ouvi. Levanto do sofá e ainda sinto minhas pernas moles. As palavras de Poliana flutuam em meu cérebro e de tempos em tempos sinto uma descarga de adrenalina, o choque, o pavor. Não quero acreditar no que ouvi, isso não pode ser real, não com ela... não pode ser. Saio da sala sem saber para onde ir, ouço alguém me chamar, mas não paro, continuo andando até que esbarro em alguém.

— Ei, vamos com calma aí, grandão. — Eduardo espalma suas mãos em meu peito afastando-me. — O que houve? O Doutor Chagas está te chamando faz uns dez minutos.

— Eu não posso... — Olho para os lados em busca dela, mesmo sabendo que provavelmente não vou encontrá-la aqui. Porra! Eu não devia ter deixado ela sair daquele jeito. Grande pedaço de merda eu sou. — Eu preciso... Eduardo, por favor, avisa que eu tive uma emergência e não posso ficar. — Me afasto dele e volto a caminhar. Merda, desde quando esse hospital ficou tão grande? Busco a saída sem saber aonde ir, preciso respirar, preciso encontrá-la. Eu preciso pedir perdão, eu não deveria ter obrigado-a a falar, eu deveria ter esperado mais... merda!

— Vinícius! — Ouço meu nome ser gritado novamente e ignoro. — Ei, espera. — Eduardo se aproxima. — Eu posso te ajudar, o que aconteceu, cara?

— Eu preciso ir. — Passo as mãos pelos meus cabelos tentando organizar as ideias. — Por favor, segura tudo aí, não tenho condições de ficar aqui.

Afasto-me novamente e ele me deixa ir, o que é um alívio, pois não estou interessado em ninguém na minha cola. Preciso achá-la, embora não faça a menor ideia do que fazer quando a encontrar. Saio do hospital apenas com as chaves do carro e não preciso ir muito longe. Eu a avisto, Poliana está sentada em um canto afastado do estacionamento, seu corpo pequeno encolhido dando a ela uma aparência quase infantil, sinto alívio ao saber que ela ainda está aqui, me aproximo devagar, não quero assustá-la.

— Poliana... — Me abaixo para falar com ela. Estendo a mão para tocá-la, mas desisto no meio do caminho, estou tremendo. Seus olhos estão distantes, o rosto úmido por causa das lágrimas derramadas. — Poliana... — repito seu nome. — Fala comigo, por favor.

Ela finalmente se mexe, encolhendo-se ainda mais e secando o rosto com as costas das mãos.

— Agora você entende? — ela pergunta, sua voz está rouca e tão triste como nunca ouvi antes. — Compreende agora os motivos?

Confirmo com a cabeça, infelizmente sim, agora compreendo, mas isso não a torna menos digna do que antes, apenas aumenta a minha ânsia de cuidar dela, a diferença é que agora não sei mais como fazer isso. Ela desvia o olhar encarando o céu que começa a clarear.

— Eu sou uma ex-detenta, as marcas que você provavelmente viu em meu corpo foram feitas por um homem que dizia me amar, mas que me matou de todas as formas possíveis e eu desejei tanto morrer... — Ela volta a chorar, agora com mais força, como se as lágrimas que brotam de seus olhos saíssem direto do seu coração, coloco um dedo em seus lábios silenciando-a. Não quero mais saber, não me importa seu passado, eu só quero cuidar dela, tirá-la daqui.

— Shhhhhh, já chega. — Me aproximo um pouco mais como quem se aproxima de um animal enjaulado. — Eu não quero mais ouvir. — Passo meus braços em volta de seu corpo e agradeço quando ela se deixa vir ao meu encontro. — Chega de chorar, minha pequena, já está na hora de alguém cuidar de você. — Beijo o topo da sua cabeça e apoio meu rosto nela. — Não precisa ter mais medo, eu estou aqui, agora nada mais vai te machucar, eu cheguei e prometo que nunca mais você estará sozinha.

— Por que você insiste em mim? — Ela me olha como se tentasse desvendar o mistério que há por trás de tudo isso. Meu Deus! É tão óbvio, e agora mais do que nunca.

— Porque eu te amo — digo olhando para seu rosto pequeno, avermelhado, os olhos inchados, para as sardas que enfeitam a sua pele pálida, que acaricio delicadamente e continuo: — Eu te amo, Poliana, e não dou a mínima para o seu passado. — Estendo a mão e seguro a sua, ela está gelada e trêmula. — Agora você pode me deixar cuidar de você?

— Eu não entendo... — ela diz com o olhar assustado enquanto me encara.

— Não precisa entender, apenas me permita entrar em seu mundo, aceite meu amor e deixe que eu cuide do resto.

Ela balança a cabeça e uma nova rodada de lágrimas escorrem por seu rosto. Passo meus braços por baixo de suas pernas e a trago para mim, ergo-me do chão com cuidado, ela é tão pequena, tão leve... Poliana apoia a cabeça em meu peito e a aperto um pouco mais, desejando protegê-la. Meu estômago se contrai ao imaginar alguém a machucando e tenho que engolir o nó que se forma em minha garganta. — Eu estou aqui... — sussurro em seus cabelos antes de beijá-los enquanto a levo até meu carro. — Agora vai ficar tudo bem, minha pequena, eu cheguei para cuidar de você.

Eu prometo. Mas isso não é apenas uma promessa, é um juramento, assim como aquele que fiz anos atrás e que tenho gravado em minha pele, esse é um juramento ainda maior, pois faço a ela e apenas a ela. E este, eu tenho gravado em minha alma.



Poliana parece estar dormindo e tento dirigir devagar para não acordá-la. Ainda estou tremendo, meu coração ainda está agitado no peito e estou repassando pela milésima vez a conversa que tivemos há pouco em minha mente. Olho para ela mais uma vez e não consigo acreditar que ela conseguiu sobreviver a tudo isso, ainda não consigo acreditar que ela sorri, mesmo depois de tudo.

— Eu não quero ir para casa — ela sussurra ainda com o rosto virado para a janela chamando minha atenção. — Por favor.

— Claro, o que você quiser — digo aliviado, pois não tenho a menor intenção de deixá-la sozinha.

— Eu só não quero ir para minha casa. — Sua voz soa triste, cansada.

— Tudo bem. — Penso em um lugar onde posso levá-la, mas minha cabeça não está funcionando muito bem e o fato de estar quase trinta e seis horas sem dormir não está me ajudando. — Posso te levar para o meu apartamento se você quiser e se sentir bem, mas se não quiser...

— Tudo bem, pode ser — ela me interrompe e fico aliviado.

Vinte minutos depois estamos estacionando na garagem do meu prédio, desço e abro a porta para ela, que sorri para mim, embora seus olhos estejam inchados. Ela parece alguém que acaba de lutar uma batalha, está exausta e mal consegue caminhar sozinha, eu a abraço e a levo até o elevador, aperto o número do meu andar e ficamos em silêncio abraçados dentro da caixa metálica enquanto ela nos leva até meu apartamento, abro a porta e espero até que ela entre.

— Por favor, fique à vontade — digo ao fechar a porta. — Quer comer algo? Está com fome?

Ela nega enquanto explora o local, caminhando entre a mobília, tocando algumas peças.

— Seu apartamento é lindo!

— Obrigado, minha irmã é arquiteta, ela quem escolheu tudo. — Olho para o apartamento novo que Verônica fez questão de decorar, tudo o que existe de mais luxuoso e moderno está aqui dentro e me sinto estranhamente mal por minha posição social depois de conhecer toda a sua história.

— Muito bom gosto. — Ela continua caminhando, chega até a janela e observa a paisagem alaranjada que se estende. — É alto aqui. — Ela se inclina um pouco, os braços cruzados no corpo como se pudesse se proteger.

— É bastante.

Caminho até ela e a envolvo em meus braços em um abraço carinhoso, ela apoia a cabeça em meu peito e ficamos um momento assim, apenas sentindo a presença um do outro, enquanto mais um dia começa lá fora.

— Eu gostaria de poder apagar sua dor — digo com os lábios colados no topo da sua cabeça. — Gostaria de ter te conhecido antes para poder te salvar. Eu sinto muito, Poliana, sinto tanto que nem sei o que te dizer.

Ela se vira para mim, seu nariz pequeno avermelhado evidencia ainda mais as sardas que tanto amo.

— Eu não estive lá quando você precisou de mim e eu lamento muito por isso.

Poliana estica sua mão e acaricia meu rosto.

— Não se sinta mal por mim. — Ela sorri em meio às lágrimas que ainda caem do seu rosto. — Não foi sua culpa eu ter sido tão ingênua.

— Eu não pude fazer nada antes, mas eu estou aqui agora e posso fazer tudo para curá-la. Deixe-me ajudá-la, Poliana.

Ela sorri, um sorriso lindo, como uma flor rara que desabrocha em meio as cinzas. Desejo gravar o seu rosto nesse momento para que eu me lembre para sempre, porque eu posso jurar que não há no mundo inteiro uma imagem mais bela do que essa garota pequena e tão forte, que teve uma vida tão difícil e que mesmo assim está me permitindo ficar.

— Você ainda está aqui. — Ela espalma a mão em meu peito como se precisasse garantir que sou real. — Não fugiu ao descobrir quem eu sou. Nem está me olhando de outra forma que não a mesma de sempre, você ainda está me abraçando e dizendo coisas gentis.

— Eu sempre estarei aqui, Poliana — digo como uma promessa, mais uma de muitas que desejo fazer a ela.

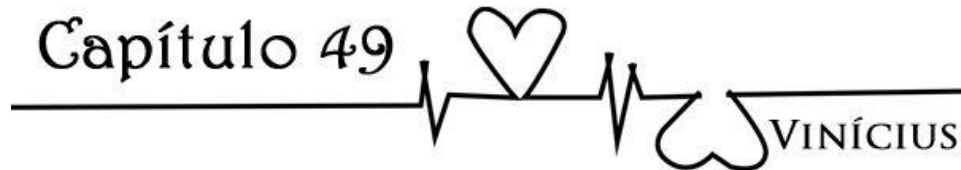
— Então eu vou ficar bem.

Eu a abraço devagar, tenho medo de machucá-la mesmo sabendo que ela é forte. Puxo-a para mim e enterro meu rosto na curva suave do seu pescoço.

— Eu te amo — sussurro em seus cabelos. — Eu te amo ainda mais agora por saber que você passou por tanta coisa horrível e mesmo assim está aqui nos meus braços, por me permitir aproximar de você, por confiar em mim. — Beijo-a inúmeras vezes até que ela sorri. — Eu te amo demais, Poliana, eu não sabia que era possível amar dessa maneira.

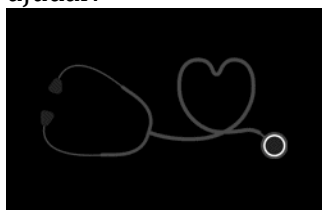
— Obrigada. — É tudo o que ela diz e essa palavra é o suficiente para acalmar meu coração.

Capítulo 49



Em pouco menos de cinco horas tenho que estar no hospital e estou prestes a completar quarenta e oito horas acordado. Passo o dia inteiro ao lado dela, depois de comer ela acaba adormecendo nos meus braços e permaneço acordado, velando seu sono, protegendo-a e me apaixonando ainda mais. Ela tem um sono agitado e se mexe muito, eu a beijo delicadamente a cada episódio e sinto ela se acalmar lentamente. Quando chega a hora de voltar para o hospital, Poliana se recusa a ficar na minha casa sem mim e depois de deixá-la em seu apartamento saio com a sensação de que a deixei desprotegida.

Depois de tudo o que aconteceu hoje não consigo relaxar e sei que passarei uma noite de cão no hospital, imaginando todas as coisas horríveis que ela passou. Minha cabeça está a mil e a única coisa que consigo pensar é que não sei lidar com isso sozinho, eu preciso de ajuda e sei quem é a única pessoa capaz de me ajudar.



— Mas que porra é essa? Espero que seja uma emergência — Verônica reclama antes de abrir a porta.

— Posso entrar? — pergunto um pouco sem paciência, são onze horas da noite e ela está pronta para dormir. Ou é o que eu desejo acreditar.

— Merda! É mesmo uma emergência, não é? — ela diz ao ver minha cara, não me olhei no espelho e tenho certeza de que pareço alguém vindo do inferno porque é exatamente assim que me sinto. Faço que sim com a cabeça e espero que ela abra a porta.

— Olha, eu preciso que você me avise quando vai aparecer aqui, Vini, você não pode ir chegando e...

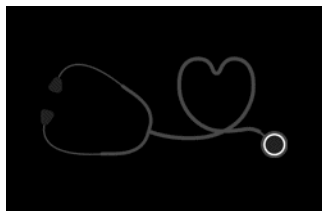
— Vê, vamos nos poupar desse assunto, okay? — digo a ela antes de sentar no sofá. — Eu sei que você e aquele cara estão... — Balanço a mão no ar sem coragem de colocar em palavras. — Enfim, você sabe o quê. Então, por favor, deixa esse assunto para outro dia.

— O que aconteceu? — Ela cruza os braços e me encara com a sobrancelha arqueada. — É mulher, não é? É a garota que você salvou? Eu sabia que você estava apaixonado — Verônica pergunta, mas não respondo. — Olha só, se ela estiver machucando você, eu juro que acabo com a raça dela.

Sorrio porque não consigo acreditar que estou aqui sentado no sofá do apartamento da minha irmã, enquanto seu namorado dorme em sua cama, ouvindo-a ameaçar Poliana por ter partido meu coração.

Inclino-me para frente e esfrego o rosto nas mãos.

— Onde está Carol? — corto o assunto e vou direto ao ponto.
— Puta que pariu, vai mesmo querer saber? — Verônica me pergunta e afasto as mãos do rosto e encaro minha irmã.
— Mas é claro!



— Um motel, Carol? — É a primeira coisa que digo quando ela entra no carro. — É sério? Esse cara te tira de casa para... para te levar para um motel?

Caroline revira os olhos como se não fosse nada de mais estar em um motel com o Gabriel.

— Não aja como um irmão protetor, Vinícius, sou bem grandinha para esse sermão.

— Isso não muda o fato de que não gostei de te encontrar aqui — digo tentando não parecer irritado, mas o fato é que encontrar minha irmã na cama com o namorado e Carol no motel com Gabriel não é o que se chama de sonho de consumo para um irmão.

— Não é o que você está pensando — ela diz parecendo se divertir. — Eu fiquei exatamente assim a primeira vez que ele me trouxe aqui. — Ela sorri e não entendo porra nenhuma. — Eu fiquei tão enfurecida que desci do carro e saí andando sem me importar com nada.

— Obrigado, você me deixou um pouco mais tranquilo agora.

Carol estende o braço e toca meu ombro, apertando-o, em uma tentativa vã de me acalmar.

— Não seja machista, eu sou uma mulher e...

Coloco minhas mãos no ouvido sem querer ouvir o que ela está prestes a dizer.

— Pelo amor de Deus, eu sou quase seu irmão, não quero ouvir sobre a sua vida íntima, já basta ter visto aquele cara dormindo na cama da Vê.

— O Fábio?

Ela ri e fico ainda mais irritado.

— Por quê? Tem outro?

— Claro que não, não seja grosseiro — ela me repreende. — O Fábio é quase noivo da Vê e não estamos na Idade Média. Ela pode dormir com o quase noivo dela sem precisar esconder isso de você.

— Tudo bem, me desculpe não estou tendo um bom dia, embora eu ache que não haja um bom dia para isso — admito, me sentindo exausto.

— Percebi, o que houve para que você viesse até aqui?

— Preciso muito falar com você.

— Vamos entrar. Poderemos conversar mais à vontade lá dentro, sabe que não me sinto muito confortável em carros parados.

— Você está brincando comigo? — Arregalo os olhos sem acreditar. — Você está me convidando para entrar no quarto de motel onde você e seu namorado estavam...

Caroline coloca a mão na minha boca antes que eu termine de falar.

— Seu bobo, não é nada disso que você está pensando, vem comigo. Vai ser bom você conhecer nosso cantinho.



Gabriel abre a porta do quarto de número 52 do motel, ele está usando uma calça de moletom e uma camiseta, o que me faz agradecer mentalmente. Ao menos, o cara está vestido.

— Fique à vontade — ele diz ao estender o braço para dentro do lugar.

Coço a cabeça ainda sem acreditar que estou prestes a fazer isso. Nunca dividi um quarto de motel com outro homem e, mesmo sabendo que não haverá nada além de uma conversa entre irmãos, me sinto extremamente desconfortável.

— Não espere que eu me sinta à vontade, cara — digo ainda decidindo se devo ou não entrar.

Gabriel esfrega os cabelos e dá um meio sorriso, o que vindo dele é o equivalente a uma gargalhada.

— Entra logo! — Carol me puxa pela mão e dou um passo para dentro. — Seja bem-vindo ao nosso cantinho particular. — Ela ergue um dedo e continua: — Antes que pense qualquer bobagem, aqui é onde o Gabriel vive a maior parte do tempo.

— Em um motel? — pergunto sem acreditar.

— Não, eu não vivo aqui — ele corrige rapidamente. — Porra, o que ele vai pensar de mim, linda?

Carol revira os olhos como se não fosse nada de mais e Gabriel explica:

— Eu venho para cá quando não tô muito estável. — Ele aponta para a parede acima da cama, onde há uma enorme tabela com números e anotações, e não preciso de muito tempo para compreender o que ele quer dizer. — Sabe como é esse lance de um dia de cada vez, nem sempre é fácil.

— Eu posso imaginar. Você está precisando de alguma coisa? — pergunto a ele, me sentindo um pouco mal por ele e ainda mais preocupado com Carol aqui sozinha com esse cara.

— Um cérebro novo talvez. — Ele bate dois dedos na cabeça. — Não consigo manter o foco por muito tempo.

— Sinto muito, cara — digo de verdade, sei que isso é uma das sequelas que ele herdou, pois as lesões cerebrais pelos anos de uso são irreversíveis, o que faz com que eu o admire ainda mais por não ter parado de estudar. Sei que o que parece fácil para os outros é uma tarefa árdua para ele.

— Está tudo bem, eu só preciso terminar meu maldito TCC e então tudo vai ficar bem.

Olho em volta e me surpreendo com o lugar. Embora eu saiba que estamos em um quarto de motel, ele é aconchegante e íntimo de uma forma natural, se parece mais com o quarto de um rapaz do que o lugar onde se pratica sacanagens com a irmã alheia. Há desenhos rabiscados nas paredes e me surpreendo com a qualidade da maioria deles.

— São todos do Gabe. — Carol aponta para um. — Não são lindos?

— São muito bons. Parabéns! — digo para Gabriel que está novamente sentado com os olhos fixos na tela do computador.

— Valeu! — ele diz um pouco envergonhado.

A cama está desfeita e a TV está ligada, tento não olhar para a programação, mas acabo desviando o olhar e fico feliz ao ver que está passando um filme romântico. Carol se aninha no meio da cama e bate ao seu lado para que eu me sente.

— Não, obrigado — digo, cruzando os braços, parado no meio da sala.

Ela ri se divertindo com a situação, Gabriel se levanta e estende uma cadeira para mim, que aceito e me sento de frente para ela.

— Eu preciso de um cigarro. Não consigo mais pensar direito. — Ele esfrega as mãos nos cabelos, agitado. Abre a gaveta e retira um maço de cigarros, balançando-o no ar. Merda! Por mais que ele se esforce, ainda tenho minhas restrições e imagino o quanto deve ser difícil ter que provar que está se comportando a cada segundo do dia. — Vou fumar, linda. — Ele se inclina e a beija rapidamente antes de pegar a carteira. — Vou deixar vocês a sós. Se precisar de algo... bom, eu tô aqui fora. — Gabriel sai do quarto, com os pés descalços e as mãos nos bolsos, tão relaxado, como se estivesse realmente saindo do seu quarto e não de uma suíte de motel.

— Volta logo — ela diz para ele antes que a porta se feche e permanece olhando para ela durante um tempo, como se estivesse fazendo uma prece silenciosa para que ele fique bem.

— Por que não me disse que as coisas estão tão difíceis? — pergunto, me sentindo péssimo por não estar tão a par das coisas, vejo o quanto a minha Carol está cansada e o quanto estou ausente da sua vida.

— Temos momentos ruins, mas ele está firme e não está usando nada desde o... — Ela abaixa os olhos mexendo nos lençóis. — Desde o acidente.

— Carol, por favor, me prometa que se algum dia precisar de ajuda não vai hesitar em me chamar. — Seguro suas mãos forçando-a a me olhar.

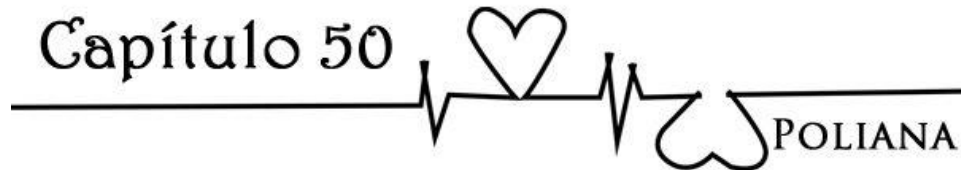
— Eu prometo, mas espero nunca precisar.

— Eu também.

— E então? — Ela volta a sorrir. — Vai começar a falar logo, grandão. — Ela parece tão confortável nesse ambiente exótico, ao lado desse cara complicado, que não tenho mais escolha a não ser me render. E rezar para que ele fique bem.

— Carol, eu preciso da sua ajuda. — Eu começo a falar e, quando ela percebe a gravidade do problema, toda a leveza se esvai de seu rosto. Sinto-me mal por fazê-la voltar a esse lugar, mas eu sei que, se existe alguém nesse mundo capaz de me indicar o caminho para a escuridão, esse alguém é Caroline.

Capítulo 50



Estou terminando de me arrumar e desviando das investidas quase assassinas de Marina que quer a todo custo me transformar em uma palhaça de circo.

— Marina, já chega! Eu não vou passar isso aí no meu rosto. — Empurro o pincel do tamanho de um cavalo que ela aponta para mim e sai em direção à porta.

— A sua sorte é que você é linda, Poli — ela diz enquanto retoca a maquiagem pela quinta vez nos últimos dez minutos. Ela também tem um encontro com o Denis e está uma pilha de nervos.

— Você também é linda, não precisa de nada dessas coisas.

Fecho o zíper da nécessaire de Marina e saímos em direção ao salão onde Denis e Vinícius conversam animadamente com Milton, que os faz sorrir.

— Somos mesmo duas cadelas de muita sorte. — Marina me dá uma cotovelada enquanto faz uma vistoria minuciosa em seu acompanhante. — Olha só os caras que conseguimos traçar.

Olho para Vinícius e não sei como, mas consigo me sentir ainda mais apaixonada do que há cinco minutos. Sinto que estamos caminhando na mesma direção, agora que ele sabe toda a minha história; e mesmo que eu ainda tenha meus fantasmas, eu confio que ao seu lado eu conseguirei me curar. Ele me olha e o seu sorriso se transforma ao me ver, sinto uma explosão de sentimentos surgirem dentro de mim e quando vejo estou sorrindo de volta.

— Olá, meninos! — Marina dá um beijo em cada um antes de enroscar seu braço em Denis.

Vinícius se aproxima de mim e me beija suavemente nos lábios.

— Oi, meu amor — ele sussurra em meus lábios antes de se afastar.

— Oi.

— Tchau, amiga! — Marina grita da porta enquanto Denis a segura aberta, rindo das loucuras da minha amiga. — Divirta-se e usem camisinha.

— Isso não tem graça! — grito para ela, mas ela já se foi. Sinto minhas bochechas arderem e Vinícius fica tão corado quanto eu.

— Vamos? — Ele estende o braço para mim em uma postura galanteadora e eu aceito.

— Aonde o doutor vai me levar? — pergunto sentindo-me nervosa com a perspectiva de estar a sós com ele mais uma vez.

— Para onde meu amor quiser.



— Eu não acredito que eu passei dois dias inteiros pensando nos melhores lugares para te levar e você acaba escolhendo esse aqui — ele diz ao fechar a porta do seu apartamento.

Ele é lindo, os tons de preto e cinza deixam o lugar com um ar masculino e sofisticado. Na sala há um imenso sofá e um painel com uma TV maior que a minha cama além de uma mesa de jantar de oito lugares em vidro preto. Uma grande bancada em mármore negro, tão brilhante que sinto vontade de tocar para ter certeza de que não está molhada, separa a sala da cozinha moderna em aço e madeira escura.

Tudo está perfeitamente arrumado e com um aroma agradável, a única coisa fora do lugar é um jaleco branco contrastando com a sombriedade do ambiente, ele está jogado no encosto de uma poltrona charmosa, provando que há vida nesse lugar que mais parece ter saído de uma revista de decoração.

— Em minha defesa eu preciso te dizer que a vista é ótima. — Olho para a janela e vejo a cidade inteira resumida a minúsculos pontos luminosos lá embaixo. Nunca estive em um lugar tão alto e ao contrário do que deveria, me sinto protegida aqui, como se nada de ruim pudesse me alcançar aqui de cima.

— Eu sou obrigado a concordar. — Ele se aproxima de mim lentamente como um felino diante de sua presa, envolve seus braços fortes e longos em volta de mim e sussurra: — Você está bem?

— Vinícius, pare de me tratar como se eu fosse de vidro. — Ele se inclina aproximando seu rosto do meu e me puxa para um beijo.

— Não consigo evitar — ele diz em meus lábios e volta a me beijar. Assim como em todas as vezes que ele me toca, seu beijo começa de forma lenta, suave, gentil, como se precisasse se encaixar, ocupar seu espaço aos poucos até que eu esteja confortável com sua intensidade e força e então ele me beija de verdade.

Aos vinte e três anos, eu só beijei dois homens em toda a minha vida. Até o dia em que Vinícius me beijou naquele quarto de hospital, eu só conhecia uma sensação: a de ser invadida. Beijar Márcio sempre teve um sabor picante, ele me exigia, me tomava, como se eu fosse a sua propriedade.

Vinícius é diferente. Embora seja uns trinta centímetros maior do que eu e algumas dezenas de quilos mais pesado, seu beijo é leve, é suave, é como flutuar sem ter medo de cair. Sinto-me em uma experiência quase fora do meu corpo, como se eu fosse capaz de nos observar enquanto nos beijamos, ele explora cada canto de minha boca, sem pressão, apenas a sua força masculina fundindo-se com a minha delicadeza feminina. Um homem e uma mulher usando seus lábios para fazer o que sabem de melhor, se tocando da forma mais íntima possível.

— Poliana... — ele geme meu nome e me sinto acender ao seu comando.

— Oi... — falo ainda de olhos fechados, sentindo o sabor de seus lábios e do beijo que, em minha opinião, terminou cedo demais.

— O que acha de comermos algo?

— Desde que não precisemos sair daqui está ótimo — digo ainda com os braços em volta do seu pescoço, obrigando-o a se manter inclinado para mim.

Ele ri, um riso forte e me abraça.

— Ah, minha sardentinha. Pode deixar que eu já sei o que vamos comer.



Meia hora depois um restaurante envia nossa refeição: filé ao molho madeira, batatas recheadas e arroz. Comemos enquanto conversamos sobre coisas triviais: filmes preferidos, estilos musicais, comida, doenças da infância. O tempo parece ter parado, evito olhar para o relógio, não quero saber que horas são, nem o que acontecerá amanhã, quero apenas viver esse momento e tudo o que ele reservou para mim.

— Qual o lugar mais incrível que você já conheceu? — pergunto e ele demora para responder.

Fico pensando em quantos lugares ele já percorreu, quantas culturas diferentes, quanta história e quantas experiências ele carrega consigo enquanto eu ainda me sinto emocionada por ver a cidade da janela do seu apartamento.

— O casarão onde fica o projeto — ele responde finalmente.

— Como? — Me sinto um pouco confusa com sua resposta. — Acho que não entendi.

— No dia em que coloquei meus pés naquele lugar, foi como ter acendido aquela parte do nosso subconsciente onde ficam os nossos sonhos, sabe? — Ele coloca um dedo na cabeça. — Eu me senti exatamente como se estivesse em um sonho. O meu sonho e nenhum lugar no mundo se compara.

Sorrio e me encanto com sua resposta, Vinícius não cansa de me surpreender, quando acho que já vi tudo o que ele é capaz de mostrar, ele me surpreende com uma resposta que demonstra o quanto tudo aquilo é importante para ele.

— E você? — ele pergunta antes de beber mais um gole do vinho.

— Eu não sei, acho que nunca conheci nenhum lugar especial — admito e ele me estende a mão acariciando a minha antes de falar.

— Tenho certeza de que ainda conhecerá muitos lugares incríveis.

Terminamos a nossa refeição enquanto ele fala sobre algumas viagens desastrosas, ouço tudo atentamente e faço algumas perguntas, é fácil conversar com ele. Mesmo que tenhamos tanta diferença cultural, ele me explica as coisas de uma forma que é como se eu estivesse vivendo aquilo. Nossas taças se esvaziam, Vinícius se levanta e pega uma garrafa nova na geladeira. Ele enche nossas taças novamente, vai até o painel cheio de botões, que está na sala, e aperta alguma coisa. Ele afasta uma mesinha deixando o grande e peludo tapete livre, tira os sapatos e me olha, estendendo-me a sua mão e, de repente, o lugar se enche de uma melodia. Música.

— Dança comigo? — Ele estende a mão para mim, no centro da sua enorme sala e sorri com as covinhas iluminando seu rosto, deixando-o mais jovem.

Levanto-me e vou até ele, coloco minha mão sobre a sua, Vinícius me leva até o tapete, tira minhas sandálias delicadamente, deixando um beijo em cada pé antes de colocá-lo no chão. Sinto a textura do seu tapete sob meus pés. É como dançar sobre as nuvens.

— Eu não sei dançar — sussurro em seu peito quando ele me puxa para perto. Não quero que ele saiba que nunca dancei, que nunca fui tratada assim antes e que tudo relacionado

a meu corpo sempre foi para o sexo, não quero que ele saiba que ele é o primeiro homem a me fazer acreditar em sonhos. Mas tenho a sensação de que ele já sabe.

— Eu também não — ele diz enquanto espalma sua mão em minhas costas trazendo-me para mais perto. — Não precisa dançar, apenas venha comigo.

E eu vou. Eu vou com ele porque é tudo o que desejo. Fecho meus olhos e inspiro fundo, inalo seu cheiro refrescante, sinto a força do seu corpo, cada parte dele que toca o meu, sua mão grande espalmada em minhas costas, seu rosto em meus cabelos.

A música começa com apenas o piano e então os instrumentos se juntam, um a um, formando a melodia, sinto-me entregue e quando o cantor começa a cantar, Vinícius sussurra a música em meu ouvido... ele canta. E por Deus... é como ouvir o canto dos anjos.

A música toca ao fundo, Vinícius continua me embalando, ela é suave, e posso ouvir cada um dos instrumentos como se estivessem sendo tocados individualmente. Não entendo nada do que está sendo cantado, apenas absorvo a melodia e me deixo levar. É como se ele soubesse... claro! Ele sempre sabe. Vinícius começa a traduzir a música em meus ouvidos:

*“E quando seus medos se acalmarem
E as sombras ainda permanecerem
Sei que você pode me amar
Quando não houver mais ninguém para culpar
Então não se preocupe com a escuridão
Ainda podemos encontrar um jeito
Porque nada dura para sempre
Nem mesmo a fria chuva de novembro”*

— Nas nuvens. — Ergo o rosto e digo para ele, seu rosto se contorce em uma expressão de confusão e completo: — O lugar mais incrível que já conheci é este aqui, em seus braços, onde me sinto nas nuvens. — Sinto seu peito inflar e presumo que seja de satisfação, ergo minha mão e puxo seu rosto para mim e o beijo. — Obrigada.

— Estou sempre a sua disposição. — Ele segura meu rosto em suas mãos e volta a me beijar. Sinto meu coração acelerar no peito, e as lágrimas escorrem por meu rosto, molham sua camisa, transbordam do meu peito um sentimento tão forte que sinto que vou sufocar. É intenso e misterioso, mas, pela primeira vez na minha vida, não tenho medo.

Chegou o momento. Está na hora da minha rendição.

— Vinícius. — Paro de me mover e ele me olha, seus olhos estão baixos, os lábios entreabertos como se ele estivesse com dificuldade de respirar.

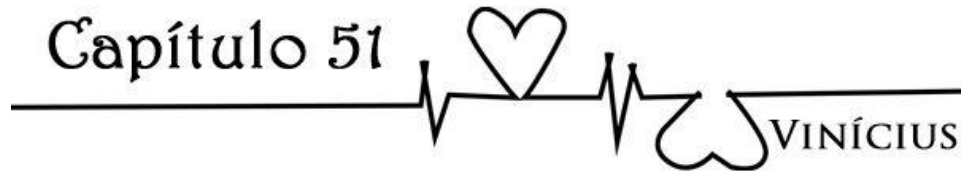
— Oi, meu amor — ele diz com sua voz grave e tranquila.

— Faça amor comigo — eu peço com a voz forte e decidida. É tudo o que quero, que ele me ame com seu corpo, que me mostre que existe algo bonito, que eu posso ser feliz sendo tocada por um homem.

Ele acaricia meu rosto com o polegar, secando as lágrimas que continuam a cair, embora eu não esteja mais chorando. Ele se inclina, curvando-se até meu ouvido e sussurra:

— Já estamos fazendo. — E então me beija.

Capítulo 51



Ela está tremendo.

Ou será que sou eu?

Neste momento, enquanto ela pede para que eu faça amor com ela, não tenho mais certeza de onde estou, me concentro unicamente nela, em seus movimentos, na sua respiração, em sua dor. Ela ainda está aí, escondida em um lugar escuro dentro da minha Poliana, e por mais que eu odeie saber, sei que um pouco das lágrimas que escorrem por seu rosto tem a ver com ela. Talvez todas as lágrimas sejam por ela. Seco-as com as pontas dos meus dedos e isso é muito mais do que o ato representa. Quero *secar* seu passado, extinguir suas lembranças, quero apagar a sua dor.

A música toca ao fundo. Porra, eu nunca imaginei que Guns N' Roses pudesse ser tão excitante e tão romântico. Estou me controlando, ela não precisa de um homem duro neste momento. Ela precisa de amor e é isso que estou tentando dar a ela: amor.

— Já estamos fazendo — respondo e minha voz sai mais grave do que eu queria.

Sei o quanto o sexo é importante para a humanidade, sei ainda mais o quanto o sexo é importante para o homem, eu poderia listar mil motivos, poderia citar pelo menos dez artigos médicos explicando os efeitos do sexo na vida das pessoas. Nunca relatei o sexo ao amor, para os homens principalmente vai muito além disso, é uma necessidade fisiológica e irracional e nunca me reprimi. Mas nesse momento não sei como agir, embora seja um homem experiente e consciente, não sei o que fazer, então a beijo e sinto que ela está tensa.

— Eu te amo — digo enquanto meus lábios ainda estão nos seus.

Ela balança a cabeça e sei que não está conseguindo falar. A emoção a dominou e me sinto um pouco apreensivo com relação a isso. Não sei ao certo se estou indo bem, se estou fazendo as coisas da maneira certa. Por isso continuo devagar. Seguro seus cabelos em minhas mãos, erguendo-os. Beijo seu pescoço lentamente, sinto a pulsação do seu coração na jugular, fecho meus olhos sentindo os batimentos acelerados pela excitação.

— Você é a coisa mais preciosa que eu pude conhecer, Poliana, e eu sou um cara de muita sorte por ter sido escolhido por você. — Continuo beijando-a, falando com ela, estimulando-a, até que ela relaxa e suas mãos se movem em minhas costas, acariciando-me com delicadeza.

— Eu te quero tanto... — ela diz e sorrio, pois acabei de ouvi-la expressar em palavras o que sinto agora: desejo.

— Eu sou teu, Poliana, sempre fui.

As músicas continuam tocando, uma a uma, embalando nossos corpos que se movem de forma desconexa. Beijo-a novamente, estudando seus movimentos, os sons que ela faz, a maneira como ela me toca, ergo-a em meus braços envolvendo suas pernas em volta de mim, sinto sua rigidez, e ela cora, beijo-a e a levo para o meu quarto, as luzes estão apagadas, apenas

o luar ilumina o ambiente de forma sutil. Coloco-a no chão e volto a beijá-la, um beijo longo e tranquilo, que a faz relaxar em meus braços. Estou surpreso comigo, jamais imaginei ter tamanho controle sobre meu corpo, mas acho que ele sabe que precisamos ir com calma e assim vamos. Lentamente.

— Posso acender a luz do abajur? — pergunto a ela. — Eu quero muito te ver.

Ela assente e ligo o abajur iluminando o quarto com uma luz amarela e suave. Poliana está de costas para mim, os cabelos bagunçados, os pés descalços, os braços estendidos ao lado do corpo, a respiração ofegante. Me aproximo e toco sua pele, passo a mão por seus cabelos curtos e exponho sua nuca, beijo-a e, em seguida, passo minha língua por sua pele e ela se arrepia. Desço a alça do vestido, beijo seu ombro, seu pescoço, seu rosto. Solto o laço que envolve sua cintura, abro os botões, um a um, sempre concentrado em sua respiração, ela se inclina deitando sua cabeça em meu peito e me permite despi-la.

Tiro seu vestido e a viro para mim, ela é pequena, tão pequena, tão delicada, tão linda. Sua pele pálida é coberta de sardas que se perdem entre os seios, as marcas do seu passado parecem querer saltar na escuridão, pequenos círculos rosados embaixo do seio esquerdo. Sinto ódio, uma fúria tão grande que faz com que eu me perca por um instante, mas me obrigo a esquecê-la.

Hoje a noite é dela, só dela, para ela. Apenas dela. Minha pequena.

— Linda — digo ao tocar seus seios, eles se perdem em minha mão e eu os adoro. Inclino-me e os beijo, um após o outro, ela inala profundamente e me afasto. Seguro sua mão e a levo até minha camisa, temo que ela possa sentir a força com que o meu coração bate nesse momento, seus dedos trêmulos tocam-me, ela começa a abrir os botões e noto seus dedos se atrapalharem enquanto ela tenta se concentrar no elaborado processo de tirar o botão da casa e me beijar ao mesmo tempo. Inclino-me para que ela retire a camisa e meu peito se enche de alegria quando seus dedos tocam a minha pele, contornando os músculos e me fazendo perder o controle.

— Lindo — ela diz ainda tímida, mas permitindo-se se soltar mais.

— Faça amor comigo, Poliana — peço a ela, quero que ela saiba que está no comando, é ela quem me terá, é ela quem manda. — Me faça seu — eu imploro e ela morde o lábio, receosa e insegura. Me impressiono com a sua beleza quase pura e inocente.

Seguro seu rosto em minhas mãos e a beijo enquanto a levo até a cama, continuo a beijá-la enquanto a deito, tento ser delicado, nossos beijos se aprofundam, suas mãos me tocam, as minhas a exploram, eu a ouço gemer e entendo como um sinal de que ela está gostando, retiro a sua calcinha deixando-a completamente nua, toco sua intimidade explorando-a, excitando-a, noto ela relaxar a medida que movo meus dedos dentro dela, mas no momento em que meu corpo cobre o seu, sinto ela se retesar e me afasto.

— Desculpa... — ela diz, desviando o olhar, encolhendo-se debaixo de mim.

Me afasto dando-lhe espaço e puxo seu rosto para mim até que ela possa me ver.

— Não se desculpe, você não é obrigada a nada, meu amor, eu sou seu e estarei aqui para quando você estiver preparada.

Ela deita a cabeça em meu pescoço e chora.

— Shhh, está tudo bem... — Me deito de costas, trazendo-a comigo, acariciando suas costas e tentando acalmá-la. — Não chore, meu amor, está tudo bem...

— Faça amor comigo, por favor, Vinícius — ela implora e não sei o que fazer, então a abraço com força trazendo-a mais para perto, desejando que eu seja capaz de conseguir fazê-la se sentir bem.

— Isso que estamos fazendo agora é amor, Poliana, essa troca de sentimentos, essa entrega mútua, essa sensação de prazer... isso é amor. O mais sublime e puro: o amor verdadeiro. — Beijo seus olhos sentindo o gosto salgado da sua dor. — Não chore, pois está tudo bem. Nós já estamos fazendo amor.

Ela não diz mais nada. Perco a noção do tempo, aos poucos ela se acalma, seu corpo relaxa e as lágrimas cessam. Adormecemos abraçados um no outro e quando acordo estou sozinho na cama. Levanto-me assustado em busca dela e a encontro sentada na poltrona à minha frente.

— Você está aí? — Me encosto nos travesseiros e estendo a mão para ela, que vem ao meu encontro vestindo minha camisa.

— Eu não queria te acordar — ela diz ao se sentar em meu colo, seus olhos estão levemente inchados e ela ainda parece um pouco chorosa.

— Você está bem?

— Acho que agora estou. — Ela beija meus lábios e se afasta. — Eu sou patética, não é mesmo?

— Nem um pouco. — Acaricio suas costas, acalmando-a. — Eu compreendo, Poliana, nunca achei que seria fácil, é natural depois de tudo o que você passou.

— Eu estraguei tudo — ela lamenta e ergo seu rosto antes de falar.

— Você não é a culpada, meu amor, lembre-se sempre disso, não se culpe por não ser capaz de lidar com seus medos.

Ela assente e baixa novamente o olhar, como se precisasse falar mesmo assim.

— A última vez que ele esteve comigo, tínhamos tido uma briga horrível, ele havia discutido com um rapaz e não gostei do que vi. Márcio estava coagindo o rapaz, estava claro na maneira como ele olhava para o Márcio que ele não queria aquilo, eu podia ver o pânico em seus olhos. Eu nunca vou esquecer o medo que vi nos olhos dele quando o Márcio disse que ele voltaria. Eu vi Márcio fazer com aquele rapaz o mesmo que ele sempre fez comigo, naquele dia eu percebi que esse era o seu maior trunfo, ele usava o medo das pessoas para se fortalecer e aquilo me deixou doente. Percebi que ele não queria melhorar, ele nunca melhoraria porque ele sentia prazer no que fazia. O meu medo sempre foi o alimento da loucura dele, mas naquele dia eu percebi que não era só comigo, ele fazia isso com todos que estavam a sua volta. Eu não queria estar ao lado de um homem que fazia aquilo com as pessoas. Brigamos. Ele saiu de casa, e quando ele voltou...

Ela para de falar, a voz está firme, cheia de ódio, de dor e de lembranças que ela gostaria de esquecer e enquanto ela fala eu percebo que é isso o que ela está fazendo, ela está jogando seu passado fora, libertando-se do que a impede de seguir adiante. E enquanto a seguro em meus braços sinto o ódio crescer dentro de mim, quase não consigo ouvir ela falar tudo o que aquele monstro lhe fez sem dizer nada. Mesmo assim eu apenas a ouço, em silêncio.

— Eu já havia feito sexo forçado inúmeras vezes, ele sempre foi um pouco agressivo na cama e eu, como uma garota boba que era, sempre imaginei que era assim que tinha de ser. No orfanato, sexo não era um assunto que falávamos com frequência, na verdade tudo o que aprendi foi com ele. — Ela ri, balança a cabeça, como se aquilo fosse uma piada de mau gosto, e continua: — Aprendi com o tempo que se eu apenas deixasse ele seguir, doía menos, então eu

deixava. Mas naquela noite eu estava com tanta raiva dele que eu não queria que ele me tocasse. E foi naquela noite que ele me machucou da maneira mais horrível possível.

Ela continua falando, percebo que ela não me nota mais aqui, apenas fala, a voz alterando-se enquanto ela descreve a noite em quem foi estuprada pelo homem em quem ela confiou a sua inocência. Duas... três... quatro vezes, até que ela desmaiou.

— Existe um ponto, quando a dor se torna insuportável, que o seu corpo se desliga. — Ela me olha finalmente, sua voz está tão calma que eu não consigo compreender como ela pode estar lembrando de tudo isso enquanto estou prestes a explodir, com o desejo de vingança crescendo à medida que ela expõe para mim seus ferimentos mais feios e difíceis de curar. — Naquela noite meu corpo desligou, eu não sei o que mais ele fez comigo, acho que ele pensou que finalmente havia me matado. Quando eu acordei, a única coisa que eu conseguia sentir era raiva e nojo de mim. Naquele dia, eu prometi que não amaria mais ninguém.

— Eu sinto muito, meu amor. — Minha voz, ao contrário da sua, sai cheia de ódio e vingança, eu não me importaria de passar o resto da minha vida atrás das grades desde que eu tivesse a chance de acabar com a vida desse maldito. — Sinto muito por não poder arrancar tudo isso de dentro de você.

Poliana me olha com seu rosto encoberto pela penumbra do abajur, ela arruma os cabelos e nesse momento tenho vontade de me cobrir, sinto-me errado, como um monstro por estar nu na sua frente.

— Eu acho que nunca fiz amor, Vinícius — ela confessa e me sinto pior a cada nova revelação. — Eu sempre achei que essa palavra era uma invenção das mulheres para fantasiar sobre algo que não existe. Mesmo quando estávamos bem, ele nunca se importou muito comigo e eu nunca senti prazer de verdade, mas eu o amava e estava feliz por dar a ele o que tanto queria. — Ela baixa os olhos e ri, um riso triste, e balança a cabeça. — A última vez que fui tocada, tudo que senti foi dor, ódio e desprezo. Esses são os sentimentos que permearam a minha mente por todo esse tempo, e mesmo agora, aqui com você, não consigo afastá-los. Peço desculpas se estou te pedindo isso, se for demais para você eu vou compreender, mas eu gostaria muito de saber como é... — ela fala, parecendo envergonhada. — Eu gostaria de saber como é sentir prazer. Fazer amor.

— Poliana... — tento falar, mas ela coloca um dedo em meus lábios e me cala.

— Por favor, não me olhe diferente de como me olhou mais cedo, não tenha pena de mim, nem medo de me machucar, eu sei que você jamais faria isso. — Ela toca meu rosto, acariciando-me. — Apenas me mostre o caminho, me guie e eu irei com você.

Ergo-me e a beijo, impedindo que ela diga mais alguma coisa. Beijo-a intensamente, sem reservas, sem medos, sem culpas. Beijo-a com desejo, como ela deve ser beijada e ela se entrega aos meus beijos. Puxo-a para meu colo, tiro a camisa do seu corpo e não me inibo mais. Percebo nesse momento que ela precisa ser tocada como uma mulher e é o que faço: toco-a, estimulo-a até que ela esteja sem fôlego e, então, eu a deixo seguir o ritmo. Pego um pacote de camisinha e estendo para ela.

— Quando você quiser — digo ao entregar-lhe o embrulho.

Ela olha para o pacote em suas mãos, virando-o de um lado para o outro como se fosse algo de outro mundo.

— Não precisa ser hoje, apenas saiba que será quando você quiser.

Ela me olha, sentada em meu colo, nua, e vejo uma sombra da mulher que ela pode ser. Seu rosto está corado, os lábios inchados pelos beijos trocados, ela está ofegante e tão linda que olhar para ela é quase sufocante. Ela me rouba o ar.

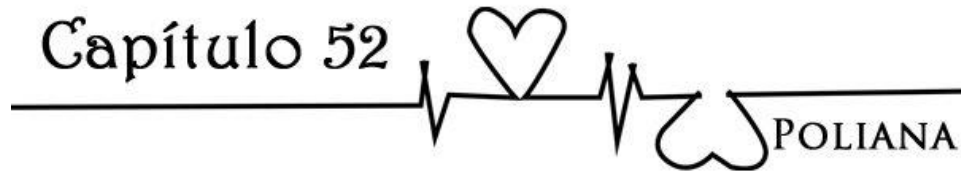
Poliana sorri e ergue o pacote até seus lábios, rasgando-o imediatamente, é a imagem mais sexy que já vi na vida: ela em meu colo, nua, abrindo uma embalagem, decidindo o que quer, como quer. E o mais importante, com quem quer: eu, o homem mais sortudo do universo.

Ela pede a minha ajuda e observa atentamente o que faço, depois volta a me beijar enquanto me permite penetrá-la lentamente, como se pudesse machucá-la se forcesse a entrada. Observo-a durante todo o tempo, tento ler em seus olhos suas emoções, seus sentimentos e sensações. Nesse momento tudo o que consigo pensar é em uma maneira de fazê-la feliz.

— Obrigado, meu amor, por confiar em mim — sussurro em seus lábios no momento em que finalmente nos encaixamos. A envolvo em meus braços e sinto seu corpo estremecer. Ficamos parados, abraçados, sentindo a conexão se estabelecer entre nós. Ela respira fundo e acaricio suas costas, incitando-a. As lágrimas voltam a escorrer dos seus olhos, mas dessa vez há um sorriso em seus lábios, eu as seco enquanto ela começa a se mover sobre mim.

Deito-me e deixo que ela faça o que quiser, como quiser, quando quiser. Porque essa noite ela está se libertando dos seus fantasmas e eu... bom, eu sou apenas o instrumento que ela escolheu para fazer isso.

Capítulo 52



POLIANA

O sol entra pela janela, iluminando tudo.

Inclusive o meu corpo nu.

Eu estou nua... e não estou na minha cama.

As lembranças começam a surgir lentamente, o jantar, a música, os beijos... a declaração. Deus! Eu realmente contei tudo para ele? Ele realmente fez amor comigo?

Um sorriso escapa dos meus lábios quando lembro dos seus olhos me acariciando enquanto estávamos juntos, suas mãos me adorando, sua boca me tocando, nossos corpos juntos em harmonia. Foi perfeito, na verdade foi mais que perfeito. Tento abrir os olhos, mas a claridade me impede, me mexo e sinto um pequeno desconforto, nada de mais, apenas a lembrança de que o recebi em meu corpo, o que me faz sorrir novamente. Eu fiz amor! Com o homem que amo.

Sinto o toque quente de sua mão em meu quadril, ouço o farfalhar dos lençóis sendo afastados e, em seguida, sinto seus lábios em minhas pernas, subindo por minhas coxas, minha bunda, minha coluna, até chegar ao meu pescoço, onde ele salpica vários beijos.

— Não me diga que isso é um sonho — resmungo, ainda de olhos fechados, enquanto sou coberta por seus beijos.

— É claro que é um sonho, e não vamos acordar dele nunca. — Ele me vira de barriga para cima e o que acho impossível acontece. Ele está ainda mais lindo.

Seu rosto forte e definido está iluminado com um sorriso, os olhos, tão azuis como um céu de verão, sem nuvens. Os cabelos desmanchados, caindo em seu rosto, profundos tons de loiro que parecem verdadeiros raios do sol beijando minha pele.

— Bom dia, amor. — Ele acaricia meus cabelos enquanto me observa.

— Bom dia, amor — repito suas palavras e ele me puxa para seu peito, envolvendo-me em um abraço caloroso.

E eu o amo um pouco mais porque hoje sei que por baixo do corpo imenso, musculoso e masculino há uma alma nobre, um perfeito cavalheiro que cuidou de mim, que limpou as feridas da minha alma e encontrou um caminho que nem eu mesma sabia que existia para chegar ao meu coração. Eu amo tudo nele, cada pedacinho dele, amo suas pintinhas que começam na lateral do pescoço e descem por suas costas largas e fortes onde se espalham decorando sua pele clara. Amo seu peito forte com músculos definidos, provavelmente por muitos exercícios, assim como seus braços enormes que me envolvem com tanta facilidade. Amo a maneira com que me encaixo tão bem ali ao seu lado, envolvida por seus braços, sentindo seu coração bater, ouvindo sua voz rouca de quem acabou de acordar. Amo tanto tudo isso que não quero me mover para não estragar o momento.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta enquanto faz círculos preguiçosos em minha coluna causando arrepios em minha pele.

— Nas nuvens... — respondo e ele ri, uma risada gostosa que me faz tremer. Ergo-me para olhar seu rosto e quero que o mundo pare nesse momento.

— Está com alguma dor? Eu a machuquei? — Ele passa seus longos dedos em meus cabelos, escovando-os para trás, para que possa olhar para mim.

— Não, você fez exatamente o contrário.

— Tem certeza? — Ele parece preocupado e confirmo com a cabeça. — Está com fome? — ele pergunta e confirmo novamente antes de lhe dar mais um beijo. — Ótimo, então vamos tomar café.

Vinícius se levanta e então noto uma tatuagem na lateral do seu corpo, grande e majestosa, destacando-se em sua pele branca. Uma serpente envolvida em um cajado.

— Qual o significado dela. — Estico meus dedos e toco sua pele.

Vinícius olha para sua tatuagem como se a tivesse notado apenas nesse instante.

— O símbolo da medicina — ele diz e sua voz sai carregada de orgulho, ele ama o que é e o que faz e isso é outra coisa que amo nele.

— É linda. — Me inclino para observá-la melhor.

— Foi um trato que fizemos na faculdade, se conseguíssemos nos formar, todos fariam a tatuagem no dia da formatura. — Ele sorri, provavelmente se lembrando do dia.

— Denis e Eduardo também têm uma dessa? — pergunto enquanto tento ler o que está escrito em paralelo com o desenho.

— Sim, todos eles, inclusive as mulheres.

— Melissa também? — pergunto surpresa, não imaginava que a doce e tímida doutora Melissa carregasse uma tatuagem em seu corpo.

— Sim, inclusive ela.

— O que está escrito aqui. — Passo meus dedos através das letras e quando chego próximo a sua cintura, ele se contrai e sua pele se arrepia.

— O juramento de Hipócrates. — Ele entrelaça seus dedos nos meus enquanto repete as palavras decoradas que marcam a sua pele.

“Se eu cumprir este juramento com fidelidade, goze eu para sempre a minha vida e a minha arte com boa reputação entre os homens; se o infringir ou dele afastar-me, suceda-me o contrário.”

— É lindo, combina com você.

Ele sorri cheio de orgulho e seu sorriso faz meu coração disparar.

Vinícius levanta e veste um short que está jogado em uma poltrona e me acomodo nos travesseiros, que mais parecem nuvens, para apreciar a beleza que é vê-lo ao acordar. Ele olha sobre o ombro para mim e pisca, ciente de que está fazendo um estrago em meus nervos ao se mover dessa forma lenta e masculina. Abre o guarda-roupa e remexe nos cabides até pegar uma camisa e volta para a cama com ela nas mãos.

— Vista isso, você não pode andar nua por aí. — Ele me estende a peça como se eu não tivesse outra opção.

— Minhas roupas ainda estão em condições de uso, doutor. — Devolvo-lhe a camisa e me levanto puxando o lençol junto comigo.

— Poliana — ele me chama daquele jeito que faz minha coluna parecer gelatina e se inclina, dizendo em meu ouvido: — Não me faça implorar. — Ele coloca a camisa novamente em minhas mãos e se afasta. — Eu quero vê-la usando algo meu. — Ele entra em uma porta, que imagino que seja o banheiro.

Quando tenho certeza de que estou sozinha deixo o lençol cair e visto sua camisa, como imaginei fica enorme e eu poderia estar usando o lençol que não faria diferença, mas como ele pediu, quase implorou, eu a visto e dobro as mangas para que eu possa me mover.

Ele sai do banheiro com uma toalha nas mãos e me olha como se eu estivesse vestida com o mais belo vestido de festa.

— Linda...

Meu rosto se aquece com essas cinco letrinhas. Não. Na verdade, meu corpo inteiro se aquece e vou até ele, me erguendo na ponta do pé e puxando-o para um beijo.

— Satisfeito, doutor?

— Melhor que isso, só se você não estiver usando nada. — Sua voz sai mais rouca que o normal, ele me puxa pela cintura para mais um beijo e me dá seu mais lindo sorriso, com covinhas.

— Adoro seu sorriso — confesso enquanto acaricio seu peito nu desenhando o caminho entre as pintinhas como em um “ligue os pontos”.

— Eu sei — ele diz em um tom de voz arrogante.

— Sabe?

— Aham. — Ele puxa minha camisa para cima e acaricia minha coluna fazendo com que eu me desconcentre. — Você já me falou isso antes.

— Eu? — Ignoro o arrepio que seu beijo me causa quando seus lábios tocam a parte sensível atrás da minha orelha. — Nunca falei isso pra você

— Ah falou sim. — Ele sorri enquanto me leva até a cama e se senta, colocando-me em seu colo como se eu fosse uma garotinha. — Acho que... foi na primeira vez que tirei sua roupa. — Um sorriso debochado surge em seus lábios e minha boca se abre.

— Mentiroso! — Dou um tapa em seu peito e ele ri. — Eu nunca falei isso, eu me lembraria se tivesse dito.

— Você falou, amor. — Ele contorna o meu rosto com seus dedos, como se estivesse gravando-o em sua memória, ou se lembrando de algo que lhe causasse dor. — Foi no dia em que me apaixonei por você. — Ele me derruba novamente na cama e se apoia em seus braços para me olhar nos olhos. — Ou quando eu percebi que estava apaixonado por você. Enquanto eu estava enlouquecendo de medo de te perder, antes mesmo de tê-la, a última coisa que você falou antes de me deixar foi que adorava meu sorriso e então seu coração parou. — Vinícius coloca sua enorme mão exatamente onde meu coração descompassado bate e continua. — Eu posso descrever cada detalhe de você naquele dia... — Suas mãos passeiam sensualmente pelo meu corpo enquanto ele me encara com olhos sérios. — Seu rosto de dor e medo e a tranquilidade que você me passou quando segurei você em meus braços, quando deveria ser ao contrário. — Ele ergue minha camisa tocando o local exato onde fui baleada e sinto meu corpo tremer ao me lembrar daquele dia. — Sua boca linda, pequena, rosada. Como eu queria beijar a sua boca. — Seus dedos passam por meus lábios desenhando seu contorno.

— Você pode beijá-la agora — digo, e ele me beija lentamente saciando assim o seu desejo.

— Lembro da sua pele extremamente pálida, o sangue realçando a cor de seus cabelos... — Ele passa os dedos pelas mechas desgrenhadas. — Eu tive tanto medo, e estava tão confuso. Eu precisava ser profissional, mas eu estava te perdendo e o desespero era maior do que qualquer coisa que eu havia aprendido na vida. — Ele se inclina e deixa um beijo na minha testa antes de continuar: — E foi então que eu percebi que estava completamente apaixonado por

você. — Seus dedos percorrem o caminho por entre meus seios desabotoando a camisa e expondo-me. — Quando você acordou e eu vi que ficaria bem, senti algo que beirava ao irracional, era primitivo, eu pensava, porra! Fui eu quem a salvou, foram as minhas mãos. Não sei explicar, apenas precisava cuidar de você e desde então é o que venho tentando fazer. — Ele volta a olhar nos meus olhos. — Eu quero cuidar de você, Poliana.

Vinícius tem uma capacidade ímpar de falar o que sente, todos os seus sentimentos estão expostos para mim nessa cama, sinto o peso de cada uma de suas palavras porque sei que são verdadeiras. Eu posso senti-las. Mas não sei se serei capaz de sustentá-las.

— Você sabe quem sou — digo olhando em seus olhos. — Sabe o passado que carrego nas minhas costas, não vim de lugar nenhum, não tenho nada para te oferecer. Para merecer tudo isso.

— Como não? — ele diz antes de beijar o local onde as marcas do meu passado são evidentes. — Você tem tudo isso aqui. — Ele passa sua mão em todo o meu corpo. — E tem isso aqui. — Ele espalma sua mão em meu coração. — E para mim já basta.

— Então sou sua.

Ele se inclina e me beija e sinto como se o ar houvesse fugido dos meus pulmões, meus olhos pinicam e meus lábios tremem. Estou vivendo um conto de fadas e esse parece ser o momento final, pouco antes do “e viveram felizes para sempre”, mas então me lembro de que não é assim. Nos contos de fadas, sempre antes dos felizes para sempre, existe a parte ruim da história, aquela em que a mocinha está em perigo para que o príncipe possa salvá-la e então meu corpo estremece porque não sei se posso suportar esperar por ele mais uma vez.

Capítulo 53



POLIANA

Eu ainda não acredito que estou fazendo isso. Olho para a janela do carro e tento me manter calma, mas não consigo. Eu estou mesmo fazendo isso?

— Você parece estar prestes a vomitar. — Vinícius sorri, divertindo-se à minha custa.

— Quase isso — respondo sem sorrir. Estou nervosa demais para isso. Quando ele me convidou para um churrasco no domingo, eu não achei que seria um churrasco familiar.

Familiar!

Deus... eu nem ao menos sei o que somos, não tivemos oportunidade de conversar sobre isso, nem sei se está na hora de falar sobre isso. A verdade é que eu mal sei como agir, desde a noite em que passamos juntos estou com a cabeça nas nuvens. E agora estou aqui, dentro do seu veículo enorme, sendo levada para conhecer a sua família. A sua rica e linda família.

Deus me ajude!

— Isso não é engraçado, Vinícius — falo com o rosto para fora do carro, respirando todo o ar que sou capaz, enquanto ele parece se divertir. — Eu não sei se consigo fazer isso.

Vinícius para o carro no acostamento e tenho a sensação de que o ar fugiu, inalo profundamente algumas vezes antes de ser puxada por ele.

— Amor. — Ele segura meu rosto em suas mãos fazendo-me olhar dentro dos seus olhos da cor do céu. — Não precisa ter medo, ninguém vai te tratar mal, são meus amigos e familiares e todos estão ansiosos para te conhecer.

— Todos estão ansiosos para me conhecer? — O pânico se intensifica e o sorriso dele também. — Como assim todos? Quantos são todos?

— Poliana... — E meu nome se desmancha mais uma vez em seus lábios. — Não se preocupe, se você não se sentir confortável podemos voltar.

— Não, tudo bem, eu vou.

Ele me olha pacientemente como se eu fosse uma garotinha em seu primeiro dia de aula.

— Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — ele pergunta e sorrio sentindo-me a mulher mais sortuda do mundo por tê-lo ao meu lado. — Porque podemos voltar para casa. — A palavra casa parece ainda mais tentadora sendo dita por ele, mas preciso ser corajosa. Se ele está disposto a me apresentar a “todos”, então eu estou disposta a conhecê-los.

— Tenho sim.

— Essa é a minha garota. — Ele beija o topo da minha cabeça e volta a colocar os óculos de sol. — Um poço de coragem — ele diz antes de levar um beliscão no braço.



— Ah. Meu. Deus! — Uma loira exuberante pula no pescoço dele assim que chegamos na mansão que eles chamam de casa de veraneio. — Vini, eu não acredito que vocês vieram. — Ela sorri e me olha como quem olha para uma estrela de Hollywood.

— Eu prometi que viria, não prometi? — Ele a beija e abraça.

— É, mas você promete sempre e quase nunca vem. — Ela dá alguns pulinhos e se não fosse por sua altura absurda, digna de uma sueca, ela poderia se parecer com uma criança ao ganhar um brinquedo novo. Um lindo e grande presente no caso. Vinícius se vira para mim e sorri.

— Poliana, essa é a Verônica, minha irmã. — Ele aponta para ela como se fosse necessário. Essa garota chama atenção até em outro estado.

— Ah, meu Deus! — ela repete a expressão usada com o nome do Senhor. A madre já teria lhe dado uns tapas se estivesse aqui com toda a certeza. — Como você é linda! — ela grita com sua voz aguda ao me dar um abraço tão forte que perco o ar.

— Obrigada — digo sentindo-me um pouco desorientada com todo esse alvoroço. — Você que é lindíssima.

— Imagina. — Ela abana o ar como se eu estivesse mentindo. É claro que não estou. — Sou apenas mais uma loira qualquer, mas olha pra você. — Ela toca meus cabelos e sinto meu rosto arder. — Você é uma ruiva! De verdade.

— Ela é sim, ruiva de verdade — Vinícius diz com orgulho e tenho a sensação de que vou explodir quando Verônica olha para o irmão compreendendo o que ele quer dizer.

— Vinícius! — chamo sua atenção e ambos caem na risada.

— Parabéns, maninho, sua “pequena” é realmente linda. — Ela pisca para ele e nesse momento descubro que eu já devo ter sido pauta de reunião familiar outras vezes. Ele me puxa para seus braços e deixa um beijo no topo da minha cabeça.

— Eu falei que ela era linda — ele diz cheio de si enquanto caminhamos para a parte de trás da casa que mais parece um cenário de novela das nove.

— Você falou. — Verônica sorri enquanto rebola com um biquíni tão pequeno que não está escondendo nada do seu corpo escultural.

— Essa é a minha irmã. — Ele sorri satisfeito e me sinto um pouco mais tranquila depois dessa recepção tão acalorada.

Ao passarmos por uma sala maior que um campo de futebol finalmente consigo avistar a piscina. E uau! Que piscina.

Ela é enorme e tem um formato sinuoso que acompanha o desenho da casa, em uma extremidade há uma cascata e na outra uma espécie de hidromassagem. Há pessoas espalhadas por todos os lados, Verônica desliza por entre elas como se estivesse em um desfile da Victoria's Secret. Deus, como pode duas únicas pessoas fazerem filhos tão lindos?

Ao chegarmos a piscina, Vinícius me apresenta a mais dois rapazes, altos e loiros. Seus primos, claro! E logo chegamos ao grupo mais agitado da casa. Avisto o Denis e o Eduardo assim que me aproximo, ambos estão sem camisa e não consigo evitar olhar para seus peitos,

encontro a tatuagem de Eduardo no peito, logo acima do coração, é menor que a de Vinícius e o juramento está em toda a volta, tento controlar o sorriso quando eles se levantam para me cumprimentar. Ambos fazem questão de deixar claro que o doutor havia ficado no hospital e Denis pergunta onde está Marina.

— Ela foi ver a avó que mora em uma casa de repouso em outra cidade, dia de visita familiar — explico para ele e noto que seu rosto se tranquiliza quando ele percebe que ela não deu um bolo nele.

Melissa chega logo em seguida usando um maiô comportado, que me deixa um pouco mais aliviada, embora não esteja nos meus planos ficar de roupa de banho no meio de toda essa gente que eu não conheço. Ela me cumprimenta e faço uma vistoria rápida e encontro a sua tatuagem, um círculo minúsculo no ombro esquerdo. Olho para Vinícius e ele nota o que estou fazendo.

— Você não acreditou em mim, não é? — ele cochicha em meu ouvido.

— É divertido procurar — cochicho de volta. — É como uma caça ao tesouro.

— Não tente caçar a do Denis. — Ele ergue o olhar para onde está o seu amigo e volta a falar. — Juro que eu arranco seus olhos caso tente.

Caio na gargalhada ao imaginar onde pode estar essa tatuagem. Com certeza, não demorará muito para que eu descubra. Marina fará questão de me dizer.

— Fique tranquilo, Dr. Ciumento, não tenho olhos para nenhum outro médico aqui. — Deixo um beijo em seu rosto antes de me afastar.

— Eu ficaria mais tranquilo se você me dissesse que não tem olhos para nenhum outro homem.

— Não tenho olhos para mais nada — sussurro para ele e sou surpreendida com um beijo de verdade, com direito a língua e tudo, na frente de todo mundo.

— Obrigado. Agora me sinto muito melhor. — Ele sorri e se afasta, esticando os braços no ar, e mais um casal se aproxima.

— Vini, você veio! — Uma morena pequena e sorridente se aproxima, abraçando-o, e, embora a garota seja mais reservada que Verônica, ela parece tão surpresa quanto.

— Jesus! Eu disse que viria, não disse?

— Como se isso significasse muito. — Ela revira os olhos antes de se erguer nas pontas do pé para beijá-lo. Ela tem os cabelos presos em um coque relaxado no alto da cabeça e usa uma saída de banho. — E você deve ser Poliana. — Ela me estende a mão e eu a cumprimento. — Sou Caroline, é um prazer conhecê-la.

— Obrigada.

Ao seu lado há um rapaz. Ele é moreno, a pele bronzeada e úmida pela água o deixa com uma aparência de capa de revista, é alto e, embora esteja de óculos escuros, posso sentir seu olhar em mim. Ele tem cabelos castanhos acobreados que parecem não ver um pente há algum tempo, mas que emolduram seu rosto de uma maneira sensual.

— E esse é meu namorado, Gabriel. — Caroline aponta para o rapaz, que ergue a mão em um cumprimento de longe, e me dá um sorriso tímido como se estivesse se esforçando para ser gentil. Ele mantém um olhar fixo em mim e me sinto um pouco incomodada, mas ignoro.

Sentamo-nos em uma mesa que está um pouco afastada da piscina, Vinícius, Denis, Eduardo e Melissa começam a falar sobre o projeto e fico admirada com o fato deles não conseguirem relaxar nem mesmo em um lindo dia de sol à beira da piscina.

Vinícius mantém sua mão em mim o tempo todo, em minhas pernas, nas minhas mãos ou em minha cintura... ele faz questão de me tocar e isso me deixa mais relaxada.

— Você quer algo? — ele me pergunta e digo que não. — O que acha de darmos um mergulho?

— Não! De jeito nenhum. — Nego a mão que ele estende para mim ao se levantar. — Pode ir, eu ficarei bem aqui.

— Tem certeza? — Ele se inclina na minha direção, espalmando suas mãos em meus quadris e deixando seu rosto a centímetros do meu.

— Tenho sim, pode ir, quero ficar e admirar a vista.

Ele molha os lábios enquanto me olha por um tempo e me beija.

— Não canso de olhar para você, sabia? — ele sussurra em meu ouvido causando arrepios em minha pele. — Já volto, preciso me refrescar. — Ele retira os óculos e puxa a camiseta pela cabeça. Tento parecer indiferente a sua masculinidade, mas tenho a sensação de que toda a população feminina a trezentos metros está de boca aberta para a visão de Vinícius sem camisa. Seu abdômen é firme e muito bem trabalhado, o peitoral forte como de um nadador e ombros largos. A pele extremamente clara é coberta de pintinhas que se espalham por toda a extensão das costas até a base do quadril. E há também a tatuagem que parece ter sido criada exclusivamente para o seu corpo. Enquanto ele se afasta, eu me encanto com a maravilha que é vê-lo caminhar de maneira tão casual e quando ele se joga na piscina, como se fosse um nadador profissional, de maneira elegante, eu tenho plena convicção de que não existe no mundo um homem mais bonito do que ele.

— Você por aqui? — Uma voz feminina me distrai do meu objeto de adoração e sou obrigada a colocar a mão na frente dos olhos para me proteger do sol. E quando vejo quem está na minha frente, me arrependo de não ter continuado olhando para ele.

— Olá, doutora Mônica — digo de maneira casual. — Pois é, eu por aqui. — Sorrio forçadamente.

— Você veio com a equipe do buffet? — Ela sorri ironicamente, erguendo uma de suas sobancelhas perfeitas. Ela sabe que não estou aqui com equipe nenhuma, provavelmente me viu ao lado de Vinícius, quem sabe até viu o nosso beijo, sei que está me provocando e, quando abro a boca para responder, Verônica chega como se pressentisse que uma catástrofe está prestes a acontecer.

— Poli e aí, está gostando, querida? — Ela passa por Mônica como se ela não existisse, o que é quase impossível, Mônica é tão alta quanto Verônica e ainda mais encorpada. Difícil não notar uma mulher como ela e isso é apenas mais um agravante que me deixa ainda mais intimidada, além disso o fato de que ela parece se encaixar mais nesse universo do que eu faz com que eu tenha que me segurar para não sair correndo como um cachorrinho de rua.

— Estou adorando — minto e sorrio para a loira deslumbrante, tentando ignorar o buraco onde me sinto caindo.

— E o livro? O que achou? — ela pergunta e não me deixa responder, continua falando sem parar. — Confesso que não sou uma leitora assídua, mesmo meu namorado sendo dono de uma livraria, mas esse livro... — Ela coloca a mão exageradamente no peito e revira os olhos. — Eu já fiz o Fábio me prometer que se acontecer uma coisa assim comigo ele nunca vai me abandonar. — Ela ergue a mão acenando para um rapaz de cabelos negros, que está vindo em nossa direção.

— *More!* Vem conhecer a *garota* do Vini — Verônica grita enfatizando o “garota” e sorrio internamente porque sei que Mônica está ouvindo. O rapaz se aproxima passando o braço possessivamente em volta da cintura minúscula da sua namorada. Ele tem um ar de príncipe encantado e um sorriso tão perfeito quanto o de um comercial de pasta de dentes. — Essa é a Poli. — Ela aponta para mim. — Ela não é linda? — O rapaz fica um pouco envergonhado com a pergunta e estende a mão para mim.

— Muito prazer, Poli...

— Poliana — completo meu nome enquanto aperto sua mão. — O prazer é meu.

Verônica diz mais alguma coisa que não consigo ouvir, pois minha atenção está toda voltada para a voz de Mônica, que senta próximo demais de Denis para sua segurança, e pega uma bebida da mesa. Logo uma mulher de uniforme se aproxima de Verônica e Fábio e eles pedem licença saindo para receber mais pessoas que acabaram de chegar.

— Onde está o Vinícius, Denis? — Mônica pergunta em um tom de voz íntimo demais para o meu gosto e sinto um calor que não tem absolutamente nada a ver com o sol aquecendo o meu corpo. — Preciso falar com ele, é urgente!

Viro-me para responder da maneira que ela merece, mas para minha sorte. Ou a dela. Um grupo de outros homens a chama e Mônica sai rebolando em um maiô sensual que deixa suas curvas ainda mais acentuadas.

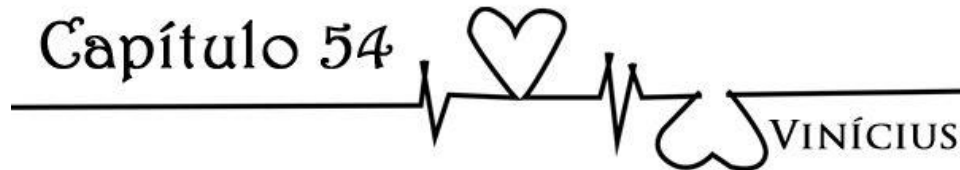
E então eu a vejo.

Sua tatuagem. Na base do seu quadril, com o juramento embaixo, metade das letras dançando no movimento do seu corpo, a outra metade escondida pela calcinha branca que destaca seu bronzado. Respiro fundo e tento ignorá-la. Ela não significa nada. Ela não significa absolutamente nada, Poliana. Repito para mim inúmeras vezes enquanto a vejo olhar na direção de um Vinícius deliciosamente molhado que está caminhando de volta para onde estou.

Ela não é nada. Um belo exemplar feminino de nada.

Ele se aproxima salpicando gotículas de água em minha pele extremamente quente de ódio e ciúme e diz algo, mas eu não consigo ouvir, tudo o que penso é na tatuagem que eles têm em comum e que, com certeza, Vinícius já havia decorado cada uma daquelas letrinhas gravadas na sua pele.

Capítulo 54



O único barulho dentro do carro é o de Iron Maiden tocando em um volume imoral de tão baixo. E da minha respiração que, aliás, já está começando a me irritar.

— Você está com frio? — pergunto a Poliana que está encolhida no canto oposto do banco como se precisasse defender a sua vida do assassino da serra elétrica. Neste caso eu.

— Não, obrigada — ela responde sem olhar para mim. Aliás, ela não olha para mim desde que saímos da porra da festa em que, de acordo com Verônica, minha mãe fez o favor de convidar Mônica, mesmo sem minha permissão. Mãe essa que não compareceu a festa, para sua sorte, ou eu teria brigado com ela ali mesmo.

— Poliana, vamos conversar — digo tentando ser compreensivo mesmo sem entender a sua reação, já que não saí do seu lado o tempo todo.

— Não, obrigada — ela repete como um robô e aperto o volante para não explodir.

Passo a meia hora seguinte sem falar, o silêncio é tamanho que minha respiração já é maior que a música, meus dedos começam a formigar por causa da força que aplico no volante e Poliana deve ter congelado na mesma posição, ou então adormeceu já que não se mexe há mais de quinze minutos.

— Você está com fome? — pergunto porque não aguento mais ficar nesse silêncio.

— Não, obrigada — ela repete e sinto o mundo escurecer à minha frente.

— Poliana, eu juro por Deus que, se você falar “não, obrigada” mais uma vez, eu vou ficar muito puto.

Ela vira o rosto na minha direção, finalmente notando a minha presença atrás do volante. O vento espalha seus cabelos por todos os lados e seu rosto está levemente avermelhado por causa do excesso de sol.

— Jura? — ela diz irônica.

— Vai me dizer que porra está acontecendo aqui? — pergunto mais uma vez.

— Eu preciso ir ao banheiro... por favor. — Sua voz sai baixa e rouca e desvio o olhar da estrada para verificar se ela não está chorando. Não está.

Paro no primeiro posto de gasolina que encontro e ela entra na loja de conveniência para usar o banheiro, desço do carro para esperá-la, é ridículo, mas ela está ainda mais bonita assim brava e quase desejo que ela fique assim para sempre, mas então me lembro de que eu não posso beijá-la e desisto. Ela nem está tão bonita assim. Poliana volta e mesmo de cabeça baixa noto que seus olhos estão avermelhados.

— Amor, o que houve? Você está se sentindo bem? — Seguro-a pelo braço, mas ela se afasta sem responder minha pergunta. — Que merda é essa, Poliana? O que está acontecendo aqui? — Finalmente explodo, sentindo-me ofendido pelo seu comportamento.

— Eu não quero falar. — Ela cruza os braços e vira o rosto para o outro lado.

— Você não quer falar? — pergunto sem acreditar. — Muito maduro da sua parte. — Dou a volta e entro no carro, seguro o volante com força e rezo para que minha calma volte. O tempo passa e ela não volta. Nem Poliana.

Maravilha! Não estamos juntos nem há uma semana e já estamos tendo a nossa primeira briga. Aproveito o tempo em que ela fica lá fora para mandar uma mensagem para Verônica agradecendo a enrascada que ela me enfiou, tenho a sensação de que o motivo da nossa briga será Mônica e embora não esteja nem um pouco a fim de perder meu precioso tempo discutindo por causa dela sei que não há como evitar. Envio mais uma mensagem para Denis avisando que provavelmente vou me atrasar hoje para o plantão, a noite será longa. Apoio a cabeça no encosto do banco e tento me acalmar, mas Poliana volta para o carro antes que eu consiga essa proeza.

— Você vai mesmo brigar comigo? — pergunto olhando para o teto do carro.

— Eu não estou brigando com você, eu apenas não quero conversar — ela rebate ainda sem me olhar.

— Você está me ofendendo, Poliana.

— Jura? — Ela me olha. — Você acha que me senti como quando sua ex-namorada me perguntou o que eu estava fazendo ali? Quando ela insinuou na frente dos seus amigos que eu estava ali para servir mesas?

— Ela fez isso? — pergunto sem acreditar que Mônica tenha descido tão baixo.

— Sim, a linda e perfeita doutora Mônica fez — ela diz com a voz cheia de mágoa.

— E o que eu tenho a ver com isso, Poliana? — Viro-me para poder olhar para ela, respiro fundo e sinto que nossa briga vai finalmente começar.

— Sério? Você quer mesmo saber o que tem a ver com isso?

Ela cruza os braços no peito e ergue a cabeça. E eu juro que estou ficando excitado por vê-la assim tão linda e selvagem, tão pequena e exótica. Deus... ela realmente não sabe o quanto é linda, se soubesse jamais se sentiria ameaçada por alguém como Mônica.

— Sim, eu quero — respondo imitando seu gesto e cruzando meus braços.

— Eu não gosto de me sentir da maneira que estou me sentindo hoje, Vinícius, não gosto de me sentir insegura, e é isso que você faz comigo.

Continuo ouvindo-a falar, tentando descobrir onde ela pretende chegar com tudo isso e sem acreditar que é onde estou pensando.

— Não quero ser a ciumenta chata que vai criar um caso cada vez que te vir ao lado daquela mulher, e eu sei que serão muitas, meu Deus... vocês trabalham juntos! — Ela parece finalmente se dar conta.

Começo a me sentir irritado, ela está se acovardando, permitindo que as diferenças e dificuldades sejam maior do que o que sentimos, afinal de contas somos todos assim, é muito mais fácil aceitar a derrota do que perceber que se lutarmos conseguimos alcançar nossos sonhos. Ela é o meu e nesse momento eu começo a duvidar que eu seja o dela.

— Então é isso? — pergunto, olhando para ela. — Você vai desistir de mim porque não suporta me ver ao lado de outra mulher?

Ela desvia o olhar, encarando suas mãos.

— Você não acha isso um pouco ridículo para uma mulher da sua idade?

Ela não responde e começo a ficar chateado, magoado e ferido com sua falta de fé em mim.

— Eu não acredito nisso. — Esfrego o rosto, me sentindo exausto. — Não acredito que estou nessa porra desse carro, tentando provar para a mulher com quem fiz amor, para quem entreguei meu coração, que ela é a única que eu quero na minha cama.

— Viu só, eu disse que não ia dar certo. Somos diferentes demais, uma hora alguém vai me machucar e você não vai poder brigar com todo mundo por minha causa — ela começa a falar e cada palavra que sai da sua boca só me prova que ela está apavorada.

— Não é nada disso! — grito tão alto que as pessoas do outro lado do estacionamento olham para nós.

Poliana se encolhe e me odeio por ter assustado-a. Inalo profundamente, tentando me acalmar e quando me acalmo digo com a voz mais baixa:

— Por Cristo, seja honesta comigo, você está inventando motivos para me afastar de você: dinheiro, posição social, uma mulher que não significa nada pra mim. Você usa qualquer coisa para justificar o fato de que você não me quer.

Ela ergue o olhar para mim, o pânico anuviando seu olhar, retorcendo sua linda expressão, enchando seu rosto com lágrimas.

— É simples, Poliana, apenas diga que não me quer e eu vou embora.

Ela esconde o rosto nas mãos e chora, compulsivamente, dolorosamente, um choro que vem da alma, um choro de admissão. Aperto minhas mãos para me conter, tudo o que quero é abraçá-la, protegê-la, implorar para que ela me deixe cuidar dela, mas não posso, preciso que ela faça isso por si só.

Lembro-me das palavras de Carol dizendo-me que um trauma se forma em camadas, e que em cada camada há uma luta que precisa ser enfrentada e combatida, dói como uma dor física e que, infelizmente, ninguém poderá protegê-la dessa exposição. Nem mesmo eu.

Ela precisa decidir se me quer, ou se sou um desafio maior do que ela está disposta a enfrentar. A verdade é que todos nós somos capazes de conquistar aquilo que queremos, mas o que diferencia os que conseguem e os que não, é a coragem de persistir. Tento ser corajoso, tento ser paciente, mas a cada minuto que passa sinto ela se afastar de mim, e não posso perdê-la sem tentar. Que se foda, se ela está lutando, vou lutar com ela e se essa merda vai doer, então estou aqui para dividirmos isso.

— Eu sei que você é uma mulher machucada, que não estava disposta a se abrir para um relacionamento, mas aconteceu, Poliana, eu aconteci na sua vida, e não adianta você negar, isso é muito mais do que um desejo, é muito mais do que atração ou seja lá que porra você queira chamar. Eu te amo e sei que você me ama.

— Ela também te ama — ela diz ainda com uma voz chorosa.

— Isso não é mais sobre ela, é sobre nós, Poliana. — Não acredito que ela está mesmo dizendo isso, que está levando em consideração os sentimentos de outra mulher sobre mim.

— Ela te ama e não vai abrir mão de você assim tão fácil.

— Não sou uma mercadoria que pode ser disputada em um leilão, sou um homem e sei muito bem o que eu desejo para mim.

Ela me olha com seus olhos vermelhos e inchados de tanto chorar e não me contengo mais. Minha pequena e linda guerreira está com medo de me perder e esse é o momento em que eu entro na sua batalha e a salvo.

— Mas e se eu te envergonhar de alguma forma? — ela pergunta. — E se eu não...

— Não seja boba, Poliana, você é perfeita do jeito que é.

— Não ouse rir de mim, doutor Vinícius! — ela me alerta e só então noto que estou sorrindo, mas isso é apenas a ponta do iceberg de emoções que se desenrolam no meu peito, ela está com ciúmes de mim e isso estranhamente me deixa ainda mais excitado.

— Quer saber, foda-se! — Ignorando suas ameaças e toda essa merda de psicologia, eu a puxo para meu colo. Poliana resiste, suas pequenas mãos tentam afastar as minhas de cima de si. Mas não me importo.

— Me solta! — ela esbraveja e eu obedeço, mas ela não sai do meu colo, e ficamos assim, ambos encarando um ao outro, ela com a respiração afetada por causa da raiva, a minha por causa da grande ereção que se avoluma embaixo do meu short.

— Poliana... — sussurro seu nome porque sei que toda vez que a chamo assim ela se arrepia, seguro seu rosto em minhas mãos e olho dentro dos seus olhos castanhos. — Eu. Não. Vou. Soltá-la — falo pausadamente. — Entenda isso de uma vez por todas, eu nunca mais vou soltá-la — digo e isso tem muito mais a ver com nossas emoções do que com o sentido figurado da palavra, já que nem ao menos estou tocando-a. — Não me importa o seu passado, eu sei quem você é, eu conheço o seu coração.

Ela exala pesadamente como se estivesse aliviada de ouvir essas palavras saírem da minha boca.

— Me desculpe, estou sendo ridícula... — Ela se inclina deitando seu rosto em meu pescoço, sua respiração causando ondas de choque em minha pele e um formigamento bem no lugar onde está sentada em meu corpo. — Mas é que foi tudo uma grande surpresa para mim, tudo aquilo, todas aquelas pessoas...

— Amor... — Ergo seu rosto mais uma vez. — Quantas vezes eu preciso dizer que é você quem eu quero?

— Ela é tão linda, tão inteligente. — Poliana desvia o olhar como se a vergonha lhe impedisse de me olhar. — Uma médica, e eu o que sou? Apenas uma ex-presidiária, uma garçonne que mal terminou o colégio.

— Sabe, eu aprendi uma coisa na vida — digo olhando dentro dos seus olhos castanhos. — Não são os nossos erros quem nos define, mas a maneira como agimos a partir deles. Quem nos tornamos, o quanto ele nos marca. — Estendo a mão para seu rosto e afasto seus cabelos. — Não me importo se você terminou o colégio ou se tem um passado triste, o que me importa é o que vamos fazer daqui pra frente. — Seguro sua mão e ela abaixa o olhar para elas. — Juntos, Poliana... eu e você.

— Eu te amo — ela diz antes de me beijar e me sinto como se estivesse voltando a vida no momento em que sua língua entra em meus lábios.

— Porra! — Puxo-a um pouco mais para mim fazendo com que ela me sinta. — Poliana, eu preciso que você entenda de uma vez por todas que é você quem eu desejo, é você que o meu corpo está pedindo nesse exato momento. — Me movo um pouco fazendo pressão nela e a ouço gemer baixinho. — Você consegue me sentir, Poliana? — sussurro em seu ouvido e sinto ela se desmanchar em minhas mãos enquanto confirma balançando a cabeça. — Consegue sentir meu corpo pedindo pelo seu? — Enrosco meus dedos em seus cabelos segurando-os firmemente. — Eu sou louco por você, apenas por você, não existe mais ninguém, apenas você.

Ela vira o rosto na minha direção, os lábios entreabertos, as pupilas dilatadas, o corpo se movendo sobre o meu, causando-me uma tortura que quase me leva à loucura. Quase. Porque ainda sou um cavalheiro e como tal decido que é hora de levar minha pequena para casa o mais rápido possível.

Capítulo 55



POLIANA

Eu tento pedir para ele me deixar em casa, mas Vinícius parece não me ouvir. Ou talvez ele não queira me ouvir. Um segundo depois de me seduzir, ele me coloca de volta no banco do passageiro e liga o carro.

— Preciso te tirar daqui — ele praticamente rosna e me surpreendo com o fato de que eu estava disposta a ir até o fim com ele ali mesmo: no estacionamento de um posto de gasolina.

Esfrego minhas mãos no rosto à medida que nos aproximamos do seu bairro, sua mão toca minha perna o tempo todo como se ele temesse que eu pulasse pela janela a qualquer momento. Ele sorri para mim e percebe que minha empolgação se foi uma quadra antes de chegarmos.

— Se quiser, eu posso te levar para casa — ele diz calmamente e me odeio por ser tão óbvia.

— Por favor... — digo sentindo-me a mulher mais idiota no mundo. Mas incapaz de fazer algo para mudar essa minha triste realidade. Sou idiota.

— Sem problemas, amor. — Vinícius ergue a mão e toca meu rosto antes de desviar do caminho que nos levaria para o seu apartamento, diretamente para a sua cama.

Ao chegarmos à porta do meu edifício, ele para, mas não desliga.

— Vini... — começo a falar, mas ele me interrompe.

— Por favor, não faz isso, não tente me explicar, eu compreendo, eu vou esperar. — Ele me olha e sorri, um sorriso apaixonado, maduro, seguro. Lindo.

— Eu te amo, Vinícius Becker — declaro sentindo as palavras saírem do fundo do meu coração e desejando que elas cheguem ao seu. — Eu te amo mais do que imaginei que seria possível.

Ele se inclina, puxando-me pela nuca de uma forma possessiva, que faz com que eu arfe de surpresa. Seus lábios se apossam dos meus, sugando-os e exigindo-os de forma intensa.

— Estamos quites então — ele diz ao se afastar e pisca para mim.

Inclino-me mais uma vez e o beijo, rapidamente, acariciando os fios grossos e úmidos e sentindo seu aroma de sol e protetor solar. De repente, uma onda de arrependimento me assola e penso que se eu tivesse deixado-o me levar para o seu apartamento poderíamos estar fazendo amor novamente.

— Volta pra mim — digo ainda em seus lábios.

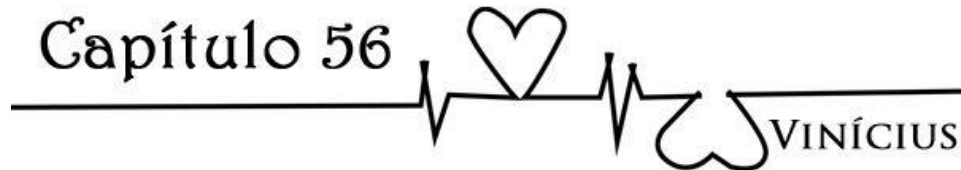
— Sempre — ele responde e então me afasto, desço do carro e observo-o ir embora em seu grande e imponente veículo, sinto que um pedaço de mim sempre se vai com ele quando me afasto. E isso começa a se tornar algo comum.

Um arrepio na espinha faz com que eu me encolha, abraçando-me como se tentasse me proteger do frio, embora esteja um calor típico do verão. Tento ignorar a sensação ruim e busco

as chaves de casa na bolsa enquanto vou até o portão, um casal com seu filho passa por mim, cumprimento-os e os deixo passar antes de entrar, subo as escadas e a sensação continua, olho para trás algumas vezes, mas não há nada além do meu mal-estar. Entro em casa e tranco as portas, Joana me recebe pulando e latindo e logo a sensação ruim se desfaz.

Sento-me no chão deixando que ela me lamba e a acaricio, sentir seu amor faz com que eu relaxe e tenho certeza de que, dessa vez, o pedaço que Vinícius levou com ele era grande demais. Essa é uma boa justificativa para a sensação de perda que acabo de sentir.

Capítulo 56



Eu faço algo que não estou mais acostumado desde que me tornei um adulto: eu me alivio... Tomo um banho gelado e cuido do meu corpo porque tenho certeza de que não vou conseguir trabalhar direito se não fizer isso.

Poliana está comigo desde o momento em que a deixei na porta do seu edifício, penso em seus lábios pequenos, no seu corpo feminino e delicado, nos sons que produz quando a deixo excitada e logo estou arfando como um adolescente.

É patético, mas é a minha única opção.

Nossa vida sexual não está tão boa como imaginei que seria. Mesmo depois que disse a ela tudo o que poderia dizer, mesmo depois de me comportar como um maldito cavalheiro, ela ainda tem muitas reservas. As malditas cascas ainda estão lá e não faço a menor ideia de quanto tempo vai levar até que ela se desfaça de cada uma. Enquanto isso eu me masturbo, igual a um menino.



Quatro horas depois estou no hospital, uma hora adiantado porque simplesmente não consigo descansar, estou ligado como uma bateria e agitado de uma forma boa. Mas assim que entro na sala de descanso e ouço a voz da Mônica, toda a minha tranquila excitação se vai e no seu lugar surge uma fúria que não sei se sou capaz de controlar. Nem sei se quero.

— E aí, grandão! — Denis grita assim que me avista. — Achei que você tinha dito que ia se atrasar. — Ele ri, divertindo-se com a minha cara.

— Mudança de planos — respondo secamente, com meus olhos fixos em Mônica, que interpreta meu olhar de maneira errada. — Mônica, vem comigo — digo ao manter a porta aberta, aguardando que ela se levante.

— Ui, que mandão! — ela brinca e todos na mesa riem, menos Eduardo e Denis. Mônica vem até mim, os olhos fixos, o corpo sensual rebolando, como uma gata no cio, prestes a dar o bote. — Está tudo bem? — ela pergunta assim que se aproxima passando a ponta dos dedos em minha camisa.

— Vai ficar — respondo quando ela passa por mim e olho feio para todos quando alguém sugere que eu leve um par de camisinhas extras.

Caminho em silêncio pelo corredor, Mônica na minha frente, perto demais para meu gosto. Abro a porta de um vestiário e ela entra imediatamente.

— Querendo matar a saudade? — Ela se aproxima quando fecho a porta, seus dedos longos acariciando minha pele no lugar exato em que ela sabe que vai mexer comigo, ainda

estou excitado e meus hormônios parecem não se importarem com quem quer que seja que está me tocando. Fecho os olhos e inalo profundamente tentando manter a calma e retiro sua mão de cima de mim. Meus hormônios podem não saber, mas eu sei.

— Sem toques, querido? — ela ronrona baixinho se entregando a mim.

Sexo para Mônica sempre foi algo fácil, inúmeras vezes a tive aqui mesmo nesse vestiário, apoiado na parede, com suas pernas em volta do meu quadril e metade do uniforme ainda no corpo. Era uma forma de liberar a adrenalina, principalmente depois de uma cirurgia difícil ou da perda de um paciente. Uma forma estranha de mascarar nossos sentimentos. Ou a falta deles.

— Mônica, escuta bem o que eu vou te falar agora — digo ainda segurando suas mãos e olhando dentro de seus olhos acinzentados. — Nunca mais fale com a Poliana da maneira que você falou hoje, entendeu? — Aproximo-me um pouco e ela abre a boca sem acreditar no que digo.

— Aquela garçonne? — As palavras saem de sua boca como se fosse algo ruim.

— Não, a minha *namorada* — ênfase.

Mônica ri e meu ódio por ela aumenta.

— Você só pode estar brincando. — Ela se solta e afasta-se caminhando até um banco e sentando. — Eu até entendo essa sua fase de bom samaritano, compreendo o trauma que você passou, compreendo tudo: o medo, a pena por essas pessoas pobres e essa sensação de querer abraçar o mundo — ela fala dos meus sentimentos como se fossem apenas caprichos de um menino. — Poxa vida, Becker, eu estou com você, porra, eu consegui vários dos investidores que te patrocinam no seu projeto, eu te apoio em tudo, como sempre te apoiei, eu tô aqui, como sempre estive, compreendo que tua cabeça tá mexida, mas tá na hora de parar, cara. — Ela me olha como se eu realmente fosse um garoto rebelde. — Você está passando dos limites, comer a garçonne é uma coisa, levá-la na casa dos seus pais e tratá-la como se ela fosse uma de nós...

— Cale a porra da tua boca! — grito, e ela me olha assustada. — Ela não é igual a nós, ela não é nada parecida conosco, precisaríamos nascer de novo para saber o que é ser uma garota como a Poliana. Ela é uma das pessoas mais íntegras e bonitas que eu já conheci, e eu estou falando do que ela é como pessoa, do seu coração...

— Jesus Cristo! — Ela balança a cabeça de um lado para o outro, como se eu estivesse delirando. — Deixa a Marilda saber com quem o filhinho que ela tanto se orgulha está se misturando.

— Ela saberá em breve.

— E você acha que ela vai abrir os braços para sua namorada, ex-presidiária, que serve mesas em um bar de quinta? — ela cospe a realidade de Poliana como se fosse algo feio, algo do qual eu deveria me afastar.

— Como você sabe? — pergunto e me odeio por expor Poliana a isso.

— Vinícius, meu amor. — Ela se levanta e vem novamente até mim. — Não é tão difícil assim puxar a ficha de uma pessoa, basta apenas alguns contatos e os podres da sua garçonnezinha foi caindo, um a um no meu colo. — Ela volta a tocar meu peito com a ponta dos dedos. — Tráfico de drogas, hein? Quem diria que aquela carinha de boa moça esconderia uma traficante. — Mônica passa o dedo nos lábios e volta a olhar para mim. — E o namorado dela? Sabe quem é? Um dos maiores traficantes aqui da cidade, acho que é Alemão... Isso mesmo. Alemão o nome dele.

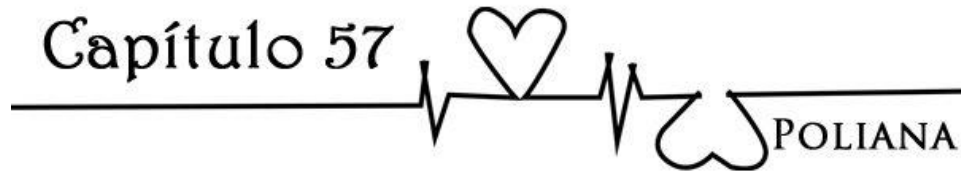
Ela vai até o espelho e passa a mão pelos cabelos arrumando-os no rabo de cavalo que ela sempre faz antes de trabalhar.

— Ela não brinca em serviço, hein? — Mônica olha por mim através do espelho. — O que garante que ela não tenha te escolhido a dedo? Rico, bonito, bem relacionado... um idiota facilmente enganável. — Ela se vira e passa por mim, põe a mão na maçaneta e diz: — Não ouse me ameaçar, Vinícius, eu posso destruir a sua brincadeira em um estalar de dedos. Mas se você for bonzinho e prometer se comportar, eu deixo você brincar de bandido e mocinha com ela mais um pouquinho, afinal de contas eu preciso admitir, eu adoraria ter ela na minha cama também, de preferência com você junto, ela é muito bonita. A típica bonitinha e ordinária.

Mônica abre a porta e sai, permaneço no lugar sem saber o que pensar, ela é uma mulher sem escrúpulos e não consigo imaginar o que possa fazer para prejudicar Poliana, mas sei que fará.

Esfrego as mãos no rosto sentindo-me repentinamente cansado e então me deixo cair no chão apoiando a cabeça na parede e imaginando uma maneira de proteger Poliana de pessoas mesquinhas e maldosas como Mônica. Se existe alguém no mundo que já sofreu demais, esse alguém é a minha pequena guerreira. E no que depender de mim ninguém vai machucá-la novamente.

Capítulo 57



Se o Vinícius entrasse em meu prédio vestido de gari sujo e fedendo a lixo ele já chamaria a atenção de todos, imagina o que acontece quando esse homem aparece usando uma camisa cara, calças sociais e sapatos que valem mais do que toda a mobília existente neste prédio. As vizinhas se aglomeram sem nenhum pudor em volta dele, cochichando e dando risadinhas enquanto passamos de mãos dadas.

— É rápido, eu só preciso colocar a comida dela e podemos ir — explico enquanto subimos as escadas a caminho do meu apartamento, sinto os olhares em nós e quero morrer de vergonha. Privacidade é artigo de luxo quando se mora em uma comunidade carente.

— Não se preocupe, amor, não tenho pressa, hoje sou todo seu — ele sussurra em meu ouvido e tenho a sensação de que as pessoas do outro lado da rua podem ouvir os meus batimentos cardíacos.

Hoje faz vinte dias desde que passamos aquela noite juntos, quinze dias desde que quase transamos no seu carro em um estacionamento e exatas doze horas desde que sonhei com ele pela última vez e ainda não conseguimos ficar juntos novamente, não da maneira que eu gostaria e que ele aguarda pacientemente para que aconteça novamente. Vinícius trabalhou dobrado essa semana, e praticamente não teve tempo nem mesmo para o projeto, o que dirá para mim. Senti sua falta, mais do que poderia suportar, mas por outro lado agradei esse espaço, eu precisava colocar as coisas no lugar em minha cabeça.

Ouçõ uma gracinha direcionada a ele e olho feio para a garota que o come com os olhos. Vinícius parece não notar ou finge e, quando fecho a porta do meu apartamento, ele me puxa pela cintura, beijando meu pescoço.

— Essas assanhadas... — resmungo.

— Eu já disse que adoro você furiosa? — Suas mãos sobem por minhas costas e tento conter um sorriso bobo.

— Não me deixe furiosa, doutor Vinícius, tenho um coração muito fraco — digo enquanto ele deixa beijos por todas as partes do meu pescoço. — Ele quase parou uma vez, da próxima pode não ter mais volta.

— Não se preocupe, posso cuidar dele pra você. — Ele sabe que é capaz de me causar um ataque cardíaco ou de me levar às nuvens apenas com seus beijos e suas palavras. E ele usa seus artifícios ao máximo.

Vinícius é um grande candidato a santo, ele pode ser canonizado a qualquer momento, antes mesmo de sua morte, não conheço outro homem tão paciente e prestativo, ele nunca descansa e sempre está disposto a percorrer quilômetros para ajudar alguém. Embora seu rosto demonstre cansaço, seu sorriso sempre está lá estampado e isso faz com que eu me apaixone por ele um pouco mais a cada dia. Meu coração é como um buraco negro, por mais

que eu acredite que ele já chegou a todos os espaços vazios, há sempre um pouco mais para ele preencher. E ele vem fazendo isso com maestria.

Joana late o tempo todo para Vinícius, que a provoca sem parar, rindo da minha pequenina companheira.

— Pare de fazer isso com ela! — Fico brava ao ver que ela começa a se estressar.

— Sabe por que ela está latindo pra mim, amor? — Vinícius continua a provocá-la, sentado em minha cama, encarando minha pobre heroína que está ficando rouca de tanto latir.

— Porque você está irritando-a e não estou gostando. — Tento encher o pote de ração e água o mais rápido possível, mas ela parece nem notar, toda a sua atenção está em Vinícius.

— Claro que não... Não é isso. — Ele a pega no colo e, mesmo rosnando, Joana não resiste e se rende aos encantos de suas mãos habilidosas. Ela parece ainda menor em seus braços e chega a ser cômico a mudança de humor da minha cachorrinha, em um momento ela estava latindo valentemente para ele e no outro está fechando os olhinhos ao receber seu carinho. Percebo o quanto somos parecidas, ambas incapazes de resistir ao toque desse homem.

— O que poderia ser então? — pergunto enquanto guardo os mantimentos.

— Na verdade, ela está com ciúmes. — Vinícius a deita em suas pernas e começa a coçar sua barriguinha.

— Ela está com raiva disso sim — tento defendê-la, mas Joana misteriosamente para de latir e começa a lambe a mão dele.

— Ela sente meu cheiro em você, ela sabe que você e eu estamos juntos e está enciumada, por isso estava latindo.

Santo. Pai. Misericordioso... Começo a tossir causando um acesso de gargalhada de Vinícius, que parece se divertir com minha situação.

— Convencido, não é nada disso. — Viro de costas e tento não ficar vermelha, mas sei que é quase impossível. Eu estou quase entrando em combustão. — Ela está apenas irritada. — Termino rapidamente minhas tarefas e puxo-o de perto de minha cadelinha, antes que ela tenha uma parada cardíaca, não sei se seu coração de cachorro suporta as provocações de Vinícius por muito tempo.

— Vamos logo que já estou atrasada.

Sáimos do prédio e Vinícius continua falando sobre sua teoria pervertida sobre Joana, finjo não o ouvir, assim como finjo não ouvir as bobagens quando passamos.

— Se você aparecer no meu prédio vestido assim novamente corre um sério risco de ser violentado pelas mulheres — aviso-o e, quando ele me olha perplexo, continuo: — É sério, Dr. Vinícius, elas não estão acostumadas a receber esse tipo de homem aqui no prédio.

Ele dá uma gargalhada arrogante e deliciosa que me contagia.

— E que tipo de homem eu sou, Poliana?

— O tipo convencido que sabe muito bem que deixa as mulheres loucas.

Ouçõ mais daquela risada debochada e quando ele aproxima sua boca da minha todo o ciúme se desfaz e tudo o que resta é o calor da sua pele em contato com a minha.

— Obrigado, meu amor, vou me lembrar disso.



O orfanato é pequeno, abriga no máximo setenta crianças, nunca mais do que isso. Possui poucas coisas, mas sempre nos orgulhamos da nossa grande TV, que fica na sala com diversos sofás espalhados por ela; um refeitório que tem quatro mesas grandes enfileiradas uma ao lado da outra; do outro lado a cozinha industrial, onde as irmãs Lúcia e Betina cuidam da alimentação, sempre tem uma ou duas garotas que as ajudam na cozinha e eu fui uma dessas durante quase dez anos. Elas me ensinaram tudo o que sei sobre cozinhar, principalmente para um batalhão. Os quartos são divididos por faixa etária e, enquanto mostro para Vinícius cada um dos lugares que para mim são um pedaço do que sou, evito o único cômodo da casa que sempre odiei.

— E aqui, amor? — Ele aponta para a porta fechada.

— Aí... — Olho para a porta e sinto um nó se formar em minha garganta. — É apenas um berçário, mas está vazio — digo com desdém e rezo para que ele não perceba o quanto esse lugar me incomoda.

Eu nunca fiquei ali muito tempo, eu não consigo entender os motivos que fazem com que uma mãe abandone seu bebê sozinho e indefeso, incapaz de pedir para que ela fique. Em minha opinião é a maior demonstração de maldade, foge da lei da vida, a mãe é o maior elo que um ser humano pode ter com o outro, é o nosso primeiro amor. Uma pessoa que é privada disso, nunca será uma pessoa completa. Assim como eu não sou.

Sinto uma espécie de pânico ao olhar para essa porta, como se eu pudesse voltar a sentir o medo que devo ter sentido todas as vezes que fiquei sozinha naqueles berços chorando.

— Vem, vou te mostrar onde ficam minhas obras de arte. — Puxo-o sem olhar para trás e só quando estou do lado de fora consigo respirar normalmente.

— Estou ansioso para conhecer sua arte — ele brinca e finalmente volto a sorrir.

O quintal sempre foi meu local favorito, minhas melhores lembranças vêm daqui: as brincadeiras de bonecas, os brinquedos que ganhávamos de doação sempre nas datas festivas, as brigas e os sonhos que dividíamos ali.

Me solto da mão de Vinícius e caminho entre os brinquedos simples e desgastados, as plantas e árvores frutíferas encontrando marcas que provam que um dia fiz parte desse lugar. Aproximo-me de um desenho pintado na parede, assim como todos os outros, esse é ruim de uma forma graciosa e triste. Lembranças exatas sobre o dia em que eu o fiz surgem em minha memória e, antes que eu perceba, estou sendo amparada por Vinícius.

— Ir embora daqui sempre foi meu sonho, eu odiava tudo isso, essas paredes, o fato de nunca ter nada que fosse meu. Privacidade ou silêncio.

Ele envolve seus braços a minha volta e deito a cabeça em seu peito, sentindo-me protegida enquanto relembro.

— No dia em que Márcio me bateu pela primeira vez foi apenas um tapa em meu rosto.

— Passo a mão no lugar exato em que ele me bateu e ainda posso sentir a queimação exatamente como no dia em que tudo aconteceu. — Naquele dia, quando ele saiu de casa, eu

corri para cá. Eu só conseguia pensar que aqui dentro eu sempre estive protegida do mundo, que aqui ninguém nunca me fez mal, ninguém nunca me bateu.

Vinícius acaricia meus braços e beija o topo da minha cabeça.

— Foi quando fiz aquele desenho. E foi quando me senti culpada pela primeira vez. — Aponto para o desenho de um jardim de flores azuis onde uma garotinha caminha sozinha. — Eu estava decidida a ficar aqui, mas ele veio e me fez acreditar que tudo havia sido um grande mal-entendido.

Vinícius me vira para si e ergue meu rosto com seus dedos.

— Ninguém nunca mais vai te machucar, amor. Nunca mais.

Estico minha mão e acaricio seu rosto, os pelos dourados, iluminados pelo sol como fios de ouro, enfeitam sua beleza quase angelical.

— Nem nos meus mais loucos sonhos poderia existir um homem como você.

Ele se inclina e deixa um beijo casto em minha testa e me abraça. Mesmo tão grande sua força é na medida certa para me fazer sentir protegida e não intimidada.

— Bom dia, meus queridos. — Madre Otília se aproxima segurando a mão que Vinícius estende para ela e beijando-me no rosto.

Vinícius acompanha a madre para o escritório onde eles discutirão gastos com medicamentos e como anda as consultas das meninas. Sento-me em uma cadeira de balanço nova e me movo para frente e para trás, sentindo o cheiro de goiaba madura que inunda o ambiente tornando-o acolhedor e deixo meus pensamentos me levarem para bem longe.

— Poliana! — Ouço alguém me chamar e avisto algumas meninas acenando para mim. Elas correm na minha direção e antes mesmo que possam se aproximar já as reconheço. Levanto-me e as abraço enquanto elas começam a falar eufóricas.

— A gente viu você na televisão, Poli. — Uma das garotas de olhos grandes e expressivos fala com um entusiasmo anormal. — Ficamos todas assustadas quando vimos você desmaiada e o médico ao seu lado.

Nunca tive coragem de ver o vídeo, Vinícius apavorado, suas mãos sujas com o meu sangue, me salvando. Meu corpo mole em uma maca sendo ressuscitada por ele, não era nem de longe uma cena que eu quisesse ver, mas elas fizeram questão de detalhar cada pedacinho do que viram e o encantamento pelo lindo médico salvador.

Meus olhos brilham cada vez que pronunciam seu nome e faço questão de contar a elas que ele realmente é um príncipe encantado que me salvou e que cuidou de mim, e que cada uma delas teria o seu esperando por elas lá fora. Claro que salientei o fato de que ninguém ali precisaria passar pelo que passei.

— Todas vocês são especiais, cada uma do seu jeito, nunca deixem que ninguém tire isso de vocês, se valorizem e valorizem tudo o que essas mulheres maravilhosas fazem por vocês, tudo o que vocês podem dar em troca é o orgulho de se tornarem mulheres dignas e felizes, é tudo o que elas querem de você — digo do fundo do meu coração enquanto elas me ouvem atentamente. Cada uma dessas meninas possui seus medos, seus traumas, suas feridas e cicatrizes, marcas que carregarão para sempre consigo, mas que com o auxílio aprenderão a ser fortes e felizes mesmo assim.

Já passa das onze da manhã e o cheiro de bolo de fubá torna ainda mais viva a lembrança de meus anos vividos aqui, eu ainda estou no jardim com algumas das garotas quando vejo a madre se aproximando com Vinícius ao seu lado.

Extremamente educado e atencioso, ele presta sempre muita atenção ao assunto que está conversando com a mãe, seu sorriso maravilhoso e seus olhos iluminados não desgrudam dela um segundo sequer, a luz do sol faz com que suas mechas naturais se tornem ainda mais claras e sua postura naturalmente sexy é algo de tirar o fôlego de qualquer mulher adulta... O que dirá de quinze adolescentes que se apaixonam por qualquer ídolo teen de revista.

— Santo Deus do céu, Poliana! É ele? — Uma das garotas me aperta o braço com tanta força que tento não rir. Elas se amontoam em cima de mim, sussurrando em meus ouvidos e dando risadinhas juvenis como se estivessem vendo um ídolo do cinema bem na frente delas.

— É ele sim, meninas — respondo cheia de orgulho do meu médico salvador.

Palminhas e pequenos empurrões em meu ombro chamam a atenção dele para nós e sinto meu rosto corando com a cena que ele está presenciando. Quando ele chega perto, as meninas congelam, não são capazes de emitir nenhum som, e tenho a impressão de que até respirar está difícil com ele ali em pé na nossa frente com as mãos no bolso da calça.

— Olá, Dr. Vinícius. — Estico-me na ponta do pé para lhe dar um beijo na bochecha.

— Eu estava com saudades, amor — ele sussurra e tenho a impressão de ter ouvido um coração explodir bem atrás de mim. Ou talvez seja o meu.

Apresento-o para as garotas, que fazem questão de perguntar sobre o dia do meu acidente, e ele é cuidadoso em não entrar em nenhum detalhe sobre nosso relacionamento, embora nossas mãos estejam entrelaçadas o tempo todo e a cada minuto ele me olha com tanta ternura que tenho certeza de que é quase impossível não perceber que estamos completamente apaixonados um pelo outro.

Almoçamos todos juntos e por volta das duas da tarde a casa está cheia, para minha tristeza, já que casa cheia significa mais crianças sem um lar. Estou indo para a sala de TV quando ouço um choro suave. Sei de onde está vindo e, quando uma garotinha passa por mim, peço a ela que busque alguém, mas ninguém vem e o tempo passa, o choro aumenta e me vejo obrigada a abrir aquela maldita porta.

Há uma menininha de aproximadamente um ano, ela chora e coça o olhinho, nitidamente sonolenta, aproximo-me e a ajudo a deitar, sento-me na cadeira ao lado do berço e acaricio suas costas até que ela finalmente se rende e dorme. Fico por um momento observando seu sono, acompanhando sua respiração tranquila. Sei que preciso me levantar, preciso deixá-la dormir, mas esse é o motivo pelo qual nunca entro nesse lugar, eu não consigo dar as costas para ele, não consigo me afastar e então eu choro.

Choro porque me sinto um monstro por ser capaz de deixar um bebê indefeso aqui sozinho. Choro porque me vejo ali, uma garotinha ruiva chorando sem ter quem a console e choro principalmente por ela. Pela mulher que me deu as costas sem olhar para trás.

— Então você está aqui... — A mãe afirma passando por mim enquanto acaricia minhas costas e se apoia no berço ao meu lado. Ela observa a bebê com o mesmo sorriso terno que ela me olha. — Sua mãe sempre gostou de ficar aqui — mãe Otilia diz chamando a minha atenção.

— O quê? — pergunto não porque quero saber mais, mas porque não entendi o que ela acabou de dizer.

— Ela amava crianças — a mãe continua e, como sou incapaz de falar, ela prossegue: — E eu a amava como se fosse minha filha.

Tenho a sensação de que ela está brincando, ou talvez ela esteja se referindo à mãe da bebê. Sim, é isso, é sobre a mãe da bebê que ela está falando.

— Angélica viveu nesse orfanato dos três até os dezoito anos. Quando completou dezoito anos, Angélica foi embora, ela era impulsiva demais para ficar aqui, e precisava encontrar logo seu lugar no mundo. — A mãe me olha e então percebo que não é a mãe da bebê que estamos falando. Ela sorri e continua: — Durante anos eu não soube nada dela, nenhuma notícia, nenhuma carta, foi como se a minha garotinha tivesse sido apenas um sonho bom que tive. Todos os dias eu ainda esperava por ela, todos os dias eu ainda olhava no portão rezando para que ela voltasse ao menos para me dizer que tinha finalmente encontrado seu caminho.

Encaro a bebê e espero que ela termine a história, tenho medo até mesmo de respirar, pois sei que ela está me dando uma parte da minha vida de volta, e por mais que eu sempre tenha desejado saber, agora estou apavorada.

— Um dia estava de saída, quando avistei Angélica. Fazia quase dez anos e ela ainda parecia a mesma garotinha que havia me deixado, mas conforme ela foi se aproximando fui notando que os anos longe tiraram seu brilho, sua alegria e lhe deram algo. — Mãe Otilia toca meu ombro e me encolho sentindo vontade de correr. Não quero ouvir. — Ela carregava você no ventre, embora muito magra sua barriga era visível. Quando me viu, ela se jogou nos meus braços e choramos juntas. Ela finalmente estava de volta.

Levanto-me de onde estou e caminho até a janela, incapaz de ficar quieta enquanto ela fala. A mãe se afasta do berço e vai até uma prateleira velha que parece estar ali desde antes da casa ter sido construída. Ela pega um exemplar antigo de um livro que conheço bem e, antes que ela comece a falar, eu já estou chorando.

— Angélica passou pouco mais de um mês aqui conosco, você nasceu em uma noite chuvosa, ela dizia que eram os anjos festejando sua chegada.

Encosto-me à janela e me abraço tentando me proteger do que estou ouvindo e sentindo.

— Foi um parto muito difícil e ela estava muito frágil. — Ela olha para um canto do quarto e aponta. — Foi ali que você nasceu, em uma noite chuvosa e feliz. Quando Angélica te pegou nos braços pela primeira vez, ela sorriu ao notar que você era ruiva assim como ela. — A mãe ergue o livro balançando-o no ar. — Poliana, assim como no livro que ela leu para você nas noites em que te carregou nos braços.

Choro e ela se aproxima, abraçando-me e esperando até que eu absorva tudo. Suas mãos pesadas sobem e descem por minha coluna enquanto ela me consola.

— Ela te amou no momento em que te viu, mesmo que soubesse que não ficaria aqui conosco.

— Por que ela não ficou? — pergunto finalmente encontrando a voz que havia sumido.

— Porque ela estava muito doente, estava muito fraca e mesmo assim, quando você completou quinze dias, ela se foi. — A mãe estende o livro e coloca-o em minhas mãos. — Você foi tudo o que sua mãe me deixou, ela me pediu para cuidar de você assim como cuidei dela. E eu prometi.

— E o meu pai? — pergunto ainda com os olhos marejados enquanto olho para o livro que conheço de toda a minha vida, mas que passou a ter um significado novo a partir de agora.

— Ela não sabia quem era seu pai. Mas isso nunca importou para ela, quando Angélica foi embora ela sabia que você estava segura.

Madre Otília coloca sua mão sobre a minha e abre o livro, dentro dele há uma folha de papel amarelada. Olho para ela sem querer acreditar e pergunto ao fechar o livro:

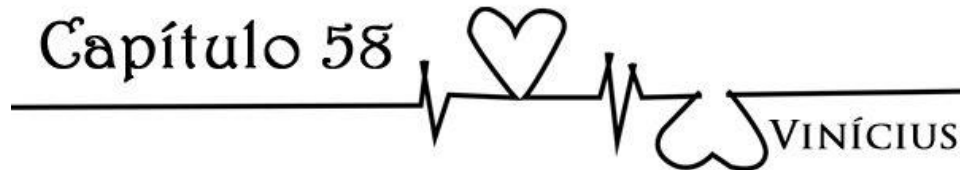
— Por que hoje? Por que justo agora?

— Porque existem verdades que precisam ser ditas no tempo certo ou ela é capaz de destruir uma vida. O momento em que uma verdade é revelada define a maneira como ela será interpretada e aceita. Se eu te contasse essa história quando você era pequena e não foi adotada eu teria te destruído, se eu tivesse te contado há um ano eu teria eliminado qualquer chance de você lutar para se reerguer.

— Foi por causa do Vinícius que a senhora achou que era a hora? — A simples menção do seu nome age em meu peito como um calmante, tranquilizando meu coração machucado. — A senhora esperou até que eu encontrasse um homem bom?

— Não, não tem nada a ver com ele. — Ela passa a mão em meu rosto e sorri. — Eu estava esperando que você se encontrasse, Vinícius foi apenas a ferramenta que você usou, ele foi a sua bússola no trajeto até aqui. — Ela põe o dedo em meu peito. — Hoje, você finalmente está pronta para conhecer sua origem.

Capítulo 58



Algo aconteceu naquele quarto enquanto Poliana e a madre conversavam, notei assim que a encontrei, sentada em um canto, olhando para uma parede.

— Não me diga que ela te colocou de castigo? — brinco ao me abaixar ao seu lado. — Eu sou o motivo? — pergunto e ela sorri.

— Sim, você é — Poliana responde e depois volta a olhar para a parede, ela passa a ponta dos dedos por ela até que para em um lugar em especial.

— Foi minha mãe quem escolheu meu nome — ela diz olhando para a parede descascando um pedaço velho da tinta e vejo seu nome escrito dentro de um coração.

— Sua mãe tem um excelente gosto, eu sempre amei seu nome, muito antes de te amar.

Ela volta a sorrir e o sorriso ilumina seu rosto.

— Na verdade, acho que me apaixonei pelo seu nome.

— Eu te amo. — Ela se inclina e me beija, acariciando meu rosto. — Obrigada por ser minha bússola.

Enrugo a testa sem entender o que ela quis dizer com isso, mas não me importo, ela pode me chamar do que quiser desde que continue me amando e sorrindo, mesmo entre lágrimas.

— Estou às ordens para o que for preciso.

Poliana estende o livro que está no seu colo para mim, um exemplar antigo de *Pollyanna* e recebo-o ainda sem entender muito bem o que está acontecendo. Abro o livro e dentro dele há um papel dobrado, o pego em minhas mãos e olho para ela, Poliana assente e abro o papel. É uma carta.

— Eu estava esperando você, não tenho coragem de ler sozinha — ela diz.

— O que é isso? — pergunto antes de ler.

— Eu não sei, a madre me deu isso depois de me contar tudo.

Poliana me conta toda a história que a madre lhe disse poucos minutos atrás e então tudo se encaixa. O motivo pelo qual a madre Otília me pediu para ir até ela, o fato de Poliana estar aqui, sentada ao lado de uma parede, olhando alguns rabiscos. Seu nome...

— Você quer que eu leia? — pergunto mais uma vez e ela assente sem coragem para falar. Sento-me ao seu lado e puxo-a para meus braços, envolvendo-a e abrindo o papel velho e amarelado. Limpo a garganta sentindo os tremores do corpo dela começarem a me atingir. Ou talvez eu esteja mesmo tremendo.

— Tudo bem, vamos fazer isso juntos. — Beijo seus cabelos e desdobro o papel devagar.

“Minha pequena Poliana,

Durante muito tempo me senti sozinha e sem rumo. Busquei na simplicidade do dia a dia os motivos para ser contente. Nunca entendi muito bem esse jogo, talvez a amargura nos cegue,

ou talvez a tristeza nos emburreça. Que seja! A verdade é que nunca soube brincar do jogo do contente.

Sempre achei que eram esses muros que me impediam de descobrir quem realmente sou e onde estava a alegria da vida. Um dia me libertei deles apenas para descobrir que o que sou, o que me faz feliz ou qual o meu destino nada tinha a ver com limitações, pois não estava vinculado ao lugar onde eu estava e sim ao que eu carregava em meu coração.

Quando descobri isso comecei minha jornada em busca do que faria meu coração bater mais forte. Ao todo foram dez anos em busca dele, em tantos olhares, em tantos sorrisos, em cada esquina, em cada lugar... Mas então veio você e finalmente descobri quem eu sou e qual o meu rumo.

Eu sou sua mãe.

Enquanto tento te deixar uma lembrança bonita nesse pedaço de papel sinto um orgulho danado por saber que não passei por essa vida em vão. Olhando para você descobri meu jogo do contente.

Estou morrendo e qual a alegria disso? Eu poderia ter morrido antes, mas Deus me permitiu recebê-la, e descobrir que meu rumo é você, um pedacinho de gente tão pequeno que mal cabe nas roupas, e mesmo assim é o meu mundo inteiro.

Hoje eu sei que nasci apenas para ter você, e com essa certeza eu me preparo para me despedir dessa vida, vou feliz sabendo que dei a você todo o meu tesouro. Deixo-te tudo o que tenho, esse livro que me acompanhou durante toda a minha vida e do qual só compreendi no final dela. A cor dos meus cabelos e o meu amor.

Ele é teu e nunca foi de mais ninguém. Guarde-o em seu coração e seja feliz.

Receba meu beijo, minha pequena Poliana, e distribua o amor por onde quer que você vá.

Jogue o jogo. Seja feliz.

Mamãe te ama.

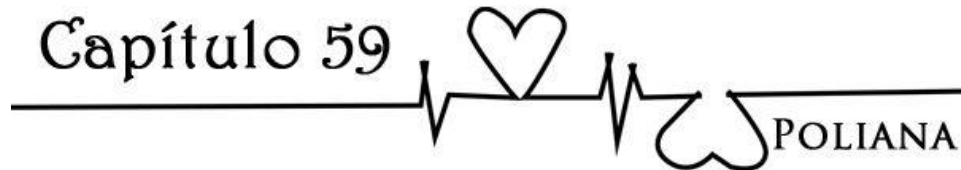
Para sempre."

Termino de ler a pequena carta e olho para ela, o livro está em seu colo e ela acaricia a capa desgastada como se estivesse tocando sua mãe.

— Ele sempre foi meu — ela sussurra ainda sem me olhar. — E eu sempre o carreguei pra cima e pra baixo me achando importante por ter um livro com meu nome, mesmo sem nunca ter lido. — Ela olha finalmente para mim e sorri. — E eu nunca estive só — ela diz como se finalmente houvesse percebido isso.

— Claro que não, meu amor, você nunca esteve só. — Dobro a carta e coloco dentro do livro. — Meu coração sempre foi seu. Assim como sua mãe, eu nasci para te amar.

Capítulo 59



“— No começo foi difícil — admitiu a menina. — Principalmente porque eu estava me sentindo tão sozinha... e não estava com vontade de jogar o jogo. Estava querendo tantas coisas bonitas! Então eu pensei no quanto odiava ver minhas sardas no espelho, e vi aquela paisagem tão bonita pela janela; então eu soube que tinha encontrado coisas para ficar contente. Sabe, quando se está procurando as coisas boas, esquece-se das outras... como a boneca que eu queria por exemplo.”

(Pollyanna, de Eleanor H. Porter)

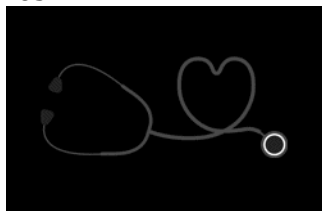
Foi um fim de tarde diferente, como um dia novo no calendário, uma espécie de dia 32, estranho e único.

Madre Otilia nos levou até o cemitério, foi um curto percurso até lá e durante o trajeto imagens de uma mulher que nunca conheci e que era tão importante para mim se formava em minha cabeça. Mas, dessa vez, havia sorrisos ao invés de lágrimas, havia amor ao invés de desprezo, ela não me deixava sozinha, ela se despedia porque não tinha outra opção. Não fui abandonada como pensei toda a minha vida e Deus sabe o quanto isso é importante para mim.

Vinícius segura minha mão o tempo todo, seu toque me traz paz e, mesmo que ele não tenha dito nenhuma palavra até aqui, eu sei que posso contar com ele. Se eu quiser correr, ele vai correr ao meu lado. Se eu decidir ficar, ele ficará o tempo que for necessário. Isso é amor, é estar lá para a pessoa, não importa o quão duro possa ser, e mesmo que não possa fazer nada para ajudar, se mantém lá. É isso que ele faz e eu o amo ainda mais por isso.

Passo meia hora lá, sentada em um banco, olhando para o horizonte enquanto tento encontrar as palavras que gostaria de dizer a ela. Mas elas não vêm, nem sempre se tem as palavras certas no momento adequado, então apenas permaneço lá sentada tentando não me deixar afetar pelo fato de que Angélica passou por essa vida de maneira tão triste.

“Ao menos ela teve você...”, é o que digo a mim mesma enquanto saímos do lugar em silêncio. Do mesmo jeito que entramos.



A noite está gelada, um vento frio faz com que eu me encolha no banco enquanto voltamos para casa. Sinto-me voltando a vida real depois de um dia em uma realidade alternativa. Acaricio a mão do homem que esteve ao meu lado durante todo o dia, de tempos

em tempos ele sorri para mim tentando dizer que está tudo bem e está mesmo. Sinto-me leve e estranhamente feliz.

— Você vai me achar esquisita se eu falar que quero fazer amor com você depois de tudo?

Ele desvia o olhar da estrada e me olha, avalia o que digo buscando em meu rosto algum sinal de brincadeira. Ele não vai encontrar.

— Não — ele responde antes de voltar a atenção para a estrada. — Mesmo porque eu quero fazer amor com você o tempo todo.

Sorrio e me estico para beijar seu rosto rapidamente.

Vinícius me leva para o seu apartamento. Entramos sem acender as luzes e ele me permite guiá-lo por entre os móveis, passando por sua grande e imponente sala e levando-o para o seu quarto. Quando chegamos eu o espero entrar, a expectativa e a ansiedade fazem meu coração bater tão forte que acho que estou prestes a ter um colapso. Fecho a porta, levando-o comigo sem saber muito bem para onde, já que não vejo nada até que encosto na cama e o faço sentar, ele obedece em silêncio. Aproximo-me dele colocando-me entre suas pernas, acaricio seus cabelos encantando-me com sua força e delicadeza, sentindo sua respiração pesada em minha pele, tocando-o sem realmente vê-lo, admirando-me com o quanto esse homem se tornou especial para mim.

— Jogo do contente — ele diz e na escuridão sua voz soa como um trovão retumbando em cada molécula do meu corpo.

— O quê? — pergunto enroscando meus dedos nas mechas pesadas, afastando-as do seu rosto.

— Sua mãe — ele responde enquanto suas mãos sobem por trás das minhas pernas até as minhas coxas e se instalam na minha bunda. — Ela lhe disse para jogar o jogo. — Ele continua subindo sua mão até estar por dentro da minha blusa. — Consiste em encontrar algo que te faça feliz, mesmo nas piores situações. — Ele solta meu sutiã e espalma a mão em minha pele.

— Algo que me faça feliz mesmo nas piores situações? — repito suas palavras com dificuldade sentindo o calor do seu toque em minha pele e pensando que na minha vida as piores situações são como resfriados do inverno. Por mais que eu tente me proteger, cedo ou tarde eles sempre vêm. Eles sempre me pegam.

— Sim — ele sussurra enquanto segura um dos meus seios em sua mão. — Tomar café ruim só para ver o seu sorriso. — Ele acaricia ambos, me fazendo oscilar enquanto fala.

— Fazer hora extra só para te ver. — Inclino minha cabeça para trás e puxo seus cabelos trazendo-o para junto de mim.

— Pintar paredes horríveis só para puxar conversa — ele diz erguendo minha blusa e sugando-me delicadamente.

— Passar pela sessão de maquiagem da Marina, só para você me notar. — Abro os primeiros botões da sua camisa e ele se afasta permitindo-me tirá-la.

— Confessar meus sentimentos para minha irmã. — Inclino-me para beijar seu pescoço, seu ombro, seu peito. — Para tentar te impressionar.

— Tomar um tiro... — Minha voz sai fraca quando começo a descer meus beijos por seu corpo. Sinto-me ousada, excitada e apaixonada. — Só para ser tocada por você.

— Poliana... — ele geme quando me ajoelho ajudando-o a se livrar das suas calças e tocando-o com meus lábios. — Amor... — Ele segura meus cabelos da maneira que eu gosto, guiando-me.

— Poliana é a parte ruim do amor? — pergunto, me divertindo quando ele perde a concentração na nossa brincadeira.

— Não. Poliana é a melhor parte da minha vida.

Ele me ergue do chão impedindo-me de continuar o que estava fazendo e me deita na cama como se eu fosse um saco de penas. Vinícius se coloca sobre mim e mesmo sem conseguir vê-lo não tenho medo, me sinto leve, como se estivesse flutuando e sorrio quando ele volta a beijar-me.

— Sua vez, doutor...

Vinícius deita a cabeça em meu peito segurando-me pela cintura, sinto sua respiração acelerada e algo dentro de mim sabe que não tem nada a ver com o que estamos fazendo.

— Cometer um crime — ele diz com a boca colada em meu peito. — Meu erro mais feio me trouxe aqui, me trouxe até você.

— Do que você está falando? — Sento-me e ele faz o mesmo. Sinto meus pelos arrepiarem enquanto ele permanece em silêncio e o chamo. — Quem cometeu um crime? — pergunto sentindo que a brincadeira acabou no momento em que ele me responde:

— Eu. Mas embora eu tenha me declarado culpado, ao contrário de você, eu nunca passei um dia sequer na cadeia.

— O quê? — sussurro sem acreditar no que estou ouvindo.

— Somos mais parecidos do que você pode imaginar. — Ele sorri tristemente antes de continuar: — Não sou o homem perfeito que você pensa, Poliana. Não sou o médico de reputação impecável que todos veem quando olham para mim. Tenho os meus erros, meus fantasmas e me envergonho deles todo maldito dia. — Ele se afasta encostando-se à cabeceira da cama enquanto confessa seus pecados para mim. — Mas aprendi mais com eles do que com as coisas que fiz de maneira correta. Hoje sou quem sou graças a eles, o homem e o médico. O Vinícius Becker que você conhece são frutos dos meus erros.

— Do que você está falando? Que crime você cometeu?

Ele inala profundamente e eu já não tenho certeza se estou respirando, toda a minha atenção está nas palavras que saem de sua boca, me prendo no tom da sua voz, na maneira pausada com que ele pronuncia as palavras tentando encontrar nelas uma brincadeira, mas não há. Ele nunca esteve mais sério.

— Eu quase matei um homem — ele diz como se estivesse em um confessionário e precisasse desse anonimato permitido pela escuridão para ter coragem de falar. E eu começo a acreditar que ele iniciou a brincadeira para chegar até aqui. — Dois anos atrás eu me meti em uma briga com um cara por causa da minha irmã...

E então Vinícius conta tudo, desde como ele foi agredido por um grupo de amigos bêbados, como isso feriu seu orgulho e como ele alimentou esse ódio durante tanto tempo que não se deu conta do que realmente estava acontecendo.

— Eu era um jovem médico orgulhoso, me achava o dono do mundo e a única coisa que me tornava humano era o cuidado e o carinho que tinha por Verônica e Caroline.

Sento-me de frente para ele, consigo notar seus contornos mesmo na escuridão, vejo seus cabelos caídos em seu rosto enquanto ele confessa seus pecados como se isso o machucasse tanto que falar se torna quase impossível.

— Eu fui criado para ser o melhor: o melhor filho, o melhor irmão, o melhor homem, o melhor médico... Minha mãe sempre me exaltou de uma maneira que me fazia crer que eu era quase indestrutível. A forma arrogante com que fui criado me tornou um homem pretensioso e quando fui colocado na cama de um hospital por causa de um bando de moleques drogados fiquei cego, era inadmissível para eu passar por tudo aquilo. Eu não podia aceitar que o grande Vinícius Becker pudesse ser humilhado daquela forma. E quando saí daquele hospital só tinha uma coisa em mente: vingança.

Permaneço em silêncio apenas ouvindo-o, sinto sua voz fraquejar e minha garganta fechar na medida em que ele fala.

— Eu não sou um assassino, mas quase me tornei um. — Ele olha para as próprias mãos, de cabeça baixa, rendido à dor e a vergonha enquanto se expõe para mim. — Minhas mãos são sujas, elas carregam o sangue de um homem e da garota que prometi cuidar. — Ouço os sons de seu choro e aperto meus lábios para não dizer o que meu coração está pedindo. Ele precisa dizer tudo. E eu só preciso ouvir. — Às vezes, à noite, eu acordo com o grito da Carol em meu ouvido. — Ele bate a mão na cabeça algumas vezes. — É o meu pior pesadelo. Às vezes, sonho que não consegui chegar a tempo, que eles fizeram as coisas que estavam prestes a fazer com ela. Às vezes, sonho com seus corpos estendidos naquela viela, sem vida. Às vezes, sonho que fui eu quem os matou...

O sorriso de Caroline surge em minha memória e a maneira carinhosa como ela o abraçou, o rosto frio e rude de seu namorado também e, por fim, a forma amável como Verônica nos recebeu.

— Eles te perdoaram, Vinícius — finalmente digo chamando sua atenção.

— Eu sei, e essa é a minha maior punição. — Ele encosta a cabeça na parede, apoiando as mãos nas pernas. — Cada vez que Caroline sorri para mim, cada vez que Gabriel fala comigo, cada gesto de bondade que recebo deles é como um golpe, uma chicotada, me sinto açoitado por eles.

— Você não se perdoou. Por isso o perdão deles te machuca tanto.

— Não. Eu não me perdoei — ele admite. — E ter recebido o perdão deles dói. Dói pra caralho e isso me enfraquece e ao mesmo tempo me fortalece. Porque é o que me força a ser um homem melhor todos os dias.

— Então é por isso que você criou o projeto? — pergunto quando tudo começa a se encaixar: o trabalho voluntário, as horas excessivas dedicadas àquelas pessoas. O cansaço extremo, a falta de sono...

— Sim.

— Vini... — Me aproximo sentando-me entre suas pernas. — Você não dorme por causa dos pesadelos? — Toco seu rosto e sinto a umidade em sua pele. Ele não fala, apenas balança a cabeça confirmando. — Meu amor... — Passo meus braços por seu pescoço, deitando meu rosto em seu ombro e sentindo os espasmos do seu choro. — Agora vai ficar tudo bem... — sussurro em seus cabelos enquanto o beijo repetidas vezes.

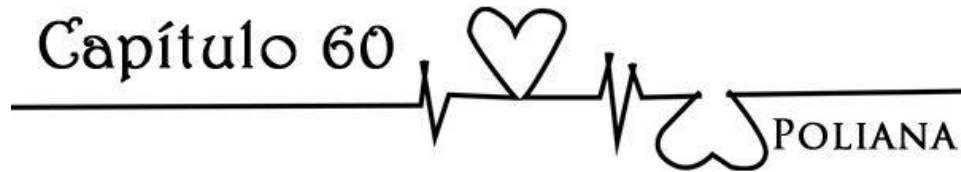
Ele passa seus braços por mim, puxando-me ao seu encontro e sufocando-me com seu choro.

— Vai ficar tudo bem — prometo enquanto ele chora por seus pecados.

No silêncio daquela noite, nus, de corpo e de alma, abraçados, confessando e absolvendo, sinto que minha conexão com Vinícius se estabeleceu em um novo nível. Algo que vai além do toque, do prazer e do amor. Eu o conheci e reconheci nele os meus erros. Os meus

pecados e minhas marcas. Descobri que somos iguais, mesmo vindos de realidades tão diferentes. Somos marcados por erros que cometemos e, embora a vida e a sociedade tenham nos absolvido, carregamos dentro de nós uma condenação eterna e em meio a escuridão de nossas vidas encontramos o amor. E por esse sentimento nos rendemos.

Capítulo 60



POLIANA

O sol ilumina o quarto onde passamos a noite. Abro os olhos com dificuldade e sorrio diante da representação simbólica daquilo. Como se o sol estivesse afastando toda a escuridão, dando-nos a chance de um novo amanhecer. De um novo recomeço.

Vinícius não está mais ao meu lado e tenho a sensação de que o dia anterior foi apenas um sonho. Relembro rapidamente de tudo, da revelação sobre Angélica até o momento mais sublime da noite. Lembro-me exatamente o momento em que nossos corpos se conectaram, as lágrimas ainda rolavam por seus olhos enquanto ele se movia lentamente sobre mim, seus lábios o tempo todo colados aos meus, trocando muito mais do que apenas beijos e juras de amor. Trocando pedaços da nossa alma, ligando-nos de uma forma que vai além da carnal.

Lembro-me do peso do seu corpo, da forma como até mesmo palavras se tornaram excitantes quando saídos de sua boca, lembro da forma como ele me possuiu, me fazendo sentir prazer, cuidando do meu corpo, estimulando-me e me fazendo sentir feminina, lembro-me de sua cabeça pesada em meu peito, da textura dos seus cabelos em meus dedos, do seu corpo suado, exausto e trêmulo depois que tudo acabou e da tranquilidade que emanava dele enquanto eu o embalava ouvindo seu ronco baixo quando ele finalmente adormeceu.

Estico-me na cama com a convicção de que hoje é um novo dia e que eu quero fazer com que cada amanhecer se torne especial. Para mim e, principalmente, para ele.

Levanto-me, tomo um banho rápido usando sua toalha ainda úmida e seu xampu. Troco-me e ao sair do quarto encontro uma mulher abrindo as janelas da sala enquanto cantarola baixinho uma canção. Ao me ver, ela sorri como se já me conhecesse há muito tempo.

— Bom dia — digo me sentindo um pouco envergonhada por estar sendo vista saindo do quarto dele de banho tomado.

— Bom dia, dona Poliana, seu Vinícius saiu cedo hoje. — Ela me estica um envelope que estava na mesa. — Ele pediu para que eu te entregasse isso.

— Obrigada. — Recolho o envelope, minha bolsa e saio do apartamento recusando o café da manhã que Olga, a secretária do lar de Vinícius, me oferece.

Abro o envelope enquanto espero o elevador, nele há um bilhete e uma chave.

“Amor, me perdoe não poder estar aí com você, houve uma emergência e fui chamado às pressas para o hospital.

Obrigado por permanecer ao meu lado mesmo depois de conhecer meus segredos. Eu te amo.

Receba a chave da minha casa, ela é sua assim como o dono dela.

Dr. Godofredo

P.S.: Ser chamado para uma emergência às três da manhã nem é tão ruim assim, ao menos pude me trocar olhando você dormir.

Estou sorrindo quando a porta do elevador se abre, ele citou o jogo do contente e sinto meu corpo esquentar ao imaginá-lo me observando. Entro no elevador, ainda sorrindo, e dou de cara com a última pessoa que eu gostaria de ver na vida.

— Bom dia, Poliana! — Mônica ergue sua sobancelha maquiavélica.

Contenho a vontade de não responder, mas tenho certeza de que se eu fizer isso ela vai encarar como medo e não como o desprezo que merece, então coloco meu sorriso nos lábios e digo:

— Bom dia, Mônica. — Jogo meu cabelo recém-lavado para trás e aperto o botão para o térreo pensando o que diabos essa mulher faz no edifício do Vinícius.

— Fazendo hora extra de diarista, querida? — ela me provoca de maneira infantil e ridícula e meu sangue esquenta.

— Não, eu não faço hora extra — respondo sentindo o peso do envelope em minhas mãos e as lembranças da noite anterior em minha memória. — A não ser que queira levar em conta as horas que passei na cama do meu namorado. — Dou um sorriso vitorioso para ela antes de voltar a olhar para os números que decrescem no visor.

— Uma dica para você. — Ela se inclina para falar baixinho. — Tem um ponto logo atrás da axila dele que o deixa excitado. Passe as unhas lá.

Olho para ela, sentindo meu rosto aquecer, e me odiando por permitir que ela veja que me abalou.

Mônica ri e, enquanto olho para essa mulher tão linda, rica e poderosa, começo a compreender aquele papo de beleza interior. Tenho certeza de que Mônica é a mulher com o interior mais horrível que já vi na vida.

— Obrigada pela dica — digo ao relembrar dos sons que Vinícius fez ao chegar ao clímax, a forma quase animal como ele me possuiu, seu corpo imenso seu aroma, seu sabor... Imagino que ela possa conhecer cada um dos pontos certos para excitá-lo, que tenha tido inúmeras noites com ele, muito mais do que as nossas, mas também tenho certeza de que ela não o conhece melhor do que eu, que o que vivemos essa noite é algo que ela jamais teve. E se depender de mim nunca terá. — Sabe, Mônica, eu até poderia te dizer onde tocá-lo para fazê-lo se sentir como eu fiz sentir ontem à noite, mas, infelizmente, isso não tem nada a ver com sexo e exige o uso de uma parte do corpo que você desconhece: o coração. — A porta do elevador se abre e saio sentindo minhas pernas tremerem. — Passar bem — digo sem olhar para trás, aperto o envelope em meu peito e ignoro o fato de que me sinto pequena ao lado dela e que se minha vida fosse um conto de fadas, Mônica com certeza seria a bruxa má.

É tolice, eu sei, mas eu adoraria poder apagar essa mulher da vida dele.

Capítulo 61



“Dar de cara com Mônica logo cedo não é tão ruim assim. Ao menos ela me viu saindo de banho tomado do seu apartamento.

Espero que tenha um bom-dia, Dr. Godofredo.

P.S.: Adorei o nome, soa tão sexy.”

Sorrio ao olhar para o celular e ler a mensagem de Poliana. Imaginar que ela tenha escrito a palavra sexy é o suficiente para que eu a deseje como um adolescente. Tenho medo de perguntar como foi o encontro com Mônica, mas se ela está com humor suficiente para jogar comigo então não deve ser tão ruim assim.

“Estou pensando em não devolver esse jaleco. O que acha?”

“Esteja com ele na próxima vez que nos encontrarmos e serei a mulher mais feliz do mundo.”

Trocamos algumas mensagens sujas até que ela começa a trabalhar, e assim que guardo o celular sou chamado para uma cirurgia.



Vida e morte andam lado a lado nos corredores de um hospital, aprendemos a lidar com isso da maneira mais profissional possível, mas com o passar do tempo se torna algo tão natural que chega a ser desumano, aos olhos dos outros, a forma com que os médicos não conseguem se conectar com a dor dos que perdem. Inclusive eu.

Sempre trabalhei isso de forma a não me sentir mal, não posso sofrer por cada paciente que perco, sei que a medicina ainda não chegou ao seu ponto máximo, ainda há muito a ser descoberto e sei que sou um profissional dedicado a fazer tudo o que está a meu alcance para salvar meus pacientes. Mas não dessa vez.

Quando cheguei ao hospital, o Sr. Geraldo já estava estabilizado e sua situação está estável. Mas ainda não é o suficiente, sei que ele corre perigo eminente de vida e isso me deixa angustiado, mais do que deveria.

Entro no seu quarto na UTI e me sento ao seu lado lembrando todos os momentos em que ele esteve presente na minha vida. Quase todos. O tempo passa e o cansaço finalmente me domina, fazendo-me cochilar ao som dos bipes das máquinas que o mantém vivo.

— Quando eu tinha a sua idade geralmente dormia em companhias mais agradáveis — ele diz, a voz de quem fumou a vida inteira parece ainda mais rouca e cansada. Ergo-me da

cadeira ao lado de sua cama, as costas protestam e minha cabeça parece pesar uma tonelada, mas me sinto feliz ao ouvir sua voz.

— Tenho certeza de que sim. — Levanto-me e verifico os monitores acima da sua cama, tudo parece normal e mesmo assim ainda me sinto angustiado.

— Esse velho está te dando muito trabalho, não é? — ele diz e segura minha mão fazendo-me olhar para ele. — Não se preocupe, logo, logo, isso tudo acaba.

— Sim, logo o senhor voltará para casa, e vai dar trabalho para a dona Marilda.

Ele ri e logo a risada se transforma em uma tosse pesada, que me faz colocar a cânula de oxigênio de volta.

— Ela não tem obrigação nenhuma comigo, sou apenas um velho empregado.

— Não, o senhor sabe que não.

Passo a mão em seus cabelos grisalhos lembrando-me das inúmeras vezes em que ele salvou minha pele quando menino, o Sr. Geraldo sempre esteve ao meu lado, enquanto meus pais passavam a maior parte de suas vidas viajando. Éramos apenas eu e Verônica e uma mansão inteira para nós. Foi dele a presença masculina que tive nos momentos mais importantes da minha vida: quando meu cachorro morreu, quando perdi meu amigo, quando tomei o primeiro fora de uma garota, o primeiro porre e quando decidi que, contrariando meus pais, eu seria médico. Geraldo me apoiou em cada uma das minhas decisões, as certas e as erradas, e eu tenho certeza de que me apoiaria em todas. Foi para ele que contei o que fiz na noite em que, a meu pedido, Gabriel e Carol foram atacados naquele beco e foi ele quem me deu a absolvição que eu tanto precisava, antes mesmo da justiça. E agora eu não posso fazer porra nenhuma para salvá-lo. Tudo o que tenho em minhas mãos é um punhado de drogas para aliviar a sua dor e minha companhia nas maiorias das noites. E isso me faz sentir como um mau filho.

— Vinícius — ele me chama. — Por favor, não se sinta mal por mim — ele diz como se pudesse ouvir meus pensamentos. — Estou cansado e pronto para ir. Você é apenas uma parte disso tudo, mas quando Deus decide que é nossa hora, não há nada que possamos fazer a não ser aceitar.

— Mas ainda não está na sua hora — minto porque não posso aceitar essa derrota, mas sei que estou mentindo, principalmente para mim. Ele me olha com a mesma expressão de quando eu era um garoto arrogante e precisava de alguém que me colocasse no meu lugar. Era sempre ele.

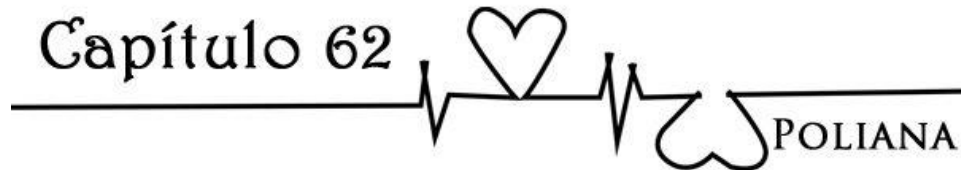
— Me conte algo bom, vamos lá, menino. — Ele estende sua mão frágil e eu a seguro. — Distraia esse velho cansado aqui, tenho certeza de que um homem bonito como você deve ter muitas histórias boas para contar.

Ele encerra nosso assunto assim e volto a me sentar na cadeira à sua frente, já passa das seis da tarde. Poliana sairá do trabalho em uma hora e eu já estou dentro desse hospital há mais de doze. Mas, ao olhar para o homem franzino e cansado deitado nessa cama, sei que nosso tempo junto está acabando e decido que essa noite será nossa. Ainda falta uma coisa para que ele saiba antes de partir e desejo do fundo do meu coração que seja a melhor de todas as histórias que eu possa contar a ele.

— Eu conheci uma garota...

E então conto a ele como uma ruivinha pequena e audaciosa roubou meu coração.

Capítulo 62



Passo o dia inteiro sorrindo, ao meu lado uma também sorridente Marina cantarola e assim as horas voam como em um passe de mágica. Marina está ainda mais agitada que o normal, se é que isso é possível, ela não para de falar o dia inteiro sobre a maravilhosa noite que passou com Denis e o quanto ela está apaixonada.

— Você... Apaixonada? — pergunto sem acreditar. — O que aconteceu com a garota que gosta de curtir a vida?

Ela está reluzindo, seus olhos brilham, seu sorriso é contagiante e eu começo a temer estar tão ridícula quanto ela.

— Poliana, se o seu doutor for a metade que o meu doutor... — Marina se abana exageradamente, balanço a cabeça, sorrindo, enquanto ela fala sobre o quanto Denis é... bom.

— Poli — ela me chama. — Onde fica a tatuagem do Vinícius?

— Na costela — digo rapidamente antes que ela pense bobagem.

— Na costela? — ela repete desanimada como se esperasse ouvir algo imoral.

— É. Na costela, e a do Denis? — pergunto despretensiosamente.

— Na virilha — ela responde e começa a se abanar com o avental engordurado. — E santa mãe das calcinhas molhadas... que virilha.

Caímos na gargalhada enquanto compartilhamos informações sobre as tatuagens dos nossos “doutores”, me sinto um pouco mau por estar curiosa com as coisas que ela me diz, mas não tem como evitar. Marina é o tipo de pessoa que ao descrever um prato de arroz com ovo é capaz de nos deixar com água na boca. Imagine ao falar de um homem como Denis?

Logo estamos nos trocando e, enquanto Marina atende uma ligação de Denis, eu olho para meu celular mais uma vez tentando encontrar uma mensagem perdida de Vinícius em algum lugar. Vou para casa preocupada e assim que saio do banho ouço meu celular tocar. Corro para atendê-lo.

— Oi, amor. — Respiro aliviada e me sento na cama para poder ouvi-lo. — Está tudo bem?

— Não... — ele respira fundo antes de continuar.

— O que houve? — pergunto preocupada e ele me explica que seu paciente piorou.

— *Eu vou passar a noite por aqui, a gente se vê amanhã, tudo bem?*

— Claro! Você está bem?

— *Vou ficar, eu te amo* — ele diz com uma voz triste.

— Eu também.

A ligação finaliza e encosto o aparelho no meu peito, rezando a Deus para que ele fique bem, seja lá o que esteja acontecendo.



Os dias se transformam em semanas, infelizmente vejo Vinícius muito menos do que eu gostaria, seus dias são compostos de palestras, congressos, o hospital, o projeto, jantares de reunião e, de vez em quando, eu. Quase sempre que conseguimos ficar juntos, ele passa a maior parte do tempo enterrado em livros gigantescos que me assustam só de olhar. Ele está exausto, sem tempo para quase nada, comendo mal e dormindo pior ainda. As poucas horas que temos juntos passamos na sua cama, e nem sempre estamos fazendo amor, às vezes ele só precisa dormir, e eu estou ao seu lado, acalentando-o enquanto ele dorme. Tento cuidar dele da melhor maneira possível e mesmo com tão pouco tempo eu não posso reclamar de nada, ele é incrível, o melhor namorado que uma garota poderia desejar.

Na primeira noite dele em minha casa fiz um jantar especial e comemos deitados na cama e assistindo televisão. Depois, enquanto eu arrumava a bagunça da cozinha, ele adormeceu com Joana enroscada ao seu lado, foi a cena mais linda que vi em minha vida: meus dois amores juntos. Com o passar do tempo, Joana também se apaixonou por ele e muitas vezes troca meus carinhos para se aninhar em seu colo e receber seus afagos. Tal mãe tal filha.

O fato de Vinícius trabalhar tanto faz com que passemos o tempo que temos juntos em casa. Dificilmente saímos para algum lugar, ele vive tão cansado que mal consegue terminar de ver um filme, assim que começa, ele se aninha no sofá e pronto! O sono o derruba. Eu não acho ruim ter ele só para mim, ficar em nossa bolha particular, curtindo um ao outro e se conhecendo. Ultimamente tenho passado tanto tempo em sua casa que é como se estivéssemos morando juntos. Ele ama isso.

Conforme prometi para a mãe, passei a visitar o orfanato com um pouco mais de frequência, sempre que possível Vinícius vai comigo para a alegria das meninas, na maioria das vezes ele se tranca com a mãe no escritório para tratar de assuntos relacionados a tratamentos médicos para as crianças de lá. Eu passo as tardes com as crianças, ora lendo, ora brincando com elas, e nesses dias chegamos em casa exaustos, tanto pela viagem até lá quanto pelo desgaste físico de dar atenção para tantas crianças. Mas são os melhores dias de todos com certeza. Às vezes também dedico um tempo ao projeto, os melhores dias são os que encontro meu pequeno amiguinho Benjamin. Sempre que sei que ele está por lá levo pipoca doce para ele, às vezes as espalhamos por todo o chão e comemos uma por uma. Ele tem que comer a última sempre. Benjamin é uma criança especial e como tal, foi preciso um tempo para conquistar seu amor e sua confiança, e hoje sei que ele se sente seguro ao meu lado e isso me deixa extremamente feliz.

— Sabe, eu acho que você deveria fazer uma faculdade — Vinícius diz enquanto jantamos em seu apartamento em uma noite tranquila.

— Faculdade? — Me surpreendo com o fato de que, mesmo morando em uma cidade onde a grande maioria dos moradores são universitários, eu nunca tenha pensado nisso.

— Sim, uma faculdade te faria bem — ele diz de boca cheia e noto que até falando de boca cheia ele tem a elegância de um príncipe.

— Eu nunca pensei nisso — confesso.

— Pois deveria, acho que assistente social combinaria com você — Vinícius começa a me explicar tudo o que uma assistente social faz e me sinto animada com a ideia.

— Eu não sei...

— Eu te ajudo. — Ele estende a mão para mim sobre a mesa e imagino se existe alguma coisa nesse mundo que ele não esteja disposto a fazer por mim.

Capítulo 63



O fim de semana que programei para ficar com Poliana finalmente chega. Eu estava mesmo precisando de uma folga e com ela dizendo que preciso descansar a cada segundo do dia começo a acreditar que eu deva estar com uma aparência pior do que imagino. Combinei de buscá-la no restaurante, não temos planos para o fim de semana, apenas um punhado de comida, alguns seriados para pôr em dia, um sofá e minha pequena em meus braços. A verdadeira descrição do paraíso. Estou ansioso para passar esse tempo com ela, mas antes preciso organizar algumas coisas no projeto, assinar documentos, rever o estoque de medicamentos e material descartável e dar uma volta para ver se tudo está correndo bem. Alguém bate na porta e peço que entre.

— Vinícius. — Gabriel aparece na porta do meu consultório, com as mãos enterradas no bolso da calça jeans e o rosto sério de quem tem algo muito grave para contar. — Eu posso falar um pouco com você? — ele pergunta.

Levanto-me apressadamente indo a seu encontro.

— Está tudo bem com a Carol? — pergunto temendo ouvir a resposta.

— Sim, ela está bem. Estamos bem. — Ele esfrega a nuca e volta a falar. — Na verdade, ela não sabe que estou aqui. — Gabriel desvia o olhar e sinto-me incomodado. — Ela não queria que eu viesse, mas precisava falar com você sobre a sua namorada.

— Poliana?

— Olha, cara, eu juro que não falaria se não fosse algo que considero importante — ele atropela as palavras e tenho vontade de chacoalhá-lo por enrolar. — Porra, a Carol vai cortar as minhas bolas por ter vindo aqui, mas foda-se, eu gostaria que alguém me contasse se fosse comigo.

— Eu adoraria que você fosse direto ao assunto, Gabriel, porque estou começando a perder a porra da paciência.

— Eu conheço a sua namorada — ele diz e me encara.

E então meu sangue ferve e tenho que me controlar para não dar porrada nele.

— Conhece? Conhece como? — Minha voz sai mais irritada do que deveria.

— Calma, cara. — Ele ergue as palmas e noto que estou um passo mais perto dele. — Se você me der espaço eu posso te contar, mas se começar com essa de macho alfa eu vou embora.

— Tudo bem, fale logo! — Fecho a porta do consultório e ofereço a cadeira na frente da minha mesa para ele. Rezo para que o que ele tem para me falar seja algo que não tenha absolutamente nada a ver com qualquer parte do seu corpo perto dela. Eu não sei se conseguirei ser civilizado.

Gabriel começa a falar sobre a época em que usava drogas. Ele fala baixo e com tanta dificuldade que, às vezes, preciso incitá-lo a continuar.

— E quando eu a vi naquele churrasco eu lembrei — ele continua falando sobre como conheceu Poliana na época em que frequentava a casa do traficante de quem ela era namorada e a cada história que ele conta sinto um nó novo se formar em minha garganta. — Não lembrei na hora, mas eu sabia que a conhecia de algum lugar, é que naquela época ela tinha cabelos longos... — Gabriel se inclina para frente e me olha nos olhos de uma forma que nunca faz, ele sempre evita encarar as pessoas, e isso faz com que ele chame mais ainda a minha atenção. — Desculpa, cara, eu não conheço tua mina, mas eu tenho quase certeza de que ela é inocente, eu conheço o Alemão e sei como ele seduz as pessoas, eu via a maneira que aquele filho da puta a carregava para cima e para baixo como se ela fosse seu troféu, eu até pensei em não te contar, mas achei certo que você soubesse que a sua mina foi mulher do Alemão.

Esfrego minhas mãos na barba, tentando não ter vontade de bater em Gabriel, mas seria mais fácil chover no inferno. Suas últimas palavras entram em meus ouvidos e causam uma explosão em minhas veias. Tenho vontade de socá-lo até que ele entenda que ela não era mulher dele, ela era sua principal vítima, ela foi enganada e pagou um preço alto por isso.

Levanto-me e caminho até o outro lado da sala que parece ter diminuído de tamanho, Gabriel permanece quieto, mas suas mãos estão fechadas em punho, pronto para qualquer coisa. Porra, ele está aqui para me ajudar, mas saber que outra pessoa conhece seu passado, o passado que ela odeia e que a fez tão mal e saber que essa pessoa é justamente o Gabriel me deixa louco de raiva.

— Obrigado, Gabriel, mas eu já sabia quem ela era — digo apoiando meus braços na mesa.

— Que bom — ele diz secamente.

— Ela mesma me contou tudo assim que começamos a namorar.

Ele balança a cabeça concordando com o que digo.

— Assim como eu contei a ela tudo sobre mim.

Gabriel se ajeita sentindo-se desconfortável, ele é um homem difícil de ler, mantém suas emoções muito bem guardadas, em um lugar que somente Caroline consegue alcançar.

— Eu fico feliz que vocês estejam bem. Ela parece ser uma boa garota. — Ele se levanta indo na direção da porta e sigo-o. — Sabe. — Ele se vira para mim. — Eu nunca esqueci dela, quero dizer, eu sempre me perguntei o que teria acontecido com aquela garota, ela parecia destoar de tudo aquilo, era como se ela fosse pura demais para estar naquele lugar.

Balanço a cabeça concordando com ele.

— Ela é realmente pura demais — digo mais para mim mesmo.

— Eu sei o quanto o mal pode destruir uma pessoa de bem. — Ele volta a enfiar as mãos nos bolsos. — E não digo isso por mim, nunca fui um cara de bem, sou apenas alguém que teve uma segunda chance na vida, mas eu digo pela Caroline, ela é tão doce e tão pura e ao mesmo tempo tão forte. — Gabriel se perde em pensamentos e, por mais que eu não me sinta tranquilo com o relacionamento deles, sei que ele a ama. — Mesmo assim ela é uma garota marcada pela maldade — Gabriel continua. — E acho que foi isso que reconheci na sua garota, na noite em que a conheci, eu vi a bondade em seus olhos, a mesma bondade que vi nos olhos da minha Caroline.

Sinto um aperto no peito enquanto ouço Gabriel falar, ele tem razão, pessoas como Carol e Poliana parecem ter um imã para o mal, talvez seja a pureza de seus corações que as torne um alvo tão fácil.

— Obrigado por ter vindo me contar — digo a ele e sinto uma vontade imensa de abraçar e proteger a minha pequena e isso faz com que eu respire fundo, tentando desfazer o nó na minha garganta. Preciso ir logo embora daqui.



Assim que Poliana abre a porta, eu finalmente volto a respirar tranquilo, ela me olha daquela maneira inocente que me deixa louco e eu a puxo para mim sem nada dizer, a abraço com força mantendo-a em meus braços por mais tempo do que o normal e desejando poder deixá-la aqui para sempre.

— Eu posso saber o que houve? — ela me pergunta quando finalmente a solto.

— Eu te amo — digo do fundo do meu coração.

— Eu também, mas está acontecendo alguma coisa. — Ela me olha com desconfiança, é algo que ela faz sempre, no começo eu me sentia desconfortável, mas agora sei que ela está tentando, que deve ser difícil para ela entrar em um relacionamento apenas um ano depois de tudo o que aconteceu, desde a sua prisão, mas não deixa de me incomodar, e espero que isso passe um dia.

— Eu só tive um dia ruim — digo e ela me dá um último beijo antes de voltar para o apartamento e terminar de arrumar as suas coisas.

— Gabriel esteve no projeto.

Ela continua guardando coisas na sua pequena bolsa enquanto permaneço parado na porta olhando para a minha pequena guerreira e relembrando as palavras dele.

— E como foi? — ela pergunta ainda concentrada em seu trabalho.

— Ele foi me contar que te conhece — digo chamando finalmente a sua atenção.

— Ele me conhece? — ela pergunta sem entender.

— Sim, ele era um antigo cliente do seu... do desgraçado. — Não consigo dizer namorado, ele não merece esse título, ele é meu, porque namorado cuida, ama e não faz o que ele fez. Portanto, ele não foi seu namorado.

— Santo Deus... — Poliana se senta na cama com as mãos na boca. — Claro! Ele é o playboy de quem Márcio tinha uma obsessão. — Ela volta a me olhar e vejo o pânico que surge cada vez que ela fala dele. — Ele queria o Gabriel para cuidar dos universitários, eu ouvi ele falar uma vez que Gabriel trabalharia para ele ou ele o mataria.

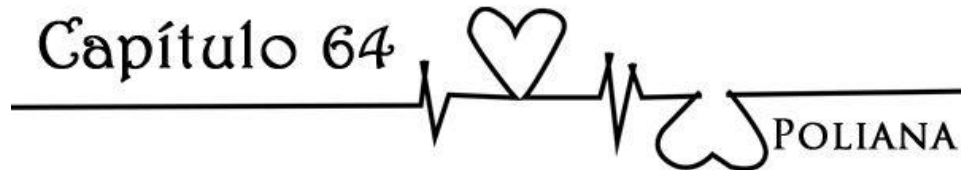
— Não se preocupe, meu amor, ele não fez nada. — Me abaixo na sua frente segurando-a pelo quadril. — Gabriel está bem, você está bem, aquele homem está preso e nada mais vai poder te machucar, nada.

Ela balança a cabeça e beijo seus cabelos puxando-a para meu peito.

— Agora está tudo bem.

Uma sensação ruim passa por mim ao imaginar o tipo de homem com quem ela viveu todos esses anos e como ela conseguiu suportar tudo isso. A admiração pela mulher à minha frente cresce a cada nova descoberta, Gabriel tem razão, mas uma coisa que ele ainda não sabe é que elas são muito mais fortes do que a grande maioria, elas sobreviveram ao inferno e voltaram para reconstruir as suas vidas, e nós somos homens de sorte por tê-las ao nosso lado.

Capítulo 64



Depois de um fim de semana regado a comida, amor, muita morte e guerra, a segunda chega com uma carinha preguiçosa. Ainda não consigo acreditar que o rapaz que mudou a vida de Vinícius é o mesmo que enlouquecia Márcio. Lembro-me bem do dia em que ele me apresentou o playboy, estava escuro e eu mal consegui notar suas feições, mas dava para ver que ele era um homem rico, e que não estava nem aí para Márcio.

Ele ficou furioso quando Gabriel disse que não voltaria mais, aquela noite ele me bateu, a desculpa foi porque eu estraguei o jantar, mas a verdade é que ele sempre descontava tudo em mim, suas frustrações e derrotas.

Eu odiei Gabriel aquele dia, desejei que Márcio cumprisse sua promessa e colocasse uma bala na testa dele, mas no dia seguinte chorei e rezei por sua segurança, hoje fico feliz em saber que ele conseguiu se livrar do mal... e de certa forma eu também.

Olho para Vinícius dormindo enrolado no lençol escuro, seus cabelos esparramados por todos os lados, uma mistura de tons de loiro, mais claros em cima, mais escuros na base, perto da nuca, e agradeço a Deus por esse fim de semana, nunca me senti tão amada e cuidada e observar o responsável por tudo o que vivi esse fim de semana assim tão belo, adormecido, me faz suspirar.

— O que você está fazendo? — ele pergunta ainda de olhos fechados e a cara amassada no travesseiro.

— Tentando descobrir o número da sua tintura.

Ele ri, um riso rouco e meio gemido, seria estranho se não fosse tão sexy.

— Essa aí só quem conhece são meus pais. — Ele abre um olho e me observa ainda na mesma posição. — Se quiser, eu posso ligar para minha mãe e perguntar.

Faço que não com a cabeça e ele volta a sorrir.

— Vem cá. — Ele estica um braço e me puxa jogando-me na cama com facilidade.

— Precisamos trabalhar, doutor. — Espalmo minhas mãos em seu peito, empurrando-o um pouco e sentindo o calor da cama em sua pele.

— Eu preciso de você... — ele sussurra em meu ouvido enquanto beija meu pescoço provocando-me. — Agora. — Suas mãos percorrem toda a minha pele, subindo por minhas coxas até se prender na minha calcinha. Estou sem ar, minha pele formiga nos lugares certos. Ele mordisca minha pele enquanto desce por meu corpo. Ergo meu quadril ajudando-o a se desfazer da pequena peça de roupa enquanto Vinícius puxa minha camiseta pela cabeça. — Bom dia — ele geme em meus lábios no momento em que entra em mim.

— Bom dia. — Sorrio segurando-me em suas costas, as unhas cravadas em sua pele, as pernas enroscadas em seu quadril, apoiando-me nele, sentindo a sensação de ser preenchida por ele. Vinícius se move de maneira rítmica e intensa. Os movimentos se tornam mais fortes e rápidos à medida que me sinto mais confortável, ele apoia sua cabeça no travesseiro ao meu

lado, sua respiração pesada causa arrepios em meu pescoço, seu calor me envolve ao ponto de sentir que estou prestes a explodir.

— Vinícius... — Exalo com força quando ele se afasta para observar nossos corpos se movendo.

— Sim... Ah, meu Deus, como isso é bom. — Ele volta a acelerar e logo estamos gemendo, passo minhas mãos por seu corpo, sentindo o suor em sua pele. Seu rosto está retorcido de prazer e algumas mechas começam a colar em seu rosto. É a imagem mais linda que já vi, força e poder em contraste com sua beleza quase angelical. Ergo-me um pouco e deixo beijos molhados por seu pescoço e ombros, fazendo-o gemer ainda mais. Ele segura uma de minhas pernas erguendo-a e me preenche profundamente me fazendo gritar. Minhas unhas arranham a sua pele e, quando alcanço o clímax, eu as afundo machucando-o.

— Puta que pariu! — ele geme no momento em que goza, seu corpo trêmulo se move com os últimos resquícios de prazer; em seguida sai de cima de mim, puxando-me para seus braços, deixando beijos por meu ombro e afasta meus cabelos, olhando-me nos olhos com a respiração ainda ofegante. — Eu já te falei bom dia?

— Sim. — Sorrio sentindo que todos os meus ossos se desmancharam.

— E eu te amo? — Sua voz parece ainda mais grave e me causa calafrios.

— Acho que ainda não.

— Eu te amo — ele diz antes de beijar minha testa. — Obrigado por fazer minha vida mais feliz.

— Tudo isso por causa de uma rapidinha? — brinco com uma mecha de seu cabelo.

— Não, tudo isso porque você me faz sentir o homem mais feliz do mundo.

Subo em seu colo e volto a beijá-lo, agradecendo a Deus a oportunidade de ter um homem desse em meus braços.

E quem disse que a segunda-feira é chata?



Vinícius para o carro na frente do restaurante, ainda é cedo, mas ele tem uma reunião e precisamos sair de casa antes do meu horário.

— Poliana... — Sua expressão de repente está séria e ele me olha como se tivesse algo muito importante para dizer.

— Oi, amor. — Ajeito sua gravata e a gola de sua camisa, deixo um beijo rápido em seu queixo e me afasto. — O que foi?

— Eu quero mais — ele diz ainda com seus olhos fixos em mim. Acaricio seu rosto evitando desmanchar seu cabelo.

— Podemos nos ver mais tarde, depois do trabalho. Se quiser posso dar uma passada no hospital. — Me inclino para sussurrar em seu ouvido: — O que acha de uma rapidinha na sala de descanso? — Sorrio, mas ele não sorri de volta. Ele continua a me olhar e começo a ficar preocupada.

— Não é disso que estou falando. Eu quero mais disso que vivemos esse fim de semana, Poliana.

Minha boca se abre, meu coração dispara no peito, uma onda de calor sobe por meu corpo e me sinto sufocar. Não quero acreditar no que ele está tentando me dizer, é cedo demais para isso.

— Não entendi, o que você está falando? — pergunto tentando manter a calma.

— Não quero mais dormir sozinho naquela cama, não quero acordar sozinho, quero você comigo, quero tomar banho com você, quero café da manhã (um dia eu faço, outro dia é você), quero brigar por toalha molhada na cama, reclamar do dia de trabalho, comer arroz queimado, quero uma vida a dois, eu quero você — ele diz finalmente e começo a imaginar tudo o que ele disse, nosso dia a dia, nossa vida, juntos. Vinícius se aproxima passando a mão na minha nuca e me trazendo para perto e por mais que eu o ame, por mais que eu esteja vivendo algo que jamais imaginei que seria possível, eu estou apavorada. — Eu disse que quero você todos os dias, e quando eu chegar à noite e nos fins de semana, eu quero você!

Um início de pânico se instala em meu subconsciente. Dois meses. Exatamente dois meses. Assim como foi antes. Tento afastar essa associação da minha mente, mas não consigo, mesmo sabendo que Vinícius é diferente, mesmo sabendo que ele me ama e me respeita, que quer o meu melhor. Poxa vida! Até mesmo está me incentivando a voltar a estudar. Mas dois meses?

— Eu já sou sua, Vinícius, acho que hoje cedo eu deixei isso bem claro — tento brincar, mas ele não entra na brincadeira e fecha os olhos, se afastando e apoiando a cabeça no encosto do carro.

— Eu quero que você venha morar comigo. Eu quero você comigo 24 horas por dia, eu quero que você seja minha mulher e que eu seja seu... homem, amante, marido, namorado ou seja lá o que você quer que eu seja.

Abaixo minha cabeça triste por nós dois. Ele por me querer tanto, e eu por não ser capaz de dar esse passo. Não ainda. A intensidade de Vinícius me traz a lembrança de alguém que eu quero esquecer desesperadamente, a paixão enlouquecida que cega, que incita a tomada de decisões insanas, é algo que eu não quero para mim, eu quero um relacionamento tranquilo, algo que me permita sentir seu crescimento aos poucos e o que ele me oferece vai totalmente contra isso.

— Eu não posso — digo olhando para minhas mãos.

— Por quê? — ele pergunta nitidamente magoado com minha resposta.

— Vinícius, não faça isso — peço desesperadamente desejando que ele possa compreender que isso é demais para mim. — Eu não posso simplesmente abandonar a minha vida e ir viver na sua casa, não tem o menor cabimento, a gente está se conhecendo. É tudo muito recente ainda.

— Para mim não, eu já vivi tempo demais para saber que você é diferente, que com você eu me sinto completo, eu vivi o suficiente sem você para saber que você é a mulher que eu quero na minha vida.

Suas palavras me tocam de uma forma contrária do que deveriam, elas me machucam, me assustam e me sufocam, eu sei que ele não compreende, mas para uma mulher como eu palavras não passam de apenas palavras, a confiança é algo que é construído no dia a dia e dois meses na vida corrida que Vinícius leva é quase nada, pouco tempo para que eu possa me sentir totalmente segura.

— Desculpa, Vinícius... eu não posso morar com você.

Ele balança a cabeça inconformado com minha resposta.

— Às vezes, eu acho que me entreguei demais, que acreditei demais nessa história toda.
— Ele dá soquinhos leves no teto do carro enquanto diz sem olhar para mim. — Você está sempre com um pé atrás e, por mais que eu faça, não consigo te alcançar... isso me magoa.

Ah, não! Uma DR às sete horas da manhã é demais para a minha cabeça. Onde foi parar o homem sexy e dominante que me atacou essa manhã? Estávamos indo tão bem...

— Vinícius, por favor, não vamos estragar tudo, eu amei passar esse fim de semana com você, amei acordar ao seu lado, e o fato de eu não ir morar com você não significa que não vamos repetir isso mais vezes, eu já estou morrendo de saudades da sua cama e não vejo a hora de voltar pra lá, mas preciso ter o meu canto, minha casa, minha identidade. Eu preciso ter a minha vida, eu não posso me enfiar na sua casa, não vou cometer o mesmo erro novamente.

Ele me encara com seus olhos injetados de raiva, quando ele finalmente percebe meus motivos, um vinco forte aprofunda as rugas em sua testa.

— Cometer o mesmo erro? Do que você está falando? — ele pergunta mesmo sabendo exatamente do que estou falando, sei que estou estragando tudo o que conquistamos, sei que estou magoando a única pessoa que acreditou em mim e que não se importou com o que eu sou, mas, mesmo assim, eu jurei a mim mesma, a cada maldita noite em que passei naquela cela sozinha e apavorada, que nunca mais cometeria o mesmo erro e não vou. Dois meses... de jeito nenhum!

— Vini. — Estico minha mão até a dele e acaricio-a, sinto a tensão em seus músculos e a mágoa em seu olhar. — Eu preciso ser feliz sozinha para que eu seja uma mulher completa, preciso me descobrir, saber do que eu gosto, quem eu sou. Só assim poderei ser o que você deseja.

— Eu não sou aquele cara, Poliana — ele diz ofendido e me sinto mal por estar magoando-o dessa forma.

— Eu tenho certeza de que não, eu não estaria aqui se você fosse.

— Então por que você me compara com ele o tempo todo? — Ele me olha com tanta tristeza que por um momento tenho vontade de aceitar, eu sei que seria maravilhoso acordar em seus braços todos os dias, mas também sei que para uma mulher que voltou à vida há tão pouco tempo eu já estou indo rápido demais. Preciso manter as coisas devagar.

— Por favor, me entenda, eu não estou te comparando, eu estou apenas me preservando.

Ele tira a mão de baixo da minha e passa em seus cabelos, ele parece cansado e começo a me sentir assim também.

— Hoje de manhã quando fizemos amor e eu disse que te amava foi a coisa mais sincera que já falei na minha vida. — Ele volta a olhar para longe como se admitir seus sentimentos o magoasse. — Foi naquele instante que percebi que não quero mais viver longe de você. — Ele passa as mãos no rosto esfregando-o de forma frenética até ficar vermelho. — Que merda! Eu estou aqui me expondo igual um adolescente chorão e você não dá a mínima para o que estou falando.

— Não foi isso que falei — respondo me sentindo ofendida. — Eu quero tudo que você quer, só não quero morar junto.

Ele me olha, com seu rosto corado, os olhos apertados como se precisasse se esforçar para compreender o que digo.

— Eu não sou mais um garoto.

Aproximo-me e beijo seus lábios, surpreendendo-o e desejando acabar com essa discussão tão cedo.

— Pois está se comportando como tal. — Beijo-o novamente e ele me puxa pela cintura aprofundando o beijo como se quisesse me marcar de alguma forma. Sinto um frio na espinha com a forma possessiva como ele me beija, não quero compará-lo e por Deus eu não estou, apenas não consigo controlar o medo de viver novamente tudo o que vivi. Eu achava que amava aquele homem e sofri quando ele quebrou o meu coração, imagina o que aconteceria se Vinícius a quem eu tenho certeza de que amo fizer o mesmo ou algo ao menos parecido comigo? Eu tenho certeza de que não suportarei.

Envolvo meus braços em seu pescoço enquanto sussurro palavras de amor em seu ouvido, Vinícius deita a cabeça em meu ombro, derrotado e magoado. Permanecemos assim por algum tempo até que uma batida forte no vidro do carro chama nossa atenção e Vinícius se afasta, soltando-me.

— Olha a pornografia gratuita a essa hora da manhã, meu povo! — Marina grita na frente do carro, gargalhando.

— Acho melhor você ir — digo ao me afastar limpando seus lábios, ele liga o carro e Marina entra no restaurante segurando a porta aberta. — A gente se vê mais tarde. — Me inclino e beijo-o mais uma vez.

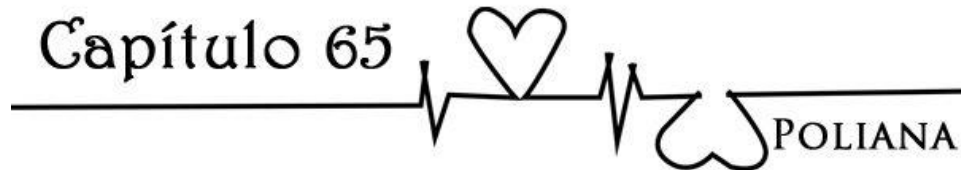
— A gente se vê. — Ele sai com o carro e observo meu doutor deixar para trás meu coração remendado e cheio de dúvidas.

— Tava tendo uma DR, né? — Marina passa o braço por meu ombro quando entro no restaurante.

— Como você sabe? — pergunto olhando para ela assustada com sua mania de fazer coisas estranhas.

— Amiga, eu tenho um detector de DRs embutido aqui dentro. — Ela aponta para a cabeça. — Você tá me devendo uma. — Ela pisca para mim e sai na frente com seu rebolado extravagante, provocando a todos e trazendo alegria ao meu dia que mal começou e já me deixou exausta.

Capítulo 65



Vinícius está de plantão esta noite e prefiro ficar com Joana em minha casa. Nosso relacionamento está um pouco abalado desde que ele me pediu para morarmos juntos e eu rejeitei. Expliquei para ele meus medos e ele disse que compreendeu, mas mesmo assim acho que precisamos de mais alguns dias até tudo ficar bem novamente.

Já estou pronta pra dormir na cama com Joana deitada ao meu lado, assistindo TV, quando meu celular toca, corro para atender imaginando ser ele e torcendo para que tudo tenha corrido bem no hospital, essa noite ele prometeu dormir na minha casa.

— Alô? — atendo ao telefone, ansiosa.

— *Oi, Poli* — Marina diz do outro lado da linha me deixando desanimada.

— Oi, Marina, eu já estava indo dormir.

— *Poli, se veste rápido que estamos passando aí pra pegar você!* — Marina fala com um tom de voz sério demais para ela.

— O que aconteceu? Você está bem? — Eu sou capaz de matar o Denis se ele fizer algum mal a minha amiga, embora eu tenha quase certeza de que é mais fácil ela fazer mal a ele.

— *Estou ótima, o problema é o seu namorado...* — ela responde me deixando aflita.

— O que aconteceu com o Vinícius? — pergunto enquanto puxo uma calça jeans pelas minhas pernas e jogo uma camiseta pela cabeça.

— *Ele tá precisando de você, estamos chegando aí em cinco minutos.*

Em dois minutos estou na porta do prédio aflita esperando pela Marina e Denis imaginando todas as formas possíveis de Vinícius ter se machucado, meus nervos estão destruídos e a Marina demora um século para chegar. Finalmente depois de uma vida o carro vermelho de Denis para na minha frente e abro a porta.

— O que aconteceu com o Vinícius? Ele está machucado? Onde ele está? — pergunto sem dar chance para que eles respondam.

— Calma, Poli, ele está bem... Pelo menos fisicamente — Marina se apressa a falar sabendo que estou nervosa. — Ele só tá um pouco chateado e precisando de você.



Vinte minutos depois Denis para o carro na frente de um bar no centro da cidade, mal espero ele parar e desço correndo em direção à entrada, assim que chego ao interior avisto Vinícius de costas, seu corpo imenso ocupando quase dois lugares no bar, sua camisa está amarrotada e para fora da calça, os cabelos desgrehados como se tivesse se metido em uma grande confusão. Está conversando com um rapaz bem menor e mais magro, que parece estar

atento ao que ele diz. Ele fala gesticulando exageradamente com uma mão e segura uma garrafa com a outra. O rapaz nota minha aproximação e se levanta para me cumprimentar.

— Você deve ser a Poliana. — Ele estende a mão para mim e sorri. — Eu sou Tomaz, amigo do seu namorado.

— Muito prazer, Tomaz — digo segurando sua mão.

Vinícius se vira no momento em que ouve minha voz, sua coordenação afetada pelo álcool faz com que ele se desequilibre e quase caia em cima de outro homem que está ao seu lado.

— Olha só, você está aqui! — ele fala com uma voz mole e rouca. — Vem cá, senta aqui comigo, vamos comemorar... — Ele bate no banco ao seu lado me convidando a sentar, olho para Tomaz e depois para Denis e Marina que estão atrás de nós, preocupados.

— Por que vocês não o tiraram daqui antes? — pergunto irritada com a condição precária em que ele se encontra. — Deus do céu, ele está caindo de bêbado! Por que deixaram ele chegar a esse ponto?

— Vinícius é um cara muito teimoso, Poliana, principalmente quando bebe, se ele quer uma coisa ele vai fazer — Denis me fala tentando justificar sua atitude.

— Eu não sou teimoso... Sou insistente, é diferente! — Ele ergue um dedo no ar e pronuncia as palavras com certa dificuldade. — Senta aqui, gatinha. Vamos beber uma juntos. Ei, cara! — ele chama o barman. — Traz alguma coisa para minha *mina*! — A última palavra sai em tom de deboche de seus lábios. — Eu ainda posso te chamar de minha? Minha mina. Minha gata. Minha trepada! — Ele se inclina na minha direção e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Você está sendo grosseiro — advirto.

— Achei que você gostasse já que ser romântico não anda dando muito certo. — Ele ergue o copo no ar e depois bebe uma grande golada.

— Ei, grandão! Vamos manear. — Tomaz dá um tapinha amistoso no braço de Vinícius.

— Eu tô só perguntando, cara, não pode perguntar? — Vinícius ergue as mãos em rendição. — Ela não quer casar comigo — ele diz inclinando-se sem coordenação na direção do rapaz que vira o rosto defendendo-se do hálito alcoólico do meu namorado.

— Casar? — Marina grita logo atrás de mim. — Mas que história é essa de casar?

— Não é nada, Marina, ele só está bêbado.

— Ela só quer meu corpo — Vinícius choraminga.

Tomaz baixa a cabeça, seus cabelos rebeldes e espetados para todos os lados escondem uma parte de seu rosto, mas ainda consigo ver um sorriso.

— Olha, cara, acho que não é bem assim. — Tomaz me olha e sorri. — Que tal conversar com ela em outro lugar?

— Isso aí, mano, vamos sair daqui. — Denis se aproxima passando o braço no ombro largo do amigo.

— Você também quer o meu corpo? — Vinícius pergunta para Denis.

— Ah não... eu definitivamente não quero teu corpo. Vamos sair daqui. — Ele tenta levantar Vinícius, mas seria mais fácil se ele tentasse levantar um edifício.

— Vamos pra casa, querido, acho que já chega por hoje — tento parecer gentil embora esteja fervendo de raiva, não tenho a menor paciência para bêbados, principalmente para um Vinícius grosseiro e bêbado. Ele ignora meu pedido e bebe o conteúdo do copo todo de uma vez.

Vinícius estuda meu rosto antes de continuar, como se quisesse ter certeza de que eu sou a sua garota.

— Você é linda, sabia? — ele pergunta enquanto enche o copo mais uma vez. — Eu te amo pra cacete. — As palavras saem emboladas. — Você sabe o que é amar pra cacete?

— Sei, Vinícius, vamos embora e você poderá dizer que me ama em casa.

— Amar pra cacete é amar tanto que dói. — Ele esfrega o peito amarrotando ainda mais a sua já destruída camisa. A minha favorita. — Você quer transar comigo? — Ele se inclina na minha direção. — Eu amo suas sardas, principalmente essas que você tem nos seios... — Ele estica um dedo para tocar meus seios e me levanto.

— Vinícius, já chega! — esbravejo sentindo o calor aquecer minhas bochechas. — Vamos embora agora!

— Mulher brava é a coisa mais sexy do mundo. Você não acha? — ele pergunta para um cara que está ao seu lado e ele me olha como se analisasse suas chances.

— O que vocês acham da gente carregá-lo à força pra fora do bar? — sugiro para os três patetas que observam o vexame de Vinícius sem fazer nada. — Ou vocês vão esperar ele desmaiar pra fazer isso?

— Poliana, acredite, nós já tentamos, ele é forte e sabe bater muito bem, eu não vou voltar pra casa com meu nariz quebrado! — Denis fala cruzando os braços em sua própria defesa.

— Que tal você seduzi-lo, amiga? — Marina sugere.

— Marina não vou seduzir meu namorado bêbado! — falo irritada com a situação toda.

Ela levanta os braços como se não existisse uma ideia melhor que a dela.

— Vem cá, ruivinha, quero te contar uma coisa. — Seu braço pesado envolve meu pescoço me levando para mais próximo dele, seu hálito está tão forte que tenho a sensação de que se alguém acender um fósforo a meio metro de distância ele explode.

— Eu sou um assassino... — ele fala bem baixinho em meu ouvido como se ninguém pudesse ouvir. — Eu não sou um bom médico, sabe? Eu sempre achei que era o maior cardiologista que essa merda de cidade já teve, mas eu não passo de um bosta arrogante que não consegue salvar ninguém...

Sinto meu coração doer ao compreender o motivo da sua bebedeira. Ele perdeu um paciente. Olha para Denis que está concentrado em algo no chão, Marina está ao seu lado acariciando seu cabelo. Merda! Era alguém especial, com certeza.

— Não, Vini, você não é, você salvou a minha vida, lembra? — Acaricio seu rosto e por um momento ele fica sóbrio.

— Não, aquele dia eu salvei a minha vida. — Ele deita a cabeça em meu ombro e beijo seus cabelos suados.

— Vamos pra casa, amor... Deixa-me cuidar de você — sussurro em seu ouvido e ele assente, levantando-se imediatamente.



Cuidar de Vinícius bêbado é mais difícil do que eu poderia imaginar, com a ajuda de Denis conseguimos fazê-lo tomar um banho quase gelado e ir para a cama, escondo todas as garrafas de bebida, arrumo edredom e travesseiros para Marina e Denis, que se recusam a ir embora e me deixar sozinha com ele. Não consigo evitar as comparações e, enquanto ele dorme pesadamente, sorrio feliz em ver que ele não passa de um grande e pesado bebê chorão, incapaz de machucar alguém mesmo quando está fora de si. Isso me faz perceber que o álcool não é desculpa para a agressão, que ele apenas potencializa uma personalidade que já existe na pessoa, o álcool não torna pessoas boas em pessoas más, ela apenas retira máscaras.

— Quem morreu? — pergunto finalmente, me sentando na sala exausta e molhada.

— O cara que criou o seu namorado — Denis responde enquanto seca seus cabelos com uma toalha. Respiro fundo sentindo por ele, meus pensamentos correm direto para madre Otília e o quanto eu sentiria se ela morresse.

— O que houve?

— Ele estava muito doente, não tinha mais o que ser feito por ele, Vinícius tentou de tudo, mas estava fora do seu alcance. — Denis ergue os ombros. — Aconteceu o que tinha que acontecer.

Denis passa a meia hora seguinte me contando como Vinícius e Geraldo tinham uma relação de quase pai e filho e que o fato dele não ter conseguido salvar a vida do senhor o deixou no estado em que eu o encontrei hoje. Isso e o fato dele ainda não ter superado a rejeição com relação ao seu pedido de casamento.

Volto para o quarto e deixo nossos amigos acomodados na sala. Vinícius está atravessado na cama, com pernas e braços esparramados para todo o lado. Acomodo-me do seu lado, apoiando sua cabeça em minha perna e acariciando as mechas úmidas do seu cabelo.

— Eu prometi a você que ficaria tudo bem, não prometi? — sussurro em seus cabelos. — Eu estou aqui e vou cuidar de você, seu bêbado insuportável. E um dia eu aceitarei seu pedido e serei a mulher mais feliz do mundo. — Sinto meu coração acelerar no peito ao dizer isso, mesmo sabendo que ele não pode me ouvir. — Eu aceitarei casar com você, do jeito que sempre sonhei. — Conto a ele sobre vestidos longos e flores, sobre os filhos que teremos e coisas bobas que considero importantes, conto a ele tudo o que quero para nós e, mesmo sabendo que ele não está ouvindo nenhuma palavra do que digo, eu continuo falando porque sei que minhas palavras arrumarão um jeito de chegar até seu coração e tranquilizá-lo. — Eu te amo, meu futuro esposo. — Beijo seu rosto e sorrio feliz em saber que por pior que ele esteja agora quando acordar eu estarei ao seu lado. E assim ficarei. Para sempre.

Capítulo 66



POLIANA

Vinícius acorda duas horas depois, vomitando muito e com a maior ressaca que já vi alguém ter. O ajudado como posso, Denis lhe administra medicamentos e um soro para hidratar e ele se vê obrigado a passar a maior parte do dia na cama.

À noite vamos ao velório, Vinícius fez questão de dar ao amigo um belo enterro e ficamos o tempo necessário para que ele possa se despedir, voltamos para casa em silêncio e assim ficamos pelo resto da noite.

No dia seguinte, ele vai para o hospital e passa o dia inteiro lá. Denis me promete mandar notícias assim que conseguisse. Mas as notícias não chegam, passo o dia com a cabeça nele, não consigo trabalhar direito, anoto pedidos errados, derrubo um copo de suco de laranja no chão e troco o nome de três clientes antigos que sempre me dão gorjetas. Ouço o celular de Marina tocar no fim da tarde e meu peito se aperta, é Denis avisando que Vinícius está bem e que passará a noite no hospital também. Depois de dez horas de trabalho, algumas idiotices da Marina, um José eternamente mal-humorado e cinco clientes reclamando de troco errado, graças a Deus o dia termina. Eu mal consigo me trocar, estou exausta e minha vontade é de dormir, minha cabeça dói e tudo o que eu quero é ir para casa.

Olho meu celular mais uma vez e nada de mensagem de Vinícius. Absolutamente nada!

Vou para casa disposta a dormir o mais rápido possível, mas assim que chego me deparo com Vinícius sentado na porta do meu apartamento totalmente desolado, a cabeça apoiada nas mãos, imerso em pensamentos. Tão distraído que nem ao menos nota minha aproximação.

— Oi, amor. — Me abaixo e dou um beijo nele. — Posso saber o que você está fazendo aqui?

— Te esperando. — Ele ergue a cabeça e me olha, um sorriso triste surge em seus lábios.

— Por que não me ligou, amor? — Retiro uma mecha fujona de sua testa e noto as olheiras em seus olhos.

— Não sei onde deixei meu celular. — Ele abre as pernas, me puxa para o meio delas e me abraça, deitando a cabeça em meu ombro. — Não quero voltar para meu apartamento sozinho.

— Eu jamais te deixaria sozinho. — Acaricio seus cabelos e beijo seu rosto. — Deixa só eu cuidar da Joana e já podemos ir. — Levanto-me e abro a porta do apartamento, minha cachorrinha corre ao encontro de Vinícius, que a pega no colo, mas não faz festa. Pego uma muda de roupa e voltamos para seu apartamento. Levamos Joana conosco.

Assim que chegamos, tomamos um banho e pedimos uma pizza, mas Vinícius praticamente não come, apenas remexe a massa com queijo derretido de um lado para o outro entre suspiros e bufadas.

— Quer conversar? — pergunto por força do hábito, eu sei que ele não tem interesse nenhum em conversar com ninguém. E então voltamos ao silêncio de antes.

Passamos a noite inteira calados, Vinícius não dorme, apenas deita para que eu possa me aninhar em seu peito e volta para seus pensamentos.

Os dias que se seguem são praticamente iguais, Vinícius está introspectivo, não come direito, não conversa e mal nos beijamos. Sei que ele está de luto, que na sua cabeça-dura ele cometeu um erro, sei que, embora Denis e Eduardo tenham me garantido que não havia nada a se fazer para salvá-lo, Vinícius se culpa e sei que não posso fazer nada além de ficar ao seu lado.

— Acho que é melhor eu voltar para minha casa essa noite — digo enquanto tomo o café da manhã, três dias depois.

Vinícius ergue o olhar da tigela de cereal intocada que está à sua frente por mais de dez minutos e me encara com uma expressão indecifrável.

— Por quê? — ele pergunta como se aquilo fosse um absurdo.

— Porque eu preciso voltar, porque Joana precisa voltar.

— Ela está ótima aqui. — Ele olha para a cachorra que dorme tranquilamente no sofá.

— Eu preciso da minha casa — digo irritada.

Ele respira fundo colocando as duas mãos nas têmporas como se estivesse tentando afastar uma dor de cabeça.

— E eu preciso de você — ele declara com uma voz cansada.

— Não é o que parece, estou aqui todos esses dias e você mal troca meia dúzia de palavras comigo, você parece não querer ajuda e isso tá me deixando nervosa.

Um sorriso triste surge em seus lábios.

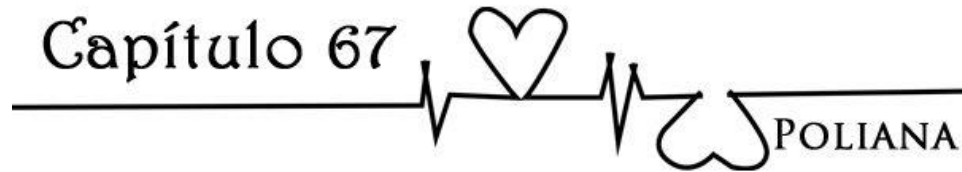
— Você não tem ideia do quanto está me ajudando, amor, sem você eu não sei como teria passado por esses dias. — Ele passa a mão nos cabelos desmanchando o penteado habitual e volta a me encarar. — Só me dá mais um pouco de tempo, tô cheio de coisas na minha cabeça.

Estico a mão para segurar seu braço.

— Por isso mesmo devo ir, assim você pode pensar e trabalhar melhor, sem distrações, e no fim de semana a gente se vê, serão apenas três dias.

Vinícius não concorda com minha ideia, diz que estou sendo teimosa e que não confio em nós. Talvez ele tenha razão, talvez eu realmente não confie em um relacionamento tão perfeito, no fundo eu ainda espero que algo de ruim aconteça.

Capítulo 67



POLIANA

— Eu vou perguntar só mais uma vez. — Ele me olha enquanto o elevador nos leva para a garagem. — Tem certeza?

Olho para as bolsas em suas mãos. Eu não consigo acreditar! Eu estou praticamente vivendo em seu apartamento, quase tudo o que tenho está em suas mãos. Olho para Joana deitada em seus pés tranquilamente e volto a olhar para ele.

— Sim, eu tenho — respondo com convicção.

Ele balança a cabeça e não diz mais nada. A porta se abre e ele coloca minhas coisas no carro.

— Eu vou para o Rio de Janeiro esse fim de semana — ele diz sem me olhar. — Terá uma palestra de um antigo professor e ele me convidou para participar.

— Tudo bem — digo olhando para o outro lado da rua.

— Na segunda, eu estarei de plantão; e na terça e na quarta, eu tenho duas reuniões com doadores do projeto.

— Tudo bem — repito sentindo o abismo entre nós.

— Na sexta vou para Curitiba, mas volto no sábado à tarde, provavelmente antes do restaurante fechar eu estarei de volta.

— Tudo bem...

Ele me olha, com os olhos azuis surpresos, sua testa marcada pelas linhas que se formam toda vez que ele fica irritado com algo.

— Que bom que está tudo bem para alguém aqui, não é mesmo?

— Vinícius... — Olho para ele e noto que ele está realmente triste.

— Tudo bem. Deixa pra lá. — Ele abana a mão no ar como se não desse importância.

— Vinícius, eu sei que as coisas são difíceis, que você tem uma rotina puxada e que eu poderia aceitar a sua proposta, mas eu não posso. — Seguro sua mão que está no volante, puxando-a para meu colo. — Não é uma questão de querer ou não querer, é simplesmente não poder, eu não posso. Quando saí daquela detenção eu estava apavorada, mal conseguia dizer meu nome completo e achava que a qualquer momento alguém iria me trancar ali novamente. Você não sabe o que é ser privada da sua liberdade de ir e vir, é a coisa mais horrível que pode acontecer a uma pessoa. As horas se tornam dias e os dias... Às vezes, eu perdia a noção de que dia era ou em que mês estávamos.

— Eu te faço sentir assim? — Ele me olha com um ar de mágoa pairando sobre ele.

— Não, mas eu tenho medo, eu tenho medo de me perder novamente. Eu jurei para mim mesma que nunca mais seria prisioneira de ninguém e de nada, não quero ser definida por nossos sentimentos, eu quero que estar ao seu lado seja algo que eu precise porque eu te amo e não porque não temos muito tempo. Eu preciso ter o controle da minha vida, guiar-me pelos caminhos que eu escolher sozinha, eu te amo.

Ele balança a cabeça como se não acreditasse em minha declaração.

— Mas eu preciso aprender a me amar também e isso eu preciso fazer sozinha.

Vinícius retira sua mão de meu colo e a passa pelos cabelos, olhando para a rua.

— Você tem razão — ele diz por fim. — Eu estou agindo como um moleque, me perdoe, você tem toda a razão. — Ele me puxa para um abraço apertado e sinto um peso sair das minhas costas. Sei que é difícil para ele compreender meus traumas, existem coisas que não tem como explicar, sentimentos que nos sufocam, mas que quando saem de nossas bocas parecem coisas banais. Sei que meus medos parecem sem justificativa, mas são meus medos e eu preciso aprender a lidar com eles. — Eu estou querendo compensar meu tempo ausente de forma errada, eu prometo que vou parar, vou descobrir uma maneira saudável para nós dois.

— Obrigada por me compreender — digo, sentindo-me feliz por poder ter uma conversa com ele, expor minhas opiniões, ter opiniões, ser respeitada e ouvida. Parece banal, mas para mim é mais uma vitória.

— Eu não estou fazendo nada de mais, apenas aprendendo a lidar com isso. — Ele passa a mão delicadamente por meu cabelo. — Eu ainda preciso aprender a respeitar seus limites, e prometo que irei aprender.

Ele me leva até meu apartamento, ajuda a colocar todas as minhas coisas de volta no lugar, me beija da maneira que eu adoro, me segura firmemente em suas mãos e toma de mim o que deseja, faz um agrado na cabeça de Joana e sai. E eu rezo para não estar fazendo nada errado.



Na sexta-feira saio mais cedo do restaurante, olho no relógio e noto que estou atrasada. Pego um táxi, um luxo que quase não me permito ter, mas que hoje se faz necessário. Quando chego à porta do projeto estou apenas dez minutos atrasada, subo as escadas correndo e passo pela recepção quase sem parar. Ao chegar ao meu destino, um sorriso surge em meus lábios.

— Olá, campeão. — Entro na sala e encontro Benjamin no mesmo lugar de sempre, ao seu lado direito está sua mãe sentada com as pernas cruzadas enquanto o observa brincar.

— Que bom que veio, ele estava te esperando — ela diz ao se levantar e me cumprimentar. — Sei que você não tem nenhuma obrigação, mas é que ele se apegou a você e para ele regras e horários são importantes. Você disse a ele que viria às seis e ele está te esperando.

Olho para o relógio e vejo que são seis e treze, estou treze minutos atrasada e me desculpo.

— Fico muito feliz em saber que minha companhia o deixa feliz.

— Muito! — A jovem loira se abaixa para falar com o garotinho e deixa um beijo rápido em sua cabeça antes de sair. — Eu já volto, posso deixá-lo com você alguns minutos? — ela me pergunta.

— Claro, fique à vontade, pode ir.

Ela olha mais uma vez para Benjamin e sai deixando-nos a sós. Me aproximo lentamente e sento ao seu lado, ele continua olhando para seus brinquedos como se não me visse, mas sei que ele sabe que estou aqui.

— Eu te trouxe uma coisa. — Retiro a caixinha de blocos de montar da bolsa e coloco à sua frente. — São todos vermelhinhos e tem janelinhas para você poder olhar lá dentro.

Benjamin ignora meu presente e continua brincando com os seus.

— Espero que goste. Escolhi com carinho. — Me inclino um pouco na sua direção, testo sua resistência e quando ele não se move, eu deixo um beijo rápido em seus cabelos.

O carinho que sinto por Benjamin foi algo que surgiu no primeiro dia em que o vi, não sei dizer o motivo e nem como, apenas sinto que ele me faz tanto bem que, às vezes, tenho dúvidas se sou eu quem precisa da sua companhia ou ao contrário.

Na maioria das vezes ele não interage comigo, mas hoje não é um desses dias, enquanto conto a ele sobre minha última visita ao orfanato ele faz algo que me surpreende. Enquanto falo sem parar ele se inclina em direção a seus brinquedos e recolhe um carrinho vermelho, ele olha para o pequeno objeto por um tempo e, em seguida, ele o coloca em minhas mãos.

— Para você — ele diz encarando o carrinho estendido em minha direção.

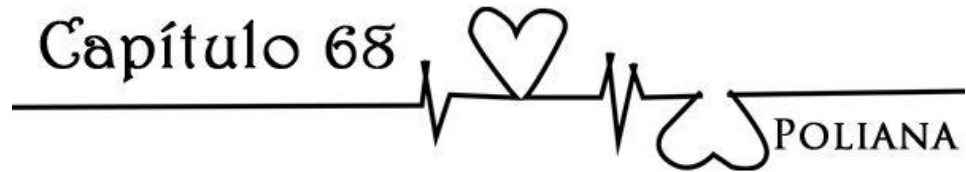
Fico um minuto sem saber o que pensar e estendo a mão pegando o carrinho que ele me dá.

— Vermelho — ele diz e aponta para meus cabelos.

— Vermelho — repito e sem pensar me inclino em sua direção e o abraço, ele se retesa e não me abraça de volta, mas não me importo, sei o quanto é especial esse gesto e não consigo conter a emoção. Olho para a porta e encontro sua mãe nos observando, o rosto jovem corado e os olhos cheios de lágrimas enquanto observa algo que para qualquer outra criança seria um gesto comum, mas que para o seu precioso garotinho é um avanço.

Ela se aproxima ajoelhando-se na frente de Benjamin e conversamos um pouco sobre sua condição, ela é muito madura e consciente de suas limitações e de suas possibilidades, tem planos para seu futuro e acredita que ele pode viver bem e até mesmo frequentar uma escola desde que encontre uma que esteja disposta a recebê-lo com carinho e paciência. Ela é bem jovem, mais nova do que eu pelo que parece e seu olhar parece sempre muito distante e triste. Imagino que não deve ser fácil para ela lidar com um menino tão especial como Benjamin e desejo do fundo do meu coração que eles sejam muito felizes.

Capítulo 68



POLIANA

— Pode deixar, amor, eu consigo dirigir. — Vinícius ri exageradamente enquanto guardo as chaves do seu carro de volta na minha bolsa.

— Não, é melhor tomarmos um táxi e amanhã você pega o carro.

Estamos na porta do restaurante aguardando o táxi. Denis, Marina, Eduardo, Melissa e mais alguns amigos deles estão saindo, todos levemente embriagados e conscientes de que não conseguirão dirigir, e esperam o táxi ao nosso lado.

O táxi chega e nos despedimos de todos. Foi uma noite atípica, era aniversário de Eduardo e todos tiraram o dia para comemorar, o problema é que comemoraram um pouco demais e Vinícius está embriagado, não tão bêbado como da última vez, mas o suficiente para contar piadas e perder um pouco do equilíbrio.

— Você não confia em mim? — Ele se inclina e me beija no pescoço de uma maneira invasiva demais para o lugar onde estamos. — Eu jamais colocaria a minha pequena em perigo — ele sussurra em meu ouvido.

— Vini, por favor. — O empurro colocando-o de volta no seu lugar antes que ele me agarre aqui dentro, ele vai sem resistir e sorri antes de apoiar a cabeça na janela do carro.

O táxi nos leva em segurança até seu edifício e dou graças a Deus quando entramos no apartamento. Jogo as coisas na mesa de jantar e vou para o quarto retirando os sapatos de salto que Marina me emprestou no meio do caminho.

— Eu não via a hora de estar a sós com você. — Vinícius me abraça por trás pressionando seu corpo excitado contra o meu. — Eu nunca te vi tão gostosa. — Ele ergue meus cabelos chupando e mordiscando minha nuca. — Adoro você... — ele fala enquanto acaricia meu corpo por cima do vestido curtíssimo, também empréstimo de Marina.

Seus beijos se tornam mais afoitos, suas mãos sempre delicadas me pressionam de forma erótica, seu corpo explora o meu de uma forma intensa me fazendo perder o equilíbrio, o ar, o chão. Ele se inclina sobre mim reivindicando minha boca enquanto me leva até a parede onde me apoia erguendo meu vestido.

— Eu te amo tanto... — ele diz enquanto retira uma alça do meu vestido expondo meu seio para seus lábios. — Você é tão linda... — Ele me beija, me toca, me excita, me ergue em seus braços com facilidade, me preenche, e quando ele começa a se mover, dizendo coisas desconexas, beijando-me afoitamente, possuindo-me com força, segurando-me de maneira tão diferente, o sabor do álcool em seus lábios, o cheiro da nicotina em sua camisa e até mesmo os sons que saem da sua garganta, enquanto ele está dentro de mim, me levam para um lugar onde eu achei que nunca mais iria.



Suas mãos já não são as mesmas em minha pele. Ou talvez elas nunca tenham sido diferentes, eu apenas nunca havia me dado conta do quanto elas me machucavam.

— Márcio... — Retiro sua mão do meio das minhas pernas. — Não — tento ser firme, estou cansada de fazer algo que não queira.

— O que foi? — ele diz voltando a me invadir com seus dedos de forma grosseira. — Você gosta, que eu sei... — Ele passa a língua em meu ouvido e me encolho sentindo meu corpo se arrepiar de maneira ruim.

— Eu não estou a fim. — Fecho minhas pernas, mas ele as força, abrindo-as e me machucando.

— Poliana, não me torture mais, eu tô com saudades. — Ele sobe em cima de mim, sufocando-me com seu peso. — Vai ser rapidinho, do jeito que tô na seca...

E então ele consegue, mais uma vez, e tudo o que faço é permitir que ele me use, não dura muito, apenas alguns minutos, nem mesmo dói, mas quando ele se levanta sem ao menos me dar um beijo, sem dizer algo que faça com que eu me sinta importante, eu choro. E então a dor vem de dentro do meu peito, rasgando minha garganta, sangrando minha alma. É o pior tipo de dor, porque ela deixa marcas que nunca serão esquecidas.



Vinícius me leva em seus braços para a cama, ainda estamos encaixados, mas não consigo mais me mover, apenas rezo para que ele termine logo... e nesse momento ele sente que não estou mais aqui, que fui levada pelas lembranças, que o que estamos fazendo já não é mais algo que me agrada, mas algo que me machuca de uma forma que não consigo explicar.

— Poliana? — ele me chama e noto que estou chorando. — Meu Deus... Poliana... — Ele me deita delicadamente na cama como se temesse me machucar e se deita ao meu lado, passando as mãos em meu rosto e tentando secar as lágrimas que não param de cair. — O que houve, meu amor? O que foi que eu fiz?

— Me desculpe... eu só... — paro de falar quando vejo o terror em seus olhos. Eu não quero que ele saiba que estava pensando em Márcio, eu não quero que ele ache que eu o estava comparando com aquele monstro, embora eu estivesse, não consigo evitar, é mais forte do que eu. — Você não fez nada.

— Eu te machuquei? — Ele se levanta, olhando para nossos corpos ainda vestidos e desalinhados. Ele fecha seu zíper e arruma a camisa. — Eu... merda! Eu não deveria ter feito isso... — Ele volta a se deitar segurando meu rosto de maneira protetora. — Eu te machuquei, Poliana?

— Não foi você... — digo finalmente. — Fui eu, me desculpa eu não consegui evitar, você estava tão... diferente. E eu simplesmente...

— Foi ele? — Vinícius pergunta sua voz mudando de acordo com seu humor. — Você estava pensando nele enquanto fazíamos amor.

Sento-me na cama cobrindo meu rosto com as mãos, estou envergonhada, porque sei que não há nada entre eles que possa ser comparado.

— Me desculpa.

— O que eu fiz para você que a fez lembrar-se dele? Diga-me e juro por Deus que nunca mais farei. — Vinícius parece apavorado e meu remorso aumenta, eu não o mereço, eu não mereço, sou suja e usada.

— Me desculpa. — As palavras saem baixas e cheias de dor.

— Pare de se desculpar, Poliana. Você não tem que pedir desculpas se um desgraçado machucou você dessa forma, a culpa foi minha, eu não deveria ter sido tão... — Ele respira fundo, tentando recuperar a calma. — Eu deveria ter sido mais delicado, eu não deveria ter te atacado dessa forma como um animal.

— Não. — Eu olho dentro dos seus olhos desejando que ele compreenda, não foi ele, nunca foi ele. Ele é a parte boa em tudo isso, é luz da minha vida. — Eu também quis que você fosse mais... — Baixo o olhar envergonhada, me sinto ainda mais suja por admitir e tenho medo do que ele possa pensar sobre mim. — Às vezes, eu também quero, mas não consigo... eu tento não pensar, mas é tão difícil... ele é tudo o que tive nesse aspecto. — Na verdade ele é tudo o que tive, em todos os aspectos, e essa constatação me enoja ao ponto de me fazer levantar da cama e caminhar pelo quarto parando na janela. Observo a noite iluminada abaixo de nós e tento não deixar todas as lembranças ruins estragarem minha noite. Mas é como frear uma barragem rompida.

Vinícius apoia as costas na cabeceira, o rosto nas mãos, os cabelos escondendo seu rosto bonito, quero me aproximar, mas não consigo, quero dizer a ele que continue, mas a simples ideia de tê-lo dentro de mim me causa repulsa. Sinto-me triste, quebrada e defeituosa.

— Me perdoe, Vinícius — digo ainda olhando para a rua. — Eu gostaria de ser uma mulher diferente, sem um passado tão feio, sem marcas, sem cicatrizes. — Olho para ele, que me observa ainda no mesmo lugar, com o rosto marcado por linhas de expressão que demonstram o quanto ele está chateado. — Infelizmente não sou.

— Vem cá. — Ele me estende a mão e vou até ele, me ajoelho na sua frente com as mãos nas coxas. Ele observa meu rosto, acaricia meus cabelos e coloca a minha roupa no lugar, tento impedi-lo, mas ele continua, me cobrindo até que eu esteja novamente vestida.

— Eu queria tentar outras coisas, mas sempre que você me toca com mais intensidade o medo me sufoca, o cheiro de álcool, a maneira como você me chamou de gostosa. — Não consigo mais falar, estou envergonhada demais para isso. — Me desculpa. Eu só queria fazer amor com o homem que amo como uma mulher normal.

— Hoje vamos fazer outro tipo de amor. — Ele me puxa para seus braços e me aninha entre suas pernas. Me sinto pequena envolta em seu calor, ouvindo seu coração bater e sentindo o carinho com que esse homem cuida de mim. — Quero fazer amor com a sua alma — ele sussurra em meu ouvido.

— Eu estraguei tudo — digo ainda com a cabeça deitada em seu peito.

— Não. Você não estragou nada. — Ele deixa um beijo no topo da minha cabeça antes de me afastar para olhar em meu rosto. — Eu quero que seja sempre sincera, Poliana. Se eu estiver fazendo algo que a incomoda me diga sempre, eu preciso saber.

— Você nunca faz nada que me desagrade, eu apenas fiquei com medo.

— Então vamos tentar outro dia, hoje quero ficar assim com você.

Vinícius faz desenhos com a ponta dos dedos em meus braços, suas pernas grandes e fortes estão estendidas, os pés descalços e a calça amarrotada, sempre me surpreendo com nossa diferença de tamanho, mas hoje me sinto protegida.

— A grande maioria das vezes ele me possuía, mesmo que eu não quisesse, mesmo que me incomodasse, era como se eu estivesse ali para servi-lo e quando acabava... — Respiro fundo tentando não deixar as lembranças me machucarem. — Eu me sentia usada, suja e errada.

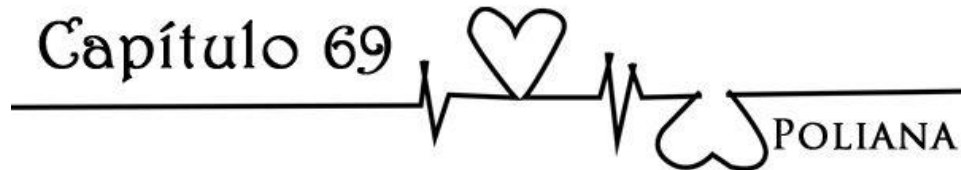
— Eu fiz você se sentir suja hoje? — ele pergunta, os lábios tão perto do meu ouvido que as palavras mal saem de sua boca. Hesito um pouco, não quero responder. Não quero que ele pense que é ele. — Poliana?

— Sim. — Ouço sua respiração, sinto sua tristeza e me odeio por magoá-lo.

— Isso não vai mais acontecer, ninguém nunca mais vai te usar. — Ele se inclina para frente, apoiando seu rosto em meu ombro. — Principalmente eu, seu corpo é sagrado e ninguém pode profaná-lo. Ele foi feito para adoração e é isso o que vou fazer com você sempre. Te adorar.

Vinícius não faz amor comigo. Ao invés disso deitamos de lado na cama, um de frente para o outro, e conversamos até o dia nascer, ele me conta coisas da sua juventude, suas viagens e as coisas engraçadas que aconteceram na sua vida, eu o ouço grande parte do tempo: primeiro, porque adoro ouvir suas histórias; e segundo, porque não tenho muito que falar, já que ele sabe tudo sobre mim. Não sei ao certo o momento em que adormecemos, mas no momento em que sua voz começa a ficar distante compreendo o que ele quis dizer com fazer amor com minha alma. Me sinto leve e relaxada de uma maneira que ato sexual nenhum consegue fazer.

Capítulo 69



Assim que abro os olhos, a primeira coisa que me vem a mente é Pollyanna. A garotinha com certeza encontraria uma maneira de ver algo bom em tudo isso. Me esforço para tentar e penso no sol. Ver o dia nascer assim tão de perto é maravilhoso, digo isso porque sinto como se ele mesmo viesse aqui e tocasse em meu ombro e dissesse: “Oi, garota. Vamos lá?”. Ver o milagre do sol iluminando e se impondo com toda a sua majestade me faz pensar em Vinícius e isso é o suficiente para eu sinta que estou fazendo a coisa certa. Talvez ele seja a minha parte boa em tudo de ruim.

— Se você não quiser, a gente não vai, amor. — Vinícius me abraça por trás apoiando sua cabeça em meu ombro. Hoje será minha primeira consulta com o terapeuta. Caroline nos levará ao seu médico e Vinícius tem certeza de que pode me ajudar. Eu também.

— Eu quero ir — digo apertando sua mão que descansa em minha barriga. — Eu só preciso fazer meus pés me obedecerem.

Eu realmente quero ir, sei que há coisas enterradas dentro de mim que não se curarão sozinhas, sei que nunca conseguirei me soltar por completo como desejo sem a ajuda de um profissional. Desde a última crise de choro que tive, há duas semanas, Vinícius me trata como se eu estivesse prestes a quebrar, não quero isso para nós, e por nós estou disposta a fazer algo que jurei a mim mesma que jamais faria. Eu vou contar minha história novamente.

A campanha toca fazendo-me dar um pulo e só então noto o quanto estou tensa.

— Eles chegaram. — Vinícius se afasta indo até a sala e me deixando sozinha, me sinto vazia sem seu corpo me protegendo e apavorada.

Ouçoo vozes, uma risadinha delicada e apoio meu rosto nas mãos. É uma boa ideia e sei que se tem alguém no mundo que pode me ajudar esse alguém é a Caroline. Conversamos muito sobre isso e eu sei que não consigo mais lidar com essa situação sozinha. Mas só de pensar em contar tudo o que me aconteceu para um estranho sinto meu estômago se revirar. Um tempo depois ouço uma batidinha de leve na porta do quarto e o rosto bonito dela surge com um sorriso enorme.

— Posso entrar? — Caroline pergunta ainda na porta.

— Claro, por favor.

Ela vem até mim e se senta ao meu lado, mantendo uma pequena distância. Caroline é uma garota muito discreta e tímida, as poucas vezes que nos encontramos quase não a vejo falar e sempre parece estar analisando as pessoas a sua volta, mas me sinto confortável ao seu lado, talvez por saber que ela, assim como eu, tem seus fantasmas.

— Estou tremendo — digo enquanto estendo minhas mãos para que ela as veja.

— É normal. — Ela segura minhas mãos nas suas, acariciando-as. — Permita-se sentir, Poliana. Se é para ter medo, então que seja.

— Estou apavorada — admito e quando ela sorri para mim é como se os anjos do céu cantassem. Ela me transmite paz.

— Deixe que os sentimentos venham, sejam eles bons ou ruins. Escondê-los cansa, é exaustivo e irritante e isso te enfraquece. Não se envergonhe de ser diferente, afinal de contas ninguém é igual a ninguém. Cada um tem dentro de si sua história particular, um amontoado de lembranças que formam a base do que somos. Coisas ruins acontecem o tempo todo, Poliana. O que faz uma pessoa não são as suas perdas e dores, mas como essas coisas te definem, o que precisamos aprender é como lidar com essas coisas, como torná-las algo positivo, como usá-las a nosso favor e não contra nós. — Ela me olha com seus olhos castanhos expressivos e cheios de doçura. — Todos nós somos como bebês aprendendo a andar, há aqueles que são mais confiantes, há os apressados e há os que caem, e quando um bebê cai, ele precisa de mais tempo até se sentir confiante novamente. — Ela sorri. — Nós somos como esses bebês, Poliana, a vida nos derrubou algumas vezes, agora nos resta encontrar a nossa confiança e levantar novamente. Não há regras, não há uma maneira única de fazer isso, cada um de nós descobre uma maneira de seguir adiante. Assim como um bebê só se levanta e dá seus passos quando se sente confiante, nós também precisamos descobrir o nosso jeito de fazer dar certo.

— Obrigada por estar aqui hoje — digo enquanto a envolvo em meus braços mesmo sabendo de sua resistência a contatos físicos.

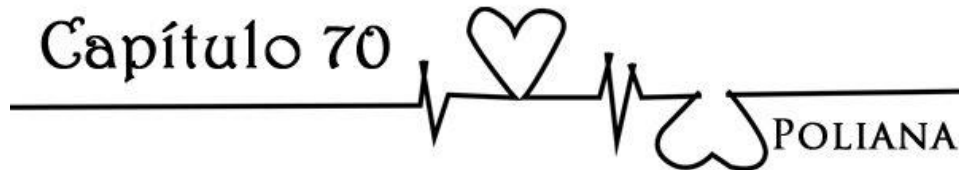
— Você não está sozinha, Poliana, é importante saber disso. Se você cair, estaremos aqui para ampará-la. Lembre-se: não é o que te aconteceu que te define, mas a importância que você dá a isso.

A porta se abre e Vinícius entra assustado vindo ao nosso encontro.

— Amor? — Ele se aproxima segurando uma das minhas mãos enquanto limpo meus olhos. — Está tudo bem? — Ele olha para Caroline e para mim como se tentasse descobrir sozinho.

Olho para a porta e vejo Gabriel apoiado na parede, com as mãos nos bolsos, o olhar fixo em Caroline. Ela vai até ele como se ouvisse seu pedido silencioso, ele a envolve em seus braços assim como Vinícius faz comigo, beija seus cabelos e pergunta se ela está bem, ela diz que sim e a paz volta ao rosto do rapaz. E nesse momento eu consigo compreender um pouco o amor que ele sente por essa garota e a dor que Vinícius carrega no peito por, mesmo sem querer, um dia tê-la machucado. Olho para o meu namorado e vejo a preocupação em seu rosto, quero ser melhor para ele, quero me libertar dos fantasmas do passado, quero poder dar a ele aquilo que ele merece. Meu coração. Inteiro. Limpo e forte. E vou fazer isso.

— Agora estou. — Estendo minha mão para ele e ele a segura firme. — Vamos?



interessantes de nos mostrar o quanto somos fortes.

Eu não sabia o quanto eu era, até conhecer o grupo de apoio à mulher. Lá descobri que não sou a culpada, sou a vítima, e que infelizmente não sou a única. Ainda tenho problemas em falar, na grande maioria das vezes ouço e em todas elas choro. A terapia com o Dr. Jorge também tem me ajudado muito, me sinto mais segura e merecedora de tudo o que tenho, principalmente Vinícius.

— Posso pedir logo? — ele pergunta com o papel da pizzeria nas mãos, deitado em minha cama, usando apenas uma cueca, os cabelos desgrehados e um ar satisfeito no rosto. Joana, sua fiel escudeira, está ao seu lado como se fosse capaz de palpitar no sabor escolhido. — Estou com tanta fome que sou capaz de comer um boi sozinho, acho que vou pedir duas pizzas.

— Você vai acabar engordando desse jeito — brinco olhando para ele.

Vinícius levanta os olhos do papel e me encara.

— Estou brincando, você está ótimo.

— Pode ser de queijo? — ele pergunta depois de ler as opções pela segunda vez.

— Pode ser o que você quiser. — Tiro a toalha do corpo, vestindo a calcinha e o sutiã. Ouço um assobio e me viro encontrando seu olhar malicioso enquanto fala pelo celular.

— Eu quero você — ele diz enquanto se aproxima puxando-me para seus braços. — Sim, por favor, duas de queijo — ele diz para o atendente enquanto tira meu sutiã me pedindo para permanecer em silêncio. — Não... nada para beber... — ele fala enquanto suas mãos passeiam por lugares estratégicos em meu corpo. — Quanto tempo demora? — Ele desliga e joga o aparelho para o lado, jogando-se em cima de mim. — Temos trinta minutos...



— A melhor pizza do mundo! — ele diz de boca cheia e sorrio deitada ao seu lado na cama.

— Você é viciado em pizza, não conta. — Olho para seu peito e me sinto corar ao notar os arranhões que deixei em seu peito dessa vez.

— Eu juro que é, só existe uma coisa no mundo mais gostosa que essa pizza. — Ele ergue uma sobrancelha enquanto coloca um pedaço gigante de pizza na boca.

— Jesus! Estou sendo comparada com um pedaço de pizza. — Finjo estar chocada, mas começo a rir antes mesmo de terminar de falar.

— Não é qualquer um, amor, é o melhor e você é melhor que o melhor. — Ele se inclina para mim e me beija rapidamente.

Levanto-me, levando os pratos vazios para a pia e arrumando as coisas. Ainda estou usando apenas uma calcinha, mas não me preocupo em vestir mais nada, tenho certeza de que não permanecerá muito tempo em meu corpo.



A TV está ligada e abafa o barulho do chuveiro, Joana permanece sentada ao pé da porta aguardando Vinícius sair. Tudo parece normal, apenas mais uma noite com meu namorado e minha cadelinha em meu minúsculo apartamento.

— Amor, daqui a uma semana tenho um jantar — ele diz secando os cabelos com uma toalha enquanto diminui a distância do banheiro até a cozinha em quatro passos. — Eu quero que você vá. — Ele se apoia na pia e cruza os braços no peito nu.

— Vinícius... — Olho para ele implorando, mas ele parece irredutível.

— Nem tente dizer não, você vai comigo, nem que seja carregada.

— Eu vou te fazer passar vergonha.

— Não, você vai fazer as outras mulheres passarem vergonha. — Ele me puxa para seus braços envolvendo minha cintura com a toalha molhada. — Você é linda e inteligente, não tem porquê ter medo. Vai dar tudo certo — ele diz enquanto me beija e então eu desisto de falar.



Seco minhas mãos suadas na calça jeans enquanto aguardo a porta ser aberta, olho em volta e vejo alguns universitários passando de um lado para o outro, é um típico reduto de estudantes e o último lugar no mundo em que eu imaginei que a encontraria.

A porta se abre e a espetacular Verônica sorri para mim.

— Poli! Você veio. — Ela me abraça exageradamente e me pego pensando em como duas pessoas tão diferentes conseguem viver em um mesmo lugar.

— Pois é, seu irmão não me deu outra escolha.

Verônica me convida a entrar e encontro Fábio sentado no sofá com um prato de macarronada nas mãos, ele acena para mim e volta a olhar para a TV.

— Quer macarrão ao molho branco? — Carol aparece da cozinha com um prato nas mãos também.

— Aproveita, é a única coisa que sei fazer — Verônica diz e todos riem.

— Você não vai se arrepender — diz Fábio. — Está uma delícia.

Aceito o convite e me junto a eles na pequena mesa de jantar, Verônica fala por todos nós, Carol diz alguma coisa de vez em quando e Fábio passa a maior parte do tempo de boca cheia, o que me faz lembrar de Vinícius.

— Onde está Gabriel? — pergunto para Carol, que sorri tristemente fazendo-me me arrepender de ter perguntado.

— Tivemos uma briga, ele foi embora mais cedo — ela diz remexendo o macarrão no prato.

— Sinto muito — digo de verdade, sei que eles se amam e fico triste de vê-los brigados. — Logo vocês se acertam.

— Gabriel é um idiota cabeça-dura — Verônica diz levando uma cutucada de Fábio. — Mas é verdade. — Ela ergue os ombros e penso no quanto ela e Marina são parecidas. Tenho certeza de que se Marina fosse uma garota do mesmo nível social que Verônica elas seriam amigas.

— Vou dormir, estou com dor de cabeça — Carol diz dando fim ao assunto, ela se levanta deixando seu prato na pia e saindo em direção ao quarto.

— Totalmente desnecessário o seu comentário — Fábio repreende Verônica.

— Eu estou com raiva, preciso expor minha opinião — ela se defende como se não fosse nada de mais falar assim do namorado da sua amiga. Ela e Marina são muito mais parecidas do que posso imaginar.

— Eles não precisam da sua opinião, precisam da sua compreensão — ele tenta explicar para a namorada, mas Verônica balança os ombros como se não se importasse.

— Ele precisa de uma internação — Verônica se excede e me olha. — Carol pegou maconha nas coisas dele — ela me explica e tento não opinar. Sinto meu coração apertar. — Agora ela fica assim. — Verônica aponta para a porta do quarto. — Já não basta os problemas dela? Por que ele tem que tornar tudo tão difícil?

— Vê... — Fábio a chama. — Você não está ajudando.

— Acho que é melhor eu ir embora. — Tento me levantar, mas Verônica segura meu braço mantendo-me no lugar.

— De jeito nenhum! Você fica ou eu vou atrás daquele idiota e arrebento a cara dele por fazer minha amiga sofrer.

Fábio tenta defender Gabriel, o que se mostra pouco inteligente da sua parte, Verônica está uma fera com Gabriel e acaba descontando no pobre namorado que se cala e volta a assistir TV. Carol não sai mais do quarto, me sinto triste por ele. Mesmo não o conhecendo muito bem vi muitos garotos perdidos por causa das drogas, vi muito mais do que gostaria de ter visto e muito menos do que sei que existe por aí.

Passamos as próximas três horas na frente do computador, Verônica me ensina a usar os talheres da maneira correta e como me comportar à mesa. Me sinto como Julia Roberts em *Uma Linda Mulher*, uma gata borralheira dos tempos modernos.

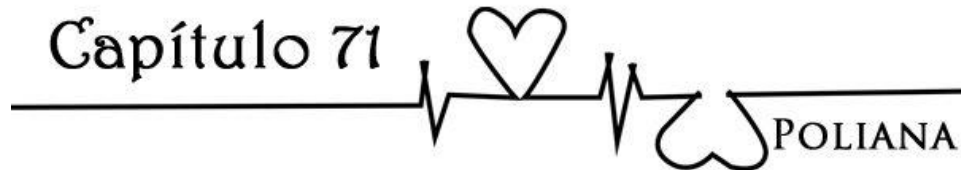
Já passa das dez da noite quando a campainha toca, Fábio se levanta para atender e quando Gabriel entra meu estômago se contrai. Ele está diferente, como se estivesse sofrendo uma dor tão grande que não é capaz de suportar. Verônica sai da sala em busca de Carol, ele permanece na porta, em silêncio, como se não conseguisse se comunicar. É triste vê-lo assim, ainda mais triste quando ela aparece na sala e o abraça, nenhum dos dois diz nada, é um abraço rápido, ele se encaixa nela de uma forma natural, deita a cabeça em seu ombro e sussurra algo em seu ouvido, nenhum de nós se move, tenho dúvidas se alguém está respirando. Gabriel ergue a cabeça e vejo lágrimas em seus olhos, desvio o olhar por me sentir mal por eles, Carol diz que tudo vai ficar bem e ele confirma com a cabeça. Ela pega sua bolsa, dá um beijo em

Verônica prometendo mandar notícias, se despede rapidamente de mim e Fábio e sai de mãos dadas com Gabriel.

“O que faz uma pessoa não são as suas perdas e dores, mas como essas coisas te definem, o que precisamos aprender é como lidar com essas coisas, como torná-las algo positivo, como usá-las a nosso favor e não contra nós”, as palavras de Caroline voltam à minha mente.

Abraço-me, sentindo uma onda de tristeza me abater. Sinto-me culpada por ele, como se de alguma maneira o fato de Márcio o ter prejudicado tenha algo a ver comigo. Me pego pensando em quantos Gabriel existem por aí, vítimas daquele monstro, quantos garotos se perderam em suas vidas, seduzidos por alguém que, agindo de má-fé o fez acreditar que tinha o controle de tudo. E enquanto esses pensamentos permeiam minha mente, me sinto igual a Gabriel, uma das inúmeras vítimas dele, que por mais que tenha sido libertada carregará para sempre as marcas de suas garras na alma.

Capítulo 71



O jantar é mais chato do que imaginei, porém me saio melhor do que eu esperava. Vinícius sorri para mim a noite toda e terminamos em sua cama.

Acordo antes dele, pois ele está de folga e precisa descansar, vou direto para o restaurante.

Estou trabalhando até tarde todos os dias, principalmente depois que o Sr. Gonçalves contratou uma nova garçonete, fui a escolhida para ajudar a garota porque Marina não gostou da pobre coitada, embora eu ache que ela está com ciúmes.

Graziela é uma boa garota, mais jovem, ingênua e tímida, mas uma garota bonita e milagrosamente percebo certo interesse de José por ela. No começo é imperceptível, mas com o passar dos dias se torna mais claro que ela mexe com ele. Sempre que ela passa atrai seu olhar, sempre que ela se atrapalha com algo ele a ajuda. Acho bonitinho e fico feliz.

— Lá vai o idiota do José babar na garota nova — Marina resmunga ao meu lado enquanto observamos ele falar com Graziela.

— Qual o problema, Marina? Deixa eles em paz.

Marina revira os olhos exageradamente, me fazendo sorrir.

— Nossa, que casal mais chato, imagina esses dois transando? — Ela olha para os dois e quase consigo ver as coisas que se passam em sua cabeça. — Deve dar sono de ver.

— Marina, você não é normal — digo ao me afastar indo até um homem de meia-idade que acaba de chegar.

— Disso todo mundo sabe — ela fala alto. — Mas eu sempre tenho razão.



Após o fim do horário de pico, o Sr. Gonçalves me pede para encontrá-lo no seu outro restaurante, que fica no centro da cidade. Ele quer conversar comigo e estou aflita só de pensar o que pode ser. Não posso perder meu emprego, não conseguirei arrumar outro com minha linda ficha de antecedentes criminais. Infelizmente a sociedade não acredita em inocentes na cadeia, menos ainda em bandidos regenerados.

Vou para o ponto de ônibus tentando imaginar o que ele quer falar comigo, tenho certeza de que até o fim do mês eu e Joana seremos duas sem-tetos e o pedido de Vinícius para que eu vá morar com ele ganhará mais um agravante. Quando chego ao restaurante, o Sr. Gonçalves me espera em sua sala, estou ansiosa e com medo.

— Poliana! — O Sr. Gonçalves me recebe com um sorriso amistoso nos lábios e imagino que ele não seria tão sádico de me receber com tanta alegria para chutar a minha bunda. Assim espero.

— Olá, Sr. Gonçalves. — Sorrio de volta, aceitando sua mão estendida para mim.

O Sr. Gonçalves me leva até sua sala e, antes que eu me sente, ele começa a explicar os motivos para que eu esteja aqui. Ele diz o quanto está satisfeito com meu desempenho no restaurante, sobre a diminuição dos gastos desde que eu estou fazendo o recebimento das mercadorias e me pergunta o motivo. Conto tudo sobre os erros de recebimentos que ocorriam quando o Milton era responsável pelas entregas, o Sr. Gonçalves ouve tudo atentamente e quando termino de falar ele me diz que há algum tempo vem investigando o nosso querido gerente, conta que o Milton está desviando as mercadorias que não chegam para um pequeno restaurante que ele tem em uma cidade próxima e que, graças aos meus relatórios, o Sr. Gonçalves pôde enfim descobrir a fraude e agora, neste exato momento, o Milton está no escritório de contabilidade assinando sua demissão por justa causa. E será indiciado.

Uau! Justa causa?

— Na verdade, Poliana eu tenho dois comunicados a te fazer — ele continua e me esforço para me manter focada na conversa. Milton preso! — Primeiro, eu gostaria de te agradecer por ter aberto meus olhos para o que estava acontecendo em meu restaurante, se não fosse por você com certeza eu não teria descoberto nunca, eu confiava demais no Milton.

— Não foi nada, Sr. Gonçalves, eu só fiz o que tinha que ser feito.

— E, em segundo lugar, eu gostaria de saber se você se interessa pela vaga de gerente do restaurante.

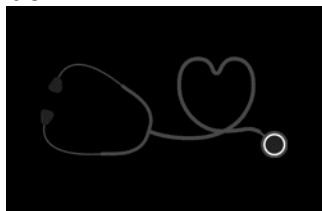
— O quê? — pergunto sem acreditar no que ele me diz.

— Isso mesmo, eu preciso de um gerente novo e não consigo pensar em alguém mais qualificado para o cargo, eu confio em você e sei que é uma garota esperta, inteligente e dedicada, isso é tudo o que preciso para um gerente de confiança.

— Eu não sei o que dizer, Sr. Gonçalves.

— Apenas diga que aceita. — Ele bate as mãos na mesa de forma alegre e consegue me fazer sorrir. A imagem de Vinícius surge em minha mente e o quanto ele vai se sentir feliz por mim, imagino seu sorriso e as palavras de apoio que ele sempre me diz.

— Então eu aceito — respondo.



Às oito da noite estamos todos em um bar gastando tudo o que eu não tenho para comemorar a minha promoção e a demissão do Milton, é claro.

Ainda estou tentando absorver tudo o que me aconteceu no último ano: passei de uma ex-detenta para uma gerente de restaurante. É mais do que eu poderia imaginar conseguir. Sinto pela primeira vez na minha vida orgulho de mim, conquistei algo por minha capacidade e a sensação de me sentir útil é algo que não tem preço. É além do salário ou do cargo, tem a ver com minha autoestima.

— Então você vai ser nossa chefe agora? — Marina fala com a voz um pouco enrolada.
— Hum, que metida, nem vem falar grosso comigo que não vou aceitar, hein! — Ela aponta o dedo para mim e todos riem.

— Para com isso. Claro que não, Marina, você sabe que nada vai mudar, vamos trabalhar exatamente como trabalhamos hoje.

— Mas sem o chato do Milton pra nos irritar — José acrescenta e todos nós concordamos.

— Você poderia comprar uns uniformes mais bonitos. — Marina se debruça na mesa encarando Graziela, que quase não fala nada. — Para suas funcionárias ficarem um pouco mais... — ela passa a língua nos dentes e sorri — interessantes.

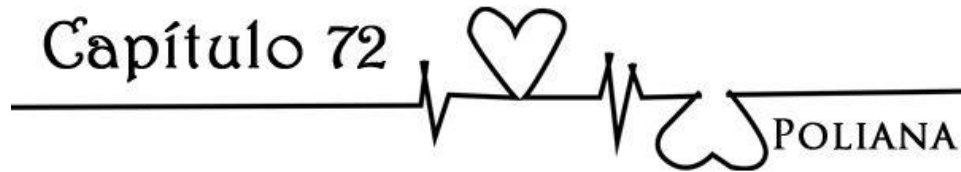
— Não vejo nada de errado com os nossos uniformes, eles são ótimos — José rebate e Marina mostra a língua para ele fazendo todos rirem.

— Marina! — a repreendo e ela se encosta na cadeira bebendo sua cerveja e revirando os olhos.

— Vamos fazer um brinde a gerente mais bonita e inteligente do mundo — Carlos diz erguendo seu copo e todos o imitam brindando a minha promoção.

José me deixa na porta do edifício, Graziela parece um pouco desconfortável, ou talvez seja apenas timidez. Inclino-me na janela e agradeço a eles por terem ido ao bar e exigindo que cheguem no horário, no dia seguinte. Pisco, sorrindo, e vejo o carro se afastar enquanto procuro minhas chaves. Quando chego ao meu apartamento estou tão feliz que tenho a sensação de que sou capaz de voar.

Capítulo 72



— Oi... — Ele sorri assim que abro a porta do apartamento e o vejo

— Olá, doutor.

— É aqui que mora a gerente mais gostosa da cidade? — ele diz apoiado na porta casualmente.

— Acho que você errou de endereço, aqui não tem ninguém com essa descrição. Talvez queira tentar no andar de cima. — Aponto para o teto e ele faz uma careta enquanto me puxa para um beijo.

— Gostaria de saber se você me daria a honra de levar a mais nova gerente da cidade para jantar — ele fala ainda com os lábios colados aos meus, sorrio puxando sua gravata para aproximá-lo de mim e ser beijada novamente. — Hummm, acho que vou receber isso como um sim... — ele diz enquanto me abraça, levantando-me do chão.

— Estava com saudade — digo quando me afasto.

— Eu sou saudade. — Ele segura uma mecha do meu cabelo nas mãos antes de se abaixar e me beijar mais uma vez.

Pego minha bolsa, me despeço de Joana e saio com Vinícius, ter ele aqui já se tornou uma rotina normal nos últimos meses desde que estamos juntos, todos no prédio já o conhecem e ele é sempre muito bem recebido... às vezes até bem recebido demais para o meu gosto.

— Você está bem? — ele pergunta quando entramos no carro.

— Estou sim, apenas com fome — digo ansiosa, excitada e louca de vontade de estar a sós com ele.

— Vamos resolver isso já. — Ele se inclina para me beijar e tento não atacá-lo. Ainda tenho restrições, ainda não consigo fazer sexo selvagem, preciso ter o controle da situação e me sentir livre. Mas estou melhorando, a grande prova disso é que mal consigo me concentrar no que ele diz, pois tudo o que consigo pensar é em estar na sua cama.

Vinícius nos leva a um restaurante muito bonito, ele está eufórico e cheio de novidade para me contar, pelo visto o congresso havia rendido frutos para o projeto e ele está tão feliz que mal consegue comer, o jantar é em comemoração as nossas conquistas, a minha promoção e as novas parcerias que ele havia conseguido. Mas eu não me importaria com uma sessão de pizza na cama. Tenho certeza de que seria muito mais proveitosa.

— Ainda vai demorar um pouco, mas o aparelho vai chegar, aquela máquina vai auxiliar muito para o acompanhamento do pré-natal das mães...

Ele fala pelo que parece horas, eu não sei o que responder na maioria das vezes, apenas demonstro a minha alegria por ele e repito um “que legal, amor” sempre que necessário.

— E sabe o Tomaz? — Vinícius pergunta. — Ele me deu uma boa ideia para aquela sala que está vazia — ele fala sobre o projeto que seu amigo músico tem de dar aulas para crianças

carentes duas vezes por semana. Ele parece quase um menino de tão feliz e me pego contagiada por sua alegria.

— O que foi, amor, não gostou da codorna? — ele pergunta enquanto remexo a comida. Deus do céu, eu mal sabia o que era uma codorna até a noite de hoje. Mas sorrio para ele mesmo assim.

— Não é isso. — Remexo-me na cadeira sem saber como dizer a ele que eu não estou com fome e que cada vez que ele se move, fala, sorri ou até mesmo mastiga, eu fico imaginado coisas que não são muito bonitas de se pensar em um restaurante.

— Você não está feliz? — Ele estende a mão para segurar a minha e o calor do seu contato me deixa ainda pior.

— Eu estou ótima. — Baixo meu olhar sentindo-me aquecer.

Vinícius parece notar, ele sempre nota quando escondo algo.

— Quer ir embora? — ele pergunta atencioso e preocupado.

— Sim, por favor.

— Tem certeza de que está se sentindo bem? — ele insiste.

— Eu estou... — Mordo o lábio tentando não parecer uma ninfomaníaca. — Estou com saudades de você — admito finalmente e o sorriso que surge em seus lábios demonstra que ele compreendeu perfeitamente o que eu quero dizer.

— Não se preocupe, amor, vamos resolver isso já. — Ele ergue a mão, prestes a chamar o garçom, quando um casal se aproxima cumprimentando-o. É um dos médicos que trabalha com Vinícius no hospital, o assunto se estende e logo o casal está sentado à mesa conosco para o meu total desespero, o médico é um senhor de meia-idade, mas sua esposa é tão jovem quanto eu, loira e com um corpo excepcional, ela sorri para mim de tempos em tempos já que não temos nada em comum para conversar.

— Estão comemorando a chegada dos novos equipamentos? — o médico sorridente pergunta. — Estou sabendo que teve grandes conquistas nos últimos dias. Parabéns, Becker.

— Sim, estamos muito felizes. — Vinícius segura minhas mãos e sorri para mim. — Mas, na verdade, estamos comemorando a promoção de minha namorada — ele diz cheio de orgulho e meu emocio.

— É mesmo? — O médico sorri para mim e sua bibelô fez o mesmo. — Meus parabéns, qual seu ramo de trabalho? — Ele parece finalmente ter me notado e sorrio nervosamente para ele ao responder.

— Sou gerente de um restaurante.

— Não me diga! — O homem parece em êxtase, algo que imagino ter sido intensificado pela bebida em seu copo. — Então, qual é seu restaurante para que possamos conhecê-lo algum dia desses. — Ele olha para sua acompanhante e novamente para mim. — Eu e minha esposa adoramos um bom restaurante.

— Na verdade, ele fica bem longe daqui. — Vinícius se adianta a falar antes mesmo que eu abra minha boca.

— Mas isso não é problema, gostamos de conhecer novos lugares, não é, bebê? — ele pergunta para a jovem que apenas sorri, me fazendo acreditar que a pobre garota não fala. — Nos diga.

— Façamos assim — Vinícius diz tranquilamente. — Qualquer dia desses eu convido o senhor para um jantar, e quem sabe eu consiga finalmente fazer com que o senhor disponha de algumas horas da sua semana para nos ajudar no projeto...

E assim Vinícius consegue atrair o assunto para o que ele mais gosta de falar: o projeto. Delicadamente solto nossas mãos e volto a remexer o sorvete derretido na minha taça, olho para a jovem plastificada em silêncio à minha frente e me comovo com sua solidão, eu nem sequer ouvi sua voz e imagino se o velho que ela tem ao seu lado é capaz de reconhecer. Tenho minhas dúvidas. A jovem me pega olhando para ela e me devolve o sorriso, branco bonito e triste.



— Se você não me disser agora o que está acontecendo, eu juro que vou enlouquecer. — Vinícius está sentado na ponta da minha cama com Joana deitada aos seus pés.

— Eu já disse, não estou me sentindo bem. — Não é uma mentira, eu estou me sentindo muito mal, na verdade estou me sentindo péssima.

— Ótimo, então vamos ao hospital, a farmácia, ao diabo que nos carregue, mas fala o que você tem porque eu não suporto esse silêncio.

— Eu não estou a fim de conversar hoje. — Começo a me desfazer do vestido enquanto vou para o banheiro limpar toda essa maquiagem do meu rosto.

— Mas a gente vai conversar, Poliana, eu odeio ser tratado como um idiota. — Ele vem até a porta do banheiro com os braços cruzados no peito.

— E eu odeio ser tratada como um objeto de decoração. — Bato o vidro de demaquilante na pia e olho para ele sem me importar com o rímel borrado em meus olhos.

— O quê? — ele pergunta como se realmente não compreendesse o que digo.

— Você tem vergonha de mim — afirmo, porque depois do episódio do velho e sua garotinha, eu não tenho mais dúvida. — Tem vergonha do que eu sou e de onde eu trabalho.

— Ah, não... — Ele levanta as mãos ao ar nitidamente irritado. — De novo esse assunto?

— Por que você não falou para aquele velho asqueroso onde eu trabalho? Eu adoraria ver a cara dele ao saber que você namora uma pobretona que cuida de um boteco recheado de caminhoneiros.

— Por que isso agora, Poliana?

— Se bem que, levando em conta o fato de que ele passou metade do tempo olhando para minhas pernas, não me admiraria se ele não me fizesse uma proposta para dividir a cama dele com sua... — Passo por ele abrindo a gaveta atrás de uma roupa mais confortável. — Como ele a chama mesmo? Ah, já sei! Bebê...

— Poliana...

— Quer saber? Foda-se, eu não me importo com a sua resposta, eu nem ao menos quero saber. — Vou até a porta e a abro. — Vá embora, doutor Becker, estou irritada demais para continuar essa conversa.

Vinícius vem até mim e fecha a porta, ignorando a minha irritação.

— Poliana... — Ele tenta se aproximar e empurro sua mão de perto de mim.

— Nem vem. — Vou para a minha cama e, pela primeira vez, odeio o fato do meu apartamento ser tão pequeno.

— Eu estava te protegendo — ele diz ainda da porta.

— Mentira! — grito sentindo um nó na garganta. — Mentira! Você teve vergonha, essa foi a primeira vez e quantas outras irão acontecer e quantas vezes você irá esconder quem eu sou? Não quero isso pra mim...

— Eu não estava com vergonha, eu estava com ódio daquele homem. Eu o conheço, sei da sua reputação e não quero ele perto da minha garota.

— Eu não sou sua! — grito mais uma vez.

— Chega! Para com isso, por favor, eu estou exausto desse assunto. — Ele vem até mim, sentando-se do meu lado e segurando meus pulsos para me fazer olhar para ele. — Eu te amo, Poliana, achei que você não tivesse mais dúvidas sobre isso.

— Eu não duvido que você me ame, Vinícius, mas não ama a minha origem, nunca vai amar.

Vinícius abaixa a cabeça nas mãos respirando profundamente, ele parece refletir sobre algo, uma pontada de medo me invade e tento ignorá-la. Mas, para minha surpresa, ele me puxa para seu colo me envolvendo em seus braços e fala com uma voz doce e macia:

— Eu não sei como fazer para você acreditar, mas eu não tenho vergonha de você. — Ele põe uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Aquele homem acredita que o dinheiro compra tudo, principalmente mulheres, se eu dissesse a ele onde você trabalha, se ele soubesse... ele não a trataria com tanto respeito, para ele você não passaria de uma prostituta.

— Ser pobre não é defeito, Vinícius.

— Para homens como aquele é — ele diz e sinto uma tristeza por saber que ele tem razão. Para pessoas como aquele homem ser pobre é um defeito quase tão grave quanto ser um bandido. — Para ele, mulheres lindas e pobres só servem para uma coisa. — Ele fica em silêncio e meu estômago se revira ao lembrar da garota ao lado dele. — Eu não quero aquele homem perto de você, nem por um segundo sequer. — Ele acaricia meu rosto enquanto olha dentro dos meus olhos. — Me perdoa se te magoei, mas eu só estava te protegendo.

— Então você não estava com vergonha? — pergunto começando a me sentir uma idiota.

— Não, nunca — ele diz com convicção.

— Então sou eu quem deve te pedir desculpas.

Passo meus braços por seu pescoço, abraçando-o, e sentindo as lágrimas inundando meus olhos. Estou exausta e por um momento gostaria apenas de deixar de sentir. Sentir às vezes cansa, no meu caso sempre cansa.

Capítulo 73



Tomaz é um homem intrigante.

Perto de Vinícius, ele mais parece um adolescente, estatura média, corpo magro e um cabelo de astro de rock. Ele chega ao projeto de moto, mas não é uma moto qualquer, ela é negra e imponente fazendo com que ele pareça ainda mais com um astro do rock. Tomaz tira o capacete e chacoalha os cabelos com uma mão como se deixá-los uma desordem fosse a sua verdadeira missão. Ele tira os óculos escuros e sorri. Ele tem um sorriso confiante, meio de lado que, unido ao seu ar de pop rock e sua moto, o torna um dos homens mais sexies que já conheci na vida. Depois de Vinícius, claro!

Vinícius o leva para conhecer o projeto, assim como faz com cada um que vem aqui pela primeira vez, ele mostra cada sala e explica o que acontece ali, Tomaz parece interessado e faz perguntas o tempo todo. Quando chegamos na sala vazia, ele parece ainda mais empolgado, como se visse ali a possibilidade de uma nova vida. Vinícius explica que não temos muitos recursos e que ele vai ter que se virar sozinho. Mas seria o mesmo se Vinícius tivesse dito que ele tinha uma verba de dois milhões de reais.

— Eu já conversei com os outros caras da banda, cada um vai doar um violão, tenho quase certeza de que consigo um teclado, mas preciso ver. — Ele olha em volta como se fosse capaz de visualizar as crianças sentadas ali. — Acho que dá pra fazer um bom trabalho.

— Muito obrigado. — Vinícius apoia sua mão no ombro do rapaz, que sorri orgulhoso.

— Vou poder tocar meu som para uma plateia só minha e de quebra ainda vou me livrar de alguns violões que não uso mais — ele brinca e dá um tapinha no braço de Vinícius. — Eu quem preciso agradecer por me permitir fazer parte desse projeto tão bacana. Fábio tem muito orgulho disso aqui.

Fábio, o namorado de Verônica, abastece o projeto mensalmente com livros infantis, revistas em quadrinhos e até alguns livros para as mulheres. Se continuar nesse ritmo vamos precisar montar uma biblioteca em breve.

Ver o projeto expandir me faz pensar no trabalho de formiguinha. Cada um faz a sua parte, ajuda com o que tem e no final das contas temos um grande centro de referência a mulher e a criança que atende por mês cerca de mil pessoas. E isso é só o começo.



Passamos o último fim de semana dando os últimos ajustes para a inauguração da sala de música Laura Smith. Dessa vez fiz questão de não colocar minhas mãos nas paredes e toda a arte ficou por conta dos garotos da banda que encheu as paredes de notas musicais, letras de

músicas e desenhos de instrumentos. Na segunda-feira está tudo pronto e mal posso acreditar que conseguimos deixar tudo pronto a tempo.

Um palco improvisado foi instalado no jardim e há tantas pessoas aguardando a apresentação que tenho a sensação de estar em uma lata de sardinha.

— Boa noite a todos — Vinícius fala ao microfone, sua voz de barítono estremecendo por aqueles alto-falantes e me fazendo sorrir como boba. — Essa noite estamos em festa, o projeto Laura Smith tem a honra de receber a ajuda desses caras fantásticos. — Ele aponta para a banda que está enfileirada um ao lado do outro. Tomaz, o líder, dá um passo à frente com a guitarra atravessada no peito e os óculos escuros no rosto, escondendo seus olhos. — A partir de hoje, a música fará parte do nosso dia a dia e espero que ela consiga alcançar a sua missão aqui, eu tenho certeza de que com a ajuda desses caras nós conseguiremos. Sejam bem-vindos! — Vinícius se afasta entregando o microfone para Tomaz enquanto todos aplaudem, assobiam e até mesmo gritam para a banda que se prepara.

— Olá a todos! — Tomaz fala, sua voz é suave como veludo, rouca e tranquila, ele sorri e segura o microfone com uma mão enquanto ajeita a guitarra com a outra. — Nós somos a banda Livre Acesso e, a partir de hoje, estaremos aqui duas vezes por semana para atormentar a vida desses médicos. Então galerinha que estiver a fim de aprender um som é só chegar. — As crianças aplaudem e ele sorri. — Mas tem uma condição. — Ele estende um dedo para a plateia que fica em silêncio como se fossem todos hipnotizados por ele. — Vocês terão que nos aplaudir bastante essa noite.

Os aplausos começam e junto deles os primeiros acordes da guitarra de Tomaz. Em seguida, a bateria e o baixo se juntam a ele e as pessoas continuam aplaudindo, as crianças eufóricas, a grande maioria delas estão vendo uma banda ao vivo pela primeira vez na vida e estar assim tão próximo de pessoas que fazem a magia da música acontecer os deixam com os olhinhos brilhando.

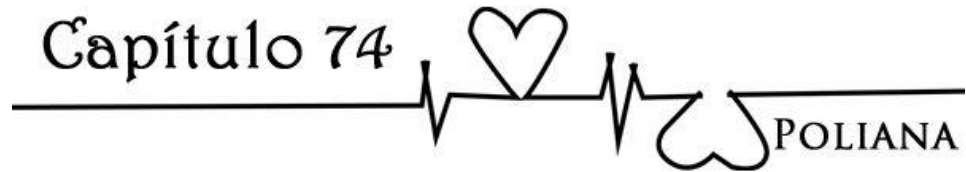
Ao meu lado, Caroline e sua cunhada Clara assistem ao show maravilhadas. Verônica e Fábio estão ajudando a banda e Vinícius está ao lado dos outros integrantes da equipe.

— Eu amo sua voz — Caroline diz referindo-se ao cantor enquanto canta o refrão de um rock clássico acompanhando Tomaz. — Que Gabriel não me ouça. — Ela revira os olhos e sorri, ela parece tão leve que mal a reconheço. Desde que começamos a frequentar a terapia juntas venho me aproximando mais dela, ainda continua uma garota calada e introspectiva, mas trocamos muitas histórias e ela tem me ajudado tanto. — Ele parece um anjo cantando.

Olho para o homem que se contorce segurando o microfone como se fosse o corpo de uma mulher e penso em qualquer coisa, menos em anjos. Olho para Carol e sorrio sabendo que Gabriel morreria se ouvisse ela falar assim do seu ex. Vinícius me contou sobre a complicada relação entre eles e sei que se existe uma coisa nesse mundo capaz de destruir o humor de Gabriel, essa coisa é Tomaz.

— Acho que eu não o chamaria de anjo. — Olho para Carol, que fica vermelha, e voltamos a olhar para o palco e suspirar pelo deus da guitarra: Tomaz.

Capítulo 74



POLIANA

Quase um mês depois as coisas parecem finalmente se encaixarem, já estou bem familiarizada com todas as obrigações de ser gerente, nada muito diferente do que eu já vinha fazendo há algum tempo. Marina e Graziela começaram a se entender e isso me deixa mais tranquila. José ainda não a chamou para sair e insiste em dizer que é tudo coisa da minha cabeça e que eles são apenas amigos.

No orfanato as coisas estão bem, Vinícius, Denis e Melissa prepararam o primeiro mutirão uma semana atrás, foi um dia inteiro dedicado a saúde das crianças. Enquanto eles examinavam, vacinavam e colhiam exames, eu me vi indo até a sala dos bebês. O lugar estava vazio e entrei indo para onde minha mãe marcou meu nome na parede. Me sentei no chão e toquei a caligrafia pequena e desgastada.

— Oi, mãe — falei para a parede. — Hoje eu compreendo melhor a Pollyanna, todos os dias antes de dormir eu penso na pior coisa do meu dia e tento vê-la da melhor forma possível, isso tem me ajudado muito. — Apoio minha cabeça na parede e fecho os olhos imaginando-a, tentando ver seus olhos, como seus cabelos eram e qual o som da sua risada. Sem querer, sem imaginar o quanto eu precisaria, ela me ajudou, sua história, seu amor por mim e o livro que ela me deixou me ajudam muito na terapia. — Acho que você ia gostar do que estou me tornando. Sinto sua falta, mãe... — falo baixinho e seco uma lágrima fujona. — Eu sinto muito a sua falta.

Capítulo 75



Estou preparando a velha máquina de café e como sempre me lembrando dele, tudo me lembra ele, a porta de entrada, a mesa que eles frequentam, o caixa, os chicletes de menta, absolutamente tudo. Estou tão absorta em minhas lembranças que não o ouço entrar.

— Bom dia!

Sua voz aquece meu interior fazendo-me rir voluntariamente, faz pouco mais de doze horas desde que nos vimos pela última vez e já sinto saudade. Viro-me para encontrar seus olhos de safira e seu sorriso de covinhas me saudando.

— Bom dia! — falo quase que em um suspiro e dou graças a Deus por estarmos sozinhos, pois tenho certeza de que pareço uma boba sorridente.

— Saí atrasado hoje, acho que preciso de um café! — Ele debruça sobre o balcão como se estivesse em casa.

— Você não toma café.

Seu sorriso debochado faz meu coração quase parar.

— É verdade, mas eu sempre tomo café quando preciso fazer algo que estou sem coragem.

— E o que você precisa fazer que necessite de um sacrifício tão grande? — Me aproximo roubando um beijo.

— Preciso convidar uma garota para um encontro — ele diz baixinho.

— Garota de sorte. — Pego uma xícara e encho com o café, entregando-o. — Ela deve ser muito especial para te fazer tomar o meu café.

— Você não imagina o quanto... — Ele sorri desviando o olhar para a xícara fumegante que coloco à sua frente. — Não precisava ter enchido a xícara. — Ele olha para o líquido com uma cara que me faz rir.

— Se ela é tão especial assim, acho justo que seja uma xícara à sua altura.

— Tudo bem. — Ele pega a xícara nas suas mãos e respira fundo. — Por ela eu faço esse sacrifício. — Ele faz uma careta quando toma o primeiro gole. — Tomar esse café é uma verdadeira prova de amor.

Me apoio no balcão, rindo da cara do meu namorado enquanto ele bebe o café como se sua vida dependesse disso.

— Poliana... — Ele coloca a xícara vazia no balcão e me encara. — Aceita ir ao baile comigo esse fim de semana?

Eu não consigo controlar minha risada. Eu em um baile?

— Você só pode estar brincando comigo... — Começo a limpar o balcão, obrigando ele a levantar os braços para que eu não o atinja. — Que negócio é esse de baile? Tipo conto de fadas?

— Na verdade é quase isso, só trocamos o cavalo branco por um SUV preto. — Ele sorri.
— E aí? Apenas diga sim e deixe o resto comigo.
— Eu tenho medo desses lugares, Vinícius, e se eu fizer alguma bobagem?
— Diga sim e confie em mim.
Fecho meus olhos rezando para que eu não me arrependa e falo:
— Sim!



Antes que eu perceba, o sábado chega ao fim e estou apavorada com a ideia de estar em um baile, seja lá o tipo que for. Nas últimas duas noites tive pesadelos, em um deles sonhei que caía no meio do castelo do príncipe como se eu fosse a Cinderela. Vinícius não me deu mais nenhuma informação a respeito e começo a achar que ele esqueceu. Até que, às seis em ponto, um carro preto para na porta do restaurante, acabando com todas as minhas esperanças. Mas não é o SUV de Vinícius que me espera, e sim o carro de Fábio. Verônica desce vindo ao meu encontro e atraindo olhares de todos dentro do restaurante.

— Poli! — ela me chama enquanto me abraça como se não nos víssemos há uma vida inteira. — Estou tão empolgada... — Ela bate palminhas atraindo o olhar de uma Marina calada e bastante enciumada. — Vamos logo que não temos muito tempo. — Ela me arrasta para fora do restaurante enquanto fala sobre cabelos, maquiagem e horários.

— Onde está o Vinícius? — pergunto ao entrar no carro e cumprimentar Fábio.

— Vini me pediu para vir buscá-la, ele ainda não conseguiu sair, está tão atarefado o pobrezinho, nunca o vi trabalhando tanto!

Verônica continua falando até chegarmos ao seu apartamento. Ela é exatamente igual ao irmão, consegue tudo o que quer e tem o dom de fazer as pessoas ficarem nas suas mãos, então deixo ela tomar as rédeas da situação. Afinal de contas, não tenho muitas opções, Caroline está à nossa espera na porta, ela me carrega para o quarto delas onde a grande surpresa de Vinícius me aguarda. Há uma caixa enorme em cima da cama e uma sacola no chão, fico um pouco envergonhada e surpresa, mas antes que eu fale algo Verônica me arrasta para o chuveiro entregando-me uma nécessaire e um roupão.

— Seja rápida, não temos muito tempo — ela me avisa antes de fechar a porta.

Faço o que ela pede e tomo o banho o mais rápido que consigo, quando abro a porta me surpreendo com Verônica me esperando na porta. Uma música agitada toma conta do apartamento e Caroline está empoleirada em sua cama separando uma maleta de maquiagem que eu tenho certeza de que pertence a uma profissional da área de beleza.

Verônica me derruba em uma cadeira no meio do quarto e começa a secar meus cabelos enquanto dança ao som da música que vem da sala, tenho vontade de rir com a situação e me sinto acolhida por elas. É quase como uma noite de meninas, só que nesse caso eu sou a única a ser paparicada. Quando Caroline abre a caixa quase caio para trás, eu nunca tinha visto algo mais lindo em toda a minha vida.

— Eu tinha certeza de que você iria amar! — Verônica dá gritinhos estridentes, balançando o secador e a escova no ar enquanto Caroline coloca o vestido na minha frente.

— Meu pai amado! — digo ao olhar no espelho e ver o quanto ele é lindo. Não tenho coragem de tocá-lo e Carol sorri ao meu lado.

— Ele me fez andar um dia inteiro atrás de algo que fosse a sua cara e acho que ele acertou. — Verônica sorri orgulhosa. — Meu irmão realmente sabe o que fica bem em você.

— Eu estou com medo de estragá-lo — digo ao passar a mão pelas pedras que adornam o busto e imaginando onde ele pode me levar que necessite de algo tão glamoroso.

Verônica pega uma pequena caixa preta e me entrega.

— Fecha essa boca aí, cunhadinha, que ainda é só o começo. — Seguro a caixa em minhas mãos. — Hoje é sua noite de princesa.

Abro a caixa e, envolto em um papel de seda vermelho, encontro um conjunto de lingerie grafite. Tento controlar a emoção ao imaginar Vinícius escolhendo essa peça e exatamente essa cor, o significado que ela tem para nós e o quanto ele se esforçou para que tudo fosse especial.

— Lindo, né? — Verônica se aproxima de mim, percebendo minha emoção. — Esse ele escolheu sozinho.

Carol olha para o conjunto que seguro em minhas mãos e nós três ficamos encarando-o por alguns instantes.

— Pode parar, Poli — Verônica me adverte. — Nem pense em chorar, você não vai estragar o meu trabalho, além do mais estamos ficando sem tempo.

Livro-me do roupão e visto o conjunto de lingerie com a ajuda de Verônica, que coloca o sutiã da maneira correta. Cabe perfeitamente e me sinto corar ao imaginar Vinícius comprando-as, ele com certeza sabe comprar lingerie. Em seguida, com a ajuda de Caroline, consigo me enfiar dentro do vestido e Verônica pôde enfim terminar seu trabalho em meus cabelos, usando babyliss, muito fixador e uma linda fivela dourada. No final do trabalho estou com os cabelos ondulados e com uma aparência despojada e extremamente sensual, a maquiagem é forte e evidencia meus olhos que parecem mais claros com a ajuda das mãos mágicas de Verônica e dos saltos eu quase pareço uma modelo.

— Vocês vão destruir essa noite — Verônica diz me olhando pelo espelho.

— O casal mais lindo da festa! — Carol concorda e sorrio com o comentário. Lembro-me de Marina, e tenho certeza de que ela adoraria estar aqui junto com elas.

Duas horas depois estou apaixonada pela garota maravilhosa que me encara no espelho, seus cabelos luminosos e ondulados e sua maquiagem forte e sensual fazem-na parecer uma garota de capa de revista com seus olhos dourados e boca rosada. Mas nada se compara ao vestido, ele é de um vermelho muito escuro, quase vinho, e abraça meu corpo como se tivesse sido feito para mim, meus seios se evidenciam em seu decote generoso e com a ajuda do sutiã, eles estão quase pulando para fora, o tecido macio e leve da saia longa rodeia meu corpo e tem uma fenda que termina na altura da coxa, é sensual e elegante ao mesmo tempo.

A adrenalina me consome, não sei onde pôr minhas mãos e como me comportar, tenho medo até mesmo de respirar e estragar tudo. A campainha toca e Verônica dá gritinhos histéricos que em nada me ajudam, Caroline sai para atender a porta e tenho a sensação de que posso morrer a qualquer momento.

— Ele chegou! — Caroline diz da porta com um sorriso tão grande que parece prestes a partir seu rosto no meio. — Se prepara, Poliana, ele conseguiu se superar.

— Como estou? — pergunto para Verônica, que dá os últimos retoques em meu cabelo.

— Você parece uma obra de arte. — Ela dá um beijo rápido em meu rosto e sorri. — Vá e seja feliz.

— Obrigada — digo sentindo que estou prestes a chorar.

— Não agradeça, apenas ame meu irmão. — Ela pisca seus olhos azuis para mim exatamente igual Vinícius faz e noto que ela também tem uma covinha. — Ele merece ser amado.

Verônica borrija uma nuvem de perfume e me obriga a passar por ela enquanto saio do quarto tentando manter meus nervos no lugar. Quando chego a sala, Vinícius está sorrindo com os elogios que Caroline faz para ele e quando seus olhos me encontram seu sorriso se desfaz e ele se endireita, arrumando a gravata borboleta. Não consigo me mover, estou congelada no mesmo lugar tentando descobrir em que momento da minha vida eu fui parar nas páginas de um conto de fadas.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida — ele diz ao se aproximar. Sinto meu corpo inteiro aquecer quando ele se inclina e beija minha bochecha. — Obrigado por aceitar ser minha princesa essa noite.

— Vinícius... — Perco o ar, a capacidade de formar uma frase, perco até mesmo a noção de espaço, tudo o que consigo fazer é admirar o homem elegante, parado à minha frente, olhando-me como se eu fosse a única mulher no mundo. — Você sabe mesmo comprar roupas bonitas.

— Não. — Ele sorri mostrando-me suas covinhas. — Eu sei exatamente o que eu gosto de ver em você.

Meu corpo reage a intimidade das suas palavras, ele é a síntese da beleza masculina bem na minha frente usando um smoking preto que destaca seus olhos azuis e seus cabelos dourados.

— Ah, Poliana, minha Poliana. — Ele me olha como se eu fosse algo saboroso. — Essa noite vai ser uma tortura.

— Eu estou nervosa — admito quando ele me oferece seu braço.

— Não fique, eu estarei com você o tempo todo. Agora vamos porque não quero me atrasar. — Ele chama pela irmã, que vem ao nosso encontro rapidamente com seu celular na mão tirando fotos nossas de braço dado. — Pare com isso, Vê! — Ele faz uma careta para a irmã. — Estamos indo, obrigado por cuidar da minha garota, ela está linda.

— Ela é linda, seu bobo, apenas acentuei sua beleza. — Ela dá um beijo amoroso em seu rosto e outro em mim. — Divirtam-se, faça valer a pena. — As últimas palavras ela fala para mim e me sinto encorajada por elas.

Despeço-me de Caroline e vamos em direção ao carro. Ele me ajuda a subir e fecha a porta indo para o banco do motorista.

— Não se preocupe, eu não sairei do seu lado — ele promete e me leva para a nossa noite de gala. Seguro sua mão o tempo todo sentindo-me feliz de uma forma como eu nunca estive antes.

Essa noite será mágica. E não perderei nem um minuto sequer.

Hoje sou princesa e estou vivendo meu conto de fadas.

Capítulo 76



Vinícius sai do carro e dá a volta para me buscar, estamos em um lindo buffet na cidade vizinha, o lugar mais parece um palácio com longas janelas e paredes de pedra, muros altos e um jardim, muitos carros estacionados e pessoas por todos os lados, homens elegantes e mulheres extraordinárias me deixando cada vez mais assustada e nervosa.

— Eu não acredito que você me trouxe em um lugar desses — digo ao sair do carro e perceber que o lugar é ainda maior do que eu imaginava. — Eu não sei me comportar em um lugar assim.

— Confie em mim, amor, você está linda. — Ele passa a mão por minha cintura trazendo-me para mais perto. — E eu estarei aqui ao seu lado.

Respiro fundo e encaixo meu braço no seu e vamos em direção à entrada. Quando chegamos, uma jovem nos recepciona e me cumprimenta como a Sra. Becker, sorrio e Vinícius me guia de maneira galante para dentro do salão.

O lugar é ainda maior e mais imponente visto de dentro, mesas com arranjos que parecem prestes a tocar o céu, pessoas circulando por todos os lados, mulheres elegantes, um verdadeiro desfile de moda, fazendo com que os concursos de miss pareçam brincadeira de criança. Uma banda está no centro do salão, a música é suave e discreta, a pista de dança está vazia, a não ser pelo suntuoso lustre que paira como uma nave espacial vinda do planeta luxo, cristais reluzem dando um ar de magia ao lugar.

— Respire, Poliana! — ele sussurra em meu ouvido e percebo que estou realmente prendendo a respiração.

Sorrio, nervosa, enquanto observo o quanto ele parece extremamente confortável diante de tanto luxo. É seu mundo, ele nasceu para isso, para brilhar, para ser amado e admirado. E não demora muito para que nossa presença seja notada, começo a ver os olhares femininos que ele atrai e tento não me importar com isso. Vinícius é o homem mais bonito da festa e está comigo.

Não conseguimos chegar muito longe e logo um grupo de homens de meia-idade nos alcança cumprimentando Vinícius, ele educadamente me apresenta para todos, mantenho meu sorriso nos lábios enquanto observo encantada como os homens mais velhos olham para o brilhante doutor Becker, ele mal nota a fascinação que causa nas pessoas e isso faz dele um homem ainda mais intrigante e especial.

— Um beijo pelos seus pensamentos... — ele sussurra quando finalmente conseguimos nos afastar da primeira roda de médicos.

— Estou tentando contar a quantidade de mulheres que estão te olhando neste momento. — Olho para ele e vejo o sorriso que tanto amo em seu rosto.

— É mesmo? — Ele ergue uma sobrancelha. — E são muitas?

— Não sei, acabei de perder a conta, parei do duzentos e trinta e cinco.

Ele ri, escandalosamente, elegantemente, sensualmente e faz com que o pobre músculo que vive em meu peito pare de bater por uns instantes.

— Amor, faça como eu, ignore. — Ele coloca uma mão em minhas costas, me conduzindo em direção a uma mesa que está ocupada por dois casais, um deles reconheço imediatamente, são Eduardo e Melissa, e me sinto aliviada por saber que não estou sozinha. O outro casal eu nunca vi, ele é um homem de cabelos grisalhos e olhos azuis, que me faz lembrar um ator americano de filmes da máfia, ela é loira, elegante e de uma beleza clássica que exala riqueza e arrogância.

— Ignorar? — pergunto antes de chegarmos a mesa.

— Sim, ou você acha que eu não estou vendo os olhares que o seu decote está recebendo — ele sussurra mais uma vez antes de se aproximar da mesa dando um abraço em Eduardo e um beijo em Melissa. Olho para os meus peitos imediatamente e tenho a impressão de que estão realmente prestes a pular para fora do vestido.

— Poliana! — Melissa me abraça com sua gentileza de sempre. — Que bom vê-la aqui.

Cumprimento-a enquanto vejo Vinícius abraçar e beijar o homem e a mulher que também estão na mesa. Vinícius se aproxima novamente com a mão espalmada em minhas costas.

— Quero que conheçam Poliana. — Sinto o toque dos seus dedos na pele exposta das minhas costas como se ele tentasse me acalmar. Muito sábio da parte dele. — Poliana, esses são o Sr. Otávio e Sra. Marilda Becker, meus pais.

Olho para Vinícius, que sorri para mim de forma tranquila, em seguida estendo minha mão gelada e trêmula para seu pai, tentando não parecer tão assustada como realmente estou. Em todas as vezes que imaginei como seria esse encontro jamais pude chegar nem perto de conhecer os pais de Vinícius em um lugar como esse.

— Prazer em conhecê-los — digo com a voz fraca e trêmula assim como o restante do meu corpo. O Sr. Otávio é gentil e me devolve o aperto de forma cordial, mas sua mãe não parece ter gostado muito da minha cara e seus dedos parecem prestes a derreter quando entram em contato com os meus.

— Finalmente... — ela diz ao sorrir e finjo não notar a forma como ela me analisa. — Eu venho ouvindo falar muito de você ultimamente.

— Espero que sejam coisas boas. — Sorrio de volta e olho para Vinícius, que continua com sua mão espalmada em minhas costas.

— Mas é claro, amor, eu jamaisalaria algo que não seja o quanto você é especial.

Sentamo-nos na mesa deles, Vinícius coloca sua cadeira bem perto da minha e segura minha mão entre as suas o tempo todo e tenho certeza de que ele consegue sentir meu nervosismo porque de tempos em tempos ele acaricia meu pulso com o polegar enquanto conversa com seu pai e Eduardo.

Observo a maneira como sua mãe age, até mesmo para respirar ela parece superior, não consigo entender como aqueles dois foram capazes de criar filhos tão maravilhosos como Vinícius e Verônica. Eu poderia jurar que essa mulher foi produzida pela mesma forma que Mônica e esse pensamento me causa um mal-estar instantâneo.

Um momento depois ela me olha e sorri, colocando uma mecha atrás da orelha com seus dedos longos e finos. Um grupo de pessoas se aproximam da nossa mesa e Vinícius, Eduardo e seu pai se levantam para cumprimentar os homens, Melissa puxa um assunto a respeito das aulas de música que começaram há cerca de uma semana e o quanto seus pacientes estão

empolgados. Dona Marilda ainda não falou comigo, mas posso sentir que estou sendo analisada minuciosamente porque, enquanto converso com Melissa, sou capaz de sentir o peso do seu olhar pairando sobre mim.

— Onde vocês se conheceram? — Ela finalmente faz a pergunta que eu esperava.

— Vinícius, Denis e Melissa almoçam no restaurante onde trabalho — respondo com um sorriso nos lábios antes de olhar para a doce médica ao meu lado.

— Então você tem um restaurante? — ela pergunta e tenho a certeza de que essa mulher tem uma filha fora do casamento. Ela tem que ser a mãe da Mônica. — Que interessante! — ela completa com um ar de ironia explícito.

Aumento meu sorriso e respiro fundo. Essa mulher não vai me abalar, já tive um intensivão com a sua filha bastarda e não vou cair nessa.

— Ah não, não sou dona de nada. — Balanço minha mão no ar. — Eu apenas trabalho lá, sirvo mesas, anoto pedidos... recebo gorjetas.

Ela ergue uma sobancelha e Melissa pousa o guardanapo nos lábios nitidamente escondendo um sorriso.

— Sou apenas uma garçonete.

Vinícius se aproxima sentando-se ao meu lado espalmado sua mão em minha perna enquanto encaro a cobra que ele chama de mãe.

— Ela é a garota de quem lhe falei, mãe. — Ele me olha com um sorriso apaixonado nos lábios e sinto vontade de beijá-lo. Um beijo de verdade, com direito a língua e muito barulho, talvez assim eu consiga tirar aquela arrogância da cara da sua mãe.

— Sim, eu percebi — ela responde e para sua sorte uma mulher se aproxima cumprimentando-a e tirando-a de perto de mim.

— Acho que sua mãe não gostou muito de mim — digo a Vinícius quando ele se inclina para me dar um beijo rápido.

— Não se preocupe, ela não gosta de ninguém, depois passa.

Depois disso ela não me dirige mais a palavra e eu tenho a certeza de que minhas chances com ela são inexistentes. Ótimo, eu não faço mesmo o tipo que fica correndo atrás de “sogra” e pelo visto Mônica sempre será a sua preferida.

Vinícius é sem sombra de dúvida o homem mais assediado da noite, para meu alívio a grande maioria está acima dos sessenta anos e são homens, Melissa e Eduardo acabam saindo da mesa para falar com outros colegas de trabalho e por um instante me sinto deslocada e sem saber o que fazer.

Quando a pista de dança começa a se encher, Vinícius me convida para dançar e eu aceito imediatamente, não que eu goste de dançar, eu mal consigo me equilibrar sem passar vergonha nesses saltos, mas tenho certeza de que o inferno é mais agradável do que estar ao lado de sua mãe. Sendo assim vou para a pista de mãos dadas com Vinícius.

— Por favor, diz para mim que você é um excelente dançarino — falo enquanto passamos entre os casais.

— Você não sabe? — ele diz e tenho a impressão de que o sorriso está fixo em seus lábios. — Eu sou praticamente o Fred Astaire.

— Quem? — pergunto confusa. — Ah, deixa pra lá... desde que você não me deixe cair.

— Meu amor, fique tranquila, você está comigo e eu nunca vou deixar você cair. — Ele se inclina beija meu rosto devagar, roçando seu nariz em minha pele antes de completar. — Eu te seguro.

Uma emoção preenche meu peito com tanta força que fica difícil respirar, sinto em suas palavras todas as promessas que ele me fez, desde que nos conhecemos, da mesma forma: seja no restaurante, no meu apartamento, no hospital, no projeto, no orfanato, em seu apartamento ou aqui no meio dessas pessoas que não fazem ideia do que é ser uma garota como eu. Ele me olha da mesma forma, ele me segura com a mesma força e promete estar comigo. Envolver meus braços por seu pescoço e beijo seus lábios rapidamente.

— Eu te amo — declaro olhando em seus olhos e ele balança a cabeça puxando-me para mais perto.

— Acho que não ouvi direito. — Ele inclina um pouco mais o rosto para perto. — Repete.

— Eu amo você — falo novamente e a cada vez que repito, as palavras parecem sair com mais força.

— Como? — ele pergunta novamente.

— Vinícius! — Dou um tapa em seu braço e ele ri.

— Eu também te amo, minha pequena. — Ele se move, lentamente, levando-me consigo, sinto-me flutuar, sendo carregada pelos seus braços fortes e confiantes.

— Não quero te envergonhar na frente de todas essas pessoas importantes. — Acaricio as pontas dos seus cabelos próximos a gola de sua camisa. — Por favor, me avise se eu fizer algo errado.

— Olhe em volta, Poliana. — Ele olha ao nosso redor e sigo seus olhos enquanto continuamos a dançar. — Procure no salão um homem que olhe para sua acompanhante da mesma forma que olho para você.

Sinto meu rosto aquecer, não olho para ninguém, porque não há nesse salão um homem de alma mais pura e bondosa do que ele.

— Então pode ficar tranquila, acho mais fácil eu a envergonhar com essa minha cara de apaixonado.

— Eu amo a sua cara de apaixonado — digo olhando para ele e suspirando.

— Ótimo, porque é a única que tenho no momento.

Continuamos a dançar, de vez em quando somos abordados por alguma pessoa conhecida, Vinícius sempre atencioso cumprimenta e me apresenta e logo estamos sozinhos novamente, isso se repete por todo o tempo.

— Sua mãe me odeia — digo com a cabeça deitada em seu peito enquanto uma mulher de voz sexy canta uma música triste.

— Não seja boba, Poliana, impossível odiar você. — Ele apoia sua cabeça em meus cabelos enquanto nos movemos pra lá e pra cá. — E uma hora vocês iam ter que se conhecer.

— Podia ser outro dia.

— Quando? — ele pergunta.

— Daqui a duzentos anos talvez.

Ele ri e sinto seu peito se mover.

— Minha mãe não tem nada contra você, ela apenas não gosta de nenhuma garota, mas ela se acostuma. Ela não te conhece, mas conhece o efeito que você tem sobre mim.

Afasto-me para olhar em seu rosto.

— E qual o efeito que tenho em você? — pergunto sem compreender.

— Você me mudou, me fez desejar ser um homem diferente, me fez querer apenas uma mulher na vida. Hoje sou um homem mais tranquilo, mais centrado e maduro, e isso foi graças a você.

— Eu?

— Sim, você. — Ele passa as costas da sua mão em meu rosto acariciando minha pele.

Outro casal se aproxima, a mulher nos cumprimenta e parabeniza Vinícius, tenho a sensação de que ele é o centro das atenções, já que não há uma pessoa que não passe por nós e não nos cumprimente.

— Você é a pessoa mais importante dessa festa, doutor Becker — digo alisando a lapela do seu smoking.

— Engano seu, minha pequena, a pessoa mais importante dessa festa é você. — Ele deixa um beijo no alto da minha cabeça no momento em que a banda para de tocar, as pessoas a nossa volta começam a se afastar e Vinícius se afasta segurando minha mão com um sorriso misterioso nos lábios. Ele me leva um pouco mais perto da banda no momento em que uma nova música começa a tocar.

As pessoas continuam paradas.

A mulher de voz sensual começa a cantar.

Vinícius se ajoelha.

E o mundo para de rodar.

— Vinícius... — Seguro seu braço tentando fazê-lo se levantar. Ele se livra do meu braço sutilmente, sorrindo. — Está todo mundo olhando... — sussurro sentindo meu coração disparar no peito.

— Sim, meu amor, essa é exatamente a intenção. — Ele olha para a vocalista, que está sorrindo, como se já soubesse que ele faria isso. — Eu quero que todos olhem e ouçam o que vou falar. — Ele limpa a garganta e passa o dedo na gola da camisa.

Alguém o encoraja, alguém diz que isso é lindo, outra pessoa faz uma brincadeira e então eu ouço um assobio escandaloso e familiar, olho em direção ao som e encontro Marina ao lado de Denis, Verônica, Fábio, Carol e Gabriel. Todos estão olhando para nós e Vinícius mantém seus olhos em mim, apenas em mim.

— O que... o que é isso? — pergunto sentindo meu coração bater tão forte que tenho dificuldades de respirar.

— Naquele dia, quando menti sobre seu trabalho, você achou que eu tinha vergonha de quem você é. — Ele parece nervoso e suas bochechas começam a ficar coradas. — Eu sei que errei, e peço perdão da maneira que sei fazer. Hoje estamos aqui — ele estende a mão apontando para todo o salão —, diante das pessoas mais importantes que conheço: meus pais, meus amigos, minha família, meus professores e chefes, padrinhos do projeto, colegas de profissão, pessoas que tem meu respeito e minha admiração. E é aqui, na frente de todos eles, que eu quero te pedir perdão, dizer que você é a mulher mais incrível que já conheci, que, além de linda, tem um coração enorme e uma força de vontade de viver que me inspira todos os dias, é por você que acordo todos os dias desejando ser um homem melhor, e é por você que durmo todas as noites agradecido por ter tido mais uma chance...

Sinto meu coração parar de bater só para pegar impulso e disparar novamente. As borboletas... antigas conhecidas minhas estão em uma coreografia ritmada ao som da música que soa ao fundo. E meu corpo... bom, esse eu já não sinto mais.

— Vinícius, por favor... — peço sem saber ao certo o quê. Estou em choque, emocionada e tão nervosa que mal sinto minhas pernas.

Levo minha mão a garganta e só então noto que estou chorando. A orquestra toca uma música suave, uma melodia lenta e propícia ao momento e assim que a cantora começa o primeiro verso eu sei que essa música estará eternamente gravada em meu coração.

*“Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida”*

Neste momento, o salão está todo em silêncio, apenas a voz doce e romântica da cantora embala o nosso momento. Vinícius ajeita o paletó, passa a mão nos cabelos, me olha e sorri e eu sorrio de volta, sentindo como se um a um os convidados dessa noite desaparecessem até que existam apenas nós dois.

— Eu não sei se existe um momento certo, um ponto em que as coisas se tornam essenciais, não sei ao certo se acontece com todos, mas eu sei que minha vida só tem sentido porque sei que você está aqui. — Ele baixa o olhar como se buscasse forças para continuar, sua voz embarga e as minhas lágrimas já estão correndo soltas pelo meu rosto. — Sou um cardiologista, minha vida é cuidar desse músculo que nos mantém vivos, mas eu só descobri sua verdadeira função no dia em que senti o seu parar de bater em minhas mãos.

Choro sem me importar se estou com a maquiagem borrada, sem me importar com a vontade louca que estou sentindo de sair correndo porque o medo é quase tão grande que me sinto sufocar, sem acreditar que estou mesmo vivendo esse momento e ciente de que já sei como isso tudo vai acabar. Estendo a mão e toco seu rosto, acariciando seus cabelos e deixo um beijo neles.

— Eu sei tudo sobre a função vital desse órgão que bate aqui dentro. — Ele coloca o punho fechado no meio do peito. — Mas eu não faço a menor ideia de como mantê-lo vivo sem você ao meu lado.

E então ele coloca a mão no bolso.

E eu coloco minhas mãos na boca.

Ele sorri.

Eu choro.

Ele segura minha mão.

E neste gesto simbólico está todo o meu corpo, minha alma, meu coração, estou inteira em suas mãos e mesmo que eu desejasse algo diferente, não tenho mais esse poder. Sou dele, sempre fui. Só demorei demais para aceitar.

— É isso aí, Dr. Hollywood. — Ouço Marina gritar e as pessoas rirem até que ele retira de dentro do paletó uma pequena caixinha preta. Seus olhos ternos e apaixonados, aqueles olhos que amei desde o primeiro momento, meu céu particular, minha paz, minha mansidão, me olham com tanto amor que eu tenho certeza neste momento de que sim, alguém pode morrer de amor.

— Poliana, no dia em que te salvei você levou consigo o meu coração, e desde então não sei mais viver sem ter você.

A música confirma as palavras de Vinícius e dessa vez eu tenho certeza, eu não sou a única chorando ali.

— E hoje eu te peço, espero que pela última vez. Aceita ser a minha mulher? Não precisa ser hoje, nem daqui a um mês, pode ser quando você estiver preparada...

Minha mão trêmula desce até meu colo em uma tentativa vã de manter meu coração dentro do peito. Balanço a cabeça, incapaz de falar, e Vinícius acaricia meu rosto, secando as lágrimas que o molham, em seguida ele coloca o anel em meu dedo anelar e o beija.

Não vejo o anel, apenas sinto o peso dele em minha mão. Não ouço as palmas e assobios. Também não consigo saber se a música ainda toca. Meus olhos só capturam uma única imagem, aqueles olhos espetaculares que me fazem juras de amor em silêncio, as juras que eu sempre vejo quando fazemos amor, a devoção, o respeito e o carinho que aqueles olhos sempre tiveram por mim, e é para eles, somente para eles, que eu finalmente falo:

— Receba meu coração, ele é todo seu, para sempre!

Vinícius se levanta e, em meio a uma salva de palmas, gritos, assobios e suspiros, ele me envolve em um beijo apaixonado, com sua mão em minha nuca da maneira possessiva e carinhosa que ele sempre me beijou.

— Graças a Deus... — ele diz em meus lábios quando o beijo acaba e sorrimos enquanto as pessoas se aproximam dando tapinhas em suas costas e me parabenizando. — Eu estava ficando traumatizado.

— Me desculpa por ter demorado tanto. — Acaricio seu rosto. Eu precisava de uma boa desculpa.

— Tudo bem, valeu a pena esperar.

Depois de sermos cercados por algumas pessoas conseguimos sair da pista e assim que colocamos o pé para fora sou surpreendida por Marina.

— Eu não acredito que você aceitou! — ela grita enquanto me abraça e me beija. — Ah, sua vaca! Você vai mesmo se casar com ele?

Sorrio enquanto ela olha para meu anel e diz bobagens. Observo Verônica e Carol acompanhadas de seus namorados e vou até elas.

— Então vocês já sabiam de tudo? — digo ao abraçá-las, Carol e Verônica se olham e sorriem coniventes.

— Sim, sabíamos de tudo, e ajudamos ele a preparar essa surpresa. — Verônica me conta como Vinícius estava nervoso nessa última semana e que todos estavam engajados nessa missão.

Alguns dias depois conseguimos chegar à mesa onde estão seus pais, Vinícius recebe um abraço apertado de seu pai e um beijo carinhoso de sua mãe, ambos também me cumprimentam.

— Isso merece uma comemoração — seu pai fala enquanto chama um garçom para pedir champanhe e taças. Ao contrário de seu pai, sua mãe permanece com um sorriso forçado nos lábios enquanto recebe os parabéns de pessoas que se aproximam de nós. Tento evitar olhar muito para ela, mas posso sentir a sua desaprovação como faíscas saindo de seus olhos.

Brindamos juntos, minhas mãos ainda tremem e só consigo ver o que realmente tenho em meu dedo quando Melissa pega minha mão para vê-lo. Jesus, ele é lindo! Um brilhante rodeado por pequenas pedrinhas de brilhante. Lindo e imponente! Exatamente igual a Vinícius.

— Porra, Vinícius, tá querendo acabar com a raça da gente? — Eduardo brinca fazendo todos nós rirmos. — Assim fica difícil agradar a mulherada. — Denis entra na brincadeira e logo todos estão provocando meu lindo noivo, mas ele não se importa e aceita as brincadeiras com um sorriso com direito a covinhas no rosto.

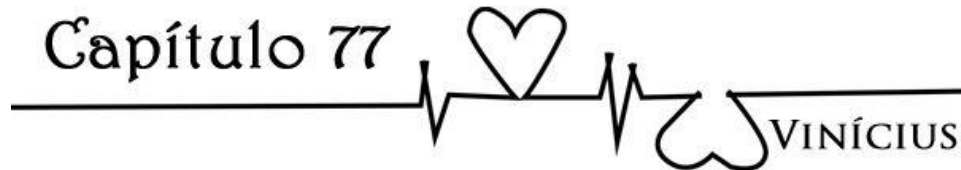
Eu não me lembro de mais nada que aconteceu no jantar. Não me lembro do que conversei com as meninas, nem das intermináveis conversas sobre negócios, sobre os casais que nos parabenizaram e nem o que foi servido para comer, na verdade nem sei se comi. A única coisa que me lembro é do seu sorriso caloroso, seu olhar apaixonado e sua mão, que não me deixa um minuto sequer: ele me toca, faz um carinho, me dá um abraço, às vezes sua mão pousa em minha perna de maneira protetora, mas sempre fica comigo, me ajudando a escolher o talher correto, perguntando se eu quero algo mais, me explicando sobre um determinado assunto e me deixando confortável neste local tão intimidador. Vinícius me mostra que não há ambiente que eu não me encaixe, e que desde que ele esteja comigo, eu sempre me sentirei em casa.

A noite enfim termina, e vamos embora de mãos dadas, com o peso do anel em meu dedo, do coração em meu peito, o homem que amo ao meu lado e a certeza de que essa noite ficará para sempre em minha memória.

Eu não sou a garota mais bonita, nem a mais inteligente, não sou a mais rica e não tenho a profissão mais incrível de todas, mas com certeza sou a garota mais feliz deste lugar porque o amor que sinto por este homem é maior do que tudo, nem dinheiro, nem poder, nem o bem e nem mesmo o mal podem destruir.

É o meu bem mais precioso, meu maior tesouro.

Capítulo 77

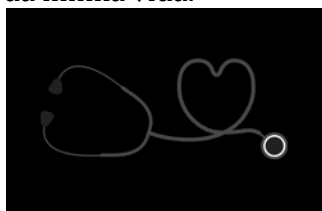


— Quero te levar em outro lugar agora! — digo assim que fecho a porta do carro aliviado porque tudo saiu como planejei.

Poliana me olha com um ar de surpresa, como se não fosse capaz de imaginar que poderia ter algo mais além do que já teve... ah, minha pequena, se você soubesse. Tudo está planejado para que seja inesquecível, e tenho certeza de que será.

— Que lugar? — ela pergunta sorrindo, me inclino e deixo um beijo em seu ombro tentando conter a ansiedade para tirar sua roupa e demonstrar a ela meu amor.

— Aguarde e verá. — Ligo o carro, o som e o ar-condicionado e saio deixando para trás uma das noites mais emocionantes da minha vida.



Uma semana atrás, enquanto organizava os preparativos para essa noite, não conseguia imaginar o que aconteceria, claro que meu objetivo sempre foi ouvir o seu sim, mas havia a chance de ela sair correndo quando se visse no meio daquele salão e essa noite eu vi o quanto ela se esforçou para não fazer isso. Sei que a pressionei, mas eu precisava provar para ela que eu não me importo com suas origens, para mim ela é tudo o que importa. Vi também o sacrifício que dona Marilda Becker fez para não dizer a Poliana o que ela pensa sobre isso tudo, infelizmente eu já sei a sua opinião e não estou muito feliz em saber que ela é tão preconceituosa.

Nunca me esquecerei o horror em seus olhos quando soube quem era Poliana.

— *Uma presidiária?* — ela gritou do outro lado da enorme e arcaica sala de estar da família Becker. — *Você perdeu o juízo, Vinícius?*

— *Não, eu nunca estive tão ciente dos meus atos. Eu amo essa mulher, mãe, e não admito que a senhora ou qualquer outra pessoa a desrespeite.*

Ela não disse mais nada, mas desde então as ligações cessaram, e eu pude sentir a sua desaprovação esta noite no salão; Poliana também notou e sei que isso a magoou muito mais do que ela gostaria, mas infelizmente a vida é assim, não podemos agradar a todos.

Abro a porta da suíte presidencial do hotel e não consigo conter o sorriso ao ver minha garota olhar para o quarto.

— Fecha a boca, Poliana — falo em seu ouvido antes de beijá-la.

— Vinícius... — Ela olha para todos os lados e dá um grito agudo quando a pego nos braços. Levo-a para dentro e fecho a porta com o pé deixando-nos em privacidade.

— Isso aqui é lindo — ela fala olhando em volta, coloco-a no chão e observo-a caminhar pelo lugar, entrando na suíte, indo até a sacada, passando pelo banheiro e voltando para mim. — Agora é definitivo, sou a Julia Roberts. — Ela estende os braços para o quarto e sorri.

— Não, ela não chega nem perto... — Estendo minha mão para ela. — Vem cá, minha noiva.

— Repete? — ela pede enquanto seguro-a junto a mim.

— Minha... — sussurro em seu ouvido direito. — Noiva... — sussurro no seu ouvido esquerdo fazendo-a se encolher.

Poliana passa a ponta dos dedos por minha camisa, enquanto me livro do paletó e da gravata, ela abre os primeiros botões enquanto morde o lábio como uma menina travessa fazendo arte.

— Poliana... — Seguro-a pelos cabelos erguendo-os em minhas mãos e inclinando sua cabeça, ela suspira enquanto acaricia minha pele, estou prestes a explodir de desejo, mas com ela preciso ir devagar, sempre devagar.

Poliana se desfaz da minha camisa, suas mãos percorrem meu corpo, tocando cada parte de pele exposta, ela beija meu peito e sei que pode ouvir meu coração batendo forte, depois traça as linhas marcadas da minha tatuagem, passeiam por minhas costas e fecho os olhos me deixando sentir. Seus lábios tocam minhas costas, deixando beijos molhados por onde passam, ela acaricia meu braço, ergue minha mão e a beija até que volta novamente para mim.

— E aí? — pergunto quando ela termina sua tortuosa inspeção.

— Acho que para os próximos cem anos serve.

— Isso me deixa bem mais tranquilo.

Ela sorri, abaixa os olhos e passa a mão nos cabelos, sua timidez me encanta e me excita, toco seu rosto, erguendo-o, e a beijo lentamente, acariciando sua boca com a minha, delicadamente, pedindo permissão, aceitando o que ela me dá. Aprendi a ser prudente com Poliana, além de pequena, ela tem marcas que a impede de se permitir, entregar por completo, cabe a mim, sempre a mim, saber ler seu corpo, entender até onde posso ir, decifrar o que ela é incapaz de pedir.

— Faça amor comigo — ela pede, é nosso sinal, é sua maneira de dizer que me quer e é o que venho fazendo: faço amor com ela de todas as formas que alguém é capaz de fazer, amo cada parte que a completa, suas imperfeições e seus traumas, amo suas fugas e seus medos, suas marcas e suas dores, amo seu corpo e seu coração, sua alma e sua pele, amo o palpável e o intáctil, o verdadeiro e a ilusão, o bonito e o feio. Eu a amo, amo todas as suas faces, cada uma delas.

— Já estamos fazendo — digo em seus ouvidos enquanto me desfaço do seu vestido, vendo-o cair lentamente, pousando como uma poça vermelha rubro no chão, deixando-a no meio, como uma pintura renascentista, sagrada e bela. Os braços estendidos ao lado do corpo, a pele macia e sedosa, os seios pequenos envoltos na peça delicada que demorei tanto para escolher.

Vou para trás dela e a viro para que ela possa se ver através do espelho, sinto sua resistência e sei que sua aparência a incomoda, faz parte do trauma, ela se sente errada de alguma forma, como se houvesse algo em si que atraísse homens daquela espécie.

— Ouça — digo a ela enquanto nos olhamos através do espelho. — Está ouvindo? — pergunto aproximando-me mais. — Feche os olhos e ouça.

Ela me obedece e fecha seus olhos, aproximo-me um pouco mais e afasto seus cabelos cor de fogo inclinando seu pescoço e sentindo o pulsar do seu coração ali. Pego sua mão e coloco em meu pescoço enquanto faço o mesmo com ela.

— Consegue ouvir nossos batimentos? — pergunto mais uma vez. — Eles estão fazendo amor — digo antes de beijar a veia pulsante em seu pescoço. — Agora olhe para mim — peço e seus olhos castanhos me encaram ainda através do espelho. — Está vendo nossos olhos? Eles também estão se amando neste momento.

Ela mantém seus olhos fixos em mim enquanto passo os dedos por sua cintura, chegando a região das suas cicatrizes, as feitas pelo monstro que a quebrou e a da bala que quase a tirou de mim. Sua pele se arrepia quando chego na base do seu quadril.

— Sente isso?

Ela confirma com a cabeça.

— Nossas peles também já estão se amando. — Solto o fecho do seu sutiã retirando-o e apreciando seu corpo, ela se esforça para não se mover e continuo a despindo até que ela esteja completamente nua, então retiro minha calça e cueca e volto a me aproximar dela, ainda a olhando pelo espelho e observando a diferença dos nossos corpos, a delicadeza dela, a minha força, sua beleza e minha masculinidade. — Sente isso? — sussurro em seu ouvido quando pressiono minha ereção em suas costas, ela confirma com a cabeça, desço minhas mãos por seu corpo tocando sua intimidade e sentindo-a pronta para mim. — Sente isso, amor... — falo mais uma vez e vejo-a fechar os olhos enquanto a acaricio. — Nossos corpos já estão fazendo amor.

— Vinícius... — ela geme enquanto deita a cabeça em meu peito.

— Toda vez que meu corpo reage ao seu, estou fazendo amor com você; cada vez que você me faz sorrir, estou fazendo amor com você; cada vez que meu coração bate mais forte, estou fazendo amor com você. — Continuo acariciando-a enquanto falo, ela se contorce, se abre, se entrega, se liberta. — Porque fazer amor nada mais é do que deixar que nossos corpos se comuniquem, se apaixonem e se conectem, mesmo antes de se tocarem.

— Eu quero você — ela diz com a voz fraca de prazer. — Por favor...

— Eu sou seu, minha pequena. — Beijo seu ombro, acaricio seu seio, espalmo a mão em sua barriga segurando-a no lugar enquanto a estimo mais rápido. — Eu sempre fui seu... — Mordo sua pele, chupo seu pescoço, ouço seus gemidos, suporto a vontade absurda de penetrá-la e aguardo até que ela esteja satisfeita. E quando ela finalmente relaxa, soltando meus cabelos e com a respiração ofegante, eu a seguro em meus braços, levando-a para a cama.

— Hoje quero fazer amor com a minha noiva. — Deito-a na cama e me afasto admirando sua beleza, ela sorri um pouco sonolenta e me aguarda em expectativa. Afasto suas pernas e me aproximo sentindo-a à minha volta. Poliana me segura em seus braços e me sinto acolhido por seu corpo pequeno, quente e apertado, perfeito para mim. — Eu te amo — sussurro antes de começar a me mover e ela responde quase sem forças.

Poliana se ergue, beijando-me e me instigando, perco-me em seu corpo e faço dela minha morada, amando-a da maneira mais sagrada que posso.

E faço com que ela se sinta a mulher mais amada e desejada do mundo, afinal de contas essa é a magia do amor, acreditar que nesse momento não há no mundo ninguém vivendo o que estamos vivendo agora.

Capítulo 78



POLIANA

— Ahhh, eu não acredito que tudo deu certo! — Verônica me abraça com força e puxa minha mão para ver o anel que ainda não consigo parar de admirar em meu dedo. — Puta merda, Vinícius! Você acertou em cheio, isso aqui é lindo!

Carol se aproxima abraçando-nos e nos parabenizando mais uma vez, Fábio e Gabriel permanecem ao lado de Vinícius olhando-nos com um ar assustado como se fôssemos animais perigosos. Fábio sorri quando Verônica diz que quer um anel igual o de uma atriz de Hollywood e tenho certeza de que ele seria capaz de roubar o anel só para fazê-la sorrir. Carol e Gabriel se comunicam daquela forma estranha que só eles conseguem, posso apostar que um diálogo inteiro acontece sem que eles precisem abrir a boca, a maneira como ele olha para ela e o jeito que ela sorri me faz acreditar que eles são aquele tipo de casal único que causa inveja em todos por sua conexão.

E tem Vinícius... Ele está apoiado no balcão da cozinha, com um pano de prato na mão, os cabelos crescidos, detrás da orelha, as covinhas iluminando seu sorriso orgulhoso enquanto olha para minha mão. Me sinto a mulher mais sortuda do mundo por ter sido a sua escolhida, e essa noite estamos comemorando com as pessoas que amamos.

A campainha toca e Vinícius vai até a porta atender.

— Caraca! — Ouço a voz de Marina antes mesmo de vê-la. — Cara, você vive bem, hein? — Ela dá um tapinha na barriga de Vinícius enquanto entra acompanhada de Denis. — Sua vaca! — Ela corre até mim e me abraça ignorando a presença das outras pessoas. — Como ousa ficar noiva logo agora que a vida vai começar a ficar boa? — Marina se afasta puxando minha mão e fazendo um “oh” ao olhar para meu anel.

E Denis se junta ao grupo de homens que não compreendem a fascinação que um anel pode causar em uma garota, ou talvez quatro...



A sala está em completo silêncio, um silêncio que só uma única pessoa consegue. E essa pessoa é Noah Calhoun...

— Eu já disse para o Fábio que não aceito menos do que isso — Verônica diz ainda em lágrimas.

— Isso é o que o verdadeiro amor faz — diz Carol como se para ela fosse simples dedicar sua vida inteira por alguns minutos com a pessoa amada.

— Eu tô fodida — Marina diz atraindo a nossa atenção.

— Por que, Marina? — pergunto secando uma lágrima fujona.

— Porque eu não sei se tenho paciência para ouvir Denis contar a mesma história todo dia para mim, acho que eu mudaria algumas coisas, acrescentaria mais sexo selvagem ou um triângulo amoroso com um cara gostoso.

Nós caímos na risada e Marina consegue destruir o clima romântico que Nicholas Sparks teve tanto trabalho para construir.

— Acho que vou assistir futebol com os meninos — ela diz levantando-se e se esticando. — Aposto que tem muito mais romance lá do que nesse filminho de mulherzinha.

— Romance em um bando de homens suados correndo atrás de uma bola? — Verônica pergunta incrédula.

— Claro, querida, já viu um jogo do Barcelona? — ela pergunta. — Se o Piqué não for a coisa mais romântica da história do romantismo eu não sei mais o que é.

E assim o assunto volta para os jogadores de futebol, Marina e Verônica lideram a conversa enquanto eu e Carol ouvimos e damos risadas. Sinto uma nova família se formando e consigo até mesmo ver um futuro onde crianças correm para suas mães chorando, um garotinho tímido de olhos verdes, uma menina linda com cara de princesa e outra tão linda quanto, mas com um skate nas mãos... consigo ver a vida seguir seu curso natural, pessoas formando famílias, construindo uma vida juntas e felizes.

Um momento depois ainda estamos falando sobre atores e jogadores quando Gabriel aparece na sala no momento em que Marina está falando sobre o quanto é sexy ver os jogadores falando palavrão. Ele tenta não ouvir, mas é algo quase impossível e, quando ela nota que não estamos sozinhas, decide fazer algo.

— E aí, Gabriel, fala sério se o Piqué não é um gostoso?

— Oi? — Ele olha para Carol como se implorasse por socorro, mas tudo o que ela consegue fazer é rir.

— Ah, qual é... Pode falar, vamos, admita! — Marina o instiga e vejo pela primeira vez Gabriel corar. — Qual é o problema em admitir que um homem é bonito?

— Eu acho que vou voltar lá para dentro. — Gabriel aponta para a sala de TV. — Ver meu time tomar uma surra é bem melhor do que isso aqui.

Ele sai da sala sem responder e caímos na risada junto com Marina.

— Alguém quer musse de chocolate? — pergunto. — Garanto que é a melhor receita do mundo, receita da madre.

Todas elas aceitam, afinal de contas se existe no mundo algo melhor do que uma sessão de filme com chocolate tenho certeza de que a humanidade desconhece.

Capítulo 79



POLIANA

As coisas se encaixam sutilmente, como um corante que traz pouco a pouco cor a uma superfície antes branca, e sem que eu perceba meus dias estão cheios de cor. O guarda-roupa de Vinícius já não é mais todo em tons de preto, branco e azul, há um pouco de rosa e lilás, sapatilhas tamanho 34 ao lado de sapatos número 45, tão pequenos que mais parecem de bonecas. E todos os dias, quando abro o guarda-roupa e os vejo assim, lado a lado, sorrio feliz e orgulhosa de ter me rendido a seu pedido, hoje sou a mulher mais feliz do mundo.

Joana me acompanha até a porta onde fica me olhando até que eu a fecho deixando-a sozinha até à noite. Ela se adaptou bem à casa de Vinícius, mimada e cheia de frescuras tem mais coisas do que muita criança e não posso evitar já que, sempre que viaja, Vinícius traz um mimo novo para ela.

Hoje é dia de fechamento e depois de um dia comum de trabalho vou para a segunda etapa, preciso ter certeza de que tudo está certo, sento-me na frente do computador com uma xícara de café e só levanto quando tudo está perfeito. Surpreendo-me ao olhar para fora e notar que já está escuro, passa das nove da noite quando fecho o restaurante e vou caminhando até meu apartamento pegar mais roupas, se eu continuar nesse ritmo em algumas semanas só restará os móveis e me verei tentada a entregar o apartamento. Coisa que não quero fazer.



Estou procurando minhas chaves quando sou surpreendida.

— Olha só quem está por aqui! — Uma voz familiar faz com que a chave caia das minhas mãos. Viro-me rapidamente e dou de cara com meu pesadelo, parado na minha frente, com um sorriso de quem estava me procurando há séculos e finalmente encontrou. Ele se abaixa e pega a chave, estendendo-a para mim. Estou paralisada, não consigo me mexer e olho em volta desejando que isso seja apenas um equívoco meu. Apenas um rapaz muito parecido com ele. Não é ele. Não é ele...

— Não vai falar comigo, ruivinha? — Ele dá um passo para frente ainda segurando minhas chaves nas mãos. Avisto dois homens parados ao lado de um carro, eles dão cobertura para Márcio, que continua sorrindo enquanto se aproxima.

— Márcio... — sussurro seu nome como se não conseguisse acreditar.

— Olha, ela... ainda se lembra, por um momento achei que havia me esquecido. — Ele sorri como uma criança que ganha o tão sonhado brinquedo de Natal e eu estremeço.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto ainda sem acreditar que é mesmo ele. Meu coração bate forte no peito e sinto meu corpo inteiro tremer.

— Vim ver minha garota. — Ele se aproxima e dou um passo para trás. — Estava com saudades. — Sinto meu estômago revirar e respiro fundo para não perder o controle.

— Você... você não deveria estar preso? — falo tão baixo que tenho a sensação de que ele não ouviu.

— Poli, Poli... — Ele balança a cabeça indignado. — Você realmente não acredita nas habilidades do seu homem, não é? — Meu estômago se revira quando ele se refere como algo meu. Ele não é nada meu, nada além do meu pesadelo. — Não há nada nesse país que o dinheiro não compre, gata. Nem mesmo a lei.

— Vai embora daqui — peço mesmo sabendo que ele nunca fez nada que eu tenha pedido. Nunca me respeitou ou se importou com meus sentimentos. Nunca me viu como realmente sou, uma pessoa, alguém que sente, que sofre.

— Cortou o cabelo, Poli? — Seu olhar me analisa por completo e prendo o ar quando seus olhos se encontram com os meus.

— Por favor, vá embora! — imploro.

— Eu gostava deles caindo na sua cinturinha. — Márcio continua ignorando o que falo como sempre fez e percebo que ele nunca me viu, nunca me enxergou de verdade. Para ele sempre fui seu objeto, algo que sempre estive à sua disposição quando ele queria. Márcio passa a língua nos lábios e volta a rir. Ele está bêbado... meu Deus, ele sempre está bêbado e mesmo agora, depois de ter passado por tanta coisa, ele continua o mesmo. Talvez pior. — Eu adorava te ver nua, os cabelos vermelhos caindo nas suas costas. — Ele inala profundamente e me encolho. — Gostosa pra caralho!

— Me deixa em paz, Márcio. — Estico o braço tentando pegar a chave em sua mão, mas ele não permite.

— Calma aí, gata, tá fugindo de quem? — Ele segura meu braço e seu toque me faz tremer. — Acabei de chegar, ainda temos muita saudade para matar. — Ele passa o nariz em meus cabelos e me afasto, estou prestes a vomitar.

— Me solta! — falo um pouco mais rispidamente.

— Continua a mesma esquentadinha de sempre — ele me repreende balançando a cabeça e sou obrigada a olhar em volta à procura de alguém que possa me ajudar. Sinto-me prestes a sufocar e desvio o olhar quando ele se aproxima um pouco mais. — Vejo que não aprendeu nada na cadeia, não é, ruivinha? — Ele dá mais um passo e tenho a sensação de que ele de alguma forma consegue me aprisionar só com seu olhar. Estou apavorada e tudo o que consigo pensar é em Vinícius e o quanto ele está longe daqui. — As garotas não te ensinaram como ser boazinha?

— O que você está fazendo fora da cadeia? — Encaro seus olhos negros por baixo do boné tentando não me deixar intimidar.

— Poli... você me subestima, sabia? — Ele ajeita o boné enterrando-o ainda mais na cabeça e escondendo o seu rosto. — Você acha mesmo que eu ficaria preso por muito tempo? Eu sou a porra do Alemão, gata, ninguém prende o Alemão... — Ele se aproxima do meu rosto, sua barba por fazer arranha minha pele causando um arrepio assustador em minha espinha. — Só você, amor... só você consegue me prender, bem aqui. — Ele espalma sua mão em meu quadril e não consigo me mover. — No meio das suas pernas.

Empurro seu corpo para longe e me afasto.

— Fique longe de mim. — Aponto o dedo para ele. — Não se aproxime nunca mais.

— Ou... — ele me instiga a continuar divertindo-se com o meu pavor.

— Eu chamo a polícia.

Ele ri, uma risada apavorante e alta e sinto meus nervos se encolherem de medo.

— Então você agora está de papinho com o playboy, filho da puta, do Gabriel? — ele pergunta e tento me lembrar onde ele pode ter me visto ao lado de Gabriel, desde quando ele está me vigiando e, o principal, ele sabe sobre Vinícius.

— Vai embora, Márcio, me deixa em paz — ignoro sua pergunta.

— Manda um recadinho para ele, ruiva. — Márcio se aproxima sussurrando em meu ouvido. — Se ele colocar o pau dele perto de você, eu o mato da pior maneira possível. — Ele passa sua língua em meu pescoço e o empurro fazendo-o rir.

— Quanto rancor minha ruiva está guardando no peito. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro. — Mas não se preocupe, temos muito tempo para colocar as coisas no lugar. — Ele retira um cigarro do bolso e o acende. — *Temos todo o tempo do mundo...* — ele canta e ri, sua risada me apavora e me abraço tentando não sentir tanto medo.

— Fique longe de mim. — Aponto o dedo para ele e para os homens que estão atrás dele. — Fique longe!

— Não esquece, tá, nada do pau dele em você. Agora sobe que está muito tarde e esse prédio não é seguro para uma garota linda como você. — Márcio olha para o lugar todo antes de continuar. — Você desceu bem baixo mesmo, hein, Poliana? Eu juro que não acreditei quando me disseram que era aqui que eu ia encontrar a minha mulher.

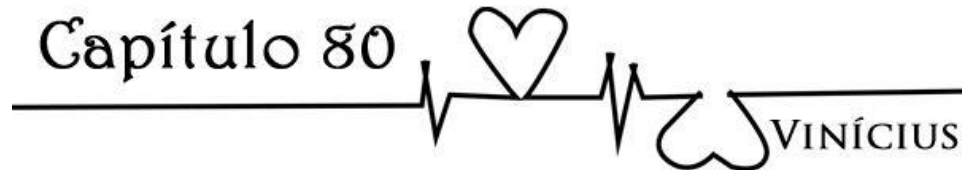
— Eu não sou nada sua. — Viro-me e começo a subir as escadas sem cair, estou tremendo tanto que mal consigo andar.

— Aí que você se engana, você é minha, e sempre será. — Ele dá um tapa na minha bunda como se ainda fôssemos um maldito e doente casal. — Agora vá, vá logo! Suba!

Reprimo a vontade absurda de desobedecê-lo, mas não quero mais olhar para ele e faço o que ele diz, subo as escadas sem olhar para trás.

— A gente se vê, ruiva! — ele grita e não sou capaz de me virar. — E não esqueça de avisar ao playboy para ele manter suas mãozinhas longe da minha mulher. — Suas palavras me acompanham durante todo o caminho, tenho medo, tenho tanto medo, que já não sei mais para onde estou indo...

Capítulo 80



Alguma coisa está acontecendo.

Poliana está sentada na minha frente, cabelos perfeitamente arrumados, vestido elegante, saltos altos, maquiagem que destaca seu olhar... O anel no dedo anelar, um sorriso nos lábios, o perfume que mais gosto em sua pele e o olhar perdido, vagando por entre as mesas como se estivesse procurando por algo.

— Está tudo bem? — pergunto pela terceira vez na noite e ela responde novamente que sim. Seguido de um sorriso falso.

Alguma coisa está definitivamente errada.

— O que você acha desse prato? — Poliana se distrai com o cardápio e tento tirar da minha cabeça essa sensação esquisita. Talvez ela esteja mesmo falando a verdade, ou talvez seja apenas a minha ansiedade.

— Não sei, esse eu nunca comi.

— O que acha de experimentarmos? — ela pergunta ainda com os olhos fixos no cardápio.

— Pode ser.

Ela continua olhando as fileiras de pratos anotadas no papel como se estivesse procurando ali a solução para o que quer que a esteja afligindo. Permaneço calado apenas aguardando o momento em que ela vai falar. Porque eu sei que ela vai.

— Hoje conheci uma mulher — ela diz assim que o garçom sai com nosso pedido.

— Sim... — Encorajo-a, aliviado por ela falar.

— Ela era tão jovem, e havia... — ela passa as pontas dos dedos embaixo do olho esquerdo — marcas em seu rosto. — Poliana baixa o olhar para o prato vazio à sua frente como se conseguisse visualizar a cena na porcelana. — Ele a marcou com um ferro de passar quando ela se recusou a fazer sexo... — As palavras se perdem e sinto a sua dor surgir. Seguro sua mão acariciando-a e tentando acalmá-la.

— Eu sinto muito, meu amor, sinto muito que você veja essas coisas.

Às vezes, Poliana volta destruída depois de uma sessão no grupo de apoio, há noites em que a vejo chorar, outras em que ela mal troca uma palavra comigo, há dias em que ela me abraça e pede para que façamos amor e essas são as que mais me apavoram porque não sei se ela está tentando se proteger ou se está me usando de alguma forma para mascarar alguma dor. Mesmo assim eu sempre faço o que ela me pede porque quero confortá-la, seja com meu carinho, com minhas palavras ou com meu corpo.

— Eu estou bem. — Ela me olha e sorri. — De verdade, eu estou bem. Ela também parece estar, mas o fato é que, às vezes, quando vou tomar banho quase não consigo me ver, olhar as marcas que ele me fez é como se todos os dias ele estivesse aqui. — Ela toca a região abaixo do seio esquerdo. — É como se ele houvesse me marcado, como um animal.

— Poliana, não faz isso, amor. — Já tivemos essa conversa e não terminou bem, tenho medo que ela volte ao dia em que o desgraçado do seu ex-namorado a marcou com um cigarro e depois desmaiou de bêbado, esquecendo a atrocidade que fez no dia seguinte.

— Eu sei, me deixa falar, por favor. Eu quero que você entenda o que estou tentando dizer.

— Tudo bem, diga.

Ela toma um gole da água e continua:

— Por mais que eu seja marcada, essas marcas estão de certa forma escondida, são minha parte sombria, meu segredo, minha dor, mas aquela jovem, todos os dias quando ela se olhar no espelho, será o rosto do homem que a marcou daquela forma que ela verá. Toda vez que alguém a vê, a primeira coisa que será notado é o que ele fez e não quem ela é. E isso me fez pensar que, mesmo que a minha situação pareça ruim, sempre haverá aquela que está pior.

Tento engolir o caroço que se forma em minha garganta, mas parece uma tarefa quase impossível, tomo uma grande quantidade de água enquanto vejo Poliana absorver aquilo que ela mesma havia dito de maneira tão tranquila. Hoje, pela primeira vez, vejo a evolução no tratamento de Poliana. Sei que ela sempre terá suas marcas, assim como sua pele, sua alma tem cicatrizes que jamais poderão ser removidas, mas ela está se fortalecendo e espero que um dia ela esteja forte o suficiente para não permitir que seu passado decida o rumo do nosso futuro.

— Sim, amor, sempre há alguém que está em uma situação pior, é horrível, mas isso nos ajuda a seguir os dias ruins.

Poliana concorda com a cabeça, respira fundo como se estivesse limpando seu coração, afastando as lembranças tristes e sorri.

— Que bom que você me trouxe aqui hoje, eu realmente estava precisando de um bom jantar.

O garçom traz nossos pratos, ela mal toca na comida, porém bebe duas taças de vinho, o que é muito já que ela nunca bebe. O álcool a deixa um pouco mais leve e sorridente e agradeço por isso, logo estamos conversando coisas mais amenas, bobagens que a faz sorrir e pouco tempo depois ela parece esquecer, ou quase isso.

— Essa semana o projeto recebeu uma bolsa de estudos para uma especialização — começo a falar antes que eu perca a coragem.

— Isso é fantástico, amor — ela diz com a voz cheia de expectativa enquanto bebe mais um pouco de vinho. — Fico feliz, vocês merecem.

— Conversamos muito e todos acham que eu seria o mais indicado para fazer o curso — continuo falando aproveitando sua receptividade.

— Eu concordo, você é o melhor. — Ela sorri, sua frase soa cheia de segundas intenções e tento não me deixar levar para esse lado.

— É um curso longo e vai demorar seis meses — continuo falando.

— Tudo bem, amor, eu já estou acostumada com sua rotina, se você vai estudar mais eu posso compreender, estou mesmo pensando em me inscrever para o vestibular esse ano. — Ela coloca a taça na mesa com um pouco mais de força, totalmente sem coordenação. — Quem sabe não estudamos juntos.

Merda! Ela não está totalmente sóbria e começo a achar que não é uma boa ideia continuar esse assunto. Talvez devesse deixar para amanhã...

— Só tem um problema — continuo antes que me acovarde.

— Problema?

— O curso não será no Brasil.

— Onde será?

— Em Nova York.

Seus olhos se arregalam e ela pensa um pouco antes de falar.

— Nova York, nos Estados Unidos?

Balanço a cabeça, confirmando.

— Nossa...

— Poliana, eu pensei que talvez você, quer dizer, nós dois... — As palavras começam a escapar, embora ela esteja levemente embriagada sei que isso parece loucura, mas só existe uma maneira de eu aceitar esse tempo todo longe do projeto. Se ela for comigo.

— E eu aqui achando que o maior problema em namorar um cara como você era esbarrar com a super top model/inteligente/ex-namorada Mônica no elevador de vez em quando. — Ela sorri ironicamente. — E olha que isso já é coisa pra caramba.

— Poliana...

— Tudo bem, amor. — Ela ergue a mão no ar cortando-me. — Eu vou ficar bem, afinal de contas são só quatro meses, não é mesmo?

— Seis meses — corrijo-a.

— Ops... esqueci dois. — Ela ri, sinto um resquício de irritação em sua voz.

— Eu pensei que você pudesse vir comigo — falo finalmente chegando exatamente onde eu gostaria.

— Ir com você? — ela pergunta surpresa. — Tá brincando, né?

— Não, eu não estou.

Ela ri e mesmo sabendo que está um pouco alterada não consigo evitar de me sentir um pouco ofendido com seu descaso.

— Tudo bem, amor, eu não preciso ir, posso pedir para o... — começo a falar, mas ela me interrompe.

— Não! É claro que não! Você vai, podemos aguentar quatro meses longe.

— Seis — corrijo-a.

— Tudo bem, podemos sobreviver a seis meses longe — ela fala, mas noto que nem ela mesma acredita em suas palavras.

— Eu não vou — digo sentindo a sua irritação me contagiar.

— Por que não?

— Porque não vou deixá-la aqui sozinha, você está no meio de um tratamento, não posso simplesmente largar você aqui.

— Eu não preciso que você fique aqui me vigiando — ela diz parecendo realmente ofendida. Maravilha!

— Vigando? Do que você está falando?

— Se você tem que ir a Nova York ou a China, vá, apenas vá, Vinícius. Eu não quero que deixe de fazer o que precisa ser feito por minha causa, não coloque meu tratamento como empecilho para realizar seus planos.

— Você está sendo egoísta e imatura, Poliana, eu não disse nada disso.

— Eu? — Ela aponta para o peito. — Imatura? Eu tô falando que você pode fazer o que bem quiser da porra da sua vida e você me chama de imatura? — ela finalmente explode e se levanta fazendo barulho e quase derrubando a cadeira. — Preciso ir ao banheiro.

O garçom ameaça se aproximar e nota que a conversa não está tão amena como deveria para o local, esfrega o rosto com as mãos tentando me manter calmo, mas estou chateado demais para isso e resolvo pedir a conta.



Voltamos para casa sem falar nada, o silêncio é quase uma terceira pessoa no carro, rindo da nossa cara. Poliana dorme na metade do caminho e sinto que a noite está longe de terminar bem. Quando chegamos em casa, Poliana vai para o quarto ainda sem falar, não sei como resolver essa situação e não compreendo o motivo que a deixou tão irritada, eu só a queria comigo, nada mais.

Sirvo-me de um copo de uísque puro e permaneço na sala olhando a cidade abaixo de nós enquanto tento compreender porque é tão difícil para ela aceitar minha companhia.



— Vem pra cama — ela me chama enquanto arruma os travesseiros pouco tempo depois. É a primeira coisa que ela diz desde que saímos do restaurante e isso não é o que eu gostaria de ouvir. — Vinícius, vem deitar — ela insiste e eu não me mexo, continuo sentado na poltrona do outro lado do quarto tentando não ficar com raiva e falhando. — Droga, Vinícius! Vai passar o resto do tempo que temos juntos brigando?

— Esse é o problema, Poliana, esse é o resto da *porra* do nosso tempo — enfatizo deixando minha raiva tomar conta de mim. — Eu não queria que fosse assim, não precisava ser assim, mas você não dá a mínima.

Poliana parece ter se acalmado depois de ter tomado um banho, o efeito do álcool também parece ter passado e ela me olha com ternura, me deixando ainda mais chateado e parecendo um completo idiota por me importar tanto.

— Vini... — Ela se levanta e vem até mim sentando-se em meu colo, as pernas envoltas no meu quadril enquanto ela acaricia meus cabelos como se eu fosse um menino mimado. — Não é nada disso, eu me importo, mas não posso simplesmente largar a minha vida e viajar para o outro lado do mundo com você só para te fazer companhia — ela explica como quem tenta consolar um garotinho. — Eu tenho o restaurante, não posso pedir demissão, nem sei se posso sair do país, eu vou ficar aqui e vamos continuar juntos.

— Venha comigo, Poliana — imploro com a cabeça entre seus seios. — Por favor...

— Não — ela diz decidida. — Além do mais, seu eu for, serei mais uma distração.

Seguro seus quadris, puxando-a mais para perto, meu corpo inteiro se acende, implorando por ela e peço mais uma vez.

— Por favor... eu gosto dessa distração, na verdade eu preciso dela.

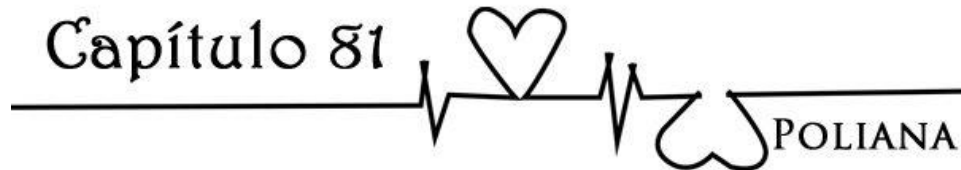
— Ah, meu amor... — ela geme quando mordo sua orelha e continuo mordendo-a até chegar a sua boca. — Eu prometo que a gente arruma um jeito de se falar, eu vou te esperar, eu juro que vou.

— Eu não quero ficar longe de você nem um dia sequer — choramingo igual um bebê enquanto ela me beija seduzindo-me com louvor. — Como você acha que vai ser todo esse tempo sem você?

— Do mesmo jeito que eu. — Ela beija meu pescoço. — Morrendo de saudades. — Morde minha orelha. — Relembrando esse momento. — Beija meus lábios. — Imaginando como você está. — Coloca a mão em minha ereção fazendo-me fechar os olhos. — Se está pensando em mim antes de dormir — sussurra em meu ouvido antes de lambe a lateral do meu rosto. — E louca de vontade de repetir o que vamos fazer agora mesmo.

Ela me libera e me acaricia até que estou pronto para ela, Poliana se levanta apenas o momento necessário para se desfazer da sua calcinha e volta a montar em cima de mim guiando-me para dentro dela enquanto me beija fazendo exatamente o que quer e como quer comigo. E ela consegue me fazer esquecer, mesmo que por um instante, o que realmente estávamos discutindo, tudo no que consigo pensar é em seu corpo e na maneira como ela se move sobre mim.

Capítulo 81



Deus escreve certo por linhas tortas.

Falta apenas um dia para a viagem de Vinícius, e estou uma pilha de nervos, minha cabeça não para, mal consigo dormir, não consigo comer, e estou começando a me sentir doente. Talvez eu esteja mesmo doente e o nome da minha doença é *Márcio*. Desde o dia em que ele ressurgiu em minha vida como um pesadelo, eu venho pensando em como proteger Vinícius dele, e é aí que surge esse curso e eu vejo finalmente uma luz no fim do túnel. Uma maneira de salvá-lo ao menos até eu pensar em algo.

Graças a volta de Márcio em minha vida, me tornei paranoica, criei um esquema para sair de casa, demoro cerca de dez minutos conferindo se ele não está por perto, o mesmo acontece quando estou saindo do restaurante. Evito ao máximo qualquer contato físico com Vinícius na rua, ando olhando para os lados e ele já notou que algo estranho está acontecendo. Pensei em contar a ele sobre a visita de Márcio, mas o que ele faria? Com certeza deixaria de viajar, acharia um jeito de encontrá-lo e depois? O que aconteceria? Como eu viveria sabendo que destruí a vida de um homem como Vinícius?

Passei as últimas semanas pensando em uma maneira de fazer isso sem magoá-lo, mas não existe. Ele precisa ir, seis meses será tempo suficiente para que eu consiga resolver tudo e salvá-lo de mim. Seis meses... parece uma ironia que ao conhecê-lo eu estivesse comemorando meus seis meses de liberdade e agora estou aqui contando os dias para que ele possa se afastar de mim. Seis meses...

Vinícius está triste, magoado e eu compreendo sua postura. Sou sua noiva, que mal há de começarmos uma vida juntos em outro país? Eu adoraria poder acompanhá-lo, conhecer outra cultura, aprender uma nova língua, viver nossos primeiros meses juntos definitivamente, sem ninguém para nos atrapalhar. Mas não posso, conheço Márcio e sei que no momento em que eu colocasse meu pé fora do país, ele iria atrás da mãe e de Gabriel. Ele é covarde o suficiente para machucá-los e eu não estou disposta a pagar para ver.

Essa noite eu e Vinícius tivemos mais uma briga, está ficando insustentável e hoje finalmente posso dizer que estou aliviada por saber que ele ficará seis meses em segurança bem longe daqui.

Bem longe de mim.



Estou prestes a fechar o restaurante, Marina está debruçada no balcão me olhando, eu estou olhando para a rua, vi um homem de boné do outro lado da calçada há alguns minutos e não consigo parar de pensar que é ele.

— Poliana, você não está bem! E não me venha com essa de que é por causa da viagem.

Marina vem me observando já faz algum tempo, seu instinto de detetive está em alerta e hoje ela está me rodeando o dia inteiro. Assim que entramos no vestiário, ela abre sua bolsa e me entrega um pacote de papel.

— O que é isso, Marina? — pergunto antes de recolher o pacote.

— Poli, eu te conheço há quase um ano e sei muito bem que está acontecendo alguma coisa com você, sempre se queixando de dor de estômago, sem apetite e extremamente nervosa. E percebi que hoje de manhã você não estava nem conseguindo olhar para o café.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto sem paciência enquanto abro o pacote. — Que brincadeira é essa? — Ergo o teste apontando para ela. — Marina, eu não estou grávida, se é isso que você quer saber, não precisava gastar dinheiro com isso aqui.

— Só me diz uma coisa, se eu estiver certa eu posso ser a madrinha? — Marina cruza os braços convicta de que está certa e me deixando com os nervos à flor da pele.

— Eu não estou grávida, Marina, eu saberia se estivesse. — Devolvo o teste para ela e termino de me arrumar. — Agora me dá licença que eu tenho que ir, hoje à noite vamos em uma festinha, lembra? Não quero me atrasar, vejo você mais tarde.

Saio do vestiário e me apoio na parede.

Santo Deus misericordioso... Eu não estou grávida. Eu não posso estar grávida...



A festa está cheia: pessoas que trabalham com ele no hospital, amigos da faculdade, os doadores do projeto, professores e amigos pessoais, e também seu pai e sua mãe.

Eu já sabia que eles estariam aqui, Verônica havia me falado e pediu paciência com sua querida mãezinha, que ela irá entender que eu sou importante para o Vinícius e me aceitará melhor, se fosse em outro dia eu até compreenderia, mas hoje tudo o que eu quero é que essa festa termine logo e que Vinícius entre naquele avião com destino a Nova York o mais rápido possível.

— Poliana. — Ouço sua voz me chamando e me viro para encontrá-la na minha frente, me encarando com seu ar de superioridade arrogante.

— Dona Marilda, como vai? — Estendo a mão para ela, que a segura como quem segura algo sujo.

— Eu estou surpresa e muito feliz com sua atitude. — Ela vai direto ao ponto e agradeço, não estou com paciência para enrolação.

— O que a senhora quer dizer?

— Meu filho estava prestes a desistir dessa viagem por sua causa, não esperava que você fosse apoiá-lo — ela explica e a minha paciência vai de pouca para inexistente.

— Dona Marilda, sou noiva do seu filho, mas não sou sua dona assim como ele não é meu dono. Dividimos nossas vidas, compartilhamos nossos momentos, não estou aqui para

prejudicá-lo, eu o amo — digo olhando dentro dos seus olhos azuis arrogantes e tão parecidos com os dele.

— Que bom saber que nós desejamos o melhor para ele. — Ela sorri e sinto um frio na espinha com a onda de ódio que sinto emanar dela.

Verônica parece pressentir que nossa conversa não é das melhores e se aproxima, levando sua mãe de perto de mim.

Apesar de disfarçar sorrindo e sendo atencioso com todos, Vinícius está triste. E eu sei que ele não está bem. Ele mal pregou os olhos essa noite, é como se estivesse pressentindo algo e eu, como uma namorada horrível, fingi não notar. Nos últimos dias tenho me mantido distante, permaneço no restaurante o máximo que posso e quando estamos juntos procuro não lhe dar muita atenção. Isso está me destruindo, mas quando ele for embora será melhor se não tiver muitas boas lembranças. E isso será perfeito para meu plano infalível.

Já passa das onze da noite, todos estão bebendo e conversando, estou me sentindo exausta, tudo o que quero é minha cama e os braços de Vinícius a minha volta, será nossa última noite juntos e ainda não sei como farei. Está difícil de digerir essa última noite e pensar que no dia seguinte ele estará tão longe... muito mais do que ele possa imaginar ou que eu possa compreender.

Vinícius está sentado em uma mesa, jogando dominó, ele olha em volta à minha procura e quando me encontra dá um sorriso breve antes de voltar a sua atenção à mesa, como se precisasse ter certeza de que ainda estou aqui, na distância de um olhar. Vou ao banheiro, preciso urgentemente me afastar de tudo isso antes que eu enlouqueça. Uso o banheiro e lavo o rosto, tentando me refrescar, quando Marina entra trancando-nos e me olhando como se eu houvesse cometido um crime.

— Você não comeu nada a noite inteira, Poli — ela constata e só então percebo que realmente estou sem fome.

— Para de me vigiar. Como vou comer sabendo que meu namorado vai viajar amanhã? — digo e há mais verdade do que ela possa imaginar nisso. Estou doente por saber que deixarei Vinícius viajar sem saber o que está acontecendo, mas também sei que o estou protegendo.

— Poli, faz o teste e acabe logo com isso. — Ela estende a mesma embalagem de hoje cedo e reviro os olhos, irritada com sua abordagem sem pé nem cabeça.

— Claro que não! — exclamo irritada com a insistência de Marina. — Não tem porque eu fazer o teste.

— Poliana, você vai fazer isso agora. — Ela abre a caixa e me entrega o objeto. — Enquanto ainda dá tempo.

— Do que você está falando? — pergunto e Marina revira os olhos como se tudo isso fosse óbvio e apenas eu não compreendesse.

— Eu sei que você está pensando em terminar tudo com o bonitão, embora eu ainda não tenha entendido o motivo, Denis me cotou outro dia que Vinícius está preocupado, eu tô vendo a merda que você está se metendo e estou tentando te salvar antes que seja tarde demais. — Marina abre a porta. — Vai logo, termina logo com esse sofrimento. — Ela aponta para o objeto como se estar grávida fosse a solução dos meus problemas e sai do banheiro, me deixando sozinha com aquela coisa em minhas mãos.

Olho para aquela caixa por um bom tempo, eu tenho certeza de que não estou grávida, nos prevenimos, ele é muito cuidadoso e eu também, nunca passou nem em meus sonhos ter

um bebê, principalmente agora. Vinícius também não parece ser um homem adepto a família tradicional, com o ritmo de vida dele é difícil até mesmo ter uma namorada, o que dirá filhos.

Eu não estou grávida!

Decido fazer o maldito teste para esfregá-lo na cara da Marina e ficar em paz, sigo as instruções do rótulo e aguardo. Eu tenho certeza de que não estou grávida, só a menção desta palavra me faz rir, é ridículo em meio a tantos problemas eu estar parada dentro de um banheiro esperando por um resultado que eu já sei qual é.

Eu não estou grávida!

Enquanto eu balanço a cabeça sorrindo ao imaginar a cara de frustração de Marina ao descobrir que ela está enganada, uma linha cor-de-rosa começa a se formar na base do teste, minha respiração fica curta e meu coração dispara no peito, instantaneamente procuro pela caixa para ver as informações e descubro que em todos os casos sempre aparece uma linha, é o resultado negativo. Eu estou certa, não há nada aqui além de estresse. Lavo as mãos e volto a me olhar no espelho, tenho olheiras e minha aparência não é das melhores, relembro Marina dizendo que Vinícius se queixou com Denis e o que parece impossível acontece, meu coração se aperta ainda mais, eu estou destruída por estar afastando-o de mim depois de tudo o que passamos, mas também sei que será necessário e no fim das contas eu aprendi da pior forma possível que não há dor que não cure.

Lamento não ter trazido minha nécessaire quando olho para o teste em cima da pia. E é quando tudo o que eu sabia sobre a vida deixa de existir, sinto como se o eixo gravitacional da Terra houvesse mudado de lugar, sei exatamente o momento em que isso acontece, é quando olho para aquele pequeno pedaço de plástico que tem a minha vida inteirinha escrita em uma linha.

Na verdade, em duas!

Sento no chão e fico ali olhando para aquelas duas linhas e tentando me lembrar o que eu estava fazendo, neste momento eu não saberia dizer nem mesmo o meu nome, nunca tremi tanto em toda minha vida, nunca senti tanto medo, nem mesmo quando fui presa, nem mesmo quando fui baleada ou quando Márcio apareceu... Tudo o que eu senti até hoje não era nada como o pavor que estou sentindo ao olhar para essas duas linhas cor-de-rosa.

Aguardo um tempo, esperando elas desaparecerem, mas é claro que não. Elas permanecem lá, cada vez mais fortes, quase piscando em luzes de néon, e eu continuo sem coragem de me levantar.

Jesus amado! Eu estou grávida! Grávida do Vinícius.

Meu celular toca, me fazendo dar um pulo e derrubar o teste no chão. Levanto-me rapidamente e me surpreendo ao me olhar no espelho. Tenho a sensação de que não sou mais a mesma, algo estranho aconteceu comigo e me sinto muito mais cansada e mais velha do que há um minuto.

— *Amor, está tudo bem?* — ele pergunta sempre preocupado e uma onda de emoção surge fazendo-me sentir vontade de chorar.

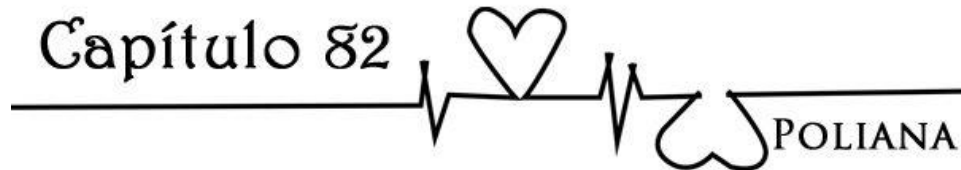
— Está sim — respondo enquanto olho para o lugar onde um pedaço dele cresce dentro de mim. — Eu estou no banheiro.

— *Aconteceu alguma coisa?* — ele pergunta e sorrio com a ironia disso tudo, está acontecendo tanta coisa, meu ex-namorado bandido está atrás de mim e o amor da minha vida está prestes a viajar, eu estou apavorada e nesse exato momento descobri que estou grávida, mas tudo que digo a ele é um simples “está tudo bem”.

— Já estou saindo. — Desligo a chamada e lavo meu rosto mais uma vez, afasto o cabelo e aperto minhas bochechas para deixá-las um pouco mais coradas, é tudo o que posso fazer além de colocar um sorriso falso nos lábios e sair.

E eu que achava que as coisas não tinham como piorar...

Capítulo 82



— Me peça para ficar e eu fico — ele sussurra gemendo em meu ouvido enquanto fazemos amor lentamente, como se nossos corpos soubessem que esta será a nossa última vez. Ele me olha, no fundo dos meus olhos, com seu corpo enorme pairando sobre o meu enquanto ele espera que minha resposta seja diferente, mas não será.

— Não — respondo em seu ouvido antes de beijá-lo, ele deita a cabeça em meu ombro, arruinado, e acaricio seus cabelos. Guardo em minha memória cada pedacinho de seu corpo que já conheço tão bem. Seu cheiro fresco de menta, seus beijos, sua forma de me deixar conduzir, de se preocupar sempre com meu bem-estar. Sempre eu, sempre fui a sua primeira opção, sempre fui a sua prioridade e agora mesmo, a poucas horas de nos separar, ele me põe em primeiro lugar. Se eu disser sim, sei que ele abandonaria tudo por mim, mas não posso, não antes e muito menos agora. Ele precisa ir, eu preciso que ele vá.

Enquanto fazemos amor, de forma triste e lenta, sinto meu amor por ele crescer, sei que não vou me arrepender porque amar é isso, é colocar o bem-estar do outro acima do seu e Vinícius sempre fez isso, agora chegou a minha vez, sua vida e sua segurança estão acima de qualquer coisa. Hoje me despeço dele, mas levarei comigo o amor que ele me ensinou e isso é o nosso legado. Isso e esse bebê que cresce dentro de mim.

Tentamos ficar acordados o máximo de tempo possível, estou exausta física e emocionalmente, e quando ele adormece com o braço em minha cintura, puxo sua mão lentamente para meu ventre e pousando-a em cima do nosso bebê. Sinto uma emoção forte ao pensar que somos três nesta cama, três almas que se uniram pelo amor, e que em nome desse mesmo amor não poderão ficar juntas. Sua mão pesada e quente me tranquiliza e sentindo-me ilusoriamente protegida acabo adormecendo pela última vez em seus braços.



A noite termina e o sol nos presenteia com mais um dia lindo.

Enquanto Vinícius toma banho, eu analiso minhas opções pela milésima vez e decido que não devo contar sobre o bebê. Sinto-me mal, a pior mulher do mundo ao mentir para ele dessa maneira, mal consigo olhar em seus olhos, mas sei que estou protegendo-o.

Penso em minha mãe e me sinto como ela, imagino quantas vezes ela se pegou pensando se estaria tomando a decisão certa ao me levar para o orfanato e hoje, enquanto ouço o barulho do chuveiro, envolvo meu corpo com minhas mãos e sei que eu faria o mesmo. Olho para meu ventre e me surpreendo com o sentimento que nasce dentro de mim. Quero proteger

esse bebê da mesma maneira que quero proteger seu pai e, quando Vinícius aparece no quarto envolto em uma toalha, tão lindo, tão perdido... eu sei que estou fazendo a coisa certa.

Observo-o se trocar e arrastar a mala conferindo os documentos umas dez vezes antes de guardá-los. Ele está ansioso e um pouco irritado e a cada minuto que passa a saudade aumenta, mesmo ele estando a poucos metros de mim.

— Por que está tão nervoso, não está acostumado a viajar? — Deito minha cabeça em meus joelhos admirando seu comportamento, seria bonitinho de se ver se eu mesma não estivesse ainda pior. Ele desvia o olhar dos documentos para mim, sem uma sombra de diversão em seu rosto.

— Essa é a primeira vez que vou deixar alguém por quem eu realmente me importo.

Levanto da cama e me jogo em seus braços, ele me aperta como se tentasse me fundir a seu corpo, beijando meu pescoço e acariciando meus cabelos.

— Vem comigo, ainda dá tempo...

Silêncio sua súplica com meus beijos, sentindo o gosto salgado das lágrimas deixar um sabor de despedida em nossa última conversa antes dele partir. Estou irredutível e isso o destrói.



A ida até o aeroporto, que fica na cidade vizinha, é terrível. Verônica e Fábio vão conosco e não falo nada a viagem inteira, mas é como se não houvesse ninguém ali, Vinícius segura minha mão em seu colo, fazendo círculos, enquanto encara a paisagem; eu me mantenho imóvel, com o coração apertado com a ideia de o deixar viajar sem contar sobre o bebê.

Chegamos a uma cafeteria e, enquanto aguardamos o voo, Verônica fala algo, mas tudo que consigo ver são seus lábios se movendo, não consigo ouvir nada e eu poderia jurar que estou tendo um ataque de pânico. Vinícius parece exatamente igual ao meu lado, ele remexe o café sem ao menos prová-lo.

— Está precisando de coragem aí? — pergunto a ele apontando para a xícara em suas mãos.

— Acho que sim. — Ele passa a mão em meus cabelos, acariciando-os, enquanto me olha. — Estou parecendo um bebê chorão, não é?

— Eu gosto de bebês chorões, eles são fofos.

— Não com um metro e noventa de altura.

— Esses são os melhores. — O beijo sentindo o sabor do café em seus lábios, meu coração dói no peito e antes que eu desista o chamo. — Vem comigo. — Levanto-me e o puxo pela mão ignorando a presença de Verônica e Fábio.

— Já volto — Vinícius diz e me segue sem fazer perguntas. Olho em volta sem saber onde estou indo, quero correr, quero fugir, mas não posso e faço algo sem pensar.

— Poli... — ele me chama no momento em que nos trancamos em um banheiro.

— Shhh... — Coloco meus dedos em seus lábios e rezo para que ele não note o quanto estou tremendo. Empurro-o na parede e começo a beijá-lo. — Eu preciso de você, só mais uma vez. — Minha voz soa desesperada e não me importo em impedir as lágrimas de caírem. Estou

me despedindo do homem que amo e não acredito que haja uma maneira bonita de fazer isso. Vinícius retribui meus beijos na mesma medida. — Por favor... — imploro enquanto abro sua camisa sem delicadeza e acaricio sua pele quente.

Ele não reage, apenas me observa tocá-lo como se não fosse capaz de acreditar.

Abro sua calça e libero sua ereção acariciando-o enquanto me desfaço da minha calcinha e guardo-a em seu bolso.

— Leve-a com você — digo em seu ouvido e ele estremece.

— Puta que pariu, você vai acabar comigo — ele diz enquanto me ergue em seus braços colocando-me entre ele e a parede fria do banheiro. — Você é tudo para mim... — ele diz enquanto me penetra de maneira desesperada, intensa e triste.

Seguro seus cabelos em minha mão, puxando-os com força, deito meu rosto em seu ombro abafando os gemidos que saem da minha boca. Ouço sua respiração pesada, sinto seus dedos cravados em minha bunda, sustentando-me, recebo suas investidas brutas, intensas, tristes, carregadas de mágoas, mentiras, dor, tristeza...

— Porra, eu preciso tanto de você, Poliana... — Vinícius sussurra em meu ouvido enquanto se move em um ritmo constante. — Como eu vou ficar esse tempo todo sem isso?

É a mesma pergunta que faço a mim mesma desde que tomei minha decisão e sei que não importa por quanto tempo eu a faça, nunca saberei a resposta.

— Eu te amo — sussurro em seu ouvido. — Eu te amo mais do que a mim mesma, por favor, nunca duvide disso.

Sinto seu corpo vacilar quando ele chega ao clímax e continuo dizendo a ele o quanto o amo, implorando para que esse momento se eternize dentro dele, para que, quando ele estiver com ódio de mim por tê-lo abandonado, no fundo do seu coração ele saiba que eu o amo, não da maneira que ele sempre sonhou, mas do meu jeito torto e cheio de cicatrizes que a vida me ensinou a amar.

— Eu te amo... — repito enquanto ele beija meu rosto molhado de lágrimas e me coloca de volta no chão arrumando minha roupa.

— Eu não sei por que você está fazendo isso comigo. — Ele apoia a testa na minha e posso sentir nossos corpos ainda se recompondo. — Mas isso está me destruindo, você está me afastando sem que eu possa fazer absolutamente porra nenhuma para evitar.

Fecho meus olhos, incapaz de olhar para ele, enquanto ele joga a verdade na minha cara. Começo a abotoar sua camisa observando o movimento de seu peito.

— Não seja bobo, meu amor. — Crio coragem e ergo meus olhos encontrando os seus, ainda com as pupilas dilatadas de prazer. — Serão apenas seis meses e tudo voltará ao normal.

Seis meses... é o tempo exato para tornar o que hoje é real em uma triste e dolorosa lembrança. Só seis meses e tudo o que acreditei ser eterno desaparecerá, como em um passe de mágica.

Capítulo 83



POLIANA

Respiro aliviada no momento em que avisto o avião levando Vinícius para longe de mim. Verônica me promete que teremos alguns dias de meninas, que não me deixará sozinha e que seis meses passa logo. Ela não entende que para mim seis meses precisa durar o tempo necessário para que ele me esqueça.

Quando chego ao apartamento de Vinícius levo um susto, Gabriel está na porta sentado no chão com a cabeça apoiada nas mãos me esperando. Assim que me vê, ele se levanta limpando as mãos na calça jeans.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto sem compreender sua visita.

— Eu tentei chegar antes, mas não pude. Então resolvi esperar por você. — Ele se apoia na parede, me olhando de uma forma intensa e me fazendo vacilar um pouco. — Você não contou a ele, não é?

— Do que você está falando? — Não quero acreditar que Gabriel já sabe, achei que teria tempo de deixar o apartamento de Vinícius antes que alguém notasse, mas parece que Márcio sempre está à minha frente. Olho em volta sentindo uma onda de pânico surgir, busco as chaves na bolsa e abro o apartamento com certa dificuldade, Gabriel hesita um pouco, mas por fim entra.

— O Alemão — ele diz apoiado na porta. — Ele me procurou ontem à noite.

Vou até à cozinha e bebo um copo de água, espalmo a mão instintivamente na barriga tentando me acalmar, mas sei que isso é impossível. Droga! Maldito Márcio, mais uma vez atrapalhando a minha vida.

— O que ele queria com você? — pergunto sentindo os tremores voltarem ao meu corpo.

— Isso não importa, não foi sobre mim que vim falar. — Gabriel parece não estar preocupado, mas sei que, assim como eu, ele também está correndo perigo, Márcio tem uma obsessão por ele que beira a loucura e o fato de Gabriel não ter aceitado sua oferta o deixou com ódio. — Ele ao menos sabe? — Gabriel pergunta e eu apenas nego com a cabeça. — Porra! — ele esbraveja. — Por que você não contou? Ele não teria ido se soubesse.

— É exatamente por isso que não contei. Eu não posso destruir a vida dele, não tenho esse direito. — Olho para o rapaz parado à minha frente sentindo uma empatia por ele, somos reféns do mesmo mal, cometemos os mesmos erros ao achar que poderíamos brincar no inferno sem nos queimar, o problema é que mesmo depois que voltamos dele, continuamos irradiando dor e destruição a todos aqueles que nos amam e isso é a nossa punição.

— Então por que você não foi com ele? — ele pergunta como se fosse algo óbvio.

Hesito um pouco em responder, não era para ser assim, eu deveria ter tempo de fazer o que planejei nas últimas semanas, mas agora Gabriel me olha como se eu fosse errada por tentar proteger Vinícius e ainda tem o bebê... Sento-me no sofá e Gabriel permanece no mesmo

lugar me observando enquanto tento descobrir em que ponto o trem da minha vida descarrilou.

— Eu não podia — digo por fim sem querer que ele saiba a verdade.

— Por que não?

— Se eu fosse com ele, Márcio iria atrás de você. — Me arrependo no momento em que termino de falar, sei que Gabriel não tem culpa de nada e também sei que ele não concordará com minha decisão, mas eu não poderia simplesmente dar as costas para tudo isso e ir viver meu conto de fadas com Vinícius.

— Foda-se! Ele veio atrás de mim de qualquer forma! — Gabriel se exalta esfregando o rosto com as mãos. — Eu sabia que assim que ele saísse da prisão ele viria atrás de mim, eu estava preparado para isso.

— Ele te mataria, Gabriel — confesso sentindo um nó se formar em minha garganta ao imaginar algo ruim acontecendo com esse rapaz. Gabriel permanece um tempo apenas olhando para o teto, o corpo se movendo para a frente e para trás enquanto ele analisa suas opções. Por fim ele me olha, os olhos intensos cheios de fúria e tristeza, transformando-o de uma maneira exótica e deixando-o ainda mais belo, como em uma tragédia grega.

— Você deveria ter ido com ele mesmo assim — Gabriel diz como se estivesse exausto, como se já estivesse cansado de lutar e não se importasse mais com o que lhe acontecesse. Ele parece estranhamente calmo, um contraste com o rapaz sempre tão agitado e nervoso que conheci. Apenas seus olhos demonstram o que ele realmente parece estar sentindo. Ele esfrega as mãos nos cabelos e me olha sem julgamentos.

— Eu não posso, não é justo com ele, eu escolhi viver com o Márcio, eu escolhi e colhi os frutos desse relacionamento doentio. Vinícius não tem culpa, ele é um médico inteligente e esforçado, tenho certeza de que terá uma brilhante carreira. Ele é um homem bom que não se perdoa por ter te machucado. Tudo o que ele faz, as noites em claro, os dias de trabalho puxado, o projeto... tudo isso é uma forma de se redimir dos seus erros. Eu não tenho o direito de fazer isso com ele. Por pior que seja agora, um dia vai passar, ele vai me superar e vai ficar tudo bem.

— Sabe, Poliana, um dia pensei da mesma forma que você, achei que me afastar da Caroline seria a melhor coisa para ela, achei que se eu ficasse ao seu lado eu destruiria a sua vida, mas o que eu não compreendia naquela época era que a melhor maneira de a machucar seria me destruindo. — Ele baixa o olhar para as próprias mãos, as sobancelhas baixas escondendo seus olhos. — Foram os piores dias da minha vida... — ele diz baixinho como se lembrar lhe causasse dor. — Tento todos os dias ser um homem melhor porque devo isso a ela. Sendo melhor eu farei com que ela seja melhor também.

— E como você acha que ela ficaria se você morresse por minha culpa? — pergunto sentindo que isso não vai acabar bem e me apavorando.

— Não seria sua culpa — ele responde tranquilamente. — Eu escolhi viver uma vida errada, assim como você, hoje também colho os frutos das minhas decisões. Mas o que você não está se dando conta é de que tanto eu quanto você estamos tendo uma segunda chance nessa porra dessa vida, mas você está se acovardando ao deixar o cara viajar sem saber que você está correndo perigo... isso não é justo.

— E como você acha que eu viveria sabendo que fugi? Como eu seria feliz sabendo que pessoas sofreram para que isso acontecesse?

Gabriel cruza os braços, o rosto marcado por um passado do qual ele não se orgulha, mas também não faz muita questão de esquecer. Ele olha em volta, os pés cravados no mesmo

lugar desde que chegamos, morde o lábio, perdido em pensamentos, e quando volta a me olhar é como se já soubesse desde o começo que isso não tem como mudar.

— Aquele maldito nunca vai te deixar em paz, Poliana — Gabriel diz finalmente. — Você vai ter que passar a sua vida inteira fugindo.

— Eu sei. — Abaixo a cabeça sentindo o peso da minha realidade. — Ao menos não enquanto ele estiver vivo.

— Alguma coisa aconteceu com ele naquela merda de prisão. O cara tá maluco, muito mais do que ele sempre foi — ele continua falando e apenas balanço a cabeça, sei bem quem ele é e de uma coisa tenho certeza: ele não é maluco. Ele é ruim, e as pessoas tendem a confundir maldade com loucura. Márcio não é louco, nunca foi, ele é inteligente e perspicaz, sedutor e muito influente, consegue conquistar quem ele quer porque foi assim que ele fez comigo e com Gabriel. Márcio é tudo de ruim que existe no mundo, é a escória, o chorume do lixo. Ele não é louco e eu não aceito isso, porque essa afirmação o liberta da responsabilidade dos seus atos.

— Eu estou sendo vigiada — admito para ele, agora que Vinícius está longe e sei que posso falar. — Faz algumas semanas que ele veio até mim e desde então eu sei que tem alguém me vigiando.

— Porra! — Gabriel esbraveja e esfrega as mãos nos cabelos. — O que vamos fazer agora?

— Vamos? Ninguém vai fazer nada aqui, Gabriel, eu vou embora — digo finalmente pela primeira vez desde que decidi que deixar Vinícius é a melhor escolha e as palavras saem pesadas, cheias de dor e certeza. Coloco a mão em meu ventre desejando compreender a lógica nisso tudo. Por que Deus colocou uma criança neste momento, por que comigo, por que agora?

— O caralho que vai, eu não posso permitir que você faça uma burrada dessas, Poliana — ele diz como se o que estou prestes a fazer fosse algo questionável. — Você vai destruir o Vinícius.

— Se eu ficar, eu vou destruir muito mais pessoas. — Começo a chorar porque é muito mais do que posso suportar. Durante as últimas semanas, eu suportei tudo isso sozinha e agora ao ouvir Gabriel falar sinto que tudo é ainda pior, maior e não consigo mais ter certeza das minhas decisões, é como se eu tentasse escapar de um destino que já estava traçado para mim.

— Eu estou pronto para receber o que tiver que ser — ele diz, as palavras cheias de heroísmo. Sei que ele seria capaz de morrer para nos ajudar, mas eu não posso aceitar. — Eu não tenho medo de nada e foda-se se ele acha que vou me curvar desse jeito, eu não vou e no que depender de mim você também não.

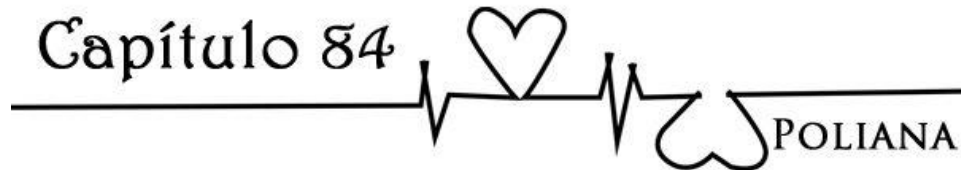
— Por que você está fazendo isso? — pergunto sentindo um sentimento grande em meu peito, sempre fui uma garota sozinha e desde que conheci Vinícius venho sendo amparada por cada um de seus amigos, hoje me sinto parte de uma grande e bonita família, a família que infelizmente terei que deixar para trás.

— Há um tempo, eu fui até a boca do Alemão acertar minha vida, porque eu queria esquecer que um dia tudo aquilo fez parte de mim, mas quando te conheci, me perguntei o que diabos uma garota como você estava fazendo com aquele desgraçado, eu passei dias pensando nisso e, acredite, eu sabia que ele era ruim o suficiente para te machucar e aquilo me fez mal pra caralho, eu conheço o lado ruim do Alemão, eu não vou deixá-lo colocar as mãos em você de novo, por mim, por você e, principalmente, por Vinícius.

— Você não pode me impedir de tomar as minhas decisões — digo secando minhas lágrimas e me levantando.

— Não, eu não posso — ele admite. — Mas posso ficar ao seu lado. Ao menos até o Vinícius voltar. Porque ele vai voltar, Poliana. No momento em que você não responder suas mensagens e a Verônica não te encontrar ele vai voltar.

Capítulo 84



Gabriel consegue me convencer a ficar no apartamento de Vinícius ao menos até que as aulas dele se iniciem na próxima semana. Ele mesmo vem me ver diariamente junto com Carol, que não aceita minha decisão de esconder o que está acontecendo. Para ela mentiras atraem mentiras e vou acabar me sufocando e magoando Vinícius. Ela não entende que tudo o que faço é para protegê-lo e já não me importo mais em explicar, talvez seja melhor que ela me ache egoísta. O telefone toca e meu coração dispara no peito antes mesmo de atender.

— *Como você está?* — Vinícius pergunta, fecho os olhos e quase consigo ver seus olhos gentis me analisando como uma máquina de raios-X.

— Estou bem e você? — tento parecer convincente e espero que a distância se encarregue de fazer um bom trabalho.

— *Com fome, com frio e com saudades.*

— Coitadinho... Não tem comida aí nessa cidade?

— *Não, aqui não tem nada que sacie a minha fome.*

Sinto meu corpo esquentar com sua provocação. Vinícius fala um pouco sobre a cidade, o fato de odiar o frio e como ele sempre se sente sufocado com aquelas blusas pesadas que é obrigado a usar, falamos sobre tantas coisas que chego a me esquecer que estamos tão longe um do outro. Foi difícil dizer tchau. Na verdade, cada dia se torna mais difícil.



Às três horas da manhã acordo com uma forte dor, me encolho tentando fazê-la parar, mas ao contrário disso ela só aumenta, vou ao banheiro e para meu desespero noto que estou sangrando. Eu deveria estar aliviada, um bebê só me traria mais problemas nesse momento, mas o que sinto é um desespero tão grande que tudo o que consigo fazer é chorar.

Ligo para Carol, que atende no segundo toque, e sem fazer perguntas me leva para o hospital. Tudo acontece rápido demais, Eduardo está de plantão e me atende assim que chegamos, sou passada para a área da obstetrícia e pouco tempo depois estou em uma sala gelada, os olhos inchados de tanto chorar enquanto ouço os batimentos cardíacos do meu bebê.

— O embrião está se desenvolvendo bem, você está com aproximadamente 13 semanas... — o médico diz e explica que tive um sangramento uterino, comum em mulheres com o meu porte físico, me pede para permanecer em repouso pelo resto da semana e diz que está tudo bem com o meu bebê. E finalmente consigo respirar.



— Você está grávida? — Carol pergunta assim que o médico nos deixa a sós, Gabriel está apoiado na parede, com os olhos fixos na namorada. Ele não disse uma palavra desde que saímos do apartamento e sei que está pensando que agora existe mais uma vida para proteger.

— Eu descobri um dia antes da viagem — digo me sentindo a pior pessoa do mundo por esconder isso.

— Meu Deus! — Ela coloca a mão na boca.

— Você pretendia contar isso a ele? — Gabriel finalmente pergunta e sinto o tom de recriminação em suas palavras.

— Não me olhem assim — defendo-me. — Eu estou tentando protegê-los, vocês acham que está sendo fácil para mim? Cada vez que o ouço dizer que logo estará de volta, que está com saudades e que tudo vai ficar bem sinto como se estivesse sendo apunhalada. Eu o amo, mas não posso ficar.

— Você pretendia fazer o quê? — Gabriel pergunta novamente e ele parece estar furioso.

— Gabriel... — Carol o repreende, mas ele parece não estar ouvindo.

— Foda-se, ela está grávida! — Ele aponta para mim como se precisasse ter certeza de que Carol está vendo. — Porra, Caroline, ela ia fugir carregando o filho dele na barriga.

— O meu filho — me defendo mesmo sabendo que estou errada, mesmo sabendo que ele tem razão em estar furioso e percebendo que não estou tão preparada assim para ser julgada como achei que estaria.

— O que você pretendia fazer com o bebê? — Carol pergunta com seu tom calmo e pacífico de sempre.

— Eu não sei, talvez entregar a Vinícius, ou a mãe, eu ainda não havia decidido.

— Santo Deus! — Gabriel exala o ar, chocado. — Isso aqui está passando dos limites.

— Isso não é justo com nenhum de vocês, Poliana — ela diz, ignorando a fúria de Gabriel, e balanço a cabeça sabendo que ela tem razão, mas nem tudo nessa vida tem a ver com justiça.

— Eu sei, Carol, mas não tem outra alternativa, enquanto Márcio estiver livre, não tenho outra escolha.

Gabriel esfrega o rosto várias vezes chamando a atenção de Carol.

— Porra! Esse filho da puta não pode ficar solto por aí destruindo a vida das pessoas, precisamos fazer alguma coisa.

— O quê? — pergunto para Gabriel, que me olha como se tivesse descoberto algo. Apego-me a isso com tanta força que tenho dificuldades de respirar. Sou como um naufrago, estou exausta e sei que minhas forças estão prestes a acabar, eu preciso ser resgatada antes que seja tarde demais.

— A primeira delas é contar tudo para o pai do teu filho — ele fala e sinto que não tenho muita escolha. O universo parece não concordar com as decisões que tomei.



Na noite seguinte, ligo o Skype no horário combinado e quando Vinícius surge do outro lado da tela sinto as lágrimas se acumularem em meus olhos.

— *Por que você passou mal?* — Vinícius me pergunta.

Carol fez Eduardo prometer não contar nada a ele até que eu tenha certeza de que o bebê ficará bem, ele concordou e percebo que a trama de mentiras está se alastrando, contagiando cada vez mais pessoas. Tudo por minha culpa.

— Acho que estou trabalhando demais e acabei me esquecendo de comer, mas agora estou bem — minto para ele com uma facilidade que me assombra.

— *Você está abatida, amor, estou ficando preocupado com você.* — Sua expressão é de confusão enquanto ele me analisa.

— Eu estou com saudades, é apenas isso e excesso de trabalho. — Forço um sorriso a sair dos meus lábios.

Ele me faz prometer que não farei mais isso e minto mais uma vez, conversamos por mais um tempo até que preciso desligar. Deito abraçada ao seu travesseiro e choro até dormir.



A semana está chegando ao fim, Vinícius ainda está preocupado comigo, Gabriel e Carol ainda me visitam diariamente embora Gabriel esteja cada dia mais irritado com a minha teimosia. Por ele eu contaria tudo para Vinícius, ele voltaria, daríamos um jeito em Márcio e viveríamos felizes para sempre. Simples assim.

No fim de semana Verônica e Fábio vem me visitar, chamo Marina e Denis e passamos um tempo agradável juntos, Vinícius nos vê pela webcam, com um sorriso de garoto em seu rosto ao ver que não estou sozinha, são momentos agradáveis que torna a minha decisão ainda pior. Antes de desligar ele diz estar preocupado comigo.

— Eu estou bem, amor. — Desvio o olhar da tela do notebook antes que ele perceba.

— *Não está, eu sinto, você está diferente e não quer me falar, mas já estou vendo uma maneira de ir te ver, nem que seja apenas por um dia.*

Abro a boca para contestar, mas percebo que é melhor ceder e forço um sorriso a sair de meus lábios.

— Eu vou adorar te ver.

Ele abre um sorriso tão bonito que chega a ser injusto com ele esconder tanta coisa, acaricio minha barriga sem que ele possa notar.

— *Eu te amo* — ele me diz cheio de carinho.

— Eu também te amo, muito mais do que você pode imaginar. — Baixo o olhar para meu ventre e faço uma declaração silenciosa para nosso pequeno milagre.

— *Em no máximo dez dias estarei aí e poderemos matar um pouco dessa saudade.* — Ele passa a mão nos cabelos que estão cada dia maiores e o desejo que tenho de tocá-los chega a ser insuportável.

— Eu não vejo a hora de te ver.

— *Preciso desligar, amor.* — Ele beija a tela e me inclino repetindo o seu gesto. Em seguida, desligo a chamada de vídeo e choro.



Na segunda volto ao trabalho, as dores se foram e me sinto bem, o bebê está saudável e minha barriga começa a crescer, apenas um pequeno monte em meu ventre, mas o suficiente para que minhas roupas já não sirvam e meu remorso se torne uma presença constante em minha vida.

Sigo meu ritual diário ao sair do restaurante, olho em volta e mesmo sem ver, sinto que estou sendo seguida, aperto o passo em direção ao ponto de táxi, mas antes que eu chegue lá sou abordada por Márcio.

— Aonde vai com tanta pressa? — Ele para na minha frente me fazendo bater em seu peito. Ele está novamente com um boné escondendo seu rosto e os mesmos caras estão ao seu lado dessa vez.

— Preciso ir, estou atrasada.

— Poli, Poli... sabe que eu te admiro muito, não é? — Ele passa o dedo por meu rosto e desvio olhando para o outro lado da rua. — Tão esperta, minha garota! Agarrou o cara certo.

— Não sou sua garota! — grito em seu rosto e ele segura o meu em suas mãos.

— É sim! Eu te fiz mulher, vai ser pra sempre a minha garota...

Sinto a bile subir por minha garganta enquanto ele joga na minha cara o fato de ter sido meu primeiro homem, ele me solta e perco um pouco o equilíbrio quase caindo e causando diversão aos seus capangas.

— Seu idiota! — Tento acertá-lo, mas não consigo, ele segura minha mão no ar apertando meu punho, me fazendo arfar e relembrar coisas que eu queria esquecer.

— Escuta aqui, ruivinha, você vai fazer um favorzinho pro teu macho aqui. — Suas unhas estão cravadas em minha pele. É incrível o quanto a dor me remete a ele e o quanto isso me choca.

— Eu não vou fazer porra nenhuma, me solta. — Tento me desvencilhar mais uma vez, mas ele aumenta a pressão, puxando-me para mais perto.

— Você vai falar para o Gabriel que eu quero encontrá-lo amanhã, na casa onde ele fodeu a porra da vida dele. Ele sabe muito bem onde é.

— Eu não sou sua garota de recados... — Olho dentro dos seus olhos desejando que ele consiga ver que não está mais no comando embora uma parte de mim, bem pequena ainda, queira obedecê-lo e dizer a ele que ele tem razão.

— Ah, você é... você é minha puta, minha mulher, minha garota de recados e vai fazer a porra do que eu estou mandando agora! Ou eu posso ir falar com a garota que ele tá comendo, como é o nome dela mesmo? — Ele olha para um dos caras, que ri divertindo-se com a situação.

— Gostosa pra caralho aquela morena, né? — ele pergunta para um deles e noto que somos como peças de um jogo de xadrez doentio que ele vem jogando como quer. Ele sabe de tudo, muito provavelmente sabe de Vinícius também.

— Por que você não o deixa em paz? — pergunto atraindo a sua atenção.

— Ele tá te comendo também? — Ele se aproxima um pouco mais e desvio o olhar quando ele passa o nariz em meu rosto, me provocando. — Virou uma puta de playboy viciado, ruivinha? Tá cheirando também? Aí é sacanagem, hein, não quero que você foda com a sua vida. — Os caras se divertem enquanto ele me ofende deliberadamente. — Só eu posso foder com a sua vida, ruiva. Só eu.

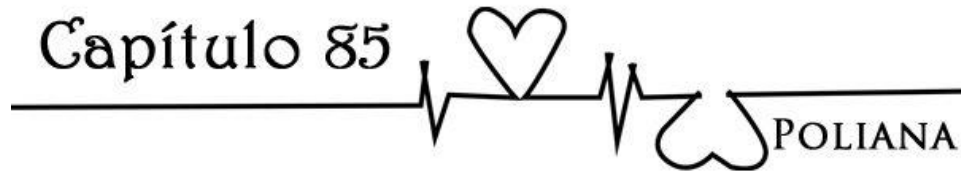
— Você é ridículo!

— Você sabe que estou falando a verdade. — Márcio traça o dedo no ponto exato onde ele deixou suas marcas e por um momento perco o ar. Algo se desconecta dentro de mim e me encolho como se ele fosse capaz de continuar me machucando mesmo agora.

— Eu te odeio... — digo olhando dentro dos seus olhos e ele para por um momento, absorvendo minhas palavras, sentindo meu ódio e talvez percebendo que não sou mais a mesma garota que ele “fodeu a vida”.

— Amanhã, às oito da noite, na casa dos manos. — Ele me solta e desabo no chão, as pernas incapazes de me manterem de pé enquanto vejo Márcio e seus capangas se afastarem na escuridão da noite. — Ou eu mesmo vou até ele e aí vai ser bem pior.

Capítulo 85



POLIANA

Eu havia tomado meu terceiro chá de camomila quando o som familiar do Skype me assusta, corro até minha cama querendo mais do que tudo não falar com ele. No terceiro toque coloco um sorriso nos lábios e atendo. Vinícius percebe meu humor, fica preocupado e me sinto mal com isso, mais uma mentira em minhas costas.

No dia seguinte, Verônica vai ao restaurante. Sua presença é suficiente para causar um tumulto entre a população masculina e a levo para o escritório para que possamos conversar a sós.

— O que está acontecendo aqui, Poli? — ela pergunta sem cerimônias. — Meu irmão está prestes a pegar o primeiro voo só para ter certeza de que está tudo bem.

Apoio-me na cadeira exausta e sem saber o que responder, sinto uma vontade imensa de contar toda a verdade para ela, talvez ela pudesse me ajudar de alguma forma, mas não faço por medo de Vinícius e, principalmente, por medo de que algo ruim possa acontecer a Gabriel, ele está no limite, se ele fizer o que Márcio quer não haverá volta para ele, será o seu fim, e o de todos os que o amam, principalmente Carol.

— Verônica, eu vou contar a verdade para você porque sei que posso confiar. — Seguro suas mãos e rezo para que ela acredite em mim. — A verdade é que estou apavorada.

— O que houve? — Ela arregala seus grandes olhos azuis.

— Eu me sinto insegura e ele está tão longe, rodeado de mulheres exuberantes e eu... — aponto para o meu uniforme encharcado de gordura — Eu sou apenas uma garçonete.

Fecho meus olhos assim que termino de falar, me sinto afundando em um lamaçal de mentiras e mal consigo olhar para ela quando sinto seus braços em volta de mim.

— Poliana, sua tola, meu irmão te ama. — Ela sorri e vejo um pouco do sorriso dele. — Não há a menor chance dele te trocar por uma americana qualquer.

Ela me diz palavras carinhosas que me deixam doente, conversamos um pouco mais e me sinto aliviada quando percebo que meu ciúme e minha insegurança foram suficientes para justificar tudo o que está acontecendo.

A situação chega a um ponto que não diz respeito só a mim, muita gente está envolvida, então tomo uma decisão arriscada. Assim que Verônica sai do restaurante, eu ligo para o Sr. Gonçalves explicando que preciso ficar afastada por alguns dias do restaurante, ele não questiona, apenas lamenta a gravidade da minha “falsa anemia”. Não me despeço de ninguém, nem mesmo de Marina, minha grande amiga. Vou embora como em qualquer outro dia, assim que chego em casa arrumo uma bolsa com algumas roupas, pego todo o dinheiro que tenho, mando um recado para Verônica dizendo que passarei uns dias no orfanato, desligo o celular e o guardo no fundo de uma gaveta. Despeço-me de Joana rezando para que ela fique bem, tenho certeza de que Verônica cuidará bem dela. Bato a porta do apartamento e deixo para trás a vida que descobri amar e saio rumo ao desconhecido.

Assim que viro a esquina sinto um impacto em minhas costas, não tenho tempo de me virar, caio no mesmo instante e rezo apenas para que seja o fim... estou cansada demais para lutar. Talvez assim eu garanta a segurança de todos que eu amo.



O balanço do carro me faz despertar, tento me mexer, mas não consigo, minha cabeça dói, abro os olhos e percebo que estou em uma van, um homem fala ao telefone, está agitado e eu posso apostar que ele está com medo, eu conheço o medo e posso senti-lo em sua voz.

— Já falei, porra, arma o esquema aí que *tamo* chegando na parada... Sim tô com a encomenda aqui. — Ele se vira para trás e fecho os olhos rapidamente para que ele não perceba que estou acordada. — Firmeza, mais dez minutos e *tamo* na área. — Ele desliga e começa a falar com o motorista. Faço um movimento leve e percebo que minhas mãos e minhas pernas estão amarradas. Respiro fundo procurando alguma outra dor que eu possa sentir, mas graças a Deus a única região que me incomoda é a cabeça, baixo o olhar para meu ventre e faço uma breve oração pedindo proteção para o meu bebê.

O movimento brusco do veículo faz com que a minha cabeça doa ainda mais, um rap toca baixinho no rádio e os rapazes animados cantam o refrão que fala de ódio, discriminação e desigualdade social. Os dez minutos se passam e logo o carro para, meu coração dispara no peito sem saber o que me aguarda lá fora, a porta se abre e Márcio entra sozinho se abaixando na minha direção.

— Minha gatinha teimosa, como você me deixa louco. — Ele me ergue pelo braço com facilidade e me sento sentindo a cabeça latejar. — Levanta, ruiva, chegamos ao nosso novo lar!

— O que vocês fizeram comigo? — resmungo enquanto ele desamarra meus pés.

— Nada de mais, gata, apenas te deram um sossega-leão. — A corda raspa em meu tornozelo arranhando minha pele, ele desamarra minhas mãos e acaricia meus pulsos, beijando-os. — Agora vamos, e seja boazinha, eu não quero fazer nada de ruim com você.

Márcio me puxa e saímos do carro. Estamos em uma rua estreita, de terra batida com algumas casas simples sem portão e iluminação precária, seguimos até a última casa da rua, no ponto mais elevado, ela é rosa clara, mas a pintura parece desgastada e a iluminação ali é ainda pior como se fosse de propósito, sinto meu coração pulsar dentro do peito, é um cativo, eu estou sendo sequestrada por ele.

Márcio me segura junto de si, como se fôssemos um casal, e me sinto invadida. Seu cheiro familiar me enjoa e uma sensação terrível de que vou vomitar a qualquer momento me faz afastá-lo.

Rapidamente entramos na casa e ele me leva para um quarto nos fundos, sou colocada em uma cama, com cuidado e por um breve instante consigo ver o rapaz por quem me apaixonei quando sua mão afasta meu cabelo e seus olhos negros observam meu rosto.

— Tá precisando de alguma coisa? — ele diz com a voz baixa e cuidadosa.

— Para com isso, Márcio, me deixa ir embora — suplico segurando seu braço no momento em que a porta do quarto se fecha e ficamos sozinhos. — Não faz isso com você — imploro em nome do que vivemos juntos, sei que ele me amou, hoje sei que da maneira errada

dele, fui importante dentro de um universo onde quase nada importa, eu era algo de valor, vejo nos olhos dele que ele não quer me machucar, ele não quer me fazer mal e isso me impulsiona a seguir. — Não faz isso comigo, Márcio, me leva pra casa, por favor...

Seus olhos se estreitam e param em minhas mãos em seu braço, ele permanece assim por tanto tempo que sinto uma pontada de esperança surgir, ele respira fundo e volta a me olhar.

— Senti sua falta, gata. — Me encolho quando seu rosto se aproxima do meu, inalando meu pescoço e se aproximando de minha boca. — Senti falta da gente junto. — Ele beija minha boca, minha bochecha, meu pescoço. — Chorei por você durante quase dois anos naquela porra daquele lugar. — Viro meu rosto não querendo ter essa conversa com ele. — A cadeia feminina é tão ruim quanto a masculina? — Ele acaricia meu rosto como se fôssemos um casal. — Elas te violaram, gata? Usaram você para extravasar a raiva delas? Eu nunca vi tanto ódio como naquele lugar. — Sua voz está baixa e posso sentir as sequelas do que ele passou na cadeia. — Se existe mesmo um inferno, ele se chama prisão. E eu estive lá, gata, eu passei por cada uma das piores coisas que podem acontecer com alguém.

— Márcio... eu sinto muito.

— Mas o pior de tudo foi ficar longe de você, eu senti tanto a sua falta...

Retiro sua mão do meu rosto sentindo meu estômago revirar com sua proximidade.

— Não vamos falar sobre o que passou, vamos seguir adiante, fazer um futuro melhor.

— Meu futuro é você. — Ele se inclina pra frente. — Você é a mulher da minha vida, Poliana, podemos ser felizes juntos, eu tenho dinheiro, gata, tenho muito dinheiro, podemos ser felizes. — Ele me beija novamente e quando não me mexo, ele se afasta um pouco, respirando profundamente, como se houvesse se arrependido do que disse. — Se precisar de algo, só bater na porta, o Zeca vai ficar aqui com você essa noite, se gritar ele vai te amarrar, se fazer algum barulho ele vai te machucar.

As palavras saem com dificuldade de sua boca, ele se afasta ignorando completamente o assunto que estava falando e sai em direção à porta. Ele não quer me fazer mal, eu sei disso, ele apenas quer me castigar de alguma forma pelo que havia acontecido e eu temo por minha vida, pela vida do meu bebê, mas algo que jamais imaginei que aconteceria surge em meu peito, eu temo pela sua vida também.



Os minutos se transformam em horas, e me vejo perdida sem saber ao certo quanto tempo estou aqui, a luz da rua não entra no quarto, a janela está lacrada, tudo o que eu tenho é um fio de luz que passa pela porta e por ela eu posso definir se é dia ou noite, a porta não se abre mais, eu sinto sede e fome, mas acima de tudo medo, muito medo, acaricio minha barriga tentando acalmar o bebê, mesmo sabendo que ele sente o meu medo. A casa finalmente se enche e posso ouvir vozes, as vozes se alteram, ouço gritos, os gritos se aproximam e ouço um barulho, me encolho, com o medo aumentando quando a porta finalmente se abre e vejo Márcio mais uma vez, ele entra batendo a porta atrás dele, em sua mão a minha bolsa.

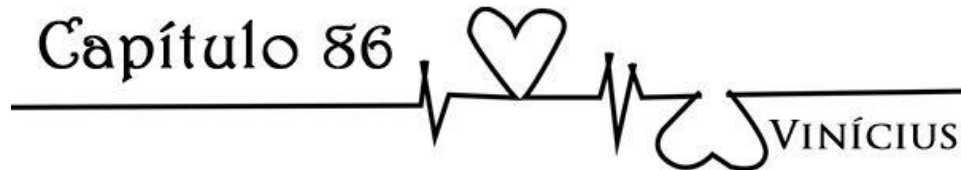
— Acho que você precisa disso. — Ele joga a bolsa na minha direção e percebo que sua mão esquerda está suja de sangue, ele se move de um lado para o outro, está agitado, provavelmente drogado, eu conheço esse tipo de comportamento muito bem. Ele quase nunca usa o que vende, diz que não é certo, mas quando ele está assustado ele sempre recorre a sua mercadoria. Hoje ele está muito assustado.

Passam-se horas e adormeço, a sede me castiga e começo a temer pela vida do meu bebê, preciso fazer algo para sair dessa situação, mas não sei o que, choro em silêncio, minha cabeça volta a doer e oro até adormecer novamente.

Quando acordo dessa vez a noite já é certa, tudo está em silêncio novamente, e tenho a sensação de estar sozinha, tento me levantar, mas uma tontura me derruba e volto a me encolher, ao meu lado há uma mesinha pequena com uma garrafa de água, um copo descartável e um pão com queijo, choro ao ver aquilo e percebo o quanto estou faminta, minhas mãos tremem, estou com tanto medo que não consigo mais parar de chorar.

Como o pão com rapidez e sinto ânsia, bebo mais água e volto a dormir, estou exausta, fecho meus olhos e Vinícius surge em meus pensamentos, suas mãos grandes me envolvendo e me abraçando, nos abraçando, nos protegendo. Desejo morrer, pois tenho certeza de que essa será a única maneira de estar em seus braços novamente.

Capítulo 86



Sou um cara muito observador, e desde que contei a Poliana sobre o curso senti que alguma coisa estava errada. Na verdade, eu estava errado.

Na minha ignorância cega não notei os pequenos detalhes que me levariam ao óbvio. Poliana não me tocava em público, nem ao menos saíamos mais, ela sempre parecia nervosa e um pouco paranoica. Porém, mesmo assim não acreditei.

Passa das duas da manhã quando meu celular toca, é Verônica e atendo sabendo que algo muito ruim estava acontecendo para a minha irmã me ligar aquela hora.

— Vini. — Sua voz sai chorosa e meu coração para de bater no mesmo instante. É ela, eu sei que é, alguma coisa aconteceu com Poliana.

— O que houve? — pergunto enquanto me levanto da cama em busca das minhas calças.

— Vini, aconteceu uma coisa... — Ela soluça e apoio minha cabeça na parede fechando os olhos e tentando manter a calma. — A Poli... ela... ai, meu Deus!

— Fala logo, porra! — grito antes mesmo de conseguir me controlar. — O que houve com a Poliana?

— Ela sumiu.



Minha cabeça está prestes a explodir...

Faz exatamente 48 horas que não durmo, desde que Poliana não me respondeu e Verônica me ligou avisando que ela havia sumido eu não durmo. Desde que acampei na porra do Aeroporto Internacional J. F. Kennedy, esperando um voo que me trouxesse de volta para casa eu não durmo. Assim que cheguei ao Brasil e a verdade foi sendo derramada em meu colo eu não consigo pregar a merda do olho.

Eu não consigo...

Eu não consigo entender por que ela mentiu para mim, por que me escondeu coisas, por que me deixou ir? Por quê? Eu odeio essa palavra, ela me persegue, me apunhala e me machuca. E não me deixa dormir. Não aguento mais ouvir nenhuma palavra e me tranco no quarto tentando colocar alguma ordem na minha cabeça. Já gritei com todos, já acusei todos, já culpei e ameacei a cada um que fez parte dessa trama de mentiras que Poliana criou para me manter longe dela. Agora eu preciso de silêncio. Caminho de um lado para o outro tentando pensar, mas não consigo mais pensar, minha cabeça está uma desordem. Sento-me no chão e apoio a cabeça nas mãos, não consigo respirar, me inclino pousando minhas mãos na perna e puxo o ar para meus pulmões, inspirar e expirar, assim como Carol faz.

Começo a chorar, não consigo evitar, e as lágrimas escorrem por meu rosto. Estou com raiva, medo e me sentindo traído... ela me deixou ir sabendo que aquele monstro estava à solta. Ela me deixou ir sem se importar com o que eu acharia quando descobrisse. Desde quando ela decidiu que não me queria? Desde quando estava comigo sem amor? Ela ao menos me amou algum dia? As perguntas não param de se formar em minha cabeça, e mesmo que eu não consiga responder nenhuma delas, elas continuam se acumulando.

Porra! Onde ela está?

Esmurro a parede pela centésima vez, já não sinto mais meus dedos, eles estão ralados, já não sinto mais meu coração, ele está parando de bater... Cada minuto sem notícias dela é uma batida a menos na porra do meu coração traído.

Alguém bate na porta, eu não respondo, não quero falar com mais ninguém, eu só preciso pensar, mas ninguém me deixa pensar, merda! Sinto vontade de gritar, mas preciso manter a calma. Eu preciso ficar calmo porque não consigo mais pensar.

— Vinícius, ele chegou — Denis chama do outro lado da porta e me levanto sabendo de quem ele está falando. Era a única coisa que eu queria ouvir.

Abro a porta bruscamente e encontro um cadáver à minha espera. Ele é tudo o que tenho nesse momento e é tudo o que mais eu odeio no mundo. Quero poder matá-lo, mas não posso porque não se pode matar aquilo que não tem vida e Gabriel está morto embora respire.

Ele me olha, aguardando a sua sentença. Se eu tivesse um coração ele se compadeceria, mas eu não tenho, não mais e então faço a única coisa que eu posso fazer. Fecho meu punho e o acerto bem no meio da sua cara, um único soco, firme, forte e certo, um soco que grita por mim, por ela e por nosso bebê. O bebê que eu nem ao menos sabia que existia.

— Seu filho da puta! — grito em seu rosto. — Como você pôde? Como você permitiu que ela escondesse isso de mim?

Ele continua olhando para mim, com o sangue escorrendo do seu nariz e os olhos vermelhos.

— Você mais do que ninguém sabia que ele é perigoso, você não podia ter mentido assim para mim — continuo gritando, Denis entra na frente segurando-me e impedindo-me de acertá-lo mais uma vez.

Alguém grita.

Alguém chora.

Alguém me segura por trás, mas eu só ouço o meu punho implorando para acertar a sua cara novamente.

— A culpa é sua! — Jogo as palavras com força, e ele as recebe na mesma intensidade, seus olhos mortos se fecham e ele dá um passo para trás. — Por sua causa ela está desaparecida! Seu maldito! Seu filho da puta! — Me solto e cambaleio para o lado, sentindo meu coração bater novamente, mas ele dói. Porra, como dói... — Por sua culpa eu a perdi. — Caio no chão, sem forças para mais nada. E me rendo à dor.

Quarenta e oito horas... e onde ela está? O que fizeram com ela? Cadê o meu bebê? Cadê a minha mulher?

As perguntas continuam se formando, se embolando, se acumulando...

Eu quero gritar, mas não consigo.

Preciso respirar, mas ninguém deixa.

Eu quero pensar, mas sinto que vou enlouquecer.

— Foi tudo minha culpa. — Esmurro minha cabeça sentindo minha garganta reclamar.
— Eu não deveria tê-la deixado sozinha, eu sabia que algo estava errado, mas eu não consegui compreender que ela estava apavorada... eu sou o culpado, foi tudo minha culpa.

— Vinícius, por favor, me escuta. — Verônica se ajoelha na minha frente erguendo meu rosto, seus olhos estão inchados e ela treme enquanto fala. — Por favor, deixa o Gabriel falar.

— Eu quero a minha mulher... Eu só quero a minha mulher de volta — digo sentindo uma onda de desespero me dominar. Ela passa a mão em meu cabelo. — Eu só quero saber por que ela me deixou, por que ela me permitiu embarcar naquela merda de avião quando um monstro estava atrás dela e do nosso bebê? Por quê? — pergunto para minha irmã desejando que ela acalme meu coração. Mas ela não acalma, ninguém pode me acalmar além de Poliana.

— Eu não sei, Vini, mas sei que todos nós a queremos de volta. Deixa o Gabriel falar, por favor.

— Ela está em perigo, Verônica, aquele homem é perigoso, ele vai matá-la...

— Não vai — ela diz com tanta convicção que quase acredito nela. Quase.

Ergo a minha cabeça e encontro Gabriel encostado na parede oposta, Carol coloca gelo em seu rosto, mas tenho certeza de que ele não liga, ele não sente, está morto, assim como eu. Carol parece menor, seu corpo treme e Gabriel não percebeu ainda, ela está entrando em choque, olho para Verônica e falo:

— Leva a Carol daqui.

Verônica parece não entender.

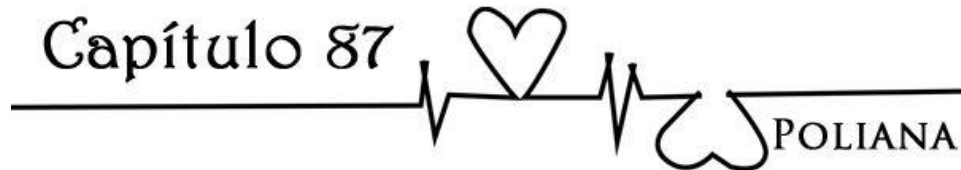
— Tira ela daqui. — Estendo minha mão na direção dela. — Ela tá passando mal, tira a Carol dessa porra de confusão.

Verônica olha para a amiga, no momento em que me levanto e corro em sua direção. Ela me olha, com seus lábios sem cor, seus olhos vermelhos e sussurra um pedido de desculpas momentos antes de cair em meus braços.

Denis se aproxima ajudando-me a levantar Caroline, Gabriel não se mexe e chamo Fábio pedindo para que ele o leve para fora, ele não está bem e começo a perceber que ninguém aqui está. Olho em volta e tudo o que vejo é medo, tristeza e caos. Sou como o olho de um furacão destruindo tudo a minha volta e estou carregando comigo todos aqueles que amo.

Quarenta e nove horas, eu perdi mais uma e não sei quantas mais poderei perder antes que tenha perdido todas.

Capítulo 87



Perco-me no tempo, os três primeiros dias foram fáceis diante do que estou passando, começo a acreditar realmente que nunca mais vou sair daqui, durmo o maior tempo possível, sonho que estou nos braços dele grande parte do tempo. Uma vez sonhei com nosso bebê, estávamos deitados no tapete, os três, e ele era lindo. Acordei chorando, será que ele vai ver o filho? Será que vamos conseguir sair daqui? Será que alguém está atrás de mim? São os pensamentos que me acompanham.

O lugar onde estou é escuro, úmido e fedido, tenho medo de dormir à noite, ouço barulhos e temo encontrar ratos, passo grande parte do tempo sentada com as costas apoiadas na parede olhando em volta e rezando para que não veja nada. Estou tensa, suja e faminta. Não me reconheço mais e sinto que estou no limiar da loucura.

Vinícius provavelmente já percebeu que algo aconteceu, provavelmente está aqui, tão perto, e tão longe... não consigo mais orar, penso na mãe e as lágrimas escorrem, penso em Marina e meu peito se aperta, mas o que mais me preocupa é Gabriel. Como ele está? Tenho certeza de que não se perdoa por ter me deixado sozinha aquela noite. Faço um pedido a Deus que o ajude, que ajude a todos eles a passar por isso, porque, embora eu deseje sair daqui, tenho certeza de que isso nunca acontecerá.

A porta se abre, é Zeca trazendo uma sacola com comida. Ele não fala comigo, não olha nos meus olhos, apenas entra, despeja a comida na mesa e sai.

— Zeca — eu o chamo e ele para ainda sem me olhar. — Por favor, preciso de um banho. Ele não responde, como em todas as vezes, e começo a chorar.

— Por favor... me ajude... Sou eu, Zeca — o chamo e ele se vira olhando-me por cima do ombro. — Se lembra quantas vezes te recebi em minha casa, você sempre foi tão gentil comigo. — Recorro ao seu coração, quem sabe se ele lembrar se compadeça de mim, mas ele parece não me ouvir. — Me tira daqui, Zeca, pelos velhos tempos, eu preciso de um médico... — Seus ombros se movem, como se minhas palavras o tocassem. — Por favor, Zeca! — imploro como faço todos os dias, mas ele nunca fazia nada e dessa vez não é diferente. Ele se recompõe e sai batendo a porta.

Capítulo 88



VINÍCIUS

Quando seu sumiço completa 72 horas, ela está oficialmente desaparecida, sequestrada, para ser mais específico.

Madre Otília não diz nada, desde que contei a ela o que aconteceu com Poliana, ela se calou. Chego ao orfanato e a encontro na capela, ela está ajoelhada de frente para a cruz olhando para a figura ensanguentada de Jesus Cristo enquanto ora.

Ela ergue os olhos ao me ver e sorri. Ajoelho-me ao seu lado e olho para Ele, o homem de quem nunca acreditei, aquele que teoricamente morreu por nós, estou desesperado, exausto e assustado. Tenho tantos sentimentos dentro de mim, todos rondando meu coração ao mesmo tempo, o maior de todos é o medo. Tenho medo de nunca mais vê-la e não dizer a ela o quanto estou feliz pelo nosso filho, tenho medo dela estar sendo machucada, forçada e... Deus... não gosto nem mesmo de pensar o que ele pode estar fazendo.

— Ele sabe o que te aflige, filho, mesmo que você não diga, Ele sabe o que está dentro do seu coração — a madre diz segurando minhas mãos na sua.

— Eu não acredito Nele, madre, não acredito em um Deus que permite que coisas ruins aconteçam com pessoas especiais como Poliana — digo sem me importar com o que ela vá pensar de mim, essa é a verdade, não acredito em um ser poderoso que machuca alguém como Poliana. Ela se vira, encarando-me com seu olhar materno.

— Deus tem uma forma especial de nos enxergar, ele não vê nossos dias como nós vemos, nem vê nossa existência de forma única, somos interligados, o que acontece com um de nós interfere diretamente na vida de outras pessoas, talvez não seja para Poliana o que ele deseja.

— A senhora acha que ele está me castigando por meus erros? — pergunto horrorizado com sua teoria, não consigo conceber um absurdo desses.

— Deus não castiga, Vinícius. Ele nos ensina, e sinceramente eu não sei o propósito disso tudo, mas sei que nada acontece nessa vida sem que ele permita, eu confio nele, sei que Poliana sairá dessa ainda mais forte. Tudo vai ficar bem — ela diz com uma convicção que me surpreende.

Permaneço ao seu lado, sentado naquela capela silenciosa me sentindo vigiado por aquela imagem e tentando compreender o sentido do que ela disse. Quando vou embora me sinto ainda mais angustiado e vazio e sem compreender o sentido de tudo isso.



No final do terceiro dia, o primeiro telefonema surge, não há muita conversa, apenas ele fala e suas palavras martelam a minha cabeça pelo resto do tempo.

— *Tô com tua mulher* — ele diz com sua voz carregada de gírias. — *Se quiser ver ela de novo aguarde instruções e não chame a polícia.* — Ele ri como se estivesse se divertindo e desliga.

Descubro naquele dia o verdadeiro ódio, eu odeio aquele homem e sei que no dia em que eu colocar as minhas mãos em cima dele, não haverá nada além de vingança.

Passo os dias pensando em todas as formas que desejo matá-lo, e desde então não consigo sair do lado do telefone, aguardando sua ligação como um maldito impotente e sinto que posso explodir a qualquer momento.

O telefone toca e acordo assustado, estou sentado no sofá, Verônica está adormecida ao meu lado, Fábio está na poltrona, eles nunca saem de perto e me sinto grato a eles. Atendo na esperança de ser ele, mas é apenas minha mãe querendo saber de algo, respondo agressivamente e ela desliga. Me sinto mal, mas não consigo evitar, não consigo controlar, eu apenas estou tentando me manter vivo e isso suga toda a minha energia, não sobra nada para gentilezas.

Gabriel passa três dias atrás dela, indo contra tudo o que a polícia nos pediu, ele conhece os lugares onde ela poderia estar, sabe com quem falar, e fala com as pessoas certas, bate nas pessoas certas e também apanha e no terceiro dia ele volta à minha casa, com seu fiel amigo Alan ao seu lado. A casa como sempre está cheia, policiais idiotas me fazem as mesmas perguntas todos os dias e eu estou prestes a mandar todos ao inferno quando o vejo, ele aguarda pacientemente até o momento em termino de responder ao último questionário para que possa falar comigo.

— Podemos conversar? — ele pergunta.

Confirmo com a cabeça e saio deixando os policiais com Verônica e Alan. Descemos até a rua para podermos falar sem sermos interrompidos. Assim que chegamos à calçada Gabriel olha em volta, ansioso e desconfiado, ele enfia as mãos nos bolsos e limpa a garganta.

— Gabriel, antes de mais nada eu preciso te pedir desculpas — falo o que está preso na minha garganta. — Eu estava de cabeça quente e não deveria ter feito o que fiz.

— Não me peça desculpas, eu faria a mesma coisa se fosse você. — Ele coça a cabeça e olha para mim. — Eu não sei como eu estaria se fosse a Carol nas mãos daquele filho da puta. Então não peça desculpas, se eu não a tivesse deixado sozinha... se eu tivesse ouvido a Carol e te ligado na hora, nada disso teria acontecido.

— Não tinha como você adivinhar.

— Mesmo assim — ele encerra a conversa e tira um cigarro do bolso e me mostra antes de colocar nos lábios. — Preciso fumar ou vou enlouquecer — ele justifica e sei que em situações de crise a ansiedade faz com que a ânsia pelo vício aumente. Posso compreendê-lo, eu estou quase seguindo seu exemplo e bebendo até desmaiar.

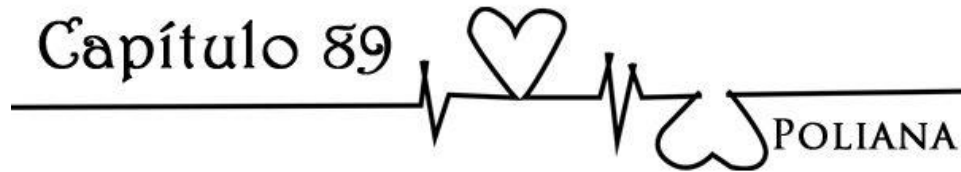
— Fique à vontade.

Ele traga e solta a fumaça e espero até que esteja pronto para falar.

— Eu acho que sei onde Poliana está — Gabriel diz de uma vez, enquanto olha para o cigarro com o rosto carregado de tensão.

E então eu vejo, como a luz fraca que surge na ponta do seu cigarro, uma sombra de esperança se instalar em meu peito.

Capítulo 89



POLIANA

Não tenho certeza, mas acho que já se passaram sete dias desde que cheguei aqui, ou talvez sejam dez... prefiro acreditar que sejam apenas sete.

Estou ficando doente, meu corpo dói, minha cabeça dói, eu não consigo comer e passo a maior parte do tempo dormindo e tremendo de frio.

A porta se abre e Márcio entra, sua expressão divertida me assusta, ele está sorrindo enquanto caminha até minha cama, se senta ao meu lado e seu olhar feliz me dá ânsia.

— Poliana... Minha gata, que saudades! Sei que ando meio sumido, mas preciso trabalhar, sabe como é, né, o olho do dono é que engorda o gado e todas essas paradas aí.

Fecho os olhos não querendo ver sua diversão pelo que está fazendo comigo, mas ele continua.

— Sabe com quem falei ontem? — ele pergunta com um ar debochado e meu coração dispara no peito permitindo uma chama de esperança.

Abro os olhos e vejo seu rosto tão perto do meu que sou obrigada a desviar.

— Que homem mais apaixonado... Chega a ser patético de ver. — Márcio ri exageradamente. — Sabe, eu fiquei até com ciúmes, se naquele tempo você já era gostosa sem experiência nenhuma, imagina agora que decidiu abrir as pernas para a burguesia. — Ele molha os lábios enquanto sua mão sobe por minha perna. — Acho que você não se importaria de matar as saudades com teu macho, não é, Poliana? — Ele aperta minha coxa e sinto o sangue se esvaír de meu corpo, ele me puxa pela cintura me deitando novamente na cama, seu corpo sobe sobre o meu e me sinto suja, viro o rosto e ele beija meu pescoço, seu corpo pressiona o meu e ele geme. Sua mão sobe por baixo da minha camiseta, me invadindo, me tocando, e eu choro. — Tão gostosa, minha ruivinha... — ele sussurra em meu ouvido enquanto sua mão aperta meu seio me causando dor, tento me mover, mas ele é mais pesado que eu. — O que acha da gente se divertir um pouquinho, hein?

— Estou grávida, Márcio! — grito desesperada enquanto o empurro. — Tem um bebê aqui dentro, pelo amor de Deus! — Retiro sua mão de cima de mim e me levanto, me afastando dele. — Você não é um monstro, você não é isso, para com isso!

— O que você disse? — ele pergunta, um sorriso frio em seus lábios. — Que porra de brincadeira é essa?

— Eu estou grávida — repito e vejo o efeito que minha declaração tem nele.

Márcio se levanta e anda de um lado para o outro, as mãos cruzadas na frente do rosto enquanto ele olha para o chão.

— Então você tá carregando a merda do filho de um daqueles playboys, filhos das putas? — Ele volta a se aproximar e me puxa pelo quadril levantando minha camiseta. — De quem é? — ele grita. — Responde, porra! De quem é? Ou você não sabe?

— Para com isso, Márcio... — Abaixo minha camiseta e volto a me encostar à parede.

— Responda! — Ele parece fora de si, começo a me arrepender de ter falado, temo sua reação e me encolho. — É do Gabriel? — Ele parece apavorado e sua voz falha. — Você deu para o maldito playboy?

— Eu nunca dormi com o Gabriel. — Me limito a responder.

— Você jura? — Ele me chacoalha e fecho os olhos me impedindo de chorar. — Jura que ele nunca te tocou?

— Márcio, para! Eu e o Gabriel nunca tivemos nada.

Ele se afasta, como se o fato do bebê não ser do Gabriel fosse o suficiente, seus olhos estão injetados de raiva enquanto ele olha como se finalmente percebesse o que estava fazendo. Sua respiração está acelerada e ele me bate com força. O tapa me surpreende, ele arde em meu rosto, uma sensação conhecida que sempre me lembrará dele, o medo, a expectativa pelo que virá, a sensação de ser humilhada, diminuída, de ser a errada, a culpada... tudo volta à tona em seu tapa e por um momento sinto como se o meu bebê fosse um erro. Não, ele não é um erro, ele é o fruto do amor, do mais puro e bonito amor que eu poderia conhecer.

— Sua puta! — ele grita completamente fora de si. — Você não podia ter feito isso comigo.

— Márcio... — tento acalmá-lo, mas parece que tudo o que digo piora a situação.

— Eu sou o Alemão! — Ele me ergue da cama, chacoalhando-me. — Não existe Márcio, eu sou o ALEMÃO! — ele grita descontroladamente. — Sou o dono dessa porra toda, e sou seu dono agora e se eu quiser você, eu vou ter, entendeu?

Minha cabeça atinge um novo nível de dor e eu seguro um gemido.

— Olha pra mim!

Eu obedeco porque seus gritos estão me matando.

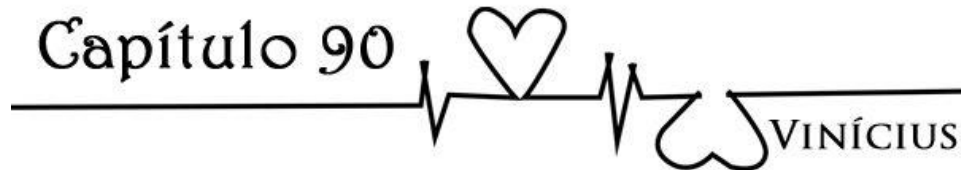
— Eu sou o seu dono, sempre fui, e sempre vou ser, minha Poliana. — Ele arrasta as últimas palavras e sinto que estou prestes a desmaiar, Márcio me joga na cama com força, meu corpo bate no colchão enquanto ele anda de um lado para o outro no quarto mordendo os dedos em um acesso de fúria. — Eu sou a porra do Alemão! — Ele esmurra o próprio peito antes de arremessar uma cadeira na parede, causando um estrondo, que me faz cobrir meus ouvidos com a mão. — Nunca mais me chame de Márcio, ouviu? — Ele aponta o dedo na minha cara e confirmo com a cabeça. — Nunca mais. O Márcio morreu naquela porra daquela cadeira... ele morreu, ele morreu...

Márcio vai até a porta, seu corpo treme, sua respiração pesada faz com que seus ombros subam com força enquanto ele coloca as mãos nos pulmões. Ele me olha com desprezo e nojo.

— Parabéns, gata, tô vendo que deu o golpe da barriga no médico. — Ele sorri, mas é um riso nervoso que gela minha espinha. — Viu só? Não somos tão diferentes assim, cada um ganha seu dinheiro como sabe: eu vendo meus produtos e você abre suas pernas. Somos putos da rua, cada um com seu dom.

Ele sai batendo a porta e permito que as lágrimas escorram por meus olhos, choro por tudo o que não consegui fazer por nós dois, choro por todas as noites em que passei atrás das grades por sua causa, choro porque sinto que finalmente chegamos ao fim.

Capítulo 90



Estou elétrico.

Não consigo me acalmar. Minha casa está uma zona, há um policial aqui a cada meia hora. Meu pai não mediu esforços para trazer detetives e policiais, minha mãe, embora tenha suas reservas com relação a meu relacionamento, passa todos os dias aqui para me ver. Eu não reconheço mais minha casa, pessoas que nunca vi na vida entram e saem o tempo todo, não tenho privacidade, nem mesmo um segundo de sossego, não aguento mais tanta gente ao meu lado e mando todos embora.

Assim que estou completamente sozinho, me sento na minha poltrona e fecho os olhos, me recordo da última vez que fizemos amor aqui e isso faz com que tudo fique ainda pior, deixo que as lágrimas escorram por meus olhos e não ouço a porta ser aberta até que sinto duas mãos secando minhas lágrimas.

— Mãe? — Abro os olhos e a encontro ajoelhada entre minhas pernas.

— Meu menino... — Ela me puxa para seus braços e me deixo ir sem me importar, permito que ela me console enquanto choro por minha pequena Poliana e nosso bebê. — Seu pai vai encontrá-la, não se desespere — ela afirma com convicção. — O que é isso? — Ela aponta para a pasta que Denis trouxe para mim do hospital. Estou olhando para ela há tanto tempo que temo que ela ganhe pernas a qualquer momento.

— É o ultrassom de Poliana — respondo para minha mãe que recolhe a pasta do chão. — Eu não tenho coragem de ver, mãe — admito me sentindo fraco e exausto.

— Então vamos esperar por Poliana e assim vocês verão o bebê juntos. — Ela se levanta e guarda a pasta em uma gaveta. — E isso não vai demorar, Vinícius. Eu tenho certeza.

Abro a garrafa e tomo mais um gole do uísque, minha garganta já está adormecida e não sinto mais quando o líquido âmbar desce por ela.

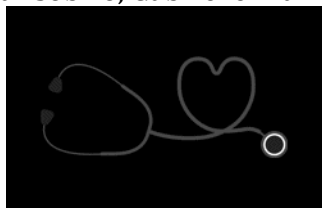
— Eu sempre quis um filho — digo para minha mãe. — Não que eu estivesse planejando um para já, mas porra! Ele está aí, e eu não consigo parar de pensar que ele está correndo risco de vida. — Tomo outro gole, dessa vez uma quantidade maior e sinto minha visão ficar turva. Apoio minha cabeça na poltrona e fecho os olhos. Meu filho...

— Vinícius ou você tem fé, ou então o medo vai te sufocar. — Minha mãe parece calma, mas ela sempre foi assim, uma máscara de sentimentos que ninguém é capaz de saber o que ela está sentindo.

— Eu a amo, mãe, e estou com medo de perdê-la. — Inclino-me para frente balançando o uísque na garrafa e encarando-o enquanto confesso. — Estou me sentindo impotente.

— Você não está sozinho, meu filho, estamos todos juntos com você. — Ela volta a se abaixar na minha frente quando a porta do quarto se abre e Verônica entra sem nem ao menos bater.

— Já chega com essa porcaria. — Ela retira a garrafa da minha mão e entrega a Fábio, que está atrás dela. — Levanta essa bunda dessa poltrona horrorosa e trate de tomar um banho. — Ela puxa meu braço sem muito sucesso já que permaneço no mesmo lugar. Minha mãe se levanta e recolhe a garrafa da mão de Fábio. — Vamos logo, Vinícius, quero minha cunhada de volta e você trate de ficar sóbrio, Gabriel e Alan estão te esperando lá na sala.



É impressionante a frieza como Gabriel age, me pergunto se ele tem consciência do que está fazendo e onde está se metendo, ele age como se não sentisse nada, como se não se importasse com ninguém, mas eu sei o que ele está fazendo: ele está se desligando. Sobre Alan não sei o que pensar, ele está ao lado de Gabriel custe o que custar e eu o admiro muito por isso. Acho que todo mundo deveria ter um amigo fiel como Alan. Eu tenho o meu, Denis está ao meu lado desde que tudo começou e, embora eu mal consiga notar a sua presença, sei que é a sua mão que me é estendida quando eu caio.

Gabriel joga o croqui de uma casa em cima da mesa e começa a falar:

— Vamos subir por aqui, consegui um informante que vai nos colocar na cara do gol. Eu e o Alan entraremos primeiro. — Ele aponta para o rapaz de braços cruzados ao seu lado. — Eu sei quem tá cuidando dela e ele é um mané, não vai ter reação quando nos ver, você espera a minha orientação e entra por aqui. — Gabriel aponta para o papel. — Ela estará provavelmente em um desses lugares. — Mostra dois quartos no fundo da casa. Sua mão está machucada, ele está machucado, todos os dias aparece um corte novo e eu me pergunto quanto tempo mais ele vai suportar antes de sucumbir de vez.

Gabriel continua dando as coordenadas e eu apenas ouço, faço algumas perguntas pertinentes, Alan tira algumas dúvidas, repassamos o plano algumas vezes. Ficamos cada vez mais confiantes de que tudo pode dar certo, quando o telefone toca.

— *E aí, playboy?*

Meu sangue ferve ao ouvir sua voz divertida do outro lado da linha.

— *Tá com saudade da tua mulher?*

— Fala logo o que você quer? — Sinto a fraqueza na minha própria voz ao ouvir ele se referir a ela.

— *Na verdade eu quero comer a tua mulher, mas por respeito ao teu filho não vou fazer isso.*

Meu coração se aperta a menção do meu filho. Sinto vontade de implorar por ele, as lágrimas inundam meus olhos, Gabriel está parado na minha frente, com sua expressão indecifrável enquanto ele me ouve.

— *Ela está ainda mais gostosa assim, eu nunca imaginei que ia sentir tesão com uma mulher grávida. Mas ela tá muito gostosa...* — ele continua me provocando e fecho meu punho até os nós dos dedos perderem a cor. Ele ri, se divertindo, e tento me manter firme. — *Ela tá aqui, quer falar com ela?*

— Meu assunto é com você. — Sinto minha voz tremer e me odeio por isso. O telefone fica em silêncio por tempo suficiente para que eu a ouça, chorando ao fundo. Levanto-me

porque não consigo mais suportar. Ela está chorando, e meu coração sangra por ela, estou à beira do abismo quando ele volta a falar.

— *Já decidi os valores, playboy.*

— Pode falar.

— *Eu quero dez milhões de reais, em notas pequenas não marcadas.*

— Tudo bem, só preciso de um tempo. — Sinto-me ansioso e sei que estou fazendo tudo o que os policiais me pediram para não fazer, mas não me importo, eu quero Poliana e meu filho em casa e isso não tem preço.

— *Você tem dois dias.*

— Tudo bem.

— *E quero o Gabriel. Quero que ele venha com o dinheiro, e então eu te entrego a tua mulher.*

Olho para o jovem à minha frente, a frieza em seu olhar, como se ele já soubesse que seu pescoço fizesse parte do acordo. Ele balança a cabeça para mim e fecho meus olhos antes de responder:

— Combinado.

A ligação termina e olho para Gabriel.

— Ele me quer, não é?

Confirmo com a cabeça e desabo, é mais do que eu posso suportar, muito mais do que um homem deveria ser capaz de suportar. Agora sei porque sequestro é um crime hediondo, não é só Poliana que é refém desse homem, todos que a amam estão agora nesse momento com seus corações presos a ele, é um cárcere de alma e que, mesmo depois que tudo termina, ainda permanece por muito tempo.

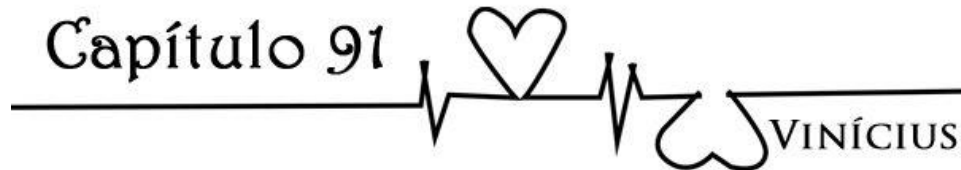
Gabriel se move indo para a porta, ouço o barulho das chaves e sei que ele está preparado para isso.

— Quanto tempo ele te deu?

— Dois dias — respondo sem olhar para ele.

— Tudo bem, vamos acabar logo com isso.

Capítulo 91



A casa está vazia, estou sentado na ponta do sofá à espera de Gabriel, minhas pernas balançam, meu corpo está adormecido pela adrenalina que corre em minhas veias como cocaína. Está escuro e não consigo me prender a nada, não consigo olhar para nada, a cama me lembra ela, o sofá me lembra ela, até mesmo a cozinha me lembra dela.

Olho para Joana do outro lado do quarto, deitada na sua cama, ela não come desde que Poliana desapareceu, sei que ela está sofrendo e não consigo consolá-la, eu mal consigo olhar para ela.

Levanto-me e vou para a sala, olho para a cidade abaixo de mim, me sinto pequeno e impotente diante das circunstâncias, me sinto fraco e inseguro. Apoio minhas mãos na nuca e olho para o céu estrelado, abro a janela e permito que o vento frio me atinja. Fecho meus olhos e faço algo que eu nunca achei que iria fazer na vida.

Me ajoelho e oro.

— Deus... — começo a falar e sinto minha voz áspera demais. — Eu sei que não sou o cara mais próximo, nem sei ao menos se realmente acredito em você... quer dizer, no Senhor, mas estou desesperado, eu não posso perdê-la e meu coração implora para que eu faça isso. Talvez seja influência da mãe, ou talvez seja apenas o desespero, mas sei que ela acredita no Senhor, então se não for por mim, por favor, seja por ela e por meu filho, mas eu imploro, do fundo do meu coração, me permita trazê-la de volta para casa e eu lhe serei eternamente grato.

Baixo o rosto nas minhas mãos agradecendo por estar sozinho, me apoio na parede e choro como um garoto assustado, um homem perdido ou com um coração quebrado, tanto faz, porque nesse momento eu sou exatamente cada um deles e não me importo com mais nada a não ser Poliana.

Capítulo 92



POLIANA

Tremo tanto que acho que meus dentes se quebrarão a qualquer momento, me forço a comer nas últimas duas vezes, não por mim, mas pelo meu bebê. Não penso mais, não conto dias, não espero nada, apenas mastigo os alimentos, bebo a água e me encolho na cama. Tenho dificuldades de respirar e tossir me faz arfar de dor, eu estou cada dia mais doente e sei que esse será meu fim.



O silêncio é ensurdecedor, acordo com calor, muito calor, Zeca trouxe antitérmicos para mim e a febre se foi, levanto para tomar água e ouço um barulho do lado de fora, uma centelha de esperança acende em meu peito, talvez alguém possa ter me ouvido, talvez alguém tenha percebido a movimentação estranha por aqui, vou até a janela lacrada, tento ver algo, mas é inútil, sussurro um pedido de socorro, mas é mais para mim mesma do que para alguém. Preciso pensar... existe alguém do outro lado, eu sei que tem, eu sinto a presença de alguém, algo em mim se agita e uma força surge dentro de mim, eu preciso me salvar, preciso sair daqui, preciso salvar o meu filho.

A porta da casa se abre bruscamente e corro para a cama, ouço uma movimentação anormal para o horário, Zeca geralmente está assistindo TV esse horário e nunca há mais ninguém conosco. Meu coração dispara no peito quando ouço um disparo. Tampe minha boca com as mãos e me cubro, na tentativa inútil de me proteger, seja lá o que seja. A porta se abre e fecho meus olhos me preparando para o pior. O tiro final. E é quando ouço sua voz.

— Poliana... — ele me chama baixinho, meu nome se desmanchando em seus lábios da maneira que sempre amei. — Poliana...

Meu corpo estremece e abro os olhos para ver meu salvador parado na minha frente. Ergo-me na cama e ele se abaixa, me puxando para seus braços.

— Graças a Deus... Você está bem? Poliana, fale comigo. Você está bem? — Ele me aperta e eu quase não consigo respirar, me sinto tão pequena em seus braços, tão frágil, suas mãos me tocam, me acariciam, me inspecionam, seus olhos marejados me olham, me beijam, me agradecem e eu não consigo fazer nada. Ainda não tenho certeza se estou viva ou morta e se for o caso de uma alucinação, não quero que acabe.

— Você veio... — digo finalmente.

— Claro, meu amor, eu vim buscar vocês.

Estendo minha mão e toco seu rosto, sinto a textura de sua barba, a maciez de seus cabelos, ele beija minha mão. Abaixo o olhar para meu colo, sentindo o peso dele dentro de mim, Vinícius segue meus olhos e estende sua mão em minha barriga.

— Agora tudo vai ficar bem — ele sussurra para minha barriga. — Eu estou aqui.

— Me perdoa... — É tudo o que sai da minha boca. — Me perdoa...

Vinícius me olha, sua boca se abre, mas não há tempo para respostas.

E então tudo acontece...

Rápido demais.

Alto demais.

Feio demais.

Um estouro explode no quarto e sinto como se fôssemos jogados em um penhasco, estamos caindo... Não, ele está caindo, Vinícius está caindo sobre mim, não consigo movê-lo. Ele geme, em um urro de dor, e eu sinto um calor em meu corpo. Retiro minha mão e vejo sangue, há sangue em minha barriga, tento me erguer, mas Vinícius se move caindo ao meu lado em mais um urro de dor, sua mão ainda está em minha barriga e ela está completamente encharcada de sangue: o seu sangue.

—Não! — o grito sai de meu coração, ele está parando, mais uma vez meu coração está parando e dessa vez Vinícius não poderá me salvar, porque é por ele que estou morrendo.

Capítulo 93



VINÍCIUS

Gabriel repassa o plano mais uma vez, sinto uma ansiedade anormal vinda dele e sei que ele não está limpo, desde que tudo começou Gabriel perdeu o controle e esta noite ele precisou de ajuda, e nada nesse mundo seria capaz de ajudá-lo mais do que *ela*. Ele passa a mão repetidas vezes pelo nariz e cabelos, seus olhos estão vidrados, mas ele está completamente concentrado. Tenho vontade de acalmá-lo, mas não posso, preciso fazê-lo acreditar que estamos sozinhos nessa ou meu plano estará arruinado.

— Recapitulando. Eu não quero você entrando até que eu diga que pode, entendeu Vinícius? — Ele me olha esperando a resposta e eu confirmo com a cabeça, estamos indo para aquele lugar com o mesmo objetivo: resgatar Poliana. A diferença é que eu quero sair de lá com ela, já Gabriel não se importa se irá voltar pra casa.

Antes de sair faço uma promessa a Caroline, de que trarei Gabriel de volta comigo e vou cumprir essa promessa. Alan me olha como se fosse capaz de ler meus pensamentos e sorri brevemente. Ele também tem o mesmo objetivo.

O carro para em um barranco escondido, descemos e nos escondemos, repassamos as últimas coordenadas e seguimos em direção à casa, assim que avisto o imóvel deteriorado e escuro sinto meu estômago se apertar com a simples ideia que ela esteja lá dentro, Gabriel e Alan seguem em direção à entrada, eu e o outro rapaz vamos para os fundos, estou nervoso, com medo, por ela e pelo bebê. Minutos depois o barulho de um tiro me assusta, corro para a entrada principal, não estava nos planos atirar, logo eu sei que algo errado aconteceu. Meu coração dispara.

Assim que entro na casa vejo um rapaz caído no chão, ele está de bruços, mas não é Gabriel, olho em volta e encontro Gabriel sentado no chão, a mão segurando a perna esquerda, há sangue em seu rosto e ele tem um ferimento, meu instinto de médico pede para eu vê-lo, mas ele aponta para a porta com a mão.

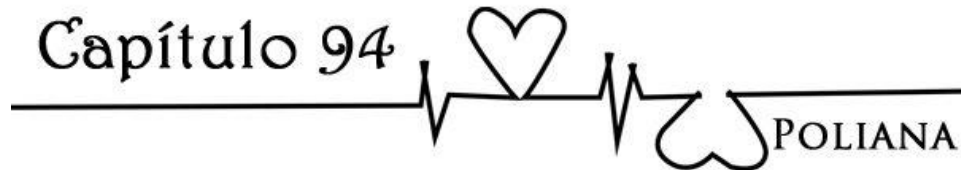
— Vai logo, não temos muito tempo. — Faço o que ele pede porque sei que ele tem razão.

Abro a porta, mas está tão escuro que não consigo ver direito o que tem lá dentro, o lugar cheira mal e chamo seu nome temendo não a encontrar. Até que ela se levanta da pequena cama que está no canto do quarto e corro ao seu encontro. Abraço-a com força como se assim conseguisse protegê-la do mundo, toco-a, inspeciono seu corpo em busca de algum machucado, ela envolve sua barriga com as mãos e só então o vejo, ele está ali, ainda tão pequeno e tão presente, meu filho, nosso filho, minha mão se junta a dela e quase preencho sua barriga inteira, ela está tão magra, tão pequena.

Estamos tão envolvidos com o momento que não percebo o que aconteceu, apenas sinto o impacto, como uma flecha de fogo se alastrando por todo o meu corpo, perco o equilíbrio e caio, sinto como se continuasse caindo sem parar e só quando ouço o grito dela percebo que

algo muito ruim aconteceu, coloco minha mão direita no bolso da minha jaqueta e aperto o dispositivo que me foi entregue para situações como essa e rezo para que não seja tarde demais, alguém precisa salvar minha família, e infelizmente não será eu.

Capítulo 94



— Então você achou que seria assim tão fácil, Poliana? — Márcio entra no quarto com a arma apontada para mim. — Achou mesmo que eu te deixaria aqui sozinha com o Zeca? Aquele mané que não serve nem pra chupar o meu pau. — Ele caminha na minha direção, a respiração de Vinícius é pesada, envolvo seu corpo grande com meus braços como se assim pudesse protegê-lo, ele geme, está com dor e evito olhar para ele, meus olhos estão fixos na mão de Márcio. — Eu sabia que o herói ia tentar alguma coisa, eu tava só esperando. Até que você demorou, playboy, achei que seria mais rápido.

Vinícius se mexe tentando uma posição melhor, mas ele não consegue, sinto a sua dor, lembro da sensação da bala me queimando por dentro, olho para sua mão segurando seu ferimento e ela também está manchada de sangue e volto a olhar para Márcio.

— Você sabe que isso aqui não vai acabar bem, nem pra mim e nem pra você Márcio.

— Eu já falei para não me chamar de Márcio, sua vadia. — Ele aponta a arma para minha cabeça e fecho os olhos. Ele empurra o corpo de Vinícius com o cano da arma, afastando-o de mim. — Eu sou o Alemão e não me importo em como isso aqui vai acabar, te levei para o inferno uma vez, vou te levar comigo de novo. Dessa vez pra sempre, minha ruivinha.

— Acabou, Alemão. — Gabriel surge na porta do quarto, há sangue por todo seu corpo e ele vacila cambaleando antes de se apoiar no batente, ele segura uma arma com as duas mãos enquanto olha para Márcio, como se ele fosse a única coisa que existe nesse quarto. — Ninguém vai para lugar nenhum, a não ser você.

— Playboy! — Márcio ri, uma risada maquiavélica que faz com que os ossos do meu corpo gelem e eu aperte Vinícius ainda mais, sua respiração está baixa e sinto seu corpo úmido do seu sangue. — Finalmente você chegou... — Márcio olha para Gabriel com uma obsessão que me assusta, ele abre os braços, sorrindo, como se não tivesse uma arma apontada para o seu peito. — Atira. Vamos lá, seu viciado, filho da puta, você está tão chapado que não acertaria um elefante se ele estivesse com o rabo enfiado no seu nariz.

Gabriel continua olhando para Márcio com um olhar frio, embora eu possa ver que ele respira com dificuldade.

— Vamos ver se você consegue, eu posso sentir o cheiro do pó daqui de onde estou. Quanto você cheirou hoje? Uma carreira? Duas? Você ainda consegue sentir o cheiro da tua mulher ou o pó já levou tudo de você?

Gabriel continua em silêncio e tenho a sensação de que não importa o que Márcio diga, pois nada o abalará nesse momento.

— Vamos, porra! Atira, playboy, quero ver você matar um homem.

Gabriel sorri friamente enquanto continua apontando a arma para Márcio.

— Você nunca foi um homem — ele diz e então atira, abafa um grito quando vejo o corpo de Márcio cambalear e ouço uma gargalhada aterrorizante sair da sua garganta.

— Seu filho da puta incompetente, eu sabia que você não conseguiria. — Márcio dá mais um passo para trás e me coloco na frente de Vinícius, o protegendo.

— Não, eu não errei o tiro — Gabriel diz com uma calma que me assusta, olho para seus pés e vejo uma poça de sangue se acumular, ele está ferido e temo que o pior está por vir. — Eu apenas quero que você sinta a morte chegando, e que tenha consciência de que sou eu quem vai te mandar para o inferno.

— Olha só, playboy, eu vou te ensinar como se mata, aprenda como se faz. — Márcio aponta o revólver para mim novamente e dispara, ouço o barulho, ouço um grito, sinto meu corpo ser puxado para baixo, sinto o peso de Vinícius sobre mim e então tudo fica em silêncio, espero pela dor, mas ela não vem, espero a sensação de estar vazando, mas ela também não vem e então vejo o corpo imóvel de Márcio caindo em cima de nós, os olhos abertos encarando o teto enquanto sua vida se esvai pelo buraco em seu peito, olho para Gabriel no momento em que ele desaba no chão segurando a arma com uma mão e a perna ferida com a outra.

— Acabou, Poliana — ele diz. Seus olhos se mantêm tranquilos, mesmo diante de tudo. Ele os fecha, lentamente enquanto se entrega aos braços da morte.

Ouçó vozes, coisas são derrubadas, pessoas são surpreendidas e finalmente chegam até nós. A polícia está aqui e eu posso finalmente me deixar ir. Fecho meus olhos, abraço Vinícius e então tudo fica silencioso.

Capítulo 95



Uma sensação de *déjà vu* me faz despertar. Tenho a estranha sensação de que estou revivendo algo que já me aconteceu, a única diferença é que a dor que eu sinto não vem do meu corpo, e sim do dele.

Passo por uma série de exames, sou medicada, alimentada, hidratada. Graças a Deus meu bebê resistiu bravamente a tudo o que passamos, ele é forte e corajoso. Assim como seu pai. Estou segura agora, tudo acabou, mas mesmo assim a dor não me deixa, ela me sufoca, me domina e tudo o que eu consigo pensar é em como vou viver se ele não estiver ao meu lado.



Vinícius está sendo operado há mais de quatro horas, ele tem um ferimento a bala no abdômen e há uma hemorragia a ser controlada. Estou na sala de espera, olhando fixamente para a porta esperando a chegada da próxima notícia. Proibi os médicos de me darem qualquer remédio que me fizesse adormecer, eu preciso estar acordada quando ele sair de lá, ele precisa saber que não está só. Que eu estou aqui esperando seu perdão. A única coisa que permiti foi que me colocassem em uma cadeira de rodas, eu não serei capaz de andar de qualquer maneira.

Verônica já não chora mais, ela está nos braços de Fábio, que se mantém calmo como sempre; seu pai continua em sua tentativa de abrir um buraco no chão caminhando de um lado para o outro. Denis e Melissa nos dão notícias do centro cirúrgico de tempos em tempos e até mesmo Mônica se compadece da nossa dor e nos mantém atualizados de tudo o que é possível. É incrível o quanto uma tragédia é capaz de unir pessoas, desfazer diferenças, apagar mágoas e mesmo que eu nunca vá ser amiga de Mônica, sinto que ela está sofrendo. Infelizmente nada disso me acalma e continuo com a sensação de que a bala está alojada em meu peito.

— Poliana. — Ouço meu nome e me viro encontrando a mãe de Vinícius parada à minha frente. Me assusto, pois tenho a certeza de que ela nem ao menos sabia qual o meu nome.

— Dona Marilda. — Tento sorrir, pois sei que nesse momento, embora sejamos pessoas diferentes, estamos sofrendo pelo amor do mesmo homem.

— Ele vai ficar bem — ela diz e confirmo com a cabeça porque preciso acreditar nisso. Ela permanece na minha frente e não sei o que dizer, abro a boca diversas vezes, mas nada sai. Olho para Verônica em um pedido silencioso de socorro e ela sorri para mim, olho para o pai de Vinícius, mas ele parece alheio ao mundo a sua volta. — Poliana — ela me chama mais uma vez e olho para ela. Seus olhos azuis, tão parecidos com os do meu Vinícius, estão vermelhos. — Eu posso? — Ela não termina a frase, mas aponta seus dedos para minha barriga e sei que está se referindo ao bebê.

— Claro! — digo acariciando involuntariamente o lugar onde ele está seguro e ela se ajoelha à minha frente. Marilda Becker, a mulher mais arrogante que já conheci na vida, se ajoelha diante de mim e com lágrimas caindo de seus olhos ela estende a mão fria e trêmula pousando-a em minha barriga.

— Ele vai ficar bem, e tenho certeza de que ele será o melhor pai do mundo — ela diz sem olhar para ninguém e sei que está falando com o neto. — Ele sempre foi o melhor em tudo o que ele põe o seu coração. — Ela ergue o olhar para mim. — Você é uma garota de sorte por ter conquistado o coração do meu filho.

— Eu sei que sou. — Olho para o lugar onde sua mão está e completo: — Nós dois somos. — Coloco minha mão sobre a dela e, antes que eu possa me preparar, ela se inclina e me abraça.

Olho em volta e Verônica está chorando novamente e seu pai finalmente foi atraído pela cena, ele se aproxima, abaixando-se e se juntando a sua esposa em um abraço que me conforta e me faz acreditar que finalmente fui aceita em sua família.



Uma hora depois a cirurgia acaba, Denis nos traz notícias, dizendo que Vinícius está “estável”. Odeio essa palavra, é como estar no limbo, pairando entre a vida e a morte, estável para mim significa “não podemos fazer mais nada”, significa que tudo que poderia ser feito se esgotou e que agora só nos resta esperar.

Marina está comigo desde que chegamos, ela está quieta, segura minha mão e me acalma quando o medo tenta me dominar. A madre está na capela ao lado de Carol. Ainda não tive condições de falar com ela, mas sei que Gabriel está fora de perigo, assim como Alan.

Saio da sala de espera e vou até a capela, encontro a madre no mesmo lugar, rezando um terço em silêncio, aproximo-me e beijo sua cabeça, ela sorri para mim.

— Ele vai ficar bem — ela diz com uma convicção que me conforta. — Eu tenho certeza disso.

Permaneço um pouco ao seu lado, infelizmente ainda não consigo rezar então apenas agradeço ao Senhor pela vida de todos e saio indo atrás de Caroline. Encontro-a no quarto, bato antes de entrar e Caroline me recebe com um sorriso nos lábios. Gabriel dorme profundamente, sua perna esquerda está suspensa e ele tem uma expressão tranquila, me sinto aliviada em vê-lo bem, Deus sabe o quanto serei eternamente grata a esse rapaz. Graças a ele eu estou viva, ele nos salvou e isso quase custou-lhe sua vida.

Carol senta ao seu lado, acariciando seu rosto com um sorriso satisfeito nos lábios.

— A doutora Melissa acabou de sair daqui, disse que Vinícius está indo bem — ela começa o assunto.

— Foi o que ela me disse também. Mas só vou sossegar quando ele estiver comigo. — Aproximo-me de Gabriel e reprimo a vontade de abraçá-lo. Meu salvador. — Como ele está?

— Ele vai ficar bem. — Carol passa a mão nos cabelos acobreados do namorado adormecido e me lembro da sua expressão antes de cair desacordado na minha frente depois de salvar a minha vida.

— Ele salvou nossas vidas — digo ao observar Carol tratá-lo com tanto carinho.

— Ele me salva todos os dias, Poliana, mesmo não se achando digno. — Ela se apoia na cadeira, seu rosto está cansado e abatido assim como o de todos. — Como você está? Como está o bebê?

Instintivamente acaricio minha barriga e sorrio.

— Estaremos bem assim que Vinícius estiver do nosso lado.

Ela balança a cabeça como se soubesse do que estou falando.

— Sabe, Poliana, há dois anos eu estava exatamente aqui, ao lado dele, vendo seu corpo machucado e rezando para que ele ficasse bem. Meu Deus, ele estava tão machucado que eu mal podia tocá-lo, chorei por dias sem parar. Odiei Vinícius com tanta força, desejei tanto que fosse ele aqui no lugar do Gabriel e agora... — Ela desvia o olhar limpando as lágrimas que teimam em cair. — Eu já nem sei mais como pedir a Deus para salvá-lo. — Estendo a mão e seguro a sua. — Durante os últimos dois anos tudo o que ele fez foi tentar se redimir, ele não é mais o mesmo desde o que aconteceu aquela noite e por mais que se diga a ele que passou, há uma parte do seu coração que não se perdoa.

— Eu sei, eu estou lá quando os pesadelos o acordam de madrugada, ou quando ele simplesmente não consegue dormir — digo a ela, que seca uma lágrima antes de continuar.

— Eu o amo, assim como amei meu irmão, senti raiva, mas eu o amo e quero que isso tudo acabe. — Ela respira fundo como se as lembranças lhe infligissem dor. — Eu aprendi da maneira mais difícil que não existe *felizes para sempre*, aprendi que isso se constrói todos os dias, e que ser feliz é um acaso. Hoje, por exemplo, estou aqui sentada nessa cadeira, com o homem da minha vida sedado, sabendo que quando ele acordar vai sentir dor e ainda terá uma lesão permanente em sua perna, sei que vamos enfrentar muita coisa até ele ficar bem: fisioterapias, sessões dolorosas, desânimo, e ainda tem o seu vício... — Caroline ajeita o lençol em volta de seu corpo e volta a me olhar. — Mas hoje estou agradecida porque ele está vivo, vocês todos estão, Alan está no quarto ao lado com um ferimento de raspão no ombro, Vini está lá dentro e ele vai conseguir, porque ele é um guerreiro e é apaixonado por você.

Sinto uma lágrima escorrer por meu rosto e a seco imediatamente.

— Você não tem ideia do que passamos todos esses dias, a dor dele era a nossa e estivemos lá ao seu lado como uma família de verdade deve estar. Aguentamos seus gritos e explosões de humor, choramos junto com ele e oramos por vocês. — Ela sorri tristemente. — Não tem a menor chance dele te deixar, ele não vai a lugar algum, Poliana, porque você carrega um pedaço dele aí com você. — Ela aponta para minha barriga. — Acredite em mim, ele é possessivo demais para deixar vocês.

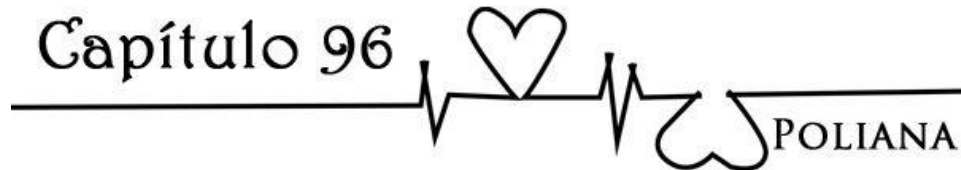
Sorrio acreditando em suas palavras.

— Apesar de tudo, hoje é um dia feliz porque Deus está nos dando mais uma oportunidade de tentar fazer a coisa certa, e eu espero poder ter mais dias felizes assim.

As lágrimas rolam por meu rosto quando Caroline se aproxima para me abraçar, eu ainda estou muito debilitada emocionalmente e neste momento não consigo compreender o significado do que ela diz, não consigo pensar em dias felizes enquanto vejo eles todos em uma cama hospitalar por causa de um bandido. Para mim ainda não é um dia feliz, não até o momento em que a porta se abre. E Denis me chama.

— Poliana, o Vinícius acordou.

Capítulo 96



Um labirinto de corredores com dezenas de portas, bipes e conversas sussurradas nos aguardam no pós-operatório, não era para estarmos aqui, mas Denis sabe que eu preciso vê-lo e ele precisa saber que estou ao seu lado.

— Fala com ele, Poli, deixa ele ouvir sua voz — Denis me orienta antes de abrir a porta para que eu entre. — Cinco minutos, tudo bem?

Confirmo com a cabeça sentindo meu corpo inteiro tremer, Vinícius está tão pálido que tenho medo que no tempo em que Denis foi me chamar ele tenha falecido, é necessário um empurrão para que eu finalmente me mova em direção à sua cama, e mesmo assim não me atrevo a tocá-lo, não é meu Vini ali deitado na cama, tão frágil e indefeso, tão cansado, tão pálido...

— Poliana, não temos muito tempo — Denis diz.

Inalo profundamente e caminho até ele, estico minha mão até seus cabelos, eu sempre amei seus cabelos, claros, macios, pesados, fios de ouro que emolduram seu rosto de deus, enrosco meus dedos trêmulos e acaricio-os. Sua respiração é tranquila, superficial, há fios e tubos por todos os lados e seu corpo ainda está com uma coloração típica do centro cirúrgico, evito olhar para ele e principalmente para seu ferimento, concentro-me apenas em seu rosto e me abaixo para beijá-lo, beijo seu rosto, seus cabelos, e sussurro:

— Sabe, até que não foi tão ruim ser sequestrada, assim você pôde me salvar... mais uma vez, mas acho que já podemos parar com essa mania de ser baleado para chamar a atenção um do outro. — Acaricio seu rosto com a ponta dos meus dedos. — Vem logo pra casa, amor, estamos com saudades, nosso bebê precisa muito de você, ele quer te conhecer. — Apoio minha testa na sua, dou mais um beijo em seu rosto e me afasto. — Eu te amo.

Capítulo 97



A morte tem uma maneira peculiar de nos mostrar a vida por outro ângulo. Como se ao morrer a pessoa nos deixasse uma herança carregada de sentimentos. Bons e ruins.

Ainda me pego pensando em tudo o que passamos, nas suas juras de amor, na sua maneira de me mostrar a vida, nos momentos em que vivemos juntos, na pureza da primeira vez, na forma como achei que seríamos eternos, no fim... sinto um nó em minha garganta ao me lembrar disso.

Olho a rua lá embaixo, me perco em lembranças, boas e ruins, acaricio minha barriga sentindo-o mexer dentro de mim. Seco uma lágrima que insiste em cair enquanto penso em tudo o que vivi nos últimos dias.

— Poliana? — Carol me chama tirando-me de meus pensamentos, me viro sorrindo para ela.

— Oi Carol. — Me aproximo beijando-a e abraçando-a.

— Como você está? — ela me pergunta.

— Vou ficar bem. Um dia de cada vez.

— Isso mesmo, sem culpas, aconteceu o que tinha de acontecer. — Ela esfrega meu braço confortando-me.

— Sim... — digo sem concordar muito com o que ela diz, sei que não deveria, mas no fundo um pedaço de mim sempre vai me culpar por tudo isso, mesmo que eu nunca diga a ninguém.

— Vamos? — Ela me estende a mão e eu a aceito permitindo que ela me leve.



Vinte minutos depois chegamos a casa de Gabriel, Caroline estaciona o carro e me leva para uma casa pequena que fica nos fundos do terreno, uma mulher negra e sorridente nos recebe com carinho e nos leva até o quarto onde Gabriel está.

— Ele anda meio sonolento por causa dos remédios para a dor, mas está cada dia melhor — Carol me explica pouco antes de abrir a porta. Como ela disse, ele parece estar dormindo, mas assim que entramos ele abre os olhos com um pouco de dificuldade. Carol se aproxima da cama e estende a mão para ele antes de se sentar ao seu lado e beijá-lo.

— Como você está? — ela pergunta.

— Morrendo de tédio — ele responde.

Caroline sorri e ele permanece emburrado como um menino.

— Poliana — ele me chama. — Eu pedi para que viesse aqui porque eu gostaria de me desculpar com você.

— Se desculpar? — pergunto incrédula, se tem alguém aqui que deve desculpas com toda a certeza do mundo não é Gabriel. — Deixa eu falar, por favor.

— Você não fez nada além de salvar a minha vida, de todas as formas possíveis, não tem nada a se desculpar.

Gabriel ignora o que digo e continua:

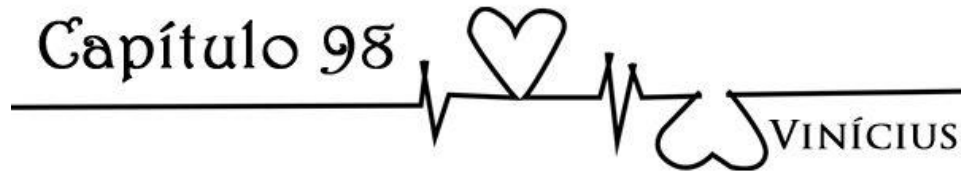
— Se eu tivesse dado ouvidos a Carol — ele olha para ela em um pedido silencioso de desculpas, ela se inclina e beija seu rosto aceitando seu pedido —, você não teria passado por tudo isso, eu não estaria assim. — Ele aponta para a perna enfaixada. — E não teria acontecido o que aconteceu com o Vinícius.

— Não foi sua culpa, Gabriel — afirmo porque de todas as certezas que tenho na vida essa é uma das mais absolutas.

— Mesmo assim eu me sinto culpado, sei que eu poderia fazer mais, e mesmo assim falhei. — Sua voz soa triste. — Eu conversei com a Carol e tomei uma decisão, mas gostaria de comunicar a você já que não posso falar com o Vinícius.

E então eu o ouço falar, ele fala muito, ele fala por horas, muito mais do que já o ouvi falar durante todo o tempo em que eu o conheço, e enquanto ele fala, sua voz é firme e decidida, ele sorri, um sorriso largo e orgulhoso, e vejo um novo homem surgir bem na minha frente, é mágico e emocionante.

Capítulo 98



VINÍCIUS

Ainda sinto dor e, às vezes, acho que sentirei para sempre. Demoro um pouco para levantar da cama, não quero acordá-la, embora ela pareça ter um sensor de presença embutido. Sempre que levanto da cama ela acorda; não importa o quanto eu seja silencioso, ela sempre acorda. E dessa vez não é diferente.

— Aonde você vai? — ela pergunta ainda sonolenta.

— Eu vou ao banheiro — minto para ela porque não quero que ela se preocupe comigo, a verdade é que desde que acordei, dias depois da cirurgia, eu venho tendo novos pesadelos, dessa vez tem a ver com Alemão, o homem que graças a Deus está morto, e Poliana. E essa noite não foi diferente e não consigo mais dormir... Deus, eu mal consigo respirar.

— Precisa de ajuda? — ela pergunta levantando subitamente e ainda lutando contra a vontade de se jogar de volta na cama.

— Não, meu amor, já volto. — Me inclino um pouco e a beijo carinhosamente. — Agora volte a dormir. — Acaricio seus cabelos e a observo fechar os olhos, toco seu ventre e sorrio sabendo que ali dentro cresce um pedaço de mim. De nós dois.

Saio do quarto e vou para a sala, sento-me com dificuldade, o ferimento dói, embora eu esteja me recuperando bem. Mas sempre que olho para o meu corpo e penso que ficarei com uma maldita cicatriz por causa daquele desgraçado sinto a dor ainda mais latente.

Abro o notebook e verifico se tudo está pronto para hoje, abro a aba da internet e vejo mais uma vez o lugar que escolhi, embora eu seja capaz de descrever cada metro quadrado sem precisar olhar de tanto que já fui lá, releio o planejamento, as matérias que achei importante, tudo o que precisei me inteirar para poder ajudá-lo.

Olho para o relógio e tento imaginar o que ele está fazendo agora, tenho certeza de que a última coisa é dormir, assim como eu. Fecho o notebook, não há mais nada que eu possa fazer, agora é aguardar.

Inclino-me no sofá, seguro meu ferimento pressionando-o para que eu me sinta mais confortável, fecho meus olhos e tento organizar meus pensamentos, pois desde que tudo aconteceu eles estão confusos. Imagens se misturam como em um filme acelerado, me sinto cansado embora não faça nada há mais de um mês, e tenho a sensação iminente de que algo ruim está prestes a acontecer. De acordo com Carol são sintomas normais de um estresse pós-traumático, me surpreendo por Poliana estar tão bem, ou por conseguir fingir tão bem, mas me sinto mais tranquilo porque sei que ela já voltou para a terapia.

— Amor? — Poliana surge na sala. — Você quer companhia? Não consigo dormir.

Estendo minha mão para ela e ela vem até mim, sentando-se em meu colo e aninhando sua cabeça em meu ombro. Minha pequena guerreira.

— Ele vai ficar bem, Vinícius — ela diz enquanto enrosca seus dedos em meus cabelos, como se soubesse o que me aflige. — Dessa vez será diferente, ele está determinado a ir em frente e isso é algo que faz toda a diferença. Dessa vez ele quer.

Ela se levanta e me olha. Eu amo essa mulher que me conhece ao ponto de não precisar ouvir minha voz para saber o que estou sentindo, amo essa mulher que, embora seja tão fragilizada pela vida, se mostra forte quando o assunto sou eu, que se colocou em perigo para me proteger e que carrega em seu corpo o meu bem mais precioso.

— Eu espero que sim — digo antes de beijá-la com reverência. — Porque dessa vez não é só ele que precisa seguir em frente, sinto que estamos fechando um ciclo. Mas me sinto responsável por esse garoto.

Essa é a primeira vez que admito, mas não é somente agora que esse sentimento me assusta. Me sinto assim desde o ataque, desde o momento em que atendi aquele maldito telefonema e ouvi a voz de Carol, desde que ele me deu a sua absolvição. Me sinto em uma necessidade quase doentia de vê-lo bem, de fazer o meu melhor para sua recuperação. Hoje sei que não é só o bem-estar de Carol que me importa, quero vê-lo bem e no que depender de mim ele ficará bem. Eu devo a minha vida a ele, e quando digo isso não me refiro ao meu corpo. Ele salvou minha vida quando trouxe Poliana de volta para mim, quando matou aquele homem, quando aceitou voltar ao inferno. Hoje compreendo o que a mãe disse no auge do meu desespero. Enquanto estou aqui, sentado na segurança do meu lar, com minha mulher nos braços, tão tranquila e confiante, eu sei que ela precisou servir de ponte para que Gabriel pudesse se reencontrar, para que ele pudesse se resgatar e notar que dessa vez ele não está mais sozinho, ele tem muitas pessoas a sua volta, todos querendo que ele fique bem. Tudo o que aconteceu foi uma forma esquisita, mas eficiente, que a vida arrumou de dar a esse garoto mais uma chance.

Abraço-a um pouco mais forte e ela se vira para mim, passando uma perna de cada lado do meu corpo, suas mãos envolvendo meu rosto enquanto olha em meus olhos. Passo minhas mãos por baixo de sua camisola, sentindo o calor da sua pele macia e observando sua beleza.

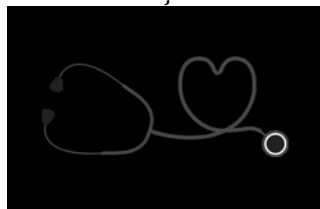
— Vamos ficar todos bem, meu amor, porque juntos somos muito mais fortes — ela diz antes de me beijar e como mágica meus medos desaparecem, minha dor acaba, meus pensamentos se acalmam, meu coração acelera no peito e me sinto vivo. Nos braços da minha pequena sinto-me verdadeiramente vivo e sei que poderei superar todas as adversidades, desde que ela esteja comigo.

Capítulo 99



Vinícius está uma pilha de nervos. É a primeira vez que saímos de casa desde que ele recebeu alta há pouco mais de dois meses. Coloco-me na sua frente, acaricio a cicatriz avermelhada em seu abdômen, agradecendo a Deus o milagre de não ter acontecido nada grave com ele. Beijo seu peito, no lugar exato onde seu coração bate, e termino de fechar os botões da sua camisa.

— Vamos, amor? — Vinícius diz antes de me beijar, ainda me sinto a mulher mais sortuda do mundo ao ouvir sua voz, ao ser beijada por ele. Estamos tendo nossa segunda chance de sermos felizes e, dessa vez, quero fazer da maneira certa. Ele estende sua mão e eu a seguro e vamos juntos rumo a um novo recomeço. Para todos nós.



Hoje é um grande dia para Gabriel, é mais um “dia feliz”, como diz Caroline. Gabriel está indo por vontade própria para uma clínica de reabilitação, ele aceitou e admitiu que não consegue mais fazer isso sozinho, o que é muito bom. Vinícius fez questão de cuidar de tudo junto com Christopher, pai de Gabriel. Eles passaram os últimos dois meses à procura da melhor clínica para ele. E conseguiram.

Chegamos ao local antes de Gabriel, Vinícius checa tudo, conversa com os médicos, verifica as instalações, ele está nervoso e me emociono com essa conexão bonita que ele tem com Gabriel.

— Eu sempre vou dever minha vida a ele — Vinícius disse outro dia enquanto buscava referências de clínicas na internet. — Ele me levou até você.

Compreendo sua necessidade pessoal em ver Gabriel feliz. Se nada disso tivesse acontecido, nunca teríamos nos conhecido, a verdade é que a sua punição e sua absolvição estavam juntas. E hoje estar ao lado de Gabriel é uma forma de dizer que ele estará sempre aqui para ele.

Quando Gabriel e sua família chegam sinto uma ansiedade estranha, Caroline vem ao seu lado, com seu sorriso nervoso e seus olhos levemente avermelhados. Gabriel caminha lentamente, mancando discretamente, o que se tornou seu novo charme. Ele é um cara muito bonito, tão bonito, que aquele pequeno e permanente detalhe não interfere em absolutamente nada em sua beleza. Ele segura uma muleta com a mão esquerda e a mão de Caroline com a direita, sua expressão é um mistério como sempre, eu não posso dizer se ele está ansioso, com medo ou feliz, mas posso garantir que ele está colocando sua vida naquilo, porque quer mudar, quer muito ser um cara melhor e isso é o seu novo recomeço.

Quando ele nos vê, um sorriso raro surge em seus lábios. Naquele momento percebo que ele está orgulhoso de si mesmo e me vejo sorrindo de volta. Depois de quase dez minutos de instruções sobre ligar para ele em qualquer necessidade, sobre vir buscá-lo se ele não se sentir bem e sobre vir visitá-lo sempre, Vinícius finalmente estende a mão para Gabriel.

— Acho que eu preciso me desculpar com você mais uma vez — Vinícius diz com a voz embargada, claramente emocionado.

— Esquece aquilo, eu não tenho nada o que te desculpar. Eu só tenho que agradecer porque sei que ficarei tranquilo lá dentro sabendo que você vai cuidar dela aqui fora. — Gabriel acaricia o rosto de Carol e volta a falar. — Eu confio minha vida a você, cuida dela pra mim.

— Pode deixar, cuidar dela é minha missão. — Eles se abraçam fortemente e quando se separam, Vinícius tem os olhos vermelhos.

— E você, mocinha, vê se coloca esse grandalhão na linha, mostra pra ele quem manda aqui — Gabriel brinca, é tão raro ver ele se comunicar que seu comentário faz com que todos riam e ele fique tímido.

— Obrigada, Gabriel, você foi nosso herói.

Ele sorri novamente, me estendendo a mão, mas, ao invés de recebê-la, enlaço meus braços em seu pescoço dando um abraço apertado nele. — Cuide-se, precisamos muito de você aqui fora — sussurro em seu ouvido e ele assente.

— Cuida bem desse moleque, ele será um grande homem. — Gabriel aponta para minha barriga e acaricia-a instintivamente.

— Ainda não sabemos se é um menino, Gabriel. — Vinícius me abraça, pousando sua mão sobre a minha.

— Ah vai ser sim, um moleque muito corajoso — Gabriel completa como se já tivesse certeza.

Caroline já não consegue conter as lágrimas quando ele se aproxima. Gabriel a olha com tanta intensidade que me sinto uma intrusa por estar ali, seu sorriso se desfaz e sua expressão muda, como se olhar para ela lhe causasse algum tipo de dor.

— Shhhhh... não chora, linda. — Ele envolve o rosto dela em suas mãos. — Não quero ficar com essa lembrança de você. — Gabriel beija os olhos, as bochechas, a boca, a testa e novamente a boca, agora em um beijo intenso e apaixonado. — Vai ficar tudo bem, eu prometo. É por pouco tempo, e é por você, minha linda, que estou fazendo tudo isso.

Eles se abraçam e ela promete a ele que também ficará bem. Vinícius se aproxima assim que eles se separam e envolve Caroline em um abraço protetor.

— Cuida dela pra mim? — Gabriel sorri para a namorada antes de continuar: — Ela é tudo o que eu tenho.

— Fica tranquilo, cara, ela vai ficar bem. Todos estaremos aqui quando você sair.

O pai de Gabriel se aproxima e me surpreendo com o quanto ele se parece com o seu filho, é como ver uma cópia mais velha e loira dele.

— E você é tudo o que eu e sua irmã temos, faça por nós também. — Ele abraça o filho. — Você está pronto? — ele pergunta ao filho como se ele fosse um garotinho assustado com o primeiro dia de aula.

Gabriel confirma com a cabeça e solta a mão de Caroline entrando na clínica acompanhado do seu pai. Ficamos ali por um instante observando-os entrar abraçados, Gabriel carregando sua muleta de um lado e sendo apoiado por seu pai do outro. O mesmo andar, a mesma altura, a mesma maneira de se mover.

Assim que os portões se fecham Caroline chora, envolvida pelos braços protetores de Vinícius e é impossível não refletir sobre o poder de destruição que aquela droga é capaz. Ela destruiu a minha vida uma vez, me fez conhecer um mundo que eu jamais imaginei que existisse, destruiu a vida de Márcio de uma forma sem volta e, neste momento, ao presenciar a separação deste casal, eu vi mais uma vez o seu poder de destruir famílias, de causar medo, dor e insegurança. Sentimentos que atingem a todos que amam as pessoas que sofrem dessa triste doença chamada dependência química.

— Hoje é um dia feliz. — Carol enlaça minha cintura e Vinícius me dá um beijo, acariciando minha barriga. — Hoje é com certeza um dia muito feliz — ela diz ainda chorando e me abraçando.

— Sim, Carol, hoje é com certeza um dia feliz.

Capítulo 100



POLIANA

Estamos deitados na cama, com a mão de Vinícius em minha barriga, acariciando nosso bebê que cresce tranquilamente, minha cabeça em seu peito, seu coração batendo em meu ouvido, minha mão acariciando sua tatuagem, nossas pernas entrelaçadas. Joana ao pé da nossa cama. Coisas simples que todo casal vive, apenas o toque de nossas peles e mesmo assim é a coisa mais maravilhosa do mundo.

— Ele vai ficar bem — Vinícius afirma. — Dessa vez será diferente, foi ele quem decidiu, ele quase morreu por duas vezes, não quer mais passar por isso. Dessa vez ele vai conseguir.

Sinto que a morte de Márcio nos libertou de alguma forma, Gabriel está livre para se redimir e eu para poder finalmente me render ao direito de ser feliz.

— Vai sim — concordo. — Ele foi muito corajoso.

Como uma avalanche, os acontecimentos daquele dia surgem em minha mente, o corpo desacordado de Vinícius ao meu lado, Márcio estendido no chão, Gabriel com a arma na mão, a polícia entrando, a gritaria que se seguiu até que tudo se apagou...

— No que você está pensando? — ele pergunta beijando meus cabelos.

— Em tudo... ainda é difícil assimilar, difícil de acreditar.

Vinícius concorda sem falar, ele não gosta muito de falar sobre os dias em que fiquei nas mãos de Márcio.

— Você realmente separou dez milhões para dar para aquele babaca? — pergunto sem acreditar.

— Aham — ele diz acariciando minha barriga.

— É muito dinheiro, como você pôde?

— Eu seria capaz de conseguir tudo o que ele pedisse, e não seria nem um terço do tesouro que ele tinha nas mãos dele.

Me ergo para olhar em seus olhos.

— Seu maluco. — Beijo seu rosto, sua boca e ele segura meu rosto em suas mãos.

— Quanto você acha que vale a minha vida? — ele me pergunta com um sorriso suave nos lábios.

— Sua vida? Vale a minha — respondo com convicção.

— Então dez milhões não era nada, afinal de contas estamos falando de três vidas, não é mesmo?

Sinto um amor absurdo explodir em meu peito, Vinícius se abaixa beijando o local onde nosso filho cresce.

— Agora, se você nos der licença, acho que tá na hora do papai ter uma conversinha de adulto com a mamãe — ele sussurra para minha barriga e sorrio orgulhosa com a cena. Ele

beija minha barriga novamente, depois sobe beijando minhas costelas, meus seios, meu pescoço. Erguendo meus cabelos, e sussurrando palavras de amor em meu ouvido, ele me beija como na primeira vez, com intensidade, com amor, com devoção, me fazendo flutuar e sorrir. E neste momento, enquanto ouço o homem da minha vida dizer o quanto me ama, eu decido que este será o primeiro dia do resto do meu “para sempre” e que ele seja recheado de dias “felizes”.

Epílogo



POLIANA

O dia está lindo!

O sol ilumina cada canto do quarto aquecendo o ambiente, deixando-o acolhedor e receptivo. Eu sabia que seria um dia lindo e ensolarado, não poderia ser diferente. Hoje é o nosso dia.

Olho novamente para a grande janela que dá para o lindo jardim da nossa nova casa. Ainda não está tudo pronto, mas temos uma bela cama de casal tamanho gigante, nosso sofá e a poltrona de Vinícius.

Ele só fez uma exigência: sem cortinas.

Eu fiz uma única exigência: sem quadros.

Aprendi com Pollyanna, minha xará, a sardentinha que me ensinou a jogar o “jogo do contente”, e assim é nossa casa. Uma ampla e moderna propriedade com paredes beges, sem quadros e janelas enormes sem cortinas, um jardim cheio de flores e com um elaborado projeto de balanço e casa na árvore, presente de Gabriel que prometeu que será executado assim que voltar para casa.

— Como você está se sentindo? — Vinícius pergunta, ajoelhando-se ao meu lado.

— Como se um exército talibã tentasse sair de dentro de mim — brinco tentando desfazer uma das rugas em sua testa, mas ele não sorri.

— Já se passaram dezoito horas, amor, não acha que é demais? — Seus olhos estão cansados e ele tem olheiras fortes, tento não imaginar a minha aparência porque eu, com certeza, estou dez vezes pior.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Uma nova onda de dor chega como se tentasse me desmentir, ele me observa e tento manter a minha cara de paisagem, mas não consigo por muito tempo e aperto sua mão.

— Porra! — ele resmunga e mesmo achando que estou sendo rasgada ao meio começo a rir.

Alguém bate na porta e ele se levanta para abrir, é a mãe com mais água quente para a piscina que foi montada no meio do quarto.

— Agora você vai se sentir mais confortável. — Ela despeja o conteúdo, mexe na água e quando tem certeza de que está agradável me estende a mão.

Vinícius me ajuda a levantar e tenho a sensação de que minha barriga cresceu ainda mais na última hora.

Entro na piscina e Vinícius se senta atrás de mim derramando uma boa quantidade de água no quarto. Acomodo-me entre suas pernas, deito minha cabeça em seu peito e relaxo sentindo a pressão diminuir à medida que o calor da água me aquece. Concentro-me nas batidas do coração dele e me deixo levar por lembranças...



— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — Verônica pula como uma garotinha. Uma garotinha de quase um metro e oitenta de altura. — Você é a noiva mais linda do mundo!

Ela me vira para que eu possa olhar o resultado do seu trabalho e perco o ar quando me vejo. Meus cabelos parecem ainda mais vermelhos em contraste com o véu, minhas sardas se evidenciam em meus ombros, a delicadeza do tecido que envolve meu corpo me faz parecer algo sublime, celestial, e eu quase não me reconheço.

— Você está linda! — Carol diz ao meu lado.

— Arrasou, amiga, nunca vi grávida mais gostosa — Marina brinca e olho para minhas três madrinhas atrás de mim, todas de vestido vermelho como pedi.

Uma batida na porta chama nossa atenção e Carol vai atender, é Fábio dizendo que já precisamos ir, uma a uma elas saem me deixando sozinha.

A pequena e charmosa capela está linda, dentro dela estão todas as crianças do orfanato, as freiras, nossos amigos, os parentes de Vinícius, todos que amamos e que fazem parte da nossa vida. O motorista abre a porta e me ajuda a descer, ajeito o vestido enquanto observo a porta fechada e ouço a música que conduz a cerimônia.

— Minha menina. — Madre Otilia se aproxima segurando minhas mãos na sua. — Sempre tão linda. — Ela acaricia meu rosto. — Estou muito orgulhosa de você.

— Finalmente estou fazendo algo certo, não é, mãe?

Ela nega com a cabeça.

— Não, filha, você sempre buscou a coisa certa, acontece que, às vezes, a vida nos coloca em estradas tortuosas para que possamos aprender a maneira certa de caminhar.

— Obrigada por sempre estar ao meu lado, mãe.

Ela pousa a mão na minha barriga e sorri.

— Essa é nossa função, logo você descobrirá. — Ela me estende o braço, eu envolvo-o com o meu. A porta se abre e eu o vejo. Meu futuro marido, parado no altar, sorrindo para mim. Um sorriso lindo, com direito a covinhas.

Benjamin, meu pajem, se aproxima, me olha e sorri com uma cesta enorme de pipocas vermelhas em suas mãos. Ele a segura como se fosse algo precioso e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Vermelho. — Ele aponta para meus cabelos e me inclino, deixando um beijo em seu rosto.

— Só para você, amiguinho — sussurro em seu ouvido antes de me levantar. Olho para sua mãe que chora no canto oposto da capela, ela me agradece baixinho e eu lhe sopro um beijo. Sei o quanto esse momento é importante para ela, e por mais que ela não compreenda, esse momento é muito mais importante para mim. A capela inteira está enfeitada com balões metálicos, todos vermelhos em homenagem ao amor e a Benjamin: meu pequeno e amado amiguinho.

Ele caminha na minha frente, do jeitinho que ensaiamos, enchendo o corredor de pipocas vermelhas, e emocionando a todos. Sorrio orgulhosa dele e me surpreendo com a representação

desse gesto. Faço uma prece para que meu caminho seja repleto de momentos doces e felizes assim como agora.

Vinícius dá um passo à frente, se abaixa e beija Benjamin antes de se aproximar.

— Oi — ele diz ao me receber das mãos da madre. — Vocês estão lindos hoje. — Ele beija minha testa e acaricia minha barriga antes de me conduzir até o altar.

— Oi — digo e minha voz sai trêmula e chorosa.

Não ouço o que o padre diz, apenas respondo o que tenho que responder e aguardo até que Vinícius faça o mesmo. Ficamos de frente, um para o outro, ele segura minha mão esquerda iniciando nossos votos.

— Que eu tenha muitos dias ruins, para que à noite eu possa descansar em seus braços. — Ele começa a colocar a aliança em meu dedo. — Que eu adoeça para que você cuide de mim; que eu chore, para que você me acalente; que eu sinta fome, para que você me alimente; que eu tenha medo, para que você me encoraje. Por todos os dias da minha vida que você seja meu motivo bom para acordar. — Ele ergue minha mão até sua boca e beija a aliança. — Eu te amo.

Retiro a aliança da bandeja e seguro sua mão, estou tremendo, chorando e sorrindo.

— Que a cada anoitecer possamos descobrir juntos o que nos deixa contentes e que a cada amanhecer sejamos o suficiente um para o outro. Que você me conduza quando eu tiver medo e que eu te sustente quando você se sentir fraco. Minha dor seja a sua e minha alegria esteja em seu bem-estar. — Repito seu gesto e beijo sua aliança. — Eu te amo.

Ele se inclina, e me beija. E então está feito. Somos um.



Uma contração forte me traz de volta ao presente. Vinícius acaricia minhas costas, aliviando minha dor. Cravo minhas unhas em suas coxas e ele se inclina para frente, segurando-me em seus braços.

— Vamos lá, meu amor. — Ele me encoraja, a doula me estimula e a madre ora. Posso ouvir as vozes vindas lá de fora, sei que estão todos aqui só esperando a sua chegada. Estou exausta, mas sinto que ele está pronto para nos conhecer.

— Tá chegando — digo a ele, e Vinícius apoia a cabeça em meu ombro. Seguro suas mãos apertando-as com força à medida que a dor aumenta, ele me sustenta. Ele sempre me sustenta.

— Eu estou aqui, amor. — E na segurança dos seus braços, ouvindo suas palavras de amor, dou à luz ao nosso filho, no nosso lar, no nosso quarto, da maneira que sempre sonhei que fosse. Ele chora e eu o seguro em meus braços: forte, belo e saudável.

— Seja bem-vindo, Noah. — Beijo sua cabecinha loira e descubro que a madre tinha razão, eu sempre estarei aqui por ele. Para sempre.



A casa está em silêncio. Depois de um longo, emocionante e cansativo dia, todos se foram e somos somente nós três. Acordo e vejo que estou sozinha na cama, levanto-me devagar e saio em busca dos meus meninos, a luz da lua ilumina cada ambiente permitindo-me caminhar sem precisar acender a luz, e quando chego na sala eu os avisto.

Vinícius caminha de um lado para o outro, com o pequeno pacotinho em seus braços, a luz da lua ilumina o contorno do seu corpo grande e imponente deixando-o com um ar sobrenatural. Ele nota minha presença e para de andar.

— Oi — digo ao me aproximar.

— Ele começou a chorar e eu não quis te acordar — Vinícius justifica.

Observo o bebê dormindo em seus braços, um pouco torto, mas aparentemente confortável, acaricio seus cabelinhos loiros e me assusto com o tamanho do amor que sinto por ele.

— Muito bom saber que estão se dando tão bem, assim quando a mamãe começar a faculdade não vou precisar me preocupar. — Beijo a sola do seu pezinho.

— Desde que você volte para nós, sempre ficaremos bem. — Vinícius se inclina e me beija antes de me acomodar em seus braços ao lado de Noah.

O sol ainda não nasceu e não sei se será um dia bonito ou feio, se será cheio de cor ou será nublado, se haverá frio ou chuva, uma tempestade de proporções épicas ou se será tranquilo e aconchegante, não sei se acordarei com o canto dos pássaros ou se com o impacto do granizo em minha janela. Mas de uma coisa eu tenho certeza: o sol vai nascer. Se ele vai aparecer não é o mais importante porque, no final das contas, precisamos dos dias cinzas, pois são eles que tornam os ensolarados tão especiais.



De acordo com a Secretária de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, a cada sete minutos uma mulher é agredida no Brasil. Em 67% dos casos, a violência é cometida por homens com quem a mulher tem ou já teve algum vínculo afetivo.

No mundo inteiro atrocidades são feitas: mutilações, uso da força, exploração sexual, violência. Desde a infância essas mulheres sem voz se veem reféns, marcadas pela infelicidade de ter nascido mulher.

No Brasil não é diferente, a violência deixa marcas, histórias trágicas são contadas diariamente na televisão: rostos machucados, *acidentes* domésticos que acontecem uma e outra vez até que se torne banal ou que termine em uma tragédia.

A violência contra a mulher é uma prática mais comum do que se pensa, e por vivermos em uma sociedade machista, muitas delas se calam. O medo, a insegurança e a falta de apoio faz com que essas mulheres se sintam merecedoras das agressões verbais e físicas que as mutilam. Toda mulher que sofre violência é uma vítima, elas têm não só o seu corpo marcado, mas sua autoestima, seu amor-próprio, seu coração e sua alma. Uma mulher violentada nunca mais será a mesma. E é preciso muito amor, carinho, paciência e coragem para restaurar uma pessoa que foi quebrada por aquele em quem ela mais confiou.

O amor não machuca, não assusta, não inibe. O amor cura, sempre.

Essa é uma obra de ficção, mas desejo no fundo do meu coração que existam muitas Polianas e Vinícius que descubram uma forma de se restaurar e que eles se permitam se *render* ao amor sublime, aquele que cura e que apoia, aquele que nos faz sentir belas pelo que somos e pelo que carregamos dentro de nós, mesmo que a bagagem seja pesada e difícil.

Porque isso é o amor verdadeiro.

É suportar a dor, é cuidar e fazer o bem, e se sentir bem com a felicidade do outro.

CINTHIA FREIRE

MEU

S É R I E ~ S E G R E D O S

refúgio

Prólogo

ALAN

Silêncio...

Posso ouvi-lo. Ele está em todos os cantos agora. Em cada parte da casa que viu tudo acontecer, está fixado nas paredes e até mesmo nos móveis, mas principalmente está dentro de mim.

Inclino-me para trás sentindo a parede fria em minha cabeça, fecho os olhos e me concentro no silêncio. Não o silêncio do mundo exterior, mas o que se tornou o meu companheiro, aquele que obriguei a morar dentro de mim. O que esfriou meu coração. Depois de anos de luta e rebeldia consegui fazer com que ele parasse. Ele finalmente desistiu de lutar, finalmente desistiu de esperar, de acreditar, de amar. E então tudo ficou quieto, tranquilo. Tenho dúvidas se ele ainda bate aqui dentro, mas devo crer que sim já que continuo vivo.

Hoje faço algo que não me permito fazer há muitos anos. Me deixo voltar no tempo, hoje eu me permito lembrar, quem sabe talvez eu consiga até mesmo sentir algo. Saudades? Raiva? Ódio? Ou eu possa me lembrar do sentimento que silenciou o meu coração: o amor.

Pego o copo em cima da mesa e viro o líquido de uma vez sentindo o calor preencher o vazio silencioso do meu corpo, acendo o segundo cigarro da noite e trago deixando que a fumaça se junte ao álcool, permitindo que a adrenalina aja em mim como um desfibrilador e reanime meu órgão morto, porque nesse momento eu desejo ouvi-lo novamente, desejo sentir algo. Fecho os olhos mais uma vez e meu corpo se contrai quando exijo que meu cérebro faça algo que eu o proibi. Se lembre...

A primeira lembrança surge, envolta em uma névoa, como se estivesse escondida sob camadas de poeira no porão. Seu sorriso alegre, sincero e bonito, sempre foi ele a minha perdição, seus olhos grandes e expressivos sempre falaram muito mais do que as palavras.

Ela ergue o braço soltando seus cabelos do elaborado penteado que combina tão bem com ela, e então eles caem como um véu cobrindo seu corpo, e é como se ela estivesse se despindo para mim. Só para mim. Ela me olha sobre o ombro, cheia de todas as intenções, seu rosto pálido se enrubesce e ela sorri.

Abro os olhos, não consigo me mover. Encaro o teto ainda com o cigarro nos lábios, e então eu ouço...

Tão alto que sinto como se estivesse a ponto de explodir. Tão forte que chega a doer. Tão intenso que sinto-o pulsar em todo o meu corpo.

Ele ainda está aqui dentro.

Ele ainda bate.

E o pior... Ele ainda segue a mesma melodia: o som do seu riso.



Escrever um livro...

Quer loucura maior do que essa? Abrir seu coração, enfrentar seus medos, se expor.

E mesmo assim a cada livro escrito, quando chega esse momento em que preciso agradecer, lembro de cada uma das pessoas que estiveram comigo desde que comecei essa louca jornada, lá em 2013. Lembro de cada coisa que passei: das ruins, porque elas me fortaleceram; mas principalmente das boas, porque me fizeram continuar. E hoje, especialmente me lembro do dia em que decidi embarcar na aventura deliciosa chamada Amazon. Quantas coisas maravilhosas me aconteceram desde que *Meu Erro* estreou, e tenho certeza de que isso é apenas o começo de uma bela e longa jornada.

Portanto, hoje meus agradecimentos se iniciam por você leitor, que me deu a oportunidade de te mostrar minha história, que confiou em mim. Meu muito obrigada.

Aos meus parceiros que estão diariamente comigo através de blogs, canais e instagrans. Muito obrigada por cada foto e resenha magnífica que escrevem sobre meus livros.

Aos colegas de trabalho, em especial à Raiza Varella e Babi A. Sette que estão comigo nessa jornada, tornando meu caminho mais divertido e iluminado.

À minha linda e paciente equipe de betas. Obrigada por não terem desistido do meu doutor quando achei que ele não sairia, obrigada por cada uma das exaustivas leituras e também pelas lindas palavras de incentivo. Vocês, meninas, são minha alegria diária. Litha e Karla, o doutor sempre será de vocês, mesmo que agora ele esteja sendo entregue ao mundo, obrigada por amarem-no tanto.

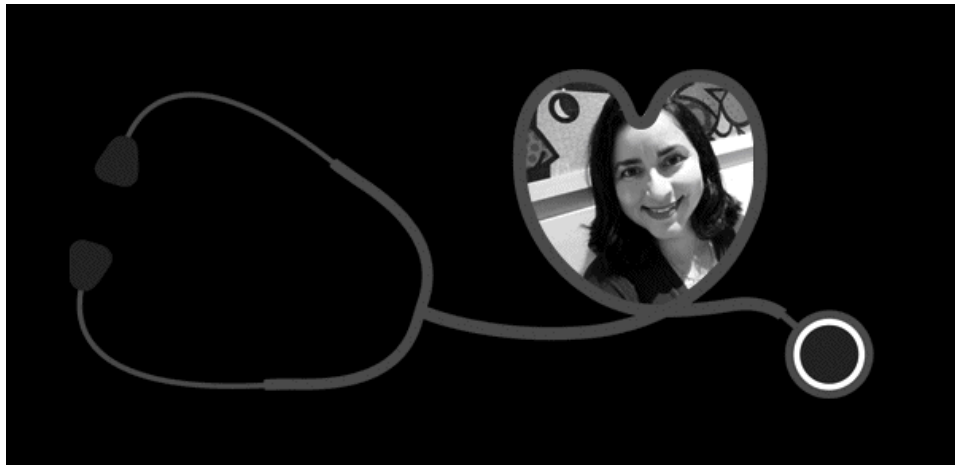
A Thais Alves, amiga, capista, beta e conselheira das madrugadas, obrigada por tudo.

A Carla Fernanda, que mais uma vez explorou tudo o que meu texto tinha e o tornou ainda mais bonito. Obrigada por acreditar no meu trabalho.

Ao meu amado marido, companheiro e conselheiro. Meu príncipe, obrigada por me amar e me dividir com esses meninos tão complicados. Eu não poderia ter um marido melhor.

Maythe e Sophia. Por vocês e para vocês, sempre. Amar não define o que sinto, eu respiro vocês.

E, por fim, e o mais importante, a Deus, minha bússola e meu amado amigo, o único que conhece a verdade do meu coração. Obrigada, Senhor, por ter me dado esse dom tão especial.



CINTHIA FREIRE

Paulista, apaixonada por romances, pipoca, chocolate e sorvete. Adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Vive em São Paulo com o marido, duas filhas e Jack, seu cachorro.

Autora de *Antes dos Vinte* e *Um Novo Amanhecer*. *Meu Erro* é o primeiro livro da *Série Segredos*.

Redes sociais da autora:

Facebook:

www.facebook.com/cinthiafreireautora

Fanpage da Série Segredos:

www.facebook.com/seriesegredos/

Instagram:

[@cinthia_freire_escritora](https://www.instagram.com/cinthia_freire_escritora)



MEU ERRO

Série Segredos – Livro 1

Adquira o seu exemplar físico autografado com mimos direto com a autora e o e-book na

Amazon:

[>> Compre com 1-Click! <<](#)

Segredos são como fantasmas, nos assombrando e nos fazendo crer que são reais. Todos temos segredos. Carol aprendeu a conviver com os seus, que estão adormecidos. Gabriel desistiu de lidar com eles e decidiu pelo caminho mais fácil, vivendo uma vida sem regras e limites.

Eles estão na mesma estrada, mesmo estando em sentidos opostos. Enquanto ela tenta fugir da escuridão, ele só quer se perder ainda mais.

Uma história emocionante sobre até onde somos capazes de ir para salvar aqueles que amamos e sobre acreditar que todos têm uma segunda chance, mesmo que para o resto do mundo isso pareça um erro.



MINHA

Um conto da Série Segredos – Spin-off

Adquira o e-book na Amazon:

[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Segredos são como fantasmas, nos assombrando e nos fazendo crer que são reais.

Todos têm os seus fantasmas.

Laura tem os seus e há um ano que eles não a deixam dormir. A solução é passar seu tempo lendo poesias, admirando suas rosas florescerem e as estrelas no céu. Nada pode ser mais seguro do que isso. Até que um jovem misterioso surge em sua vida, virando-a de ponta cabeça.

Em uma noite particularmente quente para o inverno, o destino uniu dois corações que não estavam prontos para o amor. Um não tinha mais tempo para isso, o outro era jovem demais para se apaixonar.

Uma história sobre o valor do tempo, o resultado de nossas escolhas e como o amor pode transformar vidas. Mesmo aquelas que já não acreditam mais em milagres.

¹ Ele se refere ao livro *O Homem que Calculava*.